



CENTAUR

LEV TOLSTOI

Ressurreição

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Lev Tolstoi

RESSURREIÇÃO

Título original: *Voskreseniye* (1899)

Tradução: Antão de Lencastre (1873-1962)

2013 © Centaur Editions

centaur.editions@gmail.com

Índice

PRIMEIRA PARTE

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

SEGUNDA PARTE

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

TERCEIRA PARTE

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

NOTAS

PRIMEIRA PARTE

Então, Pedro, avançando para Jesus, disse-lhe: Mestre, quantas vezes deverei perdoar ao irmão que me ofender? Até sete vezes?

E Jesus respondeu-lhe: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.

Mt 18, 21-22.

Capítulo 1

Apesar de algumas centenas de milhares de seres humanos, amontoados num pequeno espaço, se esforçarem por mutilar a terra sobre a qual viviam; apesar de esmagarem o solo com pedras, afim que nada nele pudesse germinar; apesar de até destruírem o mais pequeno sinal de vegetação, arrancando a erva e derrubando as árvores; apesar de expulsarem as aves e os animais; apesar de encherem a atmosfera com o fumo do petróleo e do carvão: a primavera, mesmo na cidade, era ainda e sempre a primavera.

O sol começava a brilhar ardentemente; a erva reanimada principiava a crescer não só donde não tinha sido arrancada mas ainda por entre o empedrado das ruas e nos canteiros dos jardins. Os videiros, álamos e cerejeiras desenrolavam as húmidas e fragrantas folhas; as tílias apresentavam já os inchados gomos, prontos a rebentarem; as gralhas, os pardais e os pombos trabalhavam alegremente para os seus ninhos; as abelhas e as moscas zumbiam sobre os muros, encantadas de encontrarem o bom calor do sol. Tudo estava alegre, as plantas e as aves, os insetos e as crianças. Só os homens continuavam a enganar-se e atormentar-se uns aos outros. Só os homens reputavam importante e sagrado, não essa divina beleza do universo, criada para alegria de todos os seres vivos, dispondo-os para a paz, para a união e para a ternura; mas que era importante e sagrado aquilo que eles próprios tinham inventado para mutuamente se enganarem e atormentarem.

Assim, na secretaria da prisão principal da cidade, o que era considerado importante e sagrado não era o facto de que homens e animais tivessem recebido o favor e a delícia da primavera; era que na véspera, os empregados da secretaria tinham recebido uma folha de papel selado e numerado prevenindo-os que naquela própria manhã de 28 de abril, às 9 horas, três detidos, um homem e duas mulheres, deveriam ser conduzidos, cada um separadamente, ao tribunal, a fim de serem julgados. De conformidade com este aviso, no dia 28 de abril, às 8 horas da manhã, na sombria e fétida galeria da divisão das mulheres, penetrou um velho carcereiro de uniforme bordado a ouro. Imediatamente avançou ao seu encontro, da outra extremidade da galeria, a encarregada da vigilância desta divisão, criatura de aspeto doentio, vestida com uma camisola pardacenta e saia escura.

— Vem buscar a Maslova? — perguntou.

E aproximou-se, acompanhada do carcereiro, de uma das numerosas portas que comunicavam com a galeria.

O carcereiro, fazendo tinir as chaves, introduziu uma das maiores na fechadura de uma das portas que, entreabrindo-se, deixou escapar um cheiro mil vezes pior que o da galeria, e chamou para dentro:

— Maslova! Ao tribunal!

E, cerrando a porta, conservou-se imóvel, esperando aquela por quem tinha chamado.

A pequena distância, no pátio da prisão, podia respirar-se um puro e vivificante ar que a brisa primaveril trazia dos campos, mas na galeria, este era pesado e doentio, infetado de umidade, putrefação e miasmas, atmosfera que ninguém podia respirar sem

ser invadido por sombria tristeza. E isto mesmo sentia-o a própria empregada da vigilância, que, vindo do pátio e por muito habituada que estivesse à atmosfera das galerias interiores, não podia deixar de experimentar um doloroso misto de náusea e sonolência.

Por detrás da porta, na sala das detidas, a agitação era grande; ouviam-se vozes, risos e pés nus andando.

— Vamos depressa — gritou de novo o carcereiro, entreabrindo a porta.

Momentos depois uma mulher ainda nova, baixa e roliça, saiu apressadamente da sala.

Lançado aos ombros e por sobre a blusa e saia branca, trazia um amplo capote de cor escura. Calçava meia branca de linho com os sapatos da prisão, e envolvia a cabeça num lenço também branco, que deixava ver alguns anéis de um cabelo negro, cuidadosamente frisado. Por todo o seu rosto de mulher, espalhava-se uma palidez de um género peculiar e que só se encontra no rosto de pessoas encerradas durante muito tempo num recinto fechado, que faz lembrar a cor própria dos rebentos das batatas em celeiro. Em contraste com esta palidez mate, sobressaía o brilho de dois grandes olhos negros, um dos quais era um pouco estrábico.

O conjunto trazia uma notável expressão de graça acariciadora.

Conservava-se muito direita expandindo o farto seio.

Ao chegar à galeria inclinou levemente a cabeça olhando em seguida o carcereiro interrogativamente, pronta a cumprir o que lhe fosse ordenado. O carcereiro, entretanto, fechava a porta quando esta novamente se entreabriu e o sombrio rosto de uma velha de cabelos brancos surgiu. Começou a falar com a Maslova em voz

baixa, mas o carcereiro empurrou-a para o interior da sala e fechou de vez a porta.

A Maslova aproximou-se então de uma abertura que existia na porta e do outro lado apareceu o rosto da velha, colado com as grades.

Ouviu-se então uma grosseira voz:

— Tem cuidado e não tenhas medo! Nega tudo e diz sempre o mesmo!

— Que importa! — respondeu a Maslova, abanando a cabeça. — Uma ou outra coisa é-me indiferente. Não me pode acontecer nada pior do que já aconteceu.

— Já se sabe que há de ser uma coisa e não duas — disse o carcereiro, muito contente do seu dito espirituoso. — Vamos, segue-me.

A cabeça da velha desapareceu da abertura e a Maslova começou a atravessar a galeria com ligeiro passo, seguida pelo carcereiro.

Depois de descerem a escadaria de pedra, passaram pelas fétidas e ruidosas salas da divisão dos homens, espiados à passagem por olhos curiosos colocados nas aberturas das portas e chegaram, enfim, à secretaria. Já ali se encontravam dois soldados, com a espingarda ao lado, prontos a conduzir a detida ao tribunal.

O empregado acabou de escrever qualquer coisa e entregou a um dos soldados uma folha de papel que cheirava fortemente a tabaco. Este guardou-a cuidadosamente na dobra da manga do capote e, depois de ter piscado maliciosamente os olhos ao seu camarada, indicando-lhe a Maslova, colocou-se-lhe à direita enquanto o outro soldado se colocava à esquerda. E nesta ordem

saíram da secretaria, atravessaram o pátio interior, passaram o gradeamento e acharam-se numa das ruas da cidade.

Os cocheiros, lojistas, cozinheiras e empregados detinham-se à passagem do cortejo olhando a prisioneira com curiosidade. Muitos pensavam, acenando com a cabeça: «Aí está ao que leva uma má conduta, ao contrário de nós outros que vamos tão bem!» As crianças paravam, mostrando uma curiosidade mista de terror, desvanecido ao verem a criminosa agora guardada por soldados, que a impediam de futuro fazer mais mal. Um mujique que acabava de vender o seu carvão aproximou-se, persignou-se, e deu um kopeck à Maslova; esta corou e murmurou qualquer coisa: agradava-lhe atrair a atenção geral, esforçando-se ao mesmo tempo por caminhar tão depressa quanto lho permitiam os pés desabitutados de andar e calçados nos grosseiros sapatos da prisão.

A transição da atmosfera viciada para o ar fresco alegrava-a, e, ao passar por diante de um armazém de cereais em frente ao qual saltitavam alguns pombos, tocou, ao de leve, com o pé na cauda de um deles.

A ave ergueu voo roçando com as asas pelo rosto da Maslova, que sentiu na face o vento produzido pelo adejar. Sorriu; mas em seguida suspirou profundamente, como se houvesse relembrado a sua atual situação.

Capítulo 2

A história de Maslova era das mais comuns.

Era filha natural de uma camponesa, cuja mãe, tratava de gado numa quinta que pertencia a duas velhas senhoras solteiras. A camponesa todos os anos tinha uma criança, que, logo depois de batizada, era abandonada e deixada até morrer de fome, visto vir a este mundo sem ser desejada. A sexta não teve a mesma sorte dos cinco irmãos antecedentes, não porque o pai, um boémio vagabundo, se interessasse mais por ela do que o haviam feito pelos seus respetivos filhos os pais dos anteriores, mas sim porque o acaso fez com que uma das duas velhas senhoras proprietárias da quinta, entrasse subitamente no estábulo das vacas com o fim de ralhar às criadas sobre o mau cheiro que ultimamente o leite exalava, e encontrasse a mulher ainda prostrada, com a criança ao lado, cheia de vida e saúde.

Comovida ao ver a recém-nascida, mas não deixando de ralhar às criadas, quer por permitirem que para ali entrasse aquela mulher, quer pelo fim que ali a havia levado, a velha senhora ofereceu-se para madrinha e ordenou que cuidassem da mãe e da filha dando-lhes alimento e algum dinheiro; assim foi poupada à morte aquela a quem as velhas senhoras ficaram chamando *a enjeitada*.

A criança ia no terceiro ano quando a mãe adoeceu e morreu. E, como a vaqueira sua avó, não sabia que destino lhe dar, as duas senhoras resolveram tomar conta dela.

Dotada de uns grandes olhos negros, muito esperta e gentil, entretinha extraordinariamente as duas senhoras: a mais nova e também a mais indulgente, que se chamava Sofia Ivanovna e era a madrinha, e a mais velha e também a mais severa, chamada Maria Ivanovna. Sofia vestia-a, ensinava-lhe a ler e queria fazer dela uma governanta. Maria, ao contrário, dizia que seria mais proveitoso fazer dela uma criada, mostrando-se-lhe muito exigente, dando-lhe ordens, chegando às punições corporais, em momentos de má disposição.

Sob esta dupla influência, a pequenita, crescendo, tornou-se meia criada, meia senhora. O próprio nome que lhe deram correspondia a este estado intermediário; chamavam-lhe Katucha, que não é tão requintado como Katinka, nem tão comum como Katia. Cosia, arrumava os quartos, limpava os metais dos santuários, tratava das barreias pequenas e doutros ligeiros trabalhos, fazendo companhia e leitura às duas senhoras.

Por várias vezes foi pedida em casamento, mas havia sempre recusado, pressentindo que a vida a que estava habituada lhe seria impossível como mulher de um operário ou de um criado.

E desta maneira viveu até aos dezoito anos. Ia nos seus dezanove anos quando chegou à propriedade o sobrinho das duas senhoras, um estudante universitário, que uns anos antes passara um verão inteiro na companhia de suas tias, e por quem Katucha, sem saber como, se tinha loucamente apaixonado; o estudante era agora um brilhante oficial que partia para a guerra contra os turcos. Ao terceiro dia na véspera de partir, seduziu-a, deixando-lhe como recompensa uma nota de 100 rublos. Alguns meses depois, ela reconheceu, sem engano possível, que estava grávida.

Desde então tudo lhe pareceu repugnante e não pensou senão na maneira de escapar à vergonha que a esperava; servia as amas com um modo contrariado e desleixava-se no serviço.

As duas senhoras depressa o notaram. Maria Ivanovna, ralhou-lhe uma ou duas vezes, mas afinal viram-se obrigadas a «separar-se dela» como diziam entre si, o que significava que a despediram.

Então entrou como criada em casa de um comissário de polícia onde apenas estacionou três meses, porque o homem, apesar dos seus cinquenta anos, começou a apoquentá-la com demonstrações de amor. Um dia em que a incomodou excessivamente, ela insultou-o chamando-lhe bruto e velho diabo, castigando-o pelo atrevimento com um murro no peito que o tombou. Isto motivou ser expulsa. Aproximando-se o termo da gravidez arranjou com que uma sua tia, uma taberneira que ao mesmo tempo desempenhava as funções de parteira, lhe cedesse um quarto, onde sem muito sofrimento teve lugar o bom sucesso. Acometida por uma febre puerperal em seguida ao parto, teve que separar-se do filho, débil de nascença, para o fazer entrar na Casa Hospício, onde morreu nos braços da mulher que o conduzia.

Ao entrar para a casa de sua tia, Katucha possuía cento e vinte e sete rublos: vinte e sete dos salários enquanto servira as duas velhas senhoras, e cem que lhe tinham sido dados pelo seu sedutor.

Quando saiu apenas trazia seis rublos.

A sua tia e parteira havia dado quarenta por aluguer do quarto durante dois meses e alimentos; vinte e cinco pagara-os para a entrada da criança na Casa do Hospício, outros quarenta emprestara-os ainda à tia para esta comprar uma vaca, e com os vinte restantes comprara roupas, presentes e ninharias de maneira

que, ao fim da convalescença, achou-se sem dinheiro, e, por isso, obrigada a procurar uma colocação.

Esta apareceu-lhe em casa de um guarda-florestal, homem casado mas que, como o comissário, desde o primeiro dia principiou a cortejá-la. Katucha, que desejava conservar o lugar, tentou escapar-lhe às perseguições; mas ele, astucioso, experiente e além disso amo, podendo mandá-la como e onde muito bem quisesse, preparou a ocasião e lançou-se a ela.

Surpreendidos um dia pela mulher do guarda, foi depois de batida, novamente expulsa, desta vez sem ao menos lhe pagarem a soldada.

Katucha foi então viver com uma prima, cujo marido, encadernador de profissão, outrora, bem afreguesado, tinha dado em alcoólico, gastando na taberna todo o dinheiro que lhe caía nas algibeiras. A mulher sustentava os filhos e o marido com os tristes lucros que auferia do ofício de engomadeira; propôs a Katucha ensinar-lho. Mas esta, vendo a penosa existência das operárias que trabalhavam com sua prima, hesitou, preferindo dirigir-se a uma agência para lhe arranjam uma colocação como criada. E de novo entrou para casa de uma senhora viúva, que vivia acompanhada apenas de dois filhos, o mais velho dos quais ao fim de uma semana abandonava os estudos para perseguir a linda criadinha. A mãe, atribuindo toda a culpa a esta, despediu-a.

Nenhum novo lugar aparecia: um dia, tendo ido à agência, Katucha encontrou-se com uma dama cheia de pulseiras no nu e branco pulso e anéis na maioria dos dedos. Sabendo que Katucha estava desempregada indicou-lhe a sua morada, convidando-a a ir visitá-la. E a Maslova foi. A dama acolheu-a da maneira mais amável,

mimoseou-a com pastéis e vinho doce, demorando-a até à noite. Apareceu então um homem de alta estatura, cabelo e barba grisalhos que se lhe sentou ao lado examinando-a e gracejando, tudo acompanhado de um sorriso nos lábios e estranho fulgor nos olhos. A dama chamou-o a um quarto próximo e Katucha pôde ouvir distintamente estas palavras: «Fresquinha e chegada agora da aldeia».

Momentos passados a respeitável dama dizia-lhe que aquele cavalheiro era um escritor muito rico que lhe daria o que ela quisesse se ela lhe soubesse agradar. E efetivamente ela soube agradar-lhe porquanto este presenteou-a com vinte e cinco rublos, prometendo além disso vir vê-la frequentemente.

Os vinte e cinco rublos depressa se gastaram: algumas fitas, um chapéu, o alojamento pago à engomadeira e outras bagatelas.

Passados alguns dias o escritor mandou-a procurar, deu-lhe de novo vinte e cinco rublos e ofereceu-lhe montar casa.

Travou então conhecimento, por ser seu vizinho, com um alegre e jovem caixeiro de quem cedo se apaixonou; confessando-o sem reboço ao escritor, este imediatamente abandonou-a.

O caixeiro, que prometera casar com ela, não tardou também a passar-lhe o pé e a Maslova, a quem não desagradava continuar vivendo só, numa casa mobilada, soube que isto lhe era proibido, salvo se quisesse tirar livro e sujeitar-se à inspeção médica.

Então voltou novamente a casa de sua prima. Esta, vendo-a vestida à moda, de chapéu e peles, recebeu-a respeitosamente e não se atreveu a repetir-lhe o oferecimento que já lhe havia feito.

Na sua forma de ver as coisas, julgava-a entrada numa classe superior da sociedade.

Também a Maslova nunca se resignaria a ser engomadeira.

Quando muito permaneceria ali transitoriamente; examinava com um sentimento misto de piedade e desprezo a vida de forçados a que se sujeitavam as operárias, extenuando-se a lavar e a brunir a um calor de trinta graus e com correntes de ar, quer de inverno quer de verão, e dizia a si própria que nunca se sujeitaria a semelhante vida.

Foi nesta época, quando se achava numa extrema penúria, não aparecendo, além disso, nenhum *protetor*, que foi arrebanhada por unia alcoviteira para fazer parte de uma casa de toleradas.

Maslova habituara-se, havia algum tempo, a fumar, e, após a sua ligação com o caixeiro entregava-se cada vez com mais vício, à bebida. O vinho seduzia-a não só porque lhe era agradável ao paladar mas também porque a distraia e abafava a voz da consciência: no estado normal aborrecia-se e envergonhava-se. A alcoviteira teve o cuidado de, convidando-a a jantar, embriagá-la; fez-lhe então a proposta mostrando-lhe ser aquela a melhor casa da cidade, cheia de comodidades e confortos, e protegida por um sem número de privilégios. A Maslova tinha a escolher entre a probabilidade de arranjar um humilhante lugar de criada, sofrendo as perseguições dos homens e entregando-se a uma prostituição secreta e precária, ou uma posição segura e tranquila, uma prostituição declarada, protegida pela lei e bem retribuída. Escolheu naturalmente o segundo partido. Parecia-lhe que deste modo se vingaria de quem a seduzira, do caixeiro e de todos os homens de quem tinha razões de queixa.

Mas o que sobretudo a tentou e foi a causa principal da sua resolução foi a alcoviteira ter-lhe asseverado que poderia encontrar a

bel-prazer quantos vestidos quisesse, de veludo, seda, cetim, vestidos de baile, decotados ou de cauda roçagante.

Imaginou-se vestida de seda clara, decotada, com guarnições de veludo preto, e esta pintura mental decidiu-a a assinar o contrato: tomaram um carro e ficou fazendo parte da conhecida casa dirigida por Carolina Albertovna Rosanov.

A partir desse dia, principiou para Katucha Maslova uma vida de contínua violação das leis divinas e humanas, vida que, seguida hoje por centenas de milhares de mulheres não só com autorização de um poder legal, cuidadoso do bem-estar dos seus subordinados, mas também sob a sua proteção efetiva, conduz noventa por cento a uma degradante e monstruosa decrepitude, a horrorosos sofrimentos e a uma morte prematura.

Durante a manhã e na maior parte do dia um pesado sono seguia as fadigas da noite.

Entre as três e quatro horas erguiam-se dos leitos de roupas sujas; começavam os gargarejos com água de Seltz, os cafés e os passeios pelos quartos em camisa ou penteador com olhares para a rua por entre as persianas corridas e as indolentes questiúnculas entre si; depois, o banhar-se e perfumar-se, o fazer a cintura delicada arrojando bem o espartilho, escolher o vestido do dia com mais disputas com a patroa sobre este assunto, estudar posições diante do espelho, pintar o rosto e as sobrancelhas; nos intervalos *bonbons* e gulodices; ao anoitecer vestia-se o vestido de seda clara deixando adivinhar as formas do corpo; depois tinha lugar a passagem para a sala das visitas, brilhantemente iluminada, e começava a receção dos clientes com música, dança, pastéis, vinho e tabaco. A seguir, relações sexuais com novos e velhos, celibatários

e casados, negociantes, empregados, arménios, judeus, tártaros, ricos, pobres, saudáveis, doentes, bêbados, esfomeados, homens de sociedade, militares, funcionários, estudantes, colegiais, gente de todas as condições, de todas as idades, de todos os caracteres.

E gritos e zombarias e risos e música, e tabaco e vinho, e vinho e tabaco, e música desde a tarde até à madrugada. E pela manhã, somente, a liberdade e um pesado sono, e da mesma maneira todos os dias, do princípio ao fim da semana.

Então ao fim desta, realizava-se a visita ao posto da polícia: doutores — homens ao serviço do governo — algumas vezes gravemente, outras vezes levemente, procediam a um exame, destruindo completamente a modéstia e o pudor dados pela natureza como defesa, não só aos seres humanos mas também aos animais e passavam-lhes uma autorização escrita para continuarem na mesma vida de pecado da semana anterior. E de novo recomeçava a mesma vida de verão e inverno, dias santificados e de trabalho.

Katucha Maslova viveu esta vida durante seis anos. Por duas vezes mudou de casa, e uma vez baixou ao hospital. No sétimo ano — tinha então vinte e seis — teve lugar o acontecimento que motivou a sua detenção e que fez com que agora tivesse de ser julgada depois de seis meses de prisão em companhia de assassinos e ladrões.

Capítulo 3

I

À hora em que a Maslova, sentada num banco de um quarto do tribunal, se ocupava em descalçar-se por causa do sofrimento experimentado nos pés durante o trajeto através da cidade, o príncipe Dimitri Ivanovitch Nekludov, que a seduzira, acordava no grande leito de molas coberto por um fino edredão de penas e aconchegava ao peito a camisa de noite de fino linho holandês cheia de pregas que se lhe desabotoara. Encostado descuidosamente ao travesseiro, fumava um cigarro e pensava no que faria naquele dia. Lembrou-se da noite anterior, que passara em casa dos Korchaguine, casai riquíssimo, gozando alta consideração, cuja filha, na opinião de todos, devia ser sua esposa, mas esta recordação fê-lo suspirar; lançou fora a ponta do cigarro e estendeu a mão para uma caixa de prata a fim de tirar outro, mas, considerando, ergueu corajosamente o pesado corpo, e tirando de sob a roupa os pés brancos semeados de pelos, calçou os pantufos. Em seguida vestiu o roupão de seda, e, com passo pesado mas rápido, dirigiu-se para o quarto de *toilette*, junto ao de dormir.

Aí, começou por limpar cuidadosamente com pó especial, os dentes chumbados em vários sítios: bochechou em seguida com um elixir aromático e aproximando-se do lavatório de mármore lavou as

mãos com sabão perfumado, empregando cuidado particular em limpar e escovar as unhas, que usava muito compridas.

Depois disto abriu por completo a torneira do lavatório e lavou o rosto, as orelhas e o pescoço.

Num terceiro quarto aguardava-o um banho de chuva. Tendo refrescado o gordo, branco e musculoso corpo, enxugou-o com uma toalha turca, mudou de camisa, calçou botas de verniz resplandecente e sentou-se em frente do espelho para, com o auxílio de um par de escovas, pentear primeiramente a barba negra e em seguida os cabelos, já um tanto raros na frente.

Tudo o que usava e empregava na confecção da *toilette*, roupas brancas e de cor, calçado, gravatas, alfinetes, botões de punho e de camisa, tudo era de primeira qualidade, dando pouco na vista, muito simples, muito sólido e muito caro.

Nekludov vestiu-se vagarosamente e caminhou em seguida para a sala de jantar, cujo soalho tinha sido encerado no dia anterior por três homens, tal era o seu tamanho. Uma imponente mesa elástica de carvalho com pés esculpidos imitando patas de leão, e um aparador também de carvalho, eram as principais peças do mobiliário desta sala. A mesa estava posta, com uma toalha engomada de finíssimo linho e com grandes nós nos ângulos; sobre ela encontrava-se uma cafeteira de prata cheia de odorífero café, um açucareiro igualmente de prata, uma manteigueira e uma cesta contendo pão fresco, torradas e biscoitos. Ao lado do talher estava o correio da manhã, cartas, jornais e um fascículo da *Revue des Deux Mondes*.

Nekludov preparava-se para abrir as cartas, quando entrou na sala, pela porta que comunicava com a antecâmara, uma mulher

nutrida, de certa idade, e vestida de preto com uma touca de rendas nos cabelos. Era Agripina Petrovna, criada do quarto da falecida princesa, mãe de Nekludov, morta recentemente nesta casa. Desde então, ficara com o filho na qualidade de governanta.

Agripina Petrovna viajara por diversas vezes no estrangeiro acompanhando sua ama; daí, o porte e os modos senhoris que tinha.

Além disso, habitava a casa de Nekludov desde criança, e tinha conhecido Dimitri Ivanovitch quando ele era simplesmente «Mitenka».

— Bons dias, Dimitri Ivanovitch!

— Bons dias, Agripina Petrovna! Que há de novo? — perguntou Nekludov.

— Uma carta que a criada dos Korchaguine trouxe já há bastante tempo e que creio tem resposta, porque ficou esperando — disse Agripina Petrovna, sorrindo significativamente.

— Está bem, deixe-a ver — disse Nekludov pegando na carta. Mas o sorriso de Agripina Petrovna fê-lo entristecer, porque sabendo qual era a sua significação (que também ela esperava vê-lo desposar a jovem Korchaguine), desagradava-lhe que toda a gente supusesse tal coisa. — Diga à criada que espere um pouco mais!

E Agripina saiu da sala, não sem ter posto no lugar competente uma escova de mesa que haviam desarrumado.

Nekludov abriu o perfumado envelope, desdobrou a carta escrita em papel inglês com uma caligrafia também inglesa, mas de linhas desiguais e leu:

Tendo-me obrigado a servir-lhe de memória, lembro-lhe que hoje, 28 de abril, deve fazer parte do júri criminal e que, por consequência, lhe será impossível acompanhar-nos e a Kolossov, a exposição de pintura, como com a sua leviandade habitual nos havia prometido *à moins que vous ne soyez disposé à payer à la cour d'assise les 300 roubles d'amende que vous vous refusez pour votre cheval.* Depois de ontem se retirar é que me lembrei do que prometera. Recordo-lho para que não se esqueça.

Princesa M. Korchaguine.

Do outro lado havia um *post scriptum*:

Maman vous fait dire que votre couvert vous attendra jusqu'à la nuit. Venez absolument, à quelque heure que ce soit.

M. K.

Nekludov franziu as sobrancelhas. Esta carta era a continuação da campanha empreendida havia dois meses à volta dele, peia princesa Korchaguine, a fim de o encerrar em laços cada vez mais difíceis de destruir. Além da hesitação que, diante do casamento, experimentam sempre todos os homens que passaram já a mocidade e que se habituaram ao celibato, e estando mediocrementemente apaixonado, havia ainda um outro motivo que o impedia de se declarar nessa ocasião, mesmo que estivesse decidido a casar. Não era, porém, o facto de ter seduzido e depois abandonado, havia oito anos, Katucha; não! Isso estava, havia muito, esquecido e nunca seria considerado como impedimento para o casamento.

O motivo era que Nekludov mantinha relações com uma senhora casada, relações que ultimamente decidira despedaçar, o que ainda não conseguira, por encontrar oposição declarada por parte da sua amante.

Nekludov era excessivamente tímido com mulheres, e esta timidez é que tinha sugerido a Maria Vassilievna, mulher de um *maréchal de la noblesse*, o desejo de o dominar. E, com efeito, arrastara-o a uma ligação que de cada vez era mais absorvente e mais penosa. Sucumbindo à tentação, Nekludov não pôde deixar de sentir-se culpado e não se atrevia a quebrar os laços que o uniam à amante, sem o seu consentimento.

Longe de consentir, ela dizia-lhe que, se depois de lhe haver sacrificado toda a vida ele quisesse pagar-lhe com o abandono, lhe restaria apenas o suicídio.

Precisamente, havia no correio dessa manhã uma carta do marido da sua amante que o príncipe à primeira vista reconheceu por causa do sinete e da caligrafia. Corou e sobressaltou-se como que à aproximação de um perigo. Mas, logo que a abriu tranquilizou-se, pois unicamente lhe anunciava que devia realizar-se no fim do mês de maio uma sessão extraordinária do conselho a que ele, marechal, presidia, e lhe pedia que viesse tomar o lugar que lhe competia, visto as suas propriedades estarem dentro daquele distrito, ajudando a dar *un coup-d'épaule* às duas graves questões que se discutiriam: a das escolas e a das estradas, fazendo assim viva oposição ao partido reacionário.

O marechal era efetivamente liberal, e andava tão dominado pela luta em que se empenhava contra os reacionários que nem tempo tinha para notar que a mulher o enganava.

Nekludov lembrou os dolorosos momentos por que já tinha passado; uma vez, imaginando que o marido tinha descoberto tudo, preparara-se para um duelo, no qual dispararia a arma para o ar, e de outra vez, após uma cena violenta que havia tido com a amante, esta, desesperada, correria através do jardim em direção a um tanque a fim de se afogar.

— Sim, pensava Nekludov, não só não posso lá ir, como nada posso fazer até que receba a sua resposta.

Havia oito dias que lhe escrevera declarando-lhe terminantemente que, reconhecendo-se culpado e prontificando-se a reparar a sua falta de qualquer maneira, as relações que mantinham, para o bem de ambos, deveriam findar.

Era a resposta a esta carta a que ele aguardava e que não acabava de chegar.

Isto podia ser, porém, um bom sinal, porquanto, se o não fosse, há muito que ela teria escrito ou teria mesmo vindo, como o já tinha feito. Há tempos, Nekludov ouvira falar de um oficial que a cortejava muito e, posto que atormentado com ciúmes, embalava-se com a esperança de se desembaraçar de uma mentira que o oprimia.

Uma outra carta que o correio trouxera era do principal administrador das suas propriedades, dizendo-lhe que se tornava cada vez mais necessária a sua presença, ainda que temporariamente, não só para receber a confirmação dos direitos de sucessão, mas também para resolver a questão da forma como as propriedades seriam de futuro governadas.

Tratava-se de saber se se revalidariam os contratos feitos com os aldeões durante a vida da princesa, mãe de Nekludov, ou se,

como já o havia aconselhado o administrador, quer a Nekludov, quer a sua falecida mãe, não seria preferível fazer as terras de conta própria, o que afirmava, seria muitíssimo mais lucrativo. A seguir, desculpava-se de não haver enviado os 3000 rublos de renda que lhe eram devidos: seriam remetidos no correio seguinte; e o atraso provinha de que os aldeões demoravam os pagamentos até serem obrigados a fazê-los por meio da força.

Esta carta agradou-lhe e desagradou-lhe. Agradou-lhe porque se sentiu possuidor de uma fortuna maior do que aquela que até então tivera, mas desagradou-lhe porque se lembrou, da sua mocidade e do período em que com a generosidade e resolução próprias daquela idade se entusiasmara pelas doutrinas sociais de Spencer e Henry George, proclamando, escrevendo e pensando que a terra não podia ser um objeto de propriedade individual, chegando até a dar aos aldeões uma pequena propriedade que herdara de seu pai, para conformar a teoria com a prática.

Tinha agora, depois que a morte de sua mãe fizera dele um grande proprietário, a escolher entre dois caminhos: ou renunciar a todos os domínios, como fizera dez anos antes, quando herdara de seu pai, ou tomando posse deles, reconhecer como falsos e mentirosos os princípios e as convicções que outrora sustentara.

O primeiro era, porém, impossível de realizar, porque, constituindo as propriedades toda a sua fortuna, não tinha coragem para entrar novamente para o serviço militar, recurso de que havia de lançar mão se não fora rico.

Além disso estava habituado a uma vida de luxo e ociosidade e sentia que se sacrificaria inutilmente, porque a força das suas anteriores convicções abandonara-o.

Quanto a negar os princípios desinteressados e generosos que tanto se orgulhava em defender e que bebera na leitura do economista americano e na do sociólogo inglês, era um caminho que extremamente lhe desagradava ter de seguir.

II

Tendo acabado de almoçar, Nekludov encaminhou-se para o gabinete do trabalho. Queria ver na citação oficial qual a hora a que deveria comparecer no tribunal e queria responder à princesa Korchaguine. De passagem atravessou o atelier de pintura, onde, sobre um cavalete, estava principiado um quadro, e lançando-lhe, assim como aos que adornavam as paredes, um rápido olhar, sentiu a impotência há muito manifestada, de progredir naquela arte e a consciência do seu pouco ou nenhum talento. Atribuía isto à excessiva delicadeza do seu temperamento artístico; mas não podia deixar de recordar que cinco anos antes abandonara o exército, porque se julgara dotado de um verdadeiro talento para a pintura, e desdenhara de todos os outros ramos de atividade. Numa triste disposição de espírito entrou no gabinete mobilado com todo o conforto, e, aproximando-se da secretária, procurou numa das numerosas gavetas, todas etiquetadas, a citação do tribunal. Esta marcava as onze horas para princípio dos trabalhos.

Nekludov fechou a gaveta, sentou-se e principiou uma carta em que dizia à princesa que, agradecendo o seu convite, esperava

poder comparecer à hora habitual do jantar. Mas, relendo-a, achou-a excessivamente íntima; rasgou-a. Escreveu uma segunda que saiu muito seca, quase indelicada; rasgou-a igualmente.

Premiu o botão da campainha elétrica, e um criado, homem de idade avançada, aspeto grave, rosto barbeado, avental escuro atado à cintura, entrou no gabinete.

— Manda-me buscar um carro.

— Imediatamente.

— E diz a essa criada que está à espera, que agradeço muito o convite e procurarei não faltar.

«Não é muito delicado, mas não consigo escrever! De qualquer maneira, vê-la-ei hoje», pensou Nekludov.

E, acabando de vestir o sobretudo, saiu.

À porta esperava-o a carruagem que ordinariamente o servia, muito elegante e com caoutchoucs pneumáticos nas rodas.

— Ontem à tarde V. Ex.^a mal tinha tempo de andar meia versta, quando cheguei a casa do príncipe Korchaguine — disse o cocheiro meio voltado na almofada. O criado disse-me: «Saiu agora mesmo».

«Até os cocheiros já sabem das minhas relações com os Korchaguines!», pensou Nekludov, e novamente formulou-se-lhe no espírito a pergunta se deveria ou não desposar a jovem princesa, pergunta à qual não se atrevia a responder nem de uma nem de outra maneira.

Começou então a repassar os argumentos pró e contra o casamento em geral. Este, julgava, assegurar-lhe-ia além do repouso do lar doméstico, a possibilidade de uma vida honesta e moral; sobretudo Nekludov esperava que uma família e crianças dariam

razão de ser à sua vida, agora destituída de atividade racional. Contra o casamento sentia, porém, aquela espécie de temor, de que já falámos, próprio aos celibatários de certa idade na perspectiva de perderem a liberdade e o receio instintivo diante desta misteriosa criatura: a mulher. O primeiro argumento favorável ao casamento com Missy (Missy era como na intimidade se chamava a jovem princesa, cujo verdadeiro nome era Maria) provinha de ela fazer parte de uma família nobre e diferir em tudo, desde as *toilettes* até à maneira de falar, de andar e de rir, das mulheres vulgares, não por qualquer excecionalidade, mas somente pela sua «distinção». Era esta a única palavra que traduzia bem essa qualidade que ela tão altamente apreciava. O segundo argumento ia Nekludov buscá-lo ao facto da princesa distingui-lo e compreendê-lo melhor do que ninguém; e nisto via uma prova cabal da inteligência e da segurança do seu raciocínio.

Mas havia argumentos muito sérios contra o casamento com Missy: o primeiro era que, segundo todas as probabilidades, Nekludov poderia encontrar uma rapariga ainda mais «distinta» do que Missy; em segundo lugar esta tinha já vinte e sete anos e provavelmente amara já outros homens, ideia que o atormentava.

Orgulhoso como era não admitia que, mesmo no passado, a princesa tivesse amado outro que não ele. Por certo não podia exigir dela que antecipadamente tivesse conhecimento da sua existência, mas a ideia de que ela amara outro homem afigurava-se-lhe humilhante.

Resumindo, os argumentos pró e contra equilibravam-se, e Nekludov não pôde deixar de rir, comparando-se ao burro da fábula, que não sabia para qual feixe de feno se deveria dirigir.

«Enquanto não receber resposta de Maria Vassillievna, é impossível comprometer-me», pensou. E o sentimento da necessidade de adiar esta resolução, causou-lhe prazer. «Mais tarde pensaremos nisto», dizia a si próprio, enquanto a carruagem rodava no pátio interior do Tribunal. «Por agora trata-se de cumprir um dever social com o cuidado que emprego em todas as minhas ações. E muitas vezes estas sessões são interessantes.»

E, passando pelo guarda do portão, entrou no palácio da Justiça.

Capítulo 4

I

Quando Nekludov entrou no Tribunal, encontrou-o já transbordando de ativa animação.

Os guardas corriam pressurosos levando papéis, ou passeando lentamente com as mãos cruzadas nas costas; os oficiais de diligências, procuradores e advogados andavam de um lado para o outro; os litigantes e os detidos em liberdade condicional, encostavam-se às paredes, humildemente, ou sentavam-se nos bancos esperando.

— Onde é a sala das audiências? — perguntou Nekludov a um dos guardas.

— Qual, a do crime ou a do cível?

— Eu sou jurado.

— Então devia perguntar pela do crime. Volte à direita, depois à esquerda: é na segunda porta.

Nekludov seguiu esta direção.

Diante da porta que o guarda lhe indicara estavam dois homens conversando. Um era um gordo negociante que, com a evidente intenção de se desempenhar o melhor possível das suas obrigações, bebera e comera abundantemente, a avaliar pela alegre disposição de espírito em que se encontrava; o outro era um caixeiro de origem judaica. Falavam a respeito da cotação do algodão

quando Nekludov, aproximando-se, lhes perguntou se era efetivamente ali que se reuniam os jurados.

— Sim senhor, precisamente aqui. Faz parte do júri? É dos nossos? — perguntou o negociante piscando alegremente os olhos.

— Então seremos companheiros do trabalho! — ajuntou depois que Nekludov respondeu afirmativamente. — Baldackov, negociante de segunda classe — disse, ao tempo que estendia a sua larga e flácida mão a Nekludov.

— E a quem tenho a honra de falar?

Nekludov declinou o seu nome e entrou na sala dos jurados.

— O pai fazia parte da casa do imperador — disse o judeu.

— Então é rico? — inquiriu o negociante.

— É um ricaço!

Na pequena sala destinada aos jurados, estava reunida uma dúzia de homens de todas as classes. Tinham Iodos chegado havia pouco e uns estavam sentados, outros andavam de um lado para o outro, examinando-se e travando mútuo conhecimento. Apenas um coronel aposentado vestia uniforme; os outros traziam indistintamente rabona ou fraque e só um vestia blusa de lavrador russo.

Vários dentre eles tinham abandonado as suas ocupações diárias para cumprir as funções de jurados, do que se queixavam amargamente, mas ao mesmo tempo com uma certa satisfação por se tratar do desempenho de um dever social.

Depois de um mútuo e superficial exame, alguns agruparam-se conversando do tempo, da rápida chegada da primavera e dos assuntos a tratar como jurados, enquanto outros procuravam ser apresentados a Nekludov, mostrando-se altamente honrados em

travar conhecimento com ele, homenagens que este recebia como legítimas e naturais. Se, porém, lhe tivessem perguntado porque é que se considerava como superior à maioria dos homens, ver-se-ia impossibilitado de responder, porque a sua vida, principalmente nos últimos anos, não tinha merecimento algum.

Falava, é verdade, corretamente o inglês, o francês e o alemão; usava das melhores roupas, quer brancas quer de cor, e as gravatas, botões de punho e alfinetes era tudo comprado do melhor e no primeiro estabelecimento da cidade; mas isto aos seus próprios olhos não era motivo para clamar superioridade.

E, contudo, estava convencidíssimo da sua superioridade, e tão habituado às provas de deferência que usualmente recebia, que a falta destas magoava-o como uma afronta.

Pois precisamente na sala dos jurados esperava-o um rude choque.

Entre aqueles estava um seu antigo conhecido, um tal Pedro Gérasimovitch, que fora professor de seus sobrinhos, os filhos de sua irmã, homem de quem Nekludov nunca conseguira saber o apelido, e que tendo terminado o bacharelato, entrara como professor num liceu. Nekludov detestava-o por causa da sua familiaridade, do seu riso jactancioso e dos seus modos grosseiros.

— Ah! ah! Então também foi agarrado? — foram as palavras com que cumprimentou Nekludov. — Porque é que não arranjou a que o dispensassem?

— Nunca me lembraria de semelhante coisa — respondeu Nekludov secamente.

— Isso é que se chama coragem cívica. Mas espere até ter fome ou sono e veremos se fala assim — acrescentou o professor

rindo ruidosamente.

«Este filho de um padre é capaz de principiari a tratar-me por tu!», pensou Nekludov, afastando-se do professor com uma expressão de tristeza no rosto, como se acabasse de saber da morte de algum parente, para se aproximar de um grupo reunido em redor de um indivíduo de alta estatura, barbeado de fresco e que parecia contar animadamente alguma coisa interessante.

Era a história de uma ação que corria no cível e na qual um famoso advogado de S. Petersburgo, que o narrador conhecia, tinha conseguido com que uma velha senhora pleiteando justamente, tivesse perdido a sua causa.

— É um verdadeiro génio! — dizia ele ao advogado.

Todos o escutavam atentamente, e posto que alguns tentassem dirigir-lhe a palavra, era-lhes impossível fazê-lo porque o narrador tinha monopolizado o assunto e o direito de falar.

Apesar de Nekludov ter chegado tarde, teve ainda de esperar muito tempo.

Faltava um dos membros do tribunal, por quem todos esperavam para se abrir a audiência.

II

O juiz presidente tinha chegado muito cedo. Era um homem nutrido e alto, usando fartas suíças e, posto que casado, levando vida dissipada e deixando que sua mulher fizesse o mesmo, a fim de não se incomodarem um ao outro.

Naquela mesma manhã recebera uma carta de uma governanta suíça e que já o fora em sua casa, prevenindo-o que se encontrava naquela cidade de passagem para S. Petersburgo e que o aguardaria desde as 3 até às 6 no Hotel da Itália. Era isto que fazia com que desejasse começar e acabar o mais depressa possível a audiência daquele dia, a fim de ir ter com a loura Clara para continuar o interrompido romance do verão transato.

Entrando no gabinete, fechou a porta à chave e, abrindo a gaveta inferior de um armário, tirou dois alteres e levantou-os vinte vezes em todas as direções: para cima, para baixo e para os lados, terminando por elevá-los três vezes ao alto, com flexões de joelhos.

«Não há nada como um banho frio e um pouco de ginástica», dizia a si próprio, apalpando o bíceps do braço direito com a mão esquerda, onde usava um anel de ouro. Preparava-se para fazer o *moulinet*, outro exercício que como o precedente, nunca deixava de executar antes de audiências demoradas, quando bateram à porta.

Escondeu rapidamente os alteres e abriu-a dizendo:

— Peço desculpa.

Era um outro juiz, de aspeto triste, ombros descaídos, pequena estatura e usando óculos de ouro, que entrou no gabinete.

— São horas! — disse com voz aguda.

— Estou pronto — respondeu o presidente, acabando de vestir a toga —, mas Mateus Nikitich ainda não chegou!

— É ser pouco consciencioso! — disse o juiz, sentando-se e acendendo um cigarro.

Este magistrado, homem de uma pontualidade extrema, tivera pela manhã uma cena desagradável com sua mulher, porque esta gastara-lhe todo o dinheiro que deveria durar até ao fim do mês e

viera pedir-lhe mais. Ele recusara-o e daí a questão. Ela declarava-lhe terminantemente que neste caso escusava de vir jantar porque não o encontraria feito, e ele partira sobre esta ameaçadora perspectiva, pois sabia-a capaz de a realizar.

«Vá lá alguém viver honrada e irrepreensivelmente!», dizia a si mesmo o juiz, olhando para o nutrido e saudável presidente que parecia vender saúde e bom humor e com os braços muito abertos alisava com as brancas mãos, as espessas suíças, dispondo-as de modo que deixasse ver o colarinho de reluzente alvura. «Ele está sempre alegre e satisfeito enquanto eu não tenho senão desgostos!»

Neste momento entrou um escrivão trazendo documentos que o presidente pedira.

— Muito obrigado — disse este, acendendo também um cigarro.

— Por onde principiamos hoje?

— Caso V. Ex.^a não mande o contrário, pelo envenenamento — respondeu o escrivão.

— Está muito bem.

O presidente calculou que seria um processo dos mais simples e que por consequência estaria terminado às quatro horas, dando-lhe tempo de comparecer ao *rendez-vous* da sua gentil suíça.

— Breuer já chegou? — perguntou ainda ao escrivão quando este ia a sair.

— Creio que sim.

— Então faça o favor de lhe dizer que começaremos pelo envenenamento.

Este Breuer era o Delegado do Ministério Público que devia fazer a acusação, e efetivamente o escrivão encontrou-o no corredor,

com a cabeça inclinada para a frente, casaco desabotoado, uma grande carteira presa sob o sovaco, andando com largos passos, quase que a correr e batendo com os tacões das botas no soalho, ao tempo que agitava um braço febrilmente.

— Miguel Petrovich mandou perguntar se V. Ex.^a está pronto?

— disse-lhe o escrivão, indo ao seu encontro.

— Certamente, estou sempre pronto! Por que processo começaremos?

— Pelo do envenenamento.

— Está muito bem!

Na realidade, porém, não julgava que estivesse muito bem. Tendo passado toda a noite a jogar e a beber, em companhia de um amigo de quem se despedia, abandonara a mesa do jogo às cinco da madrugada para irem ainda à antiga casa, onde, seis meses antes se encontrava a Maslova, de modo que não tivera sequer tempo de folhear o processo do envenenamento que ia entrar em julgamento. Por este facto, que era do conhecimento, do escrivão, é que este o indicara ao juiz presidente como devendo ser julgado em primeiro lugar, dando largas à sua antipatia pessoal contra Breuer, quer aos seus olhos de liberal radical (apesar de servir na magistratura recebendo 1200 rublos de pensão), além de ser um conservador que, como a maioria dos alemães servindo na Rússia, era um ortodoxo fanático, desempenhava ainda a comissão que ele escrivão há muito ambicionava

— E o processo dos *Skoptsy*?¹ — perguntou o escrivão.

— Já disse que sem as testemunhas não posso fazer nada — respondeu o delegado — e isto mesmo hei de dizê-lo na audiência.

— Mas que importa isso?

— É impossível — retorquiu; e, agitando o braço, entrou no seu gabinete.

O verdadeiro motivo por que queria adiar o julgamento dos Skoptsy não era a falta de algumas testemunhas insignificantes, mas sim porque se o processo fosse julgado com júri instruído com certeza terminaria pela absolvição, e que numa vilorizita qualquer, com um júri de gente da aldeia, como havia combinado com o presidente, era mais fácil arranjar a condenação dos incriminados, o que particularmente agradava ao seu espírito ortodoxo.

Nos corredores, no entanto, havia aumentado o movimento.

Toda a gente se apinhava na sala das audiências do cível, assistindo ao julgamento de um destes casos chamados interessantes; o mesmo do qual falava com tanta competência na sala dos jurados, a importante personagem barbeada de fresco.

Um astuto homem de leis, apoderara-se ainda que sem sombra de razão nem de direito moral, e todavia de maneira estritamente legal, de toda a fortuna de uma idosa senhora, cujos agravos eram absolutamente justos. Isto era sabido pelos juízes e ainda mais pelo jurista e pelo seu cliente; mas a rábula do advogado fora tal que a velha senhora perdia inevitavelmente a ação.

Na ocasião em que o escrivão entrava no cartório, viu passar na sua frente a velha que acabava de ser despojada dos seus haveres. Era gorda e forte, usando um chapéu com grandes flores. Agitava vivamente as mãos curtas e nutridas, repetindo incessantemente para o advogado que a acompanhava: «Mas onde vai isto parar! onde vai isto parar?» Sentaram-se num banco que encontraram, entabulando logo conversa muito complicada mas que evidentemente já não tinha referência com o processo, pois que o

advogado acenava com a cabeça mas olhava mais para as flores do chapéu do que escutava a infeliz cliente.

De repente abriu-se uma porta, e o famoso advogado que fizera com que os 100000 rublos da velha passassem para o seu constituinte apenas pela módica retribuição de 10000 rublos, apareceu, muito brilhante, de colete decotado, deixando ver o engomado peito da camisa e um deslumbrante plastron: um sorriso de satisfação brincava-lhe nos lábios, e caminhando serena e ligeiramente, passou em frente da velha dama.

Involuntariamente todos os olhares se lhe dirigiram e ele, notando-o, parecia dizer em todo o seu porte: «Por quem são, senhores! Nada de cumprimentos!»

III

Afinal Mateus Nikitich, por quem se aguardava, chegou também e logo o meirinho, homenzito magro, de pescoço comprido e andar desigual, entrou na sala onde se achavam reunidos os jurados. Este empregado era um bom homem, com o curso completo da universidade, mas era-lhe impossível estacionar em qualquer posição social porque se entregava à bebida.

Haveria três meses que uma condessa, protetora de sua mulher, lhe arranjava aquele lugar e ele andava satisfeitíssimo por se ter conservado já tanto tempo nele, o que lhe parecia miraculoso.

— Meus senhores, estará tudo presente? — perguntou, colocando as lunetas e olhando para os jurados.

— Creio que sim — respondeu o alegre negociante.

— Vou verificar — disse o meirinho.

E, tirando do bolso uma lista de nomes, começou a fazer a chamada, olhando para os jurados, quer através, quer por cima das lunetas.

— O conselheiro de Estado J. M. Nikiforov?

— Sou eu! — respondeu a importante personagem, que conhecia todas as questões judiciárias.

— O coronel aposentado Ivan Semenovitch Ivanov?

— Presente — respondeu o que vestia uniforme.

— Pedro Baklackov, negociante de segunda classe?

— Pronto, aqui estou, pronto — disse o jovial negociante, espraçando um franco sorriso pelos circunstantes.

— Capitão das guardas, Príncipe Dimitri Nekludov?

— Sou eu — respondeu Nekludov.

O meirinho curvou-se delicado e amavelmente como se o quisesse distinguir de todos os demais.

Depois continuou:

— Capitão Jorge Dankenko? Negociante Gregório Koulechov? etc., etc..

À exceção de dois, todos estavam presentes.

Todos se encaminharam para o lugar indicado, cada qual afastando-se delicadamente diante da porta para deixar passar o seu colega.

A sala das audiências era vasta, com um estrado ao fundo, a que três degraus davam acesso. No meio estava uma mesa coberta de pano verde e franjas de um verde mais escuro; colocadas atrás, três cadeiras, de encosto muito elevado, em carvalho esculpido.

Por cima destas e dependurado na parede via-se um retrato do imperador num caixilho dourado, de cores berrantes, uniforme, grã-cruz e a mão nos copos da espada. No canto direito um retábulo contendo o Cristo coroado de espinhos fazia face a uma estante de coró, a seguir à qual se encontrava a carteira do agente do Ministério Público. Em frente a esta, à esquerda, achava-se a do escrivão, e mais à frente, perto do público, um gradeamento de madeira cercava o banco dos réus, ainda vazio como todos os outros do estrado.

Neste mesmo lado havia uma fila de cadeiras de encosto, destinadas aos jurados e na parte mais alta do estrado estavam dispostas, quase que chegadas à parede, as mesas dos advogados.

Uma grade de ferro separava a sala do espaço destinadas ao público, para o qual havia bancadas em anfiteatro até à parede do fundo. Na primeira destas, quatro mulheres trajando como domésticas ou operárias e dois homens de igual condição estavam sentados e conversavam em voz muito baixa evidentemente impressionados pela grandeza de toda a decoração.

Apenas os jurados entraram na sala, o oficial subiu ao estrado e, em voz alta, como para intimidar assistência, anunciou:

— Meus senhores, está aberta a audiência.

Tudo se levantou quando os juízes apareceram. À frente vinha o presidente das fardas suíças que Nekludov reconheceu logo: encontrara-o havia dois anos na aldeia, dirigindo o *cotillon* de um baile e dançando-o com muito entusiasmo.

A seguir vinha o infeliz juiz ainda de aspeto mais sombrio, porque, ao entrar para a sala, encontrara seu cunhado, a quem a

irmã afirmara de novo que naquele dia não haveria jantar para ninguém.

— Que queres tu?! Vamos jantar ao restaurante — dissera-lhe rindo o cunhado.

— Não lhe acho graça nenhuma — respondera o tristonho magistrado, entristecendo ainda mais.

Em terceiro lugar apareceu o retardatário Mateus Nikitich, de barba comprida e olhos de bondade, largos e redondos. Sofria muito de um catarro estomacal e seguindo o conselho do médico, principiara um novo tratamento que o demorava em casa mais tempo que o usual. Caminhava para o estrado com ar absorto, e efetivamente estava-o. Habituara-se, por toda a espécie de meios, a adivinhar as respostas às suas mais íntimas perguntas, e assim dissera a si próprio que o número de passos a andar desde o gabinete até à cadeira que ia ocupar fosse divisível por três, seria essa a prova que lhe demonstraria a cura certa da sua doença pelo tratamento que iniciara.

O espaço percorrido não dava mais que vinte e seis passos mas ao chegar ao lugar, encurtou o andamento e conseguiu contar vinte e sete.

Era dos mais imponentes o aspeto que apresentavam o presidente e os seus acólitos, em pé no estrado, envoltos nas amplas dobras do vestuário. Eles próprios assim julgaram e sentiram; como que confusos de tanta grandeza sentaram-se depressa, baixando modestamente o olhar para a mesa, na qual, além do instrumento triangular sobrepujado pela águia imperial chamado o espelho da justiça, havia tinteiros, penas, papel em

branco e profusão de lápis de tamanhos, cores e qualidades diversas, aparados recentemente.

Por último entrou o delegado, andando rapidamente, sobraçando sempre a enorme carteira e agitando o braço livre.

Mal se sentou embebeu-se na leitura do processo, aproveitando todos os minutos para confeccionar a acusação. Era esta apenas a quarta vez que Breuer acusava, pois a sua nomeação tinha sido recente, e como era muito ambicioso, queria fazer um bom lugar, obtendo tantas condenações quantas fosse possível, todas as vezes que acusasse.

Já estudara o processo nas suas linhas gerais e formara o plano de ação, mas precisava conhecer mais detalhadamente o caso, para apoiar e fundamentar a argumentação.

Na outra extremidade do estrado sentava-se o escrivão, tendo na frente os documentos que tinha de ler; enquanto não começava, ia percorrendo com os olhos o artigo de um jornal apreendido e a respeito do qual desejava falar com o juiz das suíças compridas, que sabia ser da mesma cor política; porém, para poder falar dele deseja valê-lo e conhecê-lo bem a fundo.

IV

Depois de haver consultado alguns documentos e dirigido umas perguntas ao escrivão e ao oficial, que responderam afirmativamente, o juiz presidente ordenou que trouxessem os presos.

A esta ordem abriu-se ao fundo uma porta e dois soldados de barretinas peludas na cabeça e espadas desembainhadas, entraram seguidos pelos três prisioneiros: o homem, um ruivo com sardas no rosto, e as duas mulheres. Aquele vestia as roupas da prisão, muito compridas e muito largas para o seu corpo, conservando os braços apertados para suster as mangas, que de outro modo lhe esconderiam as mãos.

Olhava obstinadamente para o banco junto do qual passava, parecendo não ver nem os juízes nem o público, até que tendo dado a volta, sentou-se na extremidade do banco que lhes era destinado, deixando excessivo espaço para as mulheres.

Ergueu então os olhos para o presidente e agitou os lábios e os músculos do rosto como que murmurando qualquer coisa.

A mulher que se lhe seguia, igualmente vestia o uniforme das detidas e devia ter cinquenta anos.

Trazia amarrado à volta da cabeça um lenço da prisão e o seu rosto, excessivamente pálido, nada teria de notável se não fosse desprovido por completo de pestanas e sobrelhas.

Aparentava completa serenidade; ao chegar ao seu lugar, como o vestido se lhe prendesse a um prego, despreendeu-o cuidadosamente, sem se apressar, arranjou-o e sentou-se.

A outra era a Maslova.

Logo que apareceu, todos os homens presentes lhe dirigiram os seus olhares, fixando-lhe o branco rosto, os olhos brilhantes e o farto seio, que o amplo capote não conseguia disfarçar.

O próprio soldado junto do qual ela ia passar não a largava com a vista até que a viu sentar-se; então, como se houvera

cometido um crime, retirou os olhos, estremeceu e fixou-os na janela que lhe ficava fronteira.

O presidente esperava que todos estivessem sentados. Dirigiu-se depois ao escrivão e ordenou que se fizesse a chamada dos jurados, ao que se seguiu a imposição de multas aos que faltavam, a leitura das cartas dos que se escusavam e finalmente a substituição dos ausentes pelos suplentes. Em seguida o presidente pediu ao padre para vir dar juramento aos jurados.

O padre era um velho calvo e gordo, de rosto avermelhado, usando uma barba rara e branca. Vestia sotaina de seda de cor de canela, e ao peito, pendente de uma cadeia, trazia uma cruz de ouro que incessantemente revirava com os dedos inchados. No seu lado esquerdo brilhava igualmente uma pequena condecoração. Ordenara-se havia quarenta e nove anos e desejava celebrar no ano seguinte o seu jubileu, como recentemente o fizera o arcebispo da catedral.

Estava adido ao Palácio da Justiça desde a sua construção e orgulhava-se de ter feito prestar juramento a dezenas de milhares de pessoas, continuando, apesar de velho, a trabalhar pelo bem da Igreja, da Pátria e da família, a quem contava legar, além da casa que habitavam, uns trinta mil rublos em bons papéis.

O que, porém, nunca lhe lembrara é que procedesse mal fazendo prestar juramento sobre o Evangelho num tribunal, pois que tinha certo prazer nesta ocupação, que o relacionava com muitas distintas personagens.

Neste próprio dia conhecera o famoso advogado de S. Petersburgo, o que muito o regozijara e principalmente quando soube que só aquele processo lhe rendera dez mil rublos.

Logo que o presidente lhe pediu para fazer prestar juramento aos jurados, o velho padre, erguendo lentamente os pés adormecidos, dirigiu-se para a estante colocada à frente da imagem, seguido por todos os jurados, que apressadamente se haviam levantado.

— Um momento — disse o padre, remexendo na cruz de ouro com a mão direita, e esperando que todos se tivessem aproximado.

Depois que os viu todos reunidos junto à imagem, inclinou de lado a cabeça e enfiou-a pela abertura gordurenta da estola; acabando de compor uns raros cabelos, falou nestes termos:

— hão de levantar a mão direita com os dedos assim! — disse levantando a sua, com os dedos dobrados como se preparados para tomar uma pitada. — Agora repitam o que eu disser: juro pelos Santos Evangelhos e pela cruz viva de Nosso Senhor, que no processo no qual... Não abaixe a mão! — disse, interrompendo-se e dirigindo-se a um dos jurados que a ia abaixando; e, de novo recomeçou, parando lentamente a cada frase: — Que no processo... no qual...

O importante personagem recém-barbeado, o coronel aposentado, o negociante e ainda outros jurados, conservavam o braço levantado e os dedos dobrados exatamente como o queria o padre; outros, porém, procediam descuidosa e indecisamente.

Uns repetiam a fórmula do juramento em voz alta com expressão e paixão; outros murmuravam-na, atrasavam-se e, como que aterrados, apressavam-se a apanhar de novo o fio das palavras do padre. Alas, no conjunto, a impressão experimentada por todos era a de mal estar, excetuando o padre, que estava firmemente convicto de cumprir um útil e importante dever.

Em seguida o presidente convidou-os a escolherem entre si um para desempenhar as funções de presidente do júri; para isto levantaram-se e passaram novamente ao gabinete, onde, mal chegados, puxaram de cigarros, que acenderam.

Alguém lembrou a importante personagem como devendo desempenhar aquele cargo, o que unanimemente foi aceite, e depois do que, abandonando os cigarros, todos voltaram para a sala das audiências.

O presidente do júri indicou-se como nomeado para aquele lugar e todos se sentaram de novo nas cadeiras de altos encostos.

Tudo caminhava rápida, ligeira e solenemente, e esta exatidão, ordem e pontualidade, evidentemente, fortalecia naqueles que tomavam parte nesta solenidade, a crença de que se desempenhavam de um grave dever social.

Nekludov partilhava igualmente estes sentimentos.

Foi então a vez do juiz presidente dirigir a sua solução ao júri, expondo-lhe quais os seus direitos, deveres e responsabilidades. Enquanto durou o discurso mudava constantemente de posição; ou se inclinava à direita para logo se voltar à esquerda, ou, encostando-se à cadeira, em seguida desencostava-se, para arranjar na mesa as folhas de papel soltas e agitar a faca de cortar papel, que largava para tomar um dos lápis.

Os direitos dos jurados consistiam, disse-lhes ele, em poderem interrogar os presos por intermédio do seu presidente e em poderem examinar as provas materiais da ação.

Os deveres consistiam em julgar não injusta mas sim justamente, e finalmente as responsabilidades provinham-lhes das suas deliberações terem de ser secretas, expondo-se à severidade

da lei aqueles que comunicassem com estranhos, no exercício das suas funções.

Tudo isto foi escutado religiosamente pelos jurados.

O negociante, acenando convictamente com a cabeça, espalhava no seu âmbito um forte cheiro a aguardente e sufocava altos soluços.

V

Acabada a alocução começou o interrogatório.

— Simão Kartimkine, levante-se!

Simão ergueu-se nervosamente: os lábios agitavam-se-lhe rápida e ininteligivelmente.

— Como se chama?

— Simão Petrovich Kartimkine — disse de uma só vez, com voz desagradável, evidentemente tendo preparado a resposta.

— A que classe pertence?

— Nós somos da aldeia.

— De que governo e distrito?

— Do governo de Toula, distrito Krapivo, comuna Koupianskou, aldeia de Borki.

— Que idade tem?

— Trinta e quatro, nasci em mil oitocentos...

— Qual é a sua religião?

— Nós somos da religião russa ortodoxa.

— É casado?

— Nunca fomos casados.
— Em que se ocupava?
— Trabalhávamos no Motel Maurítânia.
— Já foi alguma vez julgado?
— Nós nunca fomos julgados porque como vivíamos, antes de...

— Então nunca foi julgado?
— Graças a Deus, nunca, senhor, nunca.
— Foi-lhe entregue a cópia do auto de acusação?
— Sim, senhor, entregaram.
— Pode sentar-se. Eufémia Ivanovna Bochkov! — continuou o presidente, dirigindo-se a uma das duas mulheres.

Porém, Simão continuou de pé, ocultando a Bochkova.

— Kartimkine, sente-se!

Mas Kartimkine teimava em ficar de pé e só quando o escrivão, inclinando a cabeça e fixando nele um olhar severo, lhe ordenou que se sentasse é que ele se resolveu a fazê-lo, tão excitadamente como se levantara, recomeçando a remexer os lábios e embrulhando-se no amplo capote.

— Como se chama? — perguntou de novo o presidente suspirando de fadiga por ser obrigado a repetir sempre a mesma coisa; e examinava uns documentos em vez de olhar para a interrogada, tal era o hábito em que estava de se ocupar simultaneamente de dois assuntos, a fim de terminar mais rapidamente.

Bochkova tinha quarenta e três anos, era da classe burguesa e por profissão desempenhava a de criada do mesmo hotel. Nunca fora julgada e recebera a cópia do auto de acusação. Respondeu a

todas as perguntas com atrevimento provocante como se quisesse dizer: «Sim senhor, sou eu Eufémia Bochkova, recebi a cópia, no que tenho muito prazer, e não consinto que ninguém se ria disso!» Não esperou que a mandassem sentar, pois mal findara o interrogatório já o havia feito.

— Como se chama? — perguntou de novo o presidente, desta vez dirigindo-se à terceira detida — Tem de se levantar! — acrescentou afavelmente vendo que a Maslova ficava sentada.

Ela então levantou-se, a cabeça erguida, o peito ereto e, sem responder, fixou resolutamente o presidente com os olhos negros e sorridentes.

— Qual é o seu nome?

Murmurou indistintamente qualquer coisa.

— Fale mais alto! — disse o presidente.

— Lubova — respondeu.

Nekludov, à medida que os presos iam sendo interrogados, examinava-os através das lunetas.

«É impossível! Esta chama-se Lubova, não é o mesmo nome! Mas que prodigiosa semelhança!», dizia ele a si mesmo, não despregando os olhos do rosto da detida.

O presidente ia a passar a outra pergunta, mas algumas palavras do outro juiz das lunetas, chamaram-lhe a atenção para a resposta da prisioneira:

— Como! Lubova? Mas aqui está outro nome?

A detida permaneceu silenciosa.

— Diga-me qual é o seu verdadeiro nome?

— O seu nome de batismo? — sugeriu o juiz das lunetas.

— Em tempos chamei-me Catarina.

«Não, não pode ser», dizia ainda Nekludov; mas não havia já dúvida possível, era ela, a Katucha meia criada, meia governanta que ele sinceramente amara e a quem, num momento de loucura, seduzira e abandonara e em quem desde então evitara sempre pensar porque a recordação era-lhe demasiado dolorosa, humilhando-o e mostrando-lhe que ele, tão altivo da sua retidão, se conduzira cobarde e vilmente para com aquela mulher.

Sim, era bem ela!

Via claramente no seu rosto essa individualidade misteriosa que faz distinguir em face de todas as demais, tornando-a única, especial, sem equivalência possível.

E, apesar da palidez doentia e do emagrecimento, essa individualidade aparecia-lhe nas linhas do rosto, na boca, nos olhos ligeiramente estrábicos, na voz, e principalmente no olhar ingénuo, no sorriso agradável e na expressão da graciosidade de todo o seu porte.

— Devia ter respondido logo isso! — continuou o presidente com a mesma afabilidade. — E o seu apelido?

— Sou filha natural — respondeu a Maslova.

— Não importa, diga o do seu padrinho.

— Mikailovna.

«Mas de que crime pode ela ser acusada?», conjeturava Nekludov, todo arquejante.

— Referia-me ao apelido familiar — retorquiu o juiz.

— Também me conheciam pelo nome de minha mãe, Maslova.

— A que classe pertence?

— À burguesia.

— Religião? Ortodoxa?

— Ortodoxa.

— Profissão? Em que se ocupa?

Maslova calou-se.

— Em que se emprega? — repetiu o juiz.

— Estava numa casa.

— Mas em que casa? — perguntou severamente o outro magistrado.

— Os senhores sabem perfeitamente em que casa eu estava!

— respondeu a Maslova, desviando por instantes o olhar para novamente voltar a fixar o presidente.

Um estranho rubor subiu-lhe ao rosto.

Havia qualquer coisa tão extraordinária na expressão do seu semblante, tão terrível e pungente nas suas palavras e no rápido olhar em que envolveu a assistência, que o presidente baixou a cabeça e momentaneamente reinou na sala profundo silêncio. Um riso, vindo das bancadas do público, destruiu-o, o que obrigou o oficial a lançar um prolongado «schhhh»!

O presidente ergueu a cabeça e prosseguiu no interrogatório.

— Nunca foi julgada?

— Nunca — respondeu a Maslova em voz baixa, suspirando.

— Recebeu a cópia do auto de acusação?

— Sim, senhor — respondeu.

— Pode sentar-se!

A detida ergueu a extremidade da saia com o gesto de uma senhora levantando a cauda do vestido, sentou-se envolvendo as mãos nas mangas do capote, e voltou a fixar o presidente.

A tranquilidade e a palidez voltaram-lhe de novo ao rosto.

Procedeu-se em seguida à chamada das testemunhas, que foram enviadas para um gabinete separado, onde também lhes foi fazer companhia o médico perito; deviam todos aguardar ali que fossem de novo introduzidos.

O oficial, levantando-se, começou a leitura do auto de acusação.

Lia-o em voz alta e distinta, mas tão rapidamente que as palavras formavam apenas um ruído abafado, contínuo e adormecedor.

Os juízes agitavam-se impacientes nas cadeiras, desejosos de ver terminada a leitura, e um dos soldados, custosamente, reprimiu por duas vezes um bocejo.

Dos detidos, Kartimkine agitava constantemente os lábios; a Bochkova, conservando todo o sossego, coçava de vez em quando a cabeça, erguendo um pouco o lenço, e a Maslova, imóvel, fixara o olhar no escrivão; durante a leitura, por duas ou três vezes, estremeceu ligeiramente, corou e mudou a posição das mãos, para novamente voltar à primitiva.

Quanto a Nekludov, continuava sentado na cadeira de alto encosto de jurado, observando a Maslova; no íntimo de sua alma agitava-se uma complicada e dolorosa luta.

VI

Eis do que constava o auto de acusação:

«Aos 17 de dezembro de 188..., o gerente do Hotel Mauritània, desta cidade, participou a morte repentina de um dos hóspedes, o negociante siberiano Férapont Smielkov.

«A certidão do médico da quarta divisão atestava que a morte fora devida a uma rutura da aorta, produzida pelo abuso de bebidas espirituosas e o corpo de Smielkov fora devidamente enterrado após o terceiro dia do falecimento. No quarto dia, porém, um companheiro e confrade daquele, o negociante Timochine, chegado de S. Petersburgo e informado das circunstâncias em que se dera a morte de seu amigo, emitiu a suspeita de que esta não tinha sido natural, mas sim que o defunto poderia ter sido envenenado com o fim de se apoderarem de um anel de brilhantes e de uma grande quantia, que Smielkov devia possuir e que não fora mencionada no inventário realizado em seguida ao seu falecimento.

«Tendo-se procedido a um inquérito, provou-se:

«1º. Que pouco tempo antes da sua morte o dito Smielkov tinha recebido num banco, três mil e oitocentos rublos, conforme o declararam o gerente e o caixeiro do negociante Starikov, sendo certo que apenas figurava a importância de trezentos e doze rublos e dezasseis kopecks.

«2º. Que Smielkov no dia anterior àquele em que falecera estivera sempre na companhia de uma tal Lubka, que por duas vezes viera ao seu quarto.

«3º. Que esta cedera à patroa da casa onde vivia, um anel de brilhantes que pertencera ao negociante Smielkov.

«4º. Que a criada do hotel, Eufémia Bochkov depositara à sua ordem no Banco do Comércio, no dia imediato ao da morte do negociante Smielkov, a quantia de mil e oitocentos rublos.

«5º. Que, segundo confissão da prostituta Lubka, esta deitara na aguardente que o negociante mais tarde bebeu, uns pós que o criado Kartimkine lhe dera.

«No interrogatório realizado pelo juiz de instrução, Lubka declarara mais que Smielkov estando na casa onde, segundo a expressão, ela *trabalhava*, tinha-lhe pedido que fosse ao quarto por ele ocupado no hotel para lhe trazer dinheiro, dando-lhe para esse fim a chave da sua mala de mão, de onde ela retirara 40 rublos, quantia que o negociante lhe dissera que trouxesse. Mais afirmou que fora a única importância que dali retirara como o poderiam testemunhar Simão Kartimkine e Eufémia Bochkov em presença dos quais abriu e fechou a mala.

«Com referência ao envenenamento de Smielkov, Lubka acrescentou que tendo acompanhado o negociante ao Hotel lançou no conhaque que ele ia beber os pós que Kartimkine lhe dera, afirmando-lhe serem soporíferos e que os aceitara para se desembaraçar do negociante, que estando embriagado a apoquentava em excesso.

«Interrogada sobre a proveniência do anel que cedera à sua patroa, disse que lhe fora dado pelo negociante, depois dele lhe haver batido e para a impedir de se retirar.

«Eufémia Bochkov interrogada, declarou que nada sabia sobre a desapareção do dinheiro, pois que nem sequer fora ao quarto do negociante, onde só a Lubka entrara.

«Disse que se alguém retirara dinheiro do quarto do negociante, esse alguém não podia ser senão a Lubka quando tivera em seu poder a chave da mala.

(Neste ponto da leitura do auto de acusação, a Maslova sobressaltou-se, entreabriu a boca como para falar e voltou-se para a Bochkov).

«Sobre a proveniência dos mil e oitocentos rublos depositados no Banco declarou que os ganhara, ajudada por Simão, com quem estava para casar-se, durante doze anos de serviço.

«Simão Kartimkine a princípio confessou que de cumplicidade com a Bochkov e instigado pela Maslova, roubara o dinheiro que fora dividido igualmente entre os três (aqui de novo a Maslova sobressaltou-se e enrubescendo tentou dizer qualquer coisa) e igualmente corroborou que dera à Maslova uns pós para fazer adormecer o negociante. Porém, no segundo interrogatório, negou não só que houvesse roubado o dinheiro, como que tivesse dado os pós à Maslova, lançando sobre esta toda a culpa.

«Sobre a proveniência do dinheiro depositado no Banco, respondeu que havia sido ganho por ele e pela Bochkov e que maior parte era o produto das gorjetas com que os hóspedes do hotel os iam gratificando.

«A autópsia do negociante Smielkov realizada segundo o preceituado pela lei, revelou a presença de veneno nos intestinos.»

O auto de acusação, depois da narração das confrontações e depoimento das testemunhas terminava assim:

«Em consequência do que o mujique Simão Kartimkine, de 33 anos de idade, Eufémia Bochkov, burguesa, de 43 anos de idade, e Catarina Mikhailovna Maslova, de 27 anos de idade, são acusados de ter roubado ao negociante Smielkov, no dia 19 de dezembro de 188... a quantia de dois mil e quinhentos rublos e um anel de brilhantes e de lhe haver ministrado propositadamente um veneno,»

de que lhe resultou a morte, crimes previstos pelo art. 1455 do Código Penal, e são apresentados em juízo para serem julgados com a colaboração do júri criminal.»

Terminada a leitura, o oficial juntou as folhas do auto e com ambas as mãos alisou a sua comprida cabeleira. Todos lançaram um suspiro de alívio com a impressão de que se ia fazer justiça, e agora que estava aberto o inquérito. Apenas Nekludov não partilhou dela; pensava com espanto no crime que cometera aquela Maslova, que ele, dez anos antes, conhecera cheia de graça e inocência.

VII

Quando terminou a leitura do auto de acusação, o presidente, depois de haver consultado os seus auxiliares, voltou-se para Kartimkine com uma expressão que dizia: «agora chegou a ocasião de conhecermos a verdade até aos últimos detalhes».

— Simão Kartimkine! — disse, inclinando-se para a esquerda.

Simão levantou-se, dobrou as mangas do capote, e deu dois passos para a frente, agitando sempre os lábios.

— É acusado de, no dia 16 de dezembro de 188... ter roubado, de cumplicidade com Eufémia Bochkova e Catarina Maslova, da mala do negociante Smielkov uma quantia que lhe pertencia e de ter fornecido a Catarina Maslova arsénico em pó, induzindo-a a lançá-lo no liquido que aquele estava bebendo, o que ela fez e do que lhe resultou a morte.

— Confessa-se culpado? — concluiu o presidente inclinando-se para a direita.

— É impossível porque a nossa ocupação...

— Guarde isso para mais logo. Confessa-se culpado?

— É impossível... Eu só...

— Diga isso depois. Confessa-se culpado? — repetiu o presidente em voz calma mas severa.

— É impossível, porque...

Não prosseguiu, porque o oficial impôs-lhe silêncio com um trágico «schhh»!

O presidente, mudando de lugar o cotovelo a que se apoiava e parecendo dizer «esta lebre está corrida», dirigiu-se à Bochkova.

— É acusada de, no dia 19 de dezembro de 188... ter roubado de conivência com Simão Kartimkine e Catarina Maslova, da mala do negociante Smielkov, uma quantia que lhe pertencia e um anel, o que tudo dividiram entre os três envenenando em seguida o negociante com arsénico. Confessa-se culpada?

— Eu não sou culpada de nada! — respondeu, atrevida e duramente. — Nem sequer entrei no quarto... quem arranjou tudo foi com certeza essa porca que aí está.

— Isso depois, isso depois — novamente interrompeu o juiz com severidade. — Reconhece-se ou não culpada?

— Nem roubei o dinheiro, nem dei o veneno, nem entrei no quarto! Se lá tivesse ido seria para correr com aquela marafona!

— Não se confessa culpada?

— Não senhor!

— Está bem!

— Catarina Maslova — disse de novo o presidente dirigindo-se à outra ré — é acusada de, tendo ido ao quarto do Hotel Mauritânia habitado pelo negociante Smielkov, com a chave da mala onde ele guardava valores, ter daí subtraído dinheiro e um anel de brilhantes...

A frase que o presidente ia articulando como uma lição há muito sabida de cor foi interrompida para escutar o que lhe segredava o juiz da sua esquerda que o prevenia que faltava um frasco, que era uma das provas materiais mencionadas na lista. «Eu vejo já isso, eu vejo!», murmurou, e retomando a frase inacabada, continuou:

— ...Ter daí subtraído dinheiro e um anel de brilhantes, o que tudo foi partilhado entre os três e que voltando ao hotel, acompanhada por Smielkov, deu-lhe de beber conhaque envenenado. Confessa-se culpada?

— Não sou culpada de nada! — respondeu prontamente a acusada. — O que já disse torno a repeti-lo: não tirei nada, nada, absolutamente nada. O anel foi ele quem mo deu.

— Então não confessa ter roubado os dois mil e quinhentos rublos? — inquiriu o presidente.

— Já disse que apenas trouxe quarenta rublos!

— E quanto a ter lançado os pós no cálice do negociante, confessa-o?

— Sim, senhor. Fi-lo porque me asseveraram que isso não seria capaz de envenenar ninguém! — disse, franzindo as sobrancelhas.

— De modo que, confessando ter deitado os pós na bebida do negociante, nega ter-lhe roubado quer o dinheiro quer o anel? — replicou o presidente.

— Sim, confesso que deitando os pés no cálice dele sempre os tive por soporíferos e nunca que...

— Muito bem! — interrompeu o presidente, evidentemente satisfeito com os resultados obtidos. — Agora diga-me como é que tudo isso se passou! — continuou, encostando-se para trás na cadeira e pondo as mãos em cima da mesa. — Conte-nos tudo o que sabe! Uma sincera confissão servir-lhe-á de atenuante.

A Maslova voltara a fixar o presidente; agora, porém, calava-se e corava, como que pretendendo vencer a timidez que a invadia.

— Vamos, conte-nos como as coisas se passaram!

— Como se passaram? — disse bruscamente a Maslova. — Ele veio à noite, sentou-se junto de mim, e ofereceu-me de beber...

Calou-se de novo como que desorientada, ou interrompida por outra recordação.

— Bem e depois?

— O quê? Depois?... Ah! Sim, depois ficou e... foi-se embora...

Aqui o delegado do procurador régio ergueu-se um pouco, apoiando-se com afetação a um cotovelo.

— Deseja fazer alguma pergunta? — inquiriu o presidente. E como recebesse resposta afirmativa, com um gesto, convidou-o a falar.

— Desejava saber se a ré conhecia anteriormente Simão Kartimkine? — perguntou com solenidade o delegado, sem fixar a Maslova, comprimindo os lábios e franzindo as sobrancelhas.

O presidente repetiu a pergunta.

A Maslova fitava o delegado com olhares assustados.

— Se conhecia Simão? Sim, conhecia-o — disse.

— Desejava também saber quais eram as relações da ré com Kartimkine? Encontravam-se frequentemente?

— As nossas relações? Indicava-me aos hóspedes do hotel, mas eu não tinha relações com ele!— respondeu a Maslova, movendo o olhar inquieto, do delegado para o presidente e inversamente.

— E porque é que Kartimkine a indicava de preferência aos hóspedes e não nenhuma das outras raparigas? — perguntou o delegado, sorrindo astuciosamente, como quem havia muito estava preparando a armadilha.

— Não sei. Como é que hei de sabê-lo? — respondeu a Maslova, olhando em redor com espanto e momentaneamente fixando Nekludov. — Ele indicava-me quem queria.

«Reconheceu-me!», pensou Nekludov, sentindo o sangue afluir-lhe ao rosto. Mas a Maslova desviou o olhar sem o distinguir dos demais, dirigindo-o assustadamente para o delegado.

— A ré nega, pois, que tenha tido relações íntimas com Kartimkine? Está bem. Não tenho mais nada a perguntar-lhe.

E o delegado, desencostando-se e pegando na pena fingiu escrever. Na realidade porém o que estava fazendo era apenas percorrer o papel com a pena sem escrever nada e isto por haver observado que, no geral, os procuradores e advogados em seguida a qualquer pergunta tinham o cuidado de notar as respostas a fim de, em ocasião oportuna, aniquilar os adversários.

O presidente, que até então estivera conversando em voz baixa com o seu ajudante das lunetas, dirigiu-se novamente à detida.

— E o que é que se passou depois — perguntou recomeçando o interrogatório.

— Era tarde — disse a Maslova parecendo mais tranquila — e eu já havia adormecido no meu quarto quando Berta, a criada, me despertou, dizendo: «Volta para baixo que o teu negociante está lá outra vez», e apesar de eu não querer descer, a senhora obrigou-me. Ele estava na sala, bebendo e dando de beber a todas as minhas companheiras e acabando-se-lhe o dinheiro mandou-me buscá-lo ao Hotel. Disse-me onde o tinha e quanto devia trazer. E eu assim fiz.

O presidente continuava a falar em voz baixa com o seu vizinho e com certeza não ouvira o que a Maslova dissera; porém para provar o contrário, repetiu as suas últimas palavras:

— E assim fez! E depois?

— Chegando ao hotel, entrei no quarto, abri a mala e retirei quatro notas vermelhas de 10 rublos cada uma. — E aqui a Maslova interrompeu-se, como que assaltada por um receio, mas em seguida continuou. — E quando entrei no quarto não fui só — disse. — Chamei Simão e aquela — ajuntou designando a Bochkov.

— Mentira! Eu nunca entrei... — Ia a dizer a Bochkov, que o escrivão impediu de continuar.

— E foi na sua presença que retirei as quatro notas.

— Diga-me a ré se ao retirar os quarenta rublos notou que quantia estava na mala? — De novo perguntou o delegado.

— Não a contei; apenas vi que era quase tudo em notas de 100 rublos.

— Então a ré viu notas de 100 rublos! Não preciso saber mais.

— Trouxe-lhe então o dinheiro para casa? — prosseguiu o presidente consultando o relógio.

— Trouxe, sim senhor.

— E depois?

— Depois acompanhei-o novamente ao hotel — disse a Maslova.

— E como é que conseguiu ministrar-lhe os pós? — perguntou o presidente.

— Deitei-lhos no cálice em que ia beber.

— E para que é que lhos deu?

— Para me livrar dele, que não me deixava em paz — respondeu com um sorriso forçado.

— E porquê?

— Perseguiu-me evidentemente impelido pelo álcool que já bebera, a ponto que eu, encontrando Simão no corredor, disse a este: «Estou farta de o aturar! Se ele me deixasse ir para casa!» Simão respondeu-me que eles também estavam cansados de o servir e que se eu quisesse retirar-me, que lhe desse aqueles pós para o adormecer. Aceitei-os e, entrando de novo no quarto, vi-o estendido no sofá, implorando aguardente. Então peguei na garrafa do conhaque e enchi dois cálices, lançando no dele os pós que sempre tive como inofensivos, porque de outro modo eu nunca, nunca poderia...

— E como é que se achou possuidora do anel? Em que ocasião lho deu ele? — perguntou o presidente.

— Depois de o acompanhar até ao quarto, quis-me retirar e ele, encolerizando-se, bateu-me na cabeça e partiu-me um pente. Desatei a chorar; ele então, tirando o anel do dedo, deu-mo pedindo-me que ficasse.

O delegado, neste momento, ergueu-se novamente e pediu licença para interrogar um pouco mais a ré.

— Pode dizer-me a ré — disse logo que o presidente lhe concedeu a permissão — quanto tempo esteve no quarto de Smielkov?

Um terror súbito de novo se apoderou de Maslova, que, olhando ansiosamente do delegado para o presidente, respondeu muito depressa:

— Não me recordo.

— E recordar-se-á se entrou em qualquer outro aposento do hotel?

A Maslova refletiu um instante. Depois disse:

— Sim senhor. Entrei no quarto pegado que estava desocupado.

— Sim? E para quê? — inquiriu o delegado, dirigindo-se-lhe diretamente e voltando-se rapidamente na cadeira.

— Para me compor e esperar por um carro.

— E Kartimkine acompanhou-a a esse quarto ou não?

— Efetivamente esteve lá.

— E para quê?

— Como ficasse algum conhaque na garrafa estivemos a bebê-lo.

— E a ré a que respeito conversou com Kartimkine?

— Do quê? — respondeu a Maslova rapidamente. — De nada! O que sabia já o disse, e é tudo. Façam de mim o que quiserem; não sou culpada e não me importo de mais nada.

— Nada mais tenho a perguntar — disse o delegado ao presidente; em seguida tomou nota no esboço do seu discurso que a ré confessara ter entrado num quarto vazio, acompanhada por Kartimkine.

Por momentos reinou completo silêncio.

— Tem mais alguma coisa a acrescentar?

— Nada mais. Disse tudo. — E, suspirando, sentou-se.

Após haver tomado um apontamento e em seguida ao pedido de um dos ajudantes, o presidente suspendeu a audiência por vinte minutos, ergueu-se à pressa e retirou-se.

O pedido fora-lhe feito pelo juiz das fartas suíças e dos olhos bondosos, que, sentindo-se incomodado do estômago, desejava experimentar um cordial; para este fim o juiz presidente suspendera a audiência.

Imediatamente jurados, advogados e testemunhas ergueram-se, todos agradavelmente impressionados, por se terem já desempenhado de uma boa parte dos sagrados deveres que a sociedade lhes impunha, e encaminharam-se para os seus respectivos gabinetes.

Nekludov entrou na sala dos jurados e sentou-se junto da janela.

Capítulo 5

I

Sim, era bem ela, a Katucha!

Relembrou então como a conhecera.

Tinha terminado o terceiro ano da universidade e viera instalar-se em casa de suas tias para preparar descansadamente a tese quando a viu pela primeira vez. Habitualmente passava o verão na companhia de sua mãe e irmã numa propriedade dos arredores de Moscovo; como nesse ano sua irmã já estivesse casada, sua mãe fora para uma estância termal no estrangeiro e Nekludov, que a não pôde acompanhar por ter de escrever a tese, decidiu-se a passar o verão em companhia de suas tias. Estava certo que encontraria naquele retiro o sossego necessário ao trabalho e que nada o viria distrair; estimando-as sinceramente, estava certo também que elas lhe respondiam com afeição e além disso encantava-o a simplicidade daquela vida à antiga.

Achava-se então naquele delicioso período da existência de um rapaz que, pela primeira vez, reconhece por si próprio toda a beleza e toda a importância da vida e que, compreende a gravidade da tarefa imposta ao homem durante ela, concebe a possibilidade de atingir o mais alto grau de perfeição e elevação moral e entregando-se a esta tarefa, está não só esperançado, mas certo de a realizar.

Lera, havia pouco, os trabalhos sociológicos de Spencer e Henry George e, pela primeira vez, descobrira tudo o que havia de cruel e injusto no regime da propriedade individual o que o impressionava profundamente, lembrando-se que havia de herdar por morte de sua mãe quase 10000 hectares de terra.

A sua natureza, daquelas para quem um sacrifício realizado em nome das necessidades morais é sempre um verdadeiro gozo espiritual, obrigara-o já a renunciar à posse da pequena propriedade que, por morte de seu pai, lhe coubera era partilhas. E, nesta mesma ordem de ideias, escolhera o assunto da sua tese: *Propriedade rural*.

Durante a época que passara em companhia daquelas senhoras regularizara da seguinte maneira a sua vida.

Levantava-se cedíssimo, com a madrugada, e ia tomar banho no regato que serpenteava junto da colina; depois voltava para casa, por entre os prados húmidos de orvalho. Em seguida ao almoço trabalhava na tese, rodeado pelos livros de consulta, ou saindo, de novo vagueava pelos campos e pelos bosques, para vir repousar, antes do jantar, numa sombra do jardim.

Ao meio dia era o jantar, durante o qual encantava e divertia as duas senhoras com inesgotável alegria; findo ele montava a cavalo ou dava um passeio de barco para, de novo, à tarde, retomar os seus trabalhos. Ao anoitecer fazia-se uma paciência ou lia-se um livro recente.

Vinha então a noite, mas não vinha o sono; era tanta a alegria de viver que sentia no seu ser, que se conservava acordado, muitas vezes, até ao dia. Nas noites de luar, erguia-se e vinha para o jardim, dando largas à imaginação.

E assim, serena e felizmente deslizara-lhe a vida no primeiro mês da estada junto das boas senhoras, sem uma só vez reparar na leve e ágil semipupila e semicriada, a Katucha dos olhos negros.

Educado até então sob a asa maternal, conservava aos 19 anos a inocente ingenuidade de uma criança. Sonhava as mulheres unicamente como esposas e todas aquelas com quem não podia casar eram aos seus olhos não mulheres, mas seres humanos.

Na véspera da festa da Ascensão, naquele verão, uma senhora da vizinhança acompanhada de seus filhos e de um jovem pintor, de uma família de lavradores, amigo íntimo de um deles, veio passar o dia com as tias de Nekludov.

Depois do chá a mocidade veio brincar para o prado que se estendia em frente à casa e donde a erva já tinha sido segada.

Começaram pelo jogo do *gorélki* e Katucha veio também tomar parte nele; numa ocasião Nekludov, que como os demais corria e trocava parceiros, agarrou-a, tomando-a para par.

Ela estava encantadora e Nekludov, como todos, sentia prazer em vê-la; mas nunca o assaltara a ideia de que entre eles pudessem estabelecer-se relações mais íntimas.

O jogo obrigava-os a correrem de mãos dadas, cabendo a vez ao pintor de tentar agarrá-los.

E este, apesar de correr bem e possuir pernas de mujique, curtas, musculosas e curvas, dizia para si: «estes hão de custar a agarrar!»

— Uma, duas, três! — disse o pintor batendo três vezes com as mãos, dando o sinal. Katucha, sorrindo, aproximou-se de Nekludov e tomando-lhe a mão com um desenvolto movimento da sua, correu agilmente para a esquerda, a saia engomada rugindo.

Nekludov também era bom corredor e como não queria ser agarrado pelo pintor, bem depressa se soltou de Katucha que tentava alcançar, correndo velozmente, um maciço de sabugueiros que existia à esquerda, atrás do qual, se conseguissem novamente dar as mãos, estariam salvos do seu perseguidor. Por consequência Nekludov correu, seguindo à orla do prado, naquela direção, correspondendo aos sinais que Katucha lhe fazia para se dirigir para ali. Não se lembrou porém, de um pequeno fosso que havia junto dos sabugueiros, todo coberto de ortigas e tropeçando, caiu dentro, picou-se e molhou-se no orvalho depositado nas folhas.

Katucha, os olhos negros como amoras, a face radiante de alegria, encontrou-o a erguer-se e rindo do seu revés.

— Que foi isso? Caiu e picou-se? — perguntou, fixando nele os negros olhos e estendendo-lhe a mão, enquanto com a outra compunha o cabelo.

— Não me lembrei do fosso — respondeu ele sorrindo e conservando a mão na dela.

De repente, como ela se aproximasse um pouco mais e sem saber como, apertou-lhe fortemente a mão e beijou-a nos lábios.

— Que faz? — disse ela, soltando-lhe a mão. Cortou então dois ramos de salgueiro donde as flores estavam já a cair e agitou-os perto do rosto que ardia; sem se voltar, desatou a correr agitando os braços, para junto dos outros jogadores.

Então, entre Nekludov e Katucha principiaram a estabelecer-se relações iguais às que têm lugar quando dois jovens igualmente puros se sentem mutuamente atraídos.

Bastava que Katucha entrasse no quarto de Nekludov ou que este lhe visse ao longe o vestido de cor-de-rosa e o avental branco,

para que tudo aos seus olhos mudasse de aspeto; como quando o sol aparece, tudo se torna mais alegre, mais importante e mais interessante. A vida transbordava-lhe de alegria. E ela, pela sua parte experimentava a mesma impressão. Mas em Nekludov não era só a presença de Katucha que o agitava; bastava o pensamento da sua existência para o encher de felicidade. Se Nekludov recebia novas de sua mãe que o apoquentavam; se a tese não progredia; se estava dominado por um destes vagos ataques de tristeza tão frequentes entre a gente moça, a ideia de Katucha varria-lhe de mente todos os pesares.

Katucha andava sempre muito ocupada em casa, mas trabalhando depressa, poupava o tempo, de modo a poder entregar-se um pouco à leitura dos livros de Dostoievski e Tourgueniev que Nekludov lhe emprestara; entusiasmou-a o *Anichar* de Tourgueniev. Durante o dia quando se encontravam nos corredores, trocavam rápidas palavras; mas o que os encantava, era as palestras no quarto da velha criada das senhoras, onde Nekludov vinha tomar chá.

Mas logo que Matrena Palovna, a criada, se retirava, a conversação afrouxava e não corria bem. Os olhos diziam coisas muito diferentes das dos lábios, e estes afinal calavam-se; invadia-os um sentimento de mal-estar que os obrigava a separarem-se rapidamente.

E estas intimidades prolongaram-se durante todo o resto do tempo que Nekludov permaneceu em casa de suas tias.

Elas acabaram por as notar, e inquietando-se, julgaram dever informar por carta, sua cunhada, a princesa mãe de Nekludov. Maria Ivanovna temia que aquelas relações tomassem um caráter muito

íntimo; mas os seus receios eram infundados, porque Nekludov inconscientemente amava Katucha com um puro amor; e nisto estava a salvação de ambos. Não sentia nenhum desejo de a possuir corporalmente, e este pensamento horrorizava-o. Mais bem fundados eram os temores de Sofia, de espírito mais poético, que temia vê-lo casar com a rapariga, conhecendo bem o carácter resoluto e reto de Dimitri; ela sabia perfeitamente que as origens e a situação de Katucha em nada influiriam no espírito de seu sobrinho, se houvesse tomado tal resolução. Veio confirmar estes temores o facto de Maria Ivanovna ter dado a entender a Nekludov com mil precauções, que se não devia entreter tanto com a rapariga, pois era proceder mal animar alguém com quem se não podia casar e ele ter respondido:

— E porque é que não posso desposar Katucha?

Porém, nunca em tal pensara. Um sentimento de exclusivismo aristocrático, próprio a indivíduos do seu meio, impedia-o de se lembrar de desposar uma rapariga tal como Katucha.

Mas em seguida à explicação que tivera com a tia Maria Ivanovna não lhe desagradava o pensamento de desposar Katucha. Gostava das opiniões radicais e com o ardor da mocidade, repetia a si próprio: «Katucha é uma mulher como as demais. Se a amo, porque é que não casarei com ela?»

Parecia-lhe no entanto que o que sentia por Katucha, era apenas uma das manifestações da alegria que enchia todo o seu ser e de que ela partilhava, e estava convencido que este amor apenas era uma imagem reduzida daquele que havia de sentir mais tarde por uma mulher ideal que o futuro lhe reservava.

No dia da sua partida, quando viu Katucha no pátio ao lado das duas senhoras, os olhos ternamente voltados para ele, marejados de lágrimas, teve a nítida impressão de abandonar alguma coisa muito bela, de inapreciável valor, e que nunca mais se renovaria.

Então, invadiu-o uma grande tristeza.

— Adeus Katucha! Muito obrigado por tudo! — disse-lhe num murmúrio, por detrás de suas tias, antes de subir para o carro.

— Adeus, Dimitri Ivanovitch — respondeu a terna e agradável voz de Katucha. E as lágrimas que até aí retivera, soltaram-se-lhe dos olhos; refugiou-se então na sala, para poder chorar livremente.

II

Só ao fim de três anos é que Nekludov tornou a ver Katucha. E quando ao cabo desses três anos, ele a voltou a ver, não era já o mesmo de outrora.

Socialmente era um brilhante oficial das guardas que ia juntar-se ao regimento e que aproveitava o fim de uma licença para visitar as velhas parentas.

Mas moralmente diferia muito do ingénuo rapaz que mantivera com a doce Katucha umas simples relações de amor.

Outrora era um rapaz leal e desinteressado, pronto a sacrificar-se pelo que julgasse ser o bem; agora, era um egoísta depravado, preocupando-se unicamente com o seu prazer pessoal.

Outrora o universo parecia-lhe misterioso e, entusiasticamente, tentava penetrar nesse mistério; agora tudo lhe parecia subordinado

às condições da sua vida pessoal.

Outrora sentira a importância e a necessidade de convivência com a natureza e com os homens que tinham vivido, pensado e sentido antes dele, os filósofos e poetas do passado; agora o importante e necessário eram as convivências com os seus camaradas e a sujeição às regras mundanas do seu meio.

Outrora concebera as mulheres como criaturas misteriosas e encantadoras — encantadoras pelo próprio mistério que as envolve — agora, mulheres — todas as mulheres com exceção das de sua família e das dos seus amigos — eram limitadas a um fim muito definido: o instrumento de um gozo já experimentado e sobre todos preferido. Outrora não sentia a necessidade de dinheiro e mal gastava a terça parte da sua anuidade; agora mil e quinhentos rublos mensais evaporavam-se e já tivera explicações desagradáveis com sua mãe sobre o assunto. Outrora era o Eu espiritual que governava, agora imperava o forte e animal Eu.

E toda esta profunda transformação, que se operava nele, proviera simplesmente de ter cessado de crer em si para começar a crer nos outros.

É que viver confiando unicamente em si próprio parecia-lhe muito difícil; crendo só em si, isto é, dando apenas ouvidos às suas inclinações mais íntimas, teria de decidir-se, não a satisfazer os impulsos da sua vida animal, egoísta e só preocupada de prazer, mas ao contrário, a proceder quase sempre contra eles; enquanto, crendo nos outros, não havia nada a decidir por antecipadamente tudo estar decidido a favor do seu ser animal. Mas isto não era tudo. Acreditando em si próprio, expunha-se incessantemente à censura

dos que o cercavam, enquanto confiando nos outros, estava seguro dos seus elogios.

Se, por acaso, Nekludov falando, se mostrava preocupado com assuntos sérios da vida, tais como Deus, verdade, riqueza e pobreza, todos os do seu meio achavam tais preocupações extravagantes e ridículas; então, a própria família, deixando transparecer uma ironia fina, tratava-o por *notre cher philosophe*.

Se, ao contrário, lia romances, contava anedotas excitantes ou então trauteava o *couplet* afrodisíaco que ouvira no Teatro Francês, todos o aprovavam, achavam encantador e incitavam a prosseguir. Quando, julgando proceder bem, moderava as necessidades do ser animal quer vestindo um facto usado, ou abstendo-se de beber vinho, todos o acusavam de querer singularizar-se, tornando-se original; mas se se excedia em despesas com caçadas e jantares, ou ainda em mobilar luxuosamente qualquer dependência da casa que habitava, todos admiravam o requintado gosto que punha em tudo e presenteavam-no com custosos objetos. Enquanto se conservou casto e manifestou o desejo de o continuar a ser até ao casamento todos receavam pela sua saúde; a própria mãe, a quem a ideia do casamento com Katucha enchia de temor, só sossegou quando soube que ele se havia tornado em «verdadeiro» homem, raptando a um camarada uma dama francesa.

Igualmente, quando fora da cedência da pequena propriedade que herdara de seu pai àqueles que trabalhavam a terra, aos aldeões, Nekludov sofreu as censuras e zombarias de todas as pessoas que o rodeavam. Repetiam-lhe, incessantemente, que a sua dádiva não conseguira elevar em nada o bem-estar material dos mujiques e que pelo lado moral dera unicamente o resultado de

abrirem três novas tabernas onde, abandonando o trabalho, iam matar o tempo.

Ao contrário, despendendo fortes quantias, quando admitido a fazer parte da sociedade aristocrática, dera nisso um verdadeiro prazer à velha princesa, que achava natural que a mocidade se divertisse, apesar de ter sido obrigada a levantar um empréstimo para ocorrer àquelas loucuras.

A princípio, Nekludov lutara contra esta maneira de viver mas a luta era-lhe difícil, porque tudo o que ele considerava o bem, guiando-se por si próprio, era tido pelos outros como o mal e inversamente. Cedo, pois, submeteu-se; abandonara a crença em si próprio para tomar a dos outros.

Esta renúncia custara-lhe ao princípio, mas os novos hábitos depressa abafaram essa fraca revolta: o fumar e o beber cada vez se enraizavam mais e os horizontes novos aliviavam-no, pensando que de futuro apenas se devia inquietar com a crítica dos homens.

Nekludov entregou-se então a essa vida nova, ardente e tumultuária como o seu temperamento; as exigências da voz interior que reclamava qualquer coisa muito diferente, estavam extintas. Foi então que entrou para o exército.

A vida militar, em geral, torna os homens mais depravados.

Coloca-os em condições de completa indolência, por ausência de trabalho útil e desliga-os dos comuns deveres humanos para os substituir por aqueles que são unicamente convencionais, tais como a honra do regimento, o uniforme e a bandeira; além disso dando-lhes poderes discricionários sobre outros homens, coloca-os em condições da mais servil obediência para com aqueles de uma patente mais elevada.

Quando, porém, a esta depravadora influência se junta a da riqueza e a das relações com famílias reinantes, então os homens que sofrem dela, sucumbem à mania do egoísmo.

Assim Nekludov, logo que entrou para o exército, não teve outras ocupações que não fosse vestir um uniforme esplendidamente feito e escovado por outros, ou montando finos cavalos, tratados e sustentados igualmente por outros, brandir espadas ainda e sempre, feitas e limpas por outros:

Igualmente importantes eram os banquetes nos clubes e restaurantes despendendo grandes quantias, vindas de origens invisíveis e os teatros, bailes e mulheres.

Ê esta a vida que nos militares atua ainda mais depravadamente que nos outros homens, porque se um destes leva tal vida, não pode, no íntimo do seu ser, deixar de se envergonhar, enquanto um como Nekludov, principalmente em tempo de guerra, orgulha-se e desculpa-se.

«Nós estamos prontos a ser sacrificados: por consequência uma vida descuidosa e alegre não só nos é desculpável mas indispensável. Seríamos insensatos, se procurássemos outra!»

Tais eram, neste período da sua existência, os confusos pensamentos de Nekludov, que sentia verdadeiro gozo em ver-se livre de todas as barreiras morais que até aí impusera à sua mocidade; neste estado de mania crônica de egoísmo vivia e depois de três anos de ausência, quando ia bater-se contra os Turcos, de novo veio visitar suas tias.

III

Dois fortes motivos imperavam em Nekludov obrigando-o a interromper a viagem.

Em primeiro lugar a propriedade de suas tias ficava-lhe no caminho e as duas velhas senhoras haviam tanto instado, que não houvera meio de recusar uma pequena visita, e em segundo lugar e muito principalmente, porque dominava-o o secreto desejo de rever Katucha.

Talvez que antecipadamente houvesse formado, no fundo da sua alma um mau desígnio para com ela, sugerido pelo desenfreado ser animal que o governava; estava, porém, longe de reconhecer essa como a sua intenção manifestando apenas a de rever os lugares onde passara momentos tão felizes e condescender com a vontade das tias, personagens um pouco ridículas, porém, boas e amáveis, que o cercavam sempre de uma atmosfera de ternura e admiração.

Chegou nos fins de março, na manhã de uma sexta-feira santa, quando já começara a degelar, acompanhado por fortes aguaceiros; sentia-se transido de frio e todo molhado, mas ao mesmo tempo, alegre, vigoroso e bem disposto, como sempre estava, nesta época da vida.

«Estará ela ainda cá?», perguntava a si mesmo ao entrar no velho e familiar pátio cercado pelas paredes de tijolos, agora coberto de neve caída dos telhados.

Esperançava-o a ideia de vê-la no limiar da porta, atraída pelas campânulas do trenó. Mas aí apenas estavam duas criadas de pés

nus e saias arregaçadas, com baldes de água ao lado, evidentemente lavando o soalho.

Foi Tikhon, o velho criado, que o recebeu, interrompendo também a sua ocupação que o avental de serviço mostrava estar fazendo. Na sala de entrada Sofia Ivanovna, de vestido de seda e touca na cabeça, esperava.

— Ora ainda bem que vieste! — disse, abraçando-o. — A Maria está um pouco incomodada. Fomo-nos confessar esta manhã, e cansou-se.

— Felicito-a, tia Sofia — disse Nekludov beijando-lhe a mão. — Desculpe-me tê-la molhado!

— Depressa para o teu quarto! Estás um pintainho! Ai meu Deus! Que grandes bigodes!

— Katucha! Katucha!

— Depressa! Traz-lhe uma chávena de café!

— Imediatamente — respondeu do interior, uma conhecida e agradável voz.

O coração de Nekludov palpitou de alegria!

Era ela! Ainda lá estava! E por entre as nuvens rompeu alegremente o sol.

Nekludov dirigiu-se, seguido por Tikhon, para o quarto que já ocupara. Bem quisera interrogá-lo a respeito de Katuchia; como estava ela? O que é que fazia? Não estava por acaso noiva? Mas Tikhon era tão respeitoso e ao mesmo tempo tão digno, insistia tanto em encher-lhe de água a bacia, para se lavar, que Nekludov não ousou interrogá-lo sobre a rapariga, limitando-se a perguntar-lhe pelos netos, pelo cavalo velho e pelo Polkam, o cão de guarda.

Todos viviam e tinham saúde à exceção do Polkam, que enraivecera no verão transato.

Tinha tirado a roupa molhada e começava a vestir outra, quando ouviu passos rápidos e familiares no corredor; em seguida bateram à porta. Nekludov reconheceu os passos e a pancada na porta; só *ela* andava e só *ela* batia daquela maneira! Lançando aos ombros o seu casacão molhado disse:

— Entra!

Era ela, Katucha, sempre a mesma, mais bonita, mais encantadora que outrora. Os olhos negros, ligeiramente estrábicos, brilhavam ingenuamente e como outrora trazia o mesmo avental de alvura imaculada. Trazia-lhe de mando de suas tias, um sabonete perfumado, ao qual se acabara de arrancar o invólucro e duas toalhas, uma, muito comprida, de fino linho e outra mais áspera para o banho. E tudo, o sabonete intacto com a marca do fabricante, as toalhas e a própria Katucha, tudo era limpo, fresco, agradável e encantador. Um irreprimível sorriso de alegria fê-la agitar os lábios firmes.

— Bons dias, Dimitri Ivanovitch! Como tem passado? — murmurou esforçadamente e enrubescendo.

— Bons dias, Katucha; como estás? — respondeu, sentindo o rosto afoguesar-se-lhe.

— Graças a Deus, bem. Aqui tem o sabonete cor-de-rosa que prefere e as toalhas que lhe enviam as suas tias — disse, colocando o sabonete no lavatório e dependurando as toalhas nas costas de uma cadeira.

— Dimitri Ivanovitch trouxe tudo! — notou Tikhon, como se defendesse a independência do visitante, e apontando para o grande

estoujo de *toilette* com fechaduras de prata, que Nekludov abrira em cima da mesa e que continha uma profusão de frascos, escovas, perfumes e pós.

— Diz a minhas tias que lhe agradeço muito os seus cuidados. Como me sinto feliz em de novo estar aqui! — acrescentou Nekludov, sentindo-se penetrado de ternura e bondade como três anos antes.

Katucha respondeu com um sorriso e retirou-se.

O acolhimento com que Nekludov foi recebido por parte de suas tias que sempre o haviam adorado, foi ainda mais carinhoso que o habitual. Dimitri ia para a guerra, onde podia morrer ou ser ferido. E isto comovia as velhas senhoras.

Nekludov apenas tencionava demorar-se um dia, mas logo que tornou a ver Katucha resolveu passar o domingo de Páscoa junto dela e neste sentido telegrafou ao seu camarada Chembock, com quem ficara de encontrar-se em Odessa, pedindo-lhe que ali o viesse procurar.

A partir do primeiro momento em que voltou a ver Katucha, Nekludov sentiu o despertar de antigas impressões.

Agora, como então, não podia ver sem emoção o seu avental branco; não podia deixar de sentir prazer ouvindo o som da sua voz, ou do seu riso, ou ainda o ruído dos seus passos; não podia suportar, sem se sentir perturbado, o brilho dos seus olhos, negros como amoras; e mais que tudo não podia deixar de notar sem agitação, como ela corava quando se encontravam.

Sentia-se novamente apaixonado, mas não como três anos antes, quando esse amor era quase um mistério, quando a si próprio não ousava confessar que amava e quando estava convencido que

apenas se podia amar uma vez; agora sentia bem que estava apaixonado e disso se alegrava, porque sabia perfeitamente, ainda que se esforçasse por encobri-lo a si próprio, no que é que consistia esse amor e quais eram os seus resultados.

Em Nekludov como em todos os outros homens, a natureza era dupla: desdobrava-se em espiritual e animal. O ser espiritual não procurava a felicidade senão no que pudesse tender para a felicidade geral; o ser animal procurava apenas a sua própria felicidade e para isso estava sempre disposto a sacrificar o bem de toda a humanidade. No estado de loucura egoísta em que ele, nesta época da vida, se achava, o ser animal dominava-o, abafando por completo todas as manifestações do ser espiritual.

Mas quando viu Katucha e sentiu novamente despertar os antigos sentimentos por ela, o ser espiritual ergueu a cabeça reclamando os seus direitos. Começou então a debater-se numa luta íntima, inconsciente e incessante.

Sabia no íntimo da alma que o dever era partir; conhecia que prolongar a sua estada era um mal e que nada de bom poderia resultar! Mas sentia tanto prazer e felicidade que recusou ouvir a voz da consciência e ficou.

No sábado de tarde, véspera de Páscoa, segundo o uso, o padre, acompanhado pelo sacristão, veio benzer o pão; contou que lhes fora muito custoso atravessar em trenó as três verstas que separavam a igreja da propriedade, porque o degelo enchera os caminhos de pequenos pântanos. Nekludov assistiu a toda a cerimónia, bem como a criadagem, e durante ela não despegou os olhos de Katucha que ficara junto à porta, com o turíbulo nas mãos. Tendo trocado com o padre e suas tias os três beijos do costume,

preparava-se para se recolher, quando ouviu no corredor a voz de Matrena Palovna, a velha criada, dizendo que ia arranjar-se para assistir com Katucha à missa da meia-noite na igreja e à bênção dos pais.

«Também vou!», disse consigo Nekludov.

O caminho para a igreja estava intransitável, quer para trens quer para carros, não havendo senão o recurso do velho cavalo. Nekludov mandou-o selar, vestiu o brilhante uniforme de oficial e lançando aos ombros o capote de serviço, montou o idoso animal, excessivamente alimentado, que rinchava constantemente, e através da escuridão, sobre a neve e sobre a lama, dirigiu-se para a igreja da aldeia.

IV

Nekludov devia conservar no decorrer de toda a vida, como uma das mais doces e impressionantes recordações, essa missa da meia noite.

A cerimónia havia já começado quando, depois de ter longamente caminhado através da escuridão, em que só se destacava aqui e ali a alvura da neve, chegou ao adro da igreja.

Os mujiques depressa o reconheceram como o sobrinho de Maria Ivanovna, apressando-se em guiar-lhe o cavalo para sítio seco onde pudesse desmontar e encaminhando-o para a igreja já cheia de gente.

À direita reuniam-se os homens; velhos vestindo roupas de confeção caseira, com as pernas envoltas em longas teias de branco linho, e moços trajando fatos domingueiros, vistosas faixas ao redor da cintura, e botas de canos altos.

À esquerda amontoavam-se as mulheres; as novas com lenços de seda na cabeça, corpos de veludilho escuro com mangas vermelhas das camisas, saias de cores vivas, verdes, azuis e vermelhas, e calçando fortes botas de couro; as velhas, mais modestas, conservavam-se atrás, a cabeça envolvida num lenço branco, usando antigos vestidos e casacos.

Num intervalo entre estas e as raparigas novas, estavam as crianças com trajes festivos e cabelo muito luzidio.

Os homens persignavam-se, curvando e erguendo a cabeça; as mulheres, as velhas sobretudo, olhavam fixamente para a imagem rodeada de velas, e benziavam-se, apoiando alternativamente e firmemente os dedos dobrados, na testa, nos ombros e no ventre, murmurando incessantes orações. As crianças, imitando os grandes, oravam ardentemente, e muito mais quando se sentiam observadas pelos pais. O santuário ladeado por altos círios envoltos em espirais doiradas, resplandecia, e o próprio lustre estava igualmente guarnecido com velas. Do coro elevavam-se os alegres cânticos de um orfeão de amadores, em que os graves dos sonoros baixos se casavam com os sopranos agudos das crianças.

Nekludov entrou no corpo da igreja. No centro estava reunida a aristocracia: um proprietário com a esposa e filho, este vestido de marinheiro, o chefe da polícia, o telegrafista, um negociante com botas de cano e o *starosta*, que ostentava no peito uma medalha. Ao lado do púlpito, por detrás da esposa do proprietário, Matrena

Palovna com vestido lilás e chale às riscas, dava a direita a Katucha. Esta vestia de branco; um simples corpete às pregas prendia-se-lhe em redor das ancas, por meio de um cinto azul. Nos cabelos trazia um laço escarlata.

Tudo tinha um aspeto festivo, solene, alegre e belo; o padre com vestes bordadas a prata e cruz de ouro; o diácono e o sacristão com estolas igualmente bordadas; o incessante coro dos amadores, cujos cabelos muito oleosos brilhavam no coro; as contínuas bênçãos do padre, erguendo um círio adornado com flores e repetindo acompanhado pela assistência: «Cristo ressuscitou! Cristo ressuscitou!» Tudo isto era belo, mas ainda mais bela estava Katucha, com o simples vestido branco de cinto azul e laço vermelho nos cabelos, o olhar extático.

Nekludov pressentiu que ela sem se voltar adivinhara a sua presença. Dirigindo-se ao altar, passou-lhe junto e ainda que não tivesse nada que dizer-lhe, inventou-o e em voz baixa murmurou:

— Minha tia disse-me que só ceariamos depois da última missa.

O sangue afluíu e espalhou-se no rosto de Katucha; os olhos, negros, sorridentes e felizes, fixaram-se ingenuamente em Nekludov.

— Sim, já sabia — respondeu.

Nesta ocasião o sacristão, que principiava a colheita das esmolas não vendo Katucha roçou-a com a estola. Por deferência com Nekludov afastara-se dele para o não molestar e tocara levemente em Katucha. Nekludov, porém, ficara estupefacto, de como ele, um sacristão, não compreendia que tudo o que se estava fazendo na igreja, tudo o que se fazia no mundo, era apenas por Katucha e que tudo podia passar despercebido, exceto ela, que era o

centro de todo o universo. Por ela brilhava o ouro das imagens, por ela ardiavam todas aquelas velas e círios e os cânticos que se ouviam: «regozijai-vos, homens, é a Páscoa do Senhor!» eram ainda por ela.

Tudo, tudo o que era belo no mundo era-o por ela e para

ela. E parecia-lhe que Katucha reconhecia isto mesmo, a avaliar pela alegre e extática expressão do rosto, que lhe dizia vibrarem na sua alma as mesmas cordas que na dele.

No intervalo entre as missas, Nekludov saiu da igreja. Afastaram-se para o deixar passar e saudavam-no. Uns reconheciam-no enquanto outros inquiriam: «Quem é?»

Deteve-se nos degraus: os pobres cercaram-no clamando, e só depois de distribuir o cobre que levava, pôde descer.

Amanhecia já, mas o sol ainda não aparecera.

A multidão saía da igreja e agrupava-se pelo adro, mas Katucha não acabava de aparecer, o que o obrigou a retroceder, para aguardá-la.

A igreja continuava a despejar gente que fazia ecoar o lajedo com os pregos das botas, dispersando-se no adro.

Um velho de cabeça trémula, um antigo cozinheiro de Maria Ivanovna, deteve Nekludov, abraçou-o e beijou-o fraternalmente; a mulher, uma velhinha toda enrugada, presenteou-o com um ovo pintado de amarelo. Um sorridente, jovem e musculoso mujique, vestindo blusa nova e cinto verde, que os acompanhava, aproximou-se.

— Cristo ressuscitou! — disse, com olhar sorridente; e passando os braços em redor do pescoço de Nekludov, beijou-o três vezes em cheio nos lábios, roçando-lhe nas faces com a pequenita barba encaracolada e impregnando-o do peculiar e agradável cheiro do mujique.

Depois de se ter deixado abraçar pelo mujique e quando este ainda o presenteava com um ovo pintado de cor de canela,

Nekludov viu sair da igreja Matrena Palovna, seguida pela pequenita cabeça negra, com o laço escarlate.

Katucha viu-o também por entre a turba que os separava e, de novo, o rubor lhe subiu à face.

Detiveram-se no limiar da igreja distribuindo esmolas aos pobres. Um destes, um desgraçado que em lugar de nariz tinha uma grande chaga, aproximou-se de Katucha.

Ela, tirando da algibeira qualquer coisa, deu-lha: em seguida chamando-o a si e sem o menor sinal de repulsão, antes com estranho fulgor nos olhos, beijou-o três vezes. E enquanto abraçava o mendigo, os seus olhos encontraram-se com os de Nekludov como se lhe perguntassem: «Ando bem procedendo assim?»

— Sim, querida, é esse o bem, é isso o belo. Amo-te.

Por fim desceram a escadaria e Nekludov caminhou ao seu encontro. Não tencionava cumprimentá-las com a saudação da festa, mas queria estar perto de Katucha.

Matrena Palovna, porém, com um aceno, de cabeça e entoação que implicava uma igualdade geral naquele dia, disse-lhe:

— Cristo ressuscitou!

Em seguida limpou cuidadosamente os lábios com o lenço e estendeu-lhos.

— Em verdade ressuscitou! — respondeu Nekludov, abraçando-a.

Olhou depois para Katucha; esta novamente enrubesceu e caminhou para ele.

— Cristo ressuscitou, Dimitri Ivanovitch.

— Em verdade ressuscitou! — disse.

Abraçaram-se e beijaram-se, parando à segunda vez, como que a perguntar se deveriam continuar; decidindo pela afirmativa abraçaram-se e beijaram-se uma terceira vez e separaram-se sorrindo.

— Vão ainda a casa do pároco? — perguntou Nekludov.

— Não, Dimitri Ivanovitch, vamos apenas descansar um pouco, aqui — disse Katucha falando com visível esforço, o seio arfando agitado e fitando-o com tímidos, inocentes e ternos olhares.

No amor entre o homem e a mulher existe sempre um momento em que esse amor atinge a sua mais elevada expressão, perdendo todo o caráter sensual, desprezando a reflexão, tomando-se inconsciente e irrefletido.

É a pura união de dois seres num só.

Esse momento conhecera-o Nekludov naquela madrugada de Páscoa. Sentado agora no gabinete dos jurados e tentando recordar todas as circunstâncias em que conhecera Katucha, esse instante erguia-se dentro de si e velava tudo o mais: via-a com a cabecita cuidadosamente penteada, o laço escarlate no alto a envolver-lhe o busto delicado e os peitos ainda mal formados, o corpete branco, às pregas; e nos olhos brilhantes, ligeiramente estrábicos, nas faces rosadas, em todo o seu conjunto, via essa clara expressão de profundo, puro e inocente amor, não só por ele Nekludov, conto por tudo que era belo no mundo e ainda por todo o existente, mesmo por aquele mendigo a quem beijara. Fora este amor que sentira nela e que inconscientemente também partilhara, fundindo-os num só ser.

Ah! Se tudo tivesse terminado naquela noite!

«Sim, tudo que entre nós houve de terrível ainda não tinha acontecido até àquela noite de Páscoa!», pensava, sentado à janela do gabinete dos jurados.

V

Ao regressar da igreja, Nekludov ceou em companhia de suas tias e seguindo o hábito contraído no regimento, bebeu vários copos de vinho e alguns de aguardente. Retirando-se para o quarto que ocupava, estendeu-se na cama sem se despir e adormeceu logo. Só despertou quando ouviu bater na porta. Reconheceu o modo de bater; era ela. Desceu do leito esfregando os olhos e estirando os braços.

— És tu, Katucha? Entra! — disse.

— O almoço está na mesa — disse ela entreabrindo a porta.

Vestia ainda o mesmo corpete branco, mas sem o laço nos cabelos.

Fitava-o sorridentemente, como se lhe houvesse comunicado alegres novas.

— Já lá vou — respondeu, penteando-se.

Então, durante um minuto, ela deixou-se estar, sem dizer nada; Nekludov, abandonando o pente, deu um passo para ela, que no mesmo instante retrocedeu e caminhou pelo corredor fora com ligeiros passos.

«Que tolo fui em não a ter agarrado!», pensou Nekludov.

O que queria não o sabia bem, mas permanecia com a impressão de que quando ela entrara no quarto deveria ter procedido como todos, em semelhante situação, procedem.

— Espera, Katucha! — disse-lhe.

— Que quer? — perguntou ela abrandando o passo.

— Nada, apenas... — e fazendo um esforço sobre si próprio, lembrando-se como procedem os homens do seu meio em tais ocasiões, passou-lhe o braço em redor da cintura.

Katucha deteve-se e fitou-o nos olhos.

— Não, Dimitri Ivanovitch, isso não — disse, enrubescendo e com lágrimas na voz, enquanto com a pequena e robusta mão afastava o braço que a apertava.

Nekludov largou-a, sentindo-se não só confuso e envergonhado, mas até enojado de si próprio.

Era este um desses momentos em que apenas devia crer na voz íntima; não compreendeu que a confusão e a vergonha que sentia eram causadas pelos melhores sentimentos da sua alma, reclamando liberdade; imaginou diferentemente que era apenas parvoíce tímida e que era obrigação portar-se como toda a gente e como homem.

De novo cingiu-lhe a cintura e beijou-a no pescoço.

Fora porém, um beijo muito diferente dos que precedentemente lhe dera: daquele primeiro e inocente beijo furtado atrás do maciço de salgueiros e dos que ainda naquela manhã trocara com ela. Este levava em si uma significação terrível e que ela bem adivinhara.

— Que faz? — exclamou fugindo, atemorizada, como se se houvesse despedaçado qualquer coisa de inapreciável valor.

Nekludov dirigiu-se para a sala de jantar.

Sentados à mesa, já ali se achavam, além de suas tias que vestiam *toilettes* novas, o médico da família e outra senhora das vizinhanças.

Tudo decorreu como de costume; só na alma de Nekludov amontoava-se uma tempestade. Não dava atenção a nada do que lhe diziam, respondia desastradamente e não pensava senão em Katucha, estremecendo quando recordava a sensação do beijo que lhe furtara. Quando da entrou na sala, sem erguer os olhos, sentiu-lhe a presença e teve de se dominar a fim de a não fitar.

Acabado o almoço retirou-se logo para o quarto, onde caminhando para trás e para a frente, fortemente excitado, escutara todos os ruídos da casa na esperança de ouvir o andar de Katucha. O ser animal que até aí vivia adormecido nele não só despertara, mas conseguira dominar o espiritual e leal Nekludov, que durante a primeira visita e ainda mesmo na manhã desse dia ele fora. Agora, apenas o governavam as exigências animais.

Não pôde, porém, uma única vez encontrá-la só durante o dia apesar dessa espionagem. Com certeza procurava evitá-lo. À tarde, contudo, ela não pôde deixar de ir ao quarto próximo de Nekludov, porque o médico, cedendo às instâncias das duas senhoras, resolvera passar a noite e fora necessário preparar-lhe a cama. Ouvindo-a entrar. Nekludov seguiu-a, caminhando sem ruído e retendo a respiração, como que preparando-se para cometer um crime.

Katucha, com as mãos no interior de uma fronha do travesseiro, preparava-se para enfronhá-lo quando ouviu a porta abrir-se. Voltou-se e sorriu; não era porém o sorriso alegre e feliz do

costume; era antes um sorriso assustado e implorador. Nekludov compreendeu-o; era como se lhe dissesse que o que ele ia fazer era mal proceder, e momentaneamente hesitou.

Ia talvez recomeçar a luta entre a sua dupla individualidade. A voz do verdadeiro amor que sentira por ela, falou mais uma vez, ainda que francamente, lembrando-a, com os seus sentimentos, com a sua vida. Mas outra voz dizia-lhe: «Cuidado! Vê que deixas escapar a ocasião de seres feliz e de gozares!» E esta abafava totalmente a primeira.

Resolutamente dirigiu-se-lhe, apenas dominado por uma sensação irresistível e bestial.

Cingiu-a pela cintura num abraço nervoso e sentando-se na extremidade do leito forçou-a a sentar-se.

— Dimitri Ivanovitch, por favor, deixe-me! — implorou em voz suplicante. — Ah! Matrena Palovna, que vem aí! — exclamou, fugindo-lhe bruscamente.

Efetivamente dirigia-se alguém para ali.

— Ouve! Espera por mim à noite — murmurou Nekludov. — Estarás só?

— Que diz? Não, não pense nisso! — dizia apenas com os lábios: toda a confusão trémula do seu ser dizia coisa muito diferente.

Matrena Palovna entrou. Trazia nos braços um cobertor e, com olhar de censura para Nekludov, ralhou a Katucha por haver trazido o cobertor antigo.

Nekludov deu-se pressa em sair sem experimentar vergonha alguma. Bem reparara no olhar de Matrena Palovna e compreendera a censura que ele envolvia e de que se achava merecedor; mas o

instinto bestial que substituíra o seu antigo amor dominava-o por completo e, sabendo que procedia mal, não pensava senão nos meios de o satisfazer.

Vagueou durante todo o resto da tarde, como que dementado, dos seus aposentos para os de suas tias e daqui para o pátio. O pensamento fixo era encontrar Katucha só, mas esta evitava-o e Matrena Palovna não a perdia de vista.

VI

Assim acabou a tarde e fez-se noite. O médico deitara-se e as tias de Nekludov haviam-se retirado igualmente para os seus quartos; Matrena Palovna ajudava a preparar-lhes a *toilette* noturna. Nekludov sabia isto e deduziu Katucha devia achar-se só no quarto.

Saiu para a escadaria exterior. Estava uma noite escura, húmida e quente; a atmosfera enchera-se do nevoeiro branco que na primavera é produzido pelo degelo. Do riacho que corria a cem passos da casa subia um estranho ruído: era o gelo que estalava. Nekludov desceu e patinhando na lama formada pela neve derretida, encaminhou-se para a janela do quarto.

Palpitava-lhe tão fortemente no peito o coração que ouvia-lhe as pulsações e ora sustinha, ora exalava fortemente a respiração. Do interior do quarto vinha o fraco clarão de uma pequena lâmpada. Katucha estava só, sentada junto à mesa, os olhos fixos no vácuo, pensativamente. Nekludov permaneceu muito tempo observando-a, desejoso de saber o que ela fazia não supondo que a vigiassem.

Durante um ou dois minutos conservou a mesma posição; moveu em seguida os olhos, sorriu meneando a cabeça, como que falando a si própria e pondo as mãos sobre a mesa recomeçou a olhar em frente.

Contrariado, escutando as palpitações do coração, e o estranho ruído vindo do riacho, Nekludov ficara considerando.

No rio, por entre o nevoeiro, continuava um incessante trabalho: vinham sons soluçantes de qualquer coisa que estalando e desabando até ser esmigalhada, se fundia em pedaços de neve, quebrando-se uns contra os outros como vidros.

Assim permaneceu diante da janela, adivinhando na sofredora e pensativa face de Katucha os sinais de uma luta íntima e apiedando-se dela; estranho caso, essa piedade apenas aumentava o desejo de a possuir.

O desejo físico apoderara-se completamente dele.

Bateu na janela.

Agitou-a um estremecimento geral como que produzido por um choque elétrico e nas suas feições desenhou-se manifesta expressão de terror.

Levantou-se sobressaltada e, dirigindo-se à janela, juntou a face aos vidros. Resguardando a vista com as mãos reconheceu Nekludov e, à expressão atemorizada, juntou-se uma gravidade que nunca ainda lhe vira. Retribuiu-lhe o sorriso unicamente por submissão e Nekludov compreendeu que naquela alma reinava apenas o terror.

Pediu-lhe por sinais que viesse para junto dele.

Respondeu com a cabeça negativamente e permaneceu junto da janela. Ele então aproximou o rosto da vidraça na intenção de a

chamar em voz alta; nesta ocasião, porém, ela retirou-se aproximando-se de uma porta interior. Alguém a chamara de dentro.

Nekludov afastou-se.

O nevoeiro tornara-se tão denso que à distância de cinco passos já não se via a casa nem as janelas e apenas se distinguia uma enorme massa sombria donde nascia o clarão vermelho da lâmpada.

No rio, o gelo continuava estalando, tinindo, quebrando, soluçando.

Não muito longe, através do nevoeiro, cantou um galo; respondeu-lhe outro no pátio e mais longe, na aldeia, ainda outros acordaram-se alternadamente, acabando por fundir-se num só canto; em redor, o silêncio era completo. Só o riacho continuava nos seus ruídos.

Depois de andar de um lado para o outro, em frente da casa, uma ou outra vez enterrando os pés nas poças de água, Nekludov tornou a aproximar-se da janela. A luz da lâmpada ajudou-o a distinguir Katucha, outra vez sentada junto à mesa.

Ainda mal havia chegado à janela quando ela olhou para ali.

Bateu. Sem verificar quem batia, viu-a erguer-se e sair do quarto: a porta rangeu, abrindo-se e fechando-se em seguida. Correu a esperá-la à porta da escadaria e, sem uma palavra, apertou-a nos seus braços. Ela correspondeu-lhe e, erguendo a cabeça, procurou-lhe nos lábios um beijo.

Conservaram-se assim num ponto seco de um dos ângulos da casa; atormentava-o a impossibilidade de a possuir.

De repente rangeu uma porta e Matrena Palovna chamou em voz irritada: *Katucha!*

Arrancou-se dos braços dele e correu para o interior. Nekludov ouviu correr um ferrolho e em seguida reinou profundo silêncio. Por sua vez apagou-se a lâmpada que até aí alumiará frouxamente o pátio; cá fora havia apenas nevoeiro e o ruído vindo do regato.

Aproximou-se outra vez da janela, espreitou, mas não conseguiu ver nada; bateu: não teve resposta.

Entrou em casa pela porta da frente e em seguida no seu quarto, mas não pôde adormecer.

Pouco depois saiu para o corredor, descalço, e encaminhou-se para o quarto de Katucha. Junto a este ficava o de Matrena Palovna cujos roncos sonoros, ao passar, ouviu. Naquele momento, porém, Matrena tossiu e voltou-se no leito que rangeu. Durante minutos Nekludov permaneceu imóvel, ouvindo o pulsar do coração.

Quando de novo ouviu o roncar sonoro da velha, continuou a andar fazendo todo o possível para não obrigar o soalho a estalar. Achava-se à porta do quarto de Katucha, enfim!

De dentro não vinha nenhum ruído, nem o respirar de pessoa adormecida: evidentemente estava acordada.

Mal havia murmurado um *Katucha!* brandíssimo, já ela se encostara à porta tentando persuadi-lo, zangadamente, a ir-se embora.

— Mas o que está a fazer? O que quer? Repare que as suas tias acordam! — diziam os lábios enquanto todo o seu ser exprimia: «Sou tua».

E foi o que Nekludov compreendeu.

— Abre apenas por um momento! Imploro-te! — pediu sem pensar nas palavras que dizia.

Fez-se um silêncio: ouviu-se depois a sua mão a procurar às escuras a aldrava da porta. Por fim esta correu e Nekludov entrou no quarto dela. Ergueu-a nos braços como a encontrou: braços nus, vestindo apenas uma grosseira camisa, e levou-a consigo.

— Que faz? — murmurava ela.

Ele, porém, não lhe respondendo, apertava-a de encontro ao peito.

— Oh, não, não! Deixe-me! — dizia Katucha, ainda que a chegar-se mais a ele.

Quando a deixou, tremente e pálida, não respondendo às perguntas que lhe dirigia, de novo saiu para o exterior da casa, tentando compreender o sentido íntimo do que acabava de acontecer.

A noite estava mais clara: ao longe aumentara o ruído do gelo tinindo e estilhaçando-se, a que se juntava agora o murmúrio da água.

Começava a dissipar o nevoeiro e por entre ele, aparecia vagamente no firmamento o crescente da lua.

«O que me aconteceu afinal? Experimentei realmente uma grande felicidade ou uma grande desdita?», interrogava-se Nekludov. «Ora! É isto o que sucede a todos e o que todos fazem», continuava discorrendo, enquanto se dirigia para o quarto.

Aí chegado, deitou-se tranquilo e adormeceu.

VII

No dia seguinte, Domingo de Páscoa, Chembok, o camarada de Nekludov, apresentou-se na residência e depressa captou as simpatias das tias de Nekludov, que viram nele um brilhante, belo e alegre oficial, delicadíssimo, eloquente e juntando a uma extrema liberalidade, uma afeição ilimitada por Dimitri.

Ainda, porém, que lhes fosse muito agradável, as duas senhoras não puderam deixar de estranhar a generosidade com que Chembok distribuía dinheiro. A um cego que lhe pediu esmola deu um rublo, pelos criados que assistiram à chegada distribuiu quinze rublos de gorjetas e quando o cãozito de Sofia Ivanovna feriu uma pata, elas espantadas, viram-no despedaçar um lenço de seda bordado (que pelo menos lhe custara 15 rublos, dissera mais tarde Sofia), para com ele ligar o membro ferido do animal.

As boas senhoras confessaram nunca tal ter visto, na sua vida; o que porém ignoravam é que Chembok devia mais de duzentos mil rublos que nunca tencionava pagar e que, por consequência, vinte e cinco rublos a mais ou a menos não lhe faziam diferença alguma. Chembok apenas podia demorar-se aquele dia e ao anoitecer devia partir com Nekludov. Acabara-se-lhes a licença e era impossível prolongá-la por mais tempo.

Durante este último dia, enquanto na sua memória ainda estava fresca a recordação da noite anterior, dois sentimentos se agitaram e lutaram na alma de Nekludov.

Um, evocando-lhe o prazer sensual experimentado, que de resto fora bem inferior ao que esperava, enchia-o de orgulho por tão

facilmente haver atingido o seu fim; o outro traduzia-se na consciência de ter praticado uma grande leviandade que necessitava ser reparada, não no interesse de Katucha, mas no que lhe dizia respeito.

É que o estado de loucura egoísta em que se encontrava, não o deixava pensar senão na sua pessoa. Preocupava-o a ideia que fariam dele quando fosse conhecido o seu procedimento com Katucha; porém, o que a esta podia acontecer, nem nisso pensava.

A perspicaz opinião de Chembok que lhe adivinhara as relações, lisonjeava-o em extremo.

— Sim, senhor. Percebo agora esta repentina afeição por tuas tias — dissera-lhe aquele, logo que viu Katucha. — Palavra que teria pedido mais licença, no teu lugar! É encantadora!

E, penoso como era o separar-se dela sem estar perfeitamente saciado, o dever de partir tinha, porém, uma enorme vantagem. É que rompia de vez com relações que no futuro seriam difíceis de sustentar. Pensava em terminá-las condignamente e para isso seria necessário dar-lhe algum dinheiro, não porque ela o necessitasse, mas porque se consideraria desonrado se, tendo-se utilizado dela, não a remunerasse.

Calculou uma quantia em proporção com as respectivas posições, que lhe pareceu ser uma paga generosa, e em seguida ao jantar esperou-a no corredor.

Ela, ao vê-lo, envergonhou-se e tentou retirar-se, chamando-lhe a atenção para a porta do quarto de Matrena que estava aberta: Nekludov, porém, reteve-a.

— Queria despedir-me de ti — disse lhe, procurando passar-lhe para as mãos um envelope contendo uma nota de cem rublos. —

Aqui tens...

Ela adivinhou o que ele ia dizer; olhou para o envelope, franziu as sobrancelhas acenando com a cabeça e repeliu-lhe as mãos.

— Então! Porque não? — gaguejou ele, pondo-lhe o envelope na abertura do vestido.

Refugiando-se em seguida no quarto, as sobrancelhas franzidas e a suspirar como se o houvessem ferido, por muito tempo passou de um para o outro lado, com a tortura daquela cena a sangrar-lhe no coração.

«Mas que deveria eu então fazer? Não é desta maneira que procede toda a gente? O que é que fez Chembok à governanta, como ainda agora me contou? E o tio Giska? E meu próprio pai, de quem ainda vive na aldeia um filho natural? Então se todos procedem assim, o que se lhe há de fazer?»

Estas razões não conseguiam restituir-lhe a paz de espírito, e a recordação da entrevista com Katucha queimava-lhe a consciência. Intimamente, no recanto mais escondido do coração, sentia que procedera de forma tão vil, tão baixa e tão cruel que de futuro perdera o direito, não só de criticar alguém, mas até de poder olhar para o seu semelhante, rosto a rosto, e de continuar como até aí a considerar-se nobre, honrado e generoso. Sem estes direitos, porém, a vida tornava-se-lhe impossível. Forçoso era achar uma solução para o dilema. A nova existência em que se lançou, novos amigos, a guerra e as viagens forneceram-lha: não se pensava nisso, que o tempo não sobejava para tais vagares. E meses decorridos veio o esquecimento.

No regresso da guerra, passando novamente por aquela residência confrangera-se-lhe dolorosamente o coração, quando

soube que Katucha abandonara a casa, pouco tempo depois de ele se haver reunido ao regimento e que correram boatos de ela haver dado à luz uma criança. Confrontando datas, a criança podia muito bem ser dele; verdade é que também podia não ser. As duas senhoras contaram-lhe mais, que Katucha já não era a mesma; antes de as deixar pervertera-se, diziam, e herdara os vícios e a ruindade da mãe.

Nekludov agradou-lhe ouvir formular este juízo, pois que ajudava-o a justificar-se e a absolver-se. Teve em princípio a ideia de procurar mãe e filho, mas depressa renunciara a ela; a recordação do seu procedimento continuava a envergonhá-lo e a magoá-lo: e de novo voltou a procurar tranquilidade no esquecimento.

E eis que uma estranha coincidência lhe despertava novamente a memória e a forçava a reconhecer conscientemente o egoísmo, a crueldade e a baixeza que lhe permitiram durante nove anos viver tranquilo com tal crime no coração! Porém o momento da confissão franca e consciente da sua indignidade ainda vinha longe; por agora pensava apenas em evitar ser descoberto dando lugar a que Katucha ou o advogado, revelando a verdade, o apontassem a todos tal como ele era.

Capítulo 6

I

Era esta a disposição de espírito em que se achava Nekludov enquanto aguardava no gabinete dos jurados, a reabertura da audiência. Sentado junto da janela, escutava o barulho produzido pelos colegas conversando, e fumava cigarros uns após outros. O alegre negociante mostrava-se ardente partidário da maneira de gozar do seu defunto confrade Smielkov, que evidentemente lhe captara as simpatias.

— Ah! Ah! Divertia-se ricamente o velhaco! Siberiano a valer! E nada tolo! Que bom bocado soube arranjar!

O presidente, expressava a convicção que só os pareceres dos peritos poderiam servir de base convincente e Pedro Gerassimovich gracejava com o caixeiro judeu, rindo ambos às gargalhadas.

Quando o oficial, de andar saltitante, entrou no gabinete chamando os jurados, Nekludov sentiu-se aterrorizado, como se fosse ser julgado em vez de ir julgar. Agora mais que nunca reconhecia intimamente quanto era miserável e indigno de levantar o olhar para quem quer que fosse; contudo, tal era a força do hábito, subiu para o estrado e com o mesmo passo firme dirigiu-se para o lugar que ocupara na primeira fila, perto do juiz presidente, sentou-se, cruzou as pernas e tranquilamente começou a brincar com a luneta.

Os réus, que haviam também saído da sala, entravam novamente. No estrado estavam algumas caras novas. Eram testemunhas. Nekludov pôde ver que Katucha olhava frequentemente para uma *senhora* excessivamente nutrida e vestindo sumptuosamente sedas e veludos, com um enorme chapéu preso por fitas desmedidas. Sentava-se na fila da frente e sustentava no braço uma elegante bolsinha.

Era — Nekludov soube-o logo — a patroa da última casa onde a Maslova *trabalhava*. A inquirição começou sem demora.

Interrogadas as testemunhas sobre nomes, religião, etc., passou-se ao juramento, que era facultativo, e o velho padre, arrastando custosamente as pernas, de novo apareceu no estrado. E, não cessando de mexer na cruz que trazia ao peito, deu-lhes juramento e aos peritos, com a serenidade e a consciência de cumprir um dever grave e útil.

Finda esta cerimónia, o presidente mandou sair todas as testemunhas, com exceção de *Madame* Kitaiev, proprietária da casa de toleradas. Convidada a dizer o que sabia sobre o caso do envenenamento, ela, com um sorriso afetado e acenando a cada frase com a cabeça coroada pelo enorme chapéu, expôs minuciosa e metodicamente o que sabia.

Falando com pronunciado acento alemão, contou como Smielkov viera uma primeira vez a sua casa e, saindo, voltara novamente um pouco *animado* — disse com um sorriso; pedindo de beber, quis que todas as raparigas bebessem com ele e, encontrando-se sem dinheiro, mandara buscá-lo ao hotel onde se hospedara, pela Lubka, a sua *preferida* — acrescentou sorrindo novamente, e olhando para a detida.

Nekludov julgou ver que Maslova sorrira quando ouviu aquelas palavras; isto causou-lhe uma sensação de enfado. Era um singular misto de repulsão e sofrimento que o invadia.

— A testemunha poder-nos-á dizer que opinião formava de Maslova? — perguntou o advogado desta, nomeado ex-ofício, e que pretendendo entrar para a magistratura tivera de aceitar o encargo.

— A melhor possível! — respondeu *madame* Kitaiev. — É uma excelente rapariga, bem-educada numa família nobre, elegante, e de bons modos. Sabe inclusive o francês! De vez em quando bebia de mais, mas nunca se desmanchava! É uma excelente rapariga!

Katucha olhava para *madame* Kitaiev: de repente, passou a fixar os jurados e Nekludov, de preferência, enquanto o rosto se lhe tornava mais grave, quase severo. Por muito tempo o estranho olhar das pupilas negras dardejou sobre Nekludov, que, contrariado, não podia desviar a vista. Lembrava-se da noite decisiva, do estilhaçar do gelo no regato, do nevoeiro e da lua chanfrada, que de madrugada viera alumiar uma sombria e terrível realidade.

As pupilas negras fixadas nele, relembavam-lhe essa sombria e terrível realidade.

«Reconheceu-me!», pensava. E estremecia, como que esperando a condenação.

Mas não, ainda desta vez não o reconhecera.

Apenas suspirou, olhando para o presidente.

E Nekludov também suspirou. «Ah!», murmurou, «ao menos se isto caminhasse mais rapidamente!»

Sentia a mesma impressão de piedade e desgosto a que não se podia furtar quando, caçando, tinha de acabar de matar a ave mal

ferida: ela debatia-se na bolsa da caça; e incomodado, hesitava, lastimando-a, mas desejando ao mesmo tempo vê-la morta de vez.

Tais eram os sentimentos que durante o depoimento das testemunhas enchiam a alma de Nekludov.

II

O processo, porém, arrastava-se lentamente. Depois do perito e de cada uma das testemunhas ter sido interrogada, depois de segundo o hábito, o agente do Ministério Público e os advogados, lhes haver dirigido, com o costumado ar de importância, um sem número de perguntas inúteis, os jurados foram convidados a ir examinar o corpo de delito, consistindo em uma dúzia de frascos, um tubo de ensaio, que servira para análise do veneno e um grande anel de brilhantes, grande que deveria ter sido usado num indicador de grossura não vulgar.

Tudo isto estava selado e etiquetado.

Quando os jurados se levantaram e preparavam para examinar todos aqueles objetos, o delegado, endireitando-se, pediu que primeiramente se procedesse à leitura dos resultados da autópsia praticada no cadáver de Smielkov.

Posto que o juiz presidente, com interesse em ir ter com a governanta suíça, tivesse apressado a audiência tanto quanto lhe fora possível, e sabendo que a leitura pedida pelo delegado apenas podia produzir o efeito de enfadar toda a gente, não lhe era possível

opor-se-lhe porque também sabia que o delegado usava de um direito consciente. Ordenou-a pois.

O escrivão, em voz lúgubre e sem fazer distinção entre os «r» e os «l» começou:

Resulta do exame exterior do cadáver:

1º. Que Ferapont Smielkov media 1,90 metros de altura.

(«Nada mau! Bela estatura!», segredou o negociante a Nekludov).

2º. Que aparentava ter 40 anos de idade;

3º. Que na ocasião da autópsia o cadáver estava muito inchado;

4º. Que a cor dos tecidos era esverdeada, com manchas negras em diferentes sítios;

5º. Que a epiderme estava levantada em toda a superfície e arrancada em vários pontos;

6º. Que o cabelo, cor de castanho-escuro e muito espesso, despegava-se ao menor contacto;

7º. Que os olhos saíam das órbitas e que a córnea estava embaciada;

8º. Que das narinas, dos ouvidos e da boca entreaberta escorria um líquido seroso e fétido;

9º. Que devido à tumefação geral do corpo, este quase que não tinha pescoço, etc., etc....

E em mais dezoito parágrafos escritos em quatro páginas de papel, continuava neste tom a descrição externa do enorme, inchado e decomposto corpo do alegre Smielkov, que aproveitara a estada na cidade para se divertir até fartar.

O invencível e repugnante sentimento de que sofria Nekludov aumentara com essa leitura.

A vida de Katucha, o líquido escorrendo das narinas do defunto, os olhos saindo-lhe das órbitas, o seu anterior procedimento para com ela, tudo lhe parecia um conjunto ignóbil e repugnante.

Quando findou a leitura do exame externo, o presidente suspirou em sinal de alívio e ergueu a cabeça; mas baixou-a de novo ouvindo o escrivão começar a leitura do exame interno. O negociante, sentado junto de Nekludov, fazia esforços heroicos para se furtar ao sono, mas de vez em quando baixava a cabeça e oscilava com o corpo; os réus e soldados que os guardavam, conservaram-se imóveis por sonolência.

Resultava do exame interno:

1º. Que a pele envoltória do crânio estava desligada dos ossos sem que houvesse sinais de hemorragia;

2º. Que os ossos do crânio estavam intactos e eram de dimensões normais;

3º. Que na membrana cerebral notavam-se duas pequenas manchas, medindo quatro polegadas, etc., etc..., e seguia neste tom durante mais treze parágrafos.

Seguiam-se os nomes das testemunhas que tinham assistido à autópsia e por último o relatório médico declarando que, a avaliar pelas perturbações produzidas no estômago, intestinos e rins do negociante Smielkov, podia-se inferir, segundo todas as probabilidades, que a morte fora produzida pela absorção de um veneno de difícil reconhecimento, diluído no álcool que em grande quantidade lhe fora encontrado no estômago.

— Carregava-lhe bem! — segredou de novo o negociante que, de repente, despertara.

A leitura destes relatórios durara quase uma hora e ainda não satisfizera o delegado quando o presidente, voltando-se, lhe perguntou:

— Suponho que é inútil a leitura da análise das vísceras?

— Desejava que se fizesse! — respondeu severamente e sem o fitar.

Transparecia-lhe na entoação da voz o direito que tinha em exigir a leitura completa: e, erguendo-se impercetivelmente, como que dava a entender que nada o obrigaria a renunciar a esse direito, cuja recusa seria um motivo de apelação.

O magistrado das suíças compridas, incomodado de novo pelo catarro estomacal, não pôde deixar de dizer ao presidente:

— Mas de que serve ler tudo isso? É apenas para roubar-nos tempo!

O outro das lunetas de ouro, calava se, olhando tristemente na sua frente, como quem não esperara nada de bom nem da mulher, nem da vida em geral.

«No dia 15 de dezembro de 18... os abaixo assinados, em virtude do mandado do juiz presidente de... » — começara a ler o escrivão, elevando a voz para dominar a sonolência que se apoderara de todos — «e na presença do ajudante da Inspeção Médica, procedemos à análise das vísceras, abaixo designadas:

1º. O pulmão direito e o coração (encerrados num boião de vidro de grandes dimensões);

2º. O conteúdo do estômago (encerrado num boião semelhante ao outro);

3º. O estômago (igualmente noutra boião);

4º. O fígado, baço e rins (encerrados num boião mais pequeno);

5º. Os intestinos (num boião semelhante aos primeiros)...»

Neste ponto da leitura o presidente segredou com os magistrados sentados aos seus lados e recebendo como que uma resposta afirmativa, mandou calar o escrivão.

— O Tribunal dispensa esta leitura por supérflua declarou.

O escrivão reuniu as folhas soltas do relatório e o delegado irritadamente tomou um apontamento.

— Os senhores jurados podem agora examinar os objetos do corpo do delito — disse o presidente.

Vários jurados levantaram-se claramente preocupados com a maneira como deviam usar das mãos, aproximaram-se da mesa, olhando para os boiões, para o tubo e para o anel. O negociante experimentou-o num dos dedos.

— Belo dedo, sim senhor! — dizia voltando ao seu lugar. — Do tamanho de um pepino! — acrescentou evidentemente divertido com o gigantesco colega que fantasiara.

III

Quando terminou o exame do corpo do delito, o presidente encerrou a inquirição, dando imediatamente a palavra ao delegado para não perder tempo; confiava que este, sendo homem como os

demais, devia sentir a necessidade de fumar ou de comer e pouparia a assistência.

Porém, o delegado não se sentia nestas disposições; tolo por natureza, tivera a infelicidade de obter uma medalha de ouro quando concluíra os preparatórios e na Universidade fora igualmente recompensado em Direito Romano por uma tese sobre *Servidões*, o que contribuía para o tornar arrogante e loucamente vaidoso; além disso, aumentara-lhe a estupidez inata o sucesso que tivera em aventuras amorosas.

Logo que lhe foi concedida a palavra, levantou-se lentamente, exibindo as formas elegantes envoltas na ampla toga; colocando as mãos na carteira inclinou levemente a cabeça e espraçando um olhar por toda a sala, evitando contudo fitar os réus, começou o discurso que preparara durante a leitura dos relatórios médicos:

— Senhores jurados! O caso que nos é hoje apresentado a julgamento constitui, deixai-me assim exprimir, um facto característico de criminalidade.

Um discurso do agente do Ministério Público devia ter, segundo as suas ideias, um alcance geral e social, assemelhando-se nisso aos famosos libelos que estabeleceram a glória dos advogados de nomeada. Ainda que hoje o auditório apenas consistisse em costureiras, criadas, cocheiros e moços de frete, isso não o detinha.

Aqueles que hoje estavam no apogeu da fama e da glória tinham-se estreado do mesmo modo. O essencial era seguir o princípio que se impusera: «penetrar bem no íntimo de todas as questões» desenvolvendo a significação psicológica de cada delito e descobrindo a chaga social do qual era a expressão.

— Tendes diante de vós, senhores jurados, um crime bem característico deste fim de século e que apresenta no seu todo, por assim dizer, os traços particulares de decomposição moral que hoje em dia ataca numerosos elementos da nossa sociedade.

Durante muito tempo, falou conservando este tom, esforçando-se por não esquecer de mencionar nenhum facto relativo ao processo e por não estacar a meio do discurso a fim de que este pudesse deslizar sem interrupção durante cinco quartos de hora. Não o conseguiu, porque perdeu-lhe o fio e durante algum tempo conservou-se tragando saliva, até que retomando-o, redobrou de eloquência. Falava, porém, em voz baixa e insinuante, equilibrando-se ora num ora noutro pé e dirigindo-se aos jurados sossegada e naturalmente; enquanto relanceava para as notas que tomara, erguia a voz trovejante e acusadora, e alternadamente falava aos advogados e para o público. Só os réus nunca lhe atraíram a atenção, apesar de constantemente olharem para ele. Todo o discurso estava polvilhado de citações novas e frases em moda no meio em que vivia, e que eram e são ainda consideradas com a última palavra da ciência: as leis da hereditariedade, os criminosos inatos, Lombroso, Tarde, evolução, luta pela vida, Charcot e degenerescência.

Smielkov era definido como o tipo do russo generoso e confiante, qualidades, que o haviam colocado na dependência dos seres perversos.

Kartimkine era o produto atávico da antiga servidão, homem rudimentar, sem instrução, sem princípios, sem religião, e a amante Eufémia Bochkov era uma vítima da hereditariedade: o aspeto físico e o carácter moral mostravam todos os estigmas da degenerescência

Porém, a instigadora principal do crime era a Maslova, que representava o tipo da decadência social contemporânea no que havia de mais baixo.

— Esta criatura — continuou o delegado sem olhar para ela — diferentemente dos seus cúmplices, recebeu e gozou os benefícios da instrução. Pelo depoimento da proprietária da casa da qual fazia parte, soubemos, senhores, que além de ler e escrever, compreende e fala o francês. Órfã, educada no seio de uma família distinta, poderia viver perfeitamente de trabalho honesto se não trouxesse em si germes de uma tara atávica; mas não, abandonou tudo para entregar-se à satisfação de vis paixões e para melhor as satisfazer, inscreveu-se numa casa de passe, onde pela superioridade intelectual de que dispunha (ouviste-lo afirmar) exercia nos seus adoradores essa misteriosa influência da qual a ciência tanto se tem ocupado nos últimos tempos e que a escola de Charcot tão felizmente definiu como sugestão que ela exerceu no ingênuo e honesto russo para o roubar e em seguida assassinar descaradamente.

— Está hoje divagando muito! — disse o presidente, sorrindo e inclinando-se para o juiz de aspeto severo.

— Um refinado imbecil — respondeu este.

— Senhores jurados — continuava o delegado inclinando a cabeça com deferência — tendes em vosso poder o destino daqueles criminosos e até certo ponto o da sociedade, porque o vosso *verdictum* tem uma grande importância social. Peço-vos que penetreis na completa significação deste crime, de modo que possais adquirir a convicção do perigo a que está sujeita a sociedade com o contacto de elementos degenerados, fenómenos patológicos direi

mesmo, tais como a Maslova, e poder assim impedir que os elementos sãos e robustos sejam contaminados!

E como que esmagado pela importância social do esperado *veredictum*, o delegado deixou-se cair na cadeira, encantado com o discurso. A significação deste, quando desadornado de todas as flores da teórica, era que a Maslova hipnotizara o negociante e, ganhando-lhe a confiança, aproveitara-a para o roubar; descoberta, porém, por Simão e Eufémia, vira-se obrigada a partilhar com eles o roubo. Para destruir suspeitas, voltara então ao hotel com o negociante e envenenara-o.

Terminado este discurso, levantou-se na bancada dos advogados um homenzinho de meia-idade, vestindo casaca que deixava ver o peitilho da camisa muito engomada, e que começou a falar em defesa de Kartimkine e da Bochkov: estes haviam-no contratado por trezentos rublos e ele não se poupava em desculpá-los, atribuindo toda a responsabilidade à Maslova.

Insistiu principalmente em refutar a afirmação da Maslova, que Simão e Eufémia estavam no quarto quando aquela retirara o dinheiro.

— Esta afirmação carece de valor provindo de quem confessa um crime de envenenamento — dizia o advogado, e sobre os três mil rublos depositados no Banco, não restava a menor dúvida que haviam sido facilmente ganhos por dois criados laboriosos e honrados, que recebiam diariamente três a cinco rublos de gorjetas. Quanto ao dinheiro do negociante, roubado incontestavelmente pela Maslova, esta perdera-o ou dera-o a alguém, embriagada como estava, segundo o provara o inquérito a que se tinha procedido. No

envenenamento ainda havia menos dúvidas; a Maslova confessara-o abertamente.

Por consequência, o advogado pedia para que Kartimkine e a Bochkov fossem declarados inocentes do roubo e se os jurados os reconhecessem culpados deste, para pelo menos o serem do envenenamento, e em último caso afastar a hipótese de premeditação.

Concluindo, o defensor de Simão e de Eufémia notou que as brilhantes considerações do Sr. Agente do Ministério Público sobre o atavismo, por mais importantes que fossem no ponto de vista científico, eram inaplicáveis ao caso presente, pois que a Bochkov era filha de pais incógnitos.

O delegado tomou à pressa um apontamento e, lançando um olhar irritado, encolheu desprezivelmente os ombros.

Depois que o advogado se sentou, ergueu-se o defensor officioso da Maslova, que timidamente e gaguejando começou a discursar.

Não negando que ela tivesse tomado parte no roubo, limitou-se a sustentar a afirmativa de que os pós tinham sido ministrados a Smielkov na crença de serem soporíferos, como sendo a expressão da verdade. Tentou seguidamente um bocado de eloquência, descrevendo o modo como a Maslova fora impelida para a depravação por alguém que a seduzira e ficara impune, enquanto ela tivera de carregar com todo o peso da sua falta: mas falhou nesta excursão pelos domínios da psicologia patética e todos tiveram essa impressão. Numa ocasião em que descrevia a crueldade dos homens e a inferioridade social das mulheres, o presidente, para o ajudar, convidou-o a limitar-se à discussão dos factos. Ele assim fez,

acabando rapidamente o discurso. Retomou a palavra o delegado para responder às críticas que lhe dirigiram os advogados que tinham falado.

Defendendo o modo de ver que exprimira sobre o atavismo declarou que se a Bochkov era filha de pais incógnitos, o valor científico da teoria do atavismo, de modo algum se achava amesquinhado:

— Esta teoria — disse — está tão solidamente estabelecida pela ciência que podemos não só do atavismo deduzir o crime, mas também do crime inferir o atavismo.

Quanto a supor, como o fizera o segundo advogado, que a Maslova fora pervertida por um sedutor mais ou menos imaginário (e aqui insistiu ironicamente na palavra «imaginário») era mais verosímil que ela tivesse sempre sido a tentadora das inúmeras vítimas que o acaso lhe fazia cair entre mãos.

E dito isto sentou-se triunfantemente.

O presidente perguntou então aos prisioneiros se tinham alguma coisa a acrescentar em sua defesa.

Eufémia Bochkov repetiu mais uma vez que nada fizera e que a única culpada era a Maslova.

Simão limitou-se a dizer:

— É o que os senhores quiserem. Estou inocente!

Maslova não disse nada.

Quando o presidente se lhe dirigiu, repetindo a pergunta, ergueu os olhos para ele e espalhou-os pela sala como uma fera perseguida; depois, baixou-os de novo e desatou a chorar convulsivamente.

— O que é que tem? — perguntou a Nekludov o negociante que ouvira um som estranho.

Era, na realidade, apenas um soluço reprimido. Nekludov ainda não compreendia a sua nova situação e atribuía esse soluço irreprimível e as lágrimas que lhe marejavam os olhos à tensão e à fraqueza dos seus nervos.

O receio do opróbrio que o cobriria se nessa sala do tribunal fosse conhecido o proceder que tivera com Maslova era mais forte que tudo e impedia-o de notar conscientemente a revolução íntima que pouco a pouco se operava nele.

IV

Apenas os réus disseram «o que tinham a acrescentarem defesa própria» principiaram a redigir-se as perguntas que haviam de ser apresentadas ao júri. Logo em seguida o juiz presidente tratou de apresentar o resumo dos debates, explicando demoradamente aos jurados, em forma familiar e agradável, que simples roubo deferia de roubo por arrombamento e que roubar de recinto fechado não era precisamente o mesmo que roubar de lugar aberto. Durante esta explicação, detinha o olhar em Nekludov como se particularmente o preferisse e lhe destinasse a preleção, para que ele por sua vez, depois de a haver compreendido, pudesse explicá-la aos jurados, seus colegas. Quando julgou que todo o auditório estava bem impregnado das importantes verdades que enunciara, passou a outras do mesmo modo essenciais: que um assassinio era

uma ação da qual resultava a morte de um ser humano e por consequência um envenenamento era um assassinio. Julgando esta verdade bem demonstrada, explicou-lhes seguidamente que quando o roubo era seguido de assassinio, a combinação dos dois crimes era assassinio e roubo.

Durante estas explicações, o presidente não esquecia que lhe era preciso terminar o mais cedo possível a fim de ir ter com a bela suíça que o esperava, mas o hábito estava tão entranhado nele que uma vez posto a falar era-lhe difícil deter-se.

Continuou, pois, explicando aos jurados que se reconhecessem a culpabilidade dos detidos tinham o direito de os declarar culpados, e se os julgassem inocentes, igualmente podiam declará-los inocentes; que se os achassem criminosos numa parte da acusação e inocentes na outra, cabia-lhes o direito de os inocentar num dos crimes e culpá-los no outro.

Lembrou-lhes em seguida que era dever o fazer uso racional de um direito que a lei lhes concedia em toda a plenitude.

Ainda desejava acrescentar que a resposta afirmativa a qualquer das perguntas que lhe eram dirigidas, referir-se-ia ao seu conjunto, e que desejando excetuar parte ou partes dessa pergunta, era necessário mencioná-las, quando deitando os olhos ao relógio, viu, com espanto, que apenas faltavam cinco minutos para as três e que aquela explicação demoraria pelo menos um quarto de hora.

Deu-se pressa, pois, em abordar o fundo da questão.

— Eis em que consiste o caso que tendes de resolver — disse, principiando a repetir o que fora dito inúmeras vezes pelos advogados, delegado e testemunhas.

Dos lados, os dois acólitos escutavam atentamente, olhando a ocultas para os relógios, pois ainda que achassem o discurso excelente — tal como devia ser — ia sendo bastante demorado. Desta impressão partilhavam também o delegado, os empregados e o público.

Tendo acabado o resumo, parecia que nada mais havia a dizer: o presidente, porém, não se decidia a abandonar a palavra, tal era o prazer que sentia escutando as entoações acariciadoras da sua voz, de modo que julgou propositado dirigir ainda algumas palavras aos jurados sobre a importância do direito que a lei lhes conferia, o cuidado e a circunspeção que deviam usar — usar mas não abusar — e sobre o juramento que os ligava. Ao terminar, chamou-lhes a consciência da sociedade e lembrou-lhes que o segredo das deliberações tomadas devia ser sarado, etc., etc.

Logo que o presidente começou a discursar, a Maslova fixara-o, como se receasse perder uma só palavra das que ele pronunciava, e Nekludov pôde examiná-la descansadamente, sem receio de encontrar o seu olhar. Sentiu então em si o que acontece ordinariamente a todos nós quando revemos depois de longos anos de ausência um rosto que nos foi familiar. Impressionara-o logo a transformação que nela se operara durante o tempo que a não vira, mas, lentamente, a impressão dessa mudança desvanecera-se e o rosto aparecera-lhe tal como tinha sido dez anos antes. Os olhos da alma dominando-lhe os sentidos, mostravam-lhe apenas os traços essenciais, aqueles que traduziam a individualidade da outrora jovem Katucha e que nada poderia modificar.

Sim, apesar do uniforme da prisão, apesar do corpo, no conjunto, estar mais cheio, apesar do desenvolvimento do seio e da

espessura do braço, apesar das rugas na fronte e na face, apesar das pálpebras tumefactas e dessa descarada e lastimável expressão do rosto, era bem ela, a mesma Katucha, que em certa noite de Páscoa, erguera para ele tão inocentemente os seus ternos e apaixonados olhos, sorrindo de felicidade e de alegria de viver! «E um estranho acaso faz com que, dez anos passados, durante os quais nunca a encontrei, eu a reveja sentada no banco dos réus quando sirvo como jurado! Ah! como acabará tudo isto? Se ao menos houvesse pressa em terminar!» Contudo, ainda não queria ceder aos sentimentos de arrependimento que despontavam e cresciam no seu íntimo, obstinando-se em considerar tudo isto como uma simples coincidência que se desvaneceria sem lhe perturbar a vida. Comparava-se a um rafeiro a quem o dono, agarrando pelo gasganete, esfrega o focinho na imundice que largou. O cachorro gane, tenta fugir e furtar-se ao resultado da inconveniência praticada, mas o implacável dono não consente em restituir-lhe a liberdade.

Do mesmo modo, Nekludov reconhecendo a baixeza do que praticara, tinha a impressão de que uma poderosa mão o conservava em presença do seu crime e não queria dar a verdadeira significação àquilo que praticara, nem compreendia o que é que exigia dele essa força que o agitava; igualmente recusava-se a ver no quadro que tinha ante os olhos o produto do seu modo de proceder, mas a mão invisível prendera-o e ele pressentiu que não mais o largaria.

Preocupava-o agora aparentar tranquilidade e, traçando as pernas desenvoltamente, brincava com a luneta enquanto conservava uma atitude natural e descuidosa. No fundo da alma, durante este tempo, reconhecera a ignomínia não só do seu

procedimento para com Katucha, mas de toda essa inútil, má, perversa e miserável existência que durante doze anos vivera. O véu que até então lhe ocultara essa ignominiosa ação e toda a vaidade da sua anterior vida principiava a levantar-se, permitindo-lhe antever o que até então estivera oculto.

V

Enfim, o juiz presidente terminou o discurso e agitando graciosamente no ar a folha de papel que continha os quesitos, entregou-a aos jurados. Estes, mal dispostos, ergueram-se como que envergonhados de se acharem ali, e sentindo-se felizes por abandonarem os seus lugares, entraram uns atrás dos outros, na sala das deliberações. Quando o último entrou, a porta foi fechada e um soldado desembainhando a espada, colocou-se em frente, de sentinela.

Os juízes levantaram-se e saíram. Igualmente saíram os réus.

Entrando na sala das deliberações, os jurados deram-se pressa em acender cigarros, exatamente como haviam já feito da outra vez; a consciência do que havia de artificial e falso no cargo que desempenhavam, que todos mais ou menos nitidamente experimentavam enquanto sentados na sala das audiências, desapareceu-lhes por completo quando se sentiram novamente livres, fumando cigarros. Tranquilizados e postos à vontade instalaram-se conforme lhes aprouve, começando logo a discutir animadamente.

— A pequerrucha não é culpada — principiou o negociante —, deixou-se enredar! Devemos protegê-la!

— Vamos verificar tudo isso! — respondeu o presidente do júri. — Cuidado que não sejamos influenciados pelas nossas impressões pessoais.

— O juiz presidente fez um belo relatório! — observou o militar reformado.

— Belo! Pois olhe que quase adormeci!

— O principal ponto é que os criados não saberiam nada do dinheiro do negociante se a Maslova não estivesse de acordo com eles! — disse o caixeiro judeu.

— Então é sua opinião que ela roubou? — perguntou-lhe um dos jurados.

— Nunca acreditarei em tal! — exclamou o gordo negociante. — Quem fez tudo foi aquela fúria, de olhos sem pestanas!

— Porém, essa afirma não ter entrado no quarto! — interrompeu o militar.

— Quer então acreditar nela? Nunca me fiarei nessa rameira!

— E de que serve isso? — perguntou ironicamente o caixeiro. — A verdade é que a Maslova era a possuidora da chave.

— Mas isso nada prova! — gritou o negociante.

— E o anel?

— Então ela não o explicou claramente? O siberiano estava excitado e havia bebido bem. Bateu-lhe; logo a seguir arrepende-se, e não é isto natural? «Toma lá», diz-lhe, «e não chores». Tinha 1,90 metros de altura e peso proporcional.

— Não é isso o que tratamos de saber — observou Pedro Gerassimovich. — Vejamos quem é que premeditou e executou esta

embrulhada: foi ela só ou foram os dois criados?

— Os criados nada poderiam fazer sem ela; era em seu poder que estava a chave! — de novo interrompeu o judeu.

E durante muito tempo continuou o debate seguindo ao acaso. Por fim o presidente do júri resolveu chamá-los à boa ordem.

— Desculpem-me senhores, mas parece-me melhor sentarmos e discutir.

E dando o exemplo sentou-se na cadeira presidencial.

— São todas desavergonhadas — dizia o caixeiro, reforçando a opinião com a narração do furto de um relógio que uma criatura da mesma vida praticara a um colega.

O militar que o escutava ia contar-lhe um caso ainda mais convincente, o roubo de um samovar de prata, quando o presidente, batendo com o lápis na mesa, disse:

— Por favor, senhores, comecemos.

Estabelecendo-se silêncio começou a ler os quesitos, assim redigidos:

1º. «Simão Petrovich Kartimkine, aldeão de Borki, distrito de Krapivo, de 34 anos, é culpado de haver voluntariamente atentado no dia 19 de outubro de 18... contra a vida do negociante Smielkov com intenção de o roubar? É igualmente culpado de ter roubado ao mesmo Smielkov, depois de, em cumplicidade com outros, o haver envenenado, quantia aproximada a dois mil e quinhentos rublos e um anel de brilhantes?»

2º. «Eufémia Ivanovna Bochkov, burguesa de 43 anos, é culpada de, em cumplicidade com Simão Kartimkine, ter praticado os crimes enumerados no primeiro quesito?»

3º. «Catarina Mikailovna Maslova, de 27 anos, é culpada de, em cumplicidade com os primeiros réus, ter praticado os crimes enumerados no primeiro quesito?»

4º. «Caso Eufémia Bochkov não seja culpada dos crimes indicados no primeiro quesito, não o será de ter retirado da mala fechada do negociante Smielkov quantia aproximada a dois mil e quinhentos rublos, isto quando fazendo parte do pessoal do Hotel Maurítânia?»

— Muito bem, meus senhores, que dizem ao primeiro quesito?
— disse o presidente, relendo-o pausadamente.

A resposta não foi difícil, pois que todos estavam de acordo quanto à afirmativa, tanto no roubo como no envenenamento. Só um dos jurados, um velho operário que, sem comentários, respondeu sempre negativamente, recusou-se a culpar Kartimkine.

O presidente, imaginando que o velho era curto de inteligência, julgou dever explicar-lhe que não havia dúvida quanto à culpabilidade de Simão e de Eufémia Bochkov; o velho, porém, respondeu que compreendia perfeitamente mas que o melhor era perdoar: «Nós também não somos santos», disse; e nada pôde abalar-lhe a convicção.

Ao segundo quesito que se referia à Bochkov, a resposta foi: «Não é culpada». Não foram reputadas bastantes as provas da sua participação no envenenamento, ponto em que o seu advogado havia insistido.

O negociante, desejoso de justificar a Maslova, sustentava que a principal instigadora de tudo fora a Bochkov e arrastara consigo outros jurados, até que o presidente, desejoso de se conservar na

mais estrita legalidade, observou que não havia prova material da sua participação no envenenamento.

A discussão foi acalorada acabando por prevalecer esta opinião.

A Bochkov, porém, quando o quarto quesito foi discutido não escapou à culpabilidade. A pedido do velho operário acrescentou-se: «com circunstâncias atenuantes».

O terceiro quesito fora reservado para o final e deu lugar a acesa e viva discussão. O presidente afirmava que a Maslova era criminosa; o negociante sustentava a sua inocência apoiado nesta opinião pelo militar e pelo operário. Os outros jurados hesitavam, parecendo preferir a opinião do presidente; isto era apenas devido a que estavam já fatigados e o instinto levava-os a preferir a opinião que mais depressa os pusesse de acordo para lhes ser restituída a liberdade.

Por tudo que sabia da Maslova e depois dos interrogatórios, Nekludov ficara convencido da sua inocência quer no roubo, quer no envenenamento. Acreditando, ao princípio, que todos seriam do mesmo modo de pensar, depressa reconheceu que se enganara e que a maioria inclinava-se de preferência para a afirmativa, um pouco por causa do cansaço geral, por consideração com o presidente e também porque o bom negociante, não ocultando as suas simpatias pela Maslova, defendia-a desastradamente. Vendo isto, Nekludov sentiu-se tentado a pedir a palavra; invadiu-o o receio que, intercedendo por Katucha, todos adivinhassem as anteriores relações de ambos. Sentia que era um dever intervir e crime deixar passar os debates sem objeção.

Alternadamente enrubescendo e empalidecendo, ia enfim decidir-se a falar quando Pedro Gerassimovich, chocado pelo tom autoritário do presidente, interveio, exprimindo-se no mesmo modo em que Nekludov ia fazê-lo.

— Perdão — disse. — Afirma-se que a culpabilidade ressalta do facto de ela possuir a chave da mala; mas porque é que um outro não poderia abri-la com outra chave?

— Exato, isso mesmo! — apoiou o negociante.

— Além disso é impossível que ela tirasse o dinheiro porque na sua posição não saberia que fazer dele!

— Certamente! É o mesmo que eu digo! — reforçou o negociante.

— O que me parece mais provável é que a sua ida ao hotel com a chave sugerisse aquela ideia aos dois criados que, aproveitando-a, imputaram mais tarde toda a responsabilidade à Maslova.

Pedro Gerassimovich exprimia-se em voz tão irritada que o presidente, sentindo-se provocado, mais obstinadamente continuou defendendo o seu modo de ver. Pedro Gerassimovich, porém, falou tão convincentemente que a maioria acabou por partilhar a opinião que ele defendia, concordando que a Maslova não tomara parte no roubo, quer do dinheiro quer do anel, muito menos deste, por lhe haver sido dado pelo negociante.

Discutiui-se em seguida a culpabilidade que tivera no envenenamento e novamente o negociante, ardente defensor da ré, declarou que a obrigação era proclamá-la inocente, ao que replicou o presidente mostrando a impossibilidade material de o fazer, visto ela própria ter confessado que lhe dera o veneno.

— Sim, na crença que era ópio! — disse o negociante.

— O ópio também mata — respondeu o militar que morria por afastar-se do assunto: e a propósito, contou a aventura que sucedera a uma sua cunhada, a qual por equívoco bebera uma dose de ópio e a quem um hábil médico salvara da morte.

Era tal a satisfação que sentia o militar durante a narração que ninguém tinha coragem para o interromper.

Apenas o caixeiro judeu, seguindo-lhe o exemplo, tentou interrompê-lo:

— Afinal, habituando-se qualquer gradualmente, ao veneno, pode-se suportar impunemente grandes doses: a esposa de um meu parente...

O militar, porém, não era homem que se deixasse interromper, e continuou a história principiada para que todos soubessem o papel que o ópio desempenhara na vida de sua cunhada.

— Lembrem-se, senhores, que são quatro horas dadas — exclamou um jurado.

— Então, senhores, que responderemos? — perguntou o presidente. — Será suficiente qualquer coisa como: «Sim, culpada de haver ministrado o veneno e sem intenção de roubar?»

Pedro Gerassimovich, satisfeitíssimo com o anterior sucesso, concordou plenamente.

— Peço que se acrescente: «Com circunstâncias atenuantes» — exclamou o negociante.

Todos convieram.

Isolado, o velho operário insistiu para que a resposta fosse: «Não culpada».

— Mas é o que se diz na resposta: «Sem intenção de roubar» é a mesma coisa que dizer que ela não é culpada!

— Ajuntando ainda: «com circunstâncias atenuantes», para que não haja dúvidas na absolvição! — impôs o negociante, todo altivo da sua lembrança.

Era tal a fadiga de que todos estavam possuídos e os debates haviam de tal modo anarquizado os espíritos que ninguém se lembrou de acrescentar à resposta «que não houvera intenção de matar». Nekludov, igualmente não o notou, absorvido por inquietação e dor, e as respostas passadas ao papel, na forma usual adotada pelos jurados, foram entregues ao tribunal.

Rabelais conta que um jurista que tinha de dar sentença num processo citara inúmeras leis e depois de ler vinte páginas de um latim incompreensível propusera aos colegas sentenciar segundo a sorte. Se os dados dessem número par o acusador ganharia, se fosse ímpar o acusado.

Aqui dera-se um caso semelhante. As respostas que o júri adotara não tinham sido aprovadas por existir coerência no modo do pensar geral, mas apenas porque o juiz presidente, tendo discursado demoradamente, esquecera-se de dizer o que era habitual em casos semelhantes: que os jurados podiam responder «sem intenção de matar». Depois, o militar lembrara-se de narrar a enorme história da cunhada o que aborrecera e fatigara todos os colegas. Nekludov absorvera-se em preocupações pessoais e nem sequer notara que as palavras «sem intenção de roubar» exigiam quanto ao assassinio as «sem intenção de matar»; Pedro Gerassimovich, satisfeito por haver prevalecido a opinião que defendera, desinteressara-se do resto do debate, tendo mesmo abandonado a sala quando o presidente relia

as respostas. Mas o motivo principal da sua adoção consistira em que os jurados estavam cansados, queriam ver-se livres e ir jantar, e conseqüentemente tomaram a decisão que primeiro lhes foi proposta e que acabava com tudo o mais rapidamente possível.

Ao analisar a leitura das respostas o presidente agitou uma campainha. O soldado que ficara de sentinela embainhou a espada, afastou-se e juízes e jurados retomaram os seus lugares.

O presidente do júri dirigiu-se solenemente para a mesa dos juízes e entregou-lhes a folha de papel contendo as respostas. O juiz presidente, lendo-as de relance, ficou surpreendido e chamou a atenção dos dois colegas; espantava-o o júri responder com uma negativa quanto ao roubo e afirmar, sem reservas, o assassinio.

Resultava que a Maslova não roubara nem o dinheiro nem o anel e que, sem motivo justificado, envenenara o negociante.

— Veja que resposta inepta — disse o presidente ao juiz da esquerda.

— São trabalhos forçados na Sibéria para quem está inocente!

— Parece-lhe que ela esteja inocente?

— Claramente! É um caso para se aplicar o artigo 817.

O artigo 817 dá aos juízes o direito de modificar a decisão do júri, se esta for insensata.

— Que lhe parece isto? — perguntou o presidente ao outro juiz.

Este não respondeu imediatamente. Estava somando uns números que tinha diante de si num papel e procurava tornar a soma divisível por três para responder. Não o conseguindo, concordou com ele.

— Sim, talvez devêssemos aplicar o 817 — disse.

— É também a sua opinião? — perguntou o presidente ao juiz de aspeto grave.

— Por nada deste mundo devemos fazer semelhante coisa! — respondeu este resolutamente. — Os jornais queixam-se que o júri absolve inúmeros criminosos. Que diriam se nós os imitássemos? Nada, nada, não concordo.

O juiz presidente consultou o relógio.

«É triste, mas o que é que se lhe há de fazer?», dizia consigo. Entregou as respostas ao júri para que fossem lidas em voz alta. Os jurados levantaram-se e o seu presidente, equilibrando-se ora numa, ora noutra perna, leu em voz alta quesitos e respostas. Escrivães, advogados e procuradores não puderam ocultar a estupefação que os invadiu e apenas os réus permaneceram impassíveis como se não houvessem compreendido o sentido daquelas respostas.

Depois os jurados sentaram-se novamente.

O presidente, dirigindo-se ao advogado, perguntou-lhe quais eram as penas que deviam ser aplicadas aos réus e este, atribuindo a severidade do júri para com a Maslova à sua eloquência, pavoneou-se, fingiu refletir e disse:

— Peço para Simão Kartimkine a aplicação do artigo 1452; para Eufémia Bochkov a do artigo... e para Catarina Maslova a do artigo... parágrafo...

As punições a que se referiam estes artigos eram, naturalmente, as mais pesadas que se podiam aplicar.

— O tribunal retira-se para deliberar quanto à aplicação da condenação — disse o presidente levantando-se e saindo acompanhado pelos dois juízes.

Todos sentiram o alívio que a consciência da execução de uma tarefa produz e, erguendo-se, começaram a palrar à vontade.

— Fizemo-la bonita, meus senhores! — disse Pedro Gerassimovich aproximando-se de Nekludov, a quem o presidente do júri dava explicações. — Enviámos aquela desgraçada para a Sibéria!

— O que é que diz? — exclamou Nekludov, a quem a emoção não deixou pensar em formalizar-se contra a imprópria familiaridade do professor.

— O que é verdade! — respondeu Pedro Gerassimovich. — Esquecemo-nos de acrescentar na nossa resposta à palavra «culpada» a frase: mas sem intenção de assassinar. O escrivão disse-me agora que o delegado pede que seja condenada em 15 anos de trabalhos forçados.

— Porém a resposta foi combinada de comum acordo! — interveio o presidente.

Pedro Gerassimovich replicou, dizendo que logo que se havia afirmado que a Maslova não roubara, dever-se-ia ter acrescentado que igualmente não assassinara.

— Mas antes de entregar as respostas, reli-as e ninguém reclamou! — justificava-se o presidente.

— Tive de sair nessa ocasião — disse Pedro Gerassimovich.

— Mas, Dimitri Ivanovitch, como é que não notou nada?

— Nunca imaginei semelhante coisa! — respondeu Nekludov.

— Pois estava bem claro!

— Talvez possamos reparar o erro — disse ainda Nekludov.

— Não, já é tarde. Tudo acabou!

Nekludov olhou para os réus; estes, enquanto se decidia o seu destino, continuavam sentados no banco, entre os soldados. A

Maslova sorria. E um mau pensamento introduziu-se na alma de Nekludov. Ainda agora, prevendo a absolvição da Maslova, preocupava-se em saber como encararia novas relações com ela.

Os trabalhos forçados e a Sibéria suprimiam, porém, de repente, a possibilidade de um reatamento de relações.

A ave mal ferida acabaria de debater-se na bolsa da caça e a recordação da sua existência desvanecer-se-ia de todo.

VI

A afirmação de Pedro Gerassimovich era verdadeira.

Em seguida a uma rápida deliberação, os juízes entraram de novo e o presidente ordenou a leitura da seguinte sentença:

«Aos 28 de abril de 188... por ordem de Sua Majestade Imperial, a secção crime do tribunal do distrito de N..., com colaboração do júri, em virtude dos artigos 771, 776, 777 do código do processo crime, condena Simão Kartimkine, aldeão de 34 anos e Catarina Maslova, burguesa de 27 anos, à perda de todos os direitos civis e pessoais e ordena que ambos sejam enviados para os trabalhos forçados: Kartimkine por oito anos e Catarina Maslova por 4, conforme o artigo 23 do Código Penal.

Condena igualmente Eufémia Bochkov, burguesa, de 44 anos, à perda dos direitos civis e a 3 anos de prisão, conforme o artigo 48 do Código Penal.

Condena além disso os três réus, nas custas e selos do processo, e manda que, caso os réus sejam insolventes, as custas

sejam pagas pelo tesouro.»

A seguir, a sentença ordenava que o anel fosse entregue aos herdeiros do negociante e o corpo de delito vendido ou destruído.

Durante a leitura da sentença, Kartimkine agitava-se, esfregando as mãos contra as calças e mexia com os lábios. A Bochkov continuava a permanecer impassível. A Maslova, bruscamente, empurpurecera.

— Eu não sou criminosa, nem culpada! — exclamou mal findara a leitura da sentença. — Juro-o! Não tenho culpa! Nunca pensei em matá-lo, nem nunca o faria! Esta é a verdade! A única verdade!

Tendo lançado com voz estrídula estas frases, de modo que toda a sala as ouvisse, deixou-se cair no banco, escondeu o rosto com ambas as mãos e desatou a soluçar ruidosamente.

Quando Simão e Eufémia se levantaram para sair, ela ficou sentada, soluçando; um soldado pegou-lhe no braço e obrigou-a a levantar-se.

«Não pode ser, é impossível deixar que isto caminhe assim!», dizia consigo Nekludov, esquecendo completamente os maus pensamentos, que momentos antes o tinham assaltado.

E irrefletidamente, impelido por um irresistível impulso, correu para o corredor a fim de mais uma vez a rever. A porta da sala aglomeravam-se jurados e advogados, discutindo e falando, que o obrigaram a demorar-se antes de poder sair. Quando o pôde fazer a Maslova ia já ao longe; correu, indiferente à curiosidade que despertava e só se deteve quando lhe passou à frente.

Ela havia cessado de chorar e apenas de momento em momento fortes soluços sacudiam-lhe o peito, enquanto enxugava o

rosto com a extremidade do lenço que lhe cobria a cabeça.

Passou por Nekludov e não o conheceu. Ele também não tentou atrair-lhe a atenção; deixou-a passar e seguindo caminho começou a procurar o juiz presidente.

Só já conseguiu encontrá-lo no guarda-roupa, perto do guarda portão, preparado para retirar-se. Acabava de vestir um elegante *pardessus* enquanto o porteiro segurava respeitosamente numa bela bengala de castão de prata.

— V. Ex.^a concede-me um momento de atenção sobre o processo que acaba de ser julgado? Eu fazia parte do júri — disse-lhe Nekludov.

— Com todo o gosto. É o príncipe Nekludov? Muito prazer em de novo reatar conhecimento! — respondeu o magistrado apertando-lhe a mão.

E, com íntima satisfação, lembrou-se do baile onde o encontrara e durante o dançara com mais alegria e entusiasmo que toda a mocidade.

— Em que lhe posso ser agradável?

— Houve um engano na resposta que demos sobre a criminalidade de Maslova. Está inocente e contudo condenada a trabalhos forçados! — explicou Nekludov, assombreado-lhe o rosto.

— Mas a sentença foi baseada nas respostas do júri — disse o juiz dirigindo-se para a porta — apesar de as acharmos bastante incoerentes.

De repente, recordou-se que durante o relatório, para economizar tempo, deixara de explicar aos jurados o modo como deviam formular a condicionalidade das respostas, mas absteve-se de o dizer ao seu interlocutor.

— Cometemos um erro — continuou Nekludov. — Não o poderíamos reparar?

— Há sempre motivos para apelação. Consulte um advogado! — respondeu o presidente, inclinando levemente o chapéu e dando mais um passo para a porta.

— Mas é um caso horroroso!

— De acordo; mas só duas soluções o resolviam...

E o presidente oscilava entre o desejo de ser agradável a Nekludov e o receio de chegar tarde à entrevista. Acabando de compor a suíças na gola do sobretudo, pegou levemente no braço de Nekludov e encaminhou-o para a saída.

— Vem para fora?

— Vou — respondeu Nekludov, vestindo apressadamente o sobretudo e acompanhando o juiz.

A rua, cheia de ruído e movimento, brilhava iluminada por um quente sol.

E a conversa continuou, agora em voz alta, por causa do ruído das rodas no pavimento.

— Como vê, a situação é muito simples e, como lhe dizia, só havia duas soluções: ou a Maslova era absolvida, condenada apenas a alguns meses de prisão, levando-se-lhe em conta o tempo já sofrido, ou era condenada a trabalhos forçados. Nós éramos obrigados a escolher uma destas soluções e isso dependia das respostas do júri.

— Dever-se-ia ter introduzido na resposta a restrição que traduziria o nosso pensamento! Foi uma omissão indesculpável! — disse Nekludov.

— É donde parte todo o mal! — respondeu o presidente a sorrir. Consultou o relógio e viu que apenas lhe restavam três quartos de hora para gozar a companhia da bela Clara. — Aconselho-o a que consulte um advogado! Basta arranjar o motivo para apelação — repetiu o juiz — o que é fácil. Trinta kopecks por uma corrida para o Hotel da Itália — gritou para um cocheiro que ia passando — nunca dou mais!

— Queira V. Ex.^a subir!

— Os meus cumprimentos — disse o presidente despedindo-se de Nekludov. — Se lhe puder ser útil em mais alguma coisa, moro no Palácio Dvornikov, rua Dvoriamskafa; é fácil de reter!

E afastou-se, depois de uma última vez saudar Nekludov com um ligeiro aceno de cabeça.

VII

Nekludov sentiu-se mais tranquilo quando respirou o ar fresco, em seguida à conversa precedente. Julgava reconhecer que a extraordinária emoção que experimentara provinha do estado de fadiga e das circunstâncias anormais em que se achara desde a manhã e que necessariamente haviam contribuído para exagerá-la. «Mas ainda assim, pensava, que incrível e assombrosa coincidência! É absolutamente necessário cuidar em suavizar a sorte daquela desgraçada, e sem perda de tempo! E já que estou aqui, vou tratar de indagar a morada de Fainitzin ou de Nikirin».

Eram os nomes que lhe acudiam à memória dos mais conhecidos advogados. Voltando atrás, entrou de novo no Palácio da Justiça, tirou o sobretudo e subiu a escadaria. No princípio do corredor encontrou Fainitzin em pessoa. Deteve-o e disse-lhe que desejava falar-lhe sobre negócios particulares. O advogado, que o conhecia de vista e de nome, respondeu que se sentiria feliz em lhe poder ser agradável.

— Infelizmente estou bastante fatigado e ainda tenho muito que fazer; mas em duas palavras queira explicar-me do que se trata. Não será melhor entrarmos para aqui?

E conduziu Nekludov para um gabinete que estava aberto, sem dúvida pertencente a algum empregado do tribunal; aí sentaram-se junto de uma mesa.

— Queira dizer-me do que se trata.

— Primeiramente tenho a pedir-lhe que proceda de maneira que ninguém saiba o interesse que tomo neste caso — disse Nekludov.

— Pode estar tranquilo. Então...?

— Hoje fiz parte do júri e condenámos uma mulher a trabalhos forçados quando ela está perfeitamente inocente! Isto atormenta-me.

E Nekludov, contrariado, sentiu-se enrubescer e perturbar-se. Fainitzin envolveu-o num rápido olhar, para em seguida recomeçar a examinar o pano verde que cobria a mesa.

— Que mais? — perguntou.

— Condenámos uma inocente, pelo que queria anular a sentença apelando para uma instância superior.

— Para o Senado — informou o advogado.

— E queria pedir-lhe que se encarregasse deste caso.

Restava-lhe ainda tocar num ponto delicado e em que muito lhe custava falar; sem respirar acrescentou:

— Compreende que todas as despesas quer de salários quer do processo, sejam quais forem, correm por minha conta?

E de novo sentiu o sangue afluír-lhe ao rosto.

— Conte-me como aconteceu tudo isso.

Nekludov narrou concisamente o que se passara.

— Muito bem! Amanhã vou estudar o processo para poder informá-lo. E depois de amanhã... Não, é melhor quinta-feira se quiser dar-se ao incómodo de procurar-me em casa; aí pelas seis horas já lhe poderei responder. Combinado? Bom, então até quinta-feira. Desculpe-me, mas ainda tenho aqui bastante que fazer.

Nekludov despediu-se e saiu do Palácio da Justiça.

Esta entrevista com o advogado acabara de o tranquilizar e o pensamento de haver principiado a cuidar em suavizar a sorte de Maslova regozijava-o. Influenciava-se com a beleza do tempo e tragava sofregamente o ar primaveril, não reparando nos cocheiros que se detinham oferecendo-lhe os seus serviços; também o andar contribuía para o dispor melhor.

Um enxame de pensamentos e recordações sobre Katucha começou a zumbir dentro dele, avultando entre todos o seu procedimento para com ela. E de novo tudo se assombrou.

«Não, pensarei mais tarde nisso; agora é necessário desembaraçar-me de todas as desagradáveis impressões por que acabo de passar!»

Recordou-se do jantar dos Korchaguine e consultou o relógio; ainda não era tarde e o jantar não devia ter acabado. Escolheu, na

estação de carros mais próxima, um cujo aspeto era mais decente, e passados dez minutos chegava à entrada do vasto e elegante palacete dos Korchaguine.

Capítulo 7

I

— Queira V. Ex.^a entrar que o estão esperando! — disse a Nekludov o gordo guarda-portão dos Korchaguine, sorrindo bonacheironamente e fazendo girar a porta nos gonzos ingleses sem ruído algum. — Estão a jantar. Deram-me ordem para apenas deixar entrar V. Ex.^a, pedindo-lhe que fosse para a sala de jantar.

O guarda-portão acompanhou-o até à escadaria, onde tocou a uma campainha.

— Está alguém de fora? — perguntou Nekludov enquanto tirava o sobretudo.

— Os senhores Kolossov e Miguel Sergeievich apenas — respondeu o porteiro.

No alto da escadaria apareceu um elegante lacaio encasacado e calçando luva branca.

— V. Ex.^a faz o obséquio de subir? Aguardam-no.

Nekludov subiu a escadaria, atravessou a enorme e sumptuosa antecâmara e entrou na sala de jantar. Toda a família dos Korchaguine estava sentada a volta de uma grande mesa, com exceção da mãe, a princesa Sofia Vassilievna que raramente se ausentava do seu quarto.

O velho Korchaguine ocupava uma das cabeceiras, tendo à direita o médico da casa e à esquerda o seu amigo Ivan Ivanovitch

Kolossov, antigo funcionário, presentemente diretor de um Banco. A este seguiam-se Miss Bayner, professora da irmãzita de Missy, e a criança, de quatro anos de idade; à direita, na frente desta, estavam Petia, igualmente filho dos Korchaguine, estudante da 7.^a classe, que se preparava para os exames, e um companheiro que lhe servia de explicador. Mais retirados e fazendo-se vis-à-vis, sentavam-se Miguel Sergeievich Teleguine ou Mitia, primo de Missy, e uma parenta pobre, Catarina Alexievna, senhora de 40 anos, slavófila; finalmente na extremidade da mesa, ficava Missy tendo ao lado um lugar vazio.

— Ora ainda bem! Depressa que estamos ainda no peixe — disse dificultosamente o velho Korchaguine, mastigando com os dentes postiços, e erguendo para Nekludov os olhos injetados de sangue e desprovidos de pestanas. — Estêvão! — disse para o majestoso mordomo indicando-lhe com o olhar o lugar vazio.

Nekludov conhecia há muito tempo o velho Korchaguine e vira-o muitas vezes à mesa. Mas hoje mais que nunca impressionava-o desagradavelmente o seu rosto vermelho congestionado, a boca sensual e o gordo pescoço sob o qual prendia, no rebordo do colete, um guardanapo. Involuntariamente recordou tudo o que sabia da crueldade deste homem que, quando governador de uma província, fizera enforcar e fuzilar inúmeros desgraçados.

— Trata de servir sua excelência — disse o mordomo Estêvão ao elegante lacaio, que foi colocar-se atrás do lugar vazio enquanto ele tirava da gaveta de um aparador uma colher para a sopa. Missy, entretanto, compunha no talher do Nekludov uma prega do guardanapo com o brasão bordado, e que estava elegantemente arranjado em forma de leque.

Nekludov teve de cumprimentar todos os convivas em redor da mesa. À exceção do velho Korchaguine e das senhoras, todos se levantaram estendendo-lhe as mãos. E este passeio à volta da mesa, com apertos de mão a pessoas, a algumas das quais nunca dirigira a palavra, pareceu-lhe naquela tarde excessivamente desagradável e ridículo. Desculpou-se de haver chegado tarde e preparava-se para sentar-se entre Missy e Catarina Alexievna, quando o velho Korchaguine insistiu com ele que à falia do vodka tomasse ao menos um *hors d'oeuvre*. Nekludov aproximou-se de uma pequena mesa onde havia lagosta, caviar, queijo e arenques, imaginando não ter apetite; porém, começando a comer um pouco de queijo e pão, sentiu que devoraria tudo com avidez.

— Então? Conseguiram abalar os esteios da sociedade? — perguntou-lhe Kolossov, empregando ironicamente a expressão favorita de um jornal reacionário, num artigo tendente a provar os perigos da instituição do júri. — Absolveram os culpados e condenaram os inocentes, não é assim?

— Abalar os esteios! Abalar os esteios! — repetiu o príncipe torcendo-se com riso. O príncipe confiava ilimitadamente no espírito e na ciência do seu amigo de quem igualmente partilhava as opiniões liberais.

Nekludov, arriscando-se a passar por indelicado, não respondeu. Sentou-se em frente do prato da sopa fumegante e continuou comendo com belo apetite.

— Consintam que ele sacie o apetite! — disse Missy, sorrindo familiarmente, mostrando o carácter íntimo das suas relações.

Kolossov havia já esquecido a pergunta que dirigira e continuava, em voz alta e violenta, a discutir o artigo reacionário

sobre o júri, que havia sido publicado no tal jornal. Miguel Sergeievich respondia-lhe, instruindo-o sobre mais erros monstruosos de outros artigos publicados no mesmo jornal.

Missy, como sempre, estava distinta. Vestia uma irrepreensível, elegante e simples *toilette*.

— Deve estar cansadíssimo e cheio de fome — disse a Nekludov quando ele acabou de tomar a sopa.

— Nem por isso! Foi à exposição de pintura?

— Não; adiámos a visita. Estivemos a jogar o *tennis* em casa dos Salomonov. Sabe que Mister Crooks joga admiravelmente?

Nekludov viera visitar os Korchaguine para se distrair. Sempre lhe agradavam estas visitas não só pelo luxo e pela riqueza que se ostentava em toda a casa e que lhe acariciava os nervos requintados, como também pela atmosfera de inconsciente lisonja de que se sentia cercado.

Hoje, por um acaso singular, desagradava-lhe tudo nesta casa: tudo, desde o guarda-portão, o enorme vestíbulo, as dores, os lacaios encasacados e a ornamentação da mesa, até à própria Missy que lhe pareceu antipática e afetada. Irritava-o o liberalismo e tom grosseiro e jactancioso de Kolossov, a figura sensual e viciosa do velho Korchaguine, as citações francesas da dama slavófila, e os rostos graves da professora e do explicador; mas mais que tudo, irritara-o o modo familiar como Missy falara dele sem o designar pelo seu nome, como faria com outro qualquer conviva.

Nekludov oscilava sempre entre dois sentimentos a respeito de Missy. Uma vez, vendo-a como que na penumbra, descobria-a senhora de todas as perfeições; parecia-lhe tranca, bela, inteligente

e natural; outras vezes, como que passando da penumbra à luz clara do dia, notava-lhe as imperfeições. Hoje era um desses dias.

Distinguia-lhe todas as rugas do rosto, os dentes postiços da boca, o ondedado do ferro de frisar nos anéis do cabelo e os salientes ossos dos cotovelos; notava-lhe além disso, a extraordinária semelhança das unhas, muito compridas e largas, como as dos espessos dedos do velho Korchaguine.

— Que enfadonho jogo o tal *tennis*! — disse Kolossov. — Quando rapazes, nós jogávamos o *laptá*, que é muito mais interessante!

— É porque não conhece bem o *tennis*! Entusiasma loucamente! — exclamou Missy, pronunciando a palavra «loucamente», como pareceu a Nekludov, com afetação insuportável.

Começou então uma discussão na qual se envolveram Miguel Sergeievich e Catarina Alexievna. As crianças e os professores, pouco interessados, calavam-se de aborrecidos.

— Acabem com essas eternas disputas! — disse o príncipe Korchaguine rindo às gargalhadas, enquanto colocava sobre a mesa o guardanapo amarrotado que tirara; e arrastando ruidosamente a cadeira que um lacaios imediatamente retirou, levantou-se. Todos o imitaram e dirigiram-se para uma pequena mesa, onde estavam enfileirados copos com água tépida perfumada. Os convivas lavaram a boca bochechando, discutindo sempre entre dês goles.

— É verdade ou não que tenho razão? — perguntou Missy a Nekludov, referindo-se à afirmação que fizera a Miguel Sergeievich de que o jogo era o melhor meio de conhecer o caráter de um indivíduo. Tentava perscrutar Nekludov, no rosto de quem havia já

notado uma pouco vulgar expressão de concentração e severidade que a inquietava.

— Na realidade, nada posso dizer-lhe; nunca estudei o assunto — respondeu Nekludov.

— Quer ir visitar a mamã? — interrogou Missy.

— Com muito prazer! — respondeu, acendendo um cigarro; porém, o tom da resposta que dera significava claramente que se sentiria feliz se o dispensassem dessa massada.

Ela fitou-o silenciosamente e interrogativamente, cada vez mais inquieta, e Nekludov sentiu-se envergonhado.

«hão de dizer que apenas vim para espalhar aborrecimento!», pensou. Esforçou-se então por ser amável dizendo que sentir-se-ia feliz em apresentar os seus respeitosos cumprimentos à Princesa, caso não a incomodasse.

— Mas não! A mamã ficará satisfeitíssima. E pode fumar lá; Ivan Ivanovitch já deve lá estar.

A princesa Sofia Vassilievna passava a vida estendida numa *chaise-longue*. Havia mais de oito anos que nem sequer comparecia às refeições, deleitando-se apenas no quarto, entre veludos, dourados, bronzes, marfins, lacas e flores, nunca saindo e vendo exclusivamente, como gostava de dizer, «os seus amigos», pessoas que, por uma ou outra razão, distinguia do comum dos mortais. Nekludov fazia parte deste limitado círculo de «amigos» porque passava por inteligente, porque sua mãe estava muito relacionada com os Korchaguine e porque Sofia Vassilievna desejava vê-lo esposar Missy.

Precediam o quarto da velha princesa dois salões, um grande e outro mais pequeno. Ao passarem pelo maior, Missy, que ia à frente,

deteve-se bruscamente e, com um gesto nervoso, agarrou o espaldar de uma cadeira, levantando os olhos para Nekludov.

Missy estava ansiosa por casar e Nekludov, sendo um bom partido, agradava-lhe. Havia-se habituado já ao pensamento de o possuir — possuí-lo, não ele a ela — e trabalhava para este fim com astúcia inconsciente e tenaz.

— Vejo que lhe aconteceu alguma coisa. Diga-me o que foi? — perguntou repentinamente a fim de obter uma franca explicação.

Nekludov recordou-se do encontro no tribunal e, franzindo as sobrancelhas, enrubesceu.

— Sim, um acontecimento estranho, imprevisto e grave — respondeu, desejando não mentir.

— E o que foi? Não mo quer dizer?

— Não posso; desculpe-me! Preciso de refletir muito — disse, corando ainda mais.

— Então não mo quer dizer?

Estremeceu-lhe um músculo do rosto e abandonou o espaldar da cadeira a que se apoiava.

— É impossível! — respondeu Nekludov, sentindo que com esta resposta acentuava a gravidade do que lhe acontecera.

— Seja! Vamos então, que a mamã espera-nos.

E agitando a cabeça como para expulsar um pensamento desagradável, recomeçou a andar mais rapidamente.

Nekludov julgou vê-la fazer um violento esforço para não chorar. Envergonhou-se, censurando-se por havê-la magoado: porém, sabia que o menor sinal de fraqueza perdê-lo-ia, ligando-o para sempre, o que naquela tarde era o seu maior receio. Continuou pois calado até chegar ao quarto da princesa Korchaguine.

II

A princesa Sofia Vassilievna acabava um delicado e abundante jantar sem que alguém lhe tivesse feito companhia para não ser vista em tão prosaica ocupação. Junto à *chaise-longue* e numa pequena mesa estava uma chávena com café que ela ia bebendo a pequenos tragos, entremeados com o fumo de um cigarro aromático.

A princesa era uma velha senhora muito magra e alta, com grandes dentes e olhos negros. Apesar da idade ainda tinha pretensões a parecer nova. Corriam inúmeros boatos sobre as relações que mantinha com o médico da casa, e Nekludov, que até então nunca dera ouvidos a noveleiros, não pôde furtar-se a recordá-los quando entrou no quarto e viu sentado junto da velha senhora o corpulento doutor, de reluzente barba, cuidadosamente apartada.

Todo o seu aspeto o impressionou desfavoravelmente.

Kolossov, sentado num tamborete colocado perto da *chaise-longue*, ocupava-se em açucarar o café. Numa pequena mesa tinha um cálice de licor.

Missy apenas entrou, retirou-se logo.

— Quando a mamã estiver cansada e os dispensar façam favor de me procurar — disse, dirigindo-se a Kolossov e a Nekludov e sorrindo alegremente para este, como se entre eles nada de importante tivesse havido.

E, deslizando levemente pelo fofo tapete, saiu do quarto.

— Bons dias, meu amigo! Sente-se e diga alguma coisa! — disse a princesa Sofia, com um sorriso artificialmente preparado, mas que imitava maravilhosamente o natural. — Agora mesmo falávamos de si... Disseram-me que veio muito mal disposto do tribunal. Devem ser penosíssimas, para quem tem coração, essas audiências! — acrescentou em francês.

— Efetivamente — respondeu Nekludov. — Muitas vezes reconhece-se a própria infâmia... digo, reconhecemos que ninguém tem o direito de julgar os crimes de outrem.

— *Comme c'est vrai!* — exclamou a princesa, deixando transparecer na entoação da frase quanto a verdade da reflexão de Nekludov a tinha maravilhado; satisfazia assim o hábito inveterado de lisonjear os seus interlocutores.

— E a respeito de pintura, como vamos? Sabe quanto me interessa o quadro que está executando! Se tivesse mais saúde há muito que teria ido vê-lo!

— Abandonei-o por completo, princesa — respondeu secamente Nekludov, a quem eram tão evidentes estas falsas lisonjas como o eram os anos cuidadosamente disfarçados da princesa.

E, por mais que se esforçasse em ser amável, não o conseguiu.

— Mas isso é um crime! Pois até o próprio Répine² me falou no talento do meu amigo! — disse a princesa, dirigindo-se a Kolossov, designando-lhe Nekludov.

«Porque é que ela não terá vergonha em mentir tão descaradamente?», pensava Nekludov.

Por fim convencida de que Nekludov não estava bem-disposto para conversar agradavelmente, voltou-se para Kolossov interrogando-o quanto ao merecimento de um novo drama que havia sido representado recentemente.

E na entoação com que lhe dirigiu a pergunta, parecia dizer-lhe que esperava uma resposta que resolvesse todas as dúvidas; sentença de oráculo.

Kolossov criticou asperamente a nova peça, aproveitando estar de posse da palavra para desenvolver a teoria que partilhava em arte. A princesa Sofia mostrava-se, como sempre, impressionada pela verdade das observações que ouvia e arriscava-se uma ou outra vez a defender o autor do drama, para imediatamente confessar-se vencida ou conseguir pelo menos uma acomodação de ideias.

E Nekludov, vendo e ouvindo, via e ouvia o que se desenrolava na sua frente diferentemente de até então.

Alternativamente escutava e fixava a velha senhora ou Kolossov e convencia-se que qualquer deles nada se interessavam pelo drama, assim como não se interessavam nada um pelo outro e que a conversa tendia unicamente a satisfazer uma necessidade física: a de ativar a digestão exercitando os músculos da língua e da garganta.

Convencia-se que Kolossov, tendo bebido vodka, vinho, café e licor, estava ligeiramente embriagado, não como quem bebe por vício, mas como os que bebem habitualmente. Kolossov nem divagava nem dizia tolices; anormalmente excitado e contente de si próprio. E, Nekludov notou também, mesmo no apogeu da discussão, a princesa lançava incessantemente olhares inquietos para uma das janelas por onde entrava um raio oblíquo de sol,

prestes a desaparecer, que lhe punha a descoberto as rugas do rosto.

— É isso mesmo, tem razão! — respondeu a princesa a Kolossov ao mesmo tempo que premia o botão de uma campainha elétrica.

Nesta ocasião o médico ergueu-se e, como íntimo da casa, saiu do quarto. Nekludov observou que Sofia Vassilievna, sempre conversando, seguia-o com o olhar.

— Filipe, corra-me aquelas cortinas! — disse ela ao laçao que acudira ao toque da campainha.

— Sim, notar-se-á a ausência de misticismo; e sem misticismo não há poesia — continuou, espiando com o olhar movimentos do criado ocupado em correr as cortinas.

— O misticismo e a poesia completam-se, não é verdade? O misticismo sem poesia é a superstição, a poesia sem o misticismo é simples prosa.

— Mas não, Filipe! Não é essa janela! A outra, a maior! — exclamou interrompendo a dissertação e reclinando-se na *chaise-longue* como que cansada do violento esforço a que se entregara.

Para acalmar os nervos, levou aos lábios com a mão carregada de anéis uma cigarrilha aromática, que acendeu.

O robusto e elegante Filipe inclinou levemente a cabeça, como que a desculpar-se. Mas Nekludov julgou ver relampejar-lhe o olhar durante um segundo, como se dissesse: «Diabos te levem, minha velha tonta! O que é que tu queres mais?»

E Filipe novamente começou a executar as ordens da frágil e etérea princesa.

— Confesso que há muita verdade na doutrina de Darwin — recomeçou Kolossov, agitando-se no tamborete —, mas algumas vezes excede-se; exato, exato.

— Acredita na hereditariedade, príncipe? — perguntou Sofia Vassilievna a Nekludov, cujo silêncio era incomodativo.

— Na hereditariedade? Não; não acredito! — respondeu ao acaso; prendia-se-lhe a imaginação às estranhas figuras que mentalmente arquitetava: ao lado do musculoso e belo Filipe, via Kolossov servindo de modelo num *atelier*, o estômago saliente como um melão, a cabeça desprovida de cabelo e os braços de músculos. Sofia Vassilievna, agora coberta de sedas e veludos mostrava-se-lhe tal como era; a pintura mental, de horrorosa, tinha de ser abandonada.

— Esquecia-me que Missy os espera! — disse-lhe a princesa, atravessando-o com o olhar. — Vão fazer-lhe companhia; ela tenciona tocar, para a ouvirem, um novo trecho de Grieg que acaba de estudar. É muito interessante!

«Tenciona tocar, para a ouvirem! Mas é uma mentira que ela inventa como as outras, sem saber para quê!», pensava Nekludov erguendo-se e beijando a branca e ossuda mão de Sofia Vassilievna.

Ao atravessar o salão próximo, Catarina Alexievna deteve-o:

— Então as funções de jurado influenciaram-no tão deprimentemente? — interrogou ela, falando francês como sempre.

— É verdade; desculpem-me; não estou bem-disposto e não devo fazer partilhar os outros da minha má disposição — respondeu Nekludov.

— Mas porque é que está mal disposto?

— Peço que me desculpe o não lho dizer!

— Esqueceu então que ainda há poucos dias nos pregava a necessidade de dizer sempre a verdade e que, apoiando-se neste argumento, nos lançou ao rosto verdades cruéis? Porque é que hoje, por sua vez, não nos diz a verdade?

— Recordas-te Missy? — acrescentou Catarina Alexievna dirigindo-se a Missy, que entrava.

— Tratava-se apenas de um gracejo — respondeu seriamente Nekludov. — E gracejando, há possibilidade de o fazer. Na realidade, porém, somos tão miseráveis... pelo menos eu! Sou tão miserável... que nem pensar posso em dizer a verdade!

— Não tente corrigir o que ia a dizer! Diga sempre que somos muito miseráveis — retorquiu jovialmente Catarina Alexievna fingindo não notar a gravidade de Nekludov.

— Não há nada pior do que confessar má disposição — interrompeu Missy. — Pelo que me respeita nunca tal me sucedeu e por isso mesmo estou sempre bem-disposta. Venha daí comigo dissipar esse mau humor!

Nekludov sentiu-se invadido por um receio igual ao que devem experimentar os cavalos quando os obrigam a morder o freio e os aparelham. Nunca, como agora, sentira tanto o receio de ser metido ao jugo.

Desculpou-se, dizendo que necessitava retirar-se para casa.

— Lembre-se que os seus desgostos incomodam igualmente aqueles que o estimam! — disse-lhe Missy, conservando entre as suas mãos, durante mais tempo que habitualmente, a que ele lhe estendera, despedindo-se. — Vem amanhã?

— Talvez — respondeu Nekludov, envergonhando-se sem saber porquê. E saiu rapidamente a fim de melhor ocultar a vergonha que

o oprimia.

— O que é que tudo isto quer dizer? *Comme cela m'intrigue!* — dizia Catarina Alexievna.

— Que mudança completa! *Mais c'est un affaire d'amour propre, il est très susceptible, notre cher Dimitri.*

«*Plutôt un affaire d'amour sale*», pensou Missy, parando e erguendo o rosto de onde desaparecera a animação que até aí o embelezara.

— Todos temos os nossos dias bons e maus — disse em voz alta e indiferente, pensando para si: «Que este não me escape, é que é essencial! Depois de tudo que se tem passado entre nós, seria indigno proceder assim!»

Se porém lhe perguntassem o que é que ela entendia pelas palavras: «tudo que se tem passado entre nós», com certeza que nada responderia.

É que Nekludov, ainda que não promettesse claramente desposá-la, incutira-lhe essa esperança. O «tudo» que se passara entre eles havia-se limitado a sorrisos, olhares, alusões e silêncios: o bastante para que julgasse possuí-lo. E a ideia que ainda este lhe escaparia magoava-a cruelmente.

III

«Vergonha e náusea! Vergonha e náusea!», dizia consigo Nekludov, regressando a pé para casa através de ruas familiares. Não conseguia dissipar a penosa impressão, que a conversa com

Missy criara; sentia que, não se havendo nunca declarado formalmente, nem nunca lhe tendo dito nada que o prendesse, estava materialmente livre e contudo, moralmente ligado. Sentia isto claramente; mas sentia igualmente com todas as forças do seu ser que lhe seria impossível desposá-la.

«Vergonha e náusea! Vergonha e náusea!», repetia, referindo-se não só às suas relações com Missy, mas também à sua existência e à de todos. E intimamente repetia, como um estribilho, aquelas palavras; eram as únicas que lhe acudiam aos lábios. Ainda as murmurava quando entrou em casa.

— Não quero cear — disse, dirigindo-se a Korney, criado que o seguira até à sala de jantar e que se preparava para o servir. — Podes retirar-te.

— Sim, senhor! — disse Korney, principiando a levantar a mesa.

E Nekludov imaginou que também este desejava contrariá-lo. Quando mais precisava de paz e de sossego, era exatamente quando todos, propositadamente, o importunavam!

Por fim, Korney saiu e Nekludov aproximou-se do samovar com o fim dele próprio fazer chá; ouviu, porém, da sala próxima os passos de Agripina Petrovna; receando encontrá-la, encerrou-se precipitadamente num dos seus aposentos.

Fora nessa mesma sala onde entrara que sua mãe morrera havia cinco meses. E revendo-a no retrato suspenso na parede ao lado do esposo, ambos reanimados pela luz reenviada pelos refletores de duas lâmpadas que ardiam na sala. Nekludov recordou as últimas relações que tivera com ela. E as mesmas palavras de ainda agora reapareceram-lhe nos lábios: Vergonha e náusea! É o

que tudo era, incluindo a falsidade dessas derradeiras relações. Recordou-se das inúmeras vezes que, no último período da doença, lhe desejara a morte. Enganava-se, dizendo que se lhe desejava a morte era unicamente para a ver livre de sofrimentos; mas agora compreendia que era ele próprio que então desejava desembaraçar-se do incómodo que lhe causava aquela morte lenta.

Para fugir a estas obcecantes recordações, aproximou-se do retrato, trabalho de um artista de nome que custara dois mil rublos. A princesa vestia de veludo negro, decotada como num baile; e percebia-se que o pintor empregara o máximo cuidado em fazer sobressair os seios, o intervalo que os separava, o pescoço e os ombros terrivelmente belos. Era simplesmente revoltante apresentar sua mãe como, uma beleza seminua, quando havia apenas cinco meses, naquele mesmo quarto, ela jazia inanimada sobre um sofá, seca como uma múmia e exalando um fétido de que se impregnara toda a casa. E Nekludov lembrou-se que na véspera de morrer, ela agarrara-lhe com as suas mirradas mãos uma das dele e fitando-o, dissera-lhe: «Não me condenes, Mitia, se pequei!» enquanto dos olhos alucinados as lágrimas se lhe despenhavam.

«Vergonhoso!», dizia Nekludov, olhando mais uma vez para o retrato em que sua mãe, ostentando o amplo seio, sorria artificialmente.

E esta meia nudez trouxe-lhe à memória uma outra mulher que há pouco tempo havia visto, igualmente decotada. Fora Missy que, indo para um baile, o convidara a ir admirá-la vestindo uma *toilette* nova. E Nekludov recordou, agora com repugnância, o prazer que sentira examinando os lindos ombros e braços da jovem princesa; recordou-se que os pais de Missy estavam presentes, assistindo à

cerimónia; o grosseiro e sensual pai com um passado de crueldades e a mãe de reputação duvidosa! Sim, vergonha e náusea, nada mais, vergonha e náusea!

«É impossível!», dizia Nekludov a si mesmo. «Isto não pode durar. É preciso desembaraçar-me de todas estas relações e terminar de vez com os Korchaguine, com Maria Vassilievna e com todos!... Sim, fugir daqui, respirar livremente! Irei para o estrangeiro, para Roma, dedicar-me à pintura!»

Assaltaram-no dúvidas sobre a vocação e talento que tinha para a pintura.

«Não importa; o essencial é respirar tranquilamente. Primeiramente dirigir-me-ei a Constantinopla e depois para Roma! É acabar com esta obrigação de ser jurado, regular o negócio em que falei ao advogado e partir!»

De repente, a imagem da prisioneira com os olhos ligeiramente estrábicos ergueu-se diante dele, tal como a vira quando ela pronunciara as últimas palavras, chorando copiosamente! E com um movimento brusco, atirou fora o cigarro que acendera. Acendeu logo outro e, caminhando de um para o outro lado da sala, reviu mentalmente os momentos que passara em companhia de Katucha. Relembrou o último encontro que tivera, a paixão sensual que o dominara e a desilusão que sentira logo que conseguira satisfazê-la. E de novo a reviu, vestida de branco, um laço carmesim nos cabelos, assistindo à missa da meia-noite.

«Sim, amei-a! Amei-a verdadeiramente com belo e puro amor nessa noite, e mesmo antes, enquanto escrevia a minha tese!»

Momentaneamente, então, regressou àquela época, revendo-se tal qual tinha sido. E um perfume de frescura, juventude e

liberdade inundou-o; e de novo a tristeza que o acabrunhava se agravou.

A diferença entre o que fora e o que agora era, pareceu-lhe enorme; tão grande, senão maior do que aquela que existia entre a Katucha da igreja na noite de Páscoa, e a prostituta amante do negociante siberiano, que há pouco condenara. Era então um livre e brioso homem com inúmeras carreiras abertas ao seu futuro; agora achava-se envolvido nas malhas de uma vida inútil à qual não via saída, ou antes da qual não tinha forças para se separar. Recordou-se de como a franqueza com que sempre dissera a verdade o tornava altivo, enquanto agora sentia-se mergulhado na mentira, bizarra e desgraçada mentira que todos que o cercavam fingiam tomar pela verdade. Bem desejara fugir-lhe, mas não via saída alguma. Enterrara-se nela, habituara-se e agora estava bem impregnado.

O que faria para se libertar de Maria Vassilievna e para poder novamente olhar face a face seu marido e filhos? Como despedaçaria o compromisso moral que tomara com Missy? Que solução daria à contradição do haver proclamado a injustiça da propriedade rural e explorar domínios à custa dos quais vivia? Como repararia o erro que cometera para com Katucha? Tudo isto reclamava solução.

«É-me impossível», dizia Nekludov, «abandonar uma mulher que amei, contentando-me em pagar a um advogado para a livrar dos trabalhos forçados que de mais a mais não merece. Tentar destruir o meu crime com dinheiro é insensatez, porque seria renovar a cena dos cem rublos!»

E logo, em espírito, lembrou o momento em que tendo ido esperar Katucha ao corredor da casa de suas tias, lhe introduzira no corpete o dinheiro, fugindo em seguida.

«Ah! Esse dinheiro!», dizia a si mesmo Nekludov, sentindo a dolorosa sensação de vergonha e horror que o invadira naquele minuto. «Amar uma mulher, fazer-se amado por ela, seduzi-la e abandoná-la em seguida deixando-lhe uma nota de cem rublos! Só um miserável! E serei eu esse miserável? Será possível? Serei um verdadeiro miserável?», interrogava-se Nekludov.

«Mas ainda duvidas?», respondia-lhe uma voz íntima. «Pois que é senão o comportamento de um miserável, essas relações com Maria Vassilievna e a amizade com o marido? E o teu modo de proceder quando herdaste de tua mãe? E essa incoerência estranha de haveres proclamado imoral uma fortuna que estás gozando? E a tua inútil e detestável vida? E para rematar tudo, o teu proceder para com Katucha? Sim, um miserável é o que tu és! Pouco importa como os outros te considerem; podes enganá-los, mas não a ti próprio!»

E Nekludov compreendeu que a aversão que sentia, havia algum tempo — e nessa tarde em particular — por todos, pelo velho príncipe, por Sofia Vassilievna, por Missy, pela governanta e pelo criado que o acompanhara, provinha de senti-la por si próprio. Por estranho que pareça, a confissão da sua baixeza, sendo-lhe dolorosa, era ao mesmo tempo calmante e consoladora.

Não era a primeira vez que durante a vida procedia ao que chamava «limpeza de consciência», querendo referir-se a crises morais, momentos de cessação de vida interior, em que se decidia a varrer as torpezas que se lhe acumulavam na alma; ao findar a crise,

com a alma clarificada como a máquina de um relógio novo, impunha-se regras inflexíveis, escrevia um diário e recomeçava nova vida que esperava nunca alterar. Era uma «página voltada» como a si próprio dizia, em inglês. Mas de novo vinha o contacto do mundo e insensivelmente arrastava-o para o mesmo nível ou ainda mais baixo do que caíra em antes da crise.

A primeira vez que procedera à «limpeza da consciência» fora no verão que passara junto de suas tias.

A crise foi muito viva, crise de exaltação juvenil, cuja duração se prolongou por muito tempo. A segunda declarou-se-lhe na ocasião da guerra contra os turcos; sonhando em sacrificar-se, fez-se enviar para o teatro da guerra, mas as consequências dessa crise desapareceram rapidamente. E a última dera-se quando abandonara o exército para se dedicar à pintura.

Desde então, nunca mais procedera a nenhuma «limpeza».

Era por isso que a diferença entre o que a consciência lhe ordenava que fosse e a vida que levava, nunca fora tão grande como agora.

Sentiu-o e ficou horrorizado; o abismo era tão fundo que lhe pareceu impossível fazê-lo desaparecer.

«Quantas vezes tentaste corrigir-te e melhorar-te sem nada consegues?», segredava-lhe a voz da tentação. «De que serve recomeçar outra tentativa? E imaginas que és o único? Enganas-te! Todos são como tu, é a vida!»

Porém o ser moral, o ser livre, ativo, vivo, o único verdadeiro que existe em todos nós, despertara e Nekludov escutava-o e acreditava-o. Por maior que fosse a diferença entre o que ele era e o

que queria ser, o ser íntimo, eterno e poderoso, afirmava-lhe a possibilidade de transformação.

— Despedaçarei os laços mentirosos que me prendem, custe o que custar, e confessarei tudo, proclamando a verdade! — disse em voz alta. — Direi a verdade toda a Missy: que sou um devasso indigno de a desposar e pedir-lhe-ei perdão de a ter iludido! Direi a Maria Vassilievna... não, não lhe direi nada, mas confessarei ao marido que sou um patife que abusava da amizade que sempre me dedicou. E a ela, à Katucha, confessar-lhe-ei o meu pecado, reconhecendo-me miserável. Sim, farei tudo para suavizar-lhe a sorte; revê-la-ei para lhe pedir perdão... Sim, pedirei perdão como as criancinhas... — Deteve-se um momento; em seguida continuou: — Casar-me-ei com ela se tanto for preciso!

E de novo parou. Aumentava-lhe de momento a momento a exaltação íntima. De repente, juntou as mãos como quando criança, ergueu os olhos e disse:

— Senhor, ajuda-me, guia-me e purifica-me!

Nekludov orava; pedia a Deus que o amparasse e purificasse quando a sua oração já fora atendida pelo Deus que vivia nele e lhe retomara posse da consciência.

E Nekludov sentia-o porque sentia a liberdade, a bondade e a alegria da vida; compreendia agora que todo o bem que o homem pode fazer, ele podia realizá-lo.

Os olhos marejaram-se-lhe de boas e más lágrimas; boas porque eram lágrimas de felicidade provocadas pelo despertar do ser espiritual que tantos anos tivera abafado no seu íntimo; más porque eram lágrimas de orgulho e de admiração por si e pela grandeza da sua alma.

Sufocava; dirigiu-se a uma janela e abriu-a. Em baixo era o jardim. Estava uma noite fresca, clara, silenciosa. Ao longe ouviu-se rodar uma carruagem e de novo reinou silêncio. Um álamo ainda desfolhado, projetava-se em sombra na relva e no ensaibrado do jardim. À esquerda, o teto da cocheira brilhava, prateado pelo luar.

Nekludov admirava o jardim em que se espalhava a doce luz prateada, a cocheira e a sombra do álamo, aspirando o ar vivificante da noite.

— Que beleza, meu Deus! Que beleza! — dizia.

Mas era principalmente na sua alma que estava toda a beleza.

Capítulo 8

I

Só às 6 horas é que Maslova foi conduzida para a prisão, completamente exausta de forças. A imprevista severidade da sentença esmagava-a e o demorado trajeto através das ruas mal calçadas da cidade acabara por aniquilá-la.

Além disso morria de fome. Num dos intervalos da audiência os soldados que a guardavam tinham comido à sua vista, pão e ovos cozidos, o que lhe fizera crescer água na boca. Reconheceu assim que tinha fome, mas considerou indigno de si baixar-se a pedir-lhes alguma coisa. A audiência recomeçara e durara mais três horas, de forma que a Maslova, à força de embrutecida, já nem sentia a fome. Foi nesta disposição que ouviu a leitura da sentença.

A princípio julgara sonhar. Não podia conceber bem o que fossem trabalhos forçados. Era tudo, com certeza, um pesadelo que ia desaparecer com o acordar. Mas a maneira natural como magistrados, advogados e testemunhas, a sala toda enfim, acolheu a leitura da sentença fê-la compreender qual era a verdadeira realidade.

Então, um impulso de indignação dominara-a e gritara com todas as forças que estava inocente. Esse grito arrebatador fora também acolhido como coisa natural, esperada, incapaz de em nada lhe alterar a situação.

Desatou então a chorar copiosamente, resignada a sofrer até final a estranha e cruel injustiça que o destino fazia cair sobre ela.

Admirava-a nisto tudo um estranho facto; é que uma tal sentença, como aquela a que fora condenada, pudesse ser lavrada por homens — e por homens, na força da vida, não por velhos; por homens que no decorrer da audiência a haviam admirado com olhares benevolentes, excetuando o delegado, que era o único que parecia não ter prazer algum em vê-la e cujos olhares eram os mais malévolos. Pois estes homens que a haviam citado com tanta benevolência tinham sido os mesmos que a haviam condenado a trabalhos forçados, inocente como estava do crime que lhe imputavam!

Sim, chorara todas as lágrimas que pudera, até por fim se estancarem, e quando, finda a audiência, foi encerrada num quarto do tribunal só já pensava em duas coisas: fumar e beber.

Kartimkine e Bochkov reuniram-se-lhe pouco depois da sentença. A Bochkov começou logo a ralhar-lhe:

— Sim, o que é que tu lucraste? Livraste-te? Não, apanhaste o que merecias. Agora toca para a Sibéria fazer de espertalhona!

A Maslova, sentada, com as mãos embrulhadas nas mangas do capote, curvara a cabeça; fitando imóvel o soalho, repetia de vez em quando:

— Não me atormentes que eu também não te atormento.

Quando os dois apoquentadores companheiros foram conduzidos para a prisão e novamente ficou só, lançou um suspiro de alívio. Sentara-se momentos antes, quando o soldado que a guardava entreabriu a porta e lhe entregou três rublos.

— Toma isto que te manda uma senhora.

— Que senhora?

— Vamos! Pega lá e deixemo-nos de conversas.

Fora Madame Kitaiev, a sua antiga patroa, que lhe enviara aquele dinheiro.

Ao terminar a audiência perguntara ao escrivão se poderia dar algum dinheiro à condenada e, recebendo resposta afirmativa, tirara com precaução a luva de três botões que calçava na mão esquerda e procurando no bolso do vestido uma carteira repleta de notas e moedas de prata e cobre, entregara ao escrivão uma nota de dois rublos e meio, juntara-lhe cinquenta kopeks em cobre, tudo o que o escrivão, na sua presença, dera ao soldado para este o fazer chegar à destinatária.

— Faz favor de entregar tudo e já — disse Madame Kitaiev.

O soldado ofendera-se com esta observação e por isso tratara mal a Maslova.

Esta alegrara-se à vista do dinheiro que lhe ia permitir saciar os insofridos desejos.

«Oxalá que possa arranjar depressa tabaco e aguardente», dizia, concentrando o pensamento nestas almejadas aspirações. Era tal a vontade que tinha de beber aguardente que só a ideia trazia-lhe o gosto à boca; igualmente aspirava com sofreguidão o aroma do tabaco que lhe entrava no quarto, às lufadas. Esperou, contudo, muito tempo antes que pudesse satisfazer a ambição de momento.

O escrivão que a devia mandar de novo para a prisão esquecera-se, ficando a conversar sobre política com um dos juízes e com o advogado. Por fim, aí pelas cinco horas, vieram buscá-la para a entregarem outra vez aos soldados que já a tinham escoltado pela manhã. Mal transpôs o limiar do tribunal, entregou a um dos

soldados os cinquenta kopecks, pedindo-lhe que comprasse cigarros, pão e aguardente.

— Eu trago tudo — disse rindo o soldado.

Efetivamente trouxe tudo, exceto a aguardente que se negou a comprar.

A Maslova resignara-se a comer simplesmente pão, ao tempo que caminhava; a fome, porém, aumentava.

Era sol-posto quando chegou à prisão. No vestíbulo teve que esperar muito tempo, porque os guardas se ocupavam em receber um bando de cem prisioneiros remetidos de uma cidade próxima. Havia-os de grandes barbas, ou barbeados de fresco, novos e velhos, russos, estrangeiros; uns tinham cabelo cortado e a cabeça meia barbeada, com grilhões nas pernas e todos enchiam o recinto com poeira, barulho e um cheiro ácido de transpiração. Ao passarem pela Maslova olharam-na cobiçosamente e, sorrindo, aproximaram-se, o rosto iluminado pelo desejo, para lhe cingirem a cintura.

— Eis uma bela de Moscovo, com certeza — disse um deles.

— Os meus cumprimentos, minha senhora — disse um outro piscando os olhos.

Um outro ainda, com o rosto tostado, grandes bigodes, a cabeça barbeada e arrastando os grilhões, levou a familiaridade até abraçá-la.

— Já não conheces o teu querido? Não queiras dar-te ares!

— Menos amor, menos amor — respondeu a Maslova, repelindo-o.

— Olá, velhaco! Que estás tu a fazer? — exclamou um guarda que saía da secretaria. O forçado retirou-se, tremendo. O guarda então voltou-se para a Maslova: — E tu, que fazes aqui?

A Maslova quisera responder que vinha do tribunal; faltaram-lhe, porém, as forças.

— Chegámos agora do tribunal — respondeu um dos soldados fazendo a continência.

— Entreguem-na ao chefe dos carcereiros e depressa. Não a quero aqui.

— Sim senhor.

— Sokolov, venha buscá-la! — gritou um dos auxiliares.

O chefe dos carcereiros compareceu, tomando posse de Maslova com uma palmada que lhe deu num dos ombros, ao tempo que lhe indicava com a cabeça o caminho a seguir. Ao chegarem à divisão das mulheres, a Maslova foi apalpada e não lhe sendo encontrado nada proibido (escondera o tabaco dentro de um pão), deu novamente entrada na sala donde saíra pela manhã.

II

A grande sala em que a Maslova foi encerrada media 9 archines de comprimento por 7 de largura, recebendo luz por duas janelas; um fogão velho enegrecido e vinte leitos de tábuas desjuntas, ocupando dois terços do comprimento, eram todo o mobiliário. Na parede fronteira à entrada, estava dependurada uma imagem, negra de porcaria, com um ramo de perpétuas atado num dos lados; em baixo ardia uma vela. Atrás da porta, à esquerda, estava o balde das imundices.

A inspeção da tarde terminara e as prisioneiras foram fechadas por toda a noite,

Habitavam a sala quinze pessoas; doze mulheres e três crianças. Ainda havia luz bastante e apenas duas mulheres estavam deitadas. Uma, que dormia com a cabeça tapada por um chale, era idiota e estava presa por vagabundagem; passava assim todo o dia. A outra, condenada por roubo, estava tísica. Esta não dormia, mas estava estendida, com os grandes olhos abertos e a cabeça erguida pelo chale, dobrado como travesseira. Para não tossir, retinha custosamente na garganta saliva que lhe aparecia pelos lábios.

Das outras mulheres, cuja maioria vestia apenas camisas de grosseiro tecido, estavam sete agrupadas nas duas janelas, espreitando o bando de prisioneiros que passava em baixo, no pátio. Numa delas estava um grupo de três mulheres, entre as quais a velha que pela manhã conversara com Maslova pela abertura da porta. Chamava-se Korableva, esta criatura de rosto carrancudo, fartas sobrancelhas e uma verruga coberta de pelos no meio da cara; de sob o queixo pendia-lhe, espapaçada, a pele, e apesar de ter raros cabelos grisalhos nas fontes, era forte, alta e bem constituída. Fora condenada por haver assassinado o marido que um dia encontrara desflorando sua própria filha. Era a decana da sala e exercia o comércio de aguardente, em pequena escala. Sentada junto da janela, cosia, pegando na agulha com três dedos da sua grosseira mão, à maneira dos aldeões. Ao seu lado sentava-se, igualmente cosendo, uma mulherzita de nariz chato, com olhos negros, sempre em movimento. Tinha sido guarda da linha no caminho de ferro e fora condenada a três meses de prisão por haver deixado de acenar com as bandeiras a um comboio que por este

motivo sofrera um acidente. A terceira era Fedósia — ou Fenichka como aqui lhe chamavam — muito jovem, rosada e branca com luminosos olhos de criança e duas grandes tranças de cabelo, enroladas na pequenina cabeça. Estava presa por ter tentado envenenar o marido.

Efetivamente, tentara envenená-lo na própria noite do casamento, sem saber porquê. Tinha só dezasseis anos e odiava o homem com quem a haviam casado. Porém no decorrer dos oito meses que precederam o julgamento, ela não só se reconciliara com o marido, mas até se apaixonara por ele, de forma que, quando foi julgada, pertencia-lhe em corpo e alma, o que não impedira o tribunal de a condenar, apesar das súplicas e rogos do marido e sogros, que durante esse tempo se lhe haviam afeiçoado ternamente. Boa, alegre, sempre sorrindo, a Fedósia era vizinha da Maslova, no leito; depressa se lhe havia afeiçoado e não havia cuidados que lhe não prestasse.

Não muito retiradas, sentadas num leito, estavam mais duas mulheres. Uma aparentando quarenta anos, era magra e pálida, conservando traços da antiga beleza. Sustentava nos braços uma criancinha que estava amamentando. Esta aldeã fora presa por se insurgir contra a autoridade, quando se procedia ao alistamento militar na comuna a que ela pertencia. Os mujiques consideraram como o ilegal o alistamento de alguns mancebos da comuna e amotinaram-se, impedindo-lhes a saída. Esta rapariga fora a primeira a deitar as mãos às rédeas do cavalo em que ia já seu sobrinho. A outra que estava sentada a seu lado era uma velha, pequenita, corcunda e de cabelos grisalhos. Fingia agarrar um rapaz de 11 anos, corado e bochechudo, que corria em redor, rindo às

gargalhadas. A criança, em camisa, corria sempre em redor dela, interrompendo o riso apenas para repetir: «Tu não me agarras, tu não me agarras!»

A velha tinha sido declarada cúmplice de um seu filho, condenado por incendiário. Suportava o encarceramento com resignação completa, inquietando-se só pelo marido, que na sua ausência não tinha ninguém que o limpasse e lhe catasse os piolhos.

Na outra janela, com os rostos encostados às grades, estavam quatro mulheres; falavam com os presos que passavam em baixo no pátio, os mesmos que a Maslova encontrara no vestíbulo quando regressara do tribunal. Uma delas — condenada por ladra — era ruiva, muito alta, de corpo flácido e rosto pálido, coberto de sardas. Berrava com voz enrouquecida, através da janela, toda a espécie de nomes obscenos. A seu lado estava uma mulherzinha trigueira, com aparência de rapariga de dez anos, de cinta muito comprida e pernas curtas. Tinha o rosto avermelhado e picado das bexigas, com grossos lábios que deixavam ver uma enfiada de dentes, alvos e salientes.

Agitando os grandes e negros olhos, ria perdidamente, escutando o diálogo travado entre a vizinha e os prisioneiros que estavam no pátio.

Era conhecida por causa da sua fealdade como «a Bela». Atrás dela, sem dizer nada e limitando-se a sorrir com aprovação às obscenidades que ouvia, estava outra mulher magra e ossuda, rosto lastimável, uma desgraçada condenada como recetora de roubos.

A quarta mulher que fazia companhia a estas havia sido condenada por vender ilicitamente aguardente e era a mãe do rapazito que brincava com a corcunda e de uma outra rapariga de

sete anos que, por não saberem que destino lhe haviam de dar, tinha obtido permissão de viver com a mãe, na prisão.

A rapariga estava agarrada à mãe escutando atentamente os ditos obscenos e repetindo-os, como para decorá-los. Era muito delicada e franzina, com encantadores olhos azuis e duas tranças de cabelo muito claro, estendidas pelas costas.

A décima segunda prisioneira, era a filha de um diácono, que afogara o filho recém-nascido, num poço. Era alta, robusta e loura, com os cabelos desgrenhados, e olhar imóvel.

Andava de um lado para o outro, não vendo ninguém, não falando a ninguém, limitando-se a grunhir inarticuladamente, quando chegava à parede e tinha de voltar-se.

III

Quando se abriu a porta para Maslova entrar, a filha do diácono interrompeu, por um momento, o seu passeio e fitou a recém-chegada; depois recomeçou a andar. A Korableva espetou a agulha na saca que cosia e fitou-a também por cima dos óculos, interrogativamente:

— Então tornaste a voltar? Sempre julguei que te absolvessem!
— disse, com voz de baixo.

Tirou os óculos e pousou-os juntamente com o trabalho em cima do leito.

— E nós a imaginarmos que tu já estavas à solta! Acontece isso, parece! E até dão dinheiro, outras vezes! — dizia a guarda da

linha em voz melódica.

— Condenaram-te? — interrogou timidamente Fenichka erguendo os olhos infantis.

O alegre rosto entristeceu-se-lhe, prestes a chorar.

Maslova não respondeu, aproximou-se da cama e sentou-se.

— Nunca esperei semelhante coisa — disse a Fenichka sentando-se-lhe ao lado.

A Maslova, depois de alguns segundos de imobilidade, levantou-se, pousou na borda do leito o pão que trazia, tirou o capote coberto de pó, desapertou o lenço que lhe cobria a cabeça, descalçou-se e estendeu-se na cama.

A velha corcunda que estivera brincando com o rapaz aproximou-se.

— Meu Deus! Meu Deus! — disse doridamente e abanando com a cabeça.

O rapazito seguira-a e ficara de boca aberta e olhar esgazeado, parado diante do pão que a Maslova trouxera.

Todas estas provas de solicitude haviam despertado na Maslova a vontade de chorar. Contivera-se, porém, até que a velha e o rapaz chegaram junto dela. Quando ouviu a exclamação desoladora da velha e quando encontrou o olhar sério da criança não pôde conter-se mais. O rosto estremeceu-lhe e desatou a chorar.

— Não te preveni que arranjasses um bom advogado? — disse a Korableva. — E o que foi? A Sibéria?

A Maslova não pôde responder sufocada pelas lágrimas; tirou de dentro do pão um maço de cigarros em cujo invólucro brilhante, com cabelo levantado, uma dama muito decotada e entregou-a à Korableva. Esta olhou para a figura, abanou com a cabeça como que

censurando-a por gastar dinheiro tão loucamente, tirou um cigarro que acendeu na vela que ardia diante da imagem, aspirou um baforada e entregou-o à Maslova que, mesmo chorando, fumou avidamente,

— Trabalhos forçados — disse enfim, entre dois soluços.

— Esses carrascos malditos não temem a Deus! — gritou a Korableva.

— O que é que ela fez? Porque é que a condenam?

Neste momento ouviu-se uma gargalhada partida da janela onde se encontravam ainda as quatro mulheres. A rapariguita também ria e ouvia-se o seu fresco e agudo riso, misturado com as rudes gargalhadas das companheiras. Com certeza, fora algum dos prisioneiros que fizera no pátio um gesto que provocara esse acréscimo de alegria obscena.

— Olha o cão pelado o que está a fazer! — disse a ruiva, rindo até abalar o corpo flácido e encostando-se de novo às grades.

— Lá está aquela pele de tambor! É caso mesmo para rir! — disse a Korableva apontando para a ruiva.

— E quantos anos?

— Quatro! — respondeu a Maslova, chorando tão copiosamente que uma lágrima rolou-lhe para o cigarro e apagou-lho. Com um movimento febril, amarrotou-o na mão e deitou-o fora.

— São verdadeiros assassinos, palavra! — disse a guarda da linha apanhando o cigarro que a Maslova deitara fora e desejando animá-la. — E nós a imaginarmos que te iam soltar! Aquela é que dizia: «Mandam-na embora!» E eu respondia: Não me palpita! E eu tinha razão! — continuou a guarda, escutando com agrado o som da sua voz harmoniosa.

Durante este tempo, os presos tinham atravessado o pátio inferior e as mulheres que se divertiam com eles à janela juntaram-se ao grupo que rodeava a Maslova.

— Então foste condenada? E porquê? — perguntou-lhe aquela, que estava presa por vender ilicitamente aguardente e que agora estava acompanhada pela filha.

— Porquê? Porque ela não tinha dinheiro! — respondeu a Korableva. — Tivesse ela dinheiro com que pagar a um advogado hábil e astuto que ele livrá-la-ia. Eu conheço um (não me lembro agora o nome), é uma raposa que não tem outra igual; era capaz de a tirar da água sem a molhar! Era quem devias ter arranjado!

— Foi a sorte que assim o quis — interrompeu a condenada por incendiária. — Então também não é terrível separar um velho da mulher e do filho sem ter ninguém que cuide dele? E eu que vim para aqui na velhice? Isto de prisão e de bordão de mendigo nunca esperam por convite.

E pela centésima vez principiou a contar a sua história.

— Ninguém foge ao seu destino! — disse ao terminar, abanando com a cabeça.

Aquela que vendera aguardente ilicitamente sentara-se na cama em frente de Maslova e, puxando a si a pequenita, sua filha, começou a catar-lhe os piolhos.

— É sempre assim com estes malditos! Diziam-me eles: «Porque vendias tu aguardente sem licença?» E com que é que eu havia de sustentar-me e à criança?

Maslova, ouvindo estas palavras, sentiu despertar-lhe a ânsia de beber.

— Dás-me um pouco de *vodka*? — disse à Korableva, enxugando as lágrimas com a manga da camisa.

Sossegara um pouco; de tempos a tempos, escapava-lhe um soluço.

— Venha dinheiro — respondeu a Korableva.

IV

A Maslova tirou igualmente de dentro de um pão a nota que Madame Kitaiev lhe dera e entregou-a à Korableva. Esta, que não sabia ler, aceitou-a depois de mostrar à Bela, que passava por saber de tudo: depois foi direita ao fogão, onde tinha escondido uma garrafa. Enquanto esperava pela aguardente, Maslova entreteve-se a escovar o capote e o lenço e a comer pão.

— Eu tinha feito chá, mas agora deve estar frio — disse-lhe Fenichka, indo buscar a uma prateleira colocada junto à sua cama, uma chaleira e um púcaro de lata tudo envolvido numa velha meia.

O chá estava efetivamente frio e sabia mais à lata do que a chá; apesar disso a Maslova bebeu-o, fazendo sopas com o pão.

— Fédia, toma lá — disse ela à criança, partindo um bocado de pão e dando-lho.

As outras mulheres tinham-se afastado e a Maslova, depois de ter na mão a garrafa de *vodka*, serviu-se dela e ofereceu de beber à Korableva e à Bela; as três eram consideradas como a aristocracia da sala, as únicas que algumas vezes tinham dinheiro.

Pouco depois a Maslova estava reanimada e contava alegremente às companheiras o que lhe acontecera desde pela manhã.

Imitando o presidente, o delegado e os advogados, falou-lhes naquilo que mais a impressionara: a solicitude com que todos os homens a examinavam.

— No tribunal todos olhavam para mim — dizia —; até vinham espreitar-me quando estava fechada! Uns fingiam procurar qualquer coisa ou diziam: onde está isto, aquilo, o papel que aqui deixei? Mas eu entendia-os! O que queriam era devorar-me com o olhar — acrescentou, sorrindo vaidosamente. — São artistas regulares!

— É tal e qual — disse a guarda da linha, aproximando-se. — Os homens andam à volta de nós como as moscas ao redor do açúcar — comentou, em voz melódica.

— Quando cheguei aqui, foi a mesma coisa — continuou a Maslova, sorrindo. — Lá em baixo, na entrada, estavam os presos que tinham chegado do comboio; apoquentaram-me e perseguiram-me tanto que eu já não sabia como havia de me livrar deles. Felizmente apareceu o carcereiro e eles sossegaram: um, principalmente, parecia danado; até cheguei a bater-lhe!

— Que figura tinha? — perguntou a Bela.

— Era muito negro, a cabeça rapada e grandes bigodes.

— Com certeza era ele.

— Quem?

— Quem? Cheglov! Passou agora no pátio.

— Quem é esse Cheglov?

— Não conheces? Já fugiu duas vezes das galés. Agora agarraram-no, mas ele torna a fugir. Até os carcereiros têm medo

dele — informou a Bela, que estava ao corrente do que ia pela prisão, graças à correspondência secreta que mantinha com a divisão dos homens.

— Com certeza torna a fugir!

— Sim, foge, mas não nos leva com ele! — disse a Korableva — Conta-nos tu o que é que o advogado te disse a respeito do recurso — disse, voltando-se para a Maslova. — É agora que deves assinar o pedido.

A Maslova respondeu que não ouvira falar em nada disso no tribunal.

Neste momento a ruiva aproximou-se das «aristocratas», que continuavam beberricando aguardente e coçando a cabeça com as unhas das mãos sardentas, disse:

— Eu ensino-te o que deves fazer, Catarina! Deves primeiro requerer ao juiz, dizendo que não te conformas com a sentença, e depois ao delegado.

— Que estás tu a dizer? — perguntou-lhe a Korableva em voz irritada. — Já te conheço. Cheirou-te a aguardente e queres vender os conhecimentos! Rua, que aqui também se sabe o que há a fazer. Rua! Rua!

— Ninguém fala contigo. Que te importa?

— Queres aguardente? Não é para as tuas goelas!

— Dá lhe uma pouca — disse-lhe Maslova sempre pronta a despojar-se do que possuía.

— Espera que vais ver o que é que eu lhe dou se ela não se vai embora.

— Julgas que te tenho medo? — disse a ruiva aproximando-se de Korableva.

— Olha a abandalhada!

— Tu insultas-me, meu pássaro bisnau? — exclamou a ruiva.

— Largueza, largueza! — respondeu a Korableva.

Mas, como a ruiva se aproximasse ainda mais, deu-lhe um murro no peito nu. Como se tivesse apenas esperado por esta provocação, a ruiva lançou um braço à cabeça da adversária, enquanto procurava com a mão livre agarrar-lhe a rosto. A Maslova e outra tentaram separá-las, mas a ruiva agarrara com tal força nos cabelos da Korableva, que não havia maneira de lhos fazer largar. A Korableva, com a cabeça inclinada, batia ao acaso no corpo da sua inimiga, procurando morder-lhe nos braços. Toda a sala se reunira à volta das duas, agitando-se e gritando; até a tísica se levantou, juntando aos gritos das companheiras o ruído de um ataque de tosse. Para aumentar a confusão, as crianças desataram num berreiro de tal ordem, que a carcereira ouviu-o e apressou-se a intervir.

Afinal conseguiram separá-las; a Korableva desamarrou os cabelos para sacudir os que lhe tinham sido arrancados. A outra, a ruiva, aconchegava ao peito descarnado a camisa esfarrapada; ambas gritavam queixas e explicações:

— Já sei, já sei — dizia a carcereira; — tudo isto é por causa do *vodka*; amanhã, o diretor falar-vos-á! Vamos, toca a deitar e pouco barulho!

Mas isto era difícil de obter. Ainda durante muito tempo a disputa continuou, cada qual contando a seu modo como o caso havia principiado. Por fim a carcereira saiu e as presas prepararam-se para dormir. A velha corcunda ajoelhou-se diante da imagem, rezando.

— Então aqueles dois pássaros bisnaus não queriam dar-me uma lição? — disse de repente a ruiva, já deitada na cama e elevando a voz para ser ouvida pela Maslova e pela Korableva, cujas camas ficavam na extremidade oposta da sala.

— Tem cautela que eu ainda esta noite dou cabo de ti! — respondeu Korableva.

— Tivessem-me deixado, que já a estas horas estavas desolhada! — retorquiu a ruiva.

E por instantes calaram-se. A este pequeno intervalo seguiu-se outra troca de ameaças e injúrias, depois outro intervalo maior, novo acesso de obscenidades e afinal o sossego. A trovoadas rebentara e lentamente ia-se afastando, até completa tranquilidade.

Tudo estava deitado e algumas já ressonavam. Só a velha corcunda e a filha do diácono estavam a pé; a velha, que rezava muito, continuava fazendo genuflexões diante da imagem e a outra recomeçara andar de um para o outro lado, logo que a carcereira se retirara.

A Maslova não podia dormir, pensando nas alcunhas com que a haviam designado, no tribunal a Bochkov, e agora aqui a ruiva; não podia também habituar-se a ideia de para futuro ser unicamente uma condenada a trabalhos forçados.

A Korableva, que tentara dormir, voltou-se de novo para a Maslova.

— E estou perdida, perdida sem ter feito nada — dizia baixinho a Maslova. — E às outras, às culpadas nada se lhe diz!

— Coração ao largo, rapariga! Também se vive na Sibéria! E tu viverás! — respondeu-lhe a Korableva tentando consolá-la.

— Bem sei que sim: mas é sempre vergonhoso! E eu não fui criada para isso, habituada como estou ao luxo!

— É a vontade de Deus! — replicou a Korableva. — Contra ela nada há a fazer.

— Será, mãezinha, mas é duro!

Fez-se silêncio.

— Ouves aquela desavergonhada? — disse a Korableva, chamando a atenção da sua vizinha para um ruído estranho que vinha da extremidade da sala.

Efetivamente a ruiva não dormia e chorava estendida no leito. Chorava porque fora injuriada, esmurrada e não conseguira a aguardente que tanto ambicionava! Chorava relembrando que na vida apenas sofrera injúrias, zombarias, humilhações e pancadas. Tentando consolar-se, recordou o seu primeiro amor com o jovem operário Bedka; mas recordou também como findara essas relações e essa terrível noite em que o amante, embriagado, lhe derramara vitriolo no rosto, por gracejo, divertindo-se com os companheiros em vê-la torcer-se com sofrimento. Invadiu-a uma grande tristeza e julgando que ninguém a ouvia, desatou a chorar, como as crianças, fungando e tragando as lágrimas salgadas.

— Tenho pena dela — disse a Maslova — parece que sofre.

— Cada qual com o seu calvário — respondeu a Korableva, voltando-se para dormir.

Capítulo 9

I

Quando Nekludov despertou na manhã seguinte, lembrou-se que na véspera sucedera-lhe alguma coisa bela e importante. Pouco a pouco fixaram-se-lhe as recordações; «Katucha! O tribunal! Terminar de vez com a mentira, dizer de futuro toda a verdade!»

Por estranha coincidência, havia no correio dessa manhã a tão ambicionada resposta da sua amante. Restituía-lhe a liberdade fazendo votos para que fosse feliz no casamento que ia realizar.

— O meu casamento! — replicou ironicamente; — como isso já está longe! Recordando o projeto que formara na véspera, de pôr o marido de Maria Vassilievna no conhecimento das suas relações, pedindo-lhe perdão e prontificando-se a ceder a qualquer reparação que ele exigisse, não lhe pareceu tão fácil executá-lo, como na véspera.

Pois que necessidade havia de descobrir a um homem uma verdade que o iria incomodar? «Se ele vier perguntar-me o que se passou, dir-lho-ei; mas é desnecessário que seja eu que lho vã dizer».

Igualmente lhe parecia dificultosa a resolução que tomara de dizer a verdade toda a Missy; não havia necessidade alguma de falar nesta ocasião e poupava-se a uma humilhação inútil. Era talvez preferível deixar de frequentar os Korchaguines e conservar

semirrelações, até que eles provocassem uma sincera explicação. Procederia com Katucha de outra maneira, «Irei vê-la à prisão, dir-lhe-ei tudo, pedindo-lhe perdão! E se tanto for preciso... casarei com ela!

Continuava agradando-lhe a ideia de sacrificar tudo para satisfazer as exigências da sua consciência.

Quanto à questão de dinheiro e das propriedades, resolveu ser coerente com princípios que defendia. Ainda que não tivesse coragem para despojar-se completamente dos seus bens, prometeu a si próprio apenas conservar uma pequena parte e fazer tudo que lhe fosse possível para ser sincero nas relações com os seus semelhantes.

Há muito tempo que não principiara o dia com tanta energia.

Quando Agripina Petrovna veio à sala de jantar receber as ordens, ele declarou-lhe, com rara firmeza de ânimo, do qual se surpreendeu, que resolvera mudar de habitação e que lhe dispensava os serviços. Era a primeira vez que, depois do falecimento da sua mãe, Nekludov se explicava com a governanta sobre o que tencionava fazer daquela casa excessivamente grande e luxuosa para um celibatário; até aí, como se esperava que casasse brevemente, continuava-se a habitá-la, por acordo tácito. Agripina Petrovna compreendeu imediatamente que este projeto era sequência de outro e fitou Nekludov com espanto.

— Sou-lhe muito reconhecido pela solicitude que sempre mostrou a meu respeito; mas nem preciso de uma casa tão grande, nem de pessoal tão numeroso. Se quer continuar a ajudar-me, peço-lhe que me prepare tudo para a minha mudança e que mande

encaixotar todos os móveis inúteis. Quando minha irmã vier que tome conta disso tudo.

Agripina Petrovna abanou com a cabeça.

— Que tome conta de tudo? E quando precisar deles, mais tarde?

— Nunca precisarei, Agripina Petrovna, nunca precisarei! — respondeu Nekludov, adivinhando a intenção que levava a pergunta da governanta. — Diga também a Korney que lhe pago dois meses adiantados e que procure casa.

— Parece-me que isso é proceder mal, Dimitri Ivanovitch! Ainda mesmo que tencione ir viajar, precisa sempre de uma casa para guardar os móveis.

— Não é nada disso, Agripina Petrovna! — respondeu Nekludov sorrindo. — Não vou viajar e se for, é para lugares muito diferentes daqueles que julga.

E um rubor súbito invadiu-o. «É preciso confessar tudo — pensou — nada me impede de falar e de principiar a dizer a verdade!»

— Ontem aconteceu-me uma estranha e grave aventura. Recorda-se da Katucha, que serviu em casa da tia Maria Vassilievna?

— Se recordo! Fui eu que lhe ensinei a coser!

— Pois ontem no tribunal, sendo jurado, condenei-a!

— Oh Senhor! que pena! E porque é que a condenaram?

— Por assassinato... E, fui eu o causador de tudo!

— Ora essa! Como é possível que fosse o causador de tudo!

— Sim, fui o causador de tudo! E todos os meus projetos foram destruídos!

— Mas o que é que está a dizer?

— Já que fui o culpado dela ter seguido aquele caminho, é minha obrigação socorrê-la.

— É o seu bom coração que fala, Dimitri Ivanovitch! Isso são coisas que acontecem a todos e de que não se pode culpar ninguém! O caso é ser-se racional, que tudo se arranja, se esquece e a vida continua. É loucura acusar-se! Eu já ouvira dizer que ela se desviara do bom caminho; assim o quis, assim o tenha! É só dela a culpa.

— Não, a culpa é minha! Devo repará-la.

— Mas como?

— Isso é comigo. Quanto a si não se aflija, que minha mãe declarou no testamento que...

— Não me aflijo, Dimitri Ivanovitch! A falecida beneficiou-me tanto em vida, que nada mais necessito. Tenho uma sobrinha que me apoquento para que vá viver com ela; no dia em que o abandonar, lá estarei. Custa-me somente que tome tanto a peito aquilo que acontece a todos.

— Que quer? Não penso assim! Peço-lhe de novo, que prepare tudo para a muda. E não se zangue comigo, que sempre lhe serei reconhecido.

Nekludov compreendera, com surpresa, que reconhecendo-se enfatuado e miserável, cessara de desprezar e odiar os outros e que experimentava um sentimento afectuosíssimo por Agripina Petrovna e pelo criado. Apoderou-se dele o desejo de humilhar-se diante de Korney, como o fizera com a governanta; Korney, porém, era tão servil que Nekludov sentiu-se desanimado. Nesse dia continuaram as audiências no Palácio da Justiça, o que o obrigava a comparecer de novo. Tomou o carro da véspera e enquanto passava pelas mesmas

ruas que atravessara no fim do dia anterior, espantou-se da mudança que se produzira no seu íntimo, durante vinte e quatro horas. Era completamente outro homem.

O casamento com Missy, que ainda na véspera lhe pareceu tão próximo a realizar-se, via-o agora a que distância! Pensava então que fazia a felicidade da jovem princesa, casando com ela; mas agora julgava-se não só indigno de casar com ela, mas até de manter relações de certa intimidade. «Se ela, soubesse o que eu sou, nunca consentiria em desposar-me. E eu a censurar-lhe os namoricos com Ramanow. E, ainda que a tornasse minha esposa poderia eu ter um único momento de felicidade ou de sossego, sabendo que a outra desgraçada jaz na prisão e que qualquer dia partirá a marchas forçadas para a Sibéria? Em casa, muito sossegado, eu receberia as felicidades pelo meu enlace, ou então andaria a fazer visitas acompanhado de minha esposa! Depois, sentando-me ao lado de um amigo que indignamente enganei, contaria, na assembleia da nobreza, os votos sobre a nova lei escolar e, secretamente, iria fazer companhia a sua mulher, ao findar os trabalhos diários! Ou então continuaria a aplicar-me a esse infundável e maldito quadro, empreendimento superior às minhas forças! «Não, tudo findou e para sempre!» — dizia consigo Nekludov, contente da revolução íntima porque passara.

— Em primeiro lugar é necessário tornar a ver o advogado e conhecer-lhe a opinião; depois... depois vê-la e dizer-lhe tudo!

E, sempre que imaginava o modo como se abeiraria dela para dizer-lhe tudo, confessando-se criminoso, reconhecendo-se causador de todo o mal e mostrando-se pronto para o atenuar invadia-o um

enternecimento pela sua própria bondade e humedeciam-se-lhe os olhos.

II

Mal chegou ao Palácio da Justiça, Nekludov encontrou no corredor o escrivão que assistira à audiência do dia anterior. Informou-se com ele para onde é que os réus eram enviados depois do julgamento e de quem se poderia obter permissão para os visitar. O escrivão respondeu-lhe que os réus eram remetidos para sítios diversos e que até à aplicação da sentença, era o juiz presidente que concedia autorização para as entrevistas.

— Quando terminar a audiência eu vou apresentá-lo ao presidente. Agora venha, que vamos começar.

Nekludov agradeceu e entrou no gabinete dos jurados.

Estavam todos a preparar-se para passar à sala das audiências; o negociante, alegre como sempre, comera e bebera lautamente e saudou Nechludow como um velho conhecimento. Mas nem este, nem a familiaridade de Pedro Gerassimovitch, o impressionaram desagradavelmente, como até então.

«Ontem devias ter-te levantado, quando foi pronunciado o *veredictum* e confessado o crime que cometeste», dizia a si mesmo Nekludov, respondendo à interrogação que se lhe formulara em espírito sobre se deveria revelar aos jurados as relações que mantinha com a condenada da véspera.

Quando, porém, entrou na sala das audiências e viu recomeçar o espetáculo do dia anterior — a mesma chegada dos juízes ao estrado, envoltos nas togas, o mesmo silêncio, os mesmos soldados, jurados e padre — compreendeu que lhe seria impossível perturbar aquele solene conjunto, ainda que dispendo da melhor boa vontade.

Os preliminares para o julgamento foram em tudo semelhantes aos da audiência anterior, excetuando a alocução presidencial ao júri e o juramento dos jurados, que não se realizaram.

O caso que entrava em julgamento era um roubo. O réu era um rapaz de vinte anos, de ombros descaídos, magro, pálido, tossindo constantemente e vestindo um capote escuro; estava sentado no banco, entre dois soldados. Era acusado de, em companhia de um camarada, ter arrombado a porta de uma cocheira e ter furtado um embrulho de esteiras velhas, avaliado em dez rublos e meio. Surpreendidos por um polícia quando conduziam o roubo, confessaram imediatamente tudo e foram enviados para o calabouço. Aí falecera um deles, razão porque agora só comparecia o outro para ser julgado. Nessa mesa, ao lado, estavam as esteiras que haviam sido subtraídas.

A audiência deslizava exatamente como a da véspera, com interrogatórios, testemunhas, provas e contraprovas. O polícia que fizera a prisão respondia invariavelmente a todas as perguntas quer do presidente quer do advogado: «Isso mesmo» ou então: «Não sei.» Eram respostas maquinais a que a disciplina o habituara; adivinhava-se, contudo, que não estava muito satisfeito com a captura que realizara e que lastimava o acusado. Outra testemunha, era um velho de rosto sofredor, proprietário da casa onde fora cometido o roubo. Quando lhe perguntaram se reconhecia como

suas as esteiras furtadas, mostrou-se relutante em responder, e quando o delegado o interrogou, inquirindo se as esteiras lhe eram de utilidade, respondeu irritadamente: «Diabo leve as esteiras! Não me servem de nada! Daria de boa vontade o dobro do seu valor para não me incomodarem! Só em carros já eu gastei muito mais! Sou doente e sofro há mais de sete anos ataques de reumatismo.»

Assim falaram as testemunhas. Quando chegou a vez ao réu este contou naturalmente como o caso se passara; falava com voz incessantemente quebrada por ataques de tosse e revirava a cabeça em todas as direções, com o olhar desvairado, como o de um animal preso numa armadilha. E o delegado, inventava perguntas subtis, que lhe dirigia, para lhe desmascarar a astúcia e confundi-lo. Quando se ergueu para formular a acusação, mostrou que o roubo fora cometido com premeditação e arrombamento e que por consequência o réu merecia o castigo mais severo.

O advogado officioso, ao contrário, provou que o roubo fora cometido sem premeditação, que não houvera arrombamento e que o criminoso não era um ente tão perigoso para a sociedade como o afirmara o delegado. Por último, o presidente tentando conservar-se imparcial, exatamente como na véspera, explicou aos jurados o que eles já sabiam do caso e o que não deviam deixar de saber. Houve também um intervalo para os jurados fumarem e o oficial novamente tornou a anunciar: «Os juízes». Também como na véspera os soldados, que de espada desembainhada guardam o preso, faziam os mesmos esforços que no dia anterior, para não cabecearem com sono.

Averiguou-se pelos debates que o acusado era aprendiz de cigarreiro numa fábrica em que o pai o colocara, onde trabalhara

cinco anos até que, em virtude de uma questão entre os operários e o patrão, fora despedido. Achando-se sem trabalho, vagueou ao acaso pelas ruas da cidade, travando então conhecimento com um operário serralheiro, igualmente desempregado e que se entregava à bebida. Ambos embriagados nessa noite, tinham arrombado a porta da cocheira e deitado mão ao primeiro objeto que se lhes deparara. Fora o serralheiro que morrera na prisão e o cúmplice era agora trazido a julgamento como um indivíduo perigoso para a sociedade.

«Tão perigoso como a que condenamos ontem! — pensava Nekludov, assistindo ao desenrolar dos debates. — São seres perigosos? Seja! Mas então o que somos nós que os julgamos? Eu, por exemplo, que sou eu senão um devasso, mentiroso e impostor? E nós então não somos perigosos! Admitindo que esta desgraçada criança seja o único perigoso que está nesta sala, o que é que o senso comum nos diz que devemos fazer dele, já que foi agarrado? É evidente que este rapaz não é um criminoso de profissão, nem nenhum malfeitor extraordinário, mas antes pertence à mais vulgar das espécies. É o que todos sabem e sentem, como igualmente todos sabem que o meio e as condições em que foi criado é que fatalmente o obrigaram a ser aquilo que ali está. Também não é menos evidente a quem não for totalmente desprovido do senso comum, que para obstar a que naturezas daquelas se percam, é necessário, primeiro que tudo, destruir as condições cujos efeitos inevitavelmente lhe originam a ruína. Porém, o que é que nós fazemos? Agarramos ao acaso um destes pobres diabos e sabendo perfeitamente que milhares deles ficam em liberdade, encarceramo-lo, condenando-o a uma ociosidade completa ou a trabalho estúpido e doentio, em companhia doutros da mesma espécie para passado

algun tempo os transportar à custa do Estado, do governo de Moscovo para o governo d'Irkoutsk juntamente com criminosos dos piores. Para destruir as condições em que são gerados estes indivíduos não fazemos nada; ao contrário! Incitamos o seu desenvolvimento, multiplicando as fábricas, oficinas, tabernas e as casas de tolerância. Não só não as destruimos mas julgamo-las necessárias, animando-as com o apoio da lei. É assim que criamos não um malfeitor, mas milhares deles; agarramos depois um, ao acaso, e quando conseguimos enviá-lo de um para outro governo, imaginamos que cumprimos o nosso dever e que salvamos a sociedade!»

Assim pensava Nekludov sentado na alta cadeira de encosto, enquanto escutava os discursos dos diversos membros do tribunal.

«E, quando penso — continuava Nekludov fixando o pálido rosto do acusado — quando penso que bastaria apenas que alguém se houvesse apiedado deste infortunado, quando o pai, obrigado pela necessidade, o enviou para a cidade como operário, ou ainda mais tarde, quando depois de doze boras de trabalho, o desgraçado ia com os companheiros procurar alguma distração nas tabernas! Se nessas ocasiões aparecesse um homem que tivesse piedade dele, e lhe dissesse: «Não vás, Vania, não fazes bem!» A criança não teria ido, não se perverteria nem faria o mal que praticou! Mas não; nem um só homem se apiedou dele enquanto viveu como um animal; na fábrica, ao contrário, todos, mestres e companheiros, lhe ensinaram durante esses cinco anos, que o razoável para rapazes da sua idade consistia em mentir, beber, dizer obscenidades, espancaram-se e perseguir as raparigas. Quando afinal, cansado, depravado e arruinado pelo trabalho doentio, pela embriagues, pela devassidão,

vagueia sem destino pelas ruas da cidade e se deixa arrastar a entrar numa cocheira e furtar uns velhos esteirões inúteis, nós a quem nada falta, homens ricos, instruídos e fartos, reunimo-nos, com toda a solenidade numa sala, a fim de julgarmos um desgraçado, nosso irmão, para cuja ruina contribuímos!»

Nekludov, todo entregue a estes pensamentos, não prestava atenção ao que se passava em redor. Conjetura porque é que não compreendera mais cedo tudo isto e porque é que os outros não o compreendiam ainda.

III

Quando os jurados se encaminharam para o gabinete a fim de responderam aos quesitos apresentados pelo juiz presidente, Nekludov, em vez de os acompanhar, enfiou pelo corredor, resolvido a não voltar ao tribunal. «Façam o que quiserem daquele infeliz, mas não que eu tome parte em tal comédia!» Perguntou a um guarda qual era o gabinete do Procurador Geral e encaminhou-se para lá; o porteiro tentou impedir-lhe a entrada, afirmando que o magistrado estava ocupado. Nekludov não lhe deu atenção, entrou na antecâmara e dirigindo-se a um empregado que encontrou, pediu-lhe para o anunciar, como um jurado que desejava tratar de assunto urgente. O título de príncipe e a elegância do vestuário impuseram-no ao empregado, que insistiu e obteve do magistrado que Nekludov fosse imediatamente recebido.

— Em que o posso servir? — perguntou ele, serenamente, e conservando-se de pé, com evidente descontentamento.

— Sou jurado, chamo-me Nekludov e necessito absolutamente de ver a prisioneira Maslova — disse Nekludov, de uma só vez, enrubescendo. Sentia que estava dando o passo mais decisivo de toda a sua vida.

O magistrado a quem se dirigia era um homenzinho magro, de cabelos grisalhos e curtos, olhos vivos e uma barbicha aguçada saindo-lhe do queixo saliente.

— A Maslova? Bem sei! É uma acusada de envenenamento. E para que deseja vê-la? Desculpe a minha pergunta — acrescentou amavelmente — mas não posso conceder-lhe a autorização que me pede, sem saber os motivos que o obrigam a pedir-ma.

— Vê-la é importantíssimo para mim! — disse Nekludov, de novo enrubescendo.

— Sim? — respondeu o magistrado, fixando em Nekludov um olhar penetrante. — Essa mulher foi julgada ontem, não é verdade?

— E condenada injustamente a quatro anos de trabalhos forçados; todavia, está inocente!

— Foi ontem? — continuou o magistrado, sem prestar atenção ao que Nekludov dizia a respeito da inocência da Maslova. — Se foi ontem, deve ainda estar em prisão preventiva, e para estas condenadas as visitas realizam-se em dias fixos. Aconselho-o a realizá-la num deles.

— Necessito vê-la imediatamente — disse Nekludov, que sentiu os lábios tremerem-lhe à aproximação do momento, decisivo.

— Mas que necessidade é essa? — interrogou o magistrado, franzindo inquietadoramente as sobrancelhas.

— Necessito vê-la porque, estando inocente, condenámo-la aos trabalhos forçados e sou eu o criminoso e não ela! — acrescentou Nekludov em voz agitada.

— Como assim?

— Sim, porque fui eu que a seduzi e que a levei ao que presentemente é. Se não fora isto, nunca teria sofrido as consequências do crime que injustamente lhe atribuem.

— Porém isso não me explica porque é que deseja vê-la.

— É porque quero reparar o meu crime... casando com ela! — declarou Nekludov.

E sentia os olhos humedecidos por lágrimas de enternecimento involuntário.

— Realmente? — disse o magistrado. — Eis um caso nada vulgar! Se não me engano fez parte do *Zenstvo*³ de Kromopersk? — interrogou de novo, lembrando-se que já ouvira falar neste Nekludov que lhe acabava de participar aquela imprevista resolução.

— Exatamente. Parece-me porém que isso não tem relação alguma com o meu pedido — respondeu Nekludov irritadamente.

— Assim é — respondeu o magistrado, sorrindo ironicamente; — mas o projeto que me participou é tão fora da comum e tão bizarro...

— Pode conceder-me a autorização?

— Autorização? Sim, certamente. Queira sentar-se que já lha dou. — E dirigindo-se à secretária, sentou-se a escrever. — Peço-lhe que se sente.

Nekludov continuou de pé.

Quando acabou de escrever, o magistrado entregou-lhe um papel, ao tempo que o fitava com curiosidade.

— Devo declarar-lhe que me é impossível continuar a fazer parte do júri criminal — disse Nekludov.

— Devia apresentar no tribunal os seus motivos, a fim de ser dispensado.

— O motivo é que considero os julgamentos não só inúteis como até imorais.

— Sim? — exclamou o magistrado com o mesmo sorrisinho irónico, dando a entender que tais princípios eram-lhe familiares e que não era a primeira vez que se divertia à custa deles. — Compreende, não é verdade, que na minha qualidade de magistrado não partilhe tais ideias? Explique-as ao tribunal que, na sua competência, apreciá-las-á e declarar-lhe-á se são ou não aceitáveis. Neste último caso terá de pagar uma multa. Dirija-se ao tribunal.

— Estou resolvido a nunca mais lá voltar! — respondeu secamente Nekludov.

— Então, até mais ver! — disse o magistrado, impaciente por se ver livre do incómodo visitante.

— Quem é este sujeito que acaba de sair? — perguntou-lhe, momentos depois, um juiz que entrava no gabinete quando Nekludov saía.

— É Nekludov, lembra-se? Aquele que no Zenstvo se evidenciou por propostas originais. Imagine que, sendo agora jurado, encontrou no banco dos réus uma rapariga que ele diz ter seduzido e com quem quer casar!

— É lá possível?

— Ele próprio mo declarou num momento de estranha exaltação.

— Parece que nos cérebros da mocidade de hoje habita qualquer coisa anormal.

— Mas este já não é novo. E a respeito de Ivachenkow? Jurou que há de matar-nos! É um moinho de palavras; fala, fala e nunca acaba!

— Deve-se retirar-lhe a palavra. Daquela maneira torna-se obstrucionista.

IV

Do gabinete do magistrado, Nekludov dirigiu-se diretamente à cadeia dos condenados preventivos. Porém, não encontrou aí a Maslova, porque, em consequência de uma agitação política que tivera lugar havia meses, todos os presos que deviam aí estar tinham sido mudados para a prisão velha, cedendo os lugares a estudantes, empregados e operários. Era, pois na prisão velha que se achava a Maslova, e Nekludov dirigiu-se para lá.

A distância entre as duas prisões era grande, e quando Nekludov chegou era quase noite. Ao entrar, a sentinela deteve-o e fez soar uma campainha interior. A porta abriu-se e Nekludov apresentou, ao guarda que apareceu, a ordem escrita que levava. Este leu-a do princípio até ao fim. Com toda a lentidão, releu-a e terminou por dizer que sem autorização do diretor nada podia fazer. Nekludov apenas conseguiu que o deixassem ir aos aposentos do diretor. Subindo a escadaria, ouviu os sons distantes de um trecho de música tocado num piano. Logo que a criada, de rosto rabugento

e com um dos olhos tapado por uma tira de pano, lhe abriu a porta, os sons do piano feriram-lhe os tímpanos distintamente, escapados de uma sala próxima. Era a mais batida das rapsódias de Liszt bem executada, porém, apenas até certa altura. A pessoa que a tocava, ao chegar àquele ponto, abandonava o final para recomeçar de novo até aos mesmos compassos.

Nekludov perguntou à criada se o diretor estava em casa.

— Não senhor, não está.

— E a que horas voltará?

A criada encaminhou-se para o interior, deixando Nekludov à entrada. A rapsódia desta vez parou sem ser no ponto do costume e Nekludov ouviu uma voz feminina dizer, na sala próxima:

— Diga-lhe que o papá foi jantar fora e que hoje é impossível falar-lhe. Que venha outro dia.

E a pianista recomeçou com a rapsódia para, passados alguns compassos, se interromper de novo; uma cadeira mexeu-se, arrastada, e a pianista decidiu-se a vir em pessoa despedir o importuno que a incomodava.

— O papá não está — disse uma rapariga pálida, de cabelos claros, desalinados e profundos círculos arroxeados em redor dos olhos, entreabrindo a porta que dava para a sala de entrada.

Ao notar que falava com um cavalheiro elegante e bem vestido, abrandou a entoação.

— Faça favor de entrar! Deseja pedir alguma coisa ao papá?

— Queria ver uma presa que está aqui.

— Com certeza uma presa da secção dos detidos políticos?

— Não. Não é política. Trago uma autorização especial.

— Sinto imenso que meu pai tenha saído. Sem sua ordem nada posso fazer. Mas peço-lhe que se sente! — disse ela, notando o movimento de Nekludov para se retirar. — É talvez bom dirigir-se ao ajudante, que deve estar na secretaria. Informá-lo-á de tudo. Com quem tenho a honra de falar? — continuou ela.

— MUITÍSSIMO obrigado — disse Nekludov, sem lhe responder à interrogação.

E tornou a descer a escadaria, enquanto atrás dele recomeçava a rapsódia tão pouco própria daquele local e tão pouco em harmonia com o aspeto lastimável da executante.

Em baixo, no pátio, Nekludov encontrou-se com um empregado de bigodes erguidos, a quem perguntou pelo ajudante do diretor. Era ele o próprio. Leu a autorização e declarou-lhe que era a prisão central, pelo que não a considerava válida. Além disso a hora era imprópria, por se haver já realizado a chamada noturna.

— Amanhã. Amanhã é bom dia, que é domingo. Depois das dez horas da manhã, entrará toda a gente. Então o diretor estará presente e poderá falar com a prisioneira no parlatório ou na secretaria.

Desiludido de ver Katucha naquele dia, Nekludov voltou para casa. Emocionado, caminhava rapidamente relembrando os incidentes daquele dia. E a sua exaltação recrudescia com a ideia de que falara ao magistrado em se humilhar diante dela e que a procurara em duas prisões.

Ao chegar a casa, rebuscou numa gaveta um caderno, onde antigamente escrevia o diário dos seus atos e dos seus pensamentos. Releu algumas páginas e depois, febrilmente, acrescentou-lhe as linhas seguintes:

Há dois anos que não escrevo nada neste caderno, e julguei que nunca mais me entregaria a esta criancice, Não é, porém, uma criancice. É, ao contrário, uma palestra íntima como o *eu* real e divino. Há dois anos que o meu *eu* jazia adormecido no coração, de maneira que não tinha ninguém com quem palestrar. Ontem, 28 de abril, em seguida ao acontecimento extraordinário passado no tribunal onde era jurado, *e/e* despertou. Sentada no banco dos réus, reencontrei a Katucha por mim seduzida e abandonada e não podendo impedir uma má interpretação, condenámo-la aos trabalhos forçados. Procurei hoje o magistrado que me podia conceder autorização para a ver, e obtendo-a, tentei visitá-la. Não o consegui, mas não esmoreci na resolução de lhe pedir perdão e de reparar o meu erro, ainda que casando com ela.

Senhor! Imploro teu auxílio! O meu coração transborda de alegria e de serena tranquilidade.

Capítulo 10

I

Na noite que se seguiu à sua condenação, a Maslova, despedaçada pela fadiga, dormira com sono de chumbo; mas, na imediata não pôde adormecer. Estendida no leito, era a única que na sala estava acordada, os grandes olhos muito abertos, a pensar.

Dizia a si mesma que por nada deste mundo consentiria em casar com um forçado, quando fosse transportada para a ilha de Sakhsline, como lho haviam dito. Forçosamente havia de impedir que tal se realizasse. Servia-lhe qualquer outro, um inspetor, um oficial ou um guarda mesmo, mas com um forçado, nunca!

«Qualquer deles é fácil de seduzir! É necessário, porém, não emagrecer, senão estou pronta!» — dizia a si própria.

A mais recente impressão que se lhe avivava no cérebro, era a maneira como advogados, juízes e jurados a tinham examinado e como todos os homens a olhavam inflamados pelo desejo, quando atravessara a cidade. Já na prisão fora visitada por uma companheira, Clara, que lhe contara que um dos seus clientes preferidos, um estudante, ficara contristado por não a tornar a ver em casa de Madame Kitaiev. Pensava em todos que a tinham amado, menos em Nekludov.

Sim, nem em Nekludov, nem na sua infância e mocidade jamais pensava! Eram recordações dolorosas, dissimuladas no fundo

do coração e em que nunca devia tocar, nem mesmo em sonhos. Se não reconheceu Nekludov no tribunal não foi só pela idade o ter transformado, por usar grandes barbas e bigodes e por lhe rarear o cabelo: tê-la-ia reconhecido apesar disto se se não houvesse habituado a nunca pensar nele.

Fora numa triste e horrível noite em que Nekludov passara, vindo da guerra, na estação do caminho de ferro, sem se demorar, que Katucha principiara a fazer por esquecer-se.

Nesta ocasião sabia já que estava grávida. Mas enquanto andara esperançada em tornar a ver Nekludov, não só o pensamento da criança que ia nascer não a desgostava, como até a alegrava e enternecia.

As tias de Nekludov haviam-lhe escrito, pedindo-lhe que, de passagem, se detivesse algumas horas, ao que ela respondera por telegrama que era urgente a sua comparência em S. Petersburgo.

Katucha formara imediatamente o plano de ir à estação voltar a vê-lo.

O comboio passava na estação às duas da manhã. Katucha, depois de haver ajudado as amas na *toilette* noturna, calçara umas fortes botas, atara o lenço ao redor da cabeça e partira, acompanhada por uma rapariguita de dez anos, filha da cozinheira.

A noite estava chuvosa, escura e fria. Caíam de vez em quando pesadas gotas de chuva, sem continuidade.

Katucha enquanto caminhava através dos campos, distinguia bem o atalho, conhecedora como era do caminho: mas no bosque a obscuridade tornou-se completa e extraviando-se involuntariamente, chegou à estação quando o comboio também já lá estava.

Precipitando-se no cais, reconheceu imediatamente Nekludov, sentado junto da janela de uma carruagem vivamente iluminada.

Em frente um ao outro, dois oficiais jogavam as cartas numa pequena mesa. Nekludov, virado para eles, fitava-os sorrindo. Logo que o viu, ela correu para a carruagem com a intenção de o chamar; neste momento a máquina silvara e o comboio, lentamente, pôs-se em marcha. Um dos jogadores notou-a e tentou baixar a janela, mas não pôde; e o comboio, acelerando o andamento, obrigou-a a correr. Afinal, a janela abriu-se, mas o revisor que ia saltar para o comboio, afastou-a bruscamente e ela teve de correr mais depressa, ainda que acompanhando só as carruagens da cauda, de segunda e terceira classe e por último o vagão com a lanterna vermelha. E ela continuara a correr, a correr do-fim do cais pela via adiante, sem o lenço que o vento lhe arrancara, os cabelos em desordem e chapinhando na lama.

— Catarina! — gritava a pequenita que a acompanhara, correndo atrás dela — olhe que lhe caiu o lenço!

Katucha deteve-se a este grito e, agarrando a cabeça com ambas as mãos, exclamou:

— Desapareceu!

Via cavar-se diante de si um abismo terrível.

«Ele está numa carruagem confortável, sentado em cadeiras de veludo, rindo e divertindo-se — dizia a si mesma — e eu sozinha aqui, à chuva e ao vento!» E, sentando-se no chão, desatara a chorar, sacudida por soluços tão fortes, que tinham assustado a pequenita.

— Vem para casa, Catarina — dissera-lhe esta, passando-lhe os braços ao redor do pescoço, para a consolar.

Porém Katucha deixara-se ficar sentada, insensível à chuva e ao vento. «Quando passe outro comboio, deitar-me-ei nos rails e tudo acabará!» Mas, de repente, dentro dela, estremeceu a criança, e o desespero que a invadira abrandara. Tudo que momentos antes a atormentara, a impossibilidade de viver, o ódio que votara a Nekludov, o desejo de se vingar suicidando-se, tudo se desvanecera: mais tranquila, erguera-se e, cobrindo de novo a cabeça com o lenço, encaminhou-se para casa.

Cansada e enlameada chegou a casa; a partir dessa noite operara-se-lhe na alma essa terrível revolução que a conduziu ao que agora era. Fora nessa noite que cessara de acreditar em Deus, em que até então confiara, julgando que todos acreditavam n'Ele; desde essa noite convencera-se que Deus não existia, que ninguém acreditava n'Ele e que aqueles que falavam em seu nome e nas suas leis, apenas tinham em vista enganá-la.

O homem que ela amava e que a amara, seduzindo-a e disfrutando-a era ainda o melhor entre quantos mais tarde conhecera. Todos os outros eram mil vezes piores! No decorrer da vida estas convicções enraizaram-se-lhe. As tias de Nekludov suas amas, essas piedosas senhoras, no dia em que ela não pôde trabalhar tanto como nos passados, expulsaram-na. As pessoas com quem em seguida tivera relações, umas — as mulheres — apenas viam nela um modo de arranjar dinheiro; outras — os homens — desde o homem da polícia até ao último dos carcereiros da prisão — consideravam-na como um objeto para a satisfação dos instintos sexuais. E do que toda a gente cuidava no mundo era de satisfazer os seus instintos. Fortalecera-lhe esta crença o escritor com quem ela vivera o seu segundo ano de vida independente, que lhe

asseverou convictamente que a satisfação dos instintos sensuais era a única beleza e o único ideal da vida.

Cada qual vivia neste mundo unicamente para si e tudo o que se dizia de Deus e do Bem era puro engano! Assim pensava a Maslova. E, quando se interrogava porque é que os homens se atormentavam mutuamente em vez de gozar a vida em sossego, apressava-se em repelir a interrogação inoportuna. Então um cigarro e um pouco de *vodka* tornavam-se essenciais para a tranquilizar.

II

O dia seguinte era um domingo. Logo que ressoou no corredor, às cinco da manhã, o silvo do carcereiro, a Korableva acordou a companheira, que só adormecera de madrugada.

«À vida, de novo!» Foi o primeiro pensamento que a assaltou enquanto esfregava os olhos alucinados, respirando contrariadamente a pesada atmosfera da sala. Desejava tornar a adormecer para refugiar-se na inconsciência, mas o hábito e o medo haviam expulsado o sono e ergueu-se, meio sentada, as pernas fora do leito, o olhar ao redor.

Todas as outras estavam já acordadas e só o rapazito, e a rapariga ainda dormiam. A mãe retirava com precaução o capote de sob eles, a fim de os não despertar. A que fora condenada por crime de rebelião contra as autoridades, estendia em frente do fogão uns farrapos que tinham servido de paninhos ao pequenito, que nos braços de Fenichka se agitava, chorando e gritando sem que as

palavras acariciadoras dela o conseguissem sossegar. A tísica, com o rosto congestionado e segurando o peito com ambas as mãos, estava sofrendo o costumado acesso de todas as manhãs, suspirando tão ruidosamente nos intervalos, que mais parecia soluçar. A ruiva, estendida na cama, mostrando as pernas nuas e grossas, contava, em voz alta e alegre, o sonho complicado que tivera. A velha corcunda, de pé em frente da imagem, repetia infatigavelmente as mesmas orações, persignando-se e fazendo genuflexões. A filha do diácono, sentada na cama, olhava fixamente na sua frente, a face despedaçada pela insónia. A Bela frisava o cabelo, gordurento e negro, com os dedos.

No corredor ouviram-se pesados passos de homens e a porta abriu-se deixando entrar dois detidos, de feições carrancudas e desagradáveis, vestindo blusas de riscado e calças da mesma fazenda, que não lhes chegavam ao tornozelo. Ergueram o vaso das dejeções aos ombros e conduziram-no para fora. As mulheres, umas atrás das outras, saíam para o corredor para se lavarem nas torneiras.

A ruiva, que esperava vez, arranjou logo uma questão com outra mulher de uma sala vizinha, e de novo recomeçaram as injúrias, os gritos e as reclamações.

— Vocês apostaram em ir até ao segredo! — disse o carcereiro aproximando-se da ruiva e aplicando-lhe nas costas uma pancada tão forte que ressoou em todo o corredor. — Pouco barulho, pouco barulho — acrescentou, afastando-se.

— O velhote tem mão leve! — disse a ruiva, sem se zangar com a carícia.

— Vamos depressa! Já toca à missa — ordenou de novo o carcereiro.

A Maslova ainda não havia acabado de pentear-se quando chegou o ajudante do diretor com um papel na mão.

— Em forma para a chamada! — gritou o carcereiro.

Chegavam também as presas das outras salas e, afinal, colocaram-se todas em duas filas, estendidas pelo corredor fora, as da fila de trás com as mãos colocadas nos ombros das da frente. O ajudante contou-as, fez a chamada e afastou-se com o registo.

Quando chegou a vigilante encarregada de as conduzir à missa, a Maslova e Fenichka achavam-se colocadas no meio da coluna formada por mais de cem mulheres, todas vestindo o uniforme branco da prisão, com lenços também brancos, na cabeça. Só de vez em quando via-se uma aldeã com o traje da terra: eram as mulheres de alguns condenados que haviam conseguido partilhar da sorte dos maridos. A comprida coluna enchia a escadaria, descendo. Ouvia-se o ruído do calçado batendo no lajedo, o murmúrio de vozes, e, de vez em quando, o riso. Ao virar um ângulo da escadaria, a Maslova notou à frente da coluna, o rosto maldoso da sua inimiga, a Bochkov e indicou-a à Fenichka.

Ao findar a escadaria, fez-se silêncio e começaram a entrar na igreja persignando-se e fazendo genuflexões, dirigindo-se para uma das capelas, ainda vazias, mas já deslumbrantes de luzes. Colocaram-se à direita, sentando-se compactamente numa enfiada de bancos. Logo a seguir entraram os homens, que se arrumaram à esquerda e no centro, enquanto um pequeno número se dirigia por uma escadazita interior, para um órgão colocado no coro. A igreja tinha sido restaurada e composta de novo, graças à generosidade de

um rico negociante que aí gastara dezenas de milhares de rublos. Resplandecia de dourados e cores vivas.

Durante algum tempo reinou completo silêncio, unicamente interrompido pelo assoar de um ou outro, por um acesso de tosse, ou pelo arrastar das algemas. Em certa ocasião, os prisioneiros que se conservavam no centro abriram alas, dando passagem até à primeira fila, ao diretor da prisão, que avançava solenemente.

Principiaram os ofícios divinos.

Consistiam esses ofícios no seguinte: um padre, vestindo um traje de brocado tão singular quão incómodo, partia fatias de pão e colocava-as numa bandeja, molhando-as em seguida no vinho que estava dentro de um cálix, acompanhando tudo com inúmeras orações. Entretanto o diácono lia e cantava, acompanhado alternadamente pelo coro dos presos, orações de toda a espécie em eslavo antigo, já difíceis de compreender no seu sentido e totalmente incompreensíveis pela maneira rápida como eram recitadas.

Estas orações eram destinadas principalmente a chamar a bênção divina sobre o imperador e sua família. Em todas elas faziam-se-lhes referências, havendo algumas destinadas só a esse efeito e que era necessário ouvir ajoelhado.

Além disso o diácono tinha de ler alguns versículos dos Atos dos Apóstolos, e leu-os com voz tão afetada e estranha que ninguém conseguiu perceber coisa alguma. Seguiu-se-lhe o padre lendo uma passagem do Evangelho segundo S. Marcos, em que se dizia que o Cristo ressuscitado aparecera a Maria de Magdala e aos seus onze discípulos, a quem ordenara que pregassem o Evangelho a toda a gente e que aqueles que tivessem fê e se batizassem, seriam salvos

e poderiam, por simples contacto das mãos, expulsar os demónios, curar os doentes e falar todas as línguas.

Supunha-se que os bocados de pão molhados no vinho, ao mesmo tempo que o padre fazia certos gestos e dizia as orações se transformavam no corpo e sangue de Deus e era essa a significação destes ofícios divinos.

Um destes gestos consistia em o padre levantar ambas as mãos sobre a cabeça e sustentá-las nesta posição; outro era o ajoelhar-se em frente do altar, beijando o que lá se encontrava. Mas, de todos, o principal, era o que ele fazia quando, pegando com as duas mãos num pequeno guardanapo, o agitava por cima da bandeja e do cálix dourado.

Com efeito, era nesse momento que se supunha que o pão e o vinho se transformavam em carne e sangue; por consequência, presidia a esta parte da missa peculiar solenidade.

— Intercedei por nós, Puríssima e Santíssima Mãe de Deus! — exclamava o padre, de pé em frente do altar, separado do resto da igreja por uma grade divisória; e, imediatamente, o coro respondia-lhe, glorificando a Mãe do Cristo, Virgem Maria, sentada num trono celeste entre querubins e serafins. E enquanto duravam os cânticos, ia-se consumando a milagrosa transformação.

Em seguida, o padre, levantando o guardanapo com o qual cobrira a bandeja, cortou um dos bocados de pão em quatro pedacinhos, e tornando a humedecê-los no vinho, comeu-os: significava isto que tinha comido a carne de Deus e bebido o seu sangue. Depois, correu uma cortina, abriu uma cancela na grande divisória e, dirigindo-se à multidão, perguntou se havia alguém que quisesse comer e beber a carne e o sangue de Deus.

Naquele domingo, porém, apenas algumas crianças se mostraram desejosas de tal fazer.

O padre perguntou-lhes os nomes e, tirando com uma colher, de cada vez, um dos pedacinhos do pão molhado em vinho, introduziu-lhos sucessivamente até ao fundo das bocas, enquanto o diácono, que o seguia, lhas limpava, cantando alegremente que podiam considerar-se felizes os que tinham comido e bebido a carne e o sangue de Deus. Terminando, o padre voltou para o altar, comeu e bebeu o pão e o vinho que tinham sobejado, limpou cuidadosamente os lábios e a barba, deu uns últimos toques nuns pequenos arranjos, e, com passo rápido, as solas das botas novas de vitela rangendo, desceu do altar.

Terminara o que era a parte principal dos ofícios divinos. Porém, o padre, desejoso de suavizar os sofrimentos dos presos, quis ainda contribuir para isso com um ofício suplementar. Então, de pé, no meio da capela-mor e em frente da imagem desse Deus, cuja carne acabara de comer, principiou a recitar em voz e tom ora cantante, ora natural, as seguintes palavras: «Doce Jesus, glória dos Apóstolos, Jesus, louvor dos mártires, Senhor Todo-Poderoso, salva-me, pecador que sou, mas que a ti recorro, salva-me! Jesus, tem piedade de mim e escuta os rogos de tua Mãe, de todos os profetas, de todos os santos. Salva-me, Jesus, e recebe-me nas doçuras do céu!»

O padre parou neste ponto, respirou profundamente, persignou-se e curvou-se até tocar no chão; todos o imitaram. O diretor, guardas e presos curvaram-se e de junto do órgão partiu um forte tinido de grilhões.

Depois o padre prosseguiu: «Criador dos anjos, Jesus Salvador, Jesus o meigo apoio dos imperantes, Jesus o meigo, realização das profecias, Jesus o meigo, coragem dos mártires, Jesus filho de Deus, compadece-te de mim!». O nome de Jesus pronunciado pelo padre mais de cem vezes saía-lhe da boca, por fim, como um silvo, até que ajoelhando-se e prostrando-se, só o coro continuou a cantar: «Jesus, filho de Deus compadece-te de nós»! E, ao terminar, novamente a multidão se inclinou e ergueu, enquanto as algemas tinham de encontro umas às outras.

Fizeram-se em seguida várias invocações, terminando todas com um *Aleluia!* Os presos persignaram-se e curvaram-se; primeiramente a cada Aleluia, depois uma vez em cada duas, depois uma vez em cada três ou quatro, e a sua satisfação foi enorme quando viram o padre fechar o livro e dirigir-se para o altar.

Contudo, ainda não terminara a cerimónia; faltava um último requisito.

Voltando ao altar, o padre pegou numa cruz dourada, com medalhas esmaltadas nas quatro extremidades, e caminhou novamente para o meio da capela-mor. Então, enquanto conversava com o diretor, o padre deu alternadamente a beijar a cruz e a mão, desfilando na sua presença, diretor, subdiretor, guardas e presos de um e outro sexo.

E assim findaram os ofícios divinos destinados a reconfortar as ovelhas transviadas e a reconduzi-las ao bom caminho.

E nenhum dos assistentes, desde o padre e o diretor até à Maslova, nenhum se recordava que esse Jesus, cujo nome o padre repetiu inúmeras vezes, esse Jesus a quem se erguiam louvores bizarros e incompreensíveis, proibira precisamente tudo o que se estava praticando naquele recinto; ninguém compreendia que esse Jesus não só desaprovava todas essas cerimónias desprovidas de significação e sacrílegas, mas que, em termos claros, proibira aos homens encarregados de instruir os outros, que se vestissem diferentemente do comum, assim como proibira aos seus discípulos que orassem no templo, ordenando-lhes que procurassem a solidão, e o concentramento íntimo, como proibira também que se construíssem templos, declarando que viera para destruí-los e para ensinar os homens a orarem em espírito e na verdade. Mas mais do que tudo isto, esse Jesus proibira que os homens julgassem os seus semelhantes, que os prendessem e que os atormentassem como se praticava naquele recinto; proibira aos homens que empregassem a violência uns para com os outros, asseverando que viera para dar a liberdade aos que a não tinham.

Longe porém de pensar em nada que a isto se assemelhasse estava o padre, que com a consciência tranquila, realizava todas as cerimónias.

É que, desde a infância, fora educado na convicção que tais cerimónias, eram a manifestação da única e verdadeira fé, aquela em que outrora todos os santos viveram e na qual, no tempo presente, acreditavam todas as autoridades, espirituais e temporais. Verdade é que não acreditava que a alma aproveitasse alguma coisa, pelo facto de repetir infinitas vezes palavras incompreensíveis, nem que o pão se transformasse em carne, nem que comendo esse pão

comia um verdadeiro pedaço de Deus; porém, não podendo pensar em tudo isso, abstinha-se de o fazer, acreditando na necessidade de *crer*. Mas, o que lhe arraigava mais a crença era que havia dezoito anos, o cumprimento das cerimónias impostas por essa crença, produzia-lhe um rendimento graças ao qual sustentava sua família, trazia o filho no liceu e pagava à Escola normal a mensalidade para a educação das filhas.

A crença do diácono assemelhava-se a esta; a sua fé porém era mais sólida do que a do padre, pois esquecera completamente os dogmas da religião que servia, para reter apenas que as comunhões, batismos, enterros, orações simples e com acompanhamento, pagavam-se segundo uma tabela fixa, que todo o cristão satisfazia sem murmurar; por isso os seus: «Tem piedade, tem piedade!» eram sempre ditos de boa vontade, e quer lesse ou cantasse, procedia sempre com tanta serenidade e tão tranquila confiança na necessidade das suas ações, como qualquer outro que tratasse de vender madeira, farinha ou batatas.

O diretor da prisão e todos os seus subordinados, posto que não conhecessem nem nunca tivessem querido conhecer os dogmas da fé que professavam, nem a significação das cerimónias que se realizavam na capela, acreditavam todavia que era indispensável possuí-la e tomar parte em todas as cerimónias, porque as autoridades superiores, a principiar do Tzar, mostravam crer nela, e nunca faltavam às cerimónias do uso. Ainda mais. Confusamente, compreendiam que tal religião justificava a desumanidade dos cargos que exerciam, e que sem ela ser-lhes-ia difícil, senão impossível, consagrar a sua existência a atormentar os seus

semelhantes, o que, graças a essa crença, faziam com a consciência tranquila.

O diretor, então, era um homem de tal honestidade e bondade, que nada neste mundo o obrigaria a prosseguir em tal vida, se não encontrasse apoio na religião. Era por isso que se conservava durante toda a cerimónia muito direito e imóvel, executando com o máximo cuidado todas as genuflexões e sinais da cruz, esforçando-se por comover-se quando se cantava o coro: «Glória dos querubins!» E como uma das crianças que comungava fosse tão pequenina que dificilmente, chegava à grade, ele, solícitamente, ergueu-a nos braços e assim a conservou até a consumação do ato.

Entre os presos, a maioria — excetuando alguns que compreendendo claramente o que havia de burla em tal religião, tinham deixado de crer, quer nela ou em qualquer outra — a maioria acreditava que as imagens douradas, os círios, os cálices, as casulas, as cruzes e essa infinita repetição dos «Meigo Jesus» e «Tem piedade», possuíam virtude mágica por intermédio da qual se podiam obter, quer nesta vida ou na futura, grande fartura de haveres.

Muitos, é verdade, tinham procurado obter esses haveres na vida presente, servindo-se das orações, círios e missas; essas tentativas tinham falhado, as orações não tinham sido atendidas; eram infelicidades acidentais, pois uma religião que tantos homens de ciência confessavam e tantos metropolitanos aprovavam, não podia deixar de ser instituição de infinita vantagem, necessária não só para a felicidade da presente vida, como também para a da vida futura.

Era isto o que a Maslova também acreditava. Perdera a sua crença em Deus, mas continuava julgando indispensáveis as orações, sinais da cruz, e genuflexões. Mas, como todas as suas companheiras, durante os ofícios divinos, na concentração forçada, apenas sentira tédio.

A Maslova, que ficara em pé, na multidão dos prisioneiros, não via mais do que as costas das mulheres que lhe ficavam em frente; quando, porém, todas se inclinaram para beijar a mão e a cruz do padre, pôde observar os assistentes entre os quais o diretor e os carcereiros e atrás deles um homem com uma pequena barba e cabelos louros que reconheceu ser o marido da Fenichka, não despregando os olhos da mulher.

— Maslova! Ao parlatório! — disse um carcereiro, quando as mulheres saíam da igreja.

— Que sorte! — exclamou a Maslova, encantada com a distração que lhe aparecia.

Era com certeza Berta ou Clara que vinham vê-la, pensava. E, caminhando alegremente, enfiou pelo corredor fora, seguida por outras prisioneiras que vinham de ser chamadas igualmente.

Capítulo 11

I

Nekludov levantara-se igualmente muito cedo. Quando saiu em direitura a prisão, a cidade parecia ainda adormecida. Só um vendedor de leite, puxando de porta em porta uma carroçazita, lançava o pregão habitual: «Leite! Leite! Leite!»

Durante a noite caíra a primeira chuva branda da primavera e em toda a parte onde o chão não era empedrado, verdejava a erva. Nos jardins, as bétulas ornavam-se de uma penugem, esverdeada; as cerejeiras e os álamos desenrolavam as compridas e odoríferas folhas. Entretanto, abriam-se vagarosamente as portas das casas e, quando Nekludov atravessou o mercado dos objetos usados, já o encontrou cheio de gente. À volta das tendas, dispostas em fila, apinhavam-se homens e mulheres, apalpando, apressando, discutindo e regateando, casacos, coletes e calças.

Abriam-se também as tabernas, para as quais entravam operários em traje festivo, com botas muito engraxadas, contentes de poderem furtar-se um dia às fadigas da oficina; alguns faziam-se acompanhar por suas mulheres, de lenços de seda flamantes na cabeça e jaquetas ornadas de vidrilhos. Os polícias, em grande uniforme e com revólveres presos à cinta, conservavam-se imóveis às esquinas das ruas, na expectativa de algum sucesso para os distrair daquele aborrecimento. Nas avenidas dos jardins e por entre

a relva húmida dos canteiros, corriam e brincavam crianças e cães, enquanto as amas, sentadas em grupos nos bancos, tagarelavam e riam ruidosamente. Das ruas elevava-se o ruído das carroças rodando no pavimento, a que se juntava o som e o eco da sinalhada das igrejas, chamando os fiéis para um ofício divino semelhante ao que estava sendo rezado na igreja da prisão e ao qual se dirigiam raros transeuntes em trajas endomingados.

Quando Nekludov chegou à prisão encontrou-a ainda fechada. A prisão ficava situada numa pequena praça, à direita da qual se erguia um baixo edifício de madeira, fronteiro a um outro de dois andares com uma bandeira a flutuar. Em frente da porta da prisão passeava uma sentinela de arma ao ombro. A cem passos daí, estacionava um grupo de homens e mulheres, quase todos com embrulhos nas mãos.

Na construção de madeira havia uma passagem por onde se entrevia um guarda de uniforme agalado, tendo sobre os joelhos um livro de registos. Os visitantes tinham de se lhe dirigir para fazer inscrever o nome do presidiário com quem desejavam falar.

Nekludov aproximou-se e indicou Catarina Maslova.

— Porque é que ainda se não pode entrar? — perguntou.

— Está-se à missa. Logo que termine, a entrada será franqueada.

Nekludov aproximou-se do grupo dos visitantes. Nesta ocasião um homem de rosto fendido com rugas vermelhas, pés nus e coberto de farrapos, saiu do grupo e caminhou até à porta da prisão.

— Olá! onde vais tu? — perguntou-lhe o soldado, preparando a espingarda.

— O que é que estás tu a vociferar? — respondeu-lhe o esfarrapado, regressando lentamente; — então não queres deixar-me entrar? Melhor! esperarei! Mas é escusado vociferar como se foras general!

Uma gargalhada geral apoiou a facécia.

A maioria dos visitantes era gente pobre, vestindo singelamente, alguns até, esfarrapados: outros havia, contudo, que trajavam elegantemente. Junto de Nekludov estava um indivíduo trajando sobrecasaca, cuidadosamente barbeado, gordo e corado, trazendo nas mãos um pesado embrulho que parecia conter roupas. Nekludov perguntou-lhe se era a primeira vez que ele vinha à prisão. Não — respondeu ele, não era a primeira vez, porque vinha todos os domingos. E contou a Nekludov que era porteiro de um Banco e que vinha visitar um irmão condenado por falsificação. Quando, depois de haver narrado toda a sua vida, se preparava para exigir de Nekludov a retribuição semelhante, a atenção de ambos foi atraída pela chegada de um trem de praça, donde saíram um estudante, moço ainda, e uma senhora vestida de claro. O estudante, que trazia um grande embrulho dirigiu-se a Nekludov, perguntando se lhe permitiam distribuir pelos prisioneiros uma ração de pão alvo, que era o conteúdo do embrulho.

— Foi esta senhora, que é minha noiva, quem teve esta ideia, e seus pais no-lo aconselharam.

— É também a primeira vez que aqui venho e ignoro quais são os costumes; parece-me que anda bem em dirigir-se ali — respondeu-se Nekludov, mostrando, com o dedo, o guarda uniformizado, sentado a registar nomes.

De repente, abriu-se o forte portão de ferro, que deu saída a um oficial de grande uniforme, acompanhado por um guarda, com quem trocou palavras em voz baixa; este, em seguida, declarou que os visitantes podiam entrar.

A sentinela colocou-se a um lado e os visitantes precipitaram-se para a porta, como se receassem chegar tarde.

Por detrás da porta, um outro guarda ia contando em voz alta os visitantes que desfilavam na sua frente, para tornarem a ser contados ao fundo do corredor por um outro guarda que tocava nos braços de todos que passavam, antes de os deixar atravessar uma pequena porta. Adquiriam assim a certeza de que nenhum dos visitantes ficava na prisão, nem saía nenhum dos presos. Quando Nekludov passou, o guarda, embebido em cálculos, deu-lhe um forte safanão, o que o irritou bastante, apesar da excelência das suas intenções. A portazinha pela qual passara dava para uma grande sala abobadada, com grades de ferro na janela. Nekludov atravessou-a de vagar, deixando passar à sua frente a vaga apressada dos visitantes. Agitava o uma repugnância instintiva pelos malfeitores ali encarcerados e compadecendo-se dos inocentes, como o gatunozito da véspera e como Katucha, que tinham de suportar aqueles companheiros, orgulhava-se, pensando na ação heroica que ia praticar.

Na extremidade da sala, um outro guarda prevenia os visitantes de qualquer coisa a que Nekludov, embebido em reflexionar, não prestou atenção.

Continuando a seguir o grupo que caminhava à sua frente encontrou-se no parlatório dos homens, quando devia ter-se dirigido ao das mulheres.

Como foi o último de todos a entrar no parlatório, ficou espantado com o ruído ensurdecido produzido por muitas vozes falando ao mesmo tempo. Só compreendeu a causa que o motivava quando, chegado ao meio da sala viu que os visitantes se conservavam de pé, junto a um gradeamento, semelhante a um enxame de moscas ao redor de um pedaço de açúcar.

É que a sala estava dividida em duas partes por uma dupla rede de forte arame, distanciada uma da outra cerca de metro e meio. Neste intervalo andavam de um lado para outro dois soldados. Na parte oposta àquela por onde Nekludov entrara, estavam os prisioneiros separados dos visitantes por duas fortes redes e por uma distância de metro e meio, tornando-se impossível não só dar-lhes qualquer coisa, mas mesmo distingui-los quando não se dispusesse de muito boa vista.

A mesma dificuldade subsistia quando se pretendia falar de um para outro grupo, e para se entender qualquer palavra era necessário berrar.

E como todos desejassem ser ouvidos e como o alarido produzido por um fosse excedido pelo vizinho, o resultado era que todos berravam quanto podiam.

Era esta a causa do extraordinário clamor que chocara Nekludov ao entrar na sala, que teve de reconhecer ser-lhe impossível compreender uma única palavra e que só pela expressão dos rostos se adivinhavam as relações existentes entre os presos e os visitantes.

Junto de Nekludov estava uma velhita de lenço na cabeça, agarrada ao gradeamento e gritando para um forçado de cabeça rapada e ainda novo; o rapaz franzia as sobrancelhas e escutava

atentamente. Seguia-se o esfarrapado que, pouco antes, tanto fizera rir a assistência, em frente à porta da entrada; conversava com um amigo, gesticulando, gritando e rindo. Junto a este, Nekludov viu sentada no chão uma mulher, decentemente vestida, com uma criança nos braços, chorando e soluçando tanto que nem forças tinha para erguer os olhos para o forçado que estava na sua frente, do outro lado da outra grade, de cabeça rapada e grilhões nos pés.

Quando Nekludov compreendeu que era desta forma que lhe permitiam falar com Katucha, sentiu-se invadido por indignação contra os inventores e autorizadores de tal suplício. Espantava-o que ninguém se indignasse contra uma instituição de tal modo horrorosa que afetava os mais sagrados sentimentos, e teve de reconhecer que os soldados carcereiros e os próprios detidos, estavam já habituados a esta maneira de realizar as entrevistas, considerando-a natural e inevitável. Nekludov permaneceu alguns minutos imóvel, acabrunhado pela consciência da sua fraqueza e dominado por uma sensação moral semelhante ao enjoo.

II

— Não importa! — disse consigo Nekludov. — É preciso que faça o que cá vim fazer! Mas a quem dirigir-me?

E procurou na multidão alguém que o informasse. Descobriu um homenzinho magro, vestindo uniforme com charlateiras. Nekludov dirigiu-se-lhe:

— Perdão, senhor — disse-lhe, com requintada amabilidade — poder-me-á indicar onde é a secção das mulheres e onde se poderá falar com uma delas?

— Quer então ir para o parlatório das mulheres?

— Sim, desejava falar com uma detida.

— Porque é que não o declarou quando passou na outra sala? Quem é que deseja ver? — acrescentou, suavizando a voz.

— Catarina Maslova,

— Presa política?

— Não, apenas...

— Então o quê? Detida? Condenada?

— Exato. Condenada desde anteontem — respondeu brandamente Nekludov, temendo destruir com uma expressão mais forte, a boa disposição em que via o funcionário.

Efetivamente os seus modos brandos pareceram influir no pequeno déspota.

— Vou mandá-lo conduzir ao parlatório das mulheres, posto seja proibido sair daqui antes da hora. Para outra vez não se engane. Sidorov! — disse, dirigindo-se a um carcereiro, coberto de medalhas — conduz este senhor ao parlatório das mulheres!

O carcereiro abriu a porta que estava fechada com dupla volta, atravessou o corredor e a sala abobadada, acompanhado por Nekludov e, enfiando por outro corredor, conduziu-o ao lugar indicado.

Este era em tudo semelhante ao dos homens, apenas de menores dimensões, com menos gente e com mais barulho. No intervalo entre os gradeamentos, passeava uma vigilante de

uniforme com divisas nas mangas, canhões azuis e cinto da mesma cor fazendo as vezes de autoridade.

Repetia-se a mesma cena que Nekludov já presenciara: de um lado os visitantes dependuravam-se nas grades, vestidos todos diferentemente; do outro lado aglomeravam-se as detidas, a maioria vestindo de branco, com lenços da mesma cor na cabeça. E, a todo o comprimento da grade, não havia um único lugar vazio. Do lado das visitas a aglomeração era tal, que várias mulheres tinham de erguer-se na ponta dos pés, para poderem gritar por cima da cabeça daquelas que lhe ficavam em frente.

Nekludov pouco a pouco habituou-se a vozearia da sala, e não tardou em sentir a atenção atraída pela alta e magra figura de uma boémia que, no meio da sala do lado das prisioneiras, explicava, gesticulando e berrando, a um visitante de blusa azul, também um boémio, qualquer coisa que ele, de pé, escutava. Ao lado deste, um aldeão de barbicha loura, corava, esforçando-se por conter as lágrimas, escutando o que lhe dizia uma linda presa que estava em frente e que o fitava ternamente com grandes olhos azuis.

Era Fenichka e o marido.

Em seguida Nekludov examinou os rostos das prisioneiras encostadas às grades: a Maslova, porém, não estava lá. Adivinhou-a, oculta pela primeira fila. Estacou-lhe a respiração e sentiu redobram-lhe as pulsações do coração. Aproximava-se o momento decisivo.

Gostosamente abriu caminho até à separação e olhou em direção da Maslova.

Esta estava atrás da aldeã dos olhos azuis, sorrindo e escutando a conversa com o marido. Em vez do capote escuro que

trazia no dia da audiência, vestia toda de branco. Por sob o lenço saíam-lhe os mesmos anéis de cabelo negro.

«É necessário tomar uma resolução — dizia — mas, como chamá-la? Se ela me visse!»

Ela porém não se lembrava de tal. Esperava a chegada de Berta ou Clara e não suspeitava que aquele elegante, era quem a procurava.

— Quem deseja ver? — perguntou a Nekludov a vigilante, detendo-se na sua frente.

— Catarina Maslova — respondeu com esforço Nekludov.

— Olá, Maslova! — chamou a vigilante — procuram-te!

III

A Maslova voltou-se, olhando em redor, com a cabeça e peito erguidos, o rosto exprimindo sempre a diligente solicitude que Nekludov outrora conhecera, e conseguindo enfiar-se entre duas presas fitou-o, interrogadora e surpreendidamente. Ainda porém não o reconheceu. Deduzindo do seu aspeto exterior que era um homem rico, sorriu-lhe.

— É a mim quem procura? — perguntou juntando às grades os olhos sorridentes e ligeiramente estrábicos.

— Sim, queria... — Nekludov estacou, sem saber se a deveria tratar por tu; decidiu ser um pouco cerimonioso.

— Cantigas! Bem me fio eu nisso! — gritou à direita um visitante esfarrapado.

— Tiraste-as ou não?

— Cada dia pior! Está a ir-se embora! — berrava outro à esquerda.

A Maslova não ouviu nada do que lhe disse Nekludov, mas enquanto ele falava, a expressão fisionómica fez com que julgasse reconhecê-lo, tão incertamente que em seguida pensou haver-se enganado.

Apesar disso, o sorriso desapareceu-lhe dos lábios e um vinco de sofrimento desenhou-se-lhe na testa.

— Não ouço nada do que está dizendo! — gritou do outro lado fechando os olhos e franzindo ainda mais a testa.

— Vim para...

«Sim, cumprio o meu dever, expio!» — dizia Nekludov, sentindo as lágrimas inundarem-lhe os olhos e sufocarem-lhe a garganta; compreendendo que à menor palavra que pronunciasse desataria a soluçar, calou-se, agarrando com os dedos o gradeamento.

— Cega seja eu se sei alguma coisa! — gritava uma prisioneira na extremidade da sala.

A emoção dera ao rosto de Nekludov uma expressão pela qual Maslova acabou de o reconhecer. Desvaneceram-se-lhe todas as dúvidas.

— Parece-me reconhecê-lo — disse sem erguer os olhos, enquanto um súbito rubor lhe inundava o rosto e as feições adquiriam uma gravidade anormal.

— Venho pedir-lhe perdão! — disse Nekludov, em vez monótona e alta, como se repetisse uma lição sabida de cor.

Quando acabou de pronunciar aquela frase, sentiu-se envergonhado e olhou em redor. No mesmo instante sentiu quão

salutar era essa vergonha e que era dever continuar expor-se a ela.

Então, em voz tão alta quanto lhe foi possível, exclamou:

— Perdoe-me! Fui enormemente culpado para consigo!

Ela conservava-se imóvel, junto do gradeamento, sem o desfilar; Nekludov não teve forças para continuar e afastou-se, reprimindo os soluços que lhe abalavam o peito.

O carcereiro que o acompanhara havia ficado na sala, evidentemente seguindo com o olhar as minudências desta cena. Quando viu Nekludov afastar-se dirigiu-se-lhe perguntando-lhe porque é que não continuava a conversar.

Nekludov, assoando-se e querendo parecer tranquilo, respondeu:

— É impossível falar através destas separações. Não se ouve nada!

O carcereiro refletiu momentaneamente.

— Ouça! Talvez seja possível trazer aqui a presa. Mas sô por um momento — disse afinal. — Maria Karlovna! — gritou para a vigilante — mande aqui a Maslova para assunto grave!

Logo depois abriu-se uma porta ao lado dando saída à Maslova.

Caminhando brandamente, aproximou-se de Nekludov, para quem olhava sem erguer o rosto, que, apesar de doentio, tumefacto e pálido, era ainda agradável; parecia tranquila e só os olhos negros, sob as pálpebras inchadas, brilhavam desacostumadamente.

— Podem falar aqui um momento — disse o carcereiro afastando-se discretamente.

Nekludov sentou-se num banco fixo à parede.

A Maslova, que se conservara respeitosa diante do carcereiro, logo que o viu afastar-se sentou-se também no mesmo banco, com a saia um pouco erguida.

— Reconheço que lhe deve ser difícil perdoar-me — principiou Nekludov, detendo-se logo em seguida, como que a retomar coragem; depois continuou: — Se é impossível reparar o passado, estou contudo disposto a fazer presentemente o que me seja possível. Diga-me o que...

— Como é que conseguiu encontrar-me? — perguntou-lhe ela, sem responder à pergunta. E ora o fixava, ora olhava para o solo.

«Meu Deus! Auxilia-me! Diz-me o que devo fazer!», implorava Nekludov, espantado da reles e viciosa expressão que aquele rosto pálido manifestava.

— Anteontem, eu fazia parte do júri que a julgou — respondeu. — Não me conheceu?

— Não. Não vi ninguém nem tive ocasião de fazer observações.

— Diga-me, teve uma criança? — perguntou Nekludov, sentindo-se enrubescer.

— Graças a Deus, morreu logo! — respondeu a Maslova seca e maldosamente, desviando a vista.

— E de quê? Como assim?

— Eu quase que estava a morrer — continuou em voz tranquila.

— E porque é que minhas tias a despediram?

— Pois para que serve uma criada grávida? Logo que o notaram puseram-me na rua! Mas de que serve falar nisso? Já não me lembra nada; esqueci tudo! O que lá vai, lá vai! Tudo terminou!

— Não, não terminou! Quero resgatar o meu pecado!

— Não há nada que resgatar; o que está feito, está feito, e tudo acabado! — repetiu ela; e fitou-o sorrindo-lhe atraentemente.

Maslova estava longe de sonhar em rever Nekludov e muito menos nesta ocasião e naquele lugar. Daí proviera que ao vê-lo sentira-se magoada, forçada a recordar aquilo em que nunca mais pensara. Recordara, ao vê-lo, o maravilhoso mundo de sentimentos e de sonhos que o seu primeiro amor lhe revelara; recordara também como o amara, como ele a amara e como a abandonara cruelmente, fazendo-a sofrer esse calvário de humilhações e desgostos, logo em seguida a uma felicidade momentânea. E estas recordações eram-lhe insuportáveis.

Não tendo coragem para profundar a origem da sua dor recorria ao processo habitual: enterrava nas trevas da alma aquelas dolorosas recordações.

Ao rever Nekludov, Maslova tentou identificá-lo com o rapaz que amara outrora, mas renunciara imediatamente, porque isso era-lhe doloroso; desde então, passou unicamente a ver naquele cavalheiro bem vestido, de barbas cuidadosamente aparadas, um desses fregueses que se utilizavam das criaturas da sua espécie, que por sua vez procuravam extrair deles o mais que podiam. Fora por isso que lhe sorrisse convidativamente; e agora calava-se, refletindo na melhor forma de o explorar.

— Sim — disse por fim — tudo acabou, e daqui para a Sibéria! — E não pôde deixar de estremecer pronunciando aquelas terríveis palavras.

— Eu sabia e estava certo que não era culpada! — disse Nekludov.

— Eu, culpada! Serei por acaso ladra ou envenenadora?

Calou-se um momento; depois continuou:

— Disseram-me que foi tudo por não ter um bom advogado e que agora é preciso apelar. E isto é caro... despesas... advogado...

— Não há dúvida — respondeu Nekludov. — Já falei com um advogado.

— Mas que seja bom... ainda que custe caro...

— Farei tudo que for possível.

Fez-se um novo silêncio. A Maslova sorria cada vez mais provocantemente.

— Queria pedir-lhe... se puder ser... algum dinheiro. Pouca coisa... aí uns dez rublos! Se puder ser... É quanto me basta.

— Porque não? — respondeu Nekludov, sentindo-se perplexo e procurando a carteira.

A Maslova, olhando rapidamente para o carcereiro que passeava na sala para trás e para a frente, disse:

— Repare que ele não veja dar-me o dinheiro, senão tira-mo!

Nekludov escolheu uma nota de dez rublos e como o carcereiro se voltasse na ocasião em que ia a passar a Maslova, amarrotou-a na mão.

«Esta mulher está morta», dizia Nekludov, examinando-lhe o pálido e balofo rosto, cujos olhos brilhantes espiavam alternativamente o carcereiro e a mão que conservava os dez rublos.

E Nekludov sentiu-se momentaneamente desfalecer.

A voz do tentador que na antevéspera escutara, de novo se ergueu, tentando desviá-lo do que devia fazer, para só pensar nas consequências do que ia praticar. «Nunca farás nada dessa mulher!» dizia o tentador; «vais atar uma pedra ao pescoço para mais facilmente te afogares, impedindo-te de seres útil aos outros. Dá-lhe

dinheiro! Isso! Todo o que tens na carteira! Agora diz-lhe adeus, e põe ponto final!»

Neste momento supremo, Nekludov compreendeu que se debatia numa crise definitiva e que, estando em frente de dois caminhos, não havia hesitação possível; bastava seguir aquele que já escolhera. Era este o instante decisivo de que dependeria toda a sua vida futura, e para a que necessitava tentar o último esforço.

Invocando o Deus que na antevéspera sentira tão claramente no coração, resolveu falar abertamente e imediatamente à Maslova.

— Katucha! Vim aqui para pedir-te perdão! Tu não me respondeste: não me disseste se me perdoavas ou se algum dia me perdoarás.

Ela porém não o escutava; continuava espiando o carcereiro e os dez rublos. Quando aquele virou costas, com um gesto rápido estendeu a mão e apoderando-se da nota, escondeu-a na cinta.

— É curioso o que está a dizer! — respondeu, somado de tal modo, que Nekludov sentiu náuseas.

Este sorriso deu-lhe a impressão de que o odiava e que nunca conseguiria penetrar no íntimo da alma.

Porém, sem que soubesse explicar, esta impressão em vez de o afastar da Maslova, prendia-o ainda mais estreitamente. Reconhecia como seu dever conseguir despertar aquela alma e sentindo a terrível dificuldade que tinha a vencer, era essa mesma dificuldade que mais o atraía.

Pela primeira vez sentiu pela Maslova um sentimento que até então nunca se lhe manifestara por ninguém; não desejava nada pessoalmente, desejava só vê-la cessar de ser o que era, para voltar a ser o que fora.

— Katucha, porque me falas assim? Sabes que sei que tu és e que me recordo do tempo passado, em Panofka...

— Águas passadas não moem moinhos — respondeu ela secamente.

— Se o relembro é porque desejo reparar e resgatar o meu crime! — respondeu Nekludov.

Ia a sair-lhe dos lábios a declaração que se prontificava a casar com ela, quando ergueu os olhos e momentaneamente fitou os dela; o que eles diziam era tão grosseiro e repugnante que as palavras morreram-lhe nos lábios.

Um momento depois ouviu-se o toque de saída e Nekludov foi prevenido de que a entrevista não podia continuar. A Maslova levantou-se, intimamente satisfeita por se ver livre dele.

— Adeus, ou antes, até à vista, porque voltarei a fim de te dizer coisas importantíssimas e que necessitam ser ditas — disse-lhe Nekludov estendendo-lhe a mão.

— Pois venha, que me será agradável — respondeu ela, empregando o convidativo e prometedor sorriso com que se dirigia aos «fregueses» habituais.

— És para mim mais que uma irmã!

— O quê? — respondeu ela sem se mostrar surpreendida e entrando para a prisão.

IV

Nekludov imaginara sempre que, quando Katucha o tornasse a ver arrependido e pronto a reparar o erro cometido se regozijaria, e voltaria a ser outra vez a mesma Katucha.

Com enorme surpresa, constatara que Katucha já não existia e que em seu lugar estava a Maslova.

E, o que ainda mais o surpreendia, era que Katucha não só não se envergonhava de ser uma prostituta — quando se envergonhava de ser uma prisioneira — não só não se envergonhava da sua atual condição mas até se mostrava ativa e aparentava felicidade.

O caso, porém, não era para espantos.

Todos nós que nos entregamos a uma atividade qualquer, necessitamos considerá-la importante e razoável, para podermos trabalhar; resulta pois que seja qual for o nível em que se estacione um ser humano, esse ser forma uma conceção da vida, em que necessariamente a sua ocupação é considerada necessária e razoável.

Imagina-se a maior parte das vezes que um ladrão, traidor, assassino ou prostituta se envergonha da profissão que exerce, ou pelo menos a considera má. Na realidade tal facto não se dá.

Os homens a quem o destino ou os pecados colocaram em situação definida, por mais imoral que ela seja, arranjam a conceber a vida em geral, de forma que a sua situação anormal, lhes apareça como legítima e admissível. Para conservar este modo de ver, apoiam-se instintivamente aos que se encontram nas mesmas condições, aos que concebem a vida em geral com o mesmo critério e que ocupam igualmente situações claras mas anormais.

Admiramo-nos de ver ladrões jactando-se da sua habilidade, prostitutas da sua corrupção e assassinos da sua insensibilidade.

Se, porém, nos admiramos, é porque estas espécies de indivíduos são restritas, e porque se movem em círculos e em atmosferas que não têm contacto com os nossos. Já não nos surpreende, por exemplo, ver homens ricos orgulharem-se da sua riqueza; — isto é, de roubo ou de usurpação — ou ainda ver os poderosos orgulharem-se do seu poder, o que significa violência e crueldade. Não notamos a maneira como a concepção natural da vida é desvirtuada por esta gente, assim como o é a primitiva significação de bem e de mal, e não só o não notamos, como não nos admiramos.

E isto unicamente porque o número daqueles que partilham essa perversa concepção é grande, e porque nos achamos compreendidos nesse número.

A Maslova arquitetara uma concepção desta espécie, da vida universal e da sua vida particular. Caída na prostituição mais abjeta, condenada a trabalhos forçados, concebera a vida de forma que lhe justificasse a conduta e permitisse mesmo orgulhar-se da sua situação.

A concepção fundamental do seu modo de ver, baseava-se em que a principal felicidade de todos os homens sem exceção — velhos e novos, ricos e pobres, instruídos ou analfabetos — era a posse corporal da mulher. Era indiscutível para a Maslova que todos os homens, ainda quando ocupados por outros pensamentos, só almejavam o seu corpo. Ora como sabia que era interessante e que podia ou não satisfazer, segundo a sua vontade, os desejos dos homens, considerava-se uma individualidade importante e necessária.

Tal era a concepção que formara da vida, que toda a sua experiência, passada e presente, confirmava plenamente.

Há dez anos que não via senão homens atormentados pela ânsia de a possuírem, em qualquer parte em que se encontrasse.

Talvez tivesse cruzado no caminho de vida com homens estranhos a essa ansiedade; estes, nunca os notara. Sintetizara o mundo como um conjunto de homens desejosos do seu corpo, esforçando-se por possuir quer por sedução, violência, astúcia ou compra. A Maslova afeiçoara-se tanto mais a esta concepção da vida, quanto sentia instintivamente que perderia a importância que se atribuía se a abandonasse. Assim, para a conservar, ligava-se cada vez mais com aqueles que concebiam a vida sob o mesmo ponto de vista. Provinha daí o excesso de cuidado que empregava em expulsar do coração as recordações da sua primeira mocidade, que diferiam do seu atual modo de ver; com certeza não conseguira isto completamente, mas fora até recalá-las nas profundezas do coração, onde se iam desvanecendo, entaipadas como as abelhas costumam entaipar, com camadas, de cera, os ninhos dos insetos que conhecem como destrutores dos seus cortiços. Recusara por isso ver em Nekludov o homem que amara casta e inocentemente, para o considerar unicamente como um freguês rico, um homem que era obrigação explorar e com o qual deveria manter relações em tudo semelhantes às dos demais fregueses. «Não, não pude dizer-lhe hoje o que era mais importante? Quase que não pude falar!» — dizia consigo Nekludov, saindo dentre a turba dos visitantes. «Fica para a próxima visita o dizer-lhe tudo!» Na sala imediata, dois carcereiros contavam, de novo os visitantes para não haver trocas.

Quando Nekludov passou, nem sequer notou que de novo lhe tocavam bruscamente no ombro.

Capítulo 12

Nekludov tinha resolvido, logo em seguida ao encontrar Katucha nos bancos dos réus, mudar por completo o seu modo de viver; projetara alugar a casa que habitava, despedir a criadagem e passar a viver como um estudante.

Agripina Petrovna convenceu-o que era loucura realizar a mudança antes do inverno; ninguém alugaria um casarão daqueles durante o verão, e do mesmo modo seria impossível vender o mobiliário. Era, pois, necessário conservá-lo em algures e não podia estar melhor do que em casa. Nekludov não pôde por isso executar de pronto a resolução que tomara.

E, não só continuou tudo a seguir o caminho habitual como até a casa se encheu de nova atividade. Tudo que era mobiliário, roupas e peles, foi tirado dos seus lugares para ser espanejado e escovado, trabalho em que tomaram parte todos os criados: o porteiro e o ajudante, a cozinheira e Korney o lacaio. Nekludov viu abrirem-se guarda-roupas e estenderem-se em cordas, quantidade de casacos, calças, uniformes, peliças e outras peças de vestuário, que mais ninguém usaria; assistiu ao despregar dos tapetes, e à mudança dos móveis de um para outro aposento, tudo seguido de inúmeras limpezas, e suportou o cheiro da naftalina que em toda a parte se achava espalhada. Espantou-o a descoberta que fez da enorme quantidade de objetos inúteis que conservava. «A única coisa para que tudo isto serve, pensava Nekludov, é para dar à criadagem ocupação em que entretenha o tempo! Quanto ao mais, não serve

de nada alterar o meu modo de viver, enquanto se não decidir a sorte de Katucha. Tudo depende de que o destino lhe dê liberdade ou a condene à Sibéria, porque neste caso hei de acompanhá-la!»

No dia indicado pelo advogado Fainitzin, Nekludov foi procurá-lo. A casa que ele habitava era enorme e luxuosa, adornada com plantas raras, magnificas cortinas nas janelas e mobilada ricamente, ainda que com mau gosto, como sucede em casa de pessoas enriquecidas rapidamente, sem trabalho e sem escrúpulos.

Na sala de entrada, uma dúzia de clientes esperava vez, como nos dentistas, entretendo-se com a leitura dos jornais ilustrados antigos.

O secretário do advogado, sentado em frente de uma imponente secretária, na extremidade da sala, reconheceu Nekludov e dirigiu-se-lhe, dizendo que ia informar o seu chefe da presença do príncipe.

Neste mesmo instante a porta do gabinete de Fainitzin abriu-se e o advogado em pessoa apareceu, conversando animadamente com um homem gordo, ainda novo, de nariz encarnado e vestindo roupa nova. As feições de ambos exprimiam o contentamento de haverem terminado um bom negócio, não muito liso, mas um bom negócio.

— É culpa sua, paizinho! — dizia o advogado sorrindo.

— Estaríamos todos no céu, se não fôssemos pecadores!

— Sim, sim, bem sei isso.

E riam ambos affectadamente.

— Oh! Príncipe Nekludov, por quem é... faça favor de entrar! — disse Fainitzin vendo Nekludov; e conduziu-o para o gabinete, mobilado simples mas ricamente.

— Quer fumar? Esteja à vontade! — continuou o advogado, sentando-se em frente de Nekludov e esforçando-se por reprimir o sorriso que a recordação do excelente negócio que fizera lhe fazia acudir aos lábios.

— Obrigado — respondeu Nekludov. — Vim cá por causa do processo de Maslova.

— Ah! Sim, sim! Mas que patifes que são estes sacos de dinheiro! Reparou neste que agora saiu? Pois imagine que possui doze milhões de rublos e que ninguém é capaz de lhe arrancar, ainda que seja com os dentes, a mais insignificante nota de vinte e cinco rublos!

E dizia tudo isto familiarmente como para dar a entender a Nekludov, que eles pertenciam a uma sociedade, com a qual nem o cliente antecedente nem nenhum dos que esperavam na sala, tinham absolutamente nada.

— Desculpe-me, mas aquele patife irritou-me os nervos! Necessito desafogar! — continuou Fainitzin, como desculpando-se de falar em coisas que não tinham referência com os negócios a tratar. — Tratemos agora do seu caso. Estudei cuidadosamente o processo e infelizmente o outro advogado deixou passar os motivos para apelação.

— E o que é que resolveu?

— Falo já. Diga-lhe — declarou ele ao secretário, que entrara na ocasião e lhe entregara um bilhete de visita — diga-lhe que é o que já lhe disse; se pode, muito bem; se não pode, nada feito.

— Diz que é impossível aceitar tais condições.

— Então nada feito! — retorquiu Fainitzin; e as feições assombream-se-lhe malevolamente. — Diz-se que os advogados

ganham dinheiro sem trabalho! — continuou, dirigindo-se a Nekludov. — Ora imagine que consegui livrar um devedor insolvente de uma ação que estava em riscos de perder e agora fedas nas mesmas condições se dirigem a mira! Mal imagina o trabalho que só isto me dá! Mas é necessário ganhar o pão! Voltando ao seu processo, ou antes ao processo que o interessa, como lhe disse foi abominavelmente dirigido. Motivos reais para apelação, não há; mas talvez se lhe possa pegar! Eis aqui a minuta do agravo que redigi para lhe mostrar!

Pegou num papel que estava na mesa e começou a lê-lo em voz alta, passando muito rapidamente pelas fórmulas usuais para insistir noutros pontos:

— Agravo apresentado ao tribunal do Senado, etc., etc... contra o *veredictum* do tribunal criminal, etc., que condenou Catarina Maslova à pena de..., etc., etc., em virtude dos artigos, etc., etc.

Deteve-se, erguendo os olhos para Nekludov. É que, por muito habituado que estivesse, não podia furtar-se ao prazer de escutar o belo documento que produzira.

— Esse *veredictum* — recomeçou — parece-nos ter procedido de ilegalidades e erros tão graves, que não pode ser mantido. Em primeiro lugar, a leitura da autópsia do negociante Smielkov foi interrompida pelo juiz presidente antes de terminar.

— Mas foi a acusação que exigiu essa leitura! — disse Nekludov com surpresa.

— Não importa! A defesa poderia ter-se apoiado nela.

— Mas se era inútil para qualquer das partes!

— É em todo o caso um motivo para apelar. Continuemos: Em segundo lugar o defensor de Catarina Maslova foi interrompido pelo

juiz presidente quando, para caracterizar a personalidade da sua constituinte, expunha as razões íntimas que lhe haviam motivado a queda, com o fundamento de sair fora dos debates. Ora, por mais que uma vez, o Senado tem insistido na importância considerável que nas causas crimes, tem a análise psicológica de um caráter, para a avaliação precisa do grau de criminalidade. Temos por consequência, dois! — disse o advogado olhando novamente para Nekludov.

— É que o advogado falava tão desastrosamente, que ninguém compreendeu o que ele queria dizer!

— Não duvido! É um papalvozinho que só sabe dizer tolices. O caso é que façamos daí um outro motivo para o agravo. Vamos à continuação: Em terceiro lugar, o presidente, em oposição ao artigo... do Código Criminal não explicou aos jurados que podiam declarar, que a Maslova deitando os pés no líquido do negociante Smielkov, o fizera sem intenção de matar. O resultado foi ter sido pronunciado o *verdictum* do qual se apela, quando é certo que se o presidente lhes houvesse lembrado essa restrição, haveria probabilidades de que o ato cometido pela Maslova seria classificado como homicídio involuntário e não como assassinato. É esta a principal base!

— Mas isso devíamos tê-lo compreendido, sem que no-lo explicassem! Somos os responsáveis do erro cometido!

— Quarto e último: a resposta dos jurados está redigida contraditoriamente. Reconheceram-na como não culpada de ter roubado o negociante, ao passo que a crimavam de o haver envenenado; do que resulta, como pensamento não expresso, que a detida ministrou efetivamente o veneno a Smielkov, sem intenção de

o matar, pois que de outro modo só o roubo poderia explicar a razão do assassinato. Além disso, tal resposta do júri achava se incursa no art.º 817, pelo que o presidente devia mostrar aos jurados o seu erro e obrigá-los a formularem outra resposta mais explícita.

— E porque é que ele o não fez? — interrogou Nekludov.

— Isso é lá com ele — respondeu o advogado.

— Parece-lhe que o Senado faça justiça?

— Conforme os senadores que julgarem o agravo... Ouça agora a conclusão.

E Fainitzin leu o final, em que apoiando-se em vários artigos do Código e na exposição precedente, pedia que a sentença fosse anulada e o processo julgado por um outro tribunal.

— E é o mais que se pode fazer! — disse, ao terminar. — Confesso-lhe francamente que as probabilidades a nosso favor são poucas e que tudo depende de quem julgar. Se tem alguma influência nessas alturas é tratar de a empregar.

— Estou bastante relacionado com várias pessoas influentes.

— Então depressa, antes que esses senhores vão tratar das suas doenças, para não ter de esperar três meses. Se formos mal sucedidos ainda temos a apelação para Sua Majestade. Então é que é necessário manejar as influências. É escusado dizer-lhe que estou sempre pronto para o auxiliar quer redigindo o memorial, quer utilizando as minhas relações.

— Mil vezes obrigado... E sobre os seus salários...

— O meu secretário dar-lhe-á cópia desta petição e a nota da despesa.

— Ainda tenho outra coisa a perguntar-lhe. Tenho licença para ver a condenada na prisão, mas desejava conversar noutros dias que

não os da visita, e noutra parte que não fosse o parlatório geral. De quem posso obter tal autorização?

— Do governador. Este, porém, está ausente e é o vice-governador que o substitui. É um idiota completo, de quem duvido que consiga qualquer coisa.

— É Maslinnikov? Conheço-o perfeitamente! — disse Nekludov, erguendo-se para despedir-se.

Enquanto Nekludov conversava com o advogado, entrara na saía de espera, com passo rápido, uma mulherzita medonhamente feia, ossuda e de rosto amarelecido, com nariz achatado. Era a esposa de Fainitzin. Sem se importar com a sua fealdade, vestia luxuosamente sedas, veludos e rendas, e usava o raro cabelo que lhe restava penteado pretensiosamente. Caminhava acompanhada por um homem alto e magro, de rosto lívido, vestindo rabona guarnecida de seda e gravata branca, que Nekludov conhecia como escritor.

— Anatole! — disse ela ao marido entreabrindo a porta do gabinete. — Simão Ivanovitch está aqui. Esperamos-te no salão; traz o teu estudo sobre Garchine, que ele trouxe o poema.

Nekludov quis despedir-se, mas ela dirigiu-se-lhe:

— É ao príncipe Nekludov que... Há muito que o conheço de nome. Dá-nos a honra de assistir à nossa reunião literária? Será interessantíssima! Anatole lê maravilhosamente!

— Veja que diversas são as minhas ocupações! — disse o advogado sorrindo e apontando para a mulher, significando que não se podia recusar nada a criatura tão sedutora.

Nekludov agradeceu delicadamente e recusou um pouco friamente, dizendo que não lhe era possível aceitar tão penhorante

convite.

— Que presumido! — disse a mulher do advogado, logo que ele saiu.

Na sala próxima o secretário entregou a Nekludov a cópia da petição e quanto a respeito de salários disse-lhe que Anatole Petrovich os fixara em mil rublos, acrescentando como explicação que Fainitzin não costumava encarregar-se desta espécie de trabalhos e que só por condescendência tomara conta daquele.

— E quem deve assinar a petição? — perguntou Nekludov.

— A condenada, se o puder fazer; senão Anatole Petrovich por procuração.

— Não, eu levo-lha para ela assinar — disse Nekludov, contente do pretexto que no dia imediato lhe serviria para se explicar com Katucha.

Capítulo 13

À hora habitual ressoaram nos corredores da prisão os assobios dos carcereiros, as portas chapeadas de ferro abriram-se, principiou a ouvir-se o ruído de pés andando, e nos corredores espalhou-se o fétido dos potes das dejeções, conduzidos pelos prisioneiros para os esgotos; os presos vestiram-se, assistiram à chamada e em seguida sentaram-se nas camas tomando chá.

Nesse dia, a conversa durante o almoço estava animadíssima em todas as salas: versava sobre o caso do dia, as vergastadas que iam ser aplicadas a dois detidos. Um deles era um rapaz inteligente e instruído, chamado Vassiliev, condenado por haver assassinado a amante num acesso de ciúme. Todos os seus companheiros de prisão o estimavam pela alegria e liberalidade que sempre o acompanhavam e pela maneira firme como procedia com as autoridades da prisão; conhecendo bem o regulamento interno, não admitia que o transgredissem. Conseguiu com isto que carcereiros e mais empregados não o vissem com bons olhos.

Três semanas antes, um carcereiro batera num preso, que ao passar lhe entornara um pouco de caldo no uniforme novo. Vassiliev interviu a favor do seu companheiro, dizendo que o regulamento proibia bater nos prisioneiros.

— O regulamento? Ora espera que eu ensino-te o regulamento! — respondera o carcereiro, principiado a insultar Vassiliev. Este respondeu-lhe do mesmo modo, e quando o carcereiro se preparava para também lhe chegar, Vassiliev agarrara-

lhe as mãos, conservara-o imóvel por alguns segundos, e em seguida expulsara-o da sala. O carcereiro queixou-se e o inspetor condenou Vassiliev ao segredo.

O segredo consistia numa espécie de células escuras, fechadas exteriormente por dupla fechadura.

Dentro não havia nem cama, nem mesa, nem cadeira o que obrigava os presos a sentarem-se e a deitarem-se no chão imundo, onde por entre a escuridão e o frio, corriam tantos e tão atrevidos ratos, que chegavam a ir roubar o pão das mãos dos condenados.

Vassiliev declarara que não iria para o segredo, porque não o merecia. Empregaram a força e ele lutou, ajudado por dois outros detidos, até que conseguiu escapulir-se.

Afinal, a pedido dos carcereiros acorreram reforços, entre eles o chamado Petrov, conhecido pela sua força, e os rebeldes foram agarrados e metidos no segredo. O inspetor deu-se pressa em redigir um relatório em que informava o governador do que ele chamava um começo de insubordinação e em resposta veio a ordem condenando os dois principais culpados, Vassiliev e um vadio chamado Népoumiak, a receberem trinta vergastadas.

Era no parlatório das mulheres que, nessa manhã, os condenados deviam receber o castigo.

Desde o dia anterior que toda a prisão sabia do caso e por isso nas diversas salas, à hora do almoço, não se falava noutro assunto.

Sentadas no canto predileto, a Korableva, a Bela, Fenichka e a Maslova falavam excitadas e animadas pela aguardente que já tinham bebido e que, graças ao dinheiro da Maslova, corria abundantemente. Enquanto bebiam o chá conversavam das vergastadas.

— Ele não se amotinou — dizia a Korableva, trincando com os fortes dentes um pedaço de açúcar. — Nada mais fez do que defender o companheiro. Já ninguém tem direito a bater nos presos!...

— Dizem que é um rapaz muito novo e valente — disse Fenichka, que estava com as compridas tranças enroladas à volta da cabeça, vigiando a chaleira colocada ao lado.

— Tu é que podias falar *-lhe* do desgraçado, Mikhailovna! — disse a guarda-linha, dirigindo-se à Maslova.

O *lhe* era Nekludov.

— Com certeza que hei de falar. Está pronto a fazer o que eu quiser! — respondeu a Maslova sorrindo vaidosamente.

— Sabe Deus quando ele voltará, e parece que já foram buscar Vassiliev — disse Fenichka. — É horrroso — acrescentou, suspirando.

— Uma vez vi eu vergastar um mujique, lá na comuna. Eu ia a casa do sogro do chefe da estação, e quando cheguei à aldeia...

E a guarda-linha principiou uma história muito longa.

No andar superior ouviam-se vozes e o ruído de passos, o que fez interromper a história principiada. Calaram-se todas com o ouvido à escuta.

— Lã o vão levar — disse a Bela, quebrando o silêncio. — Matam-no, com certeza! De mais a mais os carcereiros estão furiosos por ele não os deixar fazer o que eles querem!

No andar superior fizera-se silêncio: A guarda-linha recomeçou a história de como à sua vista tinha sido vergastado o mujique, o que fizera com que se *lhe* revoltassem os intestinos. A Bela contou como Cheglov sofrera as chicotadas sem murmurar uma queixa. Em

seguida Fenichka serviu o chá; a Korableva e a guarda-linha recomeçaram a costura e a Maslova estendeu-se na cama, com os joelhos erguidos.

Dispunha-se a dormir para ver se passava o aborrecimento, quando a vigilante entrou, prevenindo-a para ir à secretaria falar com quem a procurava.

— Não te esqueças de *lhe* falar em nós — disse-lhe Menshova, a velha devota, enquanto ela compunha o cabelo diante de um espelho, cujo aço quase desaparecera. — Diz-lhe que não fomos nós que deitámos o fogo, mas sim o próprio taberneiro, e que há um trabalhador que o viu. Diz-lhe também que peça para ver Mitri. Mitri explicar-lhe-á tudo, tal qual foi. Lembra-lhe que enquanto nós, que nada fizemos, estamos aqui presas, o outro, o patife, está na taberna a divertir-se com uma mulher que *lhe* não pertence e que o meu velho não tem em casa quem *lhe* cate os piolhos.

— Eu digo, eu digo tudo! — respondeu a Maslova. — Vá, mais uma pinga para dar coragem! — acrescentou.

A Korableva encheu-lhe um copito de vodka. A Maslova bebeu-o de um trago, limpou a boca, e sorrindo alegremente como quando pedira de beber «para ganhar coragem» seguiu a vigilante que a esperava no corredor.

Capítulo 14

I

Nekludov, que chegara cedo à prisão, esperava havia muito.

Logo que chegara tinha mostrado a um carcereiro a autorização escrita que possuía.

— Agora é impossível — respondeu-lhe ele. — O diretor está ocupado.

— Na secretaria? — perguntou Nekludov.

— Não, aqui no parlatório! — respondeu o carcereiro, levemente constrangido.

— É dia de visitas hoje?

— Não, é um outro assunto.

— Então como conseguirei falar-lhe?

— Basta esperar aqui, e quando passar...

Momentos depois, Nekludov viu entrar no vestíbulo onde se achava, um empregado de uniforme com galões faiscantes, bigodes frisados, todo ele muito vivo, que ao vê-lo interrogou severamente o carcereiro.

— Para que permite que esteja aqui gente? Mande entrar para a secretaria!

— Disseram-me que o diretor, com quem necessito falar, devia passar aqui — disse Nekludov, intervindo e surpreso de notar nas

feições deste, o mesmo constrangimento que surpreendera no carcereiro.

Neste momento a porta que se abria à passagem do empregado com quem Nekludov agora falava, abriu-se de novo, e um carcereiro, de estatura colossal, excitado e a suar, entrou.

Era Petrov, o de força hercúlea.

— há de servir-lhe de lembrança! — disse, dirigindo-se ao empregado.

Este, com um aceno de cabeça, indicou-lhe o estranho, e Petrov sem dizer mais nada, saiu pelo lado oposto.

— A quem e o que é que há de servir de lembrança? Porque parece toda essa gente tão constrangida? — perguntava Nekludov a si mesmo.

— Aqui ninguém pode esperar! Queira ir para a secretaria! — disse-lhe o empregado.

Nekludov preparava-se para executar essa ordem, quando viu entrar pela mesma porta, o diretor da prisão. Este parecia ainda mais constrangido que os seus subordinados. Uma profunda emoção transtornava-lhe as feições.

Nekludov dirigiu-se-lhe, mostrando a permissão.

— Fedovot! — exclamou o diretor, chamando por um dos carcereiros — vai buscar a Maslova à sala n.º 5 das mulheres. Leva-a para o gabinete dos advogados.

— Dá-me licença que o acompanhe — disse dirigindo-se a Nekludov.

Subiram por uma escadaria de caracol, que findava numa pequena sala mobilada com uma mesa e algumas cadeiras.

O diretor sentou-se.

— Terríveis deveres, terríveis deveres! — disse, suspirando e tirando um cigarro da cigarreira.

— Parece que está cansado? — perguntou Nekludov.

— Cansado e farto deste serviço! São deveres muito pesados, muito pesados! Quer-se suavizar a sorte destes desgraçados, e tudo o que se faz só serve para a piorar! Se ao menos pudesse abandonar isto! É muito, muito duro!

Nekludov ignorava em que consistiam as dificuldades do serviço do diretor; ainda que o não conhecesse, pareceu-lhe que um sofrimento excecional e uma desanimadora e triste disposição o dominavam.

— Não duvido que seja erriçado de dificuldades o cargo que desempenha — disse-lhe. — Mas se o incomoda a tal ponto, porque é que o não abandona?

— A falta de meios, a família...

Deteve-se um momento. Depois continuou:

— Mas há mais ainda; porque eu, no limite das minhas forças, faço o possível para suavizar a sorte destes desgraçados, o que até certo ponto consigo, enquanto um outro no meu lugar, tratá-los-ia de modo muito diverso! Parece-lhe que seja pequeno encargo dirigir perto de 2000 pessoas desta espécie? É preciso saber como proceder! Não se pode esquecer que são nossos semelhantes a quem devemos lastimar, mas é preciso não ser brando, aliás está tudo perdido.

E o diretor encetou a narração de uma aventura recente; uma desordem entre dois presos, que findara com a morte de um deles.

A meio da narração entrou a Maslova, acompanhado pelo carcereiro.

Nekludov viu-a no limiar da porta, antes que ela desse pela presença do diretor. Caminhava atrás do carcereiro com vivacidade, o rosto empurpurecido e ardente, sorrindo e acenando com a cabeça. Quando viu o diretor deteve-se momentaneamente, como que assustada; recobrando ânimo dirigiu-se alegremente a Nekludov.

— Bons dias — disse-lhe sorrindo e apertando-lhe fortemente a mão, em vez do ligeiro cumprimento anterior.

— Trouxe para assinar, a petição de agravo — disse Nekludov admirado de a ver tão animada. — Foi redigida por um advogado e é só assiná-la para ser enviada para S. Petersburgo.

— Pois então toca a assinar! Não custa nada!

E sorria, enquanto um dos olhos pestanejava mais que o usual.

Nekludov tirou do bolso a folha de papel e aproximou-se da mesa.

— Pode assinar-se aqui? — perguntou ao diretor.

— Vá, senta-te! — disse este à Maslova. — Aí está pena e tinta. Sabes escrever.

— Em tempos soube! — respondeu ela, sorrindo para Nekludov.

Em seguida, erguendo um pouco a saia e enrolando as mangas, sentou-se à mesa, agarrou com a pequena e forte mão a pena, e voltando-se para Nekludov, sempre a sorrir, perguntou-lhe o que devia fazer.

Este explicou-lhe sumariamente onde e como devia assinar.

— Nada mais? — perguntou ao terminar, fixando alternativamente Nekludov e o diretor.

— Ainda tenho que te dizer — respondeu Nekludov, tirando-lhe a pena da mão.

— Nesse caso, diga!

Súbito, o rosto tornou-se-lhe grave, como se em espírito relembresse o passado, ou como se a atacasse a sonolência.

O diretor levantou-se e saiu. Nekludov ficou só com a Maslova.

II

Chegara, enfim, para Nekludov, o momento decisivo. Desde a primeira entrevista que incessantemente se censurava por não lhe dizer o principal, o desejo que tinha de, esposando-a, expiar o erro que cometera. Mas, agora, havia de dizer tudo, custasse o que custasse!

Sentou-se em frente dela no lado oposto da mesa, bem resolvido a executar a resolução tomada.

O gabinete em que se achavam era rasgadamente batido pelo sol. Nekludov, pela primeira vez, pôde examinar à vontade o rosto da Maslova, no qual apareciam já, à volta dos olhos «pês de galinha» e rugas nos cantos da boca. As pálpebras tumefactas davam ao conjunto um precoce aspeto de fadiga e degradação. Nekludov sentiu-se invadido pela tristeza e aumentou-lhe a compaixão.

Colocando-se de modo a não ser ouvido pelo carcereiro que o conduzira e que se sentara junto da janela, na outra extremidade do gabinete, Nekludov curvou-se para a Maslova e disse-lhe:

— Se o agravo não der resultado, recorreremos para o imperador. há de fazer-se tudo que for possível.

— Que pena não ter aparecido há mais tempo! Eu teria tido um bom advogado, e não um imbecil, que foi o causador de tudo. Agora todos me felicitam, por sua causa! — disse ela, desatando a rir. — Ah! se no julgamento soubessem que me conhecia, o caso teria corrido de outra maneira! Assim, diziam lá eles, «não é mais que uma ladrai»

— «Quão diferente está da outra vez !» — dizia Nekludov, preparando-se para encetar o assunto principal.

Ela, porem, recomeçou:

— Ouça o que lhe quero dizer... Há lá na sala uma velha que faz admirar todos que a conhecem. É tão extraordinária que com certeza, não há outra igual! Ela e o filho foram condenados, nem Deus sabe porquê! aqui, todos dizem que eles estão inocentes ainda que os acusem de fogo posto. A velha ao saber quem me vinha visitar, disse-me: «Pede-lhe que fale com o meu rapaz, que lhe explicará o caso todo!» Eles chamam-se Menshovs! E a velha é tão simpática! Vê-se logo que está inocente. Não é verdade, meu amor, que há de interessar-te por eles? — disse fitando-o e sorrindo-lhe familiarmente.

— Com certeza. hei de informar-me e verei o que há de verdade — respondeu Nekludov, cada vez mais surpreso daquela expansibilidade. — Quero, porém conversar a respeito de um assunto íntimo. Recordas te do que eu disse na nossa conversa anterior?

— Foi tanta coisa! — respondeu. — A que é que se refere?

E sorria-lhe constantemente, inclinando a cabeça ora de um, ora de outro lado.

— A ter vindo para te pedir que me perdoasses — disse-lhe.

— Perdoar? Para quê? Não tenho nada a perdoar! Era melhor...

— Ainda não acabei — continuou Nekludov — quero que saibas que estou resolvido a reparar o meu erro, não com palavras, mas sim com atos... Quero casar contigo!

O espanto desenhou-se no rosto da Maslova. Os olhos até aí irrequietos fixaram-se severamente nos de Nekludov.

— Era o que faltava! — disse, com áspera entoação.

— Perante Deus, sinto-me obrigado a fazê-lo.

— Este também fala em Deus! Deus? Que Deus? Melhor teria sido que o recordasse quando...

E estacou com a boca aberta.

Nekludov só então sentiu o forte cheiro a aguardente que se lhe exalava da boca e compreendeu a causa de toda a animação.

— Sossega — disse-lhe.

— Não preciso sossegar! Imaginas que estou bêbeda? Sim, estou bêbeda mas sei o que digo! — vociferou rapidamente, enquanto o sangue lhe afluía ao rosto. — Eu sou mulher de todos e uma condenada às galés e tu, tu és um fidalgo, um príncipe! Tem cuidado que te sujias, se me tocas! Gira, gira lá para as tuas princesas!

— São bem cruéis as palavras que estás dizendo, e contudo não o são nada comparadas com o meu sofrer! — respondeu Nekludov agitado. — Não podes avaliar a que ponto me reconheço miserável e criminoso para contigo.

— Agora! — respondeu ela, rindo maldosamente — mas não quando forçadamente me presenteaste com a nota de cem rublos!

— Sim, bem sei! Mas que fazer! Jurei, porém, não te abandonar! hei de cumpri-lo.

— E eu digo-te que tal não farás!

— Katucha! — disse Nekludov tentando pegar-lhe na mão.

— Não me toques! Sou uma condenada às galés e tu és um príncipe! Rua! Não tens que fazer aqui! — gritou ela, enlouquecida pela cólera e escondendo a mão. — Desaparece daqui! — continuou. — Abomino-te e a tudo que é teu, desde esse monóculo até ao teu farto e longo corpo! Rua! Rua!

E rapidamente, ergueu-se.

O carcereiro aproximou-se:

— Que escândalo estás tu a dar?

— Deixe-a, peço-lhe — disse Nekludov.

— Cuidadinho, senão ensino-te a teres juízo — concluiu o carcereiro.

— Um momento mais! — disse Nekludov.

O carcereiro afastou-se e sentou-se.

A Maslova sentou-se novamente. Baixara os olhos, agitando febrilmente os dedos das pequenas mãos.

Nekludov, de pé, junto dela, não sabia o que fazer.

— Então não me acreditas? — perguntou.

— Não acredito o quê? Que queiras casar comigo? Tal não acontecerá! Antes enforcar-me! Pois então!

— Apesar disso, continuarei procurando ser-te útil.

— Isso é lá consigo. A verdade é que não preciso de ninguém! De ninguém, palavra!

— Ó, quem me dera ter morrido, então! — disse, desatando a chorar.

Nekludov quis falar mas não pôde. Aquelas lágrimas dilaceravam-lhe o coração.

Pouco depois ela ergueu os olhos, fitou-o surpreendidamente, e com o lenço principiou a enxugar as lágrimas que lhe deslizavam pela face.

O carcereiro aproximou-se e preveniu-os de que findara o tempo concedido.

— Voltarei amanhã para ver se estás mais tranquila. Até lá há tempo para refletir — disse Nekludov.

Ela não respondeu; ergueu-se e, sem um olhar, saiu acompanhada pelo carcereiro.

— Olá, minha felizona, vão acabar-se os teus trabalhos! — disse à Maslova a Korableva, quando a viu entrar na sala. — Põe-te na rua, com certeza. Os ricos fazem o que querem!

— Tal qual — respondeu a guarda-linha, na sua voz harmoniosa. — Aos ricos basta manifestar um desejo para que logo seja realidade! Havia um lá na aldeia...

— Falaste-lhe a meu respeito? — interrogou a velha.

A Maslova não respondeu; estendeu-se na cama, o olhar fixo num canto da sala e assim ficou até ao anoitecer.

Todo um mundo interior de sofrimentos que ela abandonara com ódio, julgando tê-lo esquecido para sempre, acordara com o que Nekludov lhe dissera. Era claro que o esquecimento em que até

então vivera, dissipando-se, se tornava impossível e que só permaneceria a insuportável recordação do passado.

Ao anoitecer, quando se ergueu, comprou mais aguardente, e, acompanhada pelas outras, bebeu-a.

III

— Aqui está como são estas coisas! — dizia maquinalmente Nekludov, enquanto caminhava no corredor da prisão. Só agora, e pela primeira vez, avaliava bem a enormidade do erro que cometera! Se não tivesse tentado expiá-lo e repará-lo, nunca lhe compreenderia a enormidade, assim como Katucha nunca reconheceria quão criminoso tinha sido para com ela!

Era a primeira vez que os factos lhe apareciam na evidência do seu mais claro horror.

Até então, como que se divertia com o seu enternecimento e a expiação parecia-lhe uma brincadeira; agora, porém, dominava-o o espanto. Era impossível tornar a abandonar aquela criatura, e não conseguia visionar que fim teriam essas novas relações.

Ao transpor a porta da prisão, Nekludov viu aproximar-se um carcereiro de feições desagradáveis, dissimuladas, aspeto de judeu. Introduziu-lhe misteriosamente na mão um papel.

— Isto é para V. Exa. — murmurou. — É uma certa pessoa que...

— Mas quem?

— V. Exa. ao ler, saberá. É uma prisioneira política. Eu sou o carcereiro. Bem sei que é proibido, mas ela pediu-me... tive dó... — disse hipocritamente.

Nekludov ficou surpreso que, um carcereiro da secção política, se tivesse encarregado de tal incumbência, e guardou o papel no bolso até sair da prisão. Na rua desdobrou-o e leu as seguintes linhas, escritas apressadamente a lápis:

Tive conhecimento da sua vinda à prisão e do interesse que manifesta por uma presa da secção criminal.

Desejo imenso poder falar-lhe, para o que pedirá autorização para me ver.

Se lha concederem, fornecer-lhe-ei informações interessantes sobre a sua protegida e sobre o nosso grupo.

Vera Bogodouchovska

— Bogodouchovska! Onde é que ouvi este nome? — interrogava-se Nekludov ainda abalado pela entrevista com Katucha. — Ah! agora me recordo! A rapariga da caçada ao urso!

Vera era professora numa aldeia do governo de Novgorod quando Nekludov estivera nessa aldeia acompanhado por alguns amigos, a caçar o urso.

A professora havia-lhe pedido certa soma para poder matricular-se na Universidade. Nekludov dera-lha e nunca mais ouvira falar dela. Agora reaparecia-lhe como presa política, prometendo revelar-lhe assuntos interessantes a respeito da Maslova!

Eram bons tempos de simplicidade e frescura comparados com a complicação e aridez dos de agora.

Nekludov sentiu verdadeiro alívio em recordá-los.

Era véspera de carnaval, numa aldeia distante sessenta verstas do caminho de ferro. A caçada fora magnífica. Tinham morrido dois ursos e depois de um bom jantar, quando tudo estava pronto para a partida, o dono da choupana onde se haviam recolhido, veio dizer que uma rapariga queria falar com o príncipe Nekludov.

— É bonita? — perguntou um dos caçadores.

— É o que vamos ver — respondeu Nekludov.

Acabando de lavar a boca saíra, sem supor o que desejava dele a tal rapariga.

No quarto junto, estava ela, vestindo uma grosseira peliça de aldeã e chapéu de feltro na cabeça. Era magra, ossuda, rosto comprido e apenas com belos olhos.

— Aqui está o príncipe, Vera! — disse o locandeiro, saindo e deixando-os sós.

— Em que posso servi-la? — perguntou Nekludov.

— Eu... eu... desejava... Sei que é rico e que gasta dinheiro divertindo-se e caçando. Ora eu tenho um grande desejo, o de ser útil aos outros. Mas não o posso ser, porque não sei nada.

O olhar exprimia franqueza ilimitada, e Nekludov compreendeu a resolução e a timidez que as feições traduziam. Figurara-se no seu lugar, compreendera-a e apiedara-se.

— Mas então que deseja de mim?

— Sou aqui professora e queria matricular-me na Universidade, o que não posso fazer por falta de dinheiro. Quer-mo emprestar? Restituir-lho-ei quando terminar o curso! Muitas vezes digo a mim

mesma: «Os ricos matam ursos, embriagam os mujiques, só fazendo o mal; porque não farão algum bem?» Só necessito de 80 rublos, mas se não quiser, é o mesmo, pouco importa.

— Pelo contrário! Agradeço-lhe ter-me proporcionado esta ocasião. Trago-lhe já o dinheiro!

E Nekludov reentrara na sala de jantar e, sem responder aos gracejos dos seus companheiros, abrira o saco de viagem e retirara os 80 rublos, que em seguida entregara à professora.

— Peço-lhe que não me agradeça; sou eu que o devo fazer! — disse-lhe quando lhe entregou o dinheiro.

Nekludov recordava agora com prazer estes incidentes. Iguamente sentia prazer recordando como, por pouco, estivera para zangar-se com um companheiro que quisera agradecer da aventura e como um outro o apoiara e defendera, o que provocara um estreitamento de relações com este.

A caçada fora divertida e bem sucedida e Nekludov, ao regressar à estação do caminho de ferro, sentia-se alegre e bem disposto. Os trenós deslizavam sem ruído, aos pares, por entre pinheiros vergados pela neve. De vez em quando brilhava na escuridão a viva luz vermelha dos cigarros, acendendo-se. Ossip, o guarda florestal, corria de um a outro trenó, enterrando-se na neve até aos joelhos; contava aos caçadores os hábitos dos veados e dos ursos que, naquela época do ano, vagueavam pelos bosques, aqueles alimentando-se da casca tenra dos álamos, estes, àquela hora, repousando na quente profundidade dos seus covis.

Nekludov recordava tudo isto e sobretudo recordava a deliciosa impressão que a consciência da sua saúde, força e descuidosa liberdade, então lhe produzia.

— Uma leve peliça, ar fresco e frio e a neve fustigando o rosto! O corpo quente, o rosto fresco e na alma nem cuidados, nem remorsos, nem temores, nem desejos! Como tudo isto era belo! E agora, meu Deus! Apenas dificuldades e penosos incómodos!

Evidentemente Vera fizera-se revolucionária e fora presa pelas suas ideias. Nekludov resolveu vê-la, com o desejo de saber o que ela lhe aconselharia para suavizar a sorte da Maslova.

Capítulo 15

Quando Nekludov acordou na manhã seguinte, o dia precedente, nos mínimos detalhes, perpassou-lhe rápido, no cérebro.

E, de novo, sentiu-se dominado pelo espanto.

Mas a determinação que tomara de continuar a obra empreendida, era mais forte que esse espanto que o invadia, e obrigava-o a caminhar sem lhe recear as consequências.

Eram nove horas quando saiu para procurar o vice-governador Maslinnikov.

Queria obter autorização para falar na prisão não só com a Maslova, mas também com o filho da velha por quem ela se interessara. Além destas, havia ainda outra, a que lhe escrevera na véspera, Vera Bogodouchovska; era também necessário obter autorização para a ver.

Nekludov conhecia Maslinnikov há muito tempo.

Primeiramente no regimento, onde o futuro vice-governador desempenhava o cargo de tesoureiro, conhecera-o como um honrado e consciencioso oficial, que não via nem queria ver mais nada no mundo além do seu regimento e da família imperial. Depois, sob a instigação de sua mulher, abandonara o exército pelas secretarias; e aquela, rica e astuta como era, bem depressa o colocou em posição de obter brilhantes promoções.

De resto, sua mulher zombava intimamente dele, animando-o como um cãozinho de estimação. Nekludov visitara-os no inverno

anterior, mas não voltara porque revelaram-se-lhe falhos de todo o interesse. Nekludov, ao vê-lo, pareceu-lhe que o tempo não passava por sobre o seu amigo. Era exatamente o mesmo rosto cheio e sem expressão, a mesma corpulência e a mesma elegância requintada no vestuário. Como militar, Maslinnikov usava sempre uniformes talhados à última moda, irrepreensivelmente limpos e ajustando-se, sem uma única prega, às costas e ao peito: o que agora usava, como governador, era igualmente talhado à última moda, imaculado e ajustando-se-lhe perfeitamente ao busto.

Pareceu alegrar-se quando viu Nekludov.

— Que surpresa, meu velho! Fizeste bem em aparecer. Vamos ver minha mulher! Tenho precisamente dez minutos para dispor deles, antes da sessão. O governador está ausente e sou eu quem o substituo! — disse, empavonando-se todo, com tão evidente satisfação que não conseguia ocultá-la.

— Sim... Mas olha que o que cá me traz são interesses meus.

— Hein! — disse Maslinnikov, cujo rosto e voz se tornaram mais severos.

— É este o caso: Há na prisão central do estado, uma pessoa por quem me interessa (ouvindo a palavra «prisão», o rosto de Maslinnikov, tornou-se ainda mais severo); queria obter autorização para conversar com ela fora das horas oficiais da visita. Disseram-me que isto dependia de ti.

— É escusado dizer-te que não posso recusar-te nada! — respondeu o gordo Maslinnikov, colocando as mãos nos joelhos de Nekludov com familiar condescendência. — Por enquanto não há nada impossível, porque... sou rei por uma hora.

— Dás-me, pois, uma autorização escrita para visitá-la?

— É uma mulher?

— É.

— E quem é?

— Uma condenada aos trabalhos forçados injustamente.

— *Ah! voila bien les jurés, ils n'en font pas d'autres!* — disse Maslinnikov, principiando, de repente e sem motivo, a falar francês.

— Sei que não concordas comigo — continuou — mas que queres? *C'est mon opinion bien arrêtée!* Tu continuas sendo liberal?

Não era já a primeira vez que Nekludov ficava surpreendido por o classificarem como liberal pelo simples facto de exigir para os acusados o direito de defesa, e por se indignar contra o direito de atormentar e espancar os criminosos, ainda os piores, ou por preferir esta àquela forma de julgamento.

— Não sei se sou ou não liberal — respondeu — o que sei é que a justiça de hoje, com todas as suas imperfeições, vale bem mais que a antiga.

— Dirigiste-te a algum advogado?

— Sim, a Fainitzin!

— Que triste ideia tiveste em te dirigires a esse! — disse Maslinnikov, torcendo o rosto.

É que ainda não lhe esquecera como Fainitzin, no ano anterior, tendo-o obrigado a comparecer numa audiência como testemunha, divertira toda a assistência, durante meia hora, à custa dele.

— Aconselho-te a que não te fies nele. *C'est un homme taré!*

— Ainda me resta um outro pedido — disse Nekludov, sem lhe dar atenção. — Conheci em tempo uma rapariga, professora, que hoje está também presa e que manifestou desejos de me ver. Podes igualmente conceder-me autorização para lhe falar?

Maslinnikov inclinou a cabeça para o lado e refletiu.

— Em que secção está essa professora?

— Disseram-me que na secção política.

— Não sei se sabes que só a família é que tem direito de visitar esses prisioneiros. Concedo-te, porém, uma autorização geral. *Je sais que tu rien abuseras pas...* E que tal é ela, *ta protégée? Jolie?*

— Medonha!

Maslinnikov abanou com a cabeça desaprovadamente, dirigiu-se à secretária e começou a escrever numa folha de papel oficial.

— Vais ver a ordem que existe na prisão! E olha que não é fácil manter a ordem quando está tudo cheio de condenados às galés! Só uma severa vigilância como a minha, acompanhada de muito interesse! Verás como tudo anda limpo e bem disposto. Nestes casos o essencial é saber como se há de lidar com aquela gente. Ultimamente tive, é verdade, um pequeno dissabor, uma insubordinação. Qualquer outro, no meu lugar, teria logo chamado àquilo uma revolta e teríamos a lamentar desgraças! Comigo o caso foi outro! É imperdoável — continuou, puxando com a carnuda mão, onde brilhava um anel com pedra azul, pelos punhos, com botões de ouro — é imperdoável a falta de indulgência e de autoridade! Eis o que é necessário: indulgência e autoridade!

— Não sei nada disso! O que sei é que fui à prisão duas vezes e fiquei mal impressionado — respondeu Nekludov.

— Sabes o que deves fazer? Travar conhecimento com a condessa Passek. Devas simpatizar imenso com ela! Não trata senão de casos análogos. *Elle fait beaucoup de bien.* É graças a ela, e, modéstia à parte, graças a mim que o regime das nossas prisões foi

modificado. Nenhum dos horrores do antigo regime subsiste, e os presos são verdadeiramente felizes! Enfim, tu verás! Mas que lembrança de te dirigires ao tal Fainitzin! Eu não o conheço pessoalmente; as nossas posições sociais não nos põem em contacto; dizem-me, porém, que é um parvo, que, em pleno tribunal diz coisas...

— Muito obrigado pela tua amabilidade! — disse Nekludov guardando a folha de papel escrita pelo vice-governador.

E levantou-se para sair.

— Agora, vamos ver minha mulher!

— Desculpa-me: hoje é impossível!

— Não me perdoará haver-te deixado sair! — respondeu Maslinnikov, acompanhando o antigo camarada até à escadaria, honra que dava aos visitantes de posição comparável à sua, pois que para os superiores reservava a de os acompanhar até ao vestíbulo. — Então, vamos, apenas por um momento?

Nekludov foi inflexível. Quando depois de ter descido a escadaria, vestia o sobretudo, que um criado lhe segurava, Maslinnikov, de cima, disse-lhe familiarmente:

— Então não faltes sexta-feira! É o dia de minha mulher! Vou anunciar-lhe a tua visita!

E regressou ao gabinete.

Capítulo 16

I

Nekludov, ao sair de casa de Maslinnikov, tomou um carro e dirigiu-se imediatamente à prisão. Pediu para falar com o diretor e esperou-o no gabinete que já conhecia.

Agora, como quando viera a primeira vez à prisão, ouvia, à medida que ia subindo, os sons do detestável piano. Desta vez porém, as *Rapsódias* de Liszt eram substituídas pelos *Estudos* de Clementi, executados com o mesmo vigor excessivo, a mesma precisão e a mesma rapidez.

A criada que lhe abriu a porta, disse que o «capitão» estava em casa e mandou-o entrar para uma pequena sala mobilada com um sofá, uma mesa, três cadeiras e um grande candeeiro, com *abat-jour* cor de rosa.

Momentos depois entrava o diretor, de rosto abatido e desgostoso.

— Queira sentar-se, príncipe! Em que posso ser-lhe útil? — perguntou enquanto acabava de abotoar o uniforme.

— Falei com o vice-governador e aqui está a autorização que me concedeu! — respondeu Nekludov. — Quero falar à Maslova.

— À Maslova? — perguntou o diretor, a quem a música impedia de ouvir distintamente.

— À Maslova.

— Ah, sim, bem sei.

E levantou-se, caminhando em direitura à porta da sala, donde vinham as escalas de Clementi.

— Fazes favor de parar um momento, Maroussia? Não se pode falar aqui! — disse, com uma entoação que traduzia claramente ser aquela música a cruz da sua vida.

O piano calou-se; as cadeiras foram arrastadas com mau humor e alguém entreabriu a porta, espreitando para a sala.

O diretor, visivelmente satisfeito com o intervalo que conseguira, tirou do bolso uma cigareira; ofereceu a Nekludov, que recusou, e acendeu um cigarro.

— Posso então falar a Maslova?

— Que vens tu cá fazer? — perguntou o diretor a uma pequenita de cinco anos, que se introduzira na sala e que, sem desfitar Nekludov, tentava trepar para os joelhos do pai. — Olha que tu cais, tem cuidado! — dizia o diretor, sorrindo indulgente da manobra da criança.

— Então se é possível mande-me procurar a Maslova! — repetiu Nekludov.

— A Maslova! Infelizmente é impossível falar-lhe hoje.

— E porquê?

— Ouça príncipe, por culpa dela! — respondeu o diretor sorrindo impercetivelmente. — Príncipe, por favor não lhe torne a dar dinheiro! Se quer, entregue-mo que lho administrarei conforme as suas necessidades, porque de outro modo... Olhe, ontem, com certeza com dinheiro que lhe deu, arranjou aguardente (é um mal impossível de destruir), embriagou-se e está bulhenta!

— É impossível!

— Foi necessário castigá-la, transferindo-a para outra sala; ordinariamente é uma presa sossegada, mas não torne a dar-lhe dinheiro! É preciso saber lidar com esta gente.

Nekludov recordou a cena do dia anterior e de novo sentiu-se invadido pelo espanto.

— E a Bogodouchovska, da secção política, poderei vê-la? — perguntou depois de um silêncio.

— Porque não?

E erguendo nos braços a pequenita, que continuava a olhar para Nekludov, pousou-a brandamente no chão, e levantou-se em seguida para guiar o príncipe à prisão.

Ainda não tinha acabado de vestir o sobretudo, já as escalas de Clementi corriam de novo no teclado do piano.

— Ela estudava no Conservatório, mas em virtude de umas desordens que lá se deram, despediram os alunos! — disse o diretor enquanto desciam a escadaria. — Tem muita habilidade! Creio que gostaria de tomar parte em concertos!

Nekludov e o diretor encaminharam-se para a secretaria, atravessando salas cujas portas se abriram, o mais depressa possível à sua passagem.

Num corredor encontraram conduzindo baldes, quatro condenados que tremeram ao ver o diretor. Um, principalmente, baixou a cabeça, as feições contraídas, o olhar faiscante.

— É evidente que o talento deve ser desenvolvido e que não se deve mutilá-lo: mas um piano posto a tocar um dia todo numa casa como a nossa! É horroroso! — desabafava o diretor, sem fazer caso dos presos.

E arrastando as cansadas pernas, acompanhou Nekludov à sala grande.

— Como se chama a prisioneira que deseja ver? — perguntou.

— Bogodouchovska.

— Essa está no outro corpo do edifício, com os políticos. Queira esperar que vou mandar procurá-la.

— Enquanto espero, não poderei ver o preso Menshov, condenado por incendiário?

— Esse está num quarto à parte. Quer ir lá vê-lo?

— Quero, sim. Interessa-me isso.

— Esteja certo que não há nada interessante.

Nesta ocasião entrou o elegante ajudante do diretor.

— Acompanhe o príncipe ao quarto de Menshov — disse-lhe o diretor — em seguida conduza-o para a secretaria. Entretanto vou mandar chamar a Bogodouchovska.

— Queira ter a bondade de me seguir — disse o ajudante a Nekludov sorrindo amavelmente e espalhando um forte cheiro a água de Colónia. — Interessa-o o nosso edifício?

— Sim, mas interesse-me mais por esse Menshov, que me dizem estar inocente do crime que lhe imputam.

O ajudante encolheu os ombros.

— É possível — disse tranquilamente, enquanto por delicadeza parava para deixar entrar Nekludov num largo corredor, que tresandava. — Muitas vezes, porém, mentem!... É aqui!

As portas dos quartos estavam abertas e vários presos passeavam no corredor. O ajudante, ao passar, correspondia distraidamente à continência dos guardas, não fazendo caso dos presos, alguns dos quais apressavam-se a entrar nos quartos

quando o viam enquanto outros paravam e ficavam imóveis respeitosamente, com as mãos unidas às costuras das calças.

Atravessaram todo este corredor e na extremidade foi-lhes aberta uma porta de ferro, pela qual comunicaram para um corredor, mais estreito, mais sombrio e cheirando ainda mais infectamente.

Em ambos os lados do corredor viam-se portas fechadas à chave, com pequenas aberturas no alto.

Apenas um carcereiro passeava de um para o outro lado com aspeto triste e carrancudo.

— Qual o quarto de Menshov?

— A oitava porta à esquerda.

— Tudo isto está ocupado? — perguntou Nekludov.

— Tudo, exceto um.

II

— Dá-me licença que espreite a uma destas portas? — pediu Nekludov ao seu guia.

— À vontade! — respondeu o ajudante, sorrindo amavelmente, começando a falar com o carcereiro.

Nekludov afastou a tampa corrediça da abertura e olhou para o interior.

Um homem ainda novo, estatura elevada, andava de um para outro lado do quarto, vestindo apenas uma camisa. Quando ouviu barulho, ergueu a cabeça, olhou para a porta e franziu as sobrancelhas; depois continuou o passeio.

Nekludov deixou de olhar e dirigiu-se para outro quarto.

Ao espreitar pela abertura, deu de cara com uns olhos negros, estranhos e penetrantes, que o obrigaram a fechar rapidamente a tampa. Num terceiro quarto viu um homenzinho que dormia na cama, com as pernas encolhidas e a cabeça coberta.

No imediato, o preso estava sentado com a cabeça apoiada às mãos e os cotovelos nos joelhos. Quando ouviu abrir-se a abertura, ergueu a cabeça e dirigiu o olhar, maquinalmente, para a porta; o rosto pálido e os olhos encovados, traduziam claramente a pouca importância que ligava em saber quem vinha espreitar ao seu quarto.

Era evidente que este desgraçado não esperava bem algum de quem quer que fosse que viesse examiná-lo.

O desespero pintado nas suas feições amedrontou Nekludov, que desistiu de olhar e examinar os outros quartos para ir diretamente ao de Menshov.

O carcereiro abriu a porta, fechada com duas voltas e Nekludov achou-se em frente de um homem ainda novo. musculoso, de pescoço comprido, barba curta e olhos redondos e bondosos, que em pé, junto ao leito, vestia apressadamente a blusa, olhando para os recém-chegados com manifesto susto.

Dirigia os olhos redondos e bondosos, incessantemente e com expressão de inquietação e admiração ora para Nekludov ora para o ajudante e inversamente.

— Aqui está um cavalheiro que deseja interrogar-te a respeito do teu caso.

— Houve alguém que me falou a seu respeito — disse Nekludov caminhando até à extremidade do quarto e colocando-se

junto à janela gradeada. — Queria que me contasse como sucedeu isso.

Menshov aproximou-se da janela e encetou a narração. A princípio falava timidamente, lançando olhares inquietos ao ajudante; pouco a pouco animou-se e quando o ajudante saiu para o corredor, desaparecera-lhe a timidez.

As maneiras, o modo de falar eram de um simples e honrado mujique, e Nekludov começava a sentir-se singularmente impressionado por encontrar esse inofensivo mujique, vestindo o uniforme da prisão, num sombrio quarto. Enquanto lhe escutava a narrativa ia examinando o leito, o colchão de palha, a janela imunda guarnecida com o forte gradeamento de ferro, as paredes escorrendo humidade e o triste rosto e os membros emagrecidos daquele homem, evidentemente nascido e criado para uma vida livre de trabalho, no ar puro dos campos; e cada vez se sentia mais triste, recusando acreditar o que lhe contava aquele desgraçado como a verdade, tão horrível era pensar que se pudesse arrancar um homem sem motivo, a uma vida normal de trabalho, ataviá-lo ridiculamente com um uniforme de prisioneiro e encerrá-lo num lugar horroroso.

E era ainda mais horrível pensar que uma exposição tão ingénua, expressa em voz tão simples e franca, acompanhada por um olhar de tanta bondade, pudesse ser invenção e embuste.

Menshov tinha casado havia pouco quando a mulher lhe foi raptada pelo taberneiro da aldeia. Procurara obter justiça dirigindo-se a este e àquele mas o taberneiro untara as mãos às autoridades e escapara indemne.

Um dia Menshov conseguira agarrar a mulher, e à força levaram-na para casa, mas ela fugira-lhe no dia seguinte.

Dirigiu-se novamente ao taberneiro a reclamar a sua mulher, mas apenas obteve em resposta que ela não estava em casa dele; o taberneiro, em seguida quis pô-lo fora de casa. Ele não quis sair, e o taberneiro, ajudado por um outro, bateu-lhe até fazer sangue e expulsou-o. No dia seguinte rebentava um incêndio em casa do taberneiro, e Menshov e a mãe eram acusados de ter posto o fogo. Porém não tinha sido Menshov; nesse dia estava em casa de um amigo.

— É verdade que não lançaste o fogo?

— Nem nisso pensei, Excelência, nem sequer em tal pensei! Foi ele próprio, o patife, que lhe deitou o fogo! Ainda há pouco segurara a casa! E acusaram-nos, a mim e a minha mãe, de incendiários! É verdade que o insultei e injuriei quando fui reclamar minha mulher: o meu coração trasbordava! Mas deitar fogo! Não, não deitei! Nem lá estava quando o fogo rebentou! Foi ele, propositadamente, para nos acusar!

— Falas verdade?

— Tão verdade como se falasse a Deus, Excelência! Seja meu pai! — disse, tentando ajoelhar-se diante de Nekludov. — Compadeça-se de mim e faça com que não morra aqui, sem razão.

E desatou a chorar, os lábios trementes, enquanto com a ponta da blusa tentava estancar as lágrimas.

— Já acabou? — perguntou o ajudante.

— Já — respondeu Nekludov. — Não desanimes e tem coragem; hei de fazer o que for possível — disse, dirigindo-se a Menshov.

Este estacou à entrada da porta, sendo preciso que o carcereiro o empurrasse para a fechar.

Mas, até final, o desgraçado permaneceu espreitando pela abertura superior.

III

Nekludov e o ajudante do diretor passaram novamente pelo corredor mais largo; era a hora de jantar, e todas as portas dos quartos estavam abertas, enquanto os presos passeavam no corredor.

Nekludov, quando se viu rodeado por essa infinidade de homens, vestindo todos uniformemente e fitando-o com curiosidade, sentiu estranha sensação de compaixão por esses prisioneiros, de espanto e horror por aqueles que ali os tinham encerrado, e de vergonha por si próprio que assistia indiferente a tudo aquilo.

Quando passava em frente de uma sala, vários presos vieram ao seu encontro, cumprimentando-o respeitosamente.

— Imploramos de V. Exa. que se digne fazer com que decidam a nossa sorte!

— Enganam-se. Não pertenço à administração, nada posso fazer.

— É o mesmo! — disse uma voz indignada. — Está lá fora, pede falar a esses da administração! Há dois meses que nos conservam aqui, sem que tenhamos feito mal algum.

— Como assim? — perguntou Nekludov.

— É a verdade! Vai em dois meses que nos meteram aqui, sem nós mesmo sabermos porquê!

— É efetivamente a verdade, mas foi o acaso que motivou isto — informou o ajudante. — Estes homens foram presos por falta de passaporte e deviam ser enviados para o respetivo governo a que pertencem; sucede que a prisão desse governo ardeu e nós recebemos ordem para não os expedir. Uma parte, os que pertenciam a governos diferentes, foram enviados, mas estes foi necessário conservá-los aqui.

— É esse o seu único crime? — inquiriu Nekludov. — E aproximando-se da porta, olhou para o interior da sala.

Um grupo de quarenta ou mais homens, vestindo todos o uniforme da prisão, rodearam Nekludov e o ajudante do diretor. Alguns tentaram falar ao mesmo tempo, mas afinal foi um robusto mujique de cabelos grisalhos, quem se encarregou de falar em nome de todos. Confirmou que tinham sido encarcerados por causa dos passaportes, não porque os não tivessem, mas unicamente por terem caducado havia quinze dias. Era um facto que se dava todos os anos e que passava sem que houvesse alguém que fizesse qualquer objeção; naquele ano prenderam-nos, e havia dois meses que os conservavam aferrolhados como criminosos.

— Somos todos pedreiros pertencentes ao mesmo *arte*^A e trabalhávamos todos juntos. Dizem que a prisão lá do governo ardeu. Mas nem somos culpados, nem lhe deitámos o fogo! Pelo amor de Deus, interceda por nós.

Nekludov escutava distraidamente o discurso, com a atenção atraída por um enorme piolho cinzento, que passeava dos cabelos para a barba do pedreiro.

— Como é isto possível? — perguntou novamente Nekludov ao ajudante.

— Que quer? A lei manda que eles sejam enviados aos seus respectivos governos para aí serem julgados!

Quando o ajudante acabava de falar, um homem de pequena estatura, gestos nervosos e a boca contraída, saiu do grupo e começou a queixar-se do modo como os carcereiros os tratavam.

— Pior que aos cães! — asseverou.

— Vamos, vamos, não abuses da nossa indulgência — disse o ajudante. — Cala-te, ou então...

— Ou então o quê? — replicou o prisioneiro desesperadamente. — Acaso somos criminosos para estarmos aqui?

— Silêncio! — bradou um carcereiro.

O prisioneiro calou-se.

«Como é possível semelhante coisa?», interrogava-se Nekludov, enquanto recomeçava a percorrer o corredor, com centenaes de olhos a espiarem-lhe a passagem.

— É então permitido conservar estes inocentes na prisão? — perguntou Nekludov ao seu companheiro, logo que saíram do corredor.

— Que quer que lhe faça? Acautele-se, porque esta gente mente muito! Quem os ouvir imagina que são todos inocentes!

— Mas aqueles, pelo menos, estão inocentes?

— Sim, admitamos isso. Mas todos eles são uns depravados, de quem não se consegue nada sem severidade. Há até malandros de tal força que são capazes de se lançarem a nós! Ainda ontem tivemos de castigar dois.

— O quê? Castigá-los? Como?

- Chibatando-os por ordem superior.
- Julgava que as punições corporais estavam proibidas!
- Não para os presos destituídos dos seus direitos.

Nekludov compreendeu então a cena a que assistira na véspera, no vestíbulo. Compreendeu porque esperara pelo diretor, que assistia à punição. E mais que nunca, invadiu-o um misto de curiosidade, tristeza, espanto, vergonha e repugnância que ia até à náusea.

Sem dar atenção ao ajudante, e sem olhar em redor, dirigiu-se apressadamente para a secretaria.

O diretor lá estava, mas tão ocupado que se esquecera de mandar chamar a Bogodouchovska.

Recordou-se do que prometera quando viu entrar Nekludov.

— Mil perdões! Vou mandar chamá-la imediatamente! Queira sentar-se!

IV

A secretaria consistia em duas salas; uma, a da entrada, recebia a luz de duas janelas imundas, e além de um fogão coberto de porcaria, tinha num dos cantos, um estalão destinado a tomar as alturas aos prisioneiros, e dependurada na parede fronteira à entrada uma grande imagem de Cristo crucificado — era evidente que só por escárnio pela sua doutrina se conservava aquela imagem num lugar de tortura. Esta sala estava quase vazia; apenas os carcereiros andavam de um para o outro lado. A outra sala era maior

e achavam-se aí reunidas umas vinte pessoas de ambos os sexos, sentadas em bancos encostados às paredes e conversando em voz baixa. Junto da janela havia uma escrivaninha.

Quando Nekludov entrou, viu o diretor sentado em frente dela e aceitando o convite que ele lhe dirigiu sentou-se também; entretanto o diretor mandara chamar a Bogodouchovska. Nekludov pôde, pois, observar sossegadamente o quadro que tinha ante os olhos.

O que primeiro lhe atraiu a atenção foi um rapaz de presença agradável, vestindo um curto casaco e que de pé, em frente de uma rapariga e de um prisioneiro, ambos sentados, contava-lhes qualquer coisa, acompanhando a narrativa com uma animada gesticulação.

Um pouco mais distante, um velho de óculos azuis, conversava com uma prisioneira ainda nova, a quem havia pegado na mão, e que escutava avidamente todas as suas palavras.

Um rapazito de rosto pensativo e medroso, estava em pé junto ao velho e não o desfitava.

Atrás destes, num canto, dois namorados cochichavam alegremente. A rapariga era uma linda loura bem vestida e maneiras distintas; o apaixonado era um detido de belas feições, cabelo ondeado, vestindo um grosseiro casaco.

Alguns passos para lá da mesa, e ao correr da outra parede, Nekludov notou o rosto de uma mulher, cujos cabelos eram já grisalhos e que vestia de preto; evidentemente era uma mãe: todos os seus olhares convergiam para um rapaz tísico, vestido de cauchu com quem tentava falar, não o conseguindo, sufocada pelas lágrimas; mal pronunciava uma palavra, tinha de desistir da tentativa. O pobre rapaz conservava nas mãos um papel que

dobrava e amarrotava, deixando transparecer no rosto um olhar irritado.

Ao lado destes, Nekludov viu uma rapariga vestida de cinzento com uma pelerine aos ombros, que se esforçava por consolar sua mãe, sentada e encostada a seu lado, chorando, enquanto ela a acariciava brandamente.

Tudo era belo nesta rapariga; as compridas e brancas mãos, o cabelo ondeado, cortado muito rente, o nariz aquilino e a boca pequena. Porém o principal encanto de todo o rosto provinha de dois grandes olhos castanhos, muito salientes, cheios de doçura, de franqueza e de bondade.

Enquanto Nekludov, sentado junto ao diretor, examinava estes grupos com curiosidade, o rapazito, de rosto pensativo, aproximou-se dele e, com voz adelgada, perguntou-lhe:

— E tu por quem esperas?

Nekludov ficou surpreendido com a pergunta; o rosto da criança, com olhos expressivos impressionou-o e com a maior seriedade possível disse-lhe que esperava por uma senhora.

— É tua irmã? — perguntou o pequeno.

— Não, não é. E tu com quem estás aqui?

— Com a mamã! É uma presa política! — respondeu a criança.

— Maria Palovna, chame pelo Kolia! — disse o diretor, considerando ilegal a conversa do pequerrucho com Nekludov.

Maria Palovna, a bela rapariga que estava sentada perto de Nekludov, levantou-se e dirigiu-se para junto deles.

— Está com certeza a perguntar-lhe quem é? — disse ela a Nekludov, com um sorriso nos belos lábios e olhando-o fixamente com os seus salientes olhos. E havia tal simplicidade no seu sorriso,

no seu olhar e na sua pronúncia, que impunha-se a evidência de um constante sentimento afetuoso e fraternal por todos com quem tratava. — É sempre assim! Quer saber tudo! — continuou; e sorriu para a criança tão ternamente que esta e o próprio Nekludov tiveram de lhe corresponder, sorrindo também.

— Efetivamente perguntava-me quem eu vinha ver!

— Maria Palovna, sabe que não tem licença para falar a estranhos — disse o diretor.

— Está bem, está bem — respondeu pegando na mão da criança e voltando para junto da mãe do tísico.

— De quem é filho este pequeno? — perguntou Nekludov ao diretor.

— A mãe é uma presa política, e o rapaz é aqui nascido.

— Sim?

— Sim. Agora vai para a Sibéria com a mãe.

— E quem é esta rapariga?

— Desculpe-me, mas não posso responder-lhe. Além disso, está aí a Bogodouchovska.

V

Nekludov viu efetivamente entrar Vera Bogodouchovska, caminhando agilmente, muito pequena, magra, pálida e com olhos muito grandes e límpidos.

— Quanto lhe agradeço ter vindo! — disse, apertando a mão a Nekludov. — Ainda se recorda de mim? Sentemo-nos.

— Não esperava encontrá-la aqui!

— Estou perfeitamente e nada peço de melhor! — disse Vera.

Os anos não a tinham alterado. Pitava Nekludov com a bondosa expressão do seu olhar e falando sempre, incessantemente movia em todas as direções o pescoço magro e pálido que lhe saía do corpete sujo e remendado, do seu vestuário.

Nekludov interrogou-a sobre os motivos por que fora presa, e ela, animando-se gradualmente, principiou uma narração muito detalhada, mas em que as suas aventuras figuravam menos do que a organização e as aventuras do seu partido. Durante a descrição que fazia, intercalava palavras tais como propaganda, organização, grupos, secção, subsecção e outras divisões revolucionárias, que estava convencida que toda a gente entendia, mas que o próprio Nekludov ouvia pela primeira vez.

E uns atrás dos outros, contou-lhe todos os detalhes daquela organização, convencidíssima de que Nekludov sentiria enorme prazer e extraordinário interesse em conhecê-la. E Nekludov, examinando-lhe o pescoço delgado, os cabelos raros e mal penteados e os grandes olhos redondos, perguntava a si mesmo porque é que ela lhe contava e se interessava tanto por tudo aquilo. Lastimava-a, ainda que diferentemente do modo como lastimava Menshov, o mujique, de rosto e mãos macilentas, encerrado sem razão, num quarto empestado. Não a lastimava pela situação que a si própria procurara, mas sim pela evidente anarquia mental que lhe reinava no cérebro. Era claro que a desgraçada julgava-se uma heroína e como tal se lhe apresentava; e por isso Nekludov a julgou digna de compaixão.

A ilusão lamentável de que a via possuída transparecia também no rosto de várias pessoas que estavam na sala. Compreendeu que a sua chegada tinha despertado a atenção de todos e que as suas atitudes e os gestos não seriam os mesmos se não estivesse ali para os presenciar.

Verificava isto na atitude e nos gestos da rapariga com o uniforme da prisão e no casal dos apaixonados, em todos, exceto no velho, no tísico e na rapariga de olhos castanhos e salientes.

O caso de que Vera queria falar a Nekludov era um pouco complicado.

Uma companheira de Vera chamada Choustova fora presa ao mesmo tempo que ela, havia cinco meses, e encerrada na cadeia, posto não estivesse filiada em nenhuma secção.

Unicamente lhe tinham encontrado em casa, quando da busca, alguns papéis e livros que os companheiros aí tinham guardado. Vera, que se considerava como responsável por esta prisão, desejava pedir a Nekludov, «que estava bem relacionado», para empregar diligências a fim de que a Choustova fosse libertada.

Além disto queria pedir-lhe que conseguisse que um seu amigo, Gourhévitch, pudesse ser visitado pela família e lhe fosse facultada a leitura de livros científicos. Nekludov prometeu fazer o que lhe fosse possível.

Da sua vida contou, que tendo terminado os estudos para parteira, filiara-se numa *secção dos libertadores do povo*, lera o *Capital* de Karl Marx e consagrara-se inteiramente ao «progresso da revolução».

A princípio caminhara tudo perfeitamente. Escreviam-se proclamações e fazia-se propaganda nas minas; um dia, um dos

membros da secção fora preso, a polícia deitara mão aos papéis e realizara uma razia geral.

— Eu fui apanhada também e daqui vou para a Sibéria. Mas que me importa, se me sinto feliz?

Nekludov perguntou-lhe depois quem era a bela rapariga dos olhos salientes, Vera contou que era filha de um general, filiada há muito tempo no partido revolucionário e que se acusara de ter disparado um tiro de revólver contra um polícia. O caso fora o seguinte:

Os membros do partido reuniram-se numa casa, onde existia uma imprensa secreta. Uma noite que estavam todos reunidos, a polícia bateu-lhe à porta e eles, a fim de ganharem tempo para destruir o que os comprometesse, fizeram barricadas às entradas. A polícia arrombara as portas e quando lhes ia a deitar a mão, ouviu-se um tiro, e um deles caiu morto. Quando se procedeu ao inquérito para descobrir o assassino, a rapariga apresentara-se tomando toda a responsabilidade do facto; e, ainda que nunca tivesse pegado num revólver, fora forçoso reconhecer-lhe a culpabilidade. Condenada a trabalhos forçados, aguardava que a enviassem para a Sibéria.

— Uma individualidade interessante e um carácter altruísta! — disse Vera terminando a narração.

Era inegável que Vera sentia manifesto prazer em falar e mostrar os seus conhecimentos. Bastava que Nekludov lhe fizesse de vez em quando uma pergunta para ela falar infindamente. Apesar disso Vera ainda não falara na Maslova, o que para Nekludov era de maior interesse.

Resolveu perguntar-lhe o que ela queria dizer-lhe a este respeito e logo Vera começou, dizendo-lhe que já sabia, bem como

toda a prisão, a história da Maslova e o interesse que Nekludov lhe dispensava. Era por isso que dava o conselho de obter para a sua protegida a transferência para o serviço da enfermaria, onde eram necessárias auxiliares. Aí, ela estaria muito melhor, não só sob o ponto de vista moral, como sob todos os outros.

VI

A conversa foi interrompida pelo diretor que, levantando-se, declarou ter acabado o tempo concedido para as visitas e que os visitantes deviam retirar-se. Nekludov despediu-se de Vera, ia já a sair quando se deteve no limiar para presenciar as despedidas dos outros visitantes.

O único efeito que a prevenção do diretor produzira, foi tornar as conversas mais rápidas e animadas, sem que ninguém parecesse disposto a retirar-se. Um ou outro par ergueu-se para continuar a conversa de pé. Mas daí a pouco principiaram os adeuses, os soluços e as lágrimas. A mãe do rapaz tísico estava completamente transtornada, enquanto o filho continuava a amarrotar entre as mãos a folha de papel; Nekludov notou-lhe no rosto uma expressão de maldade, proveniente do esforço que fazia para resistir ao desesperador contágio de sua mãe. Esta, com o rosto encostado a um dos ombros do rapaz, chorava tão copiosamente como uma criança.

A formosa rapariga que Nekludov involuntariamente seguia com o olhar, conservava-se de pé, em frente da mãe banhada em

pranto e incessantemente tentava consolá-la. O velho de óculos azuis continuava com a mão de sua filha entre as dele, acenando com a cabeça a tudo que ela dizia.

O casal de namorados levantara-se, ficando ambos imóveis, sem dizer palavra, os olhos fitos um no outro.

— São aqueles os únicos felizes! — disse a Nekludov o rapaz de casaco curto que se deteve também no limiar da porta, presenciando a cena. — Para a semana casam-se aqui na prisão e toca para a Sibéria! — continuou ele.

— E quem é o noivo?

— É um condenado a trabalhos forçados. Ao menos aqueles estão contentes; o resto custa a presenciar! — continuou o rapaz, mostrando a Nekludov o velho dos óculos azuis, de cuja garganta saíam agora fortes soluços.

— Então, senhores? Peço-lhes que não me obriguem a lançar mão doutros meios! — exclamou o diretor, repetindo a mesma frase umas poucas de vezes. — Então, então, o que é que significa tudo isto? — continuava ele, fraca e irresolutamente. — Vamos, vamos, que já passa da hora há muito tempo... Previno-os pela última vez! — disse, depois de uma pausa.

E erguia-se, sentava-se, tirava uma fumaça ao cigarro para em seguida deixá-lo apagar e torná-lo a acender.

Era evidente que por muito inveterados que estivessem nele os argumentos especiais que permitem a um homem fazer sofrer outros homens sem se sentir responsável por esses sofrimentos, o diretor não podia deixar de ter consciência que era um dos autores da espantosa agonia que se espalhava naquele ambiente. E era

também evidente que isto fazia-o sofrer, pesando-lhe dolorosamente sobre o coração.

Afinal prisioneiros e visitantes começaram a separar-se; uns dirigiam-se para a porta de comunicação interior e os outros para a que dava passagem para a sala contígua.

Pela porta de comunicação interior, Nekludov viu sair o tísico, a filha do velho de óculos azuis, a linda Maria Palovna conduzindo pela mão a criança nascida na prisão.

Então os visitantes saíram e com eles Nekludov.

— São reuniões extraordinárias, estas! — disse a Nekludov o rapaz que já se lhe dirigira na sala, e que evidentemente gostava de conversar. — Para felicidade nossa o «capitão» é um bom homem que não se cinge estritamente ao regulamento das prisões. Senão seria como nas outras partes, um martírio! Toda a gente o diz!

— Então nas outras prisões as visitas não se realizam assim?

— Isso sim! O mais que lhe concedem é ver os presos políticos através das grades, como os condenados às galés!

No fim da escadaria o diretor aproximou-se de Nekludov e chamando-o à parte disse-lhe:

— Príncipe, se quiser pode ver a Maslova amanhã.

Percebia-se que desejava ser agradável a Nekludov.

— Muito obrigado! — respondeu este saindo apressadamente. Renovava-se-lhe, ainda mais fortemente que no domingo anterior, quando pela primeira vez visitara a prisão, a impressão de repugnância e horror que então sentira.

Eram horrorosos os sofrimentos de Menshov; condenado injustamente — e não só os sofrimentos físicos, como também a dúvida e a desconfiança de Deus e do Bem que o desgraçado

muji que infalivelmente havia de sentir, vendo a crueldade dos homens, obstinados em torturá-lo. Igualmente horrorosas eram as violências e as torturas a que estavam sujeitos os pedreiros, encarcerados unicamente por não terem os documentos em ordem e a loucura de todos aqueles empregados, preocupados, tão só com o fazer sofrer homens, seus irmãos, imaginando colaborar numa útil e boa obra. Porém, mais horroroso, mais repugnante e mais lastimável era esse velho diretor que obrigava a mãe a separar-se de seu filho, o irmão de sua irmã e que martirizava os seus semelhantes, apesar de cansado, velho e naturalmente bondoso!

«Para que existe tudo isto?», perguntava Nekludov a si próprio, sem acertar com a resposta.

Capítulo 17

I

No dia imediato pela manhã, Nekludov procurou o advogado Fainitzin, expôs-lhe a situação de Menshov e pediu-lhe que se encarregasse de aclarar o caso. O advogado prometeu-lhe consultar o processo para verificar se Menshov falava verdade e, caso assim fosse, encarregava-se de tentar libertá-lo, gratuitamente, apenas pelo prazer de importunar a magistratura.

Nekludov falou-lhe em seguida nos cento e trinta desgraçados pedreiros encarcerados por causa dos passaportes. Queria saber de quem dependia aquele assunto e quem era o culpado de tal acontecimento. Fainitzin refletiu, manifestamente embaraçado para formular uma resposta clara.

— Quem é o culpado? — disse por fim. — Ninguém. Reclame dos juízes; lançarão toda a culpa para o governador. Inquirá-lo de verdade; afirmar-lhe-á que são os juízes os responsáveis. Resultado: Ninguém é culpado.

— Procurarei ainda hoje Maslinnikov para o informar de tudo.

— É tempo perdido! Olhe ele não é seu parente nem amigo, não? Então acredite-me, é um cretino e mais ainda um canalha!...

Nekludov recordou-se do que Maslinnikov lhe dissera do advogado e, sem responder, despediu-se.

À tarde dirigiu-se para casa do vice-governador, a quem desejava pedir dois obséquios: a transferência de Maslova para a enfermaria, fazendo parte do pessoal, e a libertação dos cento e trinta pedreiros encerrados sem razão. Ainda que lhe repugnasse solicitar favores de um homem que aborrecia, sujeitava-se, por saber que era esta a única forma de alcançar o que pretendia.

Ao chegar a casa de Maslinnikov, viu o pátio interior cheio de coupés, vitórias e *landeaux* e só então se recordou que era naquele dia o *at home* da mulher de Maslinnikov, ao qual ele lhe pedira que não faltasse. Em frente da escadaria estava parado um magnífico *landeau*, e um trintanário de pelerine forrada deitada nos ombros e roseta no chapéu alto, ajudava uma senhora a descer, que, com a cauda do vestido levantada, deixava ver uma perna magra, calçada de meia de seda preta. Examinando as carruagens que esperavam no pátio, Nekludov reconheceu a dos Korchaguine. O velho cocheiro, nutrido e rubicundo, reconheceu-o e descobrindo-se, cumprimentou-o com um sorriso cheio de deferência e familiaridade.

Nekludov perguntava ainda ao guarda-portão se Miguel Ivanovitch recebia, quando ele próprio apareceu no alto da escadaria. Acompanhava uma visita que devia ser personagem altamente colocada, porque honrava o, acompanhando-o até ao fim da escadaria.

Efetivamente Nekludov reconheceu nele um dos mais influentes funcionários governamentais. Enquanto descia as escadas falava em francês com Maslinnikov, a respeito de uns quadros vivos que se projetavam organizar para um benefício caritativo. Era uma ocupação excelente para as senhoras, dizia. «Divertem-se e arranjam dinheiro!»

— *Quelles s’amusent et que le bon Dieu les benisse!* Como está, príncipe? Que é feito de si, que ninguém o vê? — disse, cumprimentando Nekludov. — *Allez vite présenter vos devoirs à ces dames!* Já lá estão os Korchaguine e Nadina Bochsevden. *Toutes les jolies femmes de la ville vous attendent!* — acrescentou, voltando-se para que o laçao agalado lhe deitasse aos ombros o agasalho. — *E au revoir, mon cher!*

E apertou a mão de Maslinnikov uma última vez.

— Vamos para a sala! Quanto me alegro em ver-te — disse este a Nekludov, animadamente. E agarrando-se pelo braço, arrastou-o pela escadaria acima, apesar da sua corpulência, com a agilidade de um rapaz novo.

A alegre disposição em que se achava tinha sido motivada — Nekludov notou-o logo — pela deferência com que o alto e poderoso funcionário o tratara. Era uma satisfação semelhante à que sente um cão quando o dono o afaga, coça e puxa pelas orelhas. O rafeiro abana a cauda, salta, e torce-se, insensatamente, em redor.

Maslinnikov estava igualmente disposto a fazer o mesmo. Nem sequer notava a concentrada expressão das feições de Nekludov; e, alegremente, sem lhe dar atenção conduziu-o para a sala de receção. Nekludov viu-se obrigado a acompanhá-lo, sem poder resistir, nem escusar-se.

— Deixemos os negócios para logo! Tudo que quiseses, bem sabes que é só pedir! — dizia Maslinnikov guiando-o. — Anuncia o príncipe Nekludov! — disse para um laçao. — *Vous n’aurez qu’a commander, je vous obéirai!* — continuou, dirigindo-se a Nekludov. — Porém agora é necessário ver minha mulher. Outro dia, quando te retiraste sem a ver tive que aturar!

Anna Ignatievna, a mulher do vice-governador, conhecida pela «generalá», sentada num sofá e rodeada por um círculo de íntimos, acenou amavelmente com a cabeça a Nekludov quando este entrou na sala.

No fundo desta, ao redor de uma mesa de jogo, estavam sentadas várias senhoras conversando com homens em pé, junto delas; um incessante murmúrio de vozes, graves e agudas, elevava-se deste grupo.

— *Enfin!* Julguei que nos tinha esquecido! Está zangado connosco? Quem lhe fez mal?

Foi como Anna Ignatievna saudou o recém-chegado para dar a entender uma familiaridade que nunca existia.

— Ainda não se conhecem? Madame Bielaskaia, Miguel Ivanovitch Chernov... Sente-se aqui, junto de mim!

— *Missy, venez donc à notre table! On vous apportera votre thé!* — disse, levantando a voz e dirigindo-se ao outro grupo. — Uma chávena de chá, príncipe?

— Nunca acreditarei em tal! Não o amava, é o que é! — ouviu-se dizer uma voz feminina.

— Magníficos estes biscoitos! Mais um, se faz favor! — dizia outra voz.

— Quando parte para o campo?

— Amanhã. Foi por isso que viemos hoje. A primavera está deliciosa e a sombra das árvores tão convidativa!

Com um pequenino chapéu de veludo na cabeça e um vestido listrado a desenhar-lhe as formas, Missy estava formosíssima. Quando viu Nekludov enrubesceu.

— Imaginava-o já ausente! — disse.

— Não falta muito! — respondeu Nekludov. — Apenas me demoro por causa de certos interesses, que são os que me trazem aqui.

— Não quer ver a mamã antes de partir? Ela deseja muito vê-lo.

Sentindo que mentia e que ele lhe compreendera a mentira, enrubesceu ainda mais.

— Creio que não tenho tempo — respondeu Nekludov, tentando parecer indiferente.

Missy encolheu desdenhosamente os ombros, e, carregando as sobrancelhas, dirigiu-se novamente ao oficial com quem conversava quando Nekludov entrou, e que batendo com a espada pelas cadeiras, viera pressuroso, tirar-lhe das mãos a chávena vazia.

— Deve também contribuir para a nossa obra!

— Certamente! Não me recuso! Preferia porém reservar-me para os quadros vivos! Verá como tenho um especial talento!

Anna Ignatievna estava encantada; o seu *at home* excedia as suas previsões.

— Mika falou-me no interesse que toma pelas prisões — disse para Nekludov. — Como eu compreendo bem! Mika (era o gordo Maslinnikov) pode ter os seus defeitos, mas bem sabe como tem bom natural! Os infelizes prisioneiros são para ele outros tantos filhos! Está sempre a repetir-mo. *Il est d'une bonté...*

Deteve-se sem achar termo bastante expressivo para definir a bondade do marido, e como entrasse, nesse momento, uma velha senhora de rosto cheio de rugas, dirigiu-se-lhe toda sorridente.

Nekludov conservou-se sentado durante alguns momentos, conversando unicamente para não destoar no conjunto. Pouco

depois ergueu-se e dirigiu-se a Maslinnikov.

— Concedes-me então um momento de atenção?

— Vamos lá. Que há de novo?

— Não seria preferível conversar noutro lugar?

E passaram para um gabinete que comunicava com a sala, sentando-se junto da janela.

II

— E agora sou todo teu! Queres fumar? Espera um pouco que vou buscar um cinzeiro. Não há necessidade de sujar o tapete, não é assim?

E, depois de ter arranjado um cinzeiro, sentou-se em frente de Nekludov, dizendo:

— Sou todo ouvidos.

— Quero falar-te em dois assuntos importantes...

— Diz então!

Do rosto de Maslinnikov, que repentinamente se tornou sombrio, desapareceu aquela alegre excitação, semelhante à do cachorro a quem o dono acaricia.

Através da porta ouviam-se vozes conversando na sala. Uma feminil com certeza, dizia: «*Jamais, jamais vous ne me le ferez croire!*» e mais distante, a voz de um homem contava uma história, em que os nomes da «Condessa Vorouzov» e «Victor Apraxine» figuravam constantemente. Um confuso murmúrio de palavras e sonoras gargalhadas fazia coro ao narrador.

Maslinnikov dava mais atenção ao que se passava na sala do que às explicações de Nekludov.

— Começo — disse este — por te importunar por um pedido para aquela mulher que...

— Ah, sim, a tal que foi condenada injustamente! Bem sei, bem sei.

— Queria que ordenasses a sua transferência para o serviço da enfermaria. Asseveraram-me que era factível.

Maslinnikov comprimiu os lábios e refletiu.

— Não sei bem se será possível — respondeu com ar de importância. — hei de informar-me e amanhã mesmo mando-te um telegrama com a resposta.

— Garantiram-me que os doentes são muitos e que há necessidade de enfermeiras suplementares.

— hei de ver, hei de ver! Qualquer resposta que possa dar-te enviá-la-ei pelo telégrafo.

— Obsequias-me imenso — respondeu Nekludov.

Na sala ressoou uma gargalhada geral.

— Vou apostar que foi alguma das do Vítor! — disse Maslinnikov sorrindo. — Não podes calcular que endiabrada veia tem, quando está bem disposto!

— O outro assunto de que desejo dar-te conhecimento é o seguinte. Na prisão que acabo de visitar estão cento e trinta operários encerrados há mais de um mês, unicamente por terem sido encontrados com os passaportes prescritos.

E Nekludov narrou o caso detalhadamente.

— Como tiveste conhecimento de tudo isso? — perguntou Maslinnikov. O rosto exprimia-lhe visível inquietação e

descontentamento.

— Ao passar pelo corredor por onde me dirigia para ver um preso, esses desgraçados saíram-me ao encontro implorando que...

— Quem era o preso que ias ver?

— Um aldeão injustamente condenado como incendiário e a quem arranjei um defensor. Isto, porém, nada tem com o fim da minha visita. O que desejo que me digas é se aqueles homens cometeram unicamente o crime de não terem os passaportes em ordem e se...

— Isso é com o Procurador Régio! — interrompeu bruscamente Maslinnikov. — Aí tens tu os senhores magistrados! Paga-se a um Procurador Régio para visitar as prisões e examinar se as detenções são ou não legais e o que é que ele faz? Joga o *whist*, mais nada!

— Queres dizer que nada podes fazer? — perguntou Nekludov, lembrando-se de que o advogado o prevenira que o Procurador e Governador acusar-se-iam mutuamente de desleixo.

— Ao contrário! Vou ordenar um inquérito!

— Pede para ela! *C'est un souffre-douleur* — exclamava na sala uma voz de mulher.

Ouviu-se nova gargalhada.

— Está pois certo que farei tudo que for possível — continuou Maslinnikov, deitando fora o cigarro que sustinha na branca mão cheia de anéis. — E se voltássemos para junto das senhoras?

Nekludov demorou-o um pouco mais junto à porta.

— Contaram-me que há dias, na prisão, tinham sido chibatados dois homens. É verdade?

Maslinnikov tornou-se cor de púrpura.

— Contaram-te isso? Bom, não é possível dar-te carta branca! São coisas que não te dizem respeito. Vamos, que Anna está a chamar-nos — disse.

E agarrando-o pelo braço, arrastou-o para a sala.

Nekludov, porém, soltou-se-lhe das mãos e sem se despedir nem falar a ninguém atravessou a sala e desceu a escadaria.

— Mas o que é que tem ele? — perguntou Anna Ignatievna ao marido.

— É uma despedida *à la Française* — disse alguém.

— Não, *à la Zoulu* é o que é!

— Foi e há de ser sempre um original.

Entrou uma pessoa e saiu outra e a tagarelice recomeçou, animada pelos comentários sobre a visita de Nekludov.

O *at home* de Madame Maslinnikov terminou assim magnificamente.

No dia seguinte Nekludov recebeu uma carta do vice-governador, escrita em papel lustroso, com um brasão de armas no canto superior. Participava-lhe que se informara sobre a transferência da Maslova para a enfermaria e que provavelmente se conseguiria. Maslinnikov assinava a carta com uma rubrica muito complicada, confessando-se «velho afetuoso camarada».

«Grande tolo!» não pôde Nekludov deixar de dizer para si, adivinhando na palavra «camarada» um ardil lisonjeiro, provocado para nivelar a diferença das respetivas posições.

Capítulo 18

Um dos preconceitos mais enraizados e mais geralmente admitidos, é o que imagina em todo homem qualidades próprias e definidas: que um homem é bom ou mau, inteligente ou estúpido, enérgico ou apático e outras mais. Na realidade, porém, não há tal.

Podemos dizer de um homem, que ele é um maior número de vezes antes bom do que mau, antes inteligente do que estúpido, ou antes enérgico do que apático, ou inversamente: mas dizer de um homem, como sempre fazemos, que ele é bom e inteligente, e de um outro que é tolo e mau, é desconhecer o verdadeiro caráter da natureza humana. Os homens são como os rios, compostos todos da mesma água, uns, porém, de leito vasto e corrente lenta, outros encerrados estreitamente nas suas margens, desaguando velozmente, este com a água límpida e tépida, a daquele toldada e gelada.

Todos os homens são igualmente depositários dos germes de todas as qualidades humanas e ora evidenciam uma, ora outra, diferindo muitas vezes do que habitualmente são.

Nalguns indivíduos, porém, estas mudanças são mais raras e levam muito tempo a preparar-se, enquanto noutros são rápidas e frequentes.

Nekludov era destes últimos. Incessantemente operavam-se nele bruscas e completas transformações, produzidas por causas diversas, físicas ou morais.

Uma destas bruscas transformações operara-se nessa ocasião.

Esse alegre entusiasmo e essa crença num radical rejuvenescimento de todo o seu ser, todos esses sentimentos vividos em seguida à audiência no tribunal e à primeira entrevista com Katucha, haviam-se desvanecido completamente transformados em profundo horror e cruel repugnância, depois da última e desanimadora entrevista.

A resolução de nunca mais abandonar a que fora sua amante era, contudo, inabalável, bem como a de casar com ela se numa transformação de sentimentos, o exigisse. Curvava-se a esta determinação, dolorosamente sacrificado. No dia imediato ao da visita a Maslinnikov voltou à prisão para rever Katucha.

O diretor concedeu-lhe licença para a ver, mas unicamente no parlatório feminino e já não nem na secretaria, nem no gabinete onde se realizara a última entrevista.

O diretor tratava Nekludov com pronunciada diferença das demais vezes; apesar da sua natural bondade tornara-se reservado; era a consequência da visita que Nekludov fizera a Maslinnikov, pois este ordenara a todo o pessoal uma atitude mais cautelosa para com tão indiscreto visitante.

— Sim, pode falar-lhe — disse o diretor — mas relembro-lhe o que lhe pedi quanto a dinheiro. Sua Excelência o senhor governador escreveu-me sobre a transferência dela para a enfermaria... sim, a coisa é possível e o médico consente. Somente ela é que não quer! Diz que «não tem necessidade de andar a fazer os despejos dos sarnentos». Oh! príncipe! Não sabe ainda que raça é aquela!

Nekludov não respondeu e encaminhou-se para o parlatório. O diretor mandou um carcereiro buscar a Maslova.

Quando Nekludov entrou no parlatório ainda aí não estava ninguém, e só passados momentos é que se abriu a porta do fundo e a Maslova, silenciosa e tímida, caminhou na sua direção.

Sem o fitar, apertou-lhe a mão e murmurou:

— Perdoe-me a forma como lhe falei outro dia, Dimitri Ivanovitch.

— Não sou eu que devo perdoar... — principiou Nekludov.

— Embora; o que é essencial é que me abandone — replicou enquanto o olhar exprimia a mesma anterior hostilidade.

— Mas porque queres que te abandone?

— Porque sim!

— Mas porque sim?

Ela não respondeu e lançou-lhe outro olhar impregnado de maldade.

— Então, já que é preciso, eu falo — disse por fim. — É necessário que cessem os cuidados que me dispensa e que me são insuportáveis! Falo-lhe como penso e digo a verdade! Basta de cuidados — repetiu, com os lábios trementes. — Prefiro enforcar-me!

Nekludov compreendeu que nesta violenta recusa, havia qualquer coisa mais do que ódio e possibilidade de perdoar uma inolvidável ofensa, havia qualquer coisa nobre e bela.

Esta proibição, feita tranquilamente e a sangue frio, desvanecia-lhe todas as dúvidas e renovava-lhe a entusiástica disposição em que estava, três dias antes.

— E eu, Katucha, sustento o que te disse! — afirmou ele gravemente. — Peço-te que consintas em casar comigo! Se recusares, seguir-te-ei sempre para onde te levarem!

— Isso é consigo. De mim nada mais direi!

E os lábios recomeçaram-lhe a tremer.

Nekludov calou-se também, sem forças para falar. Por fim cobrou ânimo:

— Katucha — disse — parto para a aldeia, onde vou tratar de negócios meus; daí seguirei para S. Petersburgo tratar do recurso; se Deus quiser, farei anular a sentença.

— É-me indiferente que a anulem ou não. Quer de uma, quer de outra maneira, o resultado é sempre o mesmo!...

Nekludov julgou ver que as lágrimas a sufocavam.

Seguiu-se um grande silêncio.

— Afinal conseguiu ver Menshov? — disse ela, procurando ocultar a sua emoção. — Não é verdade que são inocentes? Ia pôr as mãos no fogo!

— Sim, convenci-me da sua inocência!

— E ainda não sabe quão admirável é a velha!

Nekludov então contou detalhadamente tudo o que soubera dos Menshov, e terminando, perguntou-lhe se precisava de alguma coisa.

— Não, nada absolutamente.

De novo fez-se silêncio.

— Ah, é verdade — recomeçou ela, fitando-o com os olhos levemente estrábicos —, se deseja que eu passe para a enfermaria, irei! E aguardente, hei de tentar não tornar a beber!...

Nekludov, sem dizer nada, olhou para ela.

Os olhos sorriam-lhe.

«Sim! É possível uma transformação!», dizia a si mesmo.

E por entre as dúvidas dos dias anteriores começava a tomar vulto a crença num sentimento novo para ele: a invencibilidade do Amor.

Maslova, reentrando na sala pestilencial, despiu o casaco e sentou-se na cama, com as mãos apoiadas nos joelhos.

A sala estava quase vazia. À exceção da tísica, da mãe dando o peito à criança, da velha Menshov e da guarda-linha, tudo o mais estava a lavar a roupa. A filha do diácono fora dada como doida e passada à enfermaria.

A velha dormia estendida na cama; as crianças brincavam no corredor e ouvia-se-lhes as vozes e as gargalhadas. Quando a Maslova entrou, a guarda-linha sem interromper a meia que fazia, dirigiu-se-lhe.

— Então, viste-o? — perguntou.

Maslova não respondeu. Sentada na borda do leito agitava maquinalmente as pernas pendentes.

— Então, minha choramingas! Nada de chorar! Não desanimes! Então Katouchka!

Maslova continuava a não responder.

— As outras foram lavar. Dizem que hoje há muita roupa.

No corredor ouviam-se passos e vozes e as outras habitantes da sala apareceram à entrada, descalças, cada uma com um grande pão nos braços.

Fedósia correu para a Maslova.

— Então o que aconteceu? Nada de mau? — perguntou, fitando a sua amiga com os límpidos olhos, de criança. — Espera que eu vou arranjar-te o chá!

— Então ele mudou de opinião? Já não casa? — perguntou a Korableva.

— Não, não mudou. Eu é que não quero e assim lho disse!

— Foste tola! — murmurou a Korableva em voz de baixo.

— Ela fez bem! — disse a Fedósia. — De que serve casar se é impossível viver juntos?

— Então o teu homem não vai para a Sibéria contigo? — perguntou-lhe a guarda-linha.

— O meu homem é outro caso. Mas ele, de que lhe serve casar se não pode viver com ela?

— Está calada, idiota! Para que lhe serve? Para a encher de ouro!

— Ele disse-me: «Para onde te mandarem eu irei» — disse a Maslova. — E vai com certeza! Mas a mim é que pouco me importa que ele venha ou não. Não serei eu que lho hei de pedir... Agora vai a S. Petersburgo — continuou depois de um momento de silêncio — vai tratar do meu processo! É parente de todos os ministros! Melhor fora que me deixasse tranquila! Não preciso dele para nada — disse, terminando e como que reconsiderando.

— Que história tão pândega! — disse a Korableva distraidamente. — Queres tu agora uma pinga?

— Não, obrigada — respondeu a Maslova. — Bebam vocês, que eu pago!

SEGUNDA PARTE

E porque vês tu o argueiro nos olhos de teu irmão e não vês a trave nos teus próprios?

Mt 7, 3.

Capítulo 1

I

Nekludov foi informado que o recurso da Maslova seria julgado pelo Senado dentro de quinze dias, reservara para então a ida a S. Petersburgo, para não só tratar do assunto convenientemente, como também para, no caso de lhe ser negado provimento, preparar-se para a apelação ao Imperador, como lhe aconselhara o advogado. Dadas, porém, as poucas probabilidades que havia, em qualquer das instâncias, de obter a anulação da sentença, a Maslova deveria seguir com uma leva de forçados aí pelos primeiros dias de junho. E como não abandonasse a intenção de a seguir, ainda que fosse para a Sibéria, Nekludov resolveu, neste intervalo de quinze dias, visitar as suas propriedades para regular definitivamente os seus negócios.

Começou por Kouzminskoie. Era a mais próxima, a de maior valor e a que lhe rendia mais. Fora aí que passara a mocidade e a que maior número de vezes visitara. Ainda em vida de sua mãe, e mesmo a pedido dela, arranajara um alemão muito económico para lhe dirigir a propriedade, o qual ainda lá se conservava e com quem fizera o inventário de todos os bens da mesma; estava, pois, bem ao facto do estado em que ela se encontrava, assim como também conhecia as relações existentes entre os mujiques e a administração das terras, isto é — o proprietário ou o seu representante, e sabia

bem que essas relações consistiam numa dependência absoluta dos mujiques para com a administração.

Nekludov conhecia já estes factos quando estava na Universidade, na época em que professava e proclamava as doutrinas de Henry George, e isto resolvera-o a doar aos mujiques aquilo que então possuía; a pequena propriedade que por morte de seu pai herdara.

Quando, ao abandonar o exército, principiara a despender vinte mil rublos por ano, o conhecimento da origem da sua riqueza tornar-se-lhe importuno e fizera não só por nunca mais pensar em tal, mas até por esquecê-lo de todo.

Recebia e gastava o dinheiro sem se preocupar donde vinha, até que, com a morte de sua mãe e com a necessidade de regular a sucessão e adotar uma nova fórmula de direção e governo, se lhe formulara de novo uma interrogação sobre os seus direitos e deveres como proprietário.

E, durante todo um mês, preocupara-se seriamente, confessando por fim que nunca teria coragem de destruir a ordem estabelecida, abandonando então a gerência das propriedades, vivendo retirado delas, apenas recebendo tranquilamente a renda.

Outros pontos de vista substituíram estes, depois do encontro com a Maslova.

Sabia perfeitamente que se acompanhasse a Maslova para a Sibéria teria de sustentar relações complicadas e difíceis com todo o mundo de funcionários para com os quais seria vantajosíssimo permanecer numa posição social elevada e dispor de dinheiro. Mas sabia também que lhe era impossível continuar a sustentar uma situação que considerava imoral. Transigiria com parte das suas

convicções e ainda que não abandonasse por completo as propriedades aos aldeões, alugar-lhas-ia por uma renda modestíssima. Bem conhecia que estava longe de ser a solução que o problema tinha em teoria, mas era já um passo para essa solução: de uma grosseira forma de opressão passava-se para uma mais branda, e as circunstâncias não permitiam executar de pronto mais cabal providência.

II

Dava meio-dia quando chegou a Kouzminskoie. A nova conceção da vida que formara, simplificara-lha de tal modo, que nem sequer se lembrou de telegrafar ao seu administrador, comunicando-lhe a visita. Na estação alugou um carro e mandou seguir para a sua residência. Durante o trajeto, o cocheiro, um aldeão ainda novo, vestindo camisola escura, sentou-se ao lado da almofada do carro no evidente propósito de conversar com o *fidalgo* pelo caminho e pôde fazê-lo porque os cavalos, fortes e sãos, corriam velozmente pela estrada sem necessidade de estímulo.

O rapaz, sem saber com quem falava, começou a criticar o gerente de Kouzminskoie.

— Aquele arranjou-se bem! — disse, voltando-se na almofada e agitando o chicote. — Comprou agora uma troika e magníficos cavalos para ele e lá vai, acompanhado pela dama, passear para onde quer. No Natal teve árvore em casa e arranjada como nenhuma

outra do distrito! Aquele junta dinheiro, olá se junta! Até comprou agora uma propriedade!

Nekludov fingiu-se indiferente à tagarelice do cocheiro, mas ficou desagradavelmente impressionado com o que, involuntariamente, soube sobre a forma como o seu administrador lhe geria as propriedades.

O dia estava primaveril e Nekludov deliciava-se vendo as grandes nuvens escuras encobrirem por momentos o sol para em seguida o descobrirem, e ora fixava a atenção nos campos, dos quais se abriam bandos de estorninhos, ora admirava os bosques vestidos por completo com um manto de fresca verdura, ou os prados, onde pastavam à solta, cavalos e bois; mas, não o satisfazia por completo o prazer que disfrutava. Havia qualquer coisa que o inquietava e sempre que buscava reconhecer a origem desse desassossego, a sua memória repetia lhe as palavras do cocheiro sobre a administração das suas propriedades.

E só quando chegou à residência e principiou a regularizar o que precisava ser posto em ordem, se lhe desvaneceu esse desagradável sentimento.

Nekludov logo que começou a examinar a escrituração e a prestar atenção às explicações de um seu empregado, que lhe expôs as vantagens resultantes da cedência de pouca extensão de terra aos aldeões, ficou ainda mais resolvido a abandonar a exploração da propriedade a favor dos mujiques.

A escrituração e as explicações do seu empregado demonstravam-lhe que, tal como no passado, os dois terços dos seus bens eram cultivados pelos criados da casa com utensílios aperfeiçoados, enquanto o outro terço era trabalhado pelos

mujiques, a quem se pagava à razão de cinco rublos por cinquenta ares.

Noutras palavras, o lavrador comprometia-se por cinco rublos a lavrar e semear cinquenta ares e em seguida ceifar, atar, malhar e transportar para os celeiros, trabalho pelo qual um operário dos mais mal pagos deveria receber dez rublos.

Além disto, tudo que os mujiques necessitavam e que compravam na casa, forragens, lenha e batatas, era-lhes debitado por um preço excessivo; em lugar de duas, eram quatro vezes mal pagos.

Nada disto era novidade para Nekludov, mas agora uma nova orientação guiava-lhe os passos e chegava a admirar-se de ter vivido tanto tempo sem compreender a anormalidade de um tal estado de coisas.

O gerente, posto no conhecimento do projeto que Nekludov arquitetara, tentou demonstrar-lhe, complacientemente, os inconvenientes e perigos que ele arrastava. Em primeiro lugar, quase que se seria forçado a ceder de graça os utensílios e instrumentos agrícolas, pelos quais ninguém daria a quarta parte do seu valor, e em segundo lugar os mujiques não cultivariam a terra com os cuidados necessários, pelo que ninguém aproveitaria com tal resolução.

Aos olhos de Nekludov, porém, tomava vulto a beleza da ação que ia praticar, privando-se da maior parte do seu rendimento e sem atender o gerente, resolveu deixar este assunto regularizado, antes de partir.

Encarregou o gerente, pois, de vender as próximas colheitas, o gado e os utensílios agrícolas, com ordem para lhe ir participando

estas vendas e mandou-o convocar uma reunião de mujiques, no dia imediato, não só os de Kouzminskoie, como também os das aldeias limítrofes com as quais confinava a sua propriedade, para os pôr ao corrente da resolução que tomara e combinar o preço da renda.

Maravilhado pela energia com que resistira aos argumentos do gerente e pela abnegação que a sua renúncia em favor dos mujiques representava, Nekludov saiu do escritório e veio passear em redor da casa.

Caminhou ao acaso por entre os canteiros de flores, agora despojados delas, e atravessando o terreno do *tennis*, que as silvas e a chicória brava tinham invadido, dirigiu-se para a rua das tílias, onde outrora ia fumar o seu cigarro e onde, três anos mais cedo, cortejara a interessante madame Kirimov que visitava sua mãe. E, durante as últimas horas da tarde, estudou o discurso que no dia seguinte dirigiria aos aldeões; à noite tomou o chá com o gerente, dispôs tudo para a liquidação da propriedade, e tranquilo, satisfeito e contente, entrou para o quarto que lhe tinham preparado e que era o chamado dos *hóspedes*.

Na pequena sala admiravelmente limpa, cheia de quadros dependurados nas paredes, representando vistas de Veneza, havia entre as duas janelas um espelho e num dos cantos, junto à cama, uma mesa na qual estavam uma garrafa com a água e respetivo copo, uma vela no competente castiçal e ao lado deste o espevitador.

Numa mesa maior, fronteira ao espelho, a mala de mão de Nekludov estava aberta, deixando ver num dos vãos o estojo de *toilette* e alguns volumes sobre direito e criminologia, em russo, alemão, italiano e inglês. Nekludov trouxera-os para os ler nos

momentos de ócio; quando os viu, ao entrar no quarto, sentiu que estava muito distanciado deles e dos assuntos que tratavam. Latejavam-lhe outras ideias no cérebro.

Junto ao leito estava uma antiga cadeira de mógono com embutidos, que fizera parte do mobiliário do quarto da mãe de Nekludov, que ao vê-la, experimentou um inesperado sentimento. Sentia-se dominado pela saudade da casa que seria demolida, do jardim que nunca mais seria cuidado, dos bosques e tapadas derribados e dessas dependências, cavalariças, estábulos e celeiros, com os seus habitantes, cavalos e vacas e que, ainda que nunca fossem utilizados por ele, tinham custado tanto esforço e tanta vida.

Um momento antes julgara fácil renunciar a tudo isso; agora via quanto era custoso abandonar esses bens e o rendimento que os tornava preciosos. Lentamente, iam-se acumulando no seu íntimo, argumentos dos quais deduzia que era rematada loucura ceder as terras aos mujiques e abandonar a gerência das propriedades.

«É verdade que não cultivo as terras e por isso não devo continuar a explorá-las como até agora; além disso, o mais provável é ter de ir para a Sibéria, onde nem precisarei de casas nem de terras», sugeria-lhe uma voz.

«Tudo isso é muito bonito, mas lembra-te que não vais passar toda a tua vida na Sibéria», respondia-lhe outra voz, «se te casares podes ter filhos, e deves deixar-lhes as propriedades como as encontraste: bem administradas. Depois, a terra exige obrigações. Quanto é fácil abandonar e destruir, é difícil fundar e construir. O que é essencial para ti é refletir no futuro da tua vida, assentar no que hás de fazer e regularizar a questão das propriedades. E, examina-te bem, interroga-te sobre se será unicamente para

sossegar as exigências da tua consciência que queres proceder dessa maneira ou se será também para adquirires superioridade sobre os outros homens e poderes tornar-te jactancioso?»

E Nekludov interrogava-se e analisava-se, terminando por confessar que a opinião dos outros e a ideia do que diriam dele tinha grande influência nas suas resoluções.

O número das interrogações aumentava com a reflexão e Nekludov, com dificuldade, imaginava respostas próprias.

Para se desembaraçar destes pensamentos deitou-se entre a roupa fresca e tentou adormecer, adiando para o dia seguinte, quando estivesse com a cabeça repousada, a resolução dos problemas aos quais agora não dava explicação possível.

Conservou-se, porém, acordado muito tempo, sem que o sono o vencesse. Por entre as janelas, que deixara entreabertas, entrava o ar fresco da noite e o luar; no jardim, quando as rãs interromperam o contínuo grasnar, cantou brandamente um rouxinol: respondeu-lhe um outro abrigado num maciço de lilases junto da janela. E Nekludov recordou-se da música que a filha do diretor da cadeia tocava e do próprio diretor.

Maslova apareceu-lhe em espírito e reviu-a com os lábios trementes, a dizer: «É preciso que não cuide mais de mim!» De repente teve a impressão que o seu gerente caíra ao tanque onde grasnavam as rãs; bem sabia que o seu dever era ajudá-lo a sair de lá, mas não o fazia porque o viu transformar-se na Maslova e exclamar: «Eu sou uma condenada aos trabalhos forçados e tu és um príncipe!»

Agitou-o um estremecimento e ergueu-se no leito: «Não, não posso abandoná-la!», disse-se.

«Faço bem ou mal?», perguntou a si mesmo. «Sabê-lo-ei amanhã!»

E o sono prostrou-o.

Nekludov só acordou no dia seguinte às nove horas.

O seu empregado, que se constituíra na obrigação de o servir, logo que o sentiu despertado trouxe-lhe as botas, engraxadas como nunca o haviam sido, e água de fonte, fresca e límpida; ao mesmo tempo participou-lhe que os mujiques começavam já a chegar.

Nekludov saltou fora da cama e repassou na mente os acontecimentos da véspera. Desaparecera por completo, sem deixar vestígios, o sentimento que o invadira, quando pensara na renúncia às propriedades. Custava-lhe acreditar que se tivesse deixado influenciar a esse ponto, e enquanto se vestia, alegrava-se com a ação que ia praticar, a que se juntava um tudo nada de altivez.

Via através da janela, o terreno de *tennis* que as silvas tinham invadido e no qual se iam agrupando os lavradores.

As rãs não tinham grasnado baldadamente na véspera; durante a noite o tempo mudara e uma chuvinha miúda e branda, desacompanhada de vento, caía desde a manhã, deixando as folhas e as ervas a gotejar. Pela janela entrava o ar carregado com o aroma da vegetação verde e fresca e o cheiro da terra ensopada em água: uns atrás dos outros vinham chegando os mujiques que se dirigiam para o terreno do *tennis* desbarretando-se ao verem Nekludov, e formando em círculo, encostados aos varapaus.

O gerente, um vigoroso, forte e musculoso rapaz, vestindo rabona e colete verde com grandes botões, fez a sua entrada no quarto.

Participou a Nekludov que estava tudo reunido, mas que se podia esperar; não queria Nekludov tomar chá ou café?

— Não, obrigado; ficará para depois, agora vamos tratar deste assunto.

E imaginando a entrevista com os mujiques, sentia-se dominado por um sentimento ainda mais imprevisto do que o dia anterior: era timidez e vergonha.

Ia enfim realizar um dos mais ardentes desejos dos mujiques, no qual nem sequer eles agora sonhavam; essa cedência de todas as suas terras, contra uma modesta renda, era um benefício inestimável que lhes fazia. E, sem causa aparente, sentia-se vexado.

Quando, ao aproximar-se dos aldeões, viu desbarretarem-se aquelas cabeças, umas louras, outras negras, umas grisalhas e encaracoladas, outras calvas, a má disposição que sentia, aumentou tanto, que, por muito tempo, não pôde falar. A chuva miudinha continuava a cair, molhando ao de leve os cabelos, as barbas e o pelo das blusas. Os aldeões, sem se incomodarem com ela, olhavam para o *fidalgo*, à espera que falasse, enquanto ele, imóvel e perturbado, sentia que o não podia fazer.

Este embaraçador silêncio foi, afinal, quebrado pelo gerente que como alemão tranquilo e senhor de si, se orgulhava de conhecer o aldeão russo. Era contraste notável vê-lo nutrido e bem alimentado, junto dos mujiques de rostos enrugados e corpos franzinos.

— Ouçam — disse o gerente — o príncipe está aqui para vosso bem! Quer alugar-vos todas as terras, ainda que as não mereçais!

— Como assim, Basílio Carlitch? Por acaso não trabalhamos para ti? — respondeu um aldeão de pequena estatura, ruivo, e muito

falador. — Nós com a falecida princesa, que Deus tenha nos reinos dos céus, estávamos satisfeitos, e o jovem fidalgo parece que não tenciona abandonar-nos!

— O nosso desejo é respeitar os amos; mas a vida é tão negra!
— disse um outro aldeão de feições achatadas e barba comprida.

— Mandei reuni-los para lhes participar que é minha intenção alugar todas as terras! — declarou Nekludov.

Os aldeões não responderam como se não compreendessem as palavras do *fidalgo*, ou recusassem acreditá-las. Por fim, um, mais corajoso, atreveu-se a perguntar:

— E quais são as condições?

— Alugar-vo-las por uma renda módica, para que possais lucrar alguma coisa.

— Isso é excelente! — disse um velho.

— O que é necessário é que a renda esteja ao nosso alcance — disse um outro.

— Porque razão não aceitaremos?

— É o nosso ganha-pão; é a terra que nos sustenta.

— Isso é bom de dizer! E o dinheiro para a pagar? — disse uma voz.

— Vós é que tendes culpa de o não ter! Trabalhem e guardem o dinheiro — interrompeu o gerente.

— Basílio Carlitch, não há razão para acusações! — respondeu um mujique de nariz pontiagudo. — Estais sempre a perguntar-nos: «Por que deixaste ir o teu cavalo para o trigo?» Ora nós ou trabalhamos, ou descansamos depois da tarefa e o cavalo foge para o trigo; e tu? Multas-nos e arrancas-nos a pele!

— É para vocês terem mais cuidado!

— Isso é bom de dizer, cuidado! Pode alguém fazer mais do que aquilo que nós fazemos?

— Pois façam o que estou sempre a dizer-lhes: ponham divisões nos campos!

— E quem nos dá a madeira? — perguntou um homenzinho muito magro, até aí oculto entre um grupo. — No verão passado, para fazer divisão de um campo, cortei uma árvore e tu mandaste-me durante três meses sustentar os piolhos na cadeia! Foi o que me custou a divisão.

— Que diz ele?— perguntou Nekludov.

— É o primeiro ladrão da aldeia — respondeu o gerente em alemão. — Todos os anos nos deita abaixo árvores... Foi para te ensinar a respeitar a propriedade alheia — disse o gerente, dirigindo-se ao lavrador que tinha falado.

— Bastante já nós te respeitamos — disse o velho — e fazemo-lo porque estamos nas tuas mãos e tu arrancas-nos as entranhas!

— Então, irmão, não magoes, que ninguém te insulta!

— Não me insulta? Ainda o ano passado me esmurrou e tudo ficou como dantes! Bem sabemos que não vale a pena processar gente rica!

— Trata tu de viveres conforme manda a lei!

E durante muito tempo continuou este torneio de frases, imprevisto, inútil e sem fim, em que todos falavam sem saber porquê; Nekludov, dominado pela impaciência, procurou encarrear de novo a conversa para o assunto que o interessava:

— Então que decidem quanto às terras? Aceitam ou não? Quanto oferecem?

— O fidalgo que peça! As terras são suas!

Nekludov indicou o preço e posto que fosse muito inferior ao que ordinariamente se pagava, nem por isso os aldeões deixaram de regatear, achando-o muito elevado. Nekludov, que esperava ver a sua ideia acolhida com entusiasmo, ficou desiludido e os aldeões, se estavam satisfeitos, não o manifestaram.

Nekludov, porém, reconheceu por um indício certo, que a proposta que apresentara era uma bela pechincha para os aldeões. Quando se tratou de saber quem alugaria as terras, se a coletividade ou apenas uma sociedade, ergueu-se tal discussão, que por pouco passavam a vias de facto. Uns queriam excluir os fracos do contrato, para serem menos a receberem os lucros e os excluídos protestavam e resistiam.

Afinal o gerente interveio e combinou-se a renda; fixadas as datas de pagamento, os aldeões dispersaram, gesticulando e gritando, enquanto Nekludov voltava para o escritório, acompanhado pelo gerente, para redigir o projeto de arrendamento.

Regularizara-se tudo conforme os desejos de Nekludov; as terras ficaram por menos trinta por cento do que a renda habitual, e se os rendimentos de Nekludov tinham sido reduzidos a metade, ainda eram consideráveis, principalmente com a ajuda da venda das madeiras, e das alfaias agrícolas. Tudo caminhava em maré de rosas e contudo, Nekludov ficara dominado por uma sensação de aborrecimento, tristeza e constrangimento.

Observara que os aldeões não tinham ficado tão satisfeitos quanto ele esperava, posto que alguns lhe tivessem agradecido; e, efetivamente, esperava alguma coisa mais.

Quais eram, afinal, os resultados da sua abnegação? — perguntava a si mesmo. — Tinha-se privado da maior parte do seu

rendimento, sem que os aldeões recebessem bens proporcionais.

No dia imediato pela manhã, depois de ter regularizado tudo com o gerente, Nekludov dirigiu-se para a estação, na troika em que lhe falara na véspera o cocheiro que o trouxera. Pelo caminho encontrava os aldeões disputando e acenando com a cabeça desapontadamente. Também ele se sentia desapontado, sem saber porquê; sentia a impressão de ter naufragado numa tentativa que plenamente executara. E invadia-o a vergonha e a tristeza.

III

De Kouzminskoie, Nekludov dirigiu-se para a propriedade que herdara de suas tias, onde conhecera Katucha. Desejava regularizar, como fizera na outra, as suas relações com os aldeões sobre o aluguel das terras, e queria aproveitar a ocasião para colher todas as informações possíveis sobre Katucha e sobre o filho. Este tinha efetivamente morrido ou fora abandonado pela mãe?

Quando chegou à propriedade era madrugada, e o que logo mais o impressionou foi o estado de deterioração e decadência em que se¹ achavam todas as edificações, principalmente a casa de habitação.

O teto de ferro, com vestígios de outrora ter sido pintado de verde, tornara-se vermelho, roído pela ferrugem e em vários sítios tinha sido levantado pelo vento.

Das paredes haviam sido roubadas, em sítios diversos, tábuas inteiras; e, pregados às traves, tinham ficado grandes pregos, também todos enferrujados.

Os degraus de madeira da escadaria e os guarda-ventos, estavam despedaçados e apodrecidos, as vidraças tinham sido substituídas por tábuas e no interior abundava a porcaria e a humidade, desde a parte da casa habitada pelo administrador, até às cozinhas e cavalariças. Só o jardim não estava destroçado, antes crescera livremente. Por sobre a divisão que o separava, Nekludov confundiu as flores das cerejeiras, das macieiras e das ameixoeiras, com grandes nuvens brancas. Como há catorze anos, quando Nekludov jogava o *gorélki* com Katucha, o maciço de salgueiros, atrás do qual caíra e se picara nas ortigas, estava também em completa florescência.

Uma tília que Sofia Ivanovna plantara e que Nekludov conhecera uma delgada vara transformara-se numa grande árvore, com o tronco revestido de musgo e coberto de odoríferas flores amarelas.

Em baixo, no fundo da colina, deslizava o regato, espumando ruidosamente junto ao açude do moinho.

E, no prado da outra margem, pastavam em comum os rebanhos da aldeia.

O administrador, um seminarista, que não terminara o curso, caminhou ao encontro de Nekludov; e, sempre a sorrir, pediu-lhe que entrasse e se sentasse no escritório, como se, com o seu sorriso, promettesse alguma excecionalidade.

Nekludov gratificou o cocheiro que o conduzira e este retirou-se. Em toda a casa reinou, por momentos, completo silêncio. Uma

rapariga descalça, vestindo camisa bordada, passou em frente da janela, a correr. Logo atrás, correndo também, passou um lavrador, batendo com as botas ferradas no solo.

Nekludov sentou-se junto da janela. A aragem fresca da primavera, agitou-lhe levemente os cabelos deitados na testa incandescente, e fê-lo respirar o belo aroma da terra recentemente lavrada. Do regato elevava-se de mistura com a bulha da queda da água no açude, o ruído das pás das lavadeiras, batendo a roupa.

A recordação do que outrora fora, quando, inocente e ingénuo, ouvia estes mesmos sons, enquanto a brisa lhe levantava também os cabelos, invadiu Nekludov; e, mentalmente, regressando àquela época, sentia se o mesmo de então, com a mesma frescura, pureza e generoso entusiasmo dos dezoito anos; súbito, como que acordando de um sonho, reconheceu a ilusão, viu que nada disso existia já, e uma profunda tristeza apoderou-se dele.

— A que horas deseja jantar? — perguntou-lhe o administrador, sorrindo sempre.

— Quando queira. Não tenho apetite. Eu antes vou dar uma volta pela aldeia.

— Porque não quer descansar nos meus aposentos? Ao menos ali está tudo em ordem. Desculpar-me-á o aspeto externo...

— Isso depois, depois. Diga-me, sabe se ainda existe aqui uma mulher chamada Matrena Charina?

Era o nome da tia de Katucha em casa de quem ela dera à luz a criança.

— A Charina? Sim, senhor, ainda vive na aldeia. Por sinal que me incomoda bem. É ela que está à frente da taberna. Estou sempre a ralhar-lhe e a ameaçá-la com a expulsão, se não pagar; mas chega

a ocasião e compadeço-me dela, não posso ser superior! É uma pobre velhota com um rancho de crianças... — explicou o administrador, com o seu eterno sorriso desejando ser amável com o amo e fazê-lo partilhar os seus pontos de vista.

— Em que sítio mora ela? Desejava falar-lhe.

— Na extremidade da aldeia; é a antepenúltima casa do lado esquerdo; junto há uma casa de tijolos e pegado é a taberna. Se deseja vou acompanhá-lo.

— Não, muito obrigado; as indicações são suficientes. Entretanto faça reunir os mujiques, para lhes falar sobre o aluguer das terras.

IV

Ao seguir o atalho através do prado, Nekludov encontrou a rapariga que vira momentos antes passar a correr em frente da janela.

Voltava da aldeia, correndo sempre, firmando-se nos grandes pés descalços, e acompanhando a marcha com o balouçar do braço esquerdo, pendente; com a mão direita segurava de encontro ao peito um pequeno galo de crista vermelha, oscilante, que tranquilamente, ora estendia ora encolhia uma das pernas, firmando-a no avental da rapariga, enquanto movia em todos os sentidos os olhos pequenitos e vivos.

Ao aproximar-se do *fidalgo* a rapariga diminuiu o andamento, e quando se cruzaram parou, saudando-o respeitosamente; depois

redobrou de velocidade, em companhia do galo.

Ao passar junto a um poço, Nekludov encontrou também uma velha, curvada sob o peso de dois baldes de água dependurados nas extremidades de uma vara que sustinha num ombro; a velha, quando o viu, pousou os baldes e fez-lhe uma grande mesura.

Logo a seguir ao poço começava a aldeia. Eram apenas dez horas e o dia, excessivamente quente para a estação, estava magnífico; de vez em quando, as nuvens acasteladas escondiam o sol.

Um forte e acre cheiro a estrume erguia-se dos carros, que subiam a única rua da aldeia e das pilhas formadas nos pátios das cabanas, espalhando-se, mas não desagradavelmente, na atmosfera. Atrás dos carros, descalços e com as camisas e calças manchadas pelo estrume, caminhavam os aldeões, olhando com curiosidade para o forte e robusto *fidalgo* vestindo roupa cinzenta forrada a seda, que atravessava a aldeia a passo rápido, agitando uma magnífica bengala de castão de prata.

As mulheres apareciam pelas portas para o ver e, seguindo-o com o olhar mostravam-no umas às outras.

Nekludov, ao passar em frente de uma das portas, teve de parar, porque na ocasião saía um grande carro carregado até ao alto com estrume; à frente tentando fazer sair os cavalos, vinha um jovem mujique, calçando *laptis*⁵.

Um poldro com as pernas muito compridas, tinha já passado a porta, quando, assustando-se ao ver Nekludov, retrocedeu para junto da mãe, que rinchou de inquietação. Um mujique, velho e magro, também descalço e vestindo calças às riscas e blusa que lhe

deixava adivinhar os ossos salientes das costas, vigiava cuidadosamente a saída.

Quando, por fim, o carro começou a percorrer a rua, o velho dirigiu-se a Nekludov e cumprimentou-o respeitosamente.

— O fidalgo é o sobrinho das falecidas senhoras?

— Sim, sou.

— Pois seja bem vindo! Então veio ver-nos? — continuou o velhote amigo de conversar.

— Exato! Quero ver a forma como viveis.

— Como vivemos! Mas na miséria! — respondeu o velho, satisfeito por ter ocasião de conversar.

— Na miséria? E porquê? — perguntou Nekludov, aproximando-se da porta.

— É uma triste vida!

Tinham caminhado para o interior do pátio.

— Nós somos doze pessoas em casa! — continuou, apontando para duas mulheres que, de mangas arregaçadas e saias enfaixadas, deixando ver a perna até ao joelho, estavam em cima dos restos da pilha de estrume, com os forcados nas mãos. — Todos os meses tenho de comprar farinha para pão; e como hei de arranjá-la?

— Então tu não tens trigo?

— Trigo, eu? — exclamou o velho, sorrindo desdenhosamente.

— O que tenho dá para três pessoas. Aí pelo Natal já não havia nenhum!

— Então como te arranjas?

— Como calha: aí está! Um dos rapazes foi para a tropa; e pede-se emprestado ao fidalgo ou vou trabalhar alugado. Se ao menos pudéssemos pagar o imposto!

— E quanto é?

— Dezassete rublos; eu nem sei como hei de governar-me!

— Dás licença que veja a tua casa? — perguntou Nekludov, atravessando o pátio, com as narinas atacadas pelo cheiro do estrume.

— É entrar à vontade! — respondeu o velho. E passando rapidamente à frente de Nekludov, abriu-lhe a porta.

As duas mulheres que atavam os lenços nas cabeças e desciam as saias, ficaram espantadas quando viram o fidalgo, tão bem vestido, e com botões de ouro nos punhos, querer entrar na cabana.

Depois de atravessar um pequeno corredor, Nekludov entrou na *isba*, cheirando a comida azedada, que dois teares tornavam acanhadíssima. Junto ao fogão uma velha com as mangas arregaçadas, mostrando uns braços magros, cozinhava.

— É o *fidalgo* que veio ver-nos — disse-lhe o velho.

— Que viesse em boa hora! — E, inclinando-se, desarregaçava as mangas da camisa.

— Quis saber como viveis — disse Nekludov.

— Então repara como vivemos — exclamou atrevidamente a velha, agitando a cabeça com um gesto nervoso. — A *isba* ameaça ruína; qualquer dia mata um de nós. Lá o meu velho diz que ainda está muito bem, e assim vai indo. Agora estou a fazer o jantar, porque sou eu que dou de comer a toda a gente!

— E que é que tendes para jantar?

— O que vamos comer? Um belo jantar; primeiro, pão e *kvass*; depois, *kvass* e pão!

E a velha desatou a rir, deixando ver a boca desdentada.

— Fora de brincadeira, deixem-me ver o que ides comer hoje.

— Então, mulher? Mostra-lho!

A velha acenou com a cabeça.

— Então queres ver a nossa comida? Tu és um *fidalgo* como não conheço outro! Queres ver e saber de tudo! O que há é pão, *kvass*, caldo e batatas cozidas.

— Mais nada?

— Que mais queres? — respondeu a velha olhando para a porta.

Nekludov olhou também e viu que atrás, no corredor, apinhava-se a aldeia toda. Eram crianças, raparigas, mulheres com recém-nascidos ao seio, tudo aglomerado à porta, examinando o extraordinário fidalgo que vinha inquirir do alimento dos mujiques. E a velha continuava a sorrir, muito orgulhosa da maneira como conversava com o *fidalgo*.

— Sim! É uma vida bem triste! — disse o velho. — Olá! Que é que vocês querem daqui? — exclamou, dirigindo-se aos curiosos, que quase entravam pela casa dentro.

— Adeus e obrigado! — disse Nekludov, sentindo-se indisposto e envergonhado por motivos que não procurava sondar.

— Humildemente agradecemos a honra que nos destes! — disse o velho.

Nekludov passou por entre duas filas compactas de aldeões que, de boca aberta, se afastaram respeitosamente. Na rua, quando começava a seguir caminho, notou que dois garotitos, descalços, o acompanhavam. O mais velho trazia uma camisa suja, que devia ter sido branca noutros tempos e o outro uma camisa cor de rosa toda remendada. Nekludov entabulou conversa:

— Vocês que querem?

— Onde vais tu agora? — perguntou-lhe o da camisa branca.

— Vou a casa de Matrena Charina! — respondeu Nekludov. — Tu conhece-la?

O mais pequenito desatou a rir. O outro respondeu com toda a seriedade:

— Qual Matrena? É a velha?

— Sim, é a velha!

— Então é a Sémenicha. É no fim da aldeia. Vamos com ele, Fedka? Vamos segui-lo?

— E os cavalos?

— Não faz mal!

Fedka, concordando, todos três começaram a subir a comprida rua da aldeia.

V

Nekludov sentiu-se mais a vontade acompanhado pelos dois garotos, que falando todo o caminho, o distraíram. O mais pequenito, o da camisa cor de rosa, deixara de rir e com inteligência e gravidade conversava com o companheiro.

— Tu sabes quais são os mujiques mais pobres cá da aldeia? — perguntou-lhe Nekludov.

— Os mais pobres? Mikail é pobre e Seméne Makarov também; mas Marta é a mais pobre de todos.

— Então Aníssia não é muito mais pobre? Nem sequer tem uma vaca! Vive de esmolas.

— Sim, Aníssia não tem vaca — respondeu o mais velho — mas em casa só tem duas pessoas, e Marta tem cinco!

— Mas Aníssia é viúva!

— E Marta é como se fosse! Está sem marido!

— Então onde está ele? — perguntou Nekludov.

— A dar de comer aos piolhos na cadeia — respondeu o mais velho.

— Foi por ter cortado dois vidoeiros, faz agora um ano. Prenderam-no e a mulher agora pede esmola. Tem três filhos e a mãe doente para sustentar.

— E onde é que ela mora?

— Aqui mesmo, nesta casa! — respondeu um deles, apontando para uma cabana em frente da qual engatinhava com esforço uma criança de pernas arqueadas e de cabelo louro.

— Vaska, grande tratante, anda para casa! — gritou da porta uma mulher ainda nova, cujas saia e camisa pareciam cobertas de cinza, tão sujas estavam.

E com olhar assustado correu a agarrar a criança; sem fitar Nekludov entrou de novo para casa com ela.

Fora o marido desta mulher que cortara as duas árvores nos bosques de Nekludov, pelo que estava preso.

— E que mais? Matrena também é pobre? — perguntou Nekludov, quando se aproximavam do fim da aldeia.

— Pobre, ela?!... Ela vende bebidas!... — respondeu o pequeno da camisa cor de rosa, resolutamente.

Junto à porta de Matrena, Nekludov despediu-se dos seus companheiros.

Nekludov entrou e viu logo que não havia mais nada do que a pequena sala para onde entrara e na qual Matrena, ajudada por uma neta, procurava introduzir alguma ordem.

Mais duas crianças, ao verem o recém-chegado, saíram de um canto e vieram para junto da porta, espreitar curiosa e assustadamente.

— Que deseja? — perguntou a velha, com voz áspera, indisposta por ser interrompida na sua ocupação e, como taberneira que era, desconfiada ao ver um desconhecido.

— Eu sou... o proprietário aqui destas terras e queria falar-lhe.

A velha, sem responder, ia-o examinando com os olhitos. De repente a expressão do rosto transformou-se-lhe.

— Pois és tu, meu amor! E eu velha tonta que não te reconheci! E dizia: é alguém que passa e que quer pedir-me qualquer coisa! Em nome do Cristo perdoa-me!

E exprimia-se em voz terna e acariciadora.

— Será possível falarmos em particular? — perguntou Nekludov, indicando com o olhar a porta aberta onde estavam as crianças e onde aparecera agora uma mulher nova e magra, com uma criança nos braços, coberta com uns tristes farrapos, e que apesar de pálida e doente entreabria os lábios num sorriso.

— Vocês que querem daqui! Esperai que eu já vos corro! Rua e fechem a porta! — gritou-lhes Matrena.

As crianças saíram e a mulher com o seu fardo nos braços afastou-se também.

— E eu a perguntar quem seria! E era o meu *fidalgo*, a minha joia e o meu tesouro, que a gente não se farte de ver! Senta-te neste banco, excelência — continuou a velha, limpando-o

cuidadosamente. — E eu a julgar que era o diabo que me vinha apoquentar, e é o meu *fidalgo*, o meu benfeitor e senhor! Perdoa-me que são os olhos que me atraíam!

Nekludov sentou-se. A velha ficou em pé na sua frente, com o queixo apoiado à mão direita e com a esquerda segurando o cotovelo do braço direito. E na mesma voz lisonjeadora, continuou:

— E o tempo passa, Excelência! Mas tu se eras belo, muito mais o estás!...

— Vamos ao que me trouxe cá! Recorda-se de Katucha?

— Catarina? Como não me hei de lembrar! Era minha sobrinha! Muito me fez chorar! Eu sei tudo, sei o que houve! Ah, paizinho, quem é que nunca pecou contra Deus e contra o Tzar? A culpa é da mocidade! E que se lhe há de fazer? Outros no teu lugar tê-la-iam abandonado, enquanto tu recompensaste-la com cem rublos! E ela, que fez ela? Ninguém a chamou à razão! Ah! que se ela tivesse seguido os meus conselhos, poderia ter sido feliz! Ela é minha sobrinha, mas a verdade é que não pensa nada! Arranjei-lhe uma casa tão boa! Mas, não senhor; não se quis humilhar e insultou o amo! Como se nós tivéssemos o direito de insultar nossos amos! Está visto que a despediram! Depois noutra casa, também não quis ficar!

— O que queria saber era se ouviu falar na criança...

— Se ouvi falar! Mas foi aqui que ela nasceu! E que belo rapaz! Mas tão inquieto! Não a deixava sossegada! Batizei-o como devia e depois mandei-o para a roda! A mãe estava fraca e se o deixasse ficar com ela, aquela alminha morreria. É o que fazem todas! Ficam com o pequeno e não o alimentam; Deus torna a tomar conta dele!

Nada, disse eu comigo, quero que ele viva. E como havia dinheiro mandei-o para a roda!

— E sob que número foi inscrito?

— Sim, teve um número. Mas mal chegou morreu logo. Foi o que ela disse: «Mal chegou à roda, morreu logo!»

— Quem é *ela*?

— A que o levou! Era uma que morava em Skorodno, chamada Melânia e que se empregava nisto. Morreu há pouco. Era fina como um coral! Sabe como fazia? Quando lhe traziam uma criança, em vez de a levar ao hospício, ficava com ela algum tempo, à espera de mais. Ia sustentando-as, e quando tinha três ou quatro levava-as todas juntas. Tinha um grande berço e deitava-as todas lá: duas para um lado, duas para outro, uma chucha artificial na boca de cada uma, para não gritarem.

— E a criança era bonita? — perguntou Nekludov com voz trémula.

— Ainda que quisesses melhor não encontravas! Era o teu retrato! Podia lá viver! — respondeu a velha piscando os olhos.

— Então de que morreu? Falta de alimento?

— Pois como querias que fosse bem alimentada? Melânia só ajustou conduzi-la à roda. Não era seu filho, não podia dar-lhe mais alimento! Mas trouxe atestados e certidão! Tudo regularizado! Era esperta como um alho!

E foi tudo que Nekludov conseguiu saber.

VI

Quando Nekludov, depois de se ter despedido de Matrena, saiu para a rua, viu que os garotitos tinham ficado à sua espera. Outros tinham-se-lhes juntado, bem como algumas mulheres, entre as quais Nekludov reconheceu aquela desgraçada com a criança nos braços, coberta de farrapos andrajosos.

O pequerrucho, anémico e de feições chupadas, continuava a sorrir.

Nekludov inquiriu quem era aquela mulher.

— É Aníssia, aquela de quem nós falámos — disse um dos garotos. — Fui eu que a chamei para a ver.

— Como e de que é que vive? — perguntou-lhe Nekludov.

— De que vivo? Do que me dão — respondeu Aníssia, desatando a chorar.

A criança, agitando as pernas da grossura de dois espetos, continuava a sorrir.

Nekludov puxou da carteira e deu dez rublos à mãe. Mal andara dois passos já outra mulher também com um filho ao seio, lhe saía ao encontro e depois outra e mais outra, todas queixando-se da miséria e pedindo auxílio.

Nekludov distribuiu uns cinquenta rublos que trazia consigo e com a tristeza no coração regressou ao escritório do seu administrador.

Soube aí que só à tarde é que se reuniam os aldeões. Para fazer horas, foi passear para o jardim, por entre a alta erva que invadira os caminhos juncados com as flores brancas e cor de rosa das macieiras. E tudo que tinha visto começava a avolumar-se e a sugerir-lhe pensamentos:

«Se estes infelizes morrem é porque a terra necessária ao seu sustento e sem a qual ninguém pode viver não é bastante, ou então porque a cultivam para aqueles que vão vender os produtos no estrangeiro, comprando em troca peliças bengalas, bronzes e carros. Quando os cavalos encerrados numa pastagem comerem toda a erva que lá houver, emagrecerão e morrerão se não lhes deixarem comer a erva da pastagem vizinha: é o que sucede com estes infelizes. Perecem sem o sentir, de habituados que estão a uma organização em que o assassínio das crianças, o esfalfamento das mulheres e a insuficiência de alimento para novos e velhos constituem as principais bases. Lentamente perdem a consciência do mal que os acabrunha e nós, os autores desse mal, consideramo-lo natural e necessário. Então, nas academias e universidades, nas secretarias e nos jornais, discorremos ociosamente sobre a causa da miséria dos aldeões, procuramos o meio de a remediar, enquanto deixamos subsistir sem nunca lhe fazermos a menor alusão, a causa única dessa miséria — a carência de terra com que eles lutam.»

Nekludov compreendeu que simples e claro como isso era, há mais tempo o devia ter percebido.

De repente Nekludov ouviu, na retaguarda da casa, duas vozes de mulheres, falando irritadamente, de tempos a tempos interrompidas pela voz desagradável do administrador. Nekludov prestou atenção.

— Estou exausta de forças! Querer tirar-me a cruz que trago ao pescoço! — dizia uma das mulheres.

— Não havia um instante que tanto ela como a vaca tinham ido para lá! Dê-lhe a vaca, vamos!

— há de pagar a multa ou trabalhar de graça — insistia o administrador.

Nekludov saiu do jardim, contornou a casa e encaminhou-se para o pátio. No alto da escada estava o administrador e ao fundo duas aldeãs — uma delas grávida. Quando viram o amo, as duas mulheres calaram-se e o administrador, tirando as mãos dos bolsos, recomeçou a sorrir.

Nekludov soube então que os aldeões estavam no mau hábito de soltar, no prado pertencente à casa, as vacas e suas crias que lhes pertenciam, e que nesse momento tinham sido vistas pastando no prado duas vacas que pertenciam aquelas mulheres. O administrador queria multá-las em trinta kopeks ou em dois dias de trabalho grátis. As mulheres insistiam em que as vacas tinham ido para o prado contra sua vontade e que não tinham dinheiro, e pediam para que lhes fossem entregues as vacas que tinham sido apreendidas.

— Quantas vezes vos tenho dito que tenhais cuidado com o gado? — exclamou o administrador, sorrindo para Nekludov para que este fosse testemunha da sua indulgência.

— Mal virei costas por um momento e o animal fugiu logo para lá!

— Pois não devias perdê-la de vista!

— Então quem me sustentaria as crianças em casa? Quem havia de dar-lhes o peito? — disse a outra mulher. — E então se as vacas tivessem causado prejuízo! Elas mal tiveram tempo para lambar a erva!

— Mas se vos deixassem, lá se ia todo o feno!

— Para quê mentir e pecar? — exclamou a mulher grávida. — A minha vaca nunca foi agarrada por motivos semelhantes!

— Mas já que a agarrámos, ou pagas a multa ou trabalhas os dois dias.

— Pois trabalharei! Quero, porém, a minha vaca, senão morre de fome nas vossas mãos. Para miséria já me basta a que me atormenta dia e noite. Minha sogra doente, meu marido borrachão! Eu sozinha para fazer o trabalho todo! Não posso! E que vós e o vosso trabalho estourem!

Nekludov pediu ao administrador que restituísse a vaca e regressou ao jardim para pensar novamente no problema que o preocupava.

A solução dele era tão simples que espantava-se de não a ter há mais tempo compreendido.

Compreendeu com toda a força da evidência que o único remédio eficaz contra a miséria dos aldeões era restituir-lhes a terra da qual se sustentavam.

Compreendeu que se as crianças morriam era porque o leite não bastava para a sua subsistência e se o leite não chegava era porque faltavam as pastagens para o sustento das vacas. E de repente recordou-se das teorias de Henry George e do entusiasmo com que as acolhera, admirando-se de tê-las esquecido. «A terra não pode ser objeto de propriedade particular; não pode ser vendida nem comprada, como o não são a água, o ar, e a luz do dia. Todos os homens têm direitos iguais à terra e à riqueza que ela produz».

E Nekludov compreendeu donde provinha a vergonha que sentira durante as negociações para o aforamento de Kouzminskoie.

É que então procurava enganar-se a si mesmo. Sabendo que nenhum homem tem direito de possuir a terra, reconheceu-se com esse direito e ceder a aos aldeões parte de uma riqueza que, no íntimo da alma, sabia não ter direito de possuir.

«Hoje porém procederei diferentemente e mais tarde desfarei o arrendamento de Kouzminskoie!» E arquitetou um projeto consistindo em alugar as propriedades de modo que a importância do aluguel não fosse utilizada por ele, mas sim pelos locatários, para pagarem impostos e também para custearem outras despesas de utilidade reconhecida.

Não era o ideal absoluto que sonhava, mas nas circunstâncias atuais, não concebia outra combinação mais próxima do ideal. O essencial era renunciar à posse legal da terra.

Quando regressou ao escritório do seu administrador, este, com o seu eterno e solícito sorriso, participou-lhe que o jantar estava pronto, talvez, um pouco esturrado, disse, apesar dos cuidados que sua mulher e a ajudanta tinha empregado.

Uma grosseira toalha cobria a mesa e sobre esta fumegava a terrina de velho Saxe com asas partidas (último vestígio de um luxo extinto) contendo uma sopa de batata, na qual fora cozido o galo que Nekludov vira algumas horas antes, estendendo e encolhendo as pernas negras.

Nekludov reconheceu-lhe as pernas nadando na sopa e a seguir apareceu o infeliz, decepado de cabeça e membros, e cercado por uma *sauce au beurre*.

Apesar de tudo estar mediocrementemente feito, Nekludov comeu com apetite sem saber o que comia, entregue inteiramente ao

projeto que arquitetara e que conseguira dissipar-lhe o aborrecimento e o mau humor.

A mulher do administrador espiava, pela porta entreaberta, o modo como a rapariga fazia o serviço da mesa. O administrador, contente com o talento culinário da esposa, sorria cada vez mais complacentemente.

Em seguida ao jantar Nekludov obrigou-o a sentar-se à mesa. Sentia a necessidade de lhe falar, de exprimir a alguém, fosse a quem fosse, os nobres pensamentos que o coração lhe ditava. Expôs-lhe o projeto que concebera de ceder as terras aos mujiques, e pediu-lhe a sua opinião. O administrador sorriu, como se ouvisse formular um pensamento que já germinara no seu cérebro e que lhe agradava ver realizado: na realidade, porém, não compreendera absolutamente nada, não porque Nekludov se tivesse exprimido obscuramente, mas apenas porque estava profundamente convencido que era impossível a qualquer homem ocupar-se doutros interesses que não fossem os seus, e o projeto de Nekludov assentava num renunciamento de interesses pessoais.

Quando Nekludov falou em empregar todo o rendimento das propriedades num fundo de reserva a favor dos mujiques, o administrador julgou ouvir mal.

— Compreendo! — disse. — Aluga as terras e recebe uma percentagem?

— Mas não, não é isso. Ouça bem! Quero entregar-lhes as terras sem encargos.

— Mas nesse caso — exclamou o administrador abandonando o sorriso — nunca receberá rendimento!

— Precisamente, renuncio totalmente.

O administrador suspirou profundamente, mas logo em seguida o sorriso reapareceu-lhe nos lábios. Finalmente compreendera. Compreendera que Nekludov perdera o juízo e que o melhor era procurar a maneira de lucrar alguma coisa com tal decisão. Acabara por admitir a realização do tal projeto — uma excentricidade como muitas, que era necessário explorar convenientemente.

Mas, quando descobriu, passados momentos, que o projeto de Nekludov não lhe seria de nenhuma utilidade, invadiu-o de novo manifesta má vontade, e se continuou a sorrir foi unicamente para ser amável com Nekludov, que era o amo.

Nekludov, cansado e desanimado de fazer-lhe compreender as suas ideias, separou-se dele e entrou no escritório, onde, sentado a uma mesa antiga manchada de tinta e cortada por canivetadas, procurou desenvolver seu plano.

O sol desaparecera e o crescente da lua era já visível. Um enxame de mosquitos invadiu a sala, zumbindo à volta da cabeça de Nekludov, que a escrever, ouvia o tropear dos rebanhos que regressavam e o abrir e fechar das portas dos estábulos, de mistura com as vozes dos mujiques dirigindo-se ao escritório.

Acabou de escrever apressadamente e chamando pelo administrador, declarou-lhe que não queria que os aldeões viessem ao escritório porque ele próprio ir-lhe-ia falar à aldeia, num ponto combinado.

Bebeu rapidamente uma chávena de chá que o administrador lhe mandou preparar e dirigiu-se para a aldeia.

VII

Os mujiques tinham-se reunido junto a casa do *starosta* e conversavam ruidosamente; logo que Nekludov apareceu fez-se silêncio e como em Kouzminskoie, desbarretaram-se. Estes aldeões eram muito mais rudimentares em civilização do que os de Kouzminskoie e usavam, na maioria, cafetãs feitos em casa e calçavam *laptis*. Um ou outro andava descalço e estava como viera do trabalho do campo: com as mangas da camisa arregaçadas.

Procurando dominar a timidez que se apoderava dele, Nekludov começou logo a falar, explicando-lhes que projetava ceder-lhes as terras. Todos escutavam silenciosamente, sem que nenhum rosto manifestasse emoção.

— ...e isto porque penso — disse Nekludov enrubescendo — que todos os homens têm direito a servir-se da terra.

— Isso é verdade! A verdade pura! — disseram algumas vozes.

Continuando a falar, Nekludov explicou-lhes que o rendimento das terras devia ser dividido entre todos e que para isso lhes cederia as terras por uma renda que seria fixada por eles próprios e que constituiria, de futuro, um fundo social de uso comum.

Ainda se ouviram algumas palavras de aprovação, mas Nekludov compreendeu pelos rostos dos aldeões, a princípio fitando-o e agora desviando o olhar para o chão, que eles imaginavam haver qualquer astúcia na proposta do fidalgo e que todos estavam de guarda para não serem enganados.

Nekludov era tão claro na sua exposição quanto o podia ser e os aldeões estavam longe de ser estúpidos: se não o compreendiam

era pela mesma razão que impedira o administrador de compreender.

Arreigara-se lhes a convicção que os homens tratam unicamente dos seus interesses, o que a experiência lhes confirmara sempre que tinham a tratar com os gerentes das propriedades; já sabiam que quando os mandavam reunir para lhes fazer qualquer nova proposta era, em última conclusão, para os envolver nas malhas astuciosas de uma nova rede.

— Que renda oferecem pelas terras? — perguntou Nekludov.

— Nós não podemos oferecer! Isso é impossível! Logo que a terra não nos pertence não podemos! — responderam várias vozes.

— Mas estou a dizer-vos que essa renda há de ser distribuída conforme as necessidades de cada um!

— Isso não pode fazer-se.

— Façam por compreender! — exclamou o administrador, que viera seguindo Nekludov e que julgava oportuno intervir, para aplanar dificuldades. — Então vocês não entendem que é propósito do príncipe alugar-vos as terras por dinheiro para que esse dinheiro fique constituindo um fundo de reserva comum a fim de acudir às vossas necessidades?

— Nós compreendemos muito bem o príncipe — disse um velhinho desdentado, de rosto impertinente. — É assim qualquer coisa como um banco, em que os pagamentos são a prazos fixos. Mas nós não queremos isso! Sabe Deus o que nos custa a aguentar assim como está! De outra maneira é a nossa ruína!

— É o que é! Mais vale como está agora! — exclamaram várias vozes descontentes, quase que irritadas.

O descontentamento aumentou quando Nekludov lhes participou que o contrato para ser assinado estava em poder do administrador no escritório.

— Assinar? Assinar o quê? Assim como temos trabalhado até agora, assim continuaremos! De que serve isso? Bem se sabe que somos uns ignorantes e não nenhuns doutores!

— Nós não acedemos porque não estamos habituados a esses negócios! Pedimos que tudo fique como até aqui! Ou então se quer fazer algum alívio que se encarregue das sementes!

Isto queria dizer que de futuro seria o proprietário quem forneceria as sementes para semear nos campos trabalhados pelos mujiques.

— Recusais então? Não quereis receber as terras como vo-las dou? — perguntou Nekludov a um mujique de olhar penetrante, descalço, vestindo um cafetã remendado e que com a mão esquerda segurava um barrete esfarrapado, lembrando o modo como os soldados tiram os seus, quando a isso são obrigados.

— Isso mesmo, Excelência — respondeu o aldeão, ainda não desabituado da disciplina militar.

— Visto isso, tendes muita terra? — reinquiriu Nekludov.

— Terra? Quase que nenhuma! — retorquiu o ex-soldado com forçada delicadeza.

— Como assim? Dou-lhes tempo para refletirem! — declarou Nekludov, caminhando de espanto em espanto.

E, ainda mais uma vez, repetiu-lhes a oferta.

— Não temos que refletir! A nossa resposta não se altera — respondeu o velho desdentado, com as feições ainda mais impertinentes.

— Demorar-me-ei até amanhã. Se mudarem de opinião participem-mo.

Ninguém respondeu.

Convencido de que nada mais obteria deles, Nekludov regressou tristemente para a residência.

— Deve concordar, príncipe — disse-lhe o administrador, sempre com o sorriso obsequioso nos lábios — que nunca conseguirá entender-se com eles; são teimosos como jumentos! Quando se lhes mete qualquer coisa na cabeça não há maneira de movê-los! É sempre com medo de tudo! E apesar disso não se pode dizer que sejam estúpidos: há-os mesmo muito inteligentes como mujiques, por exemplo, o velho, o que foi o primeiro a rejeitar o seu oferecimento. Quando vem ao escritório, convido-o a tomar chá e é um regalo ouvi-lo falar de tudo. Mas aqui torna-se outro! Não há maneira de o fazer compreender.

— Então poderá fazer-se com que alguns deles, os mais inteligentes, venham aqui? Explicar-lhes-ia pormenorizadamente a minha ideia — disse Nekludov.

— Sim, senhor, porque não! — respondeu o administrador.

— Então marque-lhes reunião para amanhã de manhã.

— Nada mais fácil. Amanhã aqui estarão.

VIII

Mal saiu do escritório, Nekludov dirigiu-se para o quarto que lhe haviam preparado para passar a noite. Já conhecia a enorme e

alta cama que agora via com duas travesseiras, guarnecida com um edredão e com uma coberta adamascada, que certamente pertencia à mulher do administrador. Este acompanhou-o até à porta e convidou-o a cear os restos do jantar, antes de se recolher. Nekludov recusou e agradeceu; o administrador retirou-se, desculpando-se da simplicidade da receção.

Desvanecera-se a tristeza que dominara Nekludov quando ouvira os aldeões recusarem a sua proposta, e posto que aqui tivesse encontrado da parte dos mujiques hostilidade, enquanto em Kouzminskoie tinha recebido agradecimentos, estava tranquilo e contente.

O ar do quarto estava sufocante, e Nekludov saía na intenção de ir ao jardim; recordou-se daquela terrível noite, da janela através da qual passavam os ténues raios de luz que vinham alumiar o pátio, e não sentiu coragem para tornar a ver lugares de execranda recordação. Sentou-se na escadaria, aspirando o forte perfume dos rebentos dos vidoeiros, que haviam impregnado a serena atmosfera noturna, e ficou-se por muito tempo olhando para as manchas sombrias das árvores e escutando ora o barulho da queda da água no açude, ora o canto de um rouxinol, oculto num maciço de verdura.

Nos quartos do administrador desaparecera a luz; por entre as nuvens surgiu o crescente da lua, e de vez em quando curtos relâmpagos iluminavam o jardim florido.

Ao longe ribombou um trovão; uma nuvem negra cobriu parte do firmamento.

O rouxinol emudeceu. No regato, o grito áspero dos patos confundia-se com a queda da água no açude: pouco depois, no

pátio da casa e ao longe, na aldeia, cantaram os galos, como ordinariamente sucede em noite de tempestade, muito antes da madrugada.

Diz o rifão que quando os galos cantam cedo, a noite é alegre.

Para Nekludov assim era; ainda mais do que com alegria sentia a alma a transbordar-lhe de êxtase e felicidade.

A imaginação renovava-lhe as impressões sentidas outrora durante esse encantador verão que ainda jovem e inocente, passara nestes mesmos lugares; e sentia que regressava a esses tempos e ao que então fora. Sentia se regressado à quadra mais bela da sua vida, quando aos catorze anos rogava a Deus que lhe mostrasse a Verdade ou quando» desfeito em lágrimas sobre os joelhos de sua mãe, lhe jurava ser sempre bom e nunca lhe dar desgostos. Era bem o mesmo Nekludov que havia resolvido com o seu amigo Nicolau Irtenev auxiliarem-se mutuamente no caminho do bem, e dedicarem-se a tornar os homens felizes. Recordou-se da tentação que em Kouzminskoie lhe fizera lastimar a perda da sua casa, dos seus bosques e das suas terras.

Rebuscou no coração se ainda haveria algum vestígio dessa saudade, e viu que se desvanecera totalmente e que agora já nem compreendia que a houvesse sentido. Recordou também o que vira nesse dia na aldeia, quando fora a casa de Matrena. E a mulher sem marido, preso por ter cortado num dos seus bosques uma árvore, e a asquerosa Matrena expondo a teoria que era obrigação das raparigas da sua classe tornarem-se amantes dos jovens fidalgos, tudo isso lhe passou pela mente.

Depois foi a maneira como eram conduzidas ao hospício as criancinhas; e diante dos seus olhos, surgiu-lhe o terrível rosto da

criança que sorria sempre, as pernas magras como espetos e morrendo de fome.

O pensamento transportou-o, rápido, para outros lugares; para as prisões com os seus *cabeças rapadas*, os seus grilhões, os seus segredos e o fétido insuportável, e para a vida das cidades, egoísta, luxuosa e estúpida, como a sua o fora.

Por detrás das colinas reaparecia de novo o crescente da lua, projetando no pátio sombras enegrecidas e fazendo brilhar o teto de ferro da casa.

E, como para aproveitar esta doce claridade, o rouxinol recomeçou a cantar no maciço da verdura.

Nekludov, recordando quanto doloroso lhe tinha sido em Kouzminskoie refletir sobre a sua vida e pensar no que faria, abandonando sem resposta problemas íntimos, que nunca conseguira resolver, tão complicada lhe parecia a vida, ficou espantado quando, renovando esses problemas, lhes achou urra solução simples e calma. É porque deixara de pensar no que lhe poderia acontecer para só pensar no que deveria fazer.

Era efetivamente surpreendente que tivesse dificuldade em decidir o que deveria fazer por si próprio, quando via tão claramente o que devia fazer pelos outros.

Reconhecia como indiscutível que devia dar as suas terras aos aldeões, visto que estes precisavam delas e que ele não tinha direitos alguns sobre elas; do mesmo modo não podia abandonar Katucha, antes devia ajudar a continuar nas disposições em que a deixara na última entrevista, pois devia resgatar o erro que cometera. Ignorava quais fossem as consequências de tudo isto, mas reconhecia como seu dever proceder assim.

E esta convicção tão profunda, enchia o de alegria.

A grande nuvem negra espalhara se por todo o firmamento, que largos relâmpagos fendiam, iluminando o pátio e a casa abandonada; mesmo por cima do jardim ribombou fortemente o trovão. O rouxinol tornou a emudecer, e um vento fresco levantou-se, fazendo sussurrar as folhas das árvores e agitando os cabelos de Nekludov. Sobre o teto de ferro bateu uma primeira gota de chuva, seguida logo por outras: o vento, de repente, acalmou, e Nekludov ouviu por cima da cabeça o ribombar prolongado de um novo trovão.

Nekludov entrou para casa, o coração transbordante de alegria.

«Sim, sim! — dizia — é isto mesmo! A utilidade da vida, a sua significação íntima e o fim superior para o qual viemos a este mundo, não sei qual são nem posso sabê-lo. Porque é que existiram minhas tias? Porque é que Nicolau Irtenev morreu e eu vivo ainda? Porque é que encontrei Katucha? Porque é que a loucura e a cegueira me dominaram tanto tempo? De nada disto posso saber a razão; compreender a obra do Mestre está fora do meu alcance. Mas cumprir a sua vontade tal como se acha escrita no meu coração, isso posso e sei que devo fazê-lo. E não descansarei enquanto o não tiver realizado.»

A chuva caía torrencialmente, batendo sobre o teto e escorrendo pelos vidros, enquanto frequentes relâmpagos iluminavam a atmosfera.

Nekludov despediu-se e meteu-se na cama, um pouco inquieto com os percevejos que o papel das paredes, sujo e roto lhe fazia suspeitar.

«Sentir-me não amo, mas sim servo», pensava; e transbordava de alegria.

A inquietação que o assaltava quanto aos percevejos, era bem fundada. Mal apagara a luz os insetos começaram a percorrer-lhe o corpo.

— Ceder as terras, ir para a Sibéria; pulgas, percevejos, porcaria! Embora; se for necessário, suportarei tudo.

Porém, a despeito destas belas resoluções, não os pôde suportar naquela noite. Ergueu-se, sentou-se junto da janela e ficou admirando as pesadas nuvens que corriam no firmamento, enquanto o crescente lunar reaparecia de novo.

IX

Só de madrugada é que Nekludov conseguiu adormecer, pelo que no dia seguinte se levantou muito tarde.

Depois do jantar, sete aldeões escolhidos pelo administrador reuniram-se no pomar, onde, debaixo de uma macieira, havia uma mesa e bancos, grosseiramente arranjados.

Nekludov teve enorme dificuldade em conseguir que os sete mujiques pusessem os chapéus e se sentassem. O ex-soldado era o que mais se obstinava, em conservar-se de pé, com o chapéu na sua frente, como costumava colocar a barretina durante os enterros.

Afinal, quando o mais respeitável de todos, um velho de aspeto venerando, ombros largos, e barba encaracolada que lhes dava parecenças com o *Moisés* de Miguel Ângelo, espesso cabelo grisalho

a rodear-lhe a testa queimada pelo sol, resolveu cobrir-se ao tempo que abotoava o cafetã novo e se sentava, todos os outros o imitaram.

Terminada esta formalidade, Nekludov sentou-se no outro banco em frente, e pegando no papel onde esboçara o seu projeto, começou a lê-lo e a explicá-lo.

Ou porque o número dos ouvintes fosse menor, ou porque em vez de pensar na sua pessoa, apenas pensasse no seu projeto, Nekludov não se sentia hoje embaraçado. Involuntariamente dirigia-se de preferência ao velho da barba encaracolada como se desse maior valor às suas aprovações ou discordâncias.

Nekludov, porém, enganava-se na elevada ideia que formava do velho; era verdade que ora baixava aprovadoramente a sua bela cabeça de patriarca, ora a acenava reprovadoramente segundo via fazer aos companheiros, mas, no íntimo, custava-lhe a compreender não só o pensamento de Nekludov como até a significação das palavras que o traduziam.

O que lhe ficava próximo compreendia-as muito melhor. Era um velhinho vesgo, coxo, que vestia camisola escura muito ponteadada e calçava botas velhas. No decorrer da conversa, Nekludov veio a saber que este homem era fabricante de fogões; parecia fazer constante esforço de compreensão, agitando as sobancelhas e expondo em voz alta o que compreendia.

Sentado ao lado deste estava um outro velhinho musculoso e rechonchudo, de barba branca e olhar vivo; estava sempre à espreita de todas as ocasiões para meter um ditinho irónico ou alegre. Era, com certeza, o espirituoso da aldeia.

O ex-soldado parecia também compreender, mas as suas observações limitavam-se a fórmulas banais, sem dúvida reminiscências do serviço militar. De todo o grupo, o mais formal era um forte aldeão de nariz comprido e barba curta, usando blusa e calçando *laptis* novos. Compreendia tudo e só falava quando era preciso.

Os dois restantes eram o velho desdentado que na véspera fizera a mais relutante oposição à proposta de Nekludov, e um esguio aldeão muito branco e de olhar doce. Ambos estavam silenciosos e escutavam atentamente.

Nekludov principiou por expor as suas ideias sobre a propriedade rural.

— É minha opinião — disse — que ninguém tem direito de vender ou de comprar a terra, porque logo que ele exista, os que têm dinheiro comprarão as terras, tirando aos outros o meio de as aproveitarem.

— Isso é verdade! — disse em voz de baixo o mujique do nariz comprido.

— Isso mesmo! — corroborou o ex-soldado.

— Lá a minha velha um dia destes segou uma pouca de erva para as vacas; agarraram-na, e zás! para a cadeia! — disse o espirituoso da barba branca.

— A nossa terra é do tamanho deste jardim, e ninguém pode arrendar mais! — disse um outro. — Dão-nos ainda mais cabo das costas do que antes da emancipação!

— Estou de acordo convosco e por isso considero pecado possuir terras. Resolvi, pois, renunciar à sua posse — disse Nekludov.

— Se for possível, porque não? — disse o velho da barba encaracolada, que evidentemente entendera que Nekludov desejava alugar as propriedades.

— É o que me trouxe aqui. Renuncio pois aos seus rendimentos, mas é necessário regularizar a forma como os ficareis administrando.

— Basta que dê as terras aos aldeões e está tudo pronto! — exclamou o velhinho desdentado.

Nekludov compreendeu naquelas palavras uma suspeita sobre a lealdade das suas intenções, e momentaneamente perturbou-se. Esforçando por dominar-se e recordando a resolução de ir até final, replicou:

— Boamente dar-vos-ia as terras; mas a quem e como o faria?

Ninguém respondeu. Só um momento depois o ex-soldado apoiou com um: Isso mesmo!

— Então o que é que fariam no meu lugar? — perguntou Nekludov.

— O que faríamos? É bem simples! Dividiríamos a terra pelos aldeões!

— Dividiríamos a terra pelos aldeões — repetiu o velho da barba branca.

E uns atrás dos outros todos apoiaram esta resposta, que lhes parecia absolutamente satisfatória.

— Mas de que forma procederiam a essa divisão? — perguntou Nekludov. — Os criados e aqueles que não trabalham também seriam compreendidos?

— Certamente que não! — respondeu o espirituoso.

O do nariz comprido, porém, não concordou.

— É necessário que todos recebam quinhão igual — declarou com a sua voz de baixo, e depois de refletir um momento.

— Isso é impossível! — replicou Nekludov. — Se eu a dividisse igualmente entre todos, aqueles que não trabalham e que não cultivam iriam vender o seu quinhão aos ricos e de novo a terra acumular-se-ia nas suas mãos. Os que trabalham, teriam a família multiplicada e a terra fragmentar-se-ia. Os ricos voltariam a dominar aqueles que necessitam de terra para viver.

— Isso mesmo! — corroborou o ex-soldado.

— Proíba-se a venda da terra e obrigue-se o possuidor a cultivá-la! — sugeriu o fabricante de fogões, irritadamente.

Nekludov respondeu que era impossível verificar se as terras eram feitas pelo proprietário ou por outrem. Em suma, a partilha era irrealizável.

— Uns ficariam com boa terra, outros com argila ou areia! Então todos quereriam boa terra.

O mujique do nariz comprido, que era o mais inteligente de todos, propôs que se chegasse a um acordo a fim de as terras serem cultivadas em comum.

— Quem cultivar terá a sua parte; quem não cultivar não terá nada! — declarou resolutamente com a sua voz profunda.

Nekludov respondeu que também pensara nisso, mas para tornar essa ideia exequível era necessário que todos tivessem as mesmas charruas e cavalos, ou então que cavalos, charruas e instrumentos aratórios fosse tudo comunal. Era necessário, pois, um acordo completo entre todos os habitantes.

— Nunca em nossa vida conseguiremos tal! — declarou o velho de rosto impertinente.

— Se quiseres ver uma batalha é falar nisso! — disse o da barba branca, com os olhos a rirem-se-lhe. — Até as mulheres pelejariam!

— Então o caso não é tão simples como parece à primeira vista! — disse Nekludov. — E não somos só nós a pensar nestes casos. Um americano chamado Henry George, de quem partilho as ideias, propõe que...

— Procede como te aprouver; aqui és tu que mandas, és o senhor. Nós submeter-nos-emos — disse o velho desdentado.

Nekludov ficou magoado com o à parte, mas alegrou-se quando viu que a interrupção também desagradara a mais alguém.

— Tem paciência, tio Simão, deixa-o explicar-nos as suas ideias! — disse o narigudo aldeão com voz de baixo, que evidentemente era o mais esperto de todos.

Nekludov, mais tranquilo, principiou a desenvolver-lhes a doutrina de Henry George.

— A terra não pertence a ninguém; é exclusivamente de Deus! — disse, ao principiar.

— Nem mais! É isso mesmo! Bem pensado! — apoiaram várias vozes.

— A terra deve, pois, ser propriedade comum. Todos devem ter o mesmo direito a usufruí-la. Há, porém, melhor e pior terra, e todos desejam trabalhar a terra boa. De que maneira pois se há de estabelecer igualdade? É necessário que quem explore terra boa, divida o excesso do seu rendimento com quem explora a mais ordinária. Ora como é difícil estabelecer quais os que devem pagar e a quem se deve pagar, e como na atual sociedade é indispensável o dinheiro, preferível é estabelecer que, todo aquele que explorar

terras, pagará à comunidade, para as necessidades comunais, em proporção com o valor das terras. Obter-se-á desta forma igualdade. Se houver alguém que queira explorar uma extensão de terreno, pagará mais pelo de boa qualidade, menos pelo mais inferior. Se não quiser trabalhar a terra, nada pagará; os que tomarem as terras pagarão a parte do imposto que lhe corresponder para as despesas comunais.

— Tinha mioleira, esse George — disse o velho da barba encaracolada.

— Fala em nome da justiça! — declarou o construtor de fogões, agitando as sobancelhas. — Quem tem a terra melhor é quem mais paga!

— Bom é que o preço esteja ao nosso alcance! — disse o narigudo.

— Não será nem muito elevado nem muito baixo, porque se for muito baixo estabelecer-se-á de novo negócio com as terras. Assim se exprime George, e é nestes princípios que quero entender-me convosco.

— Isso é razoável e justo! Também assim o desejamos! — responderam os aldeões.

— Tinha bons miolos o tal George! — repetiu o velho parecido com o *Moisés*. — E dizer que foi ele que inventou tudo isso!

— E se eu quisesse trabalhar a terra? — perguntou o administrador, sorrindo.

— A participação é livre e voluntária! Cada qual toma-a e trabalha-a — respondeu Nekludov.

— Para que precisas tu de terras? Já deves estar farto! — disse o gracejador.

E a discussão finalizou.

Nekludov explicou-lhe uma vez mais o seu projeto, dizendo-lhes que não precisava de resposta imediata e que por isso os aconselhava a que se entendessem com os outros para dar em seguida a resposta.

Todos tomaram este compromisso e em seguida regressaram à aldeia. Durante muito tempo, Nekludov ouviu o som das suas vozes animadas e vibrantes, discutindo ao caminhar na estrada, e até ao anoitecer, os ecos distantes das discussões vinham misturar-se, confundir-se com o monótono ruído da água caindo no açude do moinho.

X

No dia seguinte os mujiques não trabalharam: o dia foi empregado em discutir a proposta do «fidalgo».

Os debates, porém, não deram resultado, porque a comunidade dividira-se em duas facções; uma que considerava as propostas vantajosas e isentas de perigo, outra que se obstinava em rezear uma astúcia, que lhe parecia tanto mais perigosa, quanto a desconhecia.

Afinal no dia seguinte concordaram todos em aceitar as condições de Nekludov, e os sete embaixadores apresentaram-se a participar a decisão da comuna.

Guardaram-se, porém, de dizer que tinham sido eles que haviam conseguido o acordo, destruindo a crença numa armadilha,

pois tinham espalhado, convictos como estavam, que se o fidalgo procedia desta maneira, era para cuidar da «salvação da sua alma» e expiação dos seus pecados.

Esta explicação adquiriu rapidamente foros de verdade, porque os aldeões haviam sido testemunhas das numerosas esmolas que Nekludov dera e da grande distribuição do dinheiro que tinha feito.

Este vendo pela primeira vez de perto a grande miséria dos mujiques e a extrema dificuldade que tinham em viver, não pudera deixar de dar, sabendo que cometia uma imprudência, porque recebera em Kouzminskoie uma grande quantia produzida pela venda de um bosque e pela renda atrasada.

E logo que correu que o fidalgo dava dinheiro a todos que lho pedissem, assaltara-o uma multidão de gente pobre de todos os sítios, principalmente mulheres, pedindo socorro. Nekludov incomodou-se, receando não poder dar indefinidamente, e não tendo meios para reconhecer a quem dar e a quem recusar. Não sentia coragem para recusar dinheiro a quem lho pedisse, todos parecendo-lhe terem igual necessidade. O dinheiro fundia-se e os mendigos continuavam a afluir; havia só um meio de sair desta situação: partir! Assentou fazê-lo o mais depressa possível.

No último dia da sua estada, dirigiu-se aos quartos de suas falecidas tias, para passar em revista o que abandonava. Numa gaveta inferior de uma secretária ornada com ferragens de latão amarelo em forma de cabeças de leão, encontrou um maço de cartas antigas e junto a fotografia de um grupo tirado em frente de casa: eram Maria e Sofia Ivanovna, Nekludov e Katucha.

De tudo que a casa continha apenas trouxe as cartas e a fotografia. O resto, móveis, quadros, tapeçarias, foi cedido ao

moleiro, que tinha inclinação para o luxo e que prometera ao administrador uma boa comissão, se ele arranjasse tudo barato. E a realidade excedeu-lhe a expectativa.

Nekludov, lembrando a saudade que sentira em Kouzminskoie, só em pensar na cedência das suas propriedades, interrogou-se com espanto como pudera experimentar tal sentimento: agora a consciência de uma liberdade deliciosa, reunia-se ao encanto da novidade; era como o explorador que em seguida a dolorosos e cruéis sofrimentos entrevê por fim a almejada terra!

Capítulo 2

I

Quando Nekludov regressou da aldeia, a cidade impressionou-o desagradavelmente. Era noite fechada, e da estação dirigiu-se diretamente para casa. Um forte cheiro de naftalina espalhava-se por todos os aposentos, e Agripina Petrovna e Korney andavam cansados, pouco satisfeitos e aborrecidos; tinham questionado nessa mesma tarde a respeito do serviço, que, afinal, consistia apenas em desamarrar, estender, deixar secar e tornar a amarrar e encaixotar vestuário e tapetes.

O quarto de dormir de Nekludov, apesar de obstruído, não era o que estava mais desarrumado; não fora, porém, arranjado para essa noite, porque Nekludov regressara imprevistamente, vindo encontrar em meio a limpeza que havia sido principiada quando partira e que se ia executando lentamente.

Ao ânimo de Nekludov pareceu isto tudo tão estúpido e ridículo comparado com a miséria que presenciara na aldeia, que resolveu abandonar a casa no dia imediato, para ir viver para um hotel, deixando que Agripina Petrovna continuasse no governo doméstico, sem ser importunada.

Na manhã seguinte Nekludov saiu cedo e alugou dois modestos quartos mobilados na primeira hospedaria que encontrou

no caminho da prisão, e dando ordem para lhe irem buscar uma mala que arranjara na véspera, dirigiu-se para casa do advogado.

Fazia um frio muito vivo nessa manhã. Depois das trovoadas e das chuvas, geara, como sucede no princípio da primavera, e a temperatura baixara tanto, soprando uma aragem tão penetrante que, Nekludov, apesar de vestir sobretudo, tremia e teve de andar ligeiro, para aquecer.

O espetáculo que presenciara na aldeia não lhe abandonava a memória: revia mulheres, crianças e velhos, tais como os vira pela primeira vez, dominados pela miséria e pela fadiga; revia principalmente a infeliz criança que lhe sorrira tão lamentavelmente nos braços da mãe, agitando as pernitas descarnadas; e involuntariamente, comparou estas recordações ao que via em volta em si.

Eram merceeiros, padeiros, confeitheiros e lojistas repimpados nas suas lojas, com aspeto de bem tratados, como não encontrara nem sequer um aldeão. Passavam também carros; os particulares com cocheiros atarraxados nas almofadas, as gordas e anafadas pernas apertadas por calções com reluzentes botões dourados, os dos trens de praça, examinando ociosamente os transeuntes.

E estes e as criadas graves, com aventais brancos e cabelo frisado, tinham todos o mesmo aspeto de pessoas bem alimentadas e repousadas. Nekludov, porém, verificava a acentuada semelhança de feições entre estes homens e os da aldeia, e compreendia que também estes haviam pertencido àquele meio e que tinham-se adaptado à vida da cidade, por terem sido expulsos da aldeia pela carência de terras. Estes, passados a burguesia por se terem aproveitado das condições da vida das cidades, estavam satisfeitos e

orgulhosos das suas posições. Outros, porém, (os mais numerosos) menos habilidosos e mais infelizes, eram mil vezes mais miseráveis do que quando viviam na aldeia donde os expulsara a falta de terra. Tais eram esses sapateiros que Nekludov via no vão de uma escada a bater sola, as engomadeiras pálidas com o cabelo desgrenhado, brunindo roupa junto das janelas abertas e meio asfixiadas pelo vapor de água ensaboada, ou esses trolhas que Nekludov viu passar junto dele, descalços e salpicados de tintas, da cabeça aos pés. Caminhavam com alguidares cheios de cal à cabeça, de mangas arregaçadas, e insultando-se incessante. Nas feições, eram visíveis os sinais de fadiga e má disposição, que o frio agravava; e os condutores de carroças e todos aqueles que, com o fato em farrapos, pediam esmola, homens, mulheres e crianças, mostravam evidentes sintomas de necessidade e miséria.

Porém, em nenhuma parte essa expressão era tão evidente, como nos rostos que Nekludov via através das janelas das tabernas. Em salas imundas, guarnecidas de alto a baixo com garrafas e vidros, grupos de homens sentados, berravam ou cantavam, com o rosto a escorrer suor e as faces cor de púrpura.

Através de uma janela Nekludov viu um destes desgraçados com as sobranceiras erguidas e a boca aberta, olhando fixamente na sua frente, esforçando-se em recordar qualquer coisa.

«Mas porque é que toda esta gente vem apinhar-se para as cidades?», interrogava-se Nekludov, respirando com o ar fresco da primavera um repugnante cheiro de óleo de ocre, que se levantara de umas casas pintadas de fresco.

Atravessava agora a rua um carregamento de barras de ferro, que o calcetamento da rua fazia trepidar desagradavelmente.

Era um ruído ensurdecedor que fez dores de cabeça a Nekludov. Quando este apressava o passo para deixar o carro mais distanciado, ouviu chamar pelo seu nome, por entre o ruído da ferragem.

Parou e viu na sua frente um homem bem constituído e vestindo à última moda, de rosto animado, bigodes frisados sentado num magnífico *coupé*, e acenar-lhe com a mão amigavelmente, e mostrando uns dentes de alvura pouco vulgar através do sorriso.

— Nekludov? És tu?

A primeira impressão de Nekludov foi de prazer.

— Chembok! Tu aqui! — exclamou alegremente.

Reconheceu, porém, nesse mesmo instante, que não havia motivo para regozijo. Era o mesmo Chembok que fora ter com ele a casa de suas tias, no dia imediato àquele em que seduzira Katucha. Nekludov perdera-o de vista havia muito, mas soubera que Chembok também abandonara o regimento e que, apesar das suas dívidas e da sua nenhuma fortuna, continuava, ninguém sabia como, a viver entre gente rica. A elegância do vestuário e a expressão satisfeita do seu rosto provaram a Nekludov que não o haviam enganado.

— Feliz acaso haver-te encontrado! Não há vivalma na cidade! Oh meu rapaz, tu estás velho! — disse Chembok descendo do carro e erguendo o peito e os ombros. — Imagina que só te reconheci pelo andar! Vamos jantar ambos, não é assim? Onde se pode comer razoavelmente nesta terra?

— Parece-me que não posso aceitar — respondeu Nekludov, que só pensava em achar meio de se desfazer do seu companheiro sem o indispor. — E que fazes tu aqui? — perguntou.

— Trato de negócios. A administração do meu tutelado! Sabes de quem sou tutor? De Samanov, o milionário. Imagina que com cinquenta e quatro mil dessiatinas de terra, sofre de amolecimento cerebral! — disse Chembok com certo orgulho. — Estava tudo na maior das desordens! Os aldeões tinham-se apropriado das terras, não pagavam nada e o deficit era enorme. Pois num ano de gerência meti tudo nos eixos e tirei de renda mais 70%. Que te parece, hein?! — perguntou ainda mais orgulhosamente.

Nekludov recordou-se que já ouvira contar essa história. Exatamente porque Chembok tinha dissipado toda a sua fortuna e estava endividado até ao pescoço, é que fora nomeado para administrar a fortuna do velho e peganhoso milionário.

«Como poderei ver-me livre dele sem o magoar?», cogitava Nekludov examinando-lhe o balofo e reluzente rosto com os bigodes encerados com cosmético.

— Então, vamos jantar?

— Hoje é-me impossível — respondeu Nekludov consultando o relógio.

— Nesse caso virás às corridas?

— Impossível!

— Mas não; não há impossíveis! Eu não tenho nenhum cavalo lá, mas Gricha empresta-me um dos seus. Sabes que tem uma magnífica cavalaria? Combinamos então encontrarmo-nos para à noite cearmos juntos, sim?

— Também não posso comprometer-me! — respondeu Nekludov sorrindo.

— Será então para outra vez. E agora onde vais? Queres aproveitar-te...?

— Obrigado, são dois passos daqui a casa do advogado.

— Ah! sim, já sei que passas a tua vida nas cadeias como procurador dos presos! Os Korchaguine falaram-me nisso — disse Chembok rindo ruidosamente. — Sabes que já partiram? Conta-me lá essa embrulhada!

— Sim, o que dizes é verdade! — respondeu Nekludov. — É porém bastante complicado para ser contado no meio da rua.

— hás de ser sempre um original! Eu sempre te espero nas corridas!

— Crê que me é impossível. Não ficas zangado comigo?

— Que lembrança! E este frio; que te parece?

— Sim! Está áspero.

— Bom; visto isso, até mais ver; fiquei contente em te encontrar! — disse Chembok.

E apertando a mão de Nekludov, saltou para a carruagem donde, affectadamente, acenou com a mão enluvada, enquanto um sorriso amigável lhe punha de novo a descoberto os dentes de excessiva alvura.

«É possível que eu tivesse sido *isto?*», interrogava-se Nekludov, dirigindo-se para casa do advogado. «Talvez pior ainda, pois nunca conseguindo ser aquilo, sonhei sê-lo e imaginei que toda a minha vida decorreria assim».

II

Ainda que não fosse dia destinado pelo advogado para consultas, Nekludov foi imediatamente recebido.

O processo dos Menshov fora estudado pelo advogado, que verificara a acusação infundada.

— O processo é, porém, bastante complicado! — disse o advogado. — O mais provável é que fosse o próprio taberneiro que lançasse fogo à casa para receber o seguro; não há contudo, uma só prova material, como também nada há que prove a culpabilidade dos Menshov. A condenação é unicamente o resultado do excessivo zelo do juiz de instrução e do desmazelo do ajudante do procurador. O mal, porém, está feito e há de ser difícil desfazer o erro. Isso é o menos! Consiga-se que o processo seja julgado novamente neste foro, que me comprometo ganhá-lo! E é escusado falar em salários!

— Agora tratemos do caso desta Fedósia, de quem também me falou. Aqui tem pronta a apelação; se for a S. Petersburgo por causa da Maslova, pode levá-la e recomendá-la. Doutra forma, se nos vamos a fiar nas estações oficiais, perderemos tempo e feitio. Já que se interessa por esses casos, procure obter acesso junto de pessoas que tenham influência na comissão de apelação. Deseja mais alguma coisa de mim?

— Sim, desejava. Contaram-me que...

— Ah! Ah! fazem de si o porta-voz de todas as reclamações! — disse o advogado rindo ruidosamente. — Previno-o que nunca conseguirá atendê-las todas. São inúmeras!

— É que se trata de um caso monstruoso! — replicou Nekludov; e, recordando-o conforme lho haviam narrado na véspera na aldeia, contou-o ao advogado.

Era o caso que um mujique instruído lera e comentara os Evangelhos aos seus companheiros de trabalho.

O padre da aldeia vira nisto uma infração, denunciara-o e realizara-se um inquérito que tinha tido por consequências uma acusação do ajudante do procurador, a qual o tribunal confirmara.

— É ou não simplesmente monstruoso? — perguntou Nekludov.

— Mas porque se admira tanto?

— Porquê? Por tudo! Compreendo o procedimento do padre e o dos empregados que cumprem o que lhes é ordenado. Mas esse ajudante do procurador é simplesmente abominável, porque como homem ilustrado podia escolher outro caminho!

— É porque não os conhece! Geralmente pensa-se que todos os magistrados, ajudantes do procurador, juízes até, são homens instruídos e de aspirações liberais. Sim, em tempos assim foi; hoje, porém, está tudo mudado. Os magistrados são funcionários que unicamente se preocupam com a sua promoção a um melhor lugar. Recebem o ordenado e desejam vê-lo aumentado; é ao que se limitam os seus princípios. Assim que isto se consegue estão prontos para acusar, julgar e condenar, seja quem for!

— Pois sim, mas lá está a lei! E ninguém pode desterrar um homem unicamente por ter lido os Evangelhos aos seus amigos.

— Engana-se! Têm o direito não só de o desterrar como até de o condenar a trabalhos forçados, logo que lhes dê na fantasia declarar que esse homem, comentando os Evangelhos, se afastou da explicação autorizada, ofendendo por isso a igreja. E ultraje à fé ortodoxa quer dizer trabalhos forçados!

— É lá possível!

— Afirmo-lho. Quando falo com um magistrado — disse o advogado, continuando — mostro-me sempre afavelmente reconhecido, pois que eu e o senhor e todos nós, enfim se não estamos na cadeia é simplesmente devido à sua muita benignidade.

— Mas então em que consiste a autoridade da justiça se tudo depende de um capricho deste ou daquele magistrado, que quer ou não quer cingir-se à lei?

O advogado saudou esta pergunta com uma sonora gargalhada.

— É bem uma pergunta sua! Mas isso é filosofia, meu caro! Sabe que mais? Venha a minha casa num sábado! Reúnem-se lá sábios, artistas e literatos, com quem se pode discutir livremente essas questões. Não falte, tanto mais que minha mulher ficará satisfeitíssima!

— Agradeço e farei por não faltar... — respondeu Nekludov percebendo que mentia e sabendo que faria o possível para lá não ir e para não se encontrar nessa roda de sábios e artistas.

A gargalhada com que Fainitzin respondera à sua interrogação e a ironia com que pronunciara a palavra «filosofia», fizeram compreender a Nekludov quanto o seu modo de pensar e de sentir diferia do do advogado e do dos seus amigos. E por maior que fosse a diferença que agora existia entre ele e o seu antigo camarada Chembok, a que sempre existiria entre ele, o advogado e os seus íntimos seria ainda maior.

Como a prisão não ficasse perto e como era um pouco tarde, Nekludov tomou um carro.

O cocheiro, homem dos seus quarenta anos, de feições que denotavam inteligência e bondade, no meio do caminho chamou a

atenção de Nekludov para um enorme edifício em construção.

— Excelência, repare que grande palácio se está construindo!
— disse entusiástica e orgulhosamente.

Com efeito, o novo edifício levava proporções para ser um monumento de imponente aparência. For entre o travejamento, agitavam-se como formigas, os operários manchados de cal, uns colocando tijolos, outros quebrando pedras e outros içando baldes cheios e descendo-os vazios. Um nutrido cavalheiro elegantemente vestido — provavelmente o arquiteto — em pé junto da construção e de cabeça erguida, dava ordens a um contramestre que o ouvia respeitosamente.

E olhando para o enorme edifício, Nekludov pensava: «Pois é possível que toda esta gente, tanto os que executam a construção como os que a dirigem, imaginem que estão levantando qualquer coisa útil? E os operários, uns desgraçados cujas mulheres se estiolam nas aldeias para criarem e sustentarem seus filhos, como estão convictos que fazem o seu dever quando contribuem para que se erga esse palácio inútil e estúpido, que será habitado por qualquer indivíduo da mesma forma estúpido e inútil, enriquecido à custa daqueles a quem ainda agora vai explorando!»

— Que obra tão estúpida! — disse, exprimindo em voz alta o seu pensamento.

— Como? Estúpida? — respondeu o cocheiro um pouco ofendido. — Não é uma obra estúpida a que dá o pão a tanta gente!

— Mas é inútil!

— Se fosse inútil ninguém a mandava fazer! — retorquiu o cocheiro. — Esta casa representa o pão de muita gente.

Nekludov não respondeu, porque o ruído produzido pelas rodas sobre o empedrado da calçada tornava a conversa difícil. Porém, na rua seguinte, que era macadamizada, o cocheiro dirigiu-se novamente a Nekludov.

— Vê aquele grupo? — disse indicando no passeio uns aldeões que, carregados com serras, machados e sacos caminhavam pesadamente. — Pois das aldeias estão sempre a chegar grupos como aquele em busca de trabalho! É medonho!

— Têm vindo mais neste ano do que nos anteriores? — perguntou Nekludov.

— Sem comparação! Nas hospedarias não há um único lugar e o trabalho não aparece em parte alguma!

— Mas, porquê?

— Porque os operários são muitos.

— Mas então porque é que não se deixam ficar nas aldeias?

— E o que haviam eles de fazer lá? Não há maneira de se obter terra!

«Pois será possível que todo o mal provenha dessa única causa?», pensou Nekludov. E, interrogou o cocheiro sobre a quantidade de terra arável que a sua aldeia disfrutava, qual a extensão dos seus bens e porque é que ele viera para a cidade.

— Nós temos um hectare por homem — respondeu o cocheiro. — Meu pai e meu irmão lá estão a olhar por aquilo e tenho mais um irmão que é soldado. Mas a terra não rende nada e meu irmão pensa em vir também para a cidade.

— Então não se pode tomar terras de arrendamento?

— E onde é que as há para arrendar? Os antigos senhores, os fidalgos, devem tudo, e os amos agora são homens de negócio. E a

estes ninguém consegue arrendar nem um pedaço de terra! Exploram tudo por sua conta. Na minha aldeia foi um francês que comprou as propriedades do nosso antigo fidalgo.

— E quem é esse francês?

— Chama-se Dufour. há de ter ouvido falar dele. É o cabeleireiro do teatro grande e o negócio é rendoso, pois ganha muito dinheiro. A aldeia é dele e ele dispõe de nós conforme a sua vontade. Ele contudo, não é mau homem; Mas a mulher?! Oh! É uma brutinha de quem estamos desejosos que Deus nos livre. Rouba-nos descaradamente... Chegámos afinal à prisão. Quer que o conduza até ao portão? Receio que já o não deixem entrar.

III

Nekludov sentiu o coração confranger-se-lhe quando avistou os muros da prisão. Perguntava a si mesmo, aterrorizado, em que disposição iria encontrar a Maslova, sentindo-se ainda mais atemorizado com o mistério que a dominava e que hoje lhe parecia existir por toda a prisão.

O carcereiro que acudiu ao seu toque, reconheceu-o e deixou-o entrar; depois, quando Nekludov lhe perguntou pela Maslova, disse-lhe que fora transferida para os serviços da enfermaria. Nekludov dirigiu-se para esse lado, e um velho carcereiro, aí de serviço, guiou-o para a secção das crianças, onde a Maslova fazia serviço.

Um médico ainda novo, exalando um forte cheiro a ácido fénico, saiu-lhe ao encontro, perguntando severamente do que se

tratava.

Este médico, que era de rara condescendência para com os doentes, sofrera, por vezes, dissabores com os empregados da prisão e até com o seu próprio chefe, o médico diretor, pelo que agora, temendo da parte de Nekludov um pedido ilegal, queria mostrar que não fazia exceções a ninguém e fingia-se ríspido e áspero.

— Aqui não há mulheres; é a secção das crianças — disse.

— Eu sei: disseram-me contudo que é aqui que está, como enfermeira, uma detida.

— Há efetivamente duas enfermeiras. De quem se trata?

— Estou intimamente ligado com uma, a Maslova — disse Nekludov — e desejava vê-la. Parto amanhã para S. Petersburgo, para tratar de anular a sua sentença e, em antes, desejava entregar-lhe isto: simplesmente uma velha fotografia — acrescentou, tirando do bolso um envelope,

— Está bem; vou mandar chamá-la! — respondeu o médico mais humanamente.

E, dirigindo-se a uma velha enfermeira de avental branco, disse-lhe que chamasse a Maslova.

— Queira sentar-se ou entrar para o parlatório da enfermaria.

— Muito obrigado.

Nekludov, notando a mudança no acolhimento do doutor, quis aproveitá-la para saber se ele estava satisfeito com a Maslova.

— Sim, estou — respondeu o médico. — Não trabalha mal, se levarmos em atenção as casas de onde vem. Olhe, aí vem ela!

Efetivamente, a Maslova, acompanhada pela velha enfermeira, encaminhava-se para ali.

Usava também por cima do vestido listrado, um avental branco cobria-lhe a cabeça um lenço.

Quando viu Nekludov corou, parou um momento, hesitante, carregou as sobrancelhas e, baixando o olhar, dirigiu-se-lhe em passo rápido. Ao princípio não quis apertar-lhe a mão mas, por fim, sempre se resolveu a fazê-lo, corando ainda mais.

Nekludov, que a não vira desde o dia em que ela lhe pedira desculpa da exaltação com que o acolhera anteriormente, esperava encontrá-la dominada pelos mesmos sentimentos. Enganou-se, porque a encontrou reservada e esquiva, talvez com certa hostilidade.

Repetiu-lhe o que dissera ao doutor: que partia para S. Petersburgo e que quisera vê-la, antes da viagem, para lhe entregar o que trouxera de Pánofka.

— É uma velha fotografia que encontrei abandonada numa gaveta. Talvez goste de a ver. Ei-la!

Desenhou-se-lhe no rosto uma expressão de surpresa e, erguendo as negras sobrancelhas, e os olhos, ligeiramente estrábicos, fixou-os em Nekludov como que a perguntar: «Para que me dá isto?»

Depois, sem dizer palavra, pegou no envelope e meteu-o na algibeira do avental.

— Falei também com Matrena, a tua tia.

— Ah! — exclamou ela indiferentemente.

— E são bem tratados aqui?

— Muito bem; não tenho de que me queixar.

— O trabalho não é fatigante?

— Não; somente ainda não estou habituada.

— É, por consequência, preferível viver aqui a viver como até agora?

-- Como até agora! — exclamou, as faces inundadas de um súbito rubor.

— Sim, como até agora, na prisão — apressou-se Nekludov a dizer.

— Preferível porquê?

— Aqui a companhia deve ser melhor. Não é a mesma gente que na prisão.

— Na prisão há também boa gente! — respondeu a Maslova secamente.

— A propósito, já tratei do caso dos Menshov; espero que serão postos em liberdade.

— Deus o queira; é a velha mais extraordinária! — disse ela, repetindo a definição de que se servira para designar a detida, enquanto um sorriso lhe aparecia nos lábios.

— Tenho esperança também de que em S. Petersburgo arranjarei a anular rapidamente a sentença que te condenou.

— Que o seja ou não, agora é-me indiferente!

— E porque só agora?

— Por nada! — respondeu.

Nekludov imaginou ler-lhe no olhar uma interrogação, que interpretou como a manifestação de desejo que ela tinha em saber se ele persistiria na resolução que tomara ou se aceitara a recusa com que ela lhe respondera.

— Não tenho nada com a indiferença que dizes sentir sobre o resultado das minhas diligências para anular a sentença, e para mim

esse resultado não alterará em nada aquilo que sempre tencionei fazer. Cumprirei o que prometi, aconteça o que acontecer.

Maslova ergueu novamente o olhar, onde se lia a profunda alegria que as suas palavras queriam desmentir.

— É perder tempo falar-me nisso! — disse.

— Se assim falo é por que quero que saibas a verdade.

— E eu o que disse, disse, e nada mais acrescentarei — declarou, com visível esforço na voz.

De repente, na sala pegada ouviu-se um ruído, seguido do vagido de uma criança.

— Chamam-me — disse a Maslova olhando em redor com inquietação.

— Então adeus!

Fingindo não ver a mão que Nekludov lhe estendia e sem se voltar, a Maslova correu, procurando conter a alegria profunda que lhe trasbordava do coração.

«Que se passa nela? Que pensará? Que sentirá? Querá apenas experimentar-me? Ou com efeito não consegue perdoar-me? Não querá ou não poderá dizer-me o que sente e pensa? Estará hoje em melhores ou piores disposições para comigo do que na última entrevista?», interrogava-se Nekludov.

E esforçava-se baldadamente por responder a estas interrogações.

Uma só coisa era claramente visível: a grande transformação que se operava nela e que o unia ainda mais a ela e Àquele em nome de quem se dedicara a esta obra.

E este pensamento enchia-o de ternura e alegre animação.

IV

A sala na qual trabalhava a Maslova era pequena e continha apenas oito leitos de crianças. Quando regressara, a religiosa que presidia aos arranjos, ordenara-lhe que fizesse as camas. Maslova tinha já principiado quando, de repente, inclinando-se demasiadamente para trás e levantando os braços, deu um passo em falso e por pouco não caiu.

Um pequenito convalescente que, com a cabeça atada, estava sentado na cama, viu o movimento e desatou a rir; a Maslova, não podendo conter-se, desatou a rir tão satisfeita e tão contagiosamente, que as outras crianças riram também. A religiosa fingiu zangar-se.

— De que estás tu a rir-te? — disse para a Maslova. — Imaginas que ainda estás de onde vens? Ora vai à cozinha buscar as dietas!

A Maslova cessou de rir e foi onde a mandavam. As duras palavras da enfermeira não tinham podido diminuir o ardor da sua alegria. No decorrer do dia, quando estava só, tirava do envelope a velha fotografia que Nekludov trouxera e examinava-a rapidamente; quando à noite, depois da chamada, pôde entrar para o quarto que, em companhia de outra detida, agora ocupava, pegou na fotografia e, durante muito tempo, examinou-a, rebuscando os mínimos detalhes do rosto, dos vestuários e da parte visível da escadaria.

Esta fotografia amarelecida e envelhecida encantava-a extraordinariamente; o que, contudo, mais lhe agradava era

reconhecer-se, jovem e vigorosa, com os anéis de cabelo flutuando em frente, na testa. Mergulhara-se em tão profunda contemplação que nem notou a entrada da sua companheira.

— Que estás a ver? Foi ele que te deu isso? — perguntou-lhe a nutrida enfermeira, espreitando por cima do ombro dela. — Olha, pareces tu!

— Palavra? Ainda me pareço? — disse a Maslova sorrindo de prazer.

— E este é *ele*? E esta é a mãe?

— Não, é uma sua tia. Mas sério, ainda me pareço?

— Sim, posto estejas bem mudada. Tem outro aspeto o retrato. Vê-se bem que já lá vão muitos anos.

— Mas não foram os anos que me transformaram, foi outra coisa! — respondeu a Maslova, sentindo fugir-lhe a alegre animação que até aí mantivera. O rosto assombrou-se-lhe e uma funda ruga cavou-se-lhe na frente.

— Que outra coisa? A vida nunca foi de durezas para ti!

— Não, nunca foi dura, mas as galés são preferíveis!

— Que estás a dizer?

— É o que é! Desde as oito da noite até às quatro da madrugada! E isto todos os dias.

— Então porque não te ias embora?

— Mais do que uma vez quis fazê-lo, mas era impossível. O melhor é não falarmos nisto! — exclamou a Maslova.

Levantou-se sobressaltadamente, escondeu a fotografia no fundo de uma gaveta e saiu do quarto, tentando reter lágrimas de cólera.

Examinando a fotografia, julgara-se regressada a épocas idas, tal como tinha sido; pensara na felicidade que então gozara e que ainda agora poderia possuir.

E a sua companheira, levianamente, relembrou-lhe o que agora era! Num medonho momento, abraçou no seu conjunto todo o horror desta vida que sempre lhe causara uma vaga vergonha, que a si mesmo não ousava confessar!

A recordação de uma noite de Carnaval ergueu-se na sua memória, terrivelmente impressionante. Viu-se vestida de seda vermelha, decotada e enodoada de vinho, uma fita vermelha nos cabelos desalinados, acompanhando até à porta um «visitante». Depois, fatigada, embrutecida, quase bêbeda, fora sentar-se junto da pianista, uma criatura magra, ossuda e com o rosto cheio de impingens; eram duas horas e ainda não principiara a dança. Maslova, de repente, sentiu um grande peso no coração! Num desabafo com a pianista disse-lhe que aquela vida lhe era penosa e que não podia suportá-la mais tempo. A pianista estava também cansada do seu modo de vida e Clara, que se lhes juntou, queixou-se também; combinaram as três despedir-se e mudar de vida, logo que pudessem. Maslova, renunciando a dançar, saiu da sala com tenção de se encerrar no quarto, quando vozes avinhadas de fregueses se ouviram no corredor.

Ouviu-se o violino começar a tocar, logo acompanhado pelo piano; um homem de pequena estatura, embriagado, vestindo casaca, chapéu alto e gravata branca, agarrou a Maslova pela cinta; um outro, gordo e barbudo agarrava Clara e durante muito tempo, dançaram, cantaram, beberam e gritaram! E assim se passara um ano e outro! Quem poderia mudar de vida?

E era *ele*, Nekludov, o causador de tudo!

Mais forte e mais intenso do que nunca sentiu acordar o ódio que lhe votava! Desejaria insultá-lo, bater-lhe! Oh! quanto lastimou ter deixado escapar, nesse dia, a ocasião de lhe mostrar que o conhecia bem, que nunca conseguiria nada dela porque não se deixaria enganar segunda vez!

Exacerbada pela dor e pela cólera, reavivada a chaga, assaltou-a a ânsia de beber *vodka* para esquecer e tranquilizar-se. E de nada teria valido o juramento feito se a tivesse podido arranjar. Mas aqui só o chefe dos enfermeiros é que a possuía; e a Maslova abominava-o, porque sabia que ele a cortejava.

Sentou-se num banco do corredor e assim ficou durante muito tempo; por fim entrou no quarto e sem responder às perguntas da sua companheira chorou copiosamente sobre a sua perda e estéril vida.

Capítulo 3

I

Nekludov, além do principal assunto que o obrigava a ir a S. Petersburgo, o recurso da Maslova, tinha ainda de tratar de mais três pedidos, dois dos quais lhe tinham sido feitos por Vera Bogodouchovska. Da comissão dos perdões tinha a obter a revisão da sentença de Fédosia, a prisioneira condenada por ter tentado assassinar o marido e a quem este já perdoara: tinha de pedir também a liberdade para a estudante Choustova e obter a licença necessária para a mãe de um preso político, encerrado no segredo, poder visitá-lo.

Depois da última visita que fizera a Maslinnikov e da sua permanência no campo, Nekludov sentia-se penetrado de uma repugnância profunda pela sociedade de que até então tinha feito parte; não podia furtar-se ao pensamento de que para o bem estar e prazer dessa sociedade, havia milhões de seres humanos que sofriam, ainda que esses sofrimentos passassem voluntariamente despercebidos, como também o passava tudo que havia de criminoso e de miserável nessa sociedade a que ainda se sentia ligado. Aí, porém, contraíra os seus hábitos; era aí que tinha as suas relações, parentes e amigos; era aí sobretudo que lhe era forçoso procurar apoio e auxílio para ajudar a Maslova e os desgraçados cuja

causa se obrigara a defender, ainda que sentindo aversão geral por tal sociedade e por certos indivíduos em particular.

Por estas razões é que Nekludov quando chegou a S. Petersburgo se foi alojar em casa da tia, a condessa Tcharska, esposa de um antigo ministro.

Não ignorava que assim se acharia mergulhado no íntimo dessa sociedade aristocrática de que tão cruelmente se divorciara o que lhe era bem desagradável, mas sabia que magoaria profundamente sua tia não se hospedando em sua casa, e que privar-se-ia de um auxílio extremamente precioso para os seus desígnios.

— É então verdade o que para aí se diz a teu respeito? — perguntou-lhe a condessa Catarina Ivanovna, na manhã da sua chegada e enquanto lhe fazia preparar café com leite. — Estás então um original! *Vous posez pour le philanthrope!* Socorres os criminosos, visitas os prisioneiros! Fazes também sindicâncias?

— De modo algum! Nem nisso penso!

— Melhor então! Vou apostar em como temos alguma aventura amorosa! Sim? Vamos a ouvir!

Nekludov descreveu as relações que tivera com Katucha, tais como haviam sido.

— Sim, sim, recordo-me. Tua pobre mãe falou-me nisso vagamente, em seguida à tua visita àquelas velhas! — A condessa Catarina tivera sempre em grande desprezo as tias paternas de Nekludov. — Não é verdade que te quiseram casar com ela? Como se chama? *Elle est encore jolie?*

A condessa Catarina Ivanovna era uma saudável, alegre, enérgica e palradora senhora de sessenta anos. Muito alta e

corpulenta, tinha um farto buço que se lhe desenhava nitidamente por cima do lábio superior. Nekludov tinha-a em particular estima e desde criança habituara-se a receber com a sua presença energia e alegria.

— Não, tia, tudo isso acabou! Desejo unicamente auxiliá-la porque foi condenada injustamente e porque sou eu o culpado da sua miséria. Sinto-me obrigado a fazer por ela tudo o que possa.

— Imagina que até me disseram que a querias desposar!

— Sim, quis e ainda o quero! Ela é que o não quer.

Catarina Ivanovna, que fitava seu sobrinho tristemente, tranquilizou-se quando ouviu as últimas palavras e de novo sorriu.

— Tem mais juízo do que tu! Ah! meu rapaz, que simplório tu estás! Casar-te-ias com ela?

— Positivamente.

— Depois de ela ter sido o que foi?

— Por isso mesmo! Não fui eu o culpado?

— Estás um verdadeiro simplório — disse a condessa, continuando a sorrir — mas porque estás um simplório e um terrível simplório é que eu gosto de ti.

E Catarina Ivanovna, satisfeitíssima do termo que empregara e que traduzia perfeitamente a ideia que fazia do seu sobrinho, repetia-o encantada.

— Boa estrela te guiou — continuou ela. — Aline inaugurou agora um asilo para Madalenas arrependidas que visitei há dias. Oh! que horror! Tive de me banhar, quando regresssei; Aline, porém, dedicou-se de corpo e alma à sua obra. Queres tu confiar-lhe a tua protegida? Se Aline não conseguir chamá-la ao bem, ninguém o consegue.

— Mas tia, se ela está presa à espera de ser enviada às galés! O motivo principal que aqui me traz é fazer anular-lhe a sentença. É um dos muitos casos em que necessito do seu auxílio.

— E de quem depende isso?

— Do senado.

— Do senado? Ah! é onde está o primo Leão! Mas este faz parte da secção heráldica e não conheço mais nenhum! *Ce sont des gens de l'autre monde*, ou então alemães, *pour varier*. Não importa, falarei a meu marido, que os conhece todos! Conhece toda a gente! Eu falo-lhe, mas tu é que hás de explicar-lhe o assunto; a mim diz-me que não me compreende! Por mais que eu faça, responde sempre que não me compreende. *C'est un parti-pris*, mas que hei de fazer-lhe?

A condessa interrompeu-se para receber uma carta que um laçao agalado lhe apresentou numa bandeja de prata.

— Que coincidência! É de Aline. Terás ocasião hoje de ouvir Kiesewetter.

— Quem é Kiesewetter!

— Kiesewetter? Vem à noite, e verás quem é! Fala tão bem que até os criminosos mais perversos se lançam de joelhos na sua frente, chorando de arrependidos! Ah! que se a tua Madalena pudesse ouvi-lo! Convertia-se logo! Não faltes esta noite para o ouvir. É um homem extraordinário!

— Mas tia, nada disso me interessa já.

— Mas há de interessar-te! E hás de vir, que o quero eu! Que mais desejas de mim? *Videz votre sac*.

— Tenho de tratar do caso de um rapaz encerrado na fortaleza.

— Na fortaleza? Posso dar-te uma carta para o barão Kriegsmuth. *C'est un très brave homme!* Tu conhece-lo! Foi companheiro de teu pai! *Il a versé dans le spiritisme*, mas é bom homem! E queres pedir-lhe?

— Autorização para que a mãe desse rapaz possa ir visitá-lo. Também tenho de dirigir um memorial ao Cherviasky, o que me agrada pouco.

— E, com razão. É pouco amável! Podemos, porém pedir a Marieta; é seu marido. Tudo que eu lhe pedir, estou certo que o fará. *Elle est si gentille!*

— Tenho de obter liberdade para uma rapariga estudante que está detida há muitos meses sem saber a razão.

— Ora adeus; ela deve saber porque está presa. É maná celeste que essas cabeças rapadas estejam sob chave!⁶

— Não sei se é maná celeste. O que sei é que são seres humanos que sofrem, como nós sofreríamos no seu lugar. O que não compreendo é como a tia, cristã convicta que acredita nos Evangelhos, não sente piedade!

— Que estás tu a dizer? Tolices! O Evangelho é o Evangelho, e o que é mau é mau! Queres então que tolere os niilistas, principalmente as mulheres, de cabeça rapada, quando os detesto?

— Mas porque é que os detesta?

— E para que é que eles se metem onde não são chamados?

— Ora essa! Então Marieta, por exemplo, também não trata dos negócios do marido?

— Isso é outra coisa! Mas por este andar qualquer filha de um padre pretenderá dar-nos lições!

— Não querem dar lições, apenas socorrer o povo.

— Não se necessita deles para conhecer as necessidades do povo!

— Está em erro, tia! O povo cada vez tem mais necessidades e nós desconhecemo-las. Eu só agora o notei, quando fui ao campo. Acha justo que os aldeões trabalhem acima das suas forças e que nem sequer tenham com que matar a fome, enquanto nós vivemos no luxo e na ociosidade? — disse Nekludov, levado pela complacência natural de sua tia a comunicar-lhe todos os seus pensamentos.

— Então que queres tu? Que eu vá trabalhar e que nem sequer coma? *Mon cher, tu finiras mal!*

— Porquê?

Nesta ocasião um velho robusto e alto entrou na sala. Era o marido da condessa Tcharska, ministro honorário.

Aproximou-se de sua mulher e beijou-lhe a mão galantemente.

— Bons dias, Dimitri — disse o antigo ministro, estendendo-lhe a face barbeada de fresco. — Quando chegaste?

— *Non, il est impayable!* — disse a condessa dirigindo-se ao marido. — Quer que eu vá lavar a minha roupa no ribeiro e que me sustente de batatas! Mal imaginas que simplório aqui está! Apesar disso, peço-te que o sirvas naquilo que ele te pedir. A propósito, disseram-me que madame Kamenska está em perigo de vida! Devias ir visitá-la!

— É horroroso! — respondeu-lhe o marido.

— Agora vão conversar para a sala de fumar, que quero escrever umas cartas.

Mal Nekludov saíra já a condessa o tornava a chamar.

— Queres então que escreva à Marieta?

— Se quiser ter esse incómodo!

— Porei de parte o caso da niilista, que tu depois explicarás ao marido. Ela mais tarde ordenar-lhe-á que faça o que tu lhe pediste e ele fá-lo-á. Ouve, não me julgues desapiedada! Mas *tes protégés* são verdadeiros monstros! *Je ne leur veux pas de mal!* Então até à noite, sem falta! Ouvirás Kiesewetter e rezarás um pouco. *Cela te fera beaucoup de bien!* Então até à noite !

II

O conde Ivan Mikailovitch Tcharsky, antigo ministro, era um homem de profundas convicções.

Desde a sua mocidade que elas consistiam no seguinte:

Convencera-se que assim como é natural que as aves se alimentem de vermes, se resguardem com penas e voem no espaço, o era também o ele sustentar-se das mais requintadas iguarias, vestir-se à última moda e passear em carros dos mais caros, puxados por cavalos dos mais ligeiros.

Mas isto eram coisas que o conde Ivan Mikailovitch considerava como devidas à sua posição e que era necessário que estivessem sempre preparadas para as utilizar.

Tinha ainda enraizada uma outra convicção: era que quanto mais dinheiro recebesse do Tesouro Público, quanto mais condecorações e títulos o adornassem, mais familiaridade teria junto de indivíduos ainda mais altamente colocados do que ele, o que não só seria ótimo para ele como até para o universo inteiro.

Tudo o mais era considerado por ele, comparado a estes dogmas fundamentais, como nulo e sem interesse. Que as coisas marchassem desta ou daquela maneira era-lhe indiferente. Durante quarenta anos vivera o conde Ivan Mikailovitch segundo estas convicções, findos os quais fora nomeado ministro.

Devera esta honra às seguintes qualidades: sabia compreender o sentido dos regulamentos e outros papéis oficiais e sabia mesmo redigi-los, sem sombra de pensamentos ou estilo, mas também sem erros de ortografia; era, além disso, eminentemente representativo, podendo, alternativamente e segundo as circunstâncias, dar a impressão da dignidade, da altivez ou da inacessibilidade e humildade; para complemento, estava absolutamente desligado de quaisquer regras políticas ou morais, estranhas às suas obrigações, o que lhe permitia aprovar ou desaprovar tudo, conforme as conveniências.

É necessário acrescentar que, amoldando a sua opinião segundo os acontecimentos, arranjava-se sempre a nunca estar em contradição manifesta com ele próprio, e isto porque se preocupava unicamente com a satisfação dos seus superiores, sem se inquietar com as consequências para o bem da Rússia e da humanidade.

Quando foi chamado para o lugar de ministro, todos os seus subordinados, a maioria da gente que o conhecia e ele próprio mais do que os outros, estavam convencidos que se ia revelar um distinto homem de Estado.

Quando, porém, passado algum tempo, se reconheceu que ele nada alterava nem melhorava, e quando outros homens que, como ele, sabiam compreender e redigir documentos oficiais, impelidos pelas leis da luta pela vida, o guerrearam, desejosos de o substituir,

concordou-se que era um homem de curta inteligência e larga vaidade. Em nada se elevava acima das demais mediocridades vaidosas que ansiavam por substituí-lo e só ele, antes como depois de ser ministro, conservara a funda convicção que tinha direito a receber, de um ano para o outro, honorários cada vez mais proveitosos e títulos e condecorações que lhe elevavam a posição social.

E esta convicção enraizara-se-lhe tão profundamente, que não havia ninguém que tivesse coragem de o contrariar, de modo que de ano para ano o conde Ivan Mikailovitch recebia ordenados cada vez maiores, a título de fazer parte de conselhos, comissões, *comités* e como recompensa dos seus anteriores serviços, acrescentando todos os anos novos galões às fardas e dependurando no peito novas condecorações esmaltadas; por isto, ninguém tinha em S. Petersburgo tão grande número de relações.

Quando Nekludov lhe principiou a explicar o que é que desejava, escutou-o com a mesma atenção com que, como ministro, escutava os relatórios dos chefes de secretaria, e ao findar disse-lhe que lhe daria duas cartas de recomendação. Uma para o senador Wolff, da secção dos recursos, a respeito de quem se conta muita história — explicou ele — mas que *dans tous les cas c'est un homme très comme il faut*; o senador deve-me obséquios e fará o que puder — acrescentou. — A outra séria para um membro muito influente da comissão dos perdões, que examinaria o recurso da Fedósia.

A história desta prisioneira, narrada por Nekludov, pareceu interessar sinceramente o antigo ministro.

— Se Sua Majestade me honrar com um convite para a sua reunião íntima de quinta-feira — declarou ele — é possível que

tenha ocasião de lhe falar neste assunto.

Logo que recebeu as duas cartas de seu tio e a de sua tia para Marieta Chervianska, Nekludov deu princípio aos seus desígnios.

Principiou por dirigir-se a casa de Marieta. Recordava-se tê-la conhecido quando ainda menina, pertencendo a uma família nobre, mas sem fortuna, e sabia que havia desposado um funcionário muito ativo e ambicioso que soubera colocar-se altamente. Nekludov também não ignorava a reputação suspeita que se criara em redor dele, o que o tornava perplexo, por ser obrigado a pedir um favor a um homem a quem desprezava. E essa perplexidade aumentava com um sentimento ainda mais pessoal. Receava que, com o contacto dessa sociedade que resolvera abandonar, se habituasse de novo a essa vida fácil e superficial.

Já depois de se instalar em casa de sua tia surpreendera em si esse sentimento, e recordava-se bem que durante o tempo que estivera conversando com ela, sentira-se arrastado a falar das mais graves questões num tom irónico e gracejante.

Era sempre a mesma impressão enervante e embriagadora que sentia em S. Petersburgo. Havia tanta limpeza e tantas comodidades, tanta ausência de escrúpulos, morais ou intelectuais, que mais do que em nenhuma outra parte, a vida parecia leve e fácil.

Um cocheiro muito bem arranjado, muito delicado e limpo, conduziu-o numa carruagem muito asseada, por ruas elegantes, bem regadas e imponentes até à casa onde morava Marieta. Em frente desta estacionava um *landau* ao qual estava atrelada uma magnífica parelha de cavalos ingleses, que um digno e grave cocheiro, com suíças até meio do rosto, como os ingleses, guiava.

Um guarda-portão de farda deslumbrante introduziu Nekludov, que viu no alto da escadaria um laçao fardado, com as suíças cuidadosamente penteadas. Imóvel, parecia não notar a presença de Nekludov; um outro laçao apareceu e anunciou:

— O general não recebe; a generala também não, porque vai sair.

Nekludov tirou da carteira um bilhete de visita e, quando se aproximava de uma mesa que havia no vestíbulo, para escrever a lápis algumas palavras de sentimento por não poder falar com ninguém, viu o laçao que estava no alto da escadaria fazer um sinal ao guarda-portão, que se precipitou velozmente, mandando aproximar a carruagem.

O outro laçao, endireitando-se e colando as mãos às costuras das calças, seguia com o olhar uma jovem, franzina e baixa senhora, que descia rapidamente a escadaria, sem se preocupar muito com as exigências da sua dignidade.

Um grande chapéu com uma pluma preta cobria a cabeça de Marieta que, com uma romeira preta sobre um vestido também preto, acabava de abotoar as luvas da mesma cor.

Quando viu Nekludov levantou o véu que lhe cobria o lindo rosto com dois olhos muito vivos, e depois de o fitar por segundos, disse em voz alegre e familiar:

— É o príncipe Dimitri Ivanovitch?

— V. Exa. recorda-se ainda do meu nome?

— Como o esqueceria se (lembra-se?) eu e minha irmã andámos apaixonadas por si todo um verão? Acho-o muito mudado, ainda assim! Que pena tenho em ser obrigada a sair! Talvez possamos ainda conversar um pouco na sala — disse, hesitante. —

Não é impossível — continuou, depois de ter consultado o relógio do vestibulo. — Vou aos Kamensky assistir ao enterro. Que horrível coisa, não é?

— Que lhes aconteceu?

— Não sabe?! Morreu-lhes o filho num duelo! Bateu-se com Posen! Imagine, filho único! É horrível! A mãe está louca de desespero. É impossível ficar; venha logo à noite ou amanhã! — disse ela enquanto se dirigia para a porta com passo rápido.

— Hoje infelizmente, é-me impossível. E então que era um negócio de meu interesse — dizia Nekludov acompanhando-a.

— E de que se trata?

— Aqui tem uma carta de minha tia sobre o assunto.

E Nekludov entregou-lhe o pequeno envelope lacrado com um grande sinete.

— A condessa Catarina imagina que eu disponho de alguma influência junto de meu marido! É um erro! Eu nada posso, e não quero mesmo intrometer-me nas suas ocupações; transgredirei, porém, os meus princípios por sua causa, e para ser agradável à condessa. Então de que se trata?

— De uma rapariga encarcerada na fortaleza, que foi presa inocentemente e que está doente.

— Como se chama?

— Lídia Choustov. Junto da carta está um memorial com todas as informações.

— Veremos então o que se pode fazer! — disse Marieta, pondo o pé no estribo da carruagem nova, cujo verniz faiscava ao sol.

Marieta entrou, sentou-se e abriu o guarda-sol; o trintanário subiu para a almofada e mandou partir. A carruagem moveu-se;

neste momento, Marieta fechando rapidamente o guarda-sol, tocou com ele nas cosias do cocheiro; os cavalos, erguendo a cabeça sobre a pressão do freio, estacaram, espezinhando o solo com as patas.

— Espero que voltará a visitar-me desinteressadamente! — disse ela, empregando um sorriso, cujo valor conhecia. Em seguida, terminando com a comédia, reabriu o guarda-sol, baixou o véu e fez um sinal ao cocheiro para partir.

Nekludov despediu-se, descobrindo-se.

Os cavalos bateram nervosamente com os cascos no pavimento, e a carruagem afastou-se rodando silenciosa e rapidamente, com caoutchouc novo nas rodas, e ressaltando nas molas à mais leve desigualdade do caminho.

III

Os sorrisos que Nekludov trocara com Marieta, sugeriam-lhe reflexões íntimas. «Mal vires a cabeça para o outro lado, estás outra vez agarrado por esta vida», dizia, pensando nas dificuldades e nos perigos que correria enquanto tivesse de solicitar favores de pessoas fazendo parte de uma sociedade a que nunca mais poderia pertencer.

Depois de se haver orientado, Nekludov dirigiu-se diretamente de casa de Marieta para o Senado. Mal aí chegou, entrou para uma grande sala onde estavam numerosos empregados muito delicados e muito bem vestidos, por quem soube que o recurso da Maslova fora

entregue para exame ao senador Wolff, o mesmo para quem seu tio lhe tinha dado uma carta.

— A próxima sessão do Senado será na quarta-feira, disseram-lhe; há tanto que fazer para esse dia que, certamente, o recurso da Maslova ficará para ser discutido na sessão seguinte. Com um pedido especial talvez se possa obter que o prefiram, acrescentou o seu informador.

Foi aqui que Nekludov novamente ouviu falar do duelo no qual sucumbira o desgraçado Kamensky. E, pela primeira vez, ouviu narrar detalhadamente a história de que se ocupava então toda a cidade. Num restaurante em que vários oficiais comiam ostras e bebiam em excesso, como de costume, um deles apreciara o regimento em que Kamensky servia de uma maneira tão insultuosa que obrigara Kamensky a desmenti-lo. O outro esbofeteara-o e no dia imediato realizara-se o duelo. Kamensky fora ferido com uma bala no ventre e falecera duas horas depois. As testemunhas e o adversário tinham sido encarcerados, mas dizia-se que seriam postos em liberdade dentro de quinze dias.

Do Senado, Nekludov dirigiu-se para casa do barão Vorobiev, alto funcionário, fazendo parte da comissão dos perdões, para quem seu tio lhe tinha dado uma carta. Quando chegou, o guarda-portão informou-o, em tom severo, que o barão recebia apenas em dias fixos; Nekludov entregou a carta que levava e encaminhou-se para a residência do senador Wolff.

Wolff tinha acabado de almoçar e como de costume, estimulava a digestão fumando um charuto e andando de um para outro lado do seu gabinete.

Quando Nekludov chegou, encontrou-o ainda nestas ocupações.

Vladimir Efimovitch Wolff era efetivamente um homem *très comme il faut* e orgulhava-se desta qualidade, mais do que de qualquer outra, pois a ela devia a brilhante carreira que fizera e a realização das suas ambições. Devido a ela contraíra um rico casamento, que o elevara à categoria de senador e lhe dera o rendimento de dezoito mil rublos por ano. Além de se considerar um homem *très comme il faut* considerava-se como o tipo da retidão cavalheiresca, cujos princípios, contudo, não o impediam de espoliar, às ocultas, pessoas da sua intimidade. Nunca pensou que, solicitar recompensas, comissões e gratificações, fosse infringir essa retidão, assim como o não era, o enganar a mulher com quem casara por causa do seu dinheiro, e que por ele se apaixonara. Pelo contrário, ninguém como ele se orgulhava da feliz organização da sua vida familiar.

A família de Wolff compunha-se da esposa, da irmã desta, de quem ele se apropriara da fortuna, sob o pretexto de a administrar, da filha, rapariga nada bonita, tímida e magra, vivendo isolada e tristemente e tendo por únicas distrações assistir às reuniões evangélicas em casa de Aline ou da condessa Tcharska.

Além destas, Wolff tinha ainda um filho, rapaz tão bem constituído que aos quinze anos tinha tanta barba como um homem e que naquela idade principiara a beber e a perseguir as raparigas. Aos vinte anos o pai expulsara-o de casa, porque não conseguira fazer-lhe terminar os estudos e porque a sua conduta tornava-se comprometedora. Pouco depois tivera de pagar uma primeira dívida de duzentos e trinta rublos e logo a seguir outra de seiscentos

rublos, o que o obrigou a declarar-lhe que seria a última. O rapaz, em vez de se regenerar contraíra uma nova dívida de mil rublos, e o pai participou-lhe que deixava de o considerar como seu filho.

A partir dessa época vivia como se não tivesse filhos, e em sua casa ninguém se atrevia a falar nele. Apesar disto estava convencidíssimo que ninguém como ele sabia organizar a sua vida de família.

Wolff recebeu Nekludov, sorrindo amável e ironicamente, pois era assim que exprimia habitualmente os seus sentimentos de homem *comme il faut*, para com o resto da humanidade.

— Peço-lhe que se sente — disse depois de ler a carta do conde Ivan Mikailovitch — e que me permita continuar a andar. Tenho muito prazer em conhecê-lo e em ser agradável ao conde Ivan Mikailovitch — continuou expelindo uma espessa espiral de fumo azulado e esforçando-se por conservar o charuto bem direito, a fim de impedir que a cinza caísse no tapete.

— O que desejo pedir é apenas que o recurso da Maslova seja examinado já, para que a condenada, a confirmar-se a sentença, possa partir o mais depressa possível.

— Sim, sim, numa das primeiras levas a sair nos paquetes de Nijni-Novgorod, eu sei! — respondeu Wolff com o eterno sorriso de homem que antecipadamente sabia o que lhe queriam dizer. — Diz então que a condenada se chama?...

— Catarina Maslova.

Wolff dirigiu-se à secretária e abriu uma pasta cheia de documentos.

— A Maslova, é isso mesmo! Eu falarei aos meus colegas e quarta-feira discutiremos o caso.

— Posso então telegrafar ao meu advogado?

— Ao advogado? Num caso destes? Mas é inútil! Em todo o caso pode telegrafar-lhe!

— Receio que as fases para a apelação sejam insuficientes — disse Nekludov — porém a simples leitura do processo mostra que a condenação foi devida a um equívoco.

— Sim, é possível que assim seja; o senado, porém, não se ocupa da essência dos recursos — respondeu Wolff, vigiando cuidadosamente a cinza do charuto. — O senado limita-se a examinar a reta aplicação e interpretação das leis.

— Este caso é, contudo, tão excepcional...

— De acordo! Todos são excepcionais. Far-se-á o que for preciso e é tudo!

A cinza principiava a oscilar na extremidade do charuto.

— Vem muito frequentemente a S. Petersburgo? — continuou Wolff, sacudindo o charuto no cinzeiro. — Que horrorosa morte a desse jovem Kamensky! Um rapaz adorável e filho único! À mãe está louca de desespero! — prosseguiu, repetindo palavra por palavra o que toda a gente dizia na cidade.

Nekludov levantou-se para se despedir.

— Se lhe convier, venha almoçar comigo um destes dias — disse Wolff, estendendo-lhe a mão.

Era tão tarde que Nekludov adiou para o dia imediato a continuação da sua peregrinação, e regressou para casa da sua tia.

IV

Eram sete horas e meia da tarde quando Nekludov se sentou à mesa de jantar da condessa Catarina Ivanovna, onde também tomaram lugar o conde, a condessa, seu filho oficial das guardas, criatura desagradável e impertinente que comia com os cotovelos encostados à mesa, uma dama de companhia e o intendente do conde.

O jantar foi servido como Nekludov até então não vira em parte alguma.

Os lacaios conduziam as iguarias, colocavam-nas na mesa e retiravam-se, deixando os convivas servirem-se por si mesmos. Os homens serviam as senhoras, como de direito lhes pertencia e enchiam-lhes os copos. Terminado um serviço, a condessa premia o botão de uma campainha elétrica e os lacaios, sem ruído e com toda a rapidez, mudavam os talheres e conduziam o prato seguinte. Todo o jantar era primoroso e os vinhos finíssimos.

O assunto da conversa foi ainda fornecido pela morte do jovem Kamensky. Eram todos unânimes em desculpar Posen, que defendera a honra do regimento. Apenas a condessa Catarina, com a sua habitual, descuidosa e irrefletida maneira de falar, era severa para com o assassino.

— Desculpar gente que se embriaga e que assassina companheiros na primavera da vida! Nunca! Nunca tal me ouvirão — asseverou ela.

— Não compreendo o que quer dizer! — disse o conde.

— Bem sei que nunca me compreende! — respondeu a condessa. — Todos me compreendem com exceção de meu marido — continuou ela dirigindo-se a Nekludov. — O que digo é que

lastimo a mãe daquele que mataram e que não admito que as consequências para o assassino sejam prémios e incitamentos.

O filho dos condes, que até então estivera calado, interveio para tomar a defesa de Posen. Com bastante grosseria criticou as palavras de sua mãe, procurando provar-lhe que qualquer oficial teria de proceder como procedera Posen, insistindo em afirmar que se Posen não tivesse assim procedido, o conselho de oficialidade tê-lo-ia expulsado do regimento.

Nekludov escutava os argumentos sem tomar parte na discussão. Como antigo oficial compreendia as afirmações do jovem Tcharsky e achava-as naturais, sem ousar confessá-lo.

Assaltava-o a recordação de um prisioneiro, rapaz ainda novo, que vira na prisão, condenado a trabalhos forçados por ter assassinado um companheiro em seguida a uma questão. E, involuntariamente, não podia fugir à comparação.

Em qualquer dos casos a causa originária do crime fora a embriaguez. O mujique assassinara num momento de irritação e para castigo tinha sido separado da mulher e dos filhos, trazia grilhões nos tornozelos e o cabelo meio rapado, enquanto esperava que o enviassem, para os trabalhos forçados: o oficial, que em condições análogas cometera exatamente o mesmo crime, estava metido num belo quarto, comia bons bocados, bebia belos vinhos, lia os livros que lhe apetecia e brevemente seria posto em liberdade, recomeçando a vida anterior, onde encontraria ainda mais atenções que no passado.

Nekludov não resistiu à tentação de dizer aquilo que pensava, apoiado ao princípio pela condessa Catarina; pouco depois ela

abandonava-o, calando-se, e Nekludov teve a impressão de que, exprimindo-se como o fizera, cometera uma inconveniência.

Terminado o jantar, os convivas passaram para o salão grande, que fora arranjado e disposto como uma sala de escola, com bancos e cadeiras, postos em filas; numa das extremidades da sala havia um pequeno estrado com uma mesa e cadeiras de encosto, destinada ao conferente.

Chegavam já numerosos convidados encantados de poderem ouvir o famoso Kiesewetter. Na rua as equipagens sumptuosas cruzavam-se em frente da casa e senhoras vestindo sedas, veludos e rendas, com penteados altos e cinturas artificialmente adelgaçadas, entravam para o salão ricamente ornamentado. Acompanhavam-nas alguns homens com ou sem uniforme, mas sempre de grande *toilette*; Nekludov notou com espanto entre esta brilhante assistência, a presença de cinco homens do povo: dois criados, um lojista, um operário e um cocheiro.

Kiesewetter era um homenzinho rechonchudo e de cabelo grisalho que, mal subiu ao estrado, começou a discursar. Falava em alemão, e uma rapariga magra de Iorgnon assestado, ia traduzindo para russo, com muita facilidade.

Dizia que os nossos pecados são tão grandes e que o castigo é tão grande e inevitável que é impossível viver tranquilo, aguardando tal punição.

«Amadas irmãs e irmãos, pensemos um momento em nós e na nossa vida, na maneira como procedemos, na maneira como irritamos a cólera de Deus e aumentamos os sofrimentos de Cristo; compreenderemos que não há perdão possível, nem saída, nem salvação e que estamos infalivelmente perdidos. Uma terrível

punição nos espera: os tormentos eternos! — dizia com lágrimas na voz. — Como e onde procuraremos a salvação, irmãos? Como escaparemos a esse incêndio terrível? Já rodeia toda a casa e não há saída possível!»

Calou-se, enquanto verdadeiras lágrimas lhe deslizavam pelo rosto. Havia oito anos, todas as vezes que chegava àquele ponto do discurso, de todos o que mais lhe agradava, experimentava involuntariamente uma contração na garganta e as lágrimas corriam-lhe pelas faces.

No salão ouviram-se soluços. A condessa Catarina, com a cabeça apoiada nas mãos e os cotovelos na mesa, deixava ver os ombros decotados, estremecerem agitadoamente. O cocheiro fitava o conferente com receio e surpresa, como se estivesse em riscos de o atropelar com os cavalos, se o orador não se retirasse. A filha de Wolff, vestida com requintado luxo, ajoelhou-se escondendo o rosto com as mãos.

O orador, de repente, ergueu a cabeça e nos lábios apareceu-lhe um sorriso semelhante ao que os atores empregam para manifestar alegria. Com voz humilde e branda continuou:

«Mas a salvação existe. Existe e está ao nosso alcance, certa, alegre e fácil. Essa salvação consiste no sangue do Filho de Deus derramado por nós. O seu martírio e o sangue derramado salvam-nos da perdição. Irmãos, agradeçamos a Deus que se dignou sacrificar o seu filho único para redimir a humanidade! O seu sangue três vezes abençoado...»

Enquanto durou este discurso o mal-estar de Nekludov tornou-se intolerável; aproveitando-se da emoção geral, saiu na ponta dos pés e retirou-se para os seus aposentos.

Capítulo 4

I

No dia seguinte de manhã, Nekludov tinha acabado de vestir-se quando o criado lhe trouxe o bilhete de visita de Fainitzin, que partira, mal recebera o seu telegrama. O advogado tratou logo de saber os nomes dos senadores que iam examinar o agravo.

— Dir-se-ia que foram escolhidos a dedo para representarem as diferentes espécies de senador! — exclamou. — Wolff é o tipo do funcionário petersburguês; Skovorodnikov é um homem de leis profundo e Bé é um homem de leis prático. É com este que podemos contar mais. E a comissão dos perdões?

— Ia agora mesmo para casa do barão Vorobiev, pois não consegui ser recebido ontem.

— Sabe porque Vorobiev foi feito *barão*? — perguntou o advogado, que notou a entoação irónica com que Nekludov pronunciara o estrangeiro título de *barão*, reunido a um nome de família tão profundamente russo. — Foi o imperador Paulo que agraciou com esse título o avô do atual, moço fidalgo no paço que lhe prestara alguns favores íntimos, não ousando conferir-lhe um título russo, o que levantaria clamores. Foi assim que tivemos os barões Vorobiev! E que orgulho que ele tem no título! É um trampolineiro que não tem rival. Tenho à minha espera um carro; quer aproveitar-se?

No vestíbulo o guarda-portão entregou a Nekludov uma carta que um laçao trouxera. Era Marieta que escrevia.

Pour vous faire plaisir, j'ai agi tout à fait contre mes principes et j'ai intercédé auprès de mon mari pour votre protégée. Il se trouve que cette personne peut être relâchée immédiatement. Mon mari a écrit au commandant. Venez donc maintenant me faire une visite désintéressé, je vous attends.

M.

— É então possível! — exclamou Nekludov. — Há sete meses que esta desgraçada está encerrada no segredo e só agora é que descobrem que é inocente?! E bastou uma palavra para lhe restituir a liberdade!

— Não tem de que se admirar! — disse o advogado sorrindo. — Regozije-se antes por ter já conseguido ganhar esta causa!

— É impossível! É um sucesso que me enche de amargura! Como é possível que seja assim a realidade? Porque é que a conservaram então na prisão?

— Não procure profundar o íntimo dessas coisas porque apenas lhe resultará sofrimento.

Desta vez o barão Vorobiev recebia-o. Na sala para onde Nekludov entrou estava um empregado, rapaz novo vestindo uniforme de onde lhe saía o pescoço de excessivo comprimento, ornado de uma saliente maçã de Adão.

— V. Exa. chama-se...? — disse ele, dirigindo-se a Nekludov. Nekludov declinou o seu nome.

— Sua Exa. acaba de me dar ordens a seu respeito. Será recebido imediatamente.

O empregado entrou na sala junta, para sair pouco depois acompanhando uma velha senhora, toda vestida de preto e que chorava copiosamente.

— Queira entrar — disse o empregado a Nekludov apontando para a porta do gabinete do barão.

Nekludov entrou e viu na sua frente um homem de estatura regular, magro, musculoso, usando o cabelo branco cortado muito rente. Sentara-se numa cadeira em frente da secretária, olhando diante de si alegremente. Um sorriso benevolente desenhou-se-lhe nas feições avermelhadas, quando viu Nekludov.

— Encantado de o ver! Sou íntimo amigo de sua mãe, e conheci-o pequenino e mais tarde oficial. Sente-se e diga-me em que posso servi-lo.

Nekludov contou-lhe a história de Fedósia.

— Está bem. Já entendi. É comovente. Traz memorial?

— Sim, aqui está — respondeu Nekludov, tirando do bolso a petição. — Quis primeiro falar-lhe para lhe pedir a sua especial atenção para este caso.

— E fez muito bem! Certamente serei eu o relator. A história é comovente! — continuou o barão com alegre expressão no rosto. — Entendo bem o caso. A desgraçada era uma criança a quem o marido fez desvairar com as suas grosserias; mais tarde ambos se arrependeram e enamoraram-se. Sim, serei eu o relator do caso.

— O conde Ivan Mikailovitch prometeu-me que pela sua parte pediria...

Mal Nekludov pronunciara estas palavras, já a expressão do rosto do barão se alterava por completo.

— O melhor — disse ele friamente a Nekludov — é entregar a petição.

Nekludov saiu e dirigiu-se à secretária a fim de entregar a petição.

Exatamente como no senado, notou uma quantidade extraordinária de funcionários, empregados e guardas, todos muito limpos, delicados, corretos e distintos no porte e na fala.

«Mas que quantidade! E que aparência de bem alimentados e bem cuidados! E que botas tão luzidias! Sim, ou este conforto ou o dos prisioneiros e dos mujiques!» E, involuntariamente, eram estes os pensamentos que agitavam o espírito de Nekludov.

II

O homem nas mãos de quem estava colocada a sorte dos prisioneiros encerrados na fortaleza, era um velho general com uma larga folha de brilhantes serviços, mas que se dizia ser algo estúpido; possuía uma inumerável quantidade de condecorações, de que nunca se dignava usar as insígnias, excetuando a Cruz Branca que usava dependurada na lapela. Fora-lhe concedida como recompensa de ter obrigado os jovens aldeões russos que serviam sob as suas ordens no Cáucaso, a matar milhares de naturais do país, que defendiam a sua liberdade, os seus lares e as suas famílias. Na Polónia, onde exercera em seguida a sua atividade,

novamente obrigara os aldeões a cometer os mesmos atos, o que lhe acarretara novas honrarias e por fim, em qualquer outro governo, distinguira-se da mesma maneira.

Hoje, velho e cansado, desempenhava o cargo de inspetor da fortaleza, cujos deveres e obrigações cumpria com inflexível rigor, considerando-os como tudo o que havia de mais sagrado no mundo.

Estes deveres e obrigações consistiam em conservar nas sombrias células dos *segredos* os presos políticos de ambos os sexos, de modo que metade morresse infalivelmente no prazo de dez anos; uns enlouqueciam, outros morriam tísicos e o maior número suicidava-se não tomando alimentos, cortando as veias com bocados de vidros ou enforcando-se nas grades das janelas.

O velho general sabia isto perfeitamente, pois tudo se desenrolava sob os seus olhares, mas nenhum destes acidentes o comovia mais do que aqueles produzidos por uma faísca ou por uma inundação. A única coisa que o interessava era obedecer cegamente às ordens vindas «de cima», isto é, ao regulamento. Tudo o que havia de mais essencial era cumprir o regulamento, sem ligar importância às consequências resultantes.

O regulamento mandava que, uma vez por semana, o general corresse todas as células inquirindo dos detidos se tinham a apresentar algum requerimento; todas as semanas pois, o general cumpria com o regulamento e os prisioneiros muitas vezes formulavam os seus pedidos; o general escutava-os atentamente, não respondia e não se importava com esses pedidos, porque antecipadamente sabia que iam de encontro ao regulamento.

Quando Nekludov chegou a casa do velho general, o carrilhão de uma igreja próxima lançou aos ares as notas do «Senhor como és

grande» e era seguida bateu duas horas.

Nekludov recordou-se do que lera nas notas de um Dezembrista, sobre a impressão causada no coração dos prisioneiros por esta suave música, repetida todas as horas.

O general estava numa pequena sala onde reinava quase que obscuridade completa, em virtude de todas as janelas terem os cortinados fechados.

Sentava-se, acompanhado por um jovem pintor, irmão de um dos seus subordinados, em frente de uma pequena mesa de um só pé, que tentavam fazer girar, e na superfície da mesa os dedos esguios e delicados do artista, misturavam-se com os espessos, engelhados e ossificados dedos do general. A mesa respondia a uma pergunta feita pelo general, que desejava saber se depois da morte, as almas se reconheciam.

Naquela ocasião falava, por intermédio da mesa, a alma de Joana d'Arc.

Já dissera: «As almas reconhecem-se» e começara a ditar a palavra seguinte, quando de repente estacara. Estacara tendo apenas ditado as primeiras letras, um *p* um *o* um *s*, e isto porque o general queria que a letra seguinte fosse um *l* enquanto o artista queria que fosse um *v*. O general queria que Joana d'Arc dissesse que as «almas reconheciam-se *depois (posl)* da sua purificação»; o artista queria obrigar Joana d'Arc a dizer que as almas reconheciam-se *pela luz (po svitu)* que derramavam.

O general franzindo as espessas e brancas sobranceiras, fitava as mãos aborrecida e fixamente, enquanto esperava que a mesa indicasse o *l*; o pintor, com o rosto voltado para um canto da sala, agitava os lábios, pronunciando a letra *v*. Foi neste momento que o

soldado que servia de criado, entregou ao velho general o bilhete de visita de Nekludov. O general, pouco satisfeito com a interrupção, franziu ainda mais as sobrancelhas e em seguida a um momento de silêncio, pôs a luneta, leu o bilhete conservando o braço muito estendido, ergueu-se custosamente e friccionou lentamente os rins e as pernas.

— Manda entrar para o meu gabinete.

— V. Exa. não se inquiete! Terminarei sozinho! — disse o artista. — Sinto que o fluido torna a vir!

— Então termine só! — respondeu o general severamente; e, arrastando as pernas trôpegas, entrou no gabinete.

— Muito prazer em o ver! — disse para Nekludov, apontando-lhe para uma cadeira junto da secretária. — Há muito que está em S. Petersburgo?

Nekludov respondeu que chegara havia pouco.

— E sua mãe a princesa está bem?

— Minha morreu, excelência!

— Desculpe-me. Sinto-o imenso. Sabe que fui camarada de seu pai? Fomos amigos, irmãos! Está também no exército?

— Não, já não.

O general acenou com a cabeça desaprovadamente.

— Tenho a fazer-lhe um pedido, general — disse Nekludov.

— Ah! Sim? Então era que posso servi-lo?

— Se o considerar deslocado, peço-lhe que me desculpe. Sou porém obrigado a fazer-lho.

— O que é então que deseja?

— Entre os prisioneiros que lhe estão confiados há um tal Gomkevitch cuja mãe pede autorização para o ver, e se for

impossível pede, ao menos, autorização para lhe mandar alguns livros.

O general ouviu o pedido sem manifestar satisfação ou descontentamento: limitou-se a inclinar a cabeça e ficou em atitude de quem refletia. Na realidade não refletia absolutamente em nada, como nenhum interesse ligava às palavras de Nekludov sabendo antecipadamente que o regulamento o proibia. Escutava-o por simples deferência.

— Nada posso fazer, porque são pontos fora das minhas atribuições — respondeu. — As visitas são permitidas apenas por decreto imperial, e quanto a livros, os prisioneiros têm autorização para se utilizarem da biblioteca que aqui existe.

— Gomkevitch desejava consultar apenas obras científicas, para estudo.

— Não creia em tal; não é para estudo, é para perturbação, é o que é!

— Estes desgraçados, contudo, devem desejar ocupar-se em qualquer coisa — disse Nekludov.

— Estão sempre a queixar-se; nós já os conhecemos bem! — respondeu o general, falando deles como de uma raça humana especial. — A verdade é que eles disfrutam aqui comodidades que baldadamente se procurariam noutra prisão! — continuou o general, principiando a descrever detalhadamente, as «comodidades». Quem o ouvisse julgaria que os presos estavam encerrados na fortaleza, a fim de ali passarem agradavelmente uma temporada. — Outrora é verdade que eram tratados rigorosamente; hoje é impossível trata-los melhor. Ao jantar têm três pratos, um dos quais de carne:

costeletas ou picados, e aos domingos um prato de doce. Prouvera a Deus que todos os russos se alimentassem como eles!

Como todos os velhos, o general encetando um assunto não o largava até o ter bem esgotado.

— Quanto a livros — continuou — não lhes faltam obras religiosas e jornais antigos. A nossa biblioteca é excelente! A princípio pareceram interessar-se, mas ultimamente os livros ficavam por abrir. Fiz experiências pondo pedacinhos de papel entre as folhas, que voltavam na mesma! Também lhes é permitido escrever. Fornecemos-lhes lousas, nas quais podem divertir-se escrevendo, apagando e tornando a escrever! Mas isto também lhes não agrada. Em começo todos procuram «ocupar-se», depois principiam a engordar e tornam-se indolentes.

E o general falava sem suspeitar a terrível significação das suas palavras.

Nekludov escutava a sua voz enrouquecida, examinava-lhe os membros flácidos, as pálpebras tumefactas, quase a desaparecerem sob as espessas sobranceiras, o crânio desprovido de cabelo e o recém-barbeado e espapaçado queixo, sustido pelo colar do uniforme, no qual brilhava a pequena Cruz Branca, e compreendia a inutilidade de qualquer tentativa de explicação com tal homem.

Ergueu-se ocultando com custo o misto de repulsão e piedade que aquele medonho velho lhe inspirava.

Este, julgou oportuno dar alguns conselhos ao filho do seu antigo camarada:

— Adeus, meu rapaz! — disse. — Não me queiras mal pelo que te vou dizer, que é unicamente por amizade; deixa-te de cuidar dos negócios desta gente! Não creias que há entre eles inocentes!

Todos, nota bem, todos são uns miseráveis! Eu conheço-os bem e sei quem eles são. Retoma o serviço; volta para o exército, é o melhor que tens a fazer. O imperador e a pátria necessitam homens de talento e de valor. Pensa por um momento o que aconteceria, se eu e os mais recusássemos servir!

Nekludov suspirou, curvou-se e apertando a ossuda mão do general, saiu da sala.

O general quando ficou só esfregou os rins e arrastou-se de novo para o gabinete, onde durante a sua ausência o artista escrevera a resposta ditada pelo espírito de Joana d'Arc.

O general pôs a luneta e leu: «reconhecer-se-ão pela luz que emanará do seu corpo astral».

— Ah! — exclamou o general, piscando os olhos com satisfação. — Mas, como saber se essa luz é a mesma para todos? — perguntou; e cruzando de novo os dedos com os do artista, instalou-se junto da pequena mesa.

Ao sair Nekludov chamou pelo cocheiro.

— Oh, quanto me aborreci! — disse este. — Estive para me safar sem o esperar!

— Sim, todos aqui se aborrecem! — respondeu Nekludov. E sentando-se na carruagem procurou distrair-se observando as nuvens que corriam pelo firmamento e a água faiscante do Neva cruzando por chalupas e vapores.

III

Era no dia seguinte, quarta-feira, que devia ser examinado o caso da Maslova. Nekludov chegou cedo ao senado, e diante da entrada encontrou-se com o advogado, que chegava também na ocasião. Subiram juntos pela enorme e imponente escadaria até ao segundo andar, e depois de guardarem numa sala bem conhecida por ter no alto da entrada a data da introdução do código, os agasalhos e as bengalas, inquiriram de um guarda se já tinham chegado os senadores. Sim, todos tinham já chegado e o último entrara pouco antes deles.

Fainitzin, que vestia casaca e gravata branca, conduziu Nekludov para uma sala próxima com as paredes guarnecidas por armários de um formato extravagante. Na sala estava um velho de aspeto patriarcal, com compridos cabelos brancos; dois criados tiravam-lhe os agasalhos e, respeitosamente, ajudavam-no a dirigir-se para um dos armários onde Nekludov o viu desaparecer.

Fainitzin correra a falar com um colega que vestia igualmente casaca, e Nekludov pôde examinar com vagar as restantes pessoas que se achavam na sala.

Seriam ao todo uns quinze homens e duas senhoras, uma das quais nova e usando lorgnon e a outra já de meia idade. Nesse dia devia julgar-se também um processo de difamação pela imprensa, o que atraía o público, que ordinariamente não se incomodava em assistir às sessões de exame de recursos.

O meirinho, homenzarrão rubicundo vestindo um aparatoso uniforme, aproximou-se de Fainitzin, perguntando-lhe qual o recurso que ele ia defender. Enquanto anotava num papel a resposta do advogado, abriu-se a porta do armário e Nekludov via sair o patriarcal ancião, não vestido como entrara, roas sim com um

uniforme furta-cores, que lhe dava o aspeto de um pássaro gigantesco.

Este extravagante disfarce constrangia-o tão visivelmente, que deu-se pressa em sair da sala, quase que correndo.

— É Bé, um respeitável cavalheiro! — informou o advogado a Nekludov, tornando a aproximar-se. E principiou a explicar o recurso que ia ser examinado.

Não demorou muito tempo a abertura da audiência, e Nekludov com a demais gente entrou para a sala, mais pequena e mais simplesmente adornada que a da primeira instância, mas de igual disposição. Havia a mesma separação entre o público e os juízes, os mesmos quadros nas paredes e as mesmas mesas para os juízes. Quando o meirinho bradou: «O Tribunal!» ergueu-se toda a gente para saudar os senadores, enquanto eles, de grande uniforme, se sentavam, procurando dar ao rosto aparência de gravidade e respeito.

O tribunal compunha-se de quatro senadores: Nikitine, que fazia de presidente, homem alto, glabro, e de olhar seco como o aço; Wolff, barbeado de fresco e fazendo gala nas suas belas mãos muito brancas; Skovorodnikov, um gordo velhinho, de andar muito pesado e com as feições marcadas pela varíola; e por fim, Bé, o respeitável ancião. Atrás deles subiram para o estrado o escrivão e o agente do Ministério Público, homem novo, magro, seco, pálido e profunda expressão de tristeza no olhar. Apesar do desnorteante uniforme que vestia, Nekludov reconheceu-o como um dos seus melhores amigos da Universidade.

— Chamar-se-á Sélenine o delegado do procurador régio? — perguntou Nekludov ao advogado, que se sentara junto dele, nas

bancadas do público.

— Sim, assim é.

— Conhece-o muito; tem altos merecimentos.

— Como delegado soube tornar-se notável pela sua influência e atividade. Dirija-se a ele! — disse o advogado.

— Para quê? Sei que procederá segundo os ditames da sua consciência — respondeu Nekludov, recordando-se das eminentes qualidades do que fora seu íntimo amigo: honra, probidade, piedade e nobreza, no que esta palavra exprime de melhor.

— Sim, seria já tarde, agora — respondeu Fainitzin. E começou a seguir atentamente a discussão do caso.

Nekludov procurou também interessar-se, tentando compreender o que se passava na sua frente. Mas, era-lhe impossível compreender, porque também aqui a discussão não abraçava o fundo da questão, limitando-se a incidir nos factos acessórios. O processo fora motivado pela publicação de um artigo num jornal, em que denunciavam as escroquérias do diretor de uma companhia qualquer.

Para fazer justiça parece que o essencial seria indagar se efetivamente esse diretor roubara ou não os acionistas, e caso afirmativo procurar o meio de terminar com os roubos. Durante a discussão, porém, nem sequer uma palavra foi dita sobre este assunto e apenas se debateu a questão de saber se o diretor do jornal tinha ou não o direito de publicar o artigo, de acordo com um tal parágrafo do código, e na negativa, se cometera uma difamação ou calúnia, ou calúnia ou difamação.

Duas coisas contudo, chocaram profundamente Nekludov: a primeira foi observar que, contrariamente ao que Wolff lhe

asseverara, o Senado não se ocupava só de erradas interpretações da lei, mas até calorosamente procurava argumentos para poder anular a condenação do diretor do jornal, e a segunda foi notar que Sélenine, de temperamento frio e inclinações moderadas, se animava extraordinariamente, sustentando opiniões opostas.

Nekludov julgou descobrir no ardor da discussão uma tal hostilidade da parte do delegado para com Wolff, que a certa réplica de Sélenine corou, estremeceu e acabou por calar-se.

A explicação do incidente teve-a mais tarde Nekludov, quando soube que Wolff jantara dias antes do julgamento em casa do diretor de tal companhia, de que Sélenine fora informado.

Evidentemente o discurso de Sélenine ofendera Wolff que, juntamente com os outros senadores, levantou-se da cadeira e encaminhou-se para o gabinete das deliberações.

Momentos depois o meirinho informava Fainitzin que o agravo da Maslova ia ser examinado dentro em pouco.

IV

Logo que os quatro senadores se encerraram na sala das deliberações, Wolff principiou a expor com ardor, quais os motivos que imperavam para que a sentença fosse anulada.

Nikitine o presidente, homem pouco benevolente, estava mal disposto nesse dia. Enquanto se discutira o processo na audiência, arquitetara a sua opinião e agora não atentava em Wolff, todo entregue aos seus pensamentos. Relembra as palavras que na

véspera escrevera nas suas memórias e que narravam como fora Velianov e não ele, o nomeado para o lugar que tanto tempo ambicionara. Nikitine estava profundamente convencido de que a opinião que formavam dos altos funcionários do seu tempo, constituíra um documento importantíssimo para o futuro historiador.

No capítulo que escrevera na véspera, apreciava com extrema severidade a conduta de alguns desses altos funcionários, que segundo a sua expressão, o tinham impedido de salvar a Rússia da ruína, o que simplesmente queria dizer que o tinham impedido de receber um mais elevado ordenado: perguntava a si mesmo, agora, se teria explicado tudo claramente, para que a posteridade pudesse ter, um fiel informador.

— Evidente, evidente! — respondia, quando Wolff se lhe dirigia; o que era evidente é que não ouvia palavra do que se dizia.

Bé também não prestava atenção ao que dizia Wolff. Com aspeto concentrado desenhava num papel que tinha na sua frente diversos brasões. Bé era um liberal da antiga escola: conservava-se fiel às tradições de 1860 e só as opiniões políticas tinham influência para o desviar da sua imparcialidade. Era o que agora acontecia; considerando a perseguição de um jornalista como antiliberal e não vendo em todo o processo mais do que um ataque contra a liberdade de imprensa, sentia-se inclinado a votar contra a apelação. Quando Wolff acabou de falar, Bé, em voz clara, concisamente expôs o seu modo de ver, deixando transparecer um leve tom de enfado, por ser obrigado a demonstrar o que lhe parecia tão evidente, e finalizando, recomeçou a desenhar brasões.

Skovorodnikov, sentado em frente de Wolff, entretivera-se todo este tempo a empurrar a barba e o bigode para dentro da boca, e só

cessou para declarar em voz alta e áspera que o processo fora conduzido segundo a lei e que não havia motivo para que a sentença fosse revogada.

O presidente foi da mesma opinião e a sentença confirmou-se.

Wolff ficou furioso e muito mais depois de perceber por certas alusões da parte dos colegas, que estes suspeitavam que o seu desinteresse não era completo.

Não querendo deixar de parecer sempre o homem *comme il faut*, ocultou maravilhosamente o seu mau humor e pegando no outro processo abriu-o e principiou a ler alguns autos do caso da Maslova.

Os seus três colegas chamaram e pediram chá, entabulando-se logo uma animada conversa sobre o assunto que prendia todas as atenções em S. Petersburgo, juntamente com o caso do duelo. Um alto funcionário, chefe de uma repartição de um ministério, fora preso como implicado num atentado contra o pudor, horrivelmente monstruoso.

— É inacreditável! — disse Bé, parecendo enojado.

— Parece-lhe? — perguntou Skovorodnikov, humedecendo com a língua o papel de um cigarro que tinha feito. — Pois posso mostrar-lhe um livro de um autor alemão de nomeada onde se defendem e pedem coisas mais monstruosas!

— Ora adeus! — disse Bê.

— Trar-lho-ei para a próxima sessão! — respondeu Skovorodnikov, citando sem hesitação frases do livro, título, data e cidade onde tinha sido publicado.

— Diz-se que o nosso herói vai ser nomeado governador não sei de que província da Sibéria! — disse Nikitine.

— Bravo! É completo! Estou a ver o bispo sair-lhe ao encontro na receção, com todo o clero!

Skovorodnikov tragou sofregamente umas fumaças e recomeçou a mascar a barba.

Foi nesta ocasião que o meirinho entrou na sala e participou aos senadores que o advogado Fainitzin defenderia o agravo da Maslova.

— É um verdadeiro romance este processo! — disse Wolff; e contou aos colegas tudo o que sabia das relações de Nekludov com a Maslova.

O chá e os cigarros estavam a acabar e os senadores teriam preferido discutir o caso entre si, na sala das deliberações, se não fora o pedido de Fainitzin.

Assim, apesar da pressa que tinham em retirar-se, resignaram-se a voltar para a sala das audiências.

Wolff relatou os fundamentos do agravo, deixando perceber visível parcialidade e manifesto desejo que a sentença fosse revogada.

— Tem a acrescentar mais alguma coisa? — perguntou o presidente a Fainitzin.

Este levantou-se e puxando pelo deslumbrante peitilho da camisa, principiou a provar minuciosamente e com maravilhosa exatidão e clareza que no decorrer dos debates transatos, a lei tinha sido infringida em seis pontos; rapidamente, depois, examinou o processo, demonstrando a incoerência e a injustiça da sentença da primeira instância.

Quando findou, a anulação da sentença parecia inevitável. Nekludov alimentara ainda mais essa esperança quando, a meio do

discurso, o advogado lhe sorria animadamente. A seguir, porém, olhara para os senadores e isto bastou para que compreendesse que Fainitzin era o único que parecia encantado.

Os senadores e o delegado do Procurador Régio não só não sorrindo nem pareciam encantados, mas pareciam dizer ao advogado: «Fala, fala que perdes o teu tempo; estamos fartos de ouvir outros como tu!»

Quando Fainitzin terminou, o presidente concedeu a palavra ao delegado; este limitou-se a declarar, em poucas palavras, que os fundamentos para o agravo não eram bastantes e que a sentença devia ser mantida; depois disto os senadores levantaram-se e entraram de novo na sala das deliberações.

O debate estabeleceu-se, com opiniões diversas. Wolff insistia pela anulação; Bê, o único que compreendera todo o assunto, insistia pela mesma anulação, descrevendo aos colegas um quadro real da pouca compreensibilidade dos jurados e do descuido dos magistrados. Nikitine, ardente partidário da estrita legalidade opunha-se à anulação; restava o voto de Skovorodnikov que se opôs à revisão porque não compreendia a resolução de Nekludov e porque lhe repugnava a ideia que ele se casasse com a Maslova.

Skovorodnikov era um materialista, darwinista; toda a manifestação do dever ou, o que era pior, de sentimento religioso, parecia-lhe um revoltante absurdo e uma injúria pessoal. Toda esta história da prostituta e a presença do advogado no Tribunal irritaram-no ainda mais.

Continuando a meter a barba para a boca asseverou não querer saber de mais nada do que a legalidade do processo e que contra ela não havia razões para apelação.

Assim, pois, o agravo da Maslova foi rejeitado.

V

— É horrível! — exclamou Nekludov dirigindo-se ao advogado, logo em seguida à leitura do acórdão. — E confirmam a sentença sob o pretexto de que não há irregularidades no processo, quando é evidente que se trata de uma condenação injusta!

— Era um caso assente! — respondeu o advogado.

— E Sélenine também em oposição! É horroroso! — repetiu Nekludov. — E agora, que fazer?

— Apelar já para Sua Majestade. Vou redigir o requerimento para o apresentar, enquanto está em S. Petersburgo.

Neste momento Wolff, com o peito cravejado de condecorações, saiu do gabinete e dirigiu-se a Nekludov.

— Ninguém me ajudou, príncipe; nada pude fazer. Os fundamentos para apelação não foram julgados bastantes — disse, encolhendo os ombros. E afastou-se para entrar num dos armários que serviam de guarda roupa.

Atrás de Wolff saiu Sélenine: sabendo pelos senadores que Nekludov estava no tribunal, reconheceu-o mal o viu.

— Estava longe de te encontrar aqui! — disse-lhe sorrindo com os lábios, pois os olhos apenas exprimiam tristeza.

— Não sabia que eras Procurador Régio.

— Delegado — refletiu Sélenine. — E tu que fazes por cá?

— Vim ver se conseguia justiça e piedade para uma desgraçada, condenada inocentemente.

— Quem é?

— Aquela cuja sentença acaba de confirmar.

— Ah! a Maslova! Mas a apelação não tinha fundamento!

— Não se trata da apelação mas sim dela, que está inocente e contudo castigada!

Sélenine suspirou.

— Sim é possível, mas...

— Não é só possível, é real!

— Como é que o sabes?

— Fiz parte do júri que a condenou. Sei que errámos quando respondemos aos quesitos.

Sélenine refletiu um momento.

— Devias ter apontado o erro imediatamente — retorquiui.

— Assim fiz.

— E concluir essa declaração nos autos. Haveria assim um motivo para apelar.

— Mas pela simples análise do processo via-se bem que a resposta do júri era incoerente — disse Nekludov.

— O Senado, porém, não pode ocupar-se dessas análises. Bastava que o Senado anulasse uma sentença em nome do seu modo de compreender a justiça, para que as decisões do júri perdessem logo a sua significação e para que as injustiças comesçassem a pulular — respondeu Sélenine, recordando-se de Wolff e do processo que primeiro entrara em julgamento.

— O que unicamente sei é que ela está inocente e que a última esperança que lhe restava de fugir a um castigo monstruoso e

imerecido acaba de desaparecer. A justiça suprema confirmou a maior injustiça.

— Não é assim, não confirmou, pois de tal não se ocupou! — insistiu Sélenine com ligeira impaciência na voz. — Estás alojado em casa de tua tia? — perguntou-lhe, desejando mudar de assunto. — Sim, já ontem me havia dito que estavas cá, quando me convidou para ir à tarde ouvir uma prédica de um padre estrangeiro. Se soubesse que estavas lá teria ido.

— Estive lá mas retirei-me aborrecido.

— E porquê? Tratava-se da manifestação de um sentimento religioso, ainda que pervertido.

— Qual história! Uma completa parvoíce! — declarou Nekludov.

— Não, isso não. O curioso e lastimável é que sejamos uns completos ignorantes no que respeita ao ensino da igreja, e que consideremos como novidade o que não é mais do que exposição dos dogmas fundamentais da fé! — disse Sélenine com certo embaraço, recordando-se que noutros tempos partilhara com Nekludov ideias muito diferentes.

Nekludov fitou-o atenta e surpreendidamente. Sélenine sustentou o exame sem baixar o olhar, mas Nekludov descobriu-lhe além da expressão de tristeza, uma pontinha de malquerença.

— Acreditas então nos dogmas da Igreja? — perguntou-lhe Nekludov.

— Porque não? — replicou Sélenine, sustentando sempre o olhar inquiridor de Nekludov.

— É estranho! — disse este suspirando.

— Tornaremos a falar com vagar — disse Sélenine. — Eu vou — acrescentou, dirigindo-se a um empregado que respeitosamente o

vinha procurar. — Ver-nos-emos, não é assim? Onde poderei encontrar-te? Eu moro em Nadéjenskaia, estou em casa à hora de jantar. Ah! Quanto tempo já lá vai, desde a última vez que nos vimos! — acrescentou, apertando a mão a Nekludov antes de afastar-se.

— Sim, se puder irei ver-te! — respondeu Nekludov.

Intimamente, porém, compreendera que este homem, outrora um dos que mais estimara e adorara, não era mais do que um indiferente e que este breve encontro quase lho revelara como um inimigo.

VI

Quando Nekludov conheceu Sélenine como estudante, este era um bom filho, um amigo leal, e para a sua idade, um rapaz da sociedade, instruído, prudente, belo, elegante honrado e sincero. Tinha fácil compreensão e sem fazer sacrifícios nem ser pedante, recebera medalhas de ouro em todas as teses anuais.

Reconhecia como única atividade digna de um ser humano o ser útil à humanidade, não viu outro caminho a seguir senão entrar ao serviço do Estado.

Assim, mal concluiu o curso, examinou sistematicamente todas as carreiras em que podia empregar a sua atividade e resolveu entrar para uma das secretarias ministeriais, onde são concebidas as leis governativas.

Porém, apesar de desempenhar as funções do seu cargo com o mais escrupuloso cuidado, reconheceu que daí não lhe advinha prazer algum e que «aquilo» não era de forma alguma a realização do seu sonho: ser útil à humanidade.

E, aumentando o desânimo à medida que o contacto com os seus colegas lhe revelava assaz curtos de espírito, abandonou o ministério pela magistratura. Aqui era um pouco melhor, mas o descontentamento perseguia-o; compreendeu que tudo era diferente do que imaginara e do que deveria ser.

Uma vez no Senado, as suas relações obtiveram-lhe a nomeação de moço fidalgo no paço, o que o obrigou a andar dentro de um carruagem com uniforme bordado e avental branco, agradecendo a este e àquele por o terem colocado na posição de um laçao.

Por mais que tentasse achar uma explicação racional para a existência de tal dignidade, nunca o conseguiu e agora mais que no Senado, sentia que ainda não era «aquilo» o ser útil à humanidade.

Com receio, porém, de magoar e desgostar aqueles que imaginavam ter-lhe dado uma grande alegria e porque a sua natureza animal sentia-se lisonjeada, quando colocado em frente de um espelho ou recebendo homenagens de inferiores, não se atreveu a renunciar à sua dignidade.

Com o seu casamento deu-se um caso análogo. Um enlace dos mais brilhantes, sob o ponto de vista mundano, foi-lhe preparado e ele, receando ofender a senhora que desejava desposá-lo e aqueles que lhe tinham preparado o terreno, e além disso lisonjeado na sua vaidade pela posse de uma rapariga nova, bonita e de família distinta, casou-se.

O casamento, porém, depressa o convenceu de que exatamente como no Senado e no Paço, não era ainda «aquilo» o serviço a bem da humanidade.

Em seguida ao nascimento do primeiro filho sua mulher declarara-lhe que não queria ter mais e entregara-se à luxuosa vida mundana que ele agora, quer gostasse ou não, tinha de seguir.

Ele, ainda que não fosse de uma beleza notável, era-lhe contudo fiel, e apesar-de deixar perceber que nada lucrava na vida que levava a não ser cansaço e enfado, perseverantemente continuava a segui-lo, envenenando a existência do marido. Todos os esforços deste para alterar tal modo de viver, despedaçaram-se de encontro a uma muralha: a muralha da convicção que tudo corria no melhor dos mundos, o que parentes e amigos asseveravam, fortalecendo-lhes a crença.

A criança que nascera, de cabelos doirados e encaracolados e pernitas nuas, tornava-se um ser estranho a seu pai, porque ia sendo educada de uma maneira totalmente diversa da que ele desejava ver em prática. Rebentaram então entre marido e mulher as costumadas diligências, cuidadosamente escondidas aos estranhos e brunidas pelo decoro.

Por tudo isto a vida tornou-se para Sélenine uma pesada carga, que lhe fez compreender não ser ainda «aquilo» o serviço a bem da humanidade.

Mais do que tudo, porém a sua atitude em matéria religiosa foi-lhe causa de numerosos dissabores.

Como todos os da sua época e da sua posição, Sélenine, na idade da razão, desembaraçara-se sem esforço das malhas das

superstições religiosas em que tinha sido educado e nem sequer notou quando e como o facto se deu.

Ardente e reto como era na mocidade, nunca escondeu de Nekludov, durante o tempo da sua intimidade, o seu desprezo pela religião oficial.

Os anos deslizaram, e Sélenine começou a elevar se na hierarquia social, por esta época teve lugar a reacção conservadora e os progressos espirituais de Sélenine estacaram.

Quando morrera seu pai, Sélenine teve que assistir a todas as missas rezadas em casa «pela sua alma» e sua mãe insistiu para que se confessasse e comungasse.

A opinião pública e o serviço do Estado reclamavam a sua comparência em todas as cerimónias religiosas e raro era o dia que passasse sem que não houvesse uma dessas cerimónias que lhe reclamavam a presença. Em vão tentava acreditar em alguma coisa, durante a cerimónia; a sua retidão e amor da verdade não deixaram que se enganasse. Achava-se, pois, colocado neste dilema: ou continuar a reconhecer que todas as manifestações externas do culto eram enganadoras, e o que era simples, embora não o parecesse, alterar a sua vida neste sentido, de forma que não mais tivesse de estar presente a tais cerimónias, ou reconhecê-las como verdadeiras e renegar o passado.

A resolução que parecia mais racional e simples, foi contudo, a rejeitada.

É que, além da hostilidade contínua que teria de sofrer daqueles com quem convivia, teria de abandonar a sua posição e o serviço e sacrificar a esperança de ser útil à humanidade. Tal

sacrifício só o realizaria quando estivesse profundamente convencido de proceder retamente.

Ora Sélenine sabia convictamente que a razão estava do seu lado, como qualquer indivíduo instruído não pode deixar de o estar, logo que sabe um pouco de história e como as religiões e especialmente a cristã se originaram.

Então ele, um homem até aí reto e verdadeiro, acabrunhado pela sua vida diária, deixou que uma falsidadezinha se introduzisse no corpo das suas concepções. Fora essa falsidadezinha que o enterrara, com o hábito, na enorme mentira em que agora se debatia.

Antes de resolver a pergunta se a ortodoxia em que fora criado e educado e que todos esperavam vê-lo aceitar, sem o que não podia continuar nas suas ocupações, continha ou não a verdade, já a resolvera pela afirmativa.

Para isso, não lera Voltaire, Schopenhauer, Spencer ou Comte, mas sim as obras filosóficas de Hegel, e as religiosas de Vinet e Khomyakoff, onde naturalmente encontrara o que necessitava: tranquilidade de espírito e justificação do ensino religioso em que fora educado, que a sua razão renegara, mas sem o qual toda a sua vida se envenenava e cuja aceitação se lhe impunha, removendo o fermento perturbador do seu espírito.

Adotara então os sofismas habituais com os quais se procura provar que uma única razão humana não pode conhecer a verdade, que a verdade é apenas revelada a uma associação de homens e só por meio de revelação pode ser conhecida e que a igreja é a depositária dessa revelação, etc., etc. Esforçava-se, pois, por assistir a missas, orações, requiems, confessava-se, fazia o sinal da cruz

diante das imagens, tudo isto de espirito tranquilo, sem consciência da mentira, e continuando sempre no serviço prático, a única coisa que ainda o fazia dizer não ser de todo um inútil e que, no meio de uma inconsolável vida de família, nua de carinhos, e falha de alegrias, lhe dava algum conforto. Porém, nas profundezas da sua alma, reconhecia não ser aquela religião «aquilo» a que aspirava para bem da humanidade e por isso o seu olhar apenas refletia profunda tristeza.

O encontro com Nekludov, a quem conhecera antes que estas mentiras se houvessem enraizado na sua alma, lembrou-lhe o que então fora. E porque, desde que retomara a antiga crença religiosa, estava cada vez mais convencido que não era «aquilo» a que aspirava, sentia-se invadido por mortal tristeza.

Nekludov, que em seguida à primeira alegria de o tornar a ver prometera procurá-lo, não fez o mínimo esforço nesse sentido, de modo que, durante o resto do tempo da sua estada em S. Petersburgo, nunca mais se encontraram.

Capítulo 5

I

Nekludov e o advogado, quando saíram do Senado seguiram juntos pela rua fora, com a carruagem a acompanhá-los a distância. O advogado ia-lhe narrando a aventura do importante funcionário de quem falavam entre si os senadores, explicando-lhe porque tinha sido nomeado para o lugar de governador de uma província em vez de, segundo a lei, ser degredado.

Como na ocasião atravessassem uma praça onde existia um monumento por acabar, o advogado, com manifesto prazer, contou-lhe que esse monumento devia ser erigido por subscrição pública, mas que as elevadas personagens que a administravam, tinham embolsado o dinheiro, abandonando o monumento. A propósito de um desses cavalheiros, contou que a amante perdera somas enormes às apostas nas corridas, e que um outro vendera a mulher também por uma grande quantia. Era uma série infinda de irregularidades cometidas por elevados figurões, quando em vez de estarem engaiolados, gozavam posições vantajosas.

O advogado fazia gala na narração das historietas, cuja fonte era inesgotável, porque lhe originavam a crença que os processos por ele empregados para ganhar dinheiro eram inocentes e naturais, comparados com os que os representantes da aristocracia e do poder empregavam. A sua surpresa, pois, foi grande quando ouviu

Nekludov chamar o carro e despedir-se, sem escutar o fim de uma anedota.

Nekludov regressara a casa dominado por grandes tristezas que a decisão do Senado, confirmando a monstruosa sentença da Maslova, provocara. E mais triste ficou lembrando-se que aquela decisão tornava mais difícil a realização do projeto de ligar o seu destino ao da Maslova. Para coroar o seu desalento o advogado enchera-o com as tais histórias, que só lhe mostravam por toda a parte o triunfo do mal e involuntariamente perseguia o também o duro e malévolos olhar de Sélenine, que Nekludov conhecera sincero, afetuoso e bom.

Quando entrou em casa de sua tia, o guarda-portão entregou-lhe uma carta que uma «mulher» — e desprezivelmente pronunciou a palavra — viera trazer. Era da mãe da Choustova. Agradecia em frases comovidas ao «benfeitor» e «salvador» de sua filha, e implorava-lhe que não se ausentasse de S. Petersburgo sem a procurar. Ia nisso o interesse de Vera.

Em seguida a todas as deceções que Nekludov sofrera, durante a sua permanência em S. Petersburgo, o desalento apoderara-se dele. Os projetos que dias antes arquitetara, pareciam-lhe agora tão irrealizáveis como os sonhos de mocidade que outrora formara. Quando entrou no quarto procurou um papel na carteira para notar o que ainda tinha a fazer antes de partir; momentos depois a condessa mandava-lhe pedir, por intermédio de um criado, para descerão salão, e tomar uma chávena de chá.

Nekludov guardou os papéis e a carteira e desceu para o salão.

Por uma janela que dava para a escadaria viu à porta de casa a carruagem de Marieta; sentiu uma repentina impressão de alegria.

Apetecia-lhe ser novo e sorrir.

Marieta vestia de claro, e, sentada num *fauteuil* ao lado da condessa, com uma chávena de chá na mão, falava, o rosto iluminado pelo brilho dos ridentes olhos.

Na ocasião em que Nekludov entrava, acabava ela de contar um incidente tão cómico e tão livre — Nekludov adivinhou-o pela sua maneira de rir — que a boa da condessa Catarina Ivanovna ria de tão bom grado que o enorme corpo estremecia-lhe da cabeça aos pés, enquanto Marieta fitava-a maliciosamente, inclinando levemente de lado o rosto alegre e enérgico.

— Tu matas-me! — exclamou a condessa entre duas gargalhadas.

Nekludov cumprimentou-as e sentou-se. Marieta mal notou a expressão grave das suas feições e querendo agradar lhe — o que desejava sem saber porque, desde que o tornara a ver — transformou não só a sua expressão exterior como também a sua disposição íntima. Tornou-se séria, melancólica, descontente da vida, cheia de vagas aspirações, isto tudo sinceramente, sem hipocrisia e sem esforço.

Instintivamente adivinhou a disposição em que Nekludov se encontrava naquele momento e para lhe agradar arranjou disposição íntima em tudo semelhante.

Marieta quis saber o resultado dos trabalhos de Nekludov. Este contou-lhe como os seus esforços tinham naufragado e a propósito narrou o encontro que tivera com Sélenine.

— Ah! que excelente alma! É na verdade um *chevalier sans peur et sans reproche*, uma alma límpida! — exclamaram as duas

senhoras, empregando o epíteto de que todo o Petersburgo se servia para designar o jovem delegado.

— Soube que casou; a esposa é agradável? — perguntou Nekludov.

— A mulher? Mas é... o melhor é não criticar ninguém. Parece que não o compreende... Então ele também votou contra? — perguntou Marieta sinceramente comovida. — É horroroso! Quanto lastimo essa infeliz! — E suspirou profundamente.

Nekludov, comovido por contágio, deu-se pressa em mudar de assunto. Falou na Choustova que, graças a Marieta, fora posta em liberdade e quando depois de lhe haver agradecido ia manifestar o horror que sentia só em pensar no que a pobre rapariga e toda a família tinham sofrido durante tanto tempo, simplesmente por não terem tido, até então, ninguém que erguesse a voz a seu favor, Marieta não o deixou continuar e em termos semelhantes aos que ele ia empregar, exprimiu a sua indignação.

— Não me fale nisso — disse. — Quando meu marido me participou que a detida podia ser posta em liberdade, foi esse o pensamento que me impressionou: «Então se pode ser posta em liberdade, para que é que a conservam na prisão?» É revoltante, revoltante!

A condessa Catarina Ivanovna percebeu que Marieta coqueteava com seu sobrinho, o que muito a divertia.

— Sabes que mais? — perguntou ela a Nekludov. — Vem connosco amanhã à reunião da Aline. Temos lá Kieswetter. Não faltes também tu, Marieta — acrescentou dirigindo-se a esta.

— *Sais tu qu'il vous a remarqué* — continuou, voltando-se para Nekludov. — Disse-me que todas as ideias que me expuseste e

que eu lhe comuniquei eram, quanto si, um excelente indício e que dentro em pouco estarias no caminho do Cristo. Conto contigo amanhã à tarde! Tu, Marieta, diz-lhe que venha e que também irás!

— Mas, condessa, não tenho direitos para aconselhar Dimitri Ivanovitch — respondeu Marieta lançando um olhar a Nekludov que exprimia o estar plenamente de acordo com ele para respeitar a mania evangélica da boa e velha senhora. — Além disso bem sabe que não sou muito entusiasta por...

— Sim, sei que és diferente das demais e que pensas muito independentemente!

— Mas não! Pois se sou crente da maneira mais simples e banal! É como se fora uma aldeã ignorante! — disse sorrindo. — É porque, e aí está a dificuldade, tenho de ir amanhã ao teatro Francês!

— Ah! E a propósito, conheces a famosa... como se chama? — perguntou a condessa a Nekludov.

Marieta pronunciou o nome de uma atriz francesa muito célebre.

— Deves ir vê-la! É assombrosa!

— Então na sua opinião onde devo ir primeiro; à atriz ou ao profeta? — perguntou Nekludov sorrindo.

— Não interpretes mal as minhas palavras!

— Parece-me melhor escutar primeiro o profeta e a atriz em seguida; de outro modo, posso não confiar nas profecias! — retorquiu Nekludov.

— Não, primeiro o teatro, depois a penitência.

— Riam e zombem que nada alterará o meu sentimento. Uma coisa é Kieswetter e outra o teatro. Não há necessidade alguma,

para a nossa salvação, chorar e mostrar sempre cara compungida. Basta ter fé para que se possa gozar a vida tranquilamente.

— Mas tia, está a profetizar melhor que o melhor dos profetas!

— Quanto a mim sabe o que deve fazer? — perguntou Marieta Nekludov. Ir visitar-me amanhã, ao meu camarote.

— Receio não ter tempo.

A conversa foi interrompida pela entrada de um criado, anunciando a visita do secretário de uma associação de beneficência a que a condessa presidia.

— Oh! que homem tão aborrecido! Vou recebê-lo e voltarei para continuar a nossa conversa. Marieta, enquanto esperam, serve-lhe o chá! — E a condessa, caminhando com passo másculo, saiu da sala.

Marieta descalçou a luva mostrando uma pequena mão carregada de anéis.

— Quer que o sirva? — perguntou, pegando na chaleira de prata sob a qual ardia uma lâmpada de álcool.

O rosto exprimia-lhe gravidade e tristeza.

— Vou fazer-lhe uma confissão! — disse. — Custa-me imenso que aquelas pessoas cuja opinião e estima mais prezo sejam as que me confundam com a posição em que vivo.

E ao pronunciar aquelas palavras parecia querer chorar. Ainda que elas tivessem uma significação muito vaga, pareceram a Nekludov cheias de profundidade, fraqueza e bondade, tal império tinha sobre ele o olhar que acompanhava as palavras da fresca, linda e elegante jovem.

Nekludov não respondeu, não podendo desfitá-la.

— Imagina talvez que não compreendo o que se passa no seu íntimo? Não ignora que já sei o que lhe aconteceu. Todos o sabem. Mas ninguém o compreende e eu compreendo-o e aprovo-o!

— A verdade é que não há que admirar. Eu ainda nada fiz.

— Muito embora! Compreendo os seus sentimentos e os dela. Bom, bom, não tomarei a falar disto — disse interrompendo-se, quando viu leves traços de descontentamento nas feições de Nekludov.

— O que também compreendo — continuou ela, com o pensamento fixo de conquistar Nekludov — é que tendo visto os horrorosos sofrimentos da vida nas prisões, fosse assaltado pelo desejo de ajudar esses infelizes, vítimas do egoísmo e da indiferença dos homens. Compreendo bem o projeto de dedicar a sua vida para suavizar a desses desgraçados. De boa vontade ofereceria a minha. Cada qual, porém, tem o seu destino.

— Não está satisfeita com o seu?

— Eu!? — exclamou como que estupefacta de que pudesse haver alguém que lhe fizesse tal pergunta. — Tenho, sim, obrigação de estar satisfeita e estou-o. Mas há dentro de mim um fermento que trabalha incessante e que procuro abafar.

— Mas é o contrário que deve fazer. Só deve escutar essa voz íntima — disse Nekludov caindo na armadilha, subjugado.

Mais tarde, Nekludov recordou-se muitas vezes desta conversa com vergonha, e muitas vezes suportou a dolorosa recordação da atenção respeitosa com que Marieta o escutava, enquanto ele lhe narrava as suas visitas às prisões e as suas impressões ao contacto com os aldeões.

Quando a condessa voltou, Marieta e Nekludov conversavam como íntimos amigos, os únicos que mutuamente se compreendiam, entre a multidão indiferente e hostil.

Discorriam sobre a injustiça dos poderosos, os sofrimentos dos fracos e a miséria do povo; na realidade, porém, os olhos traduziam outra preocupação, que as palavras encobriam, «Poderás tu amar-me?», perguntavam os olhos de Marieta. «Posso, sim!» respondiam os de Nekludov.

E enquanto os lábios exprimiam nobres pensamentos, o instinto físico atraía-os mutuamente.

Marieta, antes de partir, renovou a Nekludov o oferecimento de o ajudar nos seus projetos e pediu-lhe que, sem falta lhe fizesse uma visita no teatro, no dia imediato, asseverando-lhe que desejava falar «num assunto importantíssimo.

— Quem sabe quando nos tornaremos a ver! — disse, enquanto calçava a luva na mão coberta de anéis, e suspirava. — Está combinado, não é assim?

Nekludov prometeu não faltar.

Depois de se ter deitado e apagado a luz, Nekludov permaneceu muito tempo acordado, sem poder conciliar o sono. Sempre que se recordava da Maslova, do insucesso da sua apelação, do projeto que formara em segui-la para qualquer parte, da renúncia às suas propriedades, via erguer-se na sua frente, como resposta a esses pensamentos, a fina e deliciosa silhueta de Marieta. E a ilusão subia a ponto de lhe ouvir dizer suspirando: «Quem sabe quando nos tornaremos a ver!» E a sua imagem era tão nítida e tão viva que, esboçava-lhe na escuridão um sorriso involuntário. «Farei eu

bem em ir para a Sibéria? Farei eu bem em privar-me de toda a minha riqueza?»

As respostas que lhe acudiam ao espirito, nessa clara noite de S. Petersburgo, eram vagas e confusas. Baralhavam-se as ideias no cérebro e apesar de evocar antigos sentimentos que ressuscitavam antigos pensamentos, reconhecia que ambos tinham perdido o seu antigo poder.

«Mais uma vez arquitetei sonhos impossíveis de conciliar com a realidade!», pensava. Sentindo a necessidade de responder às interrogações que se lhe formulavam em espirito, reconhecia a impossibilidade de o fazer por se achar dominado por tristeza e desânimo como há muito não sentia. De madrugada pôde enfim adormecer, com o pesado e lúgubre sono que o derribava, quando outrora sofria alguma elevada perda às cartas, em noites sucessivas passadas sem dormir.

II

Quando Nekludov acordou na madrugada seguinte, o primeiro sentimento de que teve impressão foi o de ter praticado, na véspera, uma vilania.

Reuniu e examinou todos os seus atos da véspera. Não, não praticara nenhuma vilania, mas o que aos seus olhos era ainda pior, tivera vis pensamentos. E Nekludov perguntou a si mesmo, aterrorizado, como pudera, ainda que por instantes, dar ouvidos a tais pensamentos. A resolução que tomara, por mais penosa e nova

que fosse, era a única viável, e sabia bem que regressar ao antigo modo de viver, o que bem fácil lhe seria, equivaleria à morte. As hesitações da véspera comparava-as aos movimentos de preguiça e indolência de um homem que ao despertar, se estira na cama e se aconchega bem com a roupa, sabendo que tem de levantar-se para começar os trabalhos diários.

Levantou-se apressadamente, e dirigiu-se ao bairro onde vivia a mãe de Choustova.

Um porteiro indicou-lhe onde esta habitava. Era um segundo andar, e Nekludov guiando-se pelas indicações que o porteiro lhe fornecera, atravessou uns sombrios corredores, trepou por uma escada escura e fatigante, e achou-se numa cozinha abafada onde pairava um forte cheiro de gorduras. Uma velha de mangas arregaçadas, avental atado à cinta e óculos no nariz, estava em pé junto do lume, agitando um guisado numa caçarola.

— O que é que quer? — perguntou desconfiadamente, fitando o intruso por cima dos óculos.

Mas, antes que Nekludov tivesse tempo de se dar a conhecer, o rosto da velha exprimiu uma alegria receosa.

— Oh! príncipe! — exclamou, enxugando as mãos ao avental — que vergonha, mandarem-no subir por essa escada! O nosso benfeitor! Sou a mãe dela! O nosso salvador! — continuou, tentando beijar a mão de Nekludov, que apertava entre as suas. — Atrevi-me a procurá-lo ontem. Foi minha irmã que insistiu para que assim procedesse. Minha filha está aqui. Tenha a bondade de me seguir.

E guiou Nekludov através de um pequeno e mal iluminado corredor, enquanto procurava compor os cabelos desalinados, e a desordem do vestuário.

— Minha irmã, deve conhecer? Korlinova, implicada num recente movimento político — dizia. — É uma mulher muitíssimo hábil!

E abrindo a porta da extremidade do corredor, obrigou Nekludov a entrar num pequeno quarto, onde, sentada num sofá colocado em frente de uma mesa, estava uma rapariga baixa e nutrida, vestindo blusa de cambraia branca, e cujos cabelos louros levemente encaracolados, enquadravam um rosto redondo, excessivamente pálido. Sentado na sua frente estava um rapaz com um buço nascente, usando blusa bordada nas orlas. O rapaz, sentado numa cadeira de braços, curvava-se para a frente, e falava tão animadamente que nem ele nem a rapariga notaram a entrada de Nekludov.

— Lídia! Está aqui o príncipe Nekludov que...

A rapariga pálida estremeceu nervosamente, e puxando para trás de uma orelha uma madeixa de cabelos louros, fixou medrosamente os olhos garços no recém-chegado.

— Eis então livre essa terrível revolucionária, por quem Vera intercedeu junto de mim! — disse Nekludov sorrindo e cumprimentando-a.

— Sim, afinal! — respondeu a rapariga, sorrindo também, infantilmente, e mostrando uma enfiada de dentes alvos. — Foi minha tia que pediu para o ver! Tia! — exclamou correndo para a porta.

— Vera incomodou-se muito com a sua prisão! — disse Nekludov.

— É melhor sentar-se aqui! — observou Lídia oferecendo-lhe a cadeira de palha que o rapaz abandonara. — Meu irmão! —

acrescentou, respondendo ao olhar interrogador que Nekludov lançou ao seu companheiro.

Um sorriso de bondade, semelhante ao que iluminava o rosto de sua irmã, desenhou-se lhe no rosto enquanto apertou a mão do visitante; em seguida sentou-se junto da janela onde pouco depois o foi procurar um colegial de quinze a dezasseis anos.

— Vera é amicíssima da minha tia; eu mal a conheço — disse a rapariga.

Neste momento saiu do quarto contíguo uma mulher, quarentona, rosto agradável e inteligente.

— Que bondade, príncipe, em ter vindo! — exclamou, sentando-se no sofá junto da sobrinha. — E Vera como está? Viu-a? Como suporta a sua sorte?

— Não se queixa e diz ser feliz! — respondeu Nekludov.

— Reconheço-a bem, a Vera! Que grandeza de alma! Tudo para os outros, nada para si!

— Sim, nada pediu para si; ocupou-se unicamente da sua sobrinha. Incomodava-a mais do que tudo a monstruosa injustiça dessa reclusão.

— Injustiça monstruosa, com efeito! A infeliz sofreu por mim!

— Mas não, tiazinha! — exclamou Lídia. — Ainda que não fosse por si, teria guardado aqueles papéis!

— Dá-me licença que nesse ponto saiba mais alguma coisa do que tu! — continuou a tia. — Tudo isto aconteceu — disse ela a Nekludov — por certa pessoa me pedir que lhe guardasse uns papéis; eu que na ocasião não tinha morada fixa, entreguei-os a minha sobrinha. Nessa mesma noite a polícia deu uma busca aqui,

apoderou-se dos papéis, encarcerou-a e até agora esteve detida por não querer dizer quem lhos entregara.

— E não o disse! — declarou Lídia com vivacidade, passando a mão por uma madeixa de cabelos, que não saíra fora do seu lugar.

— Eu não disse que tu o descobrisses! — asseverou a tia.

— Se Mitine foi preso não foi por minha culpa! — replicou Lídia, corando e olhando em redor inquietadoramente.

— Mas, Lydotchka, que necessidade tens de falar nisso? — disse-lhe a mãe.

— Porque não? Quero até falar! — declarou Lídia. Cessara de sorrir e, afogueada, enrolava um caracol de cabelo em volta de um dedo, continuando a lançar olhares inquietos em todas as direções. — Nunca o denunciei! — continuou. — Limitei-me a estar calada. Quando me interrogaram a respeito da tia e de Mitine não respondi e declarei-lhes que nada diria. Então o tal... Krilov...

— Krilov é um espião da polícia — esclareceu a tia, dirigindo-se a Nekludov,

— Krilov começou então a apertar-me com interrogatórios — continuou Lídia, mexendo-se e suspirando. — «Nós bem sabemos que há de falar», dizia-me. «Esteja certa que não compromete ninguém; pelo contrário, se falar, muitos que agora sofrem injustamente recuperarão a liberdade!» Eu, apesar de tudo, nada dizia. Krilov mudou então de tática. «Pois bem. Não diga nada; mas também não negue o que eu disser!» E principiou a citar nomes, Mitine entre eles. Imagine qual não foi o meu espanto quando no dia imediato soube que Mitine tinha sido preso! eu, dizia para mim, fui eu que o denunciei!» E este pensamento torturou-me tanto, tanto, que julguei enlouquecer!

— Mas provou-se que em nada contribuíste para tal prisão! — disse a tia.

— Sim, mas eu é que o não sabia. E este pensamento fixo perseguia-me: denunciei-o! Andava de um para outro lado do meu quarto e na cabeça dançava-me sempre a mesma ideia: denunciaste-o! denunciaste-o! Deitava-me e tapava a cabeça: uma voz gritava-me aos ouvidos: denunciaste Mitine! E por mais que fizesse para não ouvir, dizendo a mim mesma ser tudo imaginação não o conseguia. Era horroroso! — exclamou Lídia, cuja excitação aumentava gradualmente, enquanto continuava a enrolar e desenrolar à volta do dedo, uns poucos dos seus cabelos louros.

— Lídia, sossega! — dizia repetidas vezes a mãe, tocando-lhe no braço.

Lídia, porém, já não podia sossegar.

— E o que ainda é mais horroroso... — disse, e sem terminar a frase, suspirou, ergueu-se do sofá e correu para fora da sala, seguida pela mãe.

— Atua terrivelmente na mocidade a detenção celular! — disse a tia, acendendo um cigarro.

— Creio que não só na mocidade como também nos adultos — respondeu Nekludov.

— Não é bem assim. Muitos revolucionários verdadeiros têm-me dito que para eles a detenção representa a tranquilidade e a segurança. Esses desgraçados vivem numa agonia permanente, receosos por si, pelos outros e pela sua causa, cercados de privações e necessidades. Um dia, são presos; terminam as responsabilidades e o que têm a fazer é estenderem-se na cama e descansar sossegadamente. Conheço alguns que, quando são

filados, sentem verdadeira alegria. Com a gente moça, como Lídia, e principalmente com inocentes, o caso muda e o primeiro abalo é terrível, e o seguimento comparado com ele, é nada. A privação de liberdade, de ar e de sustento e os maus tratos, não teriam importância e suportar-se-iam facilmente se o primeiro abalo moral não fosse tão rude.

A mãe de Lídia entrou de novo e participou a Nekludov que a filha achara se incomodada e recolhera-se.

— Eis uma vida a desabrochar que esses senhores arruinaram! — disse a tia. — E quando me recordo que fui a causadora desta desgraça o meu sofrimento redobra.

— Nada está perdido por enquanto! O ar do campo restabelecê-la-á!

— O certo é que sem o seu auxílio teria sucumbido! — disse a tia dirigindo-se a Nekludov. — Com estes incidentes, porém, esquecia-me do principal motivo porque desejava vê-lo. Era para lhe pedir o obséquio de entregar esta carta a Vera. Está aberta e pode lê-la e rasgá-la caso os seus princípios não lhe permitam entregá-la.

Nekludov pegou na carta e despedindo-se, saiu.

Na rua, colou o envelope e guardou a carta na carteira para se desempenhar da incumbência da tia de Lídia Choustova.

III

Antes de deixar S. Petersburgo, Nekludov tinha ainda de tratar de um outro assunto.

Em Kouzminskoie tinham-lhe pedido que interviesse a favor de certos aldeões, adeptos de uma seita dissidente que, unicamente por lerem e comentarem os Evangelhos, tinham sido separados de suas famílias e desterrados para o Cáucaso. Nekludov prometera não descurar o caso e redigira uma petição que eles tinham assinado, e que fora enviada a um seu antigo camarada, o ajudante Bogatirev, a quem Nekludov escrevera pedindo-lhe que a fizesse chegar às mãos do Imperador.

Foi pois para casa de Bogatirev que se dirigiu e a quem encontrou almoçando. Posto que não fosse de grande estatura, Bogatirev era robustíssimo e dotado de tal força muscular que vergava uma ferradura entre as mãos; no moral era um excelente homem, leal, franco, liberal mesmo.

Estas qualidades não o impediam de viver com a corte nem de ser afeiçoado ao Imperador e sua família; vivendo na alta sociedade, procedia de tal forma que só notava a parte sã que nela existia, nunca se deixando contaminar pela parte viciosa e corrupta. Da sua boca jamais saíra uma censura a um acontecimento ou a um indivíduo. O mais das vezes calava-se; mas, quando falava, fazia-o em voz sonora e resoluta, gritando quase o que tinha a dizer. E isto era não por cálculo, mas sim por temperamento.

— Ora ainda bem que tiveste a bela ideia de vir visitar-me! Queres almoçar? Senta-te, o bife está magnífico. Principio sempre por qualquer coisa substancial, principio e termino! Ha! ha! ha! Um copo de vinho? — exclamou, apontando para uma garrafa de clarete. — Estive refletindo no teu negócio. Está certo que entregarei a Sua Majestade a tua petição, mas aconselho-te a que vás falar no assunto a Toporov, de quem tudo depende.

Quando ouviu o nome de Toporov, Nekludov fez uma careta.

— Asseguro-te que é de quem tudo depende. Ele tem de ser consultado e se tu lhe falares, talvez consigas imediatamente o que pedes.

— Irei, visto o que me dizes.

— Fazes bem. E que tal te parece S. Petersburgo?

— Principio a sentir-me hipnotizado — respondeu Nekludov.

— Hipnotizado! — repetiu Bogatirev, rindo às gargalhadas. — Então, seriamente, não queres tomar nada? Pior para ti. — E Bogatirev acabou de limpar os bigodes ao guardanapo. — Ficamos então em ires procurar Toporov? Caso Toporov não queira aquiescer tornar-me-ás a dar a petição e amanhã será entregue a Sua Majestade.

E erguendo-se da mesa, persignou-se maquinalmente, assim como limpara os bigodes, e abotoou, o uniforme.

— Adeus e obrigado. Vou diretamente procurar Toporov! — disse Nekludov.

E apertou a forte e cheia mão de Bogatirev com o prazer que sempre sentia quando se achava em contacto com tudo que fosse saudável, fresco e natural. Encaminhou-se, pois, para casa de Toporov, ansioso de seguir o conselho do seu amigo, mas pouco confiado que tal visita produzisse bom resultado.

O cargo que Toporov desempenhava implicava tão íntima contradição, que só quem fosse desprovido de inteligência e de sensibilidade moral o poderia ocupar. Estas qualidades negativas predominavam em Toporov.

Essa contradição consistia em que a atividade de tal cargo tinha em vista proteger e defender, por meio de toda a espécie de

medidas repressivas, até mesmo pela força, uma Igreja que se dizia fundada por Deus, e que nem o inferno nem nenhum poder humano conseguiam abalar. Sucedia, pois, que uma instituição imutável e divina, era protegida e defendida por uma instituição puramente humana, o Santo-Synodo, que Toporov, com o concurso dos seus subordinados, dirigia. Toporov, porém, não notava nem queria notar tal contradição: todo o seu cuidado consistia em impedir que qualquer padre católico ou protestante ou mesmo qualquer sectário dissidente, conseguisse destruir essa Igreja, a qual nem o próprio inferno jamais abalara.

Toporov, como todos os indivíduos desprovidos por completo do sentimento religioso, isto é, do sentimento da igualdade e fraternidade humanas, estava convicto que o povo se compunha de seres totalmente diferentes de si próprio e que precisava daquilo que ele sempre dispensara, pois no íntimo do ser não tinha crença alguma, apesar de tudo lhe correr às mil maravilhas. Temia, contudo, que o povo perdesse a fé como ele a perdera, e considerava «dever sagrado» preservá-lo de tal calamidade.

Afirma um livro de cozinha que as lagostas gostam de ser cozidas com vida. Também Toporov pensava e afirmava que o povo gosta de ser mantido da superstição; mas, ao passo que o autor do livro de cozinha fala metaforicamente, ele dava às suas palavras a significação literal.

O seu modo de proceder para com a religião que lhe competia proteger, assemelhava-se ao de um criador de aves para com a comida estragada com que alimenta as galinhas.

A comida estragada repugna ao criador, mas as aves gostam dela, e ele acha muito natural sustentá-las assim. Toporov bem sabia

que o culto das Virgens de Kazan e Smolenk é uma superstição; mas desde que o povo gostava da superstição, Toporov julgava ser seu dever velar para que ela fosse mantida. Eram estes os pensamentos de Toporov, a quem nunca passara pela mente, que se o povo insistia na superstição era unicamente porque sempre houvera homens ilustrados como ele, que em vez de se servirem da sua ilustração para o arrancar das trevas, só empregavam os seus esforços em mergulhá-lo ainda mais profundamente.

Quando Nekludov entrou em casa de Toporov, estava este no seu gabinete escutando uma abadessa, senhora da nobreza e das mais distintas, que por todos os meios procurava derramar a religião greco-ortodoxa entre os Uniatas do Ocidente, até então submetidos à autoridade papal.

Na sala de entrada um empregado perguntou-lhe o que desejava e quando Nekludov respondeu que era portador de uma petição que desejava fazer chegar às mãos do Imperador, pediu-lhe licença para a ver e correu a levá-la ao seu chefe Toporov. Pouco depois saía a abadessa, com o véu preso na cabeça flutuando, e a longa cauda do vestido a arrastar. Nas brancas mãos, de unhas transparentes, trazia um rosário de topázios.

Passaram-se alguns minutos antes que Nekludov fosse mandado entrar. Toporov lia a petição agitando a cabeça; surpreendia-o desagradavelmente o estilo claro e simples da narração.

«Se este papel chega às mãos do Imperador», dizia Toporov a si próprio enquanto o lia, «poderá produzir equívocos e dar origem a perguntas inúteis!» E pousando a petição na mesa, tocou e mandou entrar Nekludov.

Toporov recordava-se perfeitamente do assunto em que Nekludov lhe vinha falar. Os aldeões sectários tinham sido exortados oficialmente para regressarem à igreja ortodoxa e tendo recusado tinham sido julgados, mas absolvidos. Então, o arcepreste e o governador da província sob pretexto de que os casamentos dos sectários eram ilegais, lembraram-se de os exilar, separando-os de suas mulheres e filhos. Maridos e mulheres pediam na petição para serem reunidos. Toporov lembrava-se tão minuciosamente do caso que nem lhe escapou a tentação que tivera nessa primeira ocasião em que a sua atenção fora chamada para o assunto, de anular a decisão dos seus subordinados, pondo pedra em cima do processo.

Mas, meditara que do exílio dessa gente nenhum mal resultaria, quer para ele quer para a sua Igreja, enquanto deixando-os em liberdade pelas aldeias era arriscar-se a que pelo exemplo e pela palavra eles fossem de perniciosa influência para os outros habitantes. Além de que, o zelo do arcepreste sofreria um rude choque recebendo uma contraordem. Deixara pois que o caso seguisse os seus trâmites. Mas agora que os exilados tinham encontrado em Nekludov um defensor, que, quer por intermédio da imprensa estrangeira ou por qualquer outro meio podia divulgar o assunto que assim chegaria ao conhecimento do Imperador, urgia tomar uma resolução heroica.

— Como tem passado? — perguntou Toporov, dirigindo se ao encontro de Nekludov. E voltando a sentar-se abordou o assunto. — Sim, sei do que se trata. Mal li as assinaturas, recordei-me deste desgraçado caso. Agradeço-lhe até ter-mo relembrado. É o resultado do excessivo zelo das autoridades provinciais.

Nekludov em pé e silencioso examinava as feições pálidas e mortais do seu interlocutor, sentado na sua frente.

— Vou pois dar ordem imediata para que essas medidas sejam revogadas e sejam reinstalados nas suas casas os aldeões por quem se interessa.

— Visto isso não preciso dar seguimento a essa petição?

— Garanto-lho sob minha palavra! — respondeu Toporov dando à palavra *minha* uma entoação diferente, como para fazer notar que a garantia da sua palavra era superior a qualquer outra.

— O melhor, porém, é escrever já! Queira sentar-se um momento.

Toporov escolheu uma folha de papel e principiou a escrever. Enquanto o fazia, Nekludov examinava-lhe o crânio estreito e calvo e a nutrida mão de veias azuladas, sustentando a pena; e interrogava-se, buscando perceber porque motivos este homem a quem tudo era indiferente, desempenhava com tanto ardor as suas funções.

— Pronto e em ordem! — disse Toporov, fechando e lacrando o envelope. — Pode participá-lo aos seus protegidos — acrescentou, erguendo os lábios para imitar um sorriso.

— Mas então porque é que estes desgraçados têm estado a sofrer? — perguntou Nekludov guardando o envelope.

Toporov levantou a cabeça e sorriu, desta vez a valer, evidentemente divertido com a pergunta de Nekludov.

— Não lho posso dizer — retorquiu. — Dir-lhe-ei, porém, que os interesses que nos estão confiados são tão importantes que é preferível um excesso de zelo em assuntos religiosos, à indiferença que, por toda a parte, se vai espalhando.

— Mas como explicar que em nome da religião sejam violados os princípios mais elementares da humanidade, sejam dispersadas famílias?

Toporov sorria protectoramente, não ligando grande importância ao que Nekludov dizia.

— É esse o seu critério, e é o critério de um simples particular. Sob o ponto de vista administrativo as coisas tomam outro aspeto — disse. — Lastimo ter de lhe dizer adeus! — acrescentou estendendo a mão ao seu visitante.

Os interesses que lhe estão confiados! Seria preferível dizer «os meus interesses!», não pôde Nekludov deixar de pensar enquanto descia a escadaria. E momentaneamente reviu em imaginação esse povo cujos «interesses religiosos e morais» Toporov estava encarregado de defender.

Reviu a mulher encarcerada por vender ilicitamente aguardente, o rapaz condenado por furto, Menshov acusado injustamente de incendiário e a infeliz Lídia Chostova, encerrada na fortaleza simplesmente porque a polícia esperava tirar dela as informações de que precisava. Reviu os sectários castigados por renegarem a religião ortodoxa e os estudantes por ambicionarem um governo constitucional.

E Nekludov compreendeu claramente que toda essa gente fora detida, encarcerada ou exilada não porque tivessem transgredido as leis ou tivessem praticado o mal, mas apenas porque eram outros tantos obstáculos que impediam os ricos e os poderosos de gozarem tranquilamente os haveres arrebatados ao povo.

Tornava-se evidente para Nekludov que todo o funcionalismo, desde o marido de sua tia e mais magistrados, desde Toporov até

todos esses elegantes e corretos senhores que enchiam as secretárias dos ministérios, davam pouca importância ao facto de haver inocentes que sofriam com a presente organização social, procurando apenas verem-se livres de um ou outro verdadeiramente perigoso; de modo que, a regra de que é preferível libertar dez criminosos a condenar um inocente não era observada, dando-se na realidade o inverso, como quando para se aproveitar uma fruta meio apodrecida se tem de cortar além da parte podre, outra que o não está.

Esta explicação pareceu a Nekludov muito clara e simples; a sua simplicidade e clareza fizeram-no, a princípio, hesitar em admiti-la.

Seria possível que um fenómeno tão complexo tivesse a sua explicação em motivos tão simples e, ao mesmo tempo, tão terríveis? Seria possível que todos esses palavrões sobre justiça, lei, religião e Deus apenas servissem para encobrir a mais grosseira cobiça e a mais monstruosa crueldade?

IV

Nekludov teria partido de S. Petersburgo na tarde desse mesmo dia se não houvesse prometido a Marieta ir vê-la ao teatro. Ainda que reconhecesse que o seu dever era não ir lá, resolveu o contrário, enganando-se sob o pretexto de que era obrigação cumprir o prometido. Dizia a si mesmo que mais uma vez, a última, queria tornar a ver essa sociedade a que já pertencera e que de

futuro lhe seria estranha. «Uma última vez quero presenciar as suas seduções e avaliar a que ponto posso resistir-lhes!»

Mas, bem no íntimo, reconhecia que o pensamento não era completamente sincero.

Mal acabou de jantar, vestiu a casaca e dirigiu-se ao teatro onde chegou muito depois do espetáculo haver principiado. Representava-se a eterna «Dama das Camélias», para exibição de uma célebre atriz francesa, que mais uma vez, e com nova interpretação, mostrava ao público como morrem as tísicas.

O teatro estava repleto. Nekludov não teve dificuldade de encontrar o camarote de Marieta que os porteiros, pressurosos, lhe indicaram. O lacaios da casa, uniformizado esperava de pé em frente da porta do camarote e depois de o saudar, abriu-lha.

Na sala, todos os olhares fixavam-se numa atriz magra, feia, e velha, coberta de sedas e rendas que, em voz afetada e áspera, declamava.

Ao entrar no camarote duas correntes de ar, uma quente, a outra fresca, roçaram-lhe pelo rosto e um espectador, voltando-se na sua direção lançou um *schiu* indignado, reclamando contra o barulho que fizera a porta ao fechar-se.

No camarote, além de Marieta, estavam uma senhora muito nutrida, vestida de vermelho, com um penteado desmedido, e dois homens. Um, o marido de Marieta, que Nekludov via pela primeira vez, era alto e bem constituído, peito arqueado, nariz aquilino, o rosto severo e frio. O outro era um gorducho, louro e adamado, usando bigode e suíças.

Marieta, muito elegante, graciosa e delicada, sentava se na frente do camarote muito decotada, exibindo uns sólidos e

musculosos ombros, que na junção ao pescoço eram formoseados por um pequeno e negro sinal. Quando viu Nekludov sorriu-lhe familiarmente e indicou-lhe com o olhar uma cadeira colocada atrás. O marido, com a tranquilidade que empregava em todas as suas ações cumprimentou-o, curvando levemente a cabeça. No olhar que em seguida dirigiu à mulher reconhecia-se a satisfação de possuir tão formosa e elegante criatura.

Quando terminou o monólogo, o teatro desfez-se em aplausos. Marieta levantou-se e sustendo com uma das mãos a cauda do vestido de seda, passou para o fundo do camarote, apresentando Nekludov ao marido. Este sorrindo sempre para a mulher cumprimentou Nekludov afirmando-lhe pausadamente que tivera muito prazer em conhecê-lo. E não disseram nada mais.

— Se não lhe tivesse prometido vir, teria já partido — disse Nekludov para Marieta.

— Ainda que não lucre nada em me ver, terá ocasião de admirar uma atriz magnífica — disse ela adivinhando-lhe a intenção da amabilidade. — Não é verdade que esteve admirável nesta última cena? — perguntou dirigindo-se ao marido.

— Confesso-lhe que nada disto me comove já — disse Nekludov. — Tenho visto tanta miséria real que...

— Vamos, sente-se e conte-me tudo isso!

O marido escutava distraidamente, sorrindo com crescente ironia.

— Visitei hoje a desgraçada que, em seguida a tanto tempo de cárcere, conseguiu ser posta em liberdade. Parece-me que está arruinada.

— É a tal de quem te falei — disse Marieta ao marido.

— Ah! sim, fiquei satisfeito por poder conseguir-lhe a liberdade — respondeu este saindo para fumar.

Nekludov sentado, aguardava que Marieta lhe dissesse o que de importante lhe tinha a dizer. Ela, porém, nada lhe dizia, apenas gracejava e falava do drama que particularmente devia interessar Nekludov, pensava.

Nekludov depressa compreendeu que ela nada tinha a dizer-lhe e que simplesmente desejara aparecer-lhe no deslumbramento da sua *toilette* de gala, decotada e deixando ver o sinal negro no ombro. Quando Nekludov se compenetro da verdade, uma dupla sensação de prazer e repugnância, dominou-o.

O prazer provinha do encanto exterior de todo o ambiente, e examinando o que ele encobria produzia-se-lhe a repugnância. Marieta deleitava-o, mas sabia bem que essa encantadora criatura era uma mentirosa, vivendo com um marido avelhacado, e que desde a véspera lhe dizia falsidades com evidente ambição de o volver em seu apaixonado.

Nisto havia para Nekludov o quer que fosse de odioso e agradável. Por várias vezes levantou se para se despedir, mas tomava a sentar-se. Quando, por fim, o marido regressou com um forte cheiro de tabaco impregnado nos espessos bigodes, olhando para Nekludov, este aproveitou a ocasião da porta estar aberta, despediu-se e saiu.

A passar pela perspectiva Newsky, viu na sua frente uma mulher alta, bem proporcionada, e vestida, com visível elegância, que caminhava ligeira pelo passeio de asfalto.

Todos os que passavam voltavam-se e fixavam-na. Nekludov apertou o passo, alcançou-a e por sua vez fitou-a também. O rosto

provavelmente pintado era belo, as feições finas e os olhos faiscavam provocantemente. Irresistivelmente Nekludov lembrou-se de Marieta: esta criatura fazia-lhe nascer a mesma impressão de sedução e repulsão que, pouco antes, sentira no camarote.

Furioso consigo mesmo, Nekludov dirigiu-se rapidamente para o cais, onde com grande espanto dos polícias, principiou a andar de um para outro lado.

«Marieta sorriu do mesmo modo, quando entrei no teatro e ambos os sorrisos têm a mesma significação», dizia consigo. «A única diferença é que esta fala francamente — se queres leva-me, senão segue o teu caminho — enquanto a outra finge ter outros pensamentos e experimentar sentimentos elevados e requintados o fundo é o mesmo; uma fala verdade enquanto a outra mente. Além disto uma é obrigada pela necessidade, enquanto a outra se diverte com essa terrível paixão. Esta, a das ruas, é como a água estagnada oferecida àqueles cuja sede é maior do que a repugnância que lhe inspira; a outra é como o arsénio que, invisivelmente, envenena e desorganiza tudo.»

Nekludov lembrou-se das suas antigas relações com a mulher do *maréchal de la noblesse* e um tropel de vergonhosas recordações invadiu-o.

«A animalidade cega da bruta natureza, é medonha!», pensava ele.

«Enquanto, porém, permanece desataviada e despida de falsos ouropéis, observamo-la do cume da nossa vida espiritual e quer lhe resistamos ou a satisfaçamos, permanecemos sempre o que já éramos antes. Mas quando essa animalidade se atavia com o vestuário da poesia e dos sentimentos estéticos e pretende inspirar

respeito e adoração, então toma cuidado para não seres tragado pela onda arrastadora! O homem cede lugar à besta e cessa de distinguir o bem do mal. E é isto o mais medonho».

Nekludov via e percebia isto tão claramente, como via na sua frente, os palácios, a fortaleza, o rio, os navios e as carruagens. A desmaiada e triste luz que nessa noite de verão dissipava as trevas da cidade era como essa outra que lhe varrera as negruras da alma para as substituir por uma também triste e desmaiada luz.

Compreendia que tudo que era tido por importante e bom, era na realidade nulo e vergonhoso e que todo o deslumbramento e luxo da vida moderna, encobriam vícios tão velhos como o mundo, originados pelo lado mais bestial da natureza humana.

Nekludov quisera esquecer e não dar ouvidos a esta descoberta, mas era-lhe impossível. E um doloroso receio, acompanhado pela alegria da certeza, começava a despontar no seu íntimo.

Capítulo 6

De regresso de S. Petersburgo, Nekludov dirigiu-se à prisão, para participar à Maslova que o agravo fora rejeitado, e que era conveniente preparar-se para partir para a Sibéria. Restava ainda a apelação para o Imperador, e Nekludov trazia o requerimento para ela assinar, mas a verdade é que não esperava nada dela e, nem mesmo desejava vê-la atendida, por estranho que pareça. Habitara-se à ideia de partir para a Sibéria, viver com degredados e desterrados, e quando pesava as probabilidades que influíam para que a apelação última fosse atendida, receava um desenlace favorável, que o forçaria a procurar uma solução, que de outro modo estava achada. Recordava-se de uma frase do escritor americano Thoreau que, ainda do tempo da escravidão, dizia: «O único lugar de um homem justo, que com a passividade sanciona um governo que mantém alguém encarcerado injustamente, é também a cadeia». Tudo que vira em S. Petersburgo, despertara-lhe na memória esta frase.

O carcereiro da enfermaria reconheceu-o, saiu-lhe ao encontro e participou-lhe que a Maslova não estava ali.

- Então onde está?
- Na antiga sala.
- Mas, porque foi removida para lá?
- Oh, excelência, bem se vê que não conhece aquela gente!
- respondeu o carcereiro sorrindo desprezivelmente. — Passou-se o

quer que fosse entre ela e um enfermeiro, o que obrigou o doutor em chefe a expulsá-la.

Nekludov nunca imaginou que estivesse tão ligado à Maslova, como nesta ocasião. As palavras do carcereiro caíam sobre ele como um acidente imprevisto, fazendo-lhe brotar um sentimento igual ao que se sente recebendo a notícia de uma desgraça esmagadora. Sentiu-se invadido por um doloroso sofrimento que o privava de toda a reflexão.

Pauso a pouco foi retomando posse da sua consciência, que lhe permitiu distinguir ver-se dominado pela vergonha. E essa vergonha nascia da alegria ridícula que sentira quando fantasiara uma transformação na alma de Maslova! Todas as altivas palavras com que ela repelira o sacrifício que propusera, todas essas lágrimas, não tinham sido mais do que uma comédia representada por tão miserável criatura para se utilizar e insinuar no seu ânimo. Não se enganara, não, quando na última entrevista julgara reconhecer nela os indícios de uma perversidade, de que, de futuro, não era lícito duvidar.

E todos estes pensamentos e recordações, atropelavam-se-lhe na mente, enquanto se afastava da enfermaria. «E agora que fazer?», interrogava-se. «Estou ainda ligado a ela ou tal conduta desprende-me dos nossos mútuos laços».

Mal formulara esta interrogação, compreendeu que se abandonasse de novo a Maslova punir-se-ia mais a si próprio do que a ela. E esta ideia atemorizava-o.

«Não, o que aconteceu não pode alterar a minha resolução; pode apenas reforçá-la. Se ela precedeu com o enfermo como mo disseram, obedeceu a hábitos adquiridos durante a sua vida anterior,

e que só a ela prejudicam; nada tenho com tais ações, de que só ela é responsável. Mas o que me diz respeito, o que exige a minha consciência é o sacrifício da minha liberdade, para resgatar o meu pecado.

«Haja, pois, o que houver, casar-me-ei com ela e segui-la-ei para toda a parte». E com malévola obstinação repetia estas palavras, atravessando rapidamente os corredores.

À entrada da sala grande pediu ao carcereiro de serviço para informar o diretor que desejava ver a Maslova. O carcereiro, que já o conhecia, respondeu-lhe participando-lhe uma grave notícia: o «capitão» fora reformado e substituído por um outro diretor muito mais severo.

— As coisas agora vão correr de outra maneira! Vai ser medonho!

E saiu para prevenir o novo diretor. Este não se demorou.

Era um homem alto e magro, maçãs do rosto salientes e conjunto desagradável.

— As visitas são permitidas apenas nas horas regulamentares — disse para Nekludov, sem o fitar.

— Porém, eu desejava que a detida assinasse um requerimento de apelação.

— Queira entregar-mo que o regularizarei.

— Tenho absoluta necessidade de ver a Maslova, ainda que por momentos. Ainda há pouco tempo me eram permitidas essas visitas!

— Até aqui faziam-se muitas coisas que nunca mais se farão! — respondeu o diretor, olhando fixamente para Nekludov.

— Porém trago autorização do governador — insistiu Nekludov, puxando pela carteira.

— Com licença — disse o diretor. E pegando no papel principiou a lê-lo vagarosamente. — Queira entrar para a secretaria — disse.

Desta vez a secretaria estava vazia. O diretor sentou-se em frente da mesa e principiou a remexer na papelada com a evidente intenção de assistir à revista.

Nekludov perguntou-lhe se poderia falar a uma presa política, Vera.

— É impossível — respondeu o diretor —; estão proibidas as visitas aos presos políticos. — E recomeçou a leitura da papelada.

Nekludov, que tinha na carteira a carta para Vera, achou-se colocado na situação de um «suspeito», podendo ficar prisioneiro se o revistassem.

Quando a Maslova entrou na secretaria, o doutor ergueu a cabeça e, sem os fitar, disse:

— Podem conversar! — E regressou à papelada.

A Maslova vestia, como antigamente, o uniforme da prisão e na cabeça trazia o mesmo lenço. Quando notou a expressão severa e fria do rosto de Nekludov, corou e pegando numa dobra do casaco, baixou o olhar. Esta atitude confirmava a Nekludov a narrativa do carcereiro.

Desejava ardentemente tratá-la como nas demais vezes; quando, porém, tentou estender-lhe a mão foi-lhe impossível, tal era a aversão que sentia dentro de si.

— Sou portador de más notícias! — disse com voz tranquila, mas sem a fitar nem cumprimentar. — A sentença foi confirmada.

— Já imaginava que assim fosse! — respondeu ela em voz baixa.

Em qualquer outra ocasião Nekludov ter-lhe-ia perguntado porque dizia ela isso; agora limitou-se a examiná-la. Os olhos trasbordavam-lhe de lágrimas. Mas nem por isso se sentiu enternecido; antes redobrava-lhe a irritação.

O diretor erguera-se e caminhava de um para outro lado.

Nekludov, apesar de dominado por irritação, julgou dever exprimir o pesar que lhe inspirava a resolução do Senado.

— Não é motivo para desesperar! — disse. — Temos ainda o recurso para o Imperador...

— Oh! não é isso que... — respondeu ela, fixando nos dele os seus olhos, doridamente marejados de lágrimas.

— O que é então?

— Disseram-lhe na enfermaria que...

— Nada tenho com isso! — interrompeu Nekludov secamente, franzindo as sobrancelhas. Esse miserável sentimento de orgulho ofendido dominava-o de novo, ouvindo-a falar na enfermaria. «Eu, um homem de sociedade, com quem a rapariga mais aristocrática se sentiria feliz em casar, ofereço-me para desposar esta criatura e ela mesmo em antes principia com intrigas com um enfermeiro!» E enquanto pensava assim, fitava-a rancorosamente. — É preciso assinar isto! — disse colocando na mesa uma folha de papel que tirara da carteira. A Maslova enxugou as lágrimas com a ponta do lenço, e sentando-se junto da mesa, perguntou onde deveria assinar.

Nekludov indicou-lhe o sítio, e enquanto ela escrevia, conservou-se de pé, fitando as suas costas que estremeciam com soluços irreprimíveis.

Uma nova luta entre bons e maus sentimentos, entre o seu orgulho ofendido e a piedade que ela lhe inspirava, ergueu-se-lhe na

alma.

E o sofrimento que lhe inspirava compaixão foi maior e acabou por triunfar. Quer lhe brotasse do coração a piedade ou quer relembresse os seus próprios pecados, em tudo semelhantes aos que agora censurava àquela infeliz, sentiu-se criminoso e lastimou-a.

Ela, entretanto, acabara de escrever e depois de limpar à saia os dedos manchados de tinta ergueu-se e fitou-o.

— Aconteça o que acontecer, nada alterará a minha resolução!
— disse-lhe Nekludov.

Sentia aumentar o sentimento de compaixão por ela, só em pensar que lhe perdoara; impelia-o uma imperiosa necessidade de a consolar.

— Aquilo que disse cumpri-lo-ei. Irei para onde a enviarem.

— Mas para quê? — interrompeu ela, com o rosto animado!

— Veja o que pode precisar para a viagem.

— Nada necessito. Obrigada!

O diretor aproximou-se. Nekludov, sem esperar pelo aviso, despediu-se da Maslova, o coração transbordante de um sentimento que até ali nunca sentira, sentimento de profunda tranquilidade e de profundo amor pela humanidade.

«Compreendo-o agora, dizia altivamente, nada que a Maslova possa fazer alterará a feição que me une a ela. Que intrigue com os enfermeiros ou não isso é com ela! Quanto a mim o meu dever é amá-la, não para meu bem, mas para o seu e para o de Deus !»

Essa «intriga» em que Nekludov tão prontamente acreditara e pela qual a Maslova fora expulsa da enfermaria consistira no seguinte:

Maslova um dia, fora mandada peia enfermeira geral procurar na farmácia, situada na extremidade de um corredor, uma erva medicinal. Ao chegar ali encontrara-se com o enfermeiro Austinow, homem alto, com o rosto cicatrizado pela varíola, que havia muito a cortejava. Vendo-a só, enlaçara-a nos seus braços; ela defendera-se e desprendeuse - lhe das mãos tão violentamente que o enfermeiro oscilou e foi bater de encontro a uma prateleira, o que motivou a quebra de alguns frascos que ali se encontravam colocados.

Na ocasião sucedeu passar o médico em chefe; ouvindo o tinido dos vidros e vendo a Maslova com os cabelos desalinhados e a face incandescida, fugindo a correr, gritou-lhe:

— Olá, santinha! Se vens para aqui fazer barulho mando-te para donde vieste! O que é que aconteceu? — perguntou severamente ao enfermeiro, fitando-o por cima das lunetas.

O enfermeiro sorriu servilmente e começou a expor o caso, lançando a culpa toda sobre a Maslova. Sem o deixar terminar, o médico pediu nesse mesmo dia a transferência daquela insubmissa criatura para a sala geral.

A Maslova ficara pouco incomodada com a expulsão da enfermaria, mas o mesmo não lhe sucedeu quanto à razão invocada para tal procedimento, pois havia muito, desde o primeiro encontro com Nekludov, que bastava o pensamento de relações carnis, para a horrorizar. Nada a humilhava e angustiava tanto como o lembrar-se que em virtude do seu passado, qualquer homem se julgava com direito de a possuir. Quando, na secretaria, se dirigira a Nekludov,

fora com o firme propósito de se justificar da injusta acusação que lhe era assacada. Logo às primeiras palavras que pronunciara, compreendeu que ele não a acreditaria e que as desculpas apenas lhe ajudariam a confirmar as suspeitas. E as lágrimas tinham-na sufocado.

Maslova continuava imaginando que não perdoara a Nekludov, como lho dissera na segunda entrevista, e que até o odiava. Na realidade, porém, desde essa segunda entrevista recomeçara a amá-lo. E era tal a força dessa renovada afeição que, inconscientemente, fazia tudo que ele desejava que fizesse; deixar de beber, de fumar e de galantear com os homens, e só para agradar a Nekludov consentira em passar para o serviço da enfermaria. Tudo o que fazia era unicamente porque adivinhava que ele assim o desejava. Se, todas as vezes que ele lhe falara em desposá-la, declarara não aceitar esse sacrifício, é porque lisonjeava o seu amor próprio, perseverando em tal atitude, que, como na primeira vez, não era despida de altivez. Mais do que isto, porém, influía na sua recusa a certeza que o seu casamento com Nekludov seria para ele uma constante origem de sofrimentos. Jurara a si mesma que nunca aceitaria tal sacrifício, mas o coração sangrava-lhe, quando pensava que ele a desprezava, julgando-a destinada a ser sempre o que fora, sem nunca notar a transformação que se operara na sua alma.

Mais do que a dor produzida pela notícia da sua próxima partida para a Sibéria, em virtude da decisão do Senado, atormentava-a a ideia de que Nekludov partira com a suspeita na sua alma, que ela tivera quaisquer relações com o enfermeiro.

Capítulo 7

Era possível que a Maslova tivesse de partir na primeira leva, de forma que, Nekludov não tinha tempo a perder para regularizar os seus negócios.

Estes, porém, eram tão numerosos que por mais tempo de que dispusesse, nunca poderia regularizá-los definitivamente.

Era nisto que a sua situação diferia completamente da do passado. Então, tinha dificuldades em arranjar uma ocupação e todas diziam respeito a uma só pessoa: Dimitri Ivanovitch Nekludov, o que não impedia que não lhe parecessem mortalmente aborrecidas. Agora as suas ocupações tinham deixado de se centralizar em si próprio e, ao contrário, diziam respeito aos outros; e contudo interessavam-no apaixonavam-no e o número delas variava infinitamente. Neste momento os negócios que ocupavam dividiam-se em quatro categorias: ele próprio, com os seus hábitos de ordem pedantesca, assim os dividira e conseqüentemente classificara em quatro postas diferentes, a papelada relativa a cada um deles.

A primeira categoria compreendia tudo que se referia ao caso da Maslova. Nekludov estava provisoriamente impossibilitado de proceder sobre este assunto, enquanto não fosse resolvido o recurso à instância suprema.

A segunda categoria compreendia os diversos problemas que diziam respeito à sua fortuna. Nekludov doara aos mujiques a propriedade que herdara de suas tias, apenas exigindo deles uma

renda que destinava às necessidades comunais, mas em Kouzminskoie as coisas tinham ficado no mesmo pé em que as encontrara, isto é, a renda tinha de lhe ser paga. Aqui era necessário fixar as épocas do pagamento e calcular a parte que devia embolsar e a que devia ceder aos mujiques. E para isso Nekludov via-se forçado a esperar, ignorando a despesa que acarretaria a sua ida para a Sibéria, que cada dia se lhe afigurava mais provável.

A terceira categoria compreendia os socorros a prisioneiros que, incessantemente e cada vez em maior número, se lhe dirigiam. E neste ponto Nekludov tinha uma dificuldade enorme em se ocupar de cada um deles em particular, em vista do seu grande número, além de que o insucesso das primeiras tentativas não o animava a continuar. E uma preocupação de ordem mais abstrata principiara a preocupá-lo logo em seguida à sua visita às prisões.

Essa preocupação limitava-se a saber como e porque fora criada a espantosa instituição que se chama tribunal criminal e de que derivavam as prisões, os segredos, as fortalezas e o sacrifício de milhares de seres humanos. Por informações que o advogado lhe fornecera, pelas estatísticas judiciárias consultadas pacientemente e pelas suas relações pessoais com prisioneiros, Nekludov chegara à conclusão de que a totalidade dos «criminosos» podia ser dividida em cinco espécies.

Pertencem à primeira espécie dos condenados inocentes, vítimas de erros judiciários, tais como Menshov, o pseudo-incendiário, a Maslova e outros mais. Por informações da secretaria o número deles era muito limitado, talvez sete por cento mas tal posição excitava particular interesse.

A segunda espécie conglobava os condenados por crimes praticados em circunstâncias excepcionais, tais como: o furor, o ciúme, a embriaguez — isto é, por crimes que, segundo todas as probabilidades, seriam praticados pelos homens que haviam julgado estes, quando colocados nas mesmas circunstâncias. O número era considerável. Nekludov calculou-o em cinquenta por cento.

Do terceiro grupo faziam parte os condenados por ações que à sua inteligência nada tinham de criminosas, mas que o eram para os homens encarregados de redigir e aplicar as leis, tais como os acusados de venderem aguardente sem licença e os que subtraíam erva ou lenha de uma propriedade qualquer.

À quarta classe pertenciam aqueles dos condenados cujo valor moral era superior ao da sociedade em que viviam, e que por isso os encerrara nas prisões. Tais os sectários religiosos, os Polacos e Circassianos condenados por defenderem a sua independência, e os presos políticos condenados por crime de rebelião contra a autoridade. Entre eles estavam homens da mais fina têmpera.

Por último, a quinta espécie de criminosos consistia nos desgraçados para com os quais a sociedade era infinitamente mais culpada do que eles o tinham sido para com a sociedade. Eram seres rejeitados pela sociedade e embrutecidos por uma opressão incessante, tais como: a criança dos esteirões e centenaes doutros miseráveis, arrastados pelo ambiente em que viviam a cometer uma ação considerada criminosa,

Havia na prisão muitos ladrões e assassinos pertencentes a esta categoria e Nekludov classificava igualmente nesta altura esses indivíduos profundamente e naturalmente pervertidos, apelidados por uma escola nova «criminosos natos» cuja existência constitui o

argumento mais convincente para os que sustentam a necessidade de códigos e punições. Nekludov não via mais nestes representantes do tal *tipo criminal* do que uns desgraçados para com os quais a sociedade era bem culpada do que o eram eles para com a sociedade, a agravante de que a sociedade já tinha sido culpada para com os seus progenitores, o que ainda mais agravava a responsabilidade da coletividade.

Fora na prisão que Nekludov conhecera um indivíduo que agora classificava nesta última classe: era um tal Ochotin, ladrão reincidente, filho ilegítimo de uma prostituta. Este homem criado dia e noite nos asilos, não tendo conhecido até aos trinta anos ninguém com sentimentos morais superiores aos seus, filiara-se num bando de salteadores e acabara por considerar o roubo como seu ofício habitual. Possuía, porém uma veia cômica tão notável que lhe atraía a simpatia geral. Implorou também a proteção de Nekludov e fê-lo zombando de si, dos seus companheiros, dos juízes e de todas as leis divinas e humanas.

Além deste havia ainda um tal Fedorov que tinha assassinado e enterrado um velho para lhe roubar alguns rublos. O pai deste homem tinha sido violentamente despojado de tudo que possuía por um vizinho, que conseguira assim arruiná-lo. Fedorov era dotado com um temperamento ardente e fascinador que o tornavam ansioso pelo gozo, e nunca procurara dominar se porque nunca ouvira falar de outro ideal de vida que não fosse o prazer, como lho testemunhavam as ocupações de todos quantos conhecia.

Estes dois prisioneiros foram os que mais impressionaram Nekludov. Não podia furtar-se a reconhecer que qualquer deles teria seguido o caminho do bem, se a sociedade tivesse procurado educá-

los e não os abandonasse no caminho do crime. E se apesar de todos os seus vícios, estes infelizes conseguiam ainda despertar-lhe simpatia, entre aqueles que lhe inspiravam repugnância pela sua crueldade e aviltamento, não conseguiu reconhecer o famoso *tipo criminal* tão citado pela escola italiana, concordando apenas em que eram individualidades pessoalmente antipáticas, mas que nisto se assemelhavam a outras personalidades, que encontrava não nas prisões, mas nos salões, trajando casaca, uniforme ou vestido de cauda e rendas.

Assim classificara Nekludov o conjunto dos criminosos e agora preocupava-o ainda um outro ponto a resolver, o qual consistia em saber porque é que todos esses indivíduos tinham sido encarcerados e eram torturados de todas as formas, enquanto outros, que era tudo se lhes assemelhavam, alguns até mais inferiores em nível moral eram deixados em liberdade com missão de os julgar e condenar. Nekludov, a princípio tivera esperança de encontrar resposta a esta e outras interrogações nos livros; comprara, pois, todas as obras que tratavam do assunto e lera atentamente Lombroso, Garofalo, Perri, Maudsley, Tarde e outros criminalistas de nome.

Estas leituras, porém, tinham sido seguidas de uma dolorosa desilusão. Era o mesmo que acontece a quem principia a estudar uma ciência não para se dedicar a ela exclusivamente e poder escrevê-la é ensiná-la, mas sim para achar resposta a qualquer pergunta simples, prática e vital. A ciência que ele procurara estudar respondia a mil interrogações extremamente subtis e sagazes mas àquela que mais o preocupava fiem sequer fazia referência. E contudo ela era simplicíssima.

Limitava-se a querer saber de onde provinha o direito de alguns homens encerrarem, torturarem, desterrarem, castigarem e assassinares outros homens em tudo semelhantes àqueles que eram seus algozes. Porém, em vez de formularem uma resposta simples e clara a esta pergunta, os sábios cujas obras estudavam, discutiam uns sobre o livre-arbítrio, outros sobre a antropometria e outros ainda procuravam avaliar a influência que exerce na criminalidade o instinto de imitação. Alguns procuravam indagar o que vinha a ser a moralidade, degenerescência, temperamento e sociedade e estudavam também que o clima, a alimentação, ignorância, o hipnotismo e a paixão exercem na criminalidade.

Estas respostas recordaram a Nekludov a que um dia lhe dera um rapazito que vinha da escola e com quem se encontrara.

— Então já sabes soletrar?

— Muito bem! — respondera a criança.

— Então como soletras «perna»?

— Mas que perna? De cão ou de boi? — perguntara-lhe o garoto com olhar de finório.

Era desta forma que os sábios respondiam à única interrogação que preocupava Nekludov.

E este continuava a estudar-lhe os livros, a-pesar-de cada vez estar mais convencido que nenhum proveito tiraria. Contudo, atribuía à superficialidade da ciência criminal esta carência de respostas e recusava-se admitir como verdadeira a solução que, nos últimos dias se apresentava como mais evidente ao espirito.

Capítulo 8

I

A partida da leva de degredados da qual fazia parte a Maslova fora definitivamente marcada para o dia 5 de julho, e Nekludov resolveu partir no mesmo dia.

Na véspera, sua irmã e cunhado chegaram à cidade, para o visitar.

Natália Ivanovna Ragojinska era mais velha do que seu irmão dez anos, e tivera grande influência na sua educação.

Durante a infância unira-os sempre uma sincera afeição, a qual se transformou, até ao casamento dela, numa perfeita igualdade de sentimentos e de ideias, o que ainda mais estreitara a sua mútua amizade. Nicolau Irtenev, amigo e confidente de Dimitri, era e foi até à sua prematura morte o apaixonado de Natália.

Depois disto Natália casara-se, Nekludov entrara para o exército, e cedo ambos estavam depravados; ele pela vida mundana, ela pelo casamento.

Natália desposara um homem que amava sensualmente, e que era destituído do que outrora seu irmão e ela consideravam como o ideal do belo e no bem, e que nem compreendia nem apreciava tal ideal.

A aspiração da perfeição moral, o desejo de se tornar útil aos homens, tudo que inflamara outrora o coração de Natália era

interpretado por seu marido de uma forma prática, que traduzia por excesso de egoísmo e ambição insofrida.

Ragojinski, marido de Natália, era um homem sem nome e sem fortuna, maleável em excesso para com todos os partidos políticos e intriguista, o que, junto ao dom de saber agradar às mulheres, lhe permitira fazer rápida carreira na magistratura. Era já homem de quarenta anos quando conhecera no estrangeiro Nekludov e conseguira agradar a Natália; o casamento realizara-se quase contra a vontade da mãe, que o considerara como humilhante para sua filha.

Nekludov, ainda que tentasse dissimulá-lo, detestava seu cunhado. E detestava-o pela vulgaridade dos seus sentimentos, pela estreiteza do seu espirito e pelo seu desenfreado orgulho; mas mais do que isto fazia ainda detestá-lo o facto de sua irmã se haver tão egoistamente apaixonado por uma natureza tão baixa, e ter com este amor abafado tudo que nela havia de belo e bom. E Nekludov nunca podia recordar que sua irmã era a mulher desse nutrido homem de calva luzidia, sem doloroso sofrimento. Nem as próprias crianças que nasceram, haviam conseguido fazer despontar nele uma pouca de simpatia. Quando tinha conhecimento que sua irmã andava grávida sentia a impressão de que ela mais uma vez tinha sido manchada pelo contacto daquele homem que o enojava.

Os Ragojinski não tinham trazido seus filhos, e Natália, depois de estar alojada nos melhores aposentos do melhor hotel dirigiu-se à sua antiga morada; Agripina Petrovna deu-lhe parte que Dimitri não habitava o palácio e indicou-lhe a casa para onde se tinha ido alojar. Natália foi procura-lo ali, e também não o encontrou. Um criado imundo que acudiu ao seu chamamento, no corredor todo o dia

iluminado por um bico de gás, participou-lhe que o príncipe não estava nos aposentos.

Natália deu-se a conhecer como irmã de Nekludov e pediu permissão para ir aos aposentos de seu irmão escrever-lhe duas linhas.

Antes de principiar a escrever não pôde deixar de examinar curiosamente as duas pequenas salas que seu irmão ocupava. A mesma limpeza e ordem meticulosa, que sabia serem predicados indispensáveis na existência de seu irmão, reinava por toda a parte e a simplicidade da instalação encheu-a de admiração. Em cima de um maço de papéis havia, ao menos, um objeto do seu conhecimento e que no meio daquela nudez, a impressionava agradavelmente: era um pesa-papéis de mármore ao qual estava junto um cão de bronze. De um dos volumes colocados em cima da mesa saía por entre as folhas não totalmente abertas, a extremidade de uma faca de papel de marfim, que reconheceu haver dado em tempos a seu irmão. E um leve prazer bafejou-a.

Terminada a análise dos quartos sentou-se e escreveu um bilhete a Nekludov pedindo-lhe que a fosse ver o mais depressa possível. E, acenando com a cabeça, surpreendida pelo que vira, entrou de novo para a carruagem e regressou ao hotel.

Duas coisas interessavam particularmente Natália no que dizia respeito a seu irmão. Queria saber ao certo o que havia de verdade sobre o seu casamento com Katucha do qual toda a gente falava inclusive a sociedade da pequena cidade onde ordinariamente vivia, e obter informações exatas sobre a cedência das propriedades aos aldeões, do que ainda mais se falava, o que era tido como uma ação cuja significação política e social era das mais perigosas.

O casamento com Katucha tinha a sua parte que agradava a Natália. Admirava a resolução e a coragem independentes de que seu irmão dava provas, reconhecendo-o e reconhecendo-se ela mesma, tais como haviam sido na sua mocidade. Porém aterrorizava-se quando se lembrava de que seu irmão ia desposar uma criatura abominável, e este sentimento acabara por abafar o primeiro, que a decidira a empregar todos os esforços para o dissuadir de tal projeto, não ignorando que lhe parecia difícilimo.

O outro assunto, a cedência das propriedades aos aldeões, era-lhe no íntimo indiferente; seu marido, porém sobressaltara-se exigira dela a promessa que insistiria com Nekludov para o demover de tal decisão. Inácio Ragojinski considerava esse passo de Nekludov como o cúmulo da ilegalidade, da leviandade e da vaidade, que só se explicava por uma mania arreigada de querer singularizar-se e atrair as atenções sobre a sua pessoa.

— Ora digam-me se é ou não loucura ceder as terras aos aldeões e obrigá-los a pagar renda a eles próprios?! — dizia.

— Se Dimitri quer desfazer-se das suas propriedades pode vender-lhas por intermédio do Banco dos Lavradores! Isto pelo menos é racional! Tudo isto denota um anormal estado de espirito! — acrescentava o finório, a quem agradava a ideia de dar seu cunhado como pródigo, o que lhe entregaria a gerência de todos os bens.

II

Nekludov mal entrou e leu o bilhete de sua irmã, dirigiu-se apressadamente ao hotel em que ela se alojara.

Encontrou-a sozinha na sala contígua ao quarto, no qual o marido dormia a sesta. Natália usava um vestido de seda preta muito justo ao corpo e adornava o pescoço com uma fita escarlata; o cabelo muito negro estava penteado à última moda: percebia-se que empregava todos os esforços para rejuvenescer, a fim de agradar ao marido.

Quando viu Dimitri, correu ao seu encontro, fazendo rugir o vestido de seda. Os dois irmãos abraçaram-se e em seguida fitaram-se, sorrindo.

Teve lugar entre eles essa misteriosa troca de olhares, cheios de significação, em que as almas se deixam surpreender, na sua mais clara verdade; mas logo em seguida, a esses olhares sucederam as palavras, nas quais já não existia sinceridade.

Nekludov não a tornara a ver depois da morte de sua mãe.

— Estás mais nova e mais nutrida! — disse-lhe.

Os lábios de Natália estremeceram de prazer.

— E tu emagreceste!

— E teu marido como vai?

— Está a descansar um pouco. Não dormiu nada de noite. Soubeste que fui procurar-te?

— Soube. Encontrei o teu bilhete. Mudei-me porque a casa era excessivamente grande para mim e aborrecia-me. O que está de portas adentro, mobília, louças, etc., é-me inútil; se quiseres podes tomar conta de tudo.

— Agripina Petrovna já me tinha dito alguma coisa a esse respeito. Agradeço-te muito, mas...

Neste momento o criado do hotel entrou, trazendo chá numa bandeja de prata. Nekludov e Natália calaram-se enquanto o não viram sair.

— Dimitri, não ignoro nada — recomeçou Natália, erguendo resolutamente os olhos para os de seu irmão.

Nekludov não respondeu.

— Pois podes, na verdade, ter esperança em reconduzir aquela criatura ao caminho do bem, depois de uma tal vida? — interrogou ela.

Ele continuava silencioso, pensando na maneira de se explicar com ela sem a desgostar. Mais do que nunca sentia a alma de posse de uma tranquila alegria e do desejo de viver em paz com todos os homens.

— Não procuro reconduzi-la ao caminho do bem mas sim procuro eu próprio encontrá-lo!— respondeu afinal.

Natália Ivanovna suspirou.

— Mas para isso há outros meios sem ser o casamento.

— Decerto, mas esse é melhor, além disso vou para um meio onde posso ser útil.

— Esse casamento fará a tua infelicidade! — disse Natália.

— Não posso preocupar-me com a minha felicidade.

— Compreendo isso; mas ela, se ainda lhe resta coração, não pode ser feliz com tal união; não pode desejá-la!

— E na verdade não a deseja!

— Mas a vida... enfim...

— A vida o quê?

— A vida exige alguma coisa diferente.

— Sim, a vida apenas exige que cumpramos com o nosso dever! — respondeu Nekludov, examinando o belo rosto de sua irmã, no qual os anos começavam a fazer aparecer rugas à volta dos olhos e da boca.

— Não te compreendo! — disse ela suspirando.

«Pobrezita, como está mudada!», pensava Nekludov; enquanto mil recordações da infância lhe perpassavam rápidas pelo cérebro, um grande acesso de ternura inundou-lhe o coração.

Nesta ocasião Inácio Ragojinski saiu do quarto contíguo, como de costume, de cabeça altiva e peito dilatado. Sorriu condescendentemente para seu cunhado e este reconheceu-lhe a calva luzidia, a barba preta e os vidros das lunetas, tudo mais brilhante.

— Oh! que surpresa! Como está, como tem passado? — exclamou afectadamente. Ainda que, logo a seguir ao casamento tivesse ensaiado tratar por tu seu cunhado a tentativa fora tão mal sucedida que regressara a um tratamento mais cerimonioso.

Depois de um mútuo aperto de mãos, Ragojinski deixou-se cair brandamente numa cadeira.

— Interrompo-os?

— Absolutamente nada! O que faço e o que digo nunca o oculto a ninguém.

O sentimento de serena tranquilidade e o profundo desejo de viver em paz com todos os homens, abandonaram Nekludov mal viu o rosto sem expressão de seu cunhado, as suas mãos peludas e lhe ouviu a voz jactanciosa e protetora.

— Falávamos das suas intenções — informou Natália. — Queres chá?

— Sim, quero. E quais são essas intenções?

— Acompanhar para a Sibéria uma condenada aos trabalhos forçados, para com quem me reconheço criminoso! — declarou Nekludov.

— Ouvi dizer que além de a acompanhar estava resolvido a fazer alguma coisa mais!

— Exato! A desposá-la se, afinal, consentir.

— É então verdade? Ficar-lhe-ia obrigado se me expusesse o que o incita a assim proceder. Confesso-lhe que não compreendo!

— O que me obriga a assim proceder é que esta mulher... É que o seu primeiro passo no caminho do vício...

Nekludov não conseguiu exprimir-se razoavelmente; apenas começava a sentir-se cada vez mais irritado.

— O que explica o meu proceder — disse por fim — é que sendo eu o criminoso, foi ela a condenada.

— Então se foi condenada com certeza que não era inocente!

— Perdão! Era-o e completamente.

E Nekludov narrou toda a história do processo de Maslova com desusada vivacidade.

— Sim, compreendo o que sucedeu! O juiz presidente foi negligente, e os jurados foram irrefletidos. Para esses casos, porém, lá está o Senado.

— Mas se o Senado negou o provimento ao recurso!

— É que, nesse caso, não havia motivos para recorrer! — disse Ragojinski que, evidentemente, partilhava a opinião prevalecente de que a verdade ressalta das sentenças judiciais. — É verdade que o Senado não pode vigiar senão a rigorosa aplicação da lei, mas se existia um erro judiciário deviam apelar para o imperador.

— É o que fizemos, ainda que sem esperanças de sermos atendidos. Provavelmente o ministro ordenará um inquérito e buscará informar-se no Senado, que lhe responderá que a lei foi bem aplicada! E, como de costume, condenar-se-á uma inocente!

— Perdão, perdão! — interrompeu Ragojinski com um sorriso condescendente. — Primeiramente o ministro não se dirigirá ao Senado mas pedirá unicamente o processo e, se verificar a existência de algum erro, dará a sua decisão de conformidade. E em segundo lugar não é costume condenar os inocentes. Condenados e castigados só os culpados e criminosos — afirmou ele com entoação tranquila e sorrindo complacentemente.

— E eu convenci-me do contrário! — afirmou Nekludov, que gradualmente se ia sentindo cada vez mais mal disposto para com seu cunhado. — Estou convencido de que cinquenta por cento dos indivíduos condenados pelos tribunais são inocentes.

— Mas são inocentes em que sentido?

— No mais simples que a palavra exprime, como essa mulher acusada de ter envenenado o negociante o está! Como está inocente um homem que vi um destes dias ser condenado por um assassinio que não cometeu; como estão inocentes uma mãe e um filho acusados de fogo posto, cujo autor foi o próprio dono do prédio!

— Sim, não nego que não haja erros judiciários. A justiça humana não pode ser infalível.

— E a grande maioria dos condenados está inocente, porque tenda sido educados em determinados meios, não consideram como criminosas as ações por que foram encarcerados.

— Perdão, isso não é assim. Qualquer ladrão sabe que um roubo não é uma boa ação e que não se deve roubar porque é

imoral — disse Ragojinski com um sorriso levemente irónico que acabou de exasperar Nekludov.

— Mas não sabe tal! Dizem-lhe que não deve roubar, mas se ele vê que o patrão lhe rouba o salário, que o governo por intermédio dos seus empregados o rouba, sobrecarregando-o com impostos...

— Isso é simplesmente anarquismo! — interrompeu Ragojinski tranquilamente.

— É-me indiferente o nome, contanto que seja a verdade! — continuou Nekludov. — Esse homem sabe que o fisco o rouba; sabe que nós, os proprietários, o roubamos explorando em nosso favor o que deveria ser propriedade comum, e nós quando esse homem numa necessidade imprescindível se apodera de uma pouca de lenha seca num dos nossos bosques, pregamos com ele na cadeia, gritando que é um ladrão!

— Não o compreendo, ou antes se o compreendo pesa-me não concordar consigo. A terra deve pertencer a alguém. Ragojinski convencera-se de que Nekludov era um socialista e como na sua concepção de socialismo entrava a divisão igual da propriedade por todos, o que era rematada loucura, principiou a querer provar-lho.

— Se hoje dividirmos a terra em partes iguais, amanhã ou depois passará para as mãos dos mais laboriosos e mais bem dotados.

— Mas quem lhe fala em dividir a terra em partes iguais? A terra não deve pertencer a ninguém, assim como não pode ser um objeto de compra e venda!

— O direito à propriedade é inato no homem; sem ele ninguém cultivaria a terra com cuidado. Suprima-se esse direito e

regressaremos à barbária! — disse com autoridade Ragojinski repetindo o vulgar argumento baseado na afirmativa que o desejo dos homens de possuírem terra prova que a necessitam.

— Mas o contrário é que é a verdade! Só então deixará de haver terra inculta como agora! Nós os proprietários assemelhámo-nos àqueles cães que guardam as manjedouras e que não comem nem deixam comer!

— Ouça, Dimitri Ivanovitch, o que está a dizer é rematada loucura! Pois é lá possível suprimir o direito de propriedade nos nossos dias? Bem sei que há muito tempo defende essa... mania. Permita-me, porém, dizer-lhe com franqueza...

O rosto de Inácio Ragojinski empalidecera de-repente e a voz tornara-se trémula. Evidentemente o ponto em que ia falar interessava o particularmente,

— Aconselhá-lo-ia sinceramente a refletir nesse assunto antes de pôr em prática as suas ideias!

— Refere se pessoalmente ao meu caso?

— Sim, considero como obrigação de todos nós que ocupamos certa posição, sustentar as responsabilidades que para nós dela derivam. Devemos conservar as regalias com as quais nascemos, que nos foram transmitidas por nossos pais, e que por consequência devemos transmitir aos nossos filhos.

— Mas considero como obrigação primária...

— Perdão! — disse Ragojinski, não se deixando interromper. — Eu não falo nem no meu interesse nem no dos meus filhos. A posição destes está garantida e para mim espero poder ganhar bem a minha vida enquanto viver. É, pois, livre de qualquer pensamento

egoísta e por íntima convicção que lhe aconselho a refletir, e a ler por exemplo...

— Perdão! Não preciso que ninguém se ocupe dos meus negócios nem que me indiquem o que devo ou não devo ler! — exclamou Nekludov empalidecendo também. E sentindo as mãos arrefecerem-lhe e perder a serenidade, calou-se e principiou a beber o seu chá. — E os teus filhos como vão? — perguntou Nekludov a Natália, depois de estar mais tranquilo.

Ela respondeu-lhe dizendo que as crianças tinham ficado com a avó e contente por ter acabado a questão entre os dois, contou-lhe como as crianças brincavam «às viagens» com os brinquedos, exatamente como Nekludov na infância brincava com duas bonecas, uma das quais era um negro e a outra uma dama a quem chamava a «francesa».

— Como tu ainda te recordas! — disse Nekludov sorrindo.

— Se recordo! Os meus agora brincam do mesmo modo!

A penosa impressão produzida pela desagradável disputa tinha-se desvanecido, e Natália, mais tranquila, não querendo falar diante de seu marido de assuntos só compreensíveis e interessantes para ela e para seu irmão, guiou a conversa para o acontecimento que emocionava todo S. Petersburgo, o duelo em que o jovem Kamensky perdera a vida.

Inácio Ragojinski criticou severamente o preconceito que impedia de considerar o duelo como um crime vulgar e Nekludov, indignado, respondeu-lhe em termos que a questão recomeçou sobre assunto diverso.

Inácio Ragojinski compreendia que Nekludov o aborrecia, e quisera provar-lhe a injustiça do seu sentimento. Nekludov, pela sua

parte, exasperado por seu cunhado tentar envolver-se nos seus negócios íntimos, ainda que conscientemente reconhecesse que como parente próximo tinha esse direito, mais excitado se tornava com a audácia e tom jactancioso, empregava na defesa racional de princípios, que eram para ele Nekludov a última palavra do absurdo.

— Que queria então que fizesse? — perguntou este.

— Que o assassino de Kamensky fosse condenado aos trabalhos forçados como um criminoso vulgar!

— E que se lucraria com isso?

— Seria justo!

— Como se a atual organização judiciária tivesse em vista fazer justiça! — disse Nekludov.

— Então que outro fim imagina que possa ter?

— O de sustentar uma ordem de coisas favorável a certa casta social!

— Eis uma novidade para mim! — respondeu Ragojinski sorrindo. — Não é para isso que geralmente se diz que serve a justiça!

— Na teoria assim é; a prática, porém, convenceu-me do contrário. As atuais instituições judiciárias apenas servem para conservar a sociedade no estado presente. Provém daí que tanto são perseguidos e castigados aqueles cujo nível moral é inferior ao ordinário como aqueles que são superiores e que se esforçam por elevar a sociedade até ao seu nível.

— Não posso permitir que se diga que os magistrados condenam homens de moralidade elevada e superior à ordinária! Aqueles que nós condenamos são, na maior parte, refugio da sociedade.

— Pois afirmo-lhe que conheço condenados bem superiores, moralmente, aos homens que os julgaram!

Ragojinski, porém, como homem habituado a não ser interrompido, continuou a falar, sem ouvir o que Nekludov dizia, o que o tornou indignado.

— Assim como não posso permitir que se diga — continuou — que os tribunais só servem para manter a ordem existente. Os tribunais têm um duplo fim: o de corrigir...

— Não está má a correção resultante do encarceramento! — exclamou Nekludov.

— ...e o de mandar da sociedade indivíduos depravados e embrutecidos que representam uma ameaça constante para a existência social.

— E eu sustento que os tribunais não se desempenham desses deveres! Punições racionais há apenas duas, que se empregavam outrora; o chicote e a morte.

— Nunca imaginei ouvir tal coisa da sua boca!

— Mas porquê? É racional fazer sofrer um homem para impedir que recomece a ação pela qual foi castigado, e compreendo que se corte a cabeça daquele que se tornou perigoso para o sossego dos outros homens. Mas, agarrar um indivíduo já depravado pela preguiça e pelos maus exemplos, para o encerrar numa prisão onde a preguiça e a ociosidade são obrigatórias, é proceder de quem não tem senso comum!

— E de que serve transportar à custa do Estado (garantiram-me que estas viagens custam 500 rublos por cabeça) presos do governo de Toula para o de Irkoustk ou para o de Kursk?

— O que não impede que essas passeatas sejam temidas e que sem elas e sem as prisões nós não estaríamos sentados aqui, tranquilamente, como estamos!

— O que não impede, que a sociedade esteja longe de ser protegida, apesar das prisões, pois esses homens cedo ou tarde recuperam a liberdade, com a agravante de virem mais perigosos, depois do internato a que são submetidos!

— Quer dizer que o atual regime penitenciário precisa ser aperfeiçoado?

— Mas não! Seria inútil! Para aperfeiçoar as prisões despende-se mais dinheiro do que o que hoje se inutiliza com a instrução pública e que o povo seria obrigado a pagar.

— Mas que quer então que faça? Que se mate toda a gente, ou como propôs recentemente um estadista iminente, que se vazem os olhos dos criminosos? — perguntou Ragojinski com um sorriso forçado.

— Isso seria cruel, mas não destituído de senso comum. O que atualmente se pratica e que é tão ineficaz e estúpido que custa a acreditar como há indivíduos racionais que tomem parte em tão absurda e cruel ocupação!

— Porém eu faço parte dessa instituição! — disse Ragojinski empalidecendo.

— Isso é lá consigo! Assiná-lo apenas o que me é incompreensível.

— Há muitas coisas que lhe são incompreensíveis! — disse Ragojinski com voz trémula.

— Presenciei, em pleno tribunal, um delegado do Procurador Régio erguer-se da sua cadeira e empregar todos os esforços para

conseguir que fosse condenada uma infeliz criança, que em qualquer homem brioso apenas provocaria piedade; assisti a outra audiência em que um sectário foi condenado por ter lido os Evangelhos a alguns amigos, e não quer que afirme que os tribunais apenas espalham o mal por intermédio das suas absurdas resoluções?

— Eu não desempenharia o cargo que ocupo se não estivesse convencido da sua legitimidade — respondeu Ragojinski levantando-se.

Nekludov julgou ver um brilho peculiar sob as lunetas de seu cunhado. «Oh Deus! serão lágrimas?», pensou. Efetivamente eram lágrimas de despeito e humilhação. Ragojinski dirigiu-se para junto da janela, tirou o lenço, limpou as lunetas e os olhos. Em seguida sentou-se, acendeu um charuto e não falou mais.

Nekludov sentiu-se dorido e envergonhado de ter magoado seu cunhado e sua irmã àquele ponto, tanto mais que, partindo no dia imediato, não os tornaria a ver.

Depois de trocar algumas palavras banais, despediu-se e encaminhou-se para casa.

«Tudo o que lhe disse é talvez a verdade, de outro modo teria replicado, mas não devia ter-lhe falado assim», dizia Nekludov consigo. «Decididamente a transformação por que tenho passado não é senão superficial, aliás não me teria irritado tanto, não teria humilhado Inácio Ragojinski como humilhei, e não teria magoado tão profundamente a minha querida Natália.

Capítulo 9

I

A leva de degredados da qual fazia parte a Maslova devia partir no dia seguinte às 3 da tarde. Nekludov assentou em comparecer à porta da prisão ao meio-dia para vê-la sair e acompanhá-la até à estação de caminho de ferro.

Nessa noite, antes de se deitar, como estivesse a pôr em ordem os seus papéis, encontrou o «diário» em que ia lançando uma ou outra impressão e não pôde deixar de ler os últimos períodos. Antes de partir para S. Petersburgo, escrevera: «Katucha não aceita o meu sacrifício e persiste no seu. A transformação íntima que se opera nela — temo que me engane — encanta-me. Se não me engano, conseguirei ressuscitá-la». A seguir escrevera: «Hoje sofri um grande abalo: tive conhecimento de que Katucha se portou indevidamente na enfermaria e um terrível sofrimento domina-me; nunca imaginei que essa má nova me magoasse tanto. Na entrevista seguinte que tive com essa infeliz, tratei-a desabridamente, o coração trasbordando de náusea, sem me recordar de quantas vezes eu mesmo tinha cometido o pecado de que agora a acusava, ainda que não fosse senão em pensamento; então o ódio que nascera no meu peito dirigi-o contra mim mesmo e quando o substituí pela compaixão que sempre deveria acompanhar as minhas relações para com ela, experimentei um inefável bem-estar». Nekludov pegou

então na pena e escreveu: «Tornei a ver Katucha hoje, e ainda, por egoísmo, fui mau e duro para com ela. Esse mesmo egoísmo obrigou-me a ser incivil para com Natália a quem falei, hoje, depois de haver dito a seu marido algumas frases verdadeiras mas que poderiam ser ditas mais suavemente. E, bem o sinto, o pesar que me oprime o coração tem aqui as suas raízes. Porém, que fazer? Amanhã inaugura-se para mim uma nova existência! Adeus, tempos passados, adeus para sempre!»

O primeiro sentimento de Nekludov ao despertar no dia imediato foi o de um profundo arrependimento pela sua conduta com o seu cunhado. «E impossível deixar ficar as coisas neste estado!», disse consigo; «irei procurá-lo e pedir-lhe ei desculpa!»

Consultou o relógio e só então viu que, se quisesse assistir à partida dos prisioneiros, não lhe sobraria o tempo. Deu-se pressa, pois em acabar de emalar o que tencionava levar e depois de remeter tudo para a estação, mandou buscar um carro e fez-se conduzir à prisão.

Era julho e o calor sufocava. Do pavimento das ruas, da cantaria e dos tetos das casas, que a transata abafada noite não conseguira refrescar, elevava-se um reflexo constante que, com o ardor e barulho do sol, tornava a atmosfera irrespirável. Sopravam baforadas de vento quente que levantavam nuvens de pó, dificultando a marcha aos raros transeuntes que os cosiam com as paredes das casas, aproveitando uns restos da sombra. Contudo, no meio da rua, Nekludov viu alguns cantoneiros recebendo o sol de chapa, e batendo com os maços nos pedregulhos até enterrá-los na terra ardente.

Quando Nekludov chegou à prisão, a porta ainda estava fechada. Desde as quatro da madrugada que lá dentro se procedia à contagem daqueles que iam partir. Eram 623 homens e 64 mulheres que, enfileiradas duas a duas, estacionavam no pátio, em pé e ao sol, aguardando a saída.

Num canto, em frente a uma mesa com tinteiros, papel e penas, estavam o novo diretor, dois auxiliares, o comandante militar da escolta e o médico. Os presos eram chamados e desfilavam um a um, dando-se a respetiva baixa no caderno.

Os raios do sol começavam a invadir a mesa e o calor tornava-se abafadiço por causa da aglomeração no pátio.

— Bom Deus! Isto não acaba? — perguntou o comandante da escolta, homem alto, nutrido e rosto congestionado, expelindo baforadas de fumo através dos espessos bigodes. — Isto é de matar! Onde foram buscar tanta coisa? Ainda há mais?

— Faltam vinte homens e as mulheres.

Enquanto isto se passava no interior, fora de portas, além da sentinela de espingarda ao ombro, Nekludov notou a existência de vinte carroças destinadas às bagagens dos prisioneiros e à condução de um ou outro doente e, num canto, viu um grupo com certeza parentes ou amigos dos presos, que esperavam a saída para os tornar a ver uma última vez e mimoseá-los com géneros ou dinheiro, se fosse possível.

Nekludov reuniu-se a este grupo e esperou em frente da porta ainda uma hora. Ouviram-se por fim, os tinidos dos grilhões, as vozes de comando, o ruído de centenas de pés andando e de vozes tossindo e falando. E, ainda durante mais cinco minutos, aparecerem e desaparecerem no portão, diferentes carcereiros.

De repente, o largo portão abriu-se ruidosamente, o tinido dos grilhões tornou-se mais perceptível e uma força militar de uniformes claros formou em semicírculo ao redor da praça; era uma manobra praticada já muitas vezes. Começaram então a desfilar, dois a dois os degredados. Em primeiro lugar, saíram os condenados a trabalhos forçados, vestindo uniformemente blusas cinzentas, e bonés baixos nas cabeças rapadas, todos com um saco às costas; arrastavam as pernas carregadas com os grilhões e, com a única mão livre que lhes deixavam, seguravam na extremidade dos sacos que lhes caíam pelas costas. Caminhavam firmemente, agitando o outro braço, como se fossem para uma grande caminhada; momentos depois paravam e formavam em filas de quatro.

Seguiam-se outros, vestindo blusas iguais e também com a cabeça rapada, mas sem grilhões, apenas com as mãos encadeadas atrás, nas costas. Eram os deportados.

Na mesma ordem seguiam-se as mulheres; as condenadas a trabalhos forçados, de blusas cinzentas e lenços na cabeça, e as deportadas, atrás das quais caminhavam as que voluntariamente acompanhavam os maridos. Estas eram na maior parte aldeãs, e como tais vestiam e algumas até crianças levavam ao colo.

Por entre as fileiras dos prisioneiros, como jovens poldros disseminados numa manada de cavalos, caminhavam a pé crianças mais idosas. Os homens seguiam silenciosos, trocando apenas de vez em quando uma ou outra palavra, enquanto das fileiras das mulheres, se elevava um confuso e ininterrupto murmúrio de vozes.

Nekludov julgou reconhecer a Maslova na ocasião da saída; depressa, porém, a perdeu de vista, na confusa onda de criaturas

uniformemente vestidas de cinzento, em tudo semelhantes umas às outras e desprovidas de todo o atributo humano.

A leva tinha sido contada no pátio interior e, enquanto os seus componentes formavam em filas de quatro foram contados. Quando terminou a recontagem o comandante da escolta deu uma ordem e, entre a multidão produziu-se certo reboliço.

Os doentes, homens, e mulheres, abandonaram as fileiras e precipitaram-se para os carros tratando de se instalar e a bagagem. Nekludov pôde ver numa promiscuidade completa mães com os filhos ao seio, crianças de ambos os sexos alegradas pela variedade do passeio e doentes de feições sombrias e rabugentas.

Alguns prisioneiros com a cabeça descoberta, vieram pedir ao comandante licença para seguir nas carroças. Este, a princípio, fingiu não os ouvir, voltando-se para o outro lado enrolando um cigarro; súbito, Nekludov viu-o voltar-se de mão erguida para um que se aproximara mais.

— Eu dou-te a carroça! A pé, que vai muito bem! — gritou ele.

Apenas um velho todo trémulo conseguiu ser favorecido. Desbarretou-se, persignou-se e, pousando a sacola numa das carroças esforçou-se, em vão, durante muito tempo para conseguir içar as pernas magras carregadas com os grilhões e só quando, de dentro, uma velha o ajudou, pôde descansar.

O comandante, depois de ver as carroças repletas, enxugou o suor que em camarinhas se lhe depositava no pescoço rubro, na testa e na calva, e persignou-se.

— Ordinário! marche! — bradou.

Os soldados puseram as armas ao ombro: os condenados desbarretaram-se e persignaram-se, das fileiras femininas levantou-

se um clamor de despedidas em resposta ao que do grupo lhe era dirigido, e o cortejo começou a agitar-se, rodeado pelos soldados de uniforme claro levantando nuvens de poeira a cada movimento das pernas agrilhoadas.

À frente caminhava uma dupla fila de soldados; depois vinham os condenados a trabalhos forçados, os simples deportados e as mulheres; no couce, enfileiradas quatro a quatro, arrastavam-se as carroças, transbordando de bagagens e inválidos. No tejadilho de uma delas Nekludov notou uma mulher muito agasalhada, que soluçava continuamente.

II

Já as primeiras filas do cortejo haviam dobrado a extremidade da rua, quando coube a vez às carroças de se porem em movimento, tão extenso ele era. Nekludov ainda esperou alguns momentos e, em seguida, entrou para o carro que o esperava e mandou caminhar vagarosamente para poder procurar a Maslova e saber dela se lhe haviam sido entregues alguns objetos indispensáveis para a longa viagem que tinha de realizar e que lhe mandara entregar. O calor tornara-se ainda mais abafadiço e no meio da estrada, levantava-se uma nuvem de pó produzida pela marcha da coluna. Quando Nekludov conseguiu alcançar as primeiras filas das prisioneiras reconheceu sem dificuldade a Maslova. Ia na segunda fila acompanhada pela Bela, por Fedósia e por uma mulher grávida que se arrastava com dificuldade. A Maslova

caminhava com passo ágil carregando com o seu saco às costas e olhando para a frente, tranquila e resolutamente. Nekludov mandou parar o carro e desceu, no propósito de se dirigir e falar-lhe, mas um oficial inferior que acompanhava a escolta, precipitou se sobre ele.

— É proibido falar com os prisioneiros! — gritou.

Mas, como reconhecesse Nekludov, que já era conhecido de todos os empregados da prisão, levou a mão à barretina e, em tom mais respeitoso, observou lhe:

— Excelência, tenha paciência até à estação. Aqui é impossível falar-lhe.

Nekludov afastou-se e fez sinal ao cocheiro para o seguir enquanto acompanhava o cortejo a pé. Este, por onde passava, despertava as atenções formadas por compaixão e tremor.

Paravam as carruagens, e, pelas portinholas, entreviam-se cabeças inclinadas examinando curiosamente os degredados. Os transeuntes estacavam, fixando fascinadoramente o terrível espetáculo. Alguns aproximavam-se e davam uma esmola, que os soldados recolhiam enquanto outros ficavam como que hipnotizados seguindo com o olhar os últimos carros, até os perderem de vista.

Numa encruzilhada, o cortejo deteve um carro particular. No exterior sentava-se um nutrido cocheiro de faces reluzentes e uma dupla fila de botões amarelos na farda; no interior, ocupava os lugares superiores um casal de gente fina. Ela, uma pálida e franzina criatura com um leve chapéu de cor na cabeça e um transparente guarda-sol aberto; ele, de chapéu alto e sobrecasaca. No assento dianteiro, davam-se as mãos duas crianças, seus filhos; uma rapariguinha com belo cabelo solto, fresca e rosada como uma flor, sustentando também aberto, um microscópico guarda-sol, e um

rapaz de oito anos de pescoço magro e comprido, largos colarinhos, blusa e boné de marinheiro. O pai ralhava zangadamente com o cocheiro por não ter aproveitado a ocasião de passar à frente do cortejo, e a mãe procurava encobrir-se com o guarda-sol da nuvem de poeira que voava na atmosfera, enquanto o rosto manifestava a impressão de enfado causada por tal encontro.

O cocheiro ainda tentou romper as filas do cortejo, mas apenas conseguiu levantar um certo borborinho, que o obrigou a refrear os cavalos, e só quando as últimas carroças passaram, pôde seguir caminho. As crianças com a curiosidade despertada pelo espetáculo que tinham presenciado esperavam por uma explicação que as elucidasse. E como nem o pai nem a mãe lha dessem tiraram nos de si próprios. A rapariga que espiara a expressão do rosto de seu pai e de sua mãe resolveu o problema ficando na convicção que os indivíduos que vira desfilar pertenciam a uma espécie diferente daquela a que pertenciam seus pais e os seus conhecimentos, que eram gente execranda tratada e punida como mereciam.

Por isso a pequenina apenas sentiu medo e ficou alegre quando os perdeu de vista. O rapaz do pescoço magro e comprido, que presenciara todo o desfile sem despegar o olhar do que via interpretou o problema diferentemente.

Compreendeu, sem dificuldade que os seres que desfilavam na sua frente eram em tudo seus semelhantes pois sentia em si Deus que lho revelava, e percebeu que havia *alguém* que lhes causava o mal de que iam sofrendo; brotou lhe do coração a compaixão por aqueles seus semelhantes e não se horrorizando dos «cabeças rapadas» e dos agrilhoados, sentiu os lábios estremecerem-lhe num

prenúncio de uma crise de lágrimas. Mas fazendo um violento esforço dominou-se... porque parecia mal chorar naquele lugar.

Nekludov acompanhava os condenados, conservando o mesmo andamento que eles, e ainda que vestido levemente, principiava a sentir-se incomodado com o calor.

Por fim este tornou-se insuportável; depois de um quarto de hora de caminho através de uma atmosfera abafadiça, imóvel e ardente, voltou para a carruagem. Aqui o calor pareceu-lhe ainda mais intolerável; ordenou ao cocheiro que andasse mais rápido e tentou pensar na discussão que tivera na véspera com o seu cunhado; o que, porém, algumas horas antes ainda tanto o interessava, não conseguia já reanimá-lo. Todas as suas energias concentravam-se no terrível espetáculo que presenciava agora. Mais do que isso ainda, incomodava-o o calor.

Atravessaram na ocasião, uma pequena praça; à sombra de uma árvore atraiu-lhe a atenção um grupo formado por dois colegiais em frente de um vendedor ambulante de sorvetes. Um já esvaziara um cálice e lambia sofregamente uma pequena colher e o outro vigiava o homem dos sorvetes que lhe enchia o cálice de neve dourada.

— Onde poderei tomar qualquer coisa? — perguntou Nekludov ao cocheiro, sentindo o indomável desejo de se refrescar.

— Aqui bem perto há um bom café respondeu o cocheiro; e voltando a uma esquina parou em frente de um estabelecimento, decorado com uma grande tabuleta.

Atrás do balcão estava o dono do estabelecimento em mangas de camisa e na sala dois criados com blusas sujas; depois de haverem examinado com curiosidade o freguês desconhecido, correram pressurosos a oferecer-lhe os seus serviços.

Nekludov pediu água de Seltz e sentou-se a uma pequena mesa coberta com uma toalha enodada.

Numa mesa próxima estavam sentados dois homens tomando chá; um de pequena estatura e nutrido, tinha um cachão saliente, todo coberto por cabelos negros semelhantes aos de Inácio Ragojinski. Esta semelhança recordou a Nekludov a conversa da véspera e o desejo que tinha de tornar a ver sua irmã antes de partir. «E se eu lá fosse?» dizia a si mesmo. «É impossível, perderia o comboio. É preferível escrever-lhe!» Pediu pena, papel e tinta e enquanto bebia, a pequenos tragos, a água fresca e crepitante, pôs-se a pensar no que lhe diria. As ideias, porém, baralhavam-se - lhe no cérebro, não o deixando arquitetar nem uma frase.

«Querida Natália, não posso partir sob a dolorosa impressão que me deixou a conversa que tive com teu marido e...», principiou Nekludov a escrever. «Mas, que dizer mais? Pedir-lhe-ei desculpa das palavras que pronunciei? Mas elas só exprimiam a verdade que eu sentia, além do que meu cunhado julgaria que me desdigo. Quem o mandou a ele intrometer-se nos meus negócios? Não, é impossível escrever.»

E sentindo reanimar-se dentro de si o ódio que votava àquele estranho, incapaz de todo de o empreender, amarrotou a carta principiada, meteu-a no bolso, pagou e subiu para o carro a fim de alcançar de novo o cortejo.

O calor, longe de diminuir, aumentara; parecia que dos passeios e das paredes se exalavam baforadas tórridas. O chão tisonava os pés através do calçado, e quando Nekludov pousou a mão no rebordo envernizado da carruagem, sentiu a ardência das queimaduras.

O cavalo arrastava-se pesadamente pelo macadam poeirento e o cocheiro dormitava na almofada; Nekludov, inutilizado pelo calor, sentia-se incapaz de um pensamento. Ao voltar uma esquina, em frente de uma grande casa, um grupo de homens com um soldado da escolta no meio deles, atraiu - lhe a atenção.

Mandou parar e, dirigindo-se a um porteiro, perguntou-lhe:

— Que se passa?

— É um degredado que...

Nekludov desceu do carro e aproximou-se.

Um detido de rosto congestionado e barba ruiva estava estendido sobre as pedras desiguais do pavimento com a cabeça em nível inferior ao resto do corpo, e este apertado de encontro ao passeio. Com as costas sobre as pedras erguia, gemendo, o largo peito e com as palmas das mãos muito abertas, parecia fitar o firmamento com o olhar imóvel injetado de sangue.

Ao redor tinham-se reunido um polícia, um distribuidor do correio, uma velha com um guarda-sol, um caixeiro e um rapazito com um cesto vazio.

— Esta gente está fraca depois de tal cativoiro e obrigam-nos a marchar com este calor! — disse o caixeiro, dirigindo-se a Nekludov.

— Morre com certeza! — dizia a velha em voz aflitiva.

— Depressa! descubram-lhe o peito! — disse um dos assistentes.

O polícia principiou a desabotoá-lo com mãos trémulas, pondo-lhe a descoberto o pescoço de veias tumefactas. Ainda que comovido e entristecido julgou do seu dever repreender os presentes:

— Vamos, que estão aqui a fazer? Toca a andar e não impeçam que o ar circule!

— O médico é obrigado a examiná-los antes de saírem da prisão e deve mandar os doentes e fracos de carro!

— E, vejam lá, obrigam este a sair a pé! — explicava o caixeiro muito contente de poder mostrar os seus conhecimentos do regulamento.

O polícia acabou de desapertar o preso e erguendo-se, espraizou outra vez a vista em redor.

— Então que disse eu? Ninguém tem nada com isto, toca a girar! — disse, procurando com o olhar compreender se o soldado aprovava as ordens que estava dando.

O soldado, porém, estava embebido na contemplação das suas botas, sem dar atenção à perplexidade do polícia.

— Os que têm obrigações e deveres não os cumprem. A lei não permite que se deixe assim morrer gente!

— Sim, um preso é um preso, mas é também um homem! — disseram várias vozes partindo do grupo que, incessantemente, ia engrossando.

— Levantem-lhe a cabeça e deem-lhe água! — disse Nekludov.

— Mandei buscá-la — respondeu o polícia.

E erguendo custosamente o preso pelos braços, conseguiu colocar-lhe a cabeça no passeio.

— Que quer dizer isto! — exclamou de repente uma voz imperiosa e grosseira. Era um chefe de polícia vestindo um uniforme deslumbrante e botas de cano alto ainda mais deslumbrantes, que acorrera irritadamente. — Não é permitido estar parado, toca a girar! — disse dirigindo-se aos indivíduos aí aglomerados, mesmo sem saber do que se tratava.

Quando deu pelo infeliz prisioneiro estendido nas pedras, acenou com a cabeça, como para dar a entender que já tinha visto muitos casos idênticos, e interpelou o polícia para saber como se produzira o acidente.

O polícia contou que à passagem do cortejo o prisioneiro caíra e o comandante da escolta ordenara que o deixassem ficar.

— Está bem. É necessário levá-lo para a esquadra. Mande chamar o carro...

— Quando o guarda-portão regressar — disse o polícia fazendo continência.

O caixeiro recomeçara a falar no calor.

— Que te importa? Segue o teu caminho, vá! — disse - lhe o chefe da polícia fixando-o com tal severidade que o caixeiro houve por bem calar-se.

— É necessário dar-lhe de beber! — repetiu Nekludov.

O chefe da polícia lançou-lhe também um olhar severo, mas vendo-o bem vestido não se atreveu a dizer-lhe nada. Nesta ocasião o guarda portão com um jarro cheio de água e o polícia esforçou se por introduzir alguma na boca do moribundo, a quem erguera a cabeça; a boca deste, porém, não se abria e a água começara a entornar-se-lhe pela barba, molhando a blusa e a camisa poeirentas.

— Deita-lha na cabeça! — ordenou o chefe da polícia.

O polícia desbarretou o preso e virou-lhe o jarro em cima da calva rodeada de cabelos ruivos.

Os olhos do infeliz abriram se desmedidamente, como que espantados, mas o corpo permaneceu imóvel.

A água misturada com o pó corria-lhe pelas faces; pela boca principiaram a fazer-se ouvir surdos gemidos, enquanto fortes estremecimentos convulsionavam o corpo.

— Aqui está um carro! Coloquem-no aqui! — exclamou o chefe apontando para o carro de Nekludov. — Vamos, aproxima-te.

— Estou tomado! — respondeu o cocheiro.

— O carro é meu, mas eu cedo-o! Pago todo o serviço — disse Nekludov para o cocheiro.

— Então porque esperas? Depressa!

O soldado, o porteiro e o polícia ergueram o prisioneiro e colocaram-no no assento inferior do carro. O corpo, porém, não se sustinha; a cabeça tombava e o corpo deslizava das almofadas.

— É preferível deitá-lo — disse o chefe.

— Pode estar sossegado; conduzi-lo-ei assim — afirmou o polícia, sentando-se-lhe ao lado e passando-lhe o braço em redor da cinta, enquanto o soldado lhe endireitava as pernas.

No passeio tinha ficado o boné do desgraçado; o chefe apanhou-lho e colocou-lho na cabeça molhada que tombava ora para um, ora para outro lado.

— Podem partir! — ordenou.

O cocheiro, com o soldado ao lado, castigou a alimária e voltou para trás, em direção da esquadra.

Dentro o polícia tentava em vão suster a cabeça do prisioneiro, que oscilava continuamente. Nekludov seguia a pé, atrás da

carruagem.

III

Quando o carro parou em frente da esquadra, foi logo rodeado por várias polícias, que se apressaram a retirar o prisioneiro, falecido durante o trajeto.

Nekludov chegou dez minutos depois, quando o cadáver era conduzido para a enfermaria.

Havia nesta quatro camas a condizerem em falta de limpeza com a sala, duas das quais estavam ocupadas: uma por um tísico e a outra por um homem com a cabeça e pescoço ligados.

Numa das camas desocupadas foi colocado o cadáver.

Um homenzinho de olhar brilhante e grande mobilidade de expressão, aproximou-se com passo rápido, examinou o morto, olhou para Nekludov e desatou a rir. Era um doido que, enquanto não era transferido para o hospital, aí permanecia.

— Querem me assustar! — disse. — Mas não o conseguirão.

Momentos depois Nekludov viu entrar o chefe da esquadra e um médico. Este dirigiu-se à cama, pegou na mão pálida e ainda tépida do morto, ergueu-lha e tornou a deixá-la cair.

— Está pronto! — disse acenando com a cabeça. — Porém como o regulamento exigia mais, descobriu o peito do morto ainda molhado, e auscultou-o escrupulosamente. Estavam todos silenciosos; o médico ergueu a cabeça, acenou de novo com ela, e

delicadamente, com a ponta dos dedos, cerrou os olhos azuis do cadáver, que haviam ficado muito abertos.

— Não me assustais, não me assustais! — repetia o doido, escarrando para o chão.

— E agora? — perguntou o chefe.

— Agora é conduzi-lo para a casa mortuária.

— Conduzam o cadáver para a casa mortuária — ordenou o chefe. — E tu vem à secretaria assinar o auto — disse dirigindo-se ao soldado, que se conservava ainda de pé, de guarda ao que lhe haviam confiado.

O cadáver foi conduzido para o rés do chão por quatro polícias. Nekludov preparava-se para o seguir quando o doido o interpelou.

— Não está de acordo com eles, não é verdade? Então dê cá um cigarro!

Nekludov deu-lhe o cigarro; o doido remexendo incessantemente com as feições, principiou a contar-lhe as perseguições de que era alvo.

— São todos contra mim! E por intermédio dos seus *médiuns* atormentam-me dia e noite!

— Queira desculpar-me — disse Nekludov sem aguardar o fim da narração, pois desejava ver o destino que davam ao cadáver.

Os polícias tinham atravessado o pátio e estavam parados em frente de uma porta; Nekludov preparava-se para os seguir quando foi impedido pelo chefe.

— Que deseja?

— Nada! — respondeu Nekludov.

— Então se não quer nada, queira retirar-se.

Nekludov saiu e dirigiu-se para o seu carro. O cocheiro dormia na almofada e Nekludov acordando-o, mandou-o seguir para a estação.

Mal haviam andado cem passos quando encontraram uma telega, na qual jazia inanimado outro prisioneiro, a quem um soldado acompanhava. Nekludov fez parar os dois carros e pôde examiná-lo com vagar,

Estava estendido de costas, a cabeça rapada e descoberta, pois o barrete tinha deslizado para o rosto, e a cada volta das rodas o corpo era sacudido de um para o outro lado. Ao lado da carroça, caminhava um cocheiro calçando fortes botas e segurando nas rédeas. Na retaguarda seguia um polícia. Nekludov mandou parar o seu carro.

— Excelência, repare o que eles fizeram! — disse o cocheiro.

Nekludov apeou-se, seguiu a carroça e entrou novamente no posto policial. Um homem alto e ossudo, um chefe de bombeiros, estava no pátio, em pé e com as mãos nos bolsos, examinando com olhar severo um cavalo bem alimentado que um bombeiro passeava de um para outro lado. O cavalo coxeava de uma das mãos.

No pátio estava também um chefe da polícia que, quando viu entrar a carroça, se dirigiu ao soldado que a acompanhava.

— De onde vêm? — perguntou-lhe, acenando com a cabeça, pouco satisfeito.

— Da rua Corbatooskaia — respondeu o polícia.

— É algum preso? — perguntou o chefe dos bombeiros.

— Hoje já é o segundo!

— Parece, na verdade, que tudo foi mal preparado. É bom certo que o tempo vai medonho! — disse o chefe dos bombeiros.

E dirigindo se ao bombeiro que passeava o cavalo, gritou-lhe:

— Prende-o na divisória do canto! E deixa estar, cão dos diabos, que hei de ensinar-te a molestar cavalos que valem dez vezes mais do que tu!

E entretanto o morto era retirado da carroça e conduzido para a enfermaria. Nekludov seguia-o meio hipnotizado.

— O que é que deseja? — perguntou lhe um polícia. Nekludov não respondeu e entrou na enfermaria.

Sentado na cama o louco fumava sofregamente o cigarro que Nekludov lhe dera.

— Então voltou? — disse rindo-se. Mas, quando viu o cadáver fez uma careta e murmurou: — Mais! Ainda mais? Já estou farto! Ou serei alguma criança?

E voltava-se para Nekludov sorrindo interrogativamente.

Contrastavam com a franzina envergadura do outro falecido o belo corpo e as belas feições deste morto. Era um homem no vigor da vida: os lábios já azulados eram assombreados por fino bigode e sorriam; e no crânio barbeado nascia a testa levemente arqueada e enérgica.

As orelhas eram do mais puro desenho e o rosto exprimia tranquilidade, austeridade e bondade. Percebia-se que preciosas qualidades de alta vida moral, haviam sido destruídas neste homem. As fortes mãos e os pés agrilhoados, o conjunto harmónico do corpo musculoso, provavam bem quão vigoroso tinha sido aquela criatura humana. E morrera, fora assassinado, e não só não era lastimado como homem, como nem sequer era notada a falta que produziria como admirável instrumento de trabalho, sacrificado vãmente!

Nekludov assim o compreendeu, surpreendendo no olhar dos que o acompanhavam o sentimento provocado por esta morte, que tanto incómodo lhes causava.

Afinal chegou o médico que se tinha mandado procurar, e com ele entrou também um comissário de polícia. O médico era um homem magro e alto, vestindo uma leve roupa de alpaca. O comissário em contraste, era baixo, gordo, de rosto rechonchudo, que ele ainda mais alargava com o hábito de encher a boca com ar, que lentamente ia expelindo. O médico sentou-se na cama junto do morto, tomou-lhe o pulso, auscultou-o, colocando o ouvido sobre o coração e erguendo-se e esticando as calças, disse:

— Não pode estar mais morto!

O comissário aspirou um pouco de ar e expeliu-o compassadamente.

— A que prisão pertencia? — perguntou ao soldado.

O soldado respondeu-lhe e chamou-lhe a atenção para as grilhetas que pendiam dos pés do morto.

— Vou mandar tirá-las — disse o comissário. E enchendo a boca com ar saiu.

— Mas como acontece um caso destes? — perguntou Nekludov ao médico.

Este fitou-o através das lunetas.

— Como acontece? Quer então saber porque é que *e/les* morrem de insolação? É bem simples! Esta gente passa todo um inverno encerrado, sem fazer exercício nem receber luz e no verão seguinte, numa bela manhã, obrigam-nos a caminhar apertados uns contra os outros, sob um sol incandescente. Impossível deixar de haver casos destes!

— Mas porque é que os obrigam a sair?

— Essa pergunta deve ser feita a quem manda e não a quem executa. Posso saber a quem tenho a honra de estar falando?

— Sou um estrangeiro.

— Muito boas tardes! Não posso perder tempo! — E o médico mal humorado, com a perda do tempo, deixou Nekludov e encaminhou-se para os leitos.

— Então que tal vai isso? — perguntou a um dos doentes com a cabeça ligada.

Nekludov tornou a descer as escadas, passou pela sentinela de capacete de metal, e subiu para o carro, cujo cocheiro de novo tinha adormecido.

Tristemente, mandou caminhar para a estação.

IV

Quando Nekludov chegou à estação, encontrou já toda a leva acomodada em carruagens de janelas gradeadas. No cais de embarque estavam várias pessoas que se despediam de parentes e amigos, esperando que lhes fosse facultado aproximarem-se das carruagens.

Todos os empregados que tinham acompanhado a leva, andavam de um para outro lado, com aspeto de preocupados. É que durante o trajeto através da cidade tinham sucumbido por insolação, cinco degredados: três tinham morrido no caminho e os restantes tinham falecido já na estação. O que preocupava, porém, os

empregados, não era que esses cinco homens confiados aos seus cuidados tivessem morrido, quando com leve precaução teriam sido poupados à morte: o que mais os inquietava era terem de cumprir as formalidades que os regulamentos exigiam, entregar os cadáveres às respectivas autoridades, apartar os objetos e as roupas que lhes pertenciam e dar baixa nos seus nomes na lista dos que partiam para Novgorod, tudo isto era excessivamente enfadonho, principalmente num dia tão quente.

Era este o motivo que os tornava preocupados, enquanto andavam da direita para a esquerda, e fora isto que os levava também a proibir as conversas junto das carruagens, enquanto tudo não estivesse regularizado. Nekludov pôde, porém, obter a permissão desejada, gratificando um dos empregados, que lhe pediu que não se demorasse muito tempo para não ser visto pelo comandante.

O comboio compunha-se de dezoito carruagens, que com exceção da reserva para oficiais e empregados, trasbordavam de prisioneiros. Nekludov ao passar junto das janelas das carruagens ouvia além do tinido dos grilhões, questões a conversas onde abundavam os grosseiros palavrões; em nenhuma, porém, se falava dos companheiros que tinham ficado pelo caminho. Questionava-se apenas por causa dos sacos, dos lugares, ou para arranjar água para beber.

Nekludov por curiosidade olhou para o interior de uma das carruagens. Na coxia central dois empregados tentavam desapertar as algemas, um abrindo os cadeados e outros tirando-os.

As mulheres estavam nas carruagens atrás das reservadas para os homens.

Logo na primeira, Nekludov ouviu uma voz gemendo monotonamente: «Oh meu Deus! Oh meu Deus!»

O empregado com quem Nekludov falara, dissera-lhe que a Maslova devia estar na terceira carruagem. Nekludov aproximou o rosto do gradeamento e sentiu vir de dentro uma baforada de ar quente tresandando a transpiração, que o obrigou a voltar a cabeça ao mesmo tempo atordoado pela gritaria produzida por todas aquelas vozes femininas. Todos os lugares estavam tomados por mulheres em cabelo, de blusas desapertadas e rostos congestionados inundados de suor, falando, vociferando e gesticulando. O rosto de Nekludov encostado às grades acabou por atrair-lhes as atenções, e as que mais próximas se achavam da janela calaram-se e chamaram pela Maslova, que estava do outro lado da carruagem sentada junto da loura e sorridente Fedósia.

Maslova logo que notou Nekludov levantou-se, atou à cabeça o lenço que desapertara, e com um sorriso nas feições rosadas e animadas aproximou-se da janela deitando as mãos ao gradeamento.

— Isto é que é calor! — disse alegremente.

— Entregaram-lhe as encomendas?

— Sim, muito obrigada.

— Não será necessário mais nada? — perguntou Nekludov, incomodado pelo calor que se armazenava na carruagem.

— Obrigada, não necessito de mais nada.

— Pede-lhe que veja se arranja a que nos deem de beber — murmurou timidamente Fedósia.

— Se fosse possível beber qualquer coisa! — repetiu a Maslova.

— Então não lhes deram de beber?

— Deram-nos uma cântara cheia mas bebemo-la toda!

— Vou falar com o comandante — disse Nekludov. — E agora até Nijni-Novgorod, pois só aí nos tornaremos a ver.

— Então também vai? — exclamou a Maslova, fingindo não saber nada. E fitou Nekludov com profunda alegria.

— Vou! Parto no comboio imediato.

Maslova não respondeu, suspirou e baixou o olhar.

— É verdade, fidalgo, que morressem doze homens no caminho? — perguntou uma presa, mulher velha, com cara acentuadamente aldeã.

— Não ouvi falar em doze, mas vi eu próprio dois — respondeu Nekludov.

— Pois dizem que são doze! E não se faz nada a esses carrascos?

— E aqui, entre as mulheres houve algum acidente? — perguntou Nekludov.

— Não, aqui não houve nada. Nós somos mais fortes! — disse rindo outra presa. — Só a uma é que se lhe meteu na cabeça aliviar-se aqui. Ouve-a? — acrescentou, apontando para um dos cantos da carruagem.

— Perguntou-me se eu precisava de alguma coisa — disse a Maslova tentando conservar o alegre sorriso que se lhe esboçava nos lábios — não se importe em arranjar que nos deem de beber mas veja se consegue que esta desgraçada fique no hospital, aliás morrerá pelo caminho!

— Vou tentar — respondeu Nekludov. E afastou-se da carruagem dando lugar a Tarass, o marido da Fedósia, que conseguira por fim licença para lhe falar. Durante muito tempo

percorreu o cais em todos os sentidos sem encontrar a quem se dirigisse! Quanto mais se aproximava a hora da partida mais redobrava a atividade de todos os empregados. Uns tratavam de colocar os prisioneiros, outros compravam provisões para a viagem, outros cuidavam das bagagens ou acompanhavam as esposas dos oficiais que partiam com os maridos. Nenhum tinha vagar para ouvir Nekludov.

Dera já o segundo sinal de partida quando Nekludov conseguiu encontrar o comandante. O gordo oficial enxugava o suor que lhe escorria da testa e repreendia um ajudante.

— Que deseja? — perguntou a Nekludov.

— Está uma mulher numa carruagem com as dores do parto, pensei que...

— Está com as dores? Ela lá se arranjará! — respondeu o militar correndo com as pernas curtas para a sua carruagem.

Soou uma última badalada. Respondeu-lhe o assobio do condutor do comboio e o silvo da máquina. Do cais e das carruagens soltaram-se exclamações de despedidas, gritos de adeuses. Nekludov viu passar uma atrás das outras as enormes carruagens às janelas das quais se apinhavam os prisioneiros de cabeças rapadas. Em seguida passou a primeira carruagem das mulheres e na terceira, junto da janela conservava-se ainda a Maslova. Quando viu Nekludov trocou com ele um olhar e um sorriso que de novo o comoveram.

Capítulo 10

I

O comboio no qual devia seguir Nekludov não partia antes de duas horas. Para utilizar este intervalo, pensou em voltar ao hotel onde se alojara sua irmã; as impressões que durante toda a manhã sentira, tinham-no comovido e fatigado a tal ponto que se não sentia com forças para se arrastar até lá. Entrou na sala de espera, sentou-se num sofá e encostando a cabeça à almofada, adormeceu.

Dormia havia muito tempo quando foi despertado por um arrastar de cadeiras. Ergueu-se sobressaltadamente, recordou-se do sítio onde se encontrava e reconstruíram-se-lhe na mente as cenas que presenciaria pela manhã. Eram o cortejo dos degredados, os dois prisioneiros falecidos no trajeto e a partida do comboio com as carruagens de janelas gradeadas, atulhados de prisioneiros; e por último, mais nitidamente dolorosa, reaparecia-lhe a Maslova com o rosto encostado ao gradeamento sorrindo lhe tristemente. Agora, porém, o cenário que tinha na sua frente era diverso: uma mesa com garrafas, plantas, candelabros e flores, na extremidade da qual dormitavam alguns criados encasacados e, um pouco retirado, um balcão também repleto de garrafas e bebidas, ao qual estavam viajantes comprando provisões.

Quando Nekludov acabou de adquirir consciência de si mesmo, notou que todos os presentes observavam curiosamente o que se

estava passando à porta de entrada. Olhando viu também um grupo de indivíduos que conduzia numa cadeira uma senhora muito envolvida em agasalhos.

Um dos primeiros condutores era um laçao, cujas feições não eram estranhas a Nekludov, assim como um porteiro uniformizado e de boné agalado que vinha atrás da cadeira. Junto a esta vinha uma criada grave muito elegante, com uma mala de mão, um estojo de couro e vários guarda-sóis. Do outro lado da cadeira Nekludov reconheceu o velho príncipe Korchaguine, de lábios sensuais e pescoço apoplético, em trajes de viagem. Ao seu lado vinham Missy e o irmão e um diplomata rapaz novo, que Nekludov conhecia muito bem, o conde d'Ostem, com o pescoço muito alongado, maçã de Adão muito saliente, e rosto sempre sorridente. O diplomata conversava com Missy, que parecia muito interessada e divertida com os seus gracejos. Por último Nekludov viu que o médico também os acompanhava, como de costume mal humorado e fumando cigarros.

O imponente cortejo atravessou a sala em direção ao gabinete reservado para as senhoras, atraindo na sua passagem uma respeitosa curiosidade. Pouco depois o príncipe, seguido logo por Missy e Ostem, voltou para a sala e sentando-se à mesa pediu ao criado refrescos e de comer. Missy ainda não se tinha sentado quando reconheceu à porta alguém a quem se dirigia pressurosa.

Era Natália Ragojinski. Vinha na companhia de Agripina Petrovna, procurando alguém com o olhar, por toda a parte. Viu seu irmão e Missy ao mesmo tempo e enquanto cumprimentava a jovem princesa disse para Nekludov, que se aproximara:

— Enfim, sempre te encontrei! Principiava a desanimar!

Nekludov cumprimentou Missy e Ostem, abraçou sua irmã e entabulou-se conversação. Missy contou que tinha havido um incêndio na casa da propriedade onde passavam o verão, o que os obrigava a irem durante algumas semanas para casa de uma parente, sua tia, que residia perto de Nijni-Novgorod. Ostem aproveitou a ocasião para contar alegres histórias sobre incêndios.

Nekludov não lhe prestou atenção e dirigiu-se a sua irmã.

— Estou bem satisfeito por teres vindo!

— Há duas horas que eu e Agripina Petrovna exploramos a cidade toda em tua procura sem te encontrar.

E, com um gesto de cabeça, indicou-lhe a governanta que de *waterproof* e chapéu de flores, se conservava modestamente afastada, para não estorvar a conversa.

— Imagina que adormeci aqui, naquele sofá! Estou contentíssimo por teres vindo! — repetiu. — Tinha principiado uma carta para ti!

— Sim? — perguntou ela um pouco assustada. — A respeito de quê?

Missy e o seu novo adorador, percebendo que se entabulava uma conversa íntima entre os dois irmãos, afastaram-se. Nekludov e sua irmã aproximaram-se de um sofá, de veludo verde colocado entre as janelas, sobre o qual estava uma mala pequena, um rolo de viagem, uma chapeleira e sentaram-se.

— Ontem depois de vos haver deixado tive tenções de voltar atrás e pedir desculpa a teu marido — disse Nekludov; — se o não fiz é porque receei que ele interpretasse mal esse passo. Reconheço que fui violento e mau para com ele, o que agora me penaliza.

— Eu bem sabia que intencionalmente eras incapaz de ser mau! — disse Natália. — Bem sabes que...

E antes de poder terminar a frase, os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas enquanto apertava nervosamente a mão de seu irmão. Nekludov compreendeu o que ela queria dizer: que amando seu marido mais do que ninguém, sofria com as dissidências entre ele e seu irmão, a quem também era afeiçoadíssima.

— Obrigado, Natália, muito obrigado! Ah! se soubesses o que hoje presenciei! — disse, recordando-se de repente dos prisioneiros mortos. — Dois presos quase que assassinados!

— Assassinados! Como? Por quem?

— Sim, assassinados. Obrigaram-nos a marchar com sol a descoberto sobre eles, e dois morreram de insolação.

— Impossível. Mas quando foi isso? Hoje?

— Sim, ainda não há muito. Vi os cadáveres.

— Mas a quem imputar essas mortes? — perguntou Natália.

— A quem? Aos que os obrigaram a andar com este calor! — respondeu Nekludov, nitidamente percebendo que sua irmã partilhava outros modos de ver, diferentes dos seus.

— Pois é possível, meu Deus! — exclamou Agripina Petrovna que ouvira o final da conversa.

— E nós nem sequer temos a menor ideia dos sofrimentos infligidos àqueles desgraçados, quando era nosso dever informarmos-nos! — continuava Nekludov fixando involuntariamente o olhar no velho príncipe Korchaguine que, de guardanapo ao pescoço, se empanturrava de fiambre.

— Nekludov! — gritou-lhe ele. — Não quer tomar um refresco? Para quem viaja é magnífico!

Nekludov agradeceu com um aceno de cabeça.

— E que vais então fazer? — continuou Natália.

— O que puder. Sinto que devo fazer qualquer coisa. E o que as minhas forças me permitirem fazer, fá-lo-ei.

— Sim, compreendo-te. E com *aqueles* está tudo terminado? — disse Natália, referindo-se aos Korchaguine.

— Tudo e ao que parece sem saudades de nenhum de nós.

— Lastimo-o! Simpatizo tanto com Missy! Mas enfim nada tenho a dizer. Falaste, porém, em contrair novos encargos? — perguntou Natália com certa timidez. — Porque partes?

— Parto porque é esse o meu dever! — respondeu Nekludov secamente como para pôr ponto na conversa.

Esta frieza e concentração para com sua irmã envergonhara-o e no seu íntimo censurou-se por tal conduta. «Porque não lhe direi tudo que penso?», dizia consigo. «Bem sei que Agripina Petrovna está a ouvir-me, mas que importa?»

— Referes-te à intenção que formei de casar-me com Katucha? — exclamou com voz vibrante. — Sim, esse projeto nasceu no primeiro dia em que tornei a vê-la e desde então apenas se tem enraizado; ela porém, e recusou e recusa aceitar o meu sacrifício, preferindo continuar a sacrificar-se. E eu não posso consentir que ela continue a sacrificar-se, o que nas suas condições, significa muito. Parto, pois, com ela; para onde for irei e procurarei com todas as minhas forças ajudá-la e suavizar-lhe a dura sorte.

Natália não respondeu. Só Agripina Petrovna fitando alternadamente Nekludov e a irmã, acenou com a cabeça desoladoramente.

Neste momento abriu-se a porta do gabinete das senhoras e reapareceu o cortejo.

Filipe, o belo laçai, e o guarda-portão de boné agalado conduziam a velha princesa para a carruagem.

A meio da sala a velha senhora mandou parar, e chamando Nekludov com um sinal, estendeu-lhe a branca mão carregada de anéis, com certo receio, como que a adverti-lo que não apertasse muito.

— *Quelle épouvantable chaleur!* — disse. — É-me insuportável! *Ce climat me tue!* — E em seguida a uma ligeira conversa a respeito dos horrores do clima russo, mandou continuar a marcha.

— Irá visitar-nos ao campo, não é assim? — disse, voltando para Nekludov o comprido rosto e sorrindo-lhe para exhibir os dentes postiços.

A princesa e o séquito tomaram para a direita do cais onde estacionavam as primeiras classes e Nekludov encontrando Tarass, o marido da Fedósia que com o saco aos ombros se dirigia para o lado oposto, acompanhou-o. Um carregador seguia-os mais atrás com a bagagem de Nekludov.

— Aqui tens o meu companheiro! — disse Nekludov a sua irmã, mostrando-lhe Tarass, de quem já lhe tinha contado a história.

— Pois quê? Segues viagem neste compartimento? — perguntou Natália vendo o irmão parar em frente de uma carruagem de terceira classe e mandar o carregador colocar-lhe dentro as malas.

— Certamente! É-me muito mais agradável e quero acompanhar aquele bom rapaz — respondeu. — Ouve, Natália, tenho ainda que te dizer — disse depois de um momento de silêncio.

— Não fiz doação aos aldeões da propriedade Kouzminskoie; se eu morrer, pois, teus filhos herdarão.

— Dimitri, por favor, poupa-me essas conversas! — disse Natália.

— E ainda que me case... sim, com certeza... sei que não terei filhos...

— Dimitri, por favor — repetiu Natália.

Nekludov, porém, adivinhou-lhe no olhar o prazer que lhe causara o que lhe dissera.

Na outra extremidade do comboio formara-se um grupo de amigos e curiosos, em frente da carruagem ocupada pelos Korchaguine. A maioria dos passageiros estava já instalada nos seus respectivos lugares e só os retardatários atravessavam os cais a largas passadas; os condutores, uma a uma, iam fechando as portas.

Nekludov subiu para a carruagem, conservando-se porém na plataforma, e Natália, em companhia da governanta, ficou no cais, comprometida pela sua *toilette* e pelo seu chapéu novo, empregando esforços a fim de arranjar assunto para conversar e sem o conseguir. Nem sequer lhe podia pedir que lhe escrevesse, pois que de há muito cessara entre os dois correspondência regular.

As poucas palavras que tinham trocado sobre dinheiro e herança tinham acabado de destruir o que de fraternal existira até aí nas suas relações. Eram, de futuro, dois seres estranhos um ao outro.

Natália Ragojinski sentiu, pois, grande alívio quando o comboio principiou a mover-se e que com um sorriso nos lábios e um aceno de cabeça pronunciou o «adeus, Dimitri, adeus!» E ainda o comboio

não desaparecera de todo, só já pensava na forma como narraria a seu marido os mínimos detalhes da conversa.

Nekludov ainda que se inspirasse em bons sentimentos nas relações com sua irmã, sentira-se também constrangido e desejara bem o momento da separação. Percebia claramente que nada subsistia da Natália doutros tempos e que agora sua irmã era apenas a escrava desse homem de tez queimada que o enojava. E percebera igualmente pela súbita alegria que lhe surpreendera no rosto, que apenas a interessava aquilo que dizia respeito a seu marido e no caso presente a renúncia às propriedades e a herança provável. E uma profunda tristeza apoderou-se Nekludov.

II

O calor na grande carruagem de terceira classe, exposta ao sol desde a manhã, era tão intenso que Nekludov apenas entrou preferiu voltar para a plataforma e conservar-se em pé.

E aqui também se abafava; só quando o comboio, depois de ter atravessado por entre a casaria se lançou pelos campos fora é que Nekludov pôde respirar livremente.

«Assassinos, assassinos!», dizia para si, recordando a conversa que tivera com sua irmã a respeito dos prisioneiros. E com límpida percepção e intensa precisão revia as belas feições do segundo prisioneiro falecido, os finos lábios sorridentes, a fronte enérgica e a pequena orelha tão puramente debuxada, junto do crânio semibarbeado.

E como numa alucinação, sentia-se perseguido por esta impressão.

— Mas o que torna o caso mais horroroso — dizia para si Nekludov — é que aqueles infortunados foram assassinados sem que seja possível imputar a sua morte a alguém.

«Maslinnikov foi, com certeza, quem deu as ordens para que fossem conduzidos à estação. Mas Maslinnikov limitou-se a cumprir uma formalidade; trouxeram-lhe a assinar um ofício redigido numa das repartições, e o imbecil, sem se inquietar com as consequências, com uma penada rabiscou a sua bela e floreada assinatura; nada deste mundo o convenceria que se tornara responsável pelos acidentes que mais tarde aconteceram. Muito menos se pode exigir responsabilidades do médico da prisão, que, antes da partida, examinou escrupulosamente todos os prisioneiros. É um funcionário que cumpriu a sua obrigação conscienciosamente, tanto que obrigou os doentes a irem de carro; pode por acaso exigir-se dele que tivesse saído da hora marcada para a partida da leva, para então se opor a que os prisioneiros caminhassem em filas cerradas com tal calor? E o diretor? Mas o diretor apenas se limitou a executar as ordens dos seus superiores; estes ordenaram-lhe que numa certa época expedisse um certo número de degredados, tantos homens e tantas mulheres; e tantos homens e tantas mulheres tinham partido. Era igualmente impossível acusar o comandante da escolta; recebera instruções para conduzir de um sítio para outro um determinado número de prisioneiros, e tratara de se desempenhar desta incumbência o melhor que pudera. Podia lá prever que dois homens robustos e válidos não suportariam a fadiga e ficariam na estrada? Ninguém é culpado, e o certo é que os dois degredados foram

assassinados pelos mesmos homens que não têm responsabilidade da sua morte!»

«E a origem de tudo isto», prosseguiu Nekludov consigo, «é todos esses homens, governadores, diretores, juízes e polícias, acreditarem que há momentos na vida em que as relações diretas de homem para homem não são obrigatórias. Todos esses homens, desde Maslinnikov até ao comandante da escolta, se não fossem funcionários ter-se-iam lembrado vinte vezes que era impossível fazer seguir a leva com tal calor; teriam feito parar o cortejo no caminho, vinte ou mais vezes e se vissem que um dos presos principiava a sentir-se mal, com falta de ar, tê-lo-iam feito sair das fileiras para o sentar à sombra, dando-lhe uma pouca de água, e se um acidente se produzisse manifestariam compaixão. Mas nada disso fizeram e até impediram que outros o fizessem, porque não viam na sua frente homens com direitos a sentimentos espontâneos, mas apenas o serviço, isto é, o desempenho de funções que os dispensavam de sentimentos de fraternidade.»

Nekludov estava tão embebido nestas reflexões que não notou a mudança de tempo que se preparava. Grandes e espessas nuvens encobriam o sol e dos limites do horizonte, no poente, avançava lentamente uma outra nuvem pardacenta, transformando-se em chuva compacta que caía nos campos e nos bosques. A atmosfera embebera-se rapidamente de humidade e de vez em quando o clarão de um relâmpago rasgava a nuvem, enquanto o longínquo ribombar do trovão se confundia com o ruído das carruagens em movimento. A nuvem aproximava-se e já grossas gotas de chuva, tocadas pelo vento, manchavam a plataforma da carruagem e o casaco de Nekludov. Este passou para o outro lado da plataforma e

aspirando fortemente o ar refrescado pela chuva e o aroma que a terra ávida exalava ao recebê-la, examinou os jardins, os bosques, os campos amarelos dos centeios, os da aveia ainda verdes, e as manchas escuras dos batatais. Parecia que havia sido tudo envernizado: o verde tornara-se mais verde, o amarelo mais amarelo, o negro mais negro.

— Mais! Mais! — exclamou Nekludov involuntariamente, partilhando da alegria das coisas ao contacto da chuva.

O aguaceiro engrossou, com efeito, um pouco mais, mas foi de curta duração. A nuvem pardacenta, depois de haver desaguado, correu, impelida pelo vento, para longe, e só a raros intervalos caíram algumas gotas.

O sol reapareceu e de novo brilhou tudo com duplo fulgor; nos confins do horizonte, a poente, formou-se o arco-íris com a cor violeta muito pronunciada.

«Em que pensava eu ainda agora?», interrogou-se Nekludov quando estas mudanças atmosféricas terminaram e quando o comboio principiou a atravessar uma alta trincheira que não permitia olhar para os campos.

«Ah, sim, pensava no que é que transforma todos esses funcionários, diretores, comandantes, etc., homens na maioria bons e inofensivos, em seres cruéis e maldosos!»

E Nekludov recordou a indiferença com que Maslinnikov escutara a narração do que se passava na prisão, a severidade do diretor da prisão e a desumanidade do comandante da escolta, que deixava que uma mulher de parto sofresse, sem auxílio algum.

«Todos esses homens são, evidentemente, tão impenetráveis a sentimentos de humanidade como o são à chuva as pedras que

sustentam esta trincheira, dizia consigo Nekludov, vendo perpassar rápidas as pedras que revestiam a trincheira, por onde a chuva escorria até aos rails. É talvez indispensável cortar trincheiras e revesti-las de pedra, mas penaliza ver a terra privada da chuva por que anseia, quando podia, com a outra, produzir trigo, erva, arbustos e árvores! Assim é com os homens! O mal todo tem a sua origem em que os homens imaginam que existem determinadas situações, nas quais se pode proceder sem amor para com os seus semelhantes, quando tais situações não existem. Pode-se proceder sem amor para com as coisas; sem amor pode-se rachar lenha, malhar ferro ou coser tijolos, mas nas relações de homem para homem, o amor é tão indispensável como é indispensável a prudência quando se lida com abelhas. É a natureza que assim o quer, pois que o amor é a lei fundamental dessa mesma natureza. Quando se lida com abelhas, se pusermos de parte a prudência, prejudicar-nos-emos e prejudicaremos as abelhas. Do mesmo modo não podemos pôr de parte o amor quando tivermos de lidar com os homens, pois que o amor recíproco é o único fundamento racional da vida humana. É verdade que não é possível obrigar ninguém a amar como se pode obrigar a trabalhar; não se segue, porém, que se deva lidar com os homens sem amor, principalmente quando temos necessidade dos nossos semelhantes. Aquele que não sente amor pelos seus semelhantes que trate de si, das coisas inanimadas ou do que mais lhe agrade exceto dos homens! Assim como só quando se sente apetite é que se pode comer sem receio de perturbações, do mesmo modo só quando sentirmos o amor, devemos ocupar-nos dos homens. De outro modo é melhor estar sossegado. Procede nas tuas relações com os homens sem amor,

como ontem fizeste com teu cunhado, e não haverá limites para o mal que a tua crueldade fará brotar. Sim! sim! É esta a verdade!», repetia Nekludov consigo, satisfeito pela frescura que gozava depois do asfixiante calor do dia que o acabrunhara e por ter caminhado mais um passo para a solução do problema moral que o preocupava.

Capítulo 11

I

A carruagem em que seguia Nekludov estava quase repleta. Além de alguns criados, artistas, operários de fábrica, marchantes, um ou outro judeu e mulheres de operários, notavam-se um soldado e uma dama com sua filha. A mãe, com grandes pulseiras nos pulsos nus, fazia-se acompanhar de um indivíduo de feições duras com aspeto de rico burguês.

Toda esta gente que à partida se remexia e agitava, tratando de colocar-se à vontade, o melhor que cada qual pudesse, conservava-se agora sentada tranquilamente. Uns comiam, outros fumavam ou conversavam animadamente com o seu vizinho.

Tarass, o marido de Fedósia, sentara-se do lado direito, com um lugar reservado na sua frente para Nekludov.

As suas feições traduziam uma íntima alegria e conversava animadamente com um aldeão ao seu lado, vestindo uma grande camisola e que era, como Nekludov mais tarde o soube, um jardineiro que regressava de uma licença. Nekludov preparava-se para ocupar o seu lugar quando, ao passar pela passagem central da carruagem, notou um velho de barba branca que conversava com uma rapariga vestida de aldeã. Junto desta estava uma pequenita de sete anos, com blusa nova e duas tranças de cabelo, tão claras que pareciam brancas e que balouçando as pernas ainda curtas para

chegarem ao chão, remexia, incessantemente, com os lábios, mastigando sementes.

Nekludov parou um momento em frente deste grupo e o velho, notando-o, puxou pelas extremidades da blusa que se estendiam pelo banco e em voz convidativa disse-lhe:

— Sente-se, tem aqui lugar!

Nekludov agradeceu e sentou-se junto dele. A aldeã, que se calara por momentos, recomeçou a contar como seu marido, que vivia na cidade, a recebera durante as semanas que fora passar em sua companhia.

— Cheguei no sábado de Aleluia e agora volto para a aldeia — dizia. — No Natal, se Deus quiser, tornar-nos-emos a ver!

— Bom é que assim seja! — disse o velho voltando-se para Nekludov.

— É bom que se vejam de vez em quando porque o rapaz é novo e na cidade depressa lhe andaria a cabeça a roda.

— Paizinho, meu marido não é desses! Nunca fará uma tolice! É inocente e bom como uma rapariga. Quanto ganha, quanto manda para a terra. Se tivesse visto a felicidade que se apoderou dele quando viu a sua filha!

A rapariguita, que escutava a conversa agitando sempre as pernas e quebrando sementes, fitou Nekludov e o velho, com os seus tranquilos olhos azuis, como para confirmar as palavras da mãe.

— Se tem juízo, Deus lho pagará! — disse o velho. — E daquilo não gosta? — acrescentou, mostrando com o olhar um par de operários sentados do outro lado. O marido, com a cabeça inclinada para trás, esvaziava a fortes goladas uma garrafa de vodka,

enquanto a mulher esperava que ele terminasse, com o saco donde tirara a garrafa nas mãos.

— Não, o meu homem não bebe! — respondeu a aldeã, satisfeita por poder elogiar o marido. — Homens como ele, paizinho, não há muitos na terra! Mal imagina como é bondoso — disse ainda, dirigindo-se a Nekludov.

— Não pode ser melhor — respondeu o velho, que tinha a atenção presa pela cena que se passava no outro lado.

O operário, depois de beber, passara a garrafa à mulher que por sua vez se alegrou ao vê-la e principiou também a beber. O marido, percebendo que estavam a atrair a atenção de Nekludov e do velho, dirigiu-se-lhe:

— Então que há, senhores? É por estarmos a beber? Ninguém repara, contudo, como trabalhamos, mas todos têm olhos quando bebemos! De trabalho já tenho o bastante, minha mulher também, agora toca a beber! Lá o que os mais pensam dá-me pouco cuidado.

— Sim, assim é! — disse Nekludov, que não sabia o que responder.

— É como lhes digo! A mulher tem a cabeça segura, gosto dela e ela de mim! Não é assim, Mavra?

— Pega na garrafa, que já bebi — respondeu-lhe esta. — Que tolices estás tu a dizer?

— Ora aqui está como ela é! — continuou o operário. — Não vai a terra, mas quando começa a chiar é como um carro com cebo nos eixos! Não é verdade, Mavra?

Mavra encolheu os ombros, rindo grosseiramente.

— É como ela é! Não tem igual em firmeza de cabeça, mas não suporta a mordedura de uma pulga! Palavra que é verdade! Estais a

imaginar que estou bêbedo! Sim! bebi-lhe um golito de mais, mas que se lhe há de fazer?

E estirando-se ao comprido, encostou a cabeça ao ombro da mulher e adormeceu.

Nekludov conservou-se ainda mais algum tempo junto do velho, que lhe quis contar a sua vida. Era um construtor de fogões que durante os cinquenta e três anos que exercera o seu ofício, tinha arranjado um sem número de fogões e que agora, desejando descansar, entregara o ofício aos filhos e ia para a terra visitar a família.

Nekludov escutou-lhe toda a narração e no fim levantou-se e dirigiu-se para o lugar que o marido da Fedósia lhe reservara.

— Então, «fidalgo», não quer sentar-se? Tira-se daí o saco para ficar mais à vontade! — disse o jardineiro, que estava em frente de Tarass, fixando em Nekludov um bom e sorridente olhar.

— Há muito lugar! E quanto mais apertados, melhor para conversar! — disse Tarass com voz adelgada enquanto erguia o seu enorme saco como se fosse uma pena e o colocava sob o banco.

Tarass principiou por confessar que não sabia falar sem ter bebido, pois era necessário beber o seu copázio para que as palavras lhe acudissem. E efetivamente, Tarass era muito concentrado, mas quando bebia — o que sucedia raras vezes — tornava-se tagarela. Então as palavras acudiam-lhe com vivacidade e elegância e tudo o que dizia vinha impregnado dessa encantadora afabilidade que os seus olhos azuis e o constante sorriso nos lábios exprimiam. Hoje era um desses dias, pois Tarass bebera em antes de principiar a viagem. A chegada de Nekludov tinha interrompido a narração, mas depois de colocar o saco sob o banco e cruzar as

mãos grosseiras nos joelhos, continuou a contar ao jardineiro toda a história da sua mulher, detalhe por detalhe, sem esquecer porque é que fora condenada e porque é que ele a seguia para a Sibéria.

Nekludov, que não conhecia todos os detalhes da história, principiou a escutar e a sentir-se vivamente interessado.

Infelizmente Tarass ia já num ponto avançado da narração e Nekludov não pôde pedir-lhe que recomeçasse. Soube, porém, o que tinha acontecido quando, depois do envenenamento, os pais da Fedósia tinham descoberto o crime.

II

— O culpado de tudo fui eu, e por isso mesmo, para meu castigo, é que eu conto o caso! — disse Tarass para Nekludov. — O acaso deparou-me este bom homem e ligámos conversa! Pois o mal foi ter falado muito! Assim, irmão, como te disse, tudo depressa se descobriu. Então a velha chamou meu pai: «Vai buscar a justiça!», disse-lhe. Meu pai, porém, é uma criatura de Deus. «Espera, mulher! Melhor será acomodá-los!», disse-lhe ele. «A rapariga é ainda uma criança! Com certeza não soube o que fazia! É preciso mas é ter compaixão dela, é o que é! Verás como se arrepende.» Mas, isso sim! Minha mãe nada quis atender: «Ah, sim, o que tu queres», disse-lhe ela, «é que a tenhamos em casa para também nos envenenar como se fôssemos baratas!» Então, irmão, foi-se vestir e desandou em procura das autoridades. Estas pressentiam um bom arranjo e, zás!, prenderam a Fedósia!

— E tu, que fazias? — perguntou o jardineiro.

— Torcia-me, rebolava-me com dores e vomitava. Os intestinos estavam voltados para fora e eu nem sequer podia falar. O pai, entretanto, atrelou a égua à telega e, junto com a autoridade, levaram a Fedósia. E ela, irmão, mal a interrogaram, confessou tudo! Disse onde tinha arranjado o veneno e como cozinhou o pastelão! «Então para que fizeste tu isso?», perguntaram-lhe. «Para me ver livre dele! Antes quero ir para a Sibéria do que viver com ele!», respondeu. Queria dizer viver comigo! — esclareceu Tarass, sorrindo. — Enfim, confessou tudo. E como não restavam dúvidas, prisão! Vem o tempo das colheitas. A mãe estava só, velha e cansada, não podendo senão com a cozinha. Nós pusemo-nos a pensar. E se a pudéssemos afiançar? O pai foi falar a um da justiça. Nada. Foi a outro. Não quis ouvi-lo. Falou ainda a mais quatro. Nenhum o atendeu. Desanimávamos já quando demos com um empregado, finório que ele era! «Se me derem cinco rublos», disse-nos ele, «encarrego-me de a pôr em liberdade!» Afinal viemos às boas por três rublos. Pois, irmão, o que imaginas? Fez o que me prometeu! Eu ia melhorando: parti para ir buscá-la. Chego, deixo os cavalos na estalagem, levo a papelada e corro à prisão. «Que queres tu?», perguntam-me. «Quero minha mulher, que está aqui, na prisão!» «E o mandado de soltura, tem-lo?» Eu entreguei o que levava. Leram-no e depois disseram-me: «Entra, senta-te e espera!» Eu entrei, sentei-me e pouco depois um deles perguntou-me: «És tu que te chamas Vergounov?» «Sou eu!» «Bom, espera um pouco mais». Passou-se uma boa hora, abriu-se uma porta e, enfim, trouxeram-me Fedósia. «Bom», disse-lhe eu «vamos embora!» «Vieste a pé? «Não, tenho os cavalos na hospedaria!» Voltei à hospedaria, paguei

a despesa, engatei e guardei o resto do feno na caixa do carro. Ela sentou-se, muito embrulhada no seu chale, sem dizer palavra. Eu nada dizia. Partimos. Já próximo de casa diz-me ela: «E tua mãe ainda vive?» «Ainda!», respondi-lhe. «E o pai também?» «Sim!» «Tarass», disse-me então, «perdoa-me! Nunca soube o que fazia!» E eu respondi-lhe: «Não falemos nisso, há muito que te perdoei!» E não trocámos mais palavra. Quando chegámos a casa, vejo-a deitar-se de joelhos diante de minha mãe. «Que Deus te perdoe!», disse-lhe a velha. Meu pai só lhe disse: «Olá, como vais tu? O que lá vai, lá vai! Agora é viver segundo a lei! Chegas a tempo de nos ajudar. O trigo, graças ao Senhor, está basto e bem espigado. Amanhã irás com Tarass para a ceifa!» Então, irmão, começou ela a trabalhar. Mas que trabalhar! Era inacreditável! Nós trazíamos arrendados três palmos de terra, e graças ao Senhor tanto o trigo como a aveia davam colheita abundante. Eu ceifava e ela atava. E tão desembaraçada no trabalho que era a admiração de toda a casa! Eu não sou peço a trabalhar, mas à noite, quando regressávamos a casa, sentia os dedos inchados e os braços fatigados; só pensava em descansar, mas ela! Ainda antes da ceia ia para o alpendre fazer abraçadeiras para o dia seguinte! Só vendo se acreditava!

— E era mais bondosa para contigo? — perguntou o jardineiro.

— Nem se fala nisso! Afeiçoou-se de tal modo a mim, que os dois éramos uma só alma! Todos os meus pensamentos eram os seus. Até a mãe, que é bem rude, dizia: «Fedósia está outra! Não parece a mesma!» Um dia em que íamos buscar feixes, perguntei-lhe: «Diz-me cá, Fedósia, como tiveste tu aquela ideia?» «Então que queres?», respondeu-me ela. «Meteu-se - me na cabeça que não

podia viver contigo. Antes queria morrer!» «E agora?» «Agora, és tu a minha vida!»

E Tarass interrompeu-se, sorrindo alegremente.

— Um dia — continuou ele suspirando — ainda a ceifa não estava de todo terminada, quando ao chegar a casa encontrámos de novo as autoridades junto da porta. Vinham buscar Fedósia para ser julgada. E nós já nem nisso pensávamos!

— Com certeza que foi tentação do demo! — disse o jardineiro. — Um homem nunca se lembraria de deitar a perder a sua alma! Lá na nossa aldeia havia um rapaz...

Mas o jardineiro não pôde continuar porque o comboio principiou a diminuir de velocidade.

— Uma estação! — disse ele. — Toca a refrescar!

A conversa interrompeu-se. Nekludov saiu atrás de Tarass e do jardineiro, para estender as pernas andando de um para o outro lado na plataforma da estação, ainda toda molhada.

III

Na ocasião em que descia da carruagem, Nekludov notou a presença de várias equipagens luxuosas no pátio da estação, umas com três, outras com quatro cavalos engatados, que agitavam sonoramente as guizeiras; e quando se achou na plataforma de madeira da estação, viu que em frente de uma carruagem de primeira classe principiavam a aglomerar-se várias pessoas. A que mais sobressaía era uma idosa, corpulenta e alta senhora, de

waterproof e chapéu enfeitado por grandes plumas; acompanhava-a um rapaz de pernas muito magras, em traje de ciclista, que segurava um enorme e bem alimentado cão, com uma luxuosa coleira. Atrás destes estavam, solícitos, um lacaio com agasalhos e guarda-chuvas, uma criada e um cocheiro.

Adivinhava-se que todo este grupo era composto de pessoas saudáveis, bem alimentadas e contentes da vida, o que exprimiam por uma extraordinária satisfação e confiança nas suas pessoas. Em redor deste grupo formou-se uma aglomeração maior, atraída pelo fausto que se exhibia. Era o chefe da estação, de boné com vivos vermelhos, um soldado, uma aldeã que vendia pãezinhos, o telegrafista e alguns passageiros que tinham descido dos seus compartimentos.

Nekludov reconheceu logo o ciclista.

Era o irmão mais novo de Missy: a nutrida senhora que o acompanhava também lhe não era estranha: era a tia de Missy, para casa de quem os Korchaguine iam passar o verão. O condutor do comboio abriu a portinhola com toda deferência, e conservou-a segura enquanto Felipe, o lacaio e um empregado da estação, conduziam e desciam a velha princesa na sua cadeira de entrevada. As duas irmãs abraçaram-se e Nekludov pôde ainda ouvir frases trocadas em francês para saber se a princesa iria na caleche ou no coupé.

Por fim o séquito pôs-se em marcha, as duas senhoras à frente e na cauda a criadagem carregada de guarda-chuvas, mantas e agasalhos.

Nekludov, a quem não agradava tornar a encontrar os Korchaguine e fazer novas despedidas, parou e encobriu-se com um

poste telegráfico até o séquito sair da estação. À frente iam a velha princesa, seu filho, Missy e o médico; atrás, noutra fila, o príncipe conversava com sua cunhada. E como muitas vezes sucede, chegaram aos ouvidos de Nekludov fragmentos de frases em francês, uma das quais, sem ele saber porquê, fixou-se-lhe na memória com a entoação de voz que a exprimira, impressionando-o.

O príncipe falava de alguém a sua cunhada.

— *Oh! Il est du grand monde, du vrai grand monde!* — dizia com a sua sonora e jactanciosa voz, atravessando a porta de saída, saudado respeitosamente por uma dupla fila de empregados e carregadores.

Neste momento, na extremidade do cais apareceu um grupo de operários calçando tamancos e com sacolas aos ombros.

Em passo rápido dirigiram-se para a primeira carruagem, que encontraram, preparando-se para entrar; o condutor, porém, apareceu e impediu-os.

Os operários seguiram para a frente, um pouco confusos, atropelando-se, e subiram para outra carruagem; nesta parece que não havia lugar porque o condutor surgiu novamente, obrigando-os a descerem e injuriando-os. Então dirigiram-se para a terceira carruagem, aquela que Nekludov também ocupava. O condutor ainda queria obrigá-los a procurarem lugar noutra parte, mas Nekludov, que presenciara a cena, disse-lhes que dentro havia lugares em abundância e que podiam entrar. Eles assim fizeram e Nekludov seguiu-os.

Os operários entraram seguindo pela coxia central da carruagem, procuravam acomodar-se e instalar-se, quando o rico burguês que acompanhava as duas damas, considerando a

companhia dos operários como uma afronta pessoal, se opôs à sua admissão, intimando-lhes a retirada. Os operários viraram costas, batendo com as sacolas pelas paredes e pelos bancos, preparando-se para sair. Percebia-se que se sentiam sinceramente culpados e que estavam prontos a irem de carruagem para carruagem até ao fim do mundo em procura de lugares. Eram ao todo uns vinte homens, uns velhos, outros adolescentes, todos de feições secas, queimadas pelo sol, e olhos encovados que exprimiam cansaço e resignação.

— Onde ides agora, súa de bandalhos? Já que aqui estais, deixai-vos ficar! — gritou-lhes o condutor, da outra extremidade da carruagem.

— *Voilà encore des nouvelles!* — disse a mais nova das duas senhoras, convencida que atrairia a atenção de Nekludov com o seu elegante francês.

A outra senhora, a das pulseiras, fungava e tapava as narinas, fazendo caretas e trocando rápidas exclamações de enfado, por ter de viajar em companhia desses horrorosos mujiques que cheiravam mal. Os operários sentindo o alívio e alegria de quem escapa são e salvo de um terrível perigo, trataram de instalar-se, atirando para cima dos bancos, com um movimento dos ombros, os sacos que traziam.

O jardineiro, que viera àquela estação com Tarass, encontrara um amigo noutra carruagem, para onde se mudara, de forma que junto de Tarass havia três lugares vazios. Outros tantos operários deram-se pressa em ocupá-los, mas quando Nekludov chegou, o seu elegante vestuário perturbou-os, involuntariamente, ergueram-se para procurar outros lugares. Foi necessário que Nekludov insistisse

e tornasse a insistir para obrigá-los a sentarem-se, e em vez de ocupar o seu lugar deixou-se ficar na passagem, encostado ao braço de um dos assentos.

IV

Um dos três operários, homem alto e magro, aparentando ter os seus cinquenta anos, ao sentar-se trocou um olhar desconfiado com o companheiro mais novo que se sentara na sua frente. Evidentemente ambos tinham ficado surpreendidos e inquietos de que Nekludov, em vez de os insultar, na sua qualidade de «fidalgo», lhes tivesse cedido o seu lugar.

E conjecturavam qual o mal que, por este facto, teriam de sofrer.

Quando, porém, Nekludov começou a falar familiarmente com Tarass e eles perceberam que ninguém os incomodaria, tranquilizaram-se e um deles, o que estava junto de Tarass, mudou-se para o outro assento a fim de deixar lugar a Nekludov. O velho operário tomou lugar junto de Nekludov; a princípio sentiu-se deslocado, metendo debaixo do banco, tanto quanto podia, os pés calçados em grosseiros tamancos, para não incomodar o «fidalgo»; pouco a pouco, porém, foi ganhando ânimo e encetou conversa com Nekludov, que se tornou tão familiar, a ponto de lhe chamar a atenção para a importância das suas palavras, colocando-lhe sobre o joelho a sua grosseira e calejada mão.

Disse logo como se chamava, de que aldeia era e contou que regressava à terra, bem como os companheiros, depois de terem trabalhado durante dois meses e meio numa mina. À sua parte recebera agora dez rublos que com cinco, ganhos no mês passado, somavam quinze rublos; por este preço sujeitara-se a entrar todos os dias na água até aos joelhos, trabalhando nestas condições desde pela manhã até à noite.

— Quem não está habituado, sofre um bocado — disse — mas logo que se endurece termina o sofrimento. A princípio a alimentação não era grande coisa. Mas, afinal, tiveram pena de nós, a comida melhorou e o trabalho fazia-se com uma perna às costas. O operário tornara-se loquaz, e contou mais que trabalhava assim havia vinte anos e que sempre mandara tudo o que ganhava para casa, primeiro a seu pai, depois ao irmão mais velho e agora a um primo que olhava pela família e que lutava com dificuldades. Contudo, dos sessenta rublos que ganhava por ano, reservava dois ou três para as suas extravagâncias: tabaco e fósforos... E todos nós somos pecadores! Se aparece ocasião de se beber uma pinguita, sempre vai! — acrescentou, sorrindo familiarmente.

E não era só ele que mandava o dinheiro à família; os casados cujas mulheres viviam na aldeia, procediam todos assim. Naquele dia o mestre antes de os despedir pagara de beber a todos. A todos não, porque um morrera e outro ia muito doente Nekludov descobriu logo o doente sentado a um canto. Era um rapazola magro, pálido, de lábios azulados. Estava atacado de febres intermitentes, contraídas no trabalho com água pelos joelhos. Nekludov foi vê-lo e não querendo fatigá-lo com perguntas, pois o olhar com que o doente o recebeu traduzia tanto sofrimento, aconselhou o velho

operário a ministrar-lhe quinino. Escreveu o nome num papel e deu-lho. Como quisesse também dar-lhe dinheiro, o operário recusou obstinadamente.

— Tenho visto muitos fidalgos — disse dirigindo-se a Tarass enquanto Nekludov se conservava voltado — mas como este nunca vi nenhum! Em vez de atormentar uma pessoa até lhe cede o seu lugar! Quer isto dizer, irmão, que há muitas espécies de «fidalgos»!

Nekludov, entretanto examinava os membros secos e musculosos destes homens, os seus grosseiros vestuários e rostos fatigados; sentia-se rodeado por uma humanidade desconhecida, com interesses, alegrias e sofrimentos sérios. Estava bem na presença da verdadeira vida humana.

— *Le voici le grand monde, le vrai grand monde!* — dizia a si mesmo, lembrando a frase francesa do príncipe Korchaguine e toda a miserável e mesquinha sociedade dos Korchaguine, com a vaidade dos seus interesses.

E mais profundamente que do nunca, Nekludov experimentava o alegre sentimento do viajante que descobre uma nova região fértil em frutos e flores.

TERCEIRA PARTE

Que aquele de vós que está livre de
pecado lhe lance a primeira pedra.

Jo 8, 7.

Capítulo 1

A leva de degredados da qual fazia parte a Maslova tinha percorrido mais de cinco mil verstas. Até Perm a viagem fizera-se em comboio ou em barco e a Maslova acompanhara sempre com os condenados comuns. Em Perm, Nekludov conseguiu obter-lhe a transferência para junto dos condenados políticos. Fora Vera Bogodouchovska que lhe sugerira esta ideia.

Até Perm a viagem tinha sido penosíssima para a Maslova, tanto sob o ponto de vista físico como moral. Fisicamente sofrera a falta de ar, porcarias, o mau cheiro e a perseguição de toda a casta de parasitas, que não a deixavam; moralmente sofrera talvez ainda mais a perseguição dos homens, não menos repugnantes do que os insetos e que também não a largavam. Em todas as paragens tivera de repelir ignóbeis propostas, que não lhe deixavam um momento de descanso, e cuja lembrança lhe causava náuseas.

Entre prisioneiros e prisioneiras, soldados da escolta e até oficiais, reinavam relações de um cinismo tão descarado, como era hábito, que qualquer mulher, principalmente se era nova, tinha de conservar-se dia e noite precavida, se não quisesse nivelar-se com a corrupção geral e tirar partido dela.

Para a Maslova nada havia mais fatigante do que este contínuo sobressalto e alarme, pois mais do que qualquer outra estava exposta às propostas galantes de presos e soldados, não só pela sedução exterior do seu corpo, como também pelo que se sabia da sua vida passada.

Recusando obstinadamente aceder a tais propostas, o que fora considerado como uma afronta, criara em redor de si uma surda malevolência, que dia a dia aumentava. Esta situação ter-se-ia tornado intolerável se lhe faltasse para animar a companhia da boa Fedósia e de Tarass seu marido, que tendo sabido em Nijni-Novgorod o perigo que sua mulher corria, renunciara à sua liberdade e, para melhor a proteger, pedira licença de acompanhar as prisioneiras.

A situação de Maslova melhorara sob todos os pontos de vista, quando Nekludov lhe conseguiu passagem para a secção dos condenados políticos. Com efeito, estes estavam não só muito melhor alojados, mas eram até muito melhor alimentados, e a Maslova descobriu nos seus novos companheiros muito menos grosseria e rudeza, e ausência de perseguições amorosas, o que lhe permitira principiar a esquecer um passado que, até então, todos se esforçavam por lhe lembrar. E ainda não era tudo.

A sua mudança dera-lhe ocasião de conhecer certas individualidades, que deviam exercer sobre ela uma decisiva influência, de que tiraria precioso proveito.

O favor que Nekludov solicitara para ela consistia simplesmente em habitar, durante as paragens, com os condenados políticos; o caminho continuaria a ser feito a pé, como sucedia com o resto dos condenados. A partir de Tomsk principiara, pois, a caminhar a pé, acompanhada por uma presa política, Maria Pavlovna Chétinin, a formosa rapariga de olhos azuis que Nekludov vira na prisão quando visitara Vera, e por um preso conhecido pelo nome de Simonson, homem de feições muito queimadas e profundos e encovados olhos. Maria Pavlovna vinha a pé porque cedera o seu lugar no carro a uma

condenada que andava grávida, e Simonson porque considerava injusto aproveitar-se de um privilégio baseado numa distinção de classes sociais. Estes três levantavam-se primeiro que os outros e partiam logo, para reunir-se aos condenados comuns. E desta forma foram viajando até uma paragem, onde um outro oficial devia assumir o comando da leva.

Essa manhã de setembro estava húmida e fria. Caíam alternadamente chuva e neve e por intervalos soprava uma aragem gélida. Todos os prisioneiros que faziam a jornada a pé, quatrocentos homens e cinquenta mulheres, aglomeravam-se no centro do recinto onde haviam estacionado, uns rodeando o comandante da escolta que presidia à distribuição da ração diária de pão, outros comprando géneros a certos negociantes que tinham sido autorizados a entrar no recinto. Elevava-se desta massa humana um zumbido constante originado pelas vozes dos prisioneiros, contando dinheiro, falando, questionando entre si e com os negociantes.

A Maslova e Maria Pavlovna, ambas vestindo curtas peliças e calçando botas altas, a cabeça coberta por lenços, saíram da sala onde haviam passado a noite e dirigiram-se para o lado onde os negociantes, abrigados do vento, expunham as suas mercadorias: havia pão fresco, peixe, pastéis, ovos, leite e um oferecia até um leitão assado.

Simonson com um traje de cauchu e calçando galochas, pois na sua qualidade de vegetariano não se utilizava nem da carne, nem do couro dos animais, estava também pronto, esperando a ordem de partir. Junto da porta da saída, tomava nota na sua carteira de uma reflexão que o assaltara. Eis o que escrevia: «Se um micróbio

pudesse observar e estudar uma unha humana, chegaria à conclusão de que essa unha era parte de um conjunto inorgânico; assim raciocinamos nós, homens, quando estudamos a crosta externa do nosso planeta e afirmamos que é um ser inorgânico».

A Maslova e Maria Pavlovna tinham comprado ovos, pão e peixe, e enquanto uma dispunha as provisões no fundo de um saco, a outra fazia contas com o negociante. Já os soldados se alinhavam e um certo movimento se observava, como prenúncio das formalidades que, todas as manhãs, precediam a partida.

Como de costume contaram-se os prisioneiros; verificou-se o estado em que se encontravam os grilhões e aqueles que caminhavam dois a dois foram algemados. Súbito, ouviu-se um grito colérico soltado pelo comandante da escolta que veio destruir a monotonia das formalidades que executavam, e a que respondeu o choro de uma criança. Seguiu-se um profundo silêncio, logo quebrado por um confuso murmúrio que se elevava da multidão. A Maslova e Maria Pavlovna correram a informar-se do que se passava.

Capítulo 2

Logo que se aproximaram do grupo donde partia o murmúrio, eis o que elas viram: um oficial muito nutrido e com grandes bigodes louros limpava com a mão esquerda o pulso direito, vermelho de sangue e com rosto furibundo injuriava incessantemente um prisioneiro que, na sua frente, tapava com uma das mãos o rosto contundido e ensanguentado e com a outra sustinha ao colo, aconchegada ao peito, uma criancinha embrulhada num chale, que chorava e berrava quanto podia. O prisioneiro era um homem magro e alto, a cabeça meia rapada, vestindo blusa muito curta e umas calças que lhe deixavam os tornozelos à vista.

— Eu ensino-te a discutir! — dizia o oficial, acompanhando cada frase de novas injúrias. — Vamos! Larga a criança e prepara-te para as algemas!

Este homem, um deportado pela sua comuna, desde Tomsk que carregava com a filhita, porque a mulher morrera naquela cidade com um tifo. O novo comandante ordenara que lhe pusessem as algemas e como ele protestasse dizendo que lhe não era possível conduzir a criança, esmurrara-o num momento de irritação violenta.

Um alentado prisioneiro de barba negra, só algemado numa das mãos, ficara em frente do que fora esmurrado, olhando tristemente ora para o seu companheiro, ora para o oficial.

Este insistia sempre nas suas ordens para que algemassem o prisioneiro e levassem a criança. Então elevou-se da multidão um murmúrio crescente.

— Desde Tomsk que vem com as mãos soltas! — disse uma grosseira voz das últimas fileiras. — Não é um cachorro, é uma criancinha!

— Ela morre, pela certa! — disse outra voz. — Isto não é segundo a lei.

— O que?... o quê... — gritou o oficial, voltando-se como se fosse mordido por uma víbora. — Espera que eu mostro-te a lei! Quem falou aí? Foste tu? Foste tu?

— Todos nós falamos, porque... — disse um da primeira fila.

— Foste tu então? — E o oficial desandou a distribuir pancada ao acaso. — Ah! sim! Temos revolta? Eu vos mostrarei como elas se fazem! Faço-vos fuzilar como cães e os meus superiores ainda me agradecerão por me haver desembaraçado de tal companhia! Vamos, levem dali a criança!

Fez-se silêncio na multidão. Um guarda agarrou na criança que berrava incessantemente e um outro algemou o prisioneiro, com as mãos humildemente estendidas.

— A criança que seja entregue às mulheres! — disse o comandante para o guarda, sem achar outro destino que o desembaraçasse de tão incomodativo encargo.

A criancinha debatia-se furiosamente, tentando retirar as mãozitas de sob o chale que a envolvia, as feições injetadas de sangue e lavadas em lágrimas. Maria Pavlovna, de repente, abriu caminho por entre as fileiras compactas e aproximou-se do comandante.

— Dá-me licença que me encarregue da criança? — disse-lhe.

— Quem és tu? — perguntou-lhe o comandante.

— Uma condenada política.

O lindo rosto de Maria Pavlovna, olhos azuis e cabelo preto, impressionou evidentemente o comandante, que já a tinha notado quando fora da contagem. Fitou-a durante um momento e desviou em seguida o olhar um pouco perturbado.

— Para mim é indiferente; se quer encarregar-se dela pode levá-la! Como têm facilidade em mostrar compaixão por estes miseráveis! Queria-os no meu lugar para ver quem dava conta dele, se fugisse!

— Mas quem é que vai fugir com uma criança ao colo? — perguntou Maria Pavlovna.

— Eu não discuto com ninguém! Se quer levar a criança leve-a e toca a marchar!

— Entrego-a? — perguntou o soldado.

— Sim e depressa!

— Vem a mim! — disse Maria Pavlovna, afagando a criança enquanto a tirava dos braços do soldado.

A pequerrucha, porém, só queria os braços do pai e continuava debatendo-se e berrando.

— Espera, Maria! Ela conhece-me e talvez venha a mim! — disse a Maslova, procurando no saco um bocado de pão.

Efetivamente a criança reconheceu a Maslova, deixou de chorar e sossegou nos seus braços.

Reinou de novo silêncio. As portas abriram-se e o cortejo, enfileirando-se, principiou a sair. Ainda mais uma vez os prisioneiros foram contados e a Maslova com a criança nos braços trocou algumas palavras com Fedósia, que caminhava numa das filas dianteiras.

De repente, Simonson que assistira, sem dizer palavra, a toda a cena anterior, dirigiu-se em passo firme para o comandante que já se instalara na sua carruagem.

— O senhor procedeu muito mal! — disse-lhe.

— Já para as fileiras! Não tem nada com isso!

— Tenho de lhe dizer que procedeu muito mal porque é a verdade! — repetiu Simonson fixando o comandante insistentemente, através das suas espessas e negras sobrancelhas.

— Está tudo pronto! Ordinário! Marche! — gritou o comandante, voltando as costas, desdenhosamente, a Simonson.

O cortejo agitou-se e principiou a andar pela estrada lamacenta, ladeada de ambos os lados por valetas trasbordantes de água.

Capítulo 3

Depois de oito anos de vida corrupta e vergonhosa, primeiramente em companhia de prostitutas e depois na de criminosos, Maslova não podia deixar de achar agradáveis as atuais condições da sua vida com os condenados políticos, apesar de todas as durezas que ainda a rodeavam.

As grandes caminhadas de vinte verstas diárias, os frequentes descansos, pois ao fim de dois dias de marcha descansava-se no terceiro, o bom alimento e uma boa cama para repouso, tudo isto fazia-lhe recuperar forças, rejuvenescendo-a, enquanto a convivência com os seus novos companheiros lhe revelava origens de interesse e prazer de que até então nem sequer suspeitara a existência.

E, com efeito, não só nunca conhecera gente tão «extraordinária» (segundo a sua expressão) como esses revolucionários cuja vida agora partilhava, mas até duvidara, que existisse semelhante gente. A princípio estranhara os motivos íntimos que os impulsionavam, mas bem depressa os compreendera e, como aldeã que era, calorosamente admirara-os. Sentia que eles eram pelo povo contra as classes superiores, e como sabia que os seus companheiros de agora tinham pertencido a essas classes superiores, como autoridades, a ideia de que por amor do povo tinham sacrificado os seus privilégios, a sua liberdade e a sua vida, tornava-lhe a admiração que lhes votava ainda mais intensa.

Maslova admirava todos os seus companheiros, mas acima de todos punha Maria Pavlovna. Por esta tinha mais do que admiração: era uma afeição intensa e entusiástica que seria verdadeira paixão se não fora respeitosa em extremo. Maravilhara-a desde princípio, ver uma rapariga formosa, rica, instruída e nobre, única filha de um general, nivelar-se no aspeto exterior com uma simples aldeã, distribuindo pelos outros o dinheiro e roupas que seu pai lhe mandava e trajando não só sem luxo, mas até de modo que a sua beleza natural não desse tanto na vista.

Com o decorrer do tempo, quando Maria Pavlovna se tornara mais íntima da Maslova, nenhuma das suas qualidades a maravilhavam tanto como a total ausência de toleima. Não que Maria Pavlovna ignorasse a sua beleza; tinha plena consciência dela, e Maslova julgou adivinhar que isso lhe dava um secreto prazer; longe, porém, de regozijar-se com a impressão que a sua beleza causava nos homens, temia-a, sentindo verdadeira repulsão por tudo que fosse galantear.

Os seus companheiros não o ignoravam e mesmo aqueles que se sentiam atraídos pela sua presença, procuravam escondê-lo. Tacitamente, todos, nas suas relações com ela, tratavam-na não como a encantadora rapariga que era, mas como um homem, um outro companheiro; mas, fora daqui, frequentes vezes era apoquentada por galanterias masculinas, que a obrigavam a ter de servir-se dos seus músculos para se proteger.

— Uma vez — contava ela à Maslova, rindo do caso — um homem seguiu-me pela rua fora e num certo ponto agarrou-me no braço, sem querer largar-me. Dei-lhe tal safanão que ele assustou-se e desatou a fugir.

A Maslova soube dela também o que a obrigara a ser revolucionária.

Desde criança que sentia pouca inclinação pela vida dos ricos, preferindo a das classes mais humildes: sofrera muito maus tratos e ouvira ralhar muito por passar o seu tempo na sala das criadas, na cozinha e na cavalariça, em vez de estar no salão.

— Quanto me divertia com a cozinheira, quanto me aborrecia com as fidalgas! Não havia dia nenhum que uma nova descoberta não me mostrasse quanto era estúpida a vida a que me queriam sujeitar! Minha mãe morreu quando eu era ainda muito criança, de maneira que era meu pai quem cuidava de mim. Mas fazia-o de tal forma que, aos dezanove anos, fugi de casa com uma amiga minha e principiámos a nossa vida como operárias numa fábrica.

Pouco tempo, porém, tinham aí trabalhado, porque Maria Pavlovna quisera partir para a aldeia. Mais tarde regressara à cidade, entregara-se a trabalhos de propaganda, terminando por ser presa e condenada a trabalhos forçados.

Maria Pavlovna não lhe contou, mas Maslova depressa o soube, que a condenação aos trabalhos forçados fora a resultante de se ter declarado autora de um assassinio que na realidade não cometera.

Maria Pavlovna só pensava na forma como poderia ser útil aos outros, sem nunca cuidar de si, fossem quais fossem as condições do seu viver. Um dos revolucionários que seguiam na leva, chamado Novodvorov, dizia dela, gracejando, que se havia dedicado ao «desporto da beneficência». E era verdade. Assim como a única preocupação de um caçador é arranjar caça, assim também o fim da vida daquela rapariga era achar ocasião de tornar-se útil. E este desporto vovera-se num hábito que era o fundo da sua natureza. E

praticava-o tão simplesmente que todos que a conheciam já não se admiravam, e limitavam-se a aproveitar-lhe os serviços como a coisa mais natural do mundo.

Quando a Maslova apareceu entre o grupo dos condenados políticos, Maria Pavlovna sentiu certa repulsão. Maslova notou-o, assim como notou que ela se esforçava por se vencer, prodigalizando-lhe ainda mais cuidados do que aos outros. E os cuidados que lhe testemunhava uma criatura, aos seus olhos superior, e aqueles que para o bem dos demais empregava, tinham comovido tão profundamente a Maslova que desde então entregara-se-lhe de corpo e alma, adotando cegamente as suas ideias e sem o reconhecer, apenas desejando assemelhar-se-lhe.

Maria Pavlovna sentira-se comovida, compreendendo tão apaixonada afeição, e sentira despontar em si uma forte amizade pela Maslova.

Um outro sentimento comum acabou por estreitar a sua mútua e nascente amizade; ambas sentiam a mesma repulsão pelo amor sexual, com a diferença de que uma, a Maslova, sentia-lhe aversão porque lhe experimentara todos os horrores, enquanto a outra, Maria Pavlovna, a sentia porque o considerava incompreensível e repugnante, e ainda que o desconhecesse, entrevia-o como um obstáculo para a realização do alto ideal a que se dedicara.

Capítulo 4

A profunda influência que Maria Pavlovna exercia na Maslova provinha da afeição que esta lhe votava. Outra influência operava na Maslova ao mesmo tempo: a de Simonson. E por sua vez, esta provinha de Simonson estar apaixonado por ela.

Todos os homens vivera e procedem, era parte segundo as suas próprias ideias, em parte segundo as dos outros. E uma das principais diferenças entre os homens, consiste no grau de inspiração das ideias próprias e das ideias alheias. Uns limitam-se, o mais das vezes, a servir-se das ideias próprias como num jogo mental e empregara a sua razão como se fizesse parte de um maquinismo que se faz girar depois de o desligar da correia que o une ao motor, e nas crises graves da vida e ainda mesmo nas mínimas ações diárias, entregam-se ao pensamento alheio que se batiza por «o uso», «a tradição», «as conveniências» ou «a lei». Outros, pelo contrário, em menor número, consideram o seu pensamento como o principal guia da sua conduta e esforçam-se, no limite das suas forças, por proceder segundo a inspiração da sua razão.

Simonson pertencia a esta segunda categoria de homens. Nunca pedia conselhos senão à sua cabeça e aquilo que decidisse fazer, fazia-o.

Quando ainda colegial a sua razão afirmara-lhe que a fortuna de que seu pai, um rico magistrado, era possuidor, fora adquirida injustamente e logo lhe declarara que devia restituir ao povo. Como

seu pai, em vez de o atender o repreendesse, abandonara o lar paterno, renunciando a disfrutar as regalias da sua posição. Tomando sempre a sua razão por inspiradora, chegara à conclusão de que a principal causa do mal que existia na Rússia, era a ignorância do povo.

Apenas, pois, saído da Universidade, obtivera uma nomeação como professor primário para uma aldeia, e começara a explicar aos discípulos e aos aldeões o que pensava que eles deviam saber. Foi preso e julgado.

Na audiência, convencera-se que nenhum direito assistia aos juízes de o sentenciarem e sem delongas, dissera-lho. Muito naturalmente os juízes não lhe deram atenção e continuaram a julgá-lo; Simonson tomou o partido de não lhes responder e até ao fim da audiência não disse mais palavra. Dado como criminoso fora condenado à deportação para uma cidadezinha do governo de Archangel.

Aqui arquitetara uma doutrina religiosa que desde então lhe governava a existência. Admitia nessa doutrina que tudo no universo vive, que a morte não existe e que os objetos que nos parecem inanimados não são senão partes de um grande conjunto orgânico; a resultante era o dever que contraia todo o ser humano de contribuir para a manutenção deste grande organismo em todas as suas partes.

Daqui tirava a conclusão que era um crime atentar contra a vida, sob qualquer forma que se apresentasse, não admitindo nem guerras, nem cárceres, nem morte de animais.

Construirá também uma teoria sobre o casamento e relações sexuais. Estas, considerava-as como uma manifestação inferior,

insistindo que a preocupação de fazer meninos (a isto se limitavam essas funções, dizia), distraía-nos de um fim útil e digno dos nossos esforços, qual o de socorrer os seus já existentes, aperfeiçoando a vida universal. Os homens superiores, na sua teoria, evitando as relações sexuais, assemelhavam-se aos glóbulos sanguíneos cujas funções consistem em auxiliar as partes fracas e doentes do organismo. Depois de imaginar e aceitar esta teoria aplicara-a à vida prática, posto que a sua mocidade tivesse sido dissoluta.

O amor que agora sentia pela Maslova não o punha em desacordo com as suas teorias, porque era baseado em princípios fraternais, o que o obrigava a dizer que a sua missão de benfeitor da humanidade não era prejudicada por ele, mas até era ativada.

E não era só sobre questões teóricas que confiava absolutamente na sua razão; quando se tratava de questões práticas igualmente não consultava ninguém. Tinha teorias suas sobre o número de horas que devia consagrar ao trabalho e ao repouso, sobre a maneira de se alimentar, de se vestir ou sobre o melhor processo de iluminação e aquecimento.

Além destas particularidades, Simonson era ainda de uma excessiva e natural timidez. Nunca procurava dar nas vistas ou impor-se, obrigando os outros a partilharem as suas opiniões. Quando, porém, decidia fazer uma determinada ação, ninguém no mundo podia impedi-lo.

Tal era o homem que se apaixonara calorosamente pela Maslova. Esta, com o instinto feminino, adivinhara a existência desse sentimento e a ideia que tinha podido inspirar amor a um homem tão «extraordinário» reabilitava-a no seu conceito íntimo. Quando Nekludov se oferecera para casar com ela, compreendera bem que

era por grandeza de alma e para reparar o erro cometido; agora, porém, Simonson amava-a tal como ela era e amava-a simplesmente porque a amava.

Se Simonson a amava era porque devia considerá-la como uma mulher diferente das demais, com qualidades morais que não existiam nas outras, dizia consigo Maslova. Quais fossem essas qualidades que ele lhe reconhecia, ela não conseguia adivinhá-las, mas a fim de que a elevada opinião que ele formava dela não fosse amesquinhada, esforçava-se por possuir os melhores sentimentos que podia imaginar; assim, sob a influência de Simonson, ansiava pela perfeição compatível com o seu temperamento.

E isto datava de há muito tempo. Já na prisão Maslova notara a insistência com que a fixavam os bons e ingênuos olhos do prisioneiro vestido de cauchu e compreendera que o homem que a fixava tão bizarramente devia ser um indivíduo também bizarro. Notara igualmente o extraordinário contraste desse rosto de sobrelhas franzidas, exprimindo severidade, com a doçura infantil do seu olhar.

Depois, em Tomsk, quando fora transferida para junto dos condenados políticos, tornara a encontrar o seu estranho apaixonado. E, posto que nem uma só palavra fosse trocada por eles, bastara o modo como se tinham olhado, para os unir com uma especial amizade. Nos dias seguintes também nenhuma conversa íntima teve lugar entre eles, mas a Maslova percebia que quando Simonson falava, era a ela que se dirigia e que era por causa dela que falava lentamente e tão claramente quanto lhe era possível.

Capítulo 5

Durante todo o trajeto, desde a prisão até Perm, Nekludov apenas conseguira ver a Maslova duas vezes: a primeira no parlatório da prisão de Nijni-Novgorod através de um gradeamento, e a segunda vez igualmente no parlatório da prisão de Perm. Em ambas as entrevistas achara-a reservada e pouco expansiva. Perguntando-lhe se tinha necessidade de alguma coisa, ela respondera-lhe secamente e de um modo afetado, que lhe recordara a forma hostil como a princípio o tinha recebido na prisão. E Nekludov incomodara-se por encontrá-la em tal disposição, não sabendo que a sua origem provinha da irritação criada pelos contínuos vexames a que, prisioneiros e soldados, a sujeitavam.

Receava vê-la regressar ao antigo estado de desânimo, dadas as condições degradantes do meio em que se encontrava, que lhe faziam renascer o seu antigo ódio contra ele e contra todos. Temia que viesse ainda a detestá-lo, procurando o esquecimento no tabaco e no álcool. E era-lhe impossível auxiliá-la, pois os comandantes opunham-se a que a visitasse! Só quando lhe pôde obter a transferência para o grupo dos condenados políticos, reconheceu quão infundados eram os seus temores. Logo na primeira entrevista em Tomsk, achara-a tal como a deixara nas suas derradeiras visitas na prisão. Maslova quando o viu não se sentiu perturbada nem o recebeu constrangida ou dissimuladamente, antes o acolheu com sincera alegria, agradecendo-lhe calorosamente tudo o que fazia por ela, principalmente o tê-la mudado de companhia.

Nekludov observou até que a transformação que se operava nela principiava a refletir-se no seu aspeto exterior. Ao fim dos dois meses de marcha emagrecera, a epiderme tostara-se-lhe, as rugas nas fontes e em redor da boca tinham-se acentuado; nem no vestuário nem no penteado, nem nas maneiras, existia o menor vestígio de garridice. E esta transformação alegrara em extremo Nekludov.

Sentia agora por ela um sentimento cuja existência ignorava. Não tinha nada de comum com o seu primeiro entusiasmo juvenil, nem com o desejo sexual que mais tarde o dominara, nem ainda com o sentimento, ao mesmo tempo nobre e egoísta, que experimentara quando, encontrando Katucha no tribunal, resolvera reparar o seu erro casando com ela. Era um misto de piedade e ternura que por várias vezes sentira na prisão: agora, porém, este sentimento diferia do de então porque era natural e permanente, quando até aí tinha sido fragmentário. Pensasse no que pensasse, fizesse o que fizesse, o seu coração trasbordava de ternura e piedade pela Maslova.

E, como nos tempos do seu primeiro idílio, este sentimento fizera brotar na alma de Nekludov caudais de amor e de piedade que a natureza aí depositara e que durante muitos anos não tinha achado saída.

Efetivamente Nekludov sentia-se desde o princípio da viagem, seguindo a leva, num estado de exaltação sentimental que o forçava, algumas vezes contrariado, a interessar-se pelos pensamentos e emoções de todos a quem via, desde os cocheiros e soldados até aos comandantes e diretores das prisões.

A transferência da Maslova para o grupo dos condenados políticos dera ocasião a Nekludov de travar conhecimento com a maioria deles e principalmente com cinco homens e quatro mulheres que acompanhavam a Maslova. E desde então Nekludov modificara a opinião que fazia do partido revolucionário russo em geral.

Desde o princípio do movimento revolucionário na Rússia, Nekludov experimentara pelos representantes desse movimento uma pronunciada e desprezível aversão. Mais do que tudo detestara a crueldade e a dissimulação dos meios empregados na sua luta contra as autoridades, conspirações e atentados criminosos; indignava-o também o conhecimento que tinha dos traços característicos da maioria dos revolucionários: a jactância, a vaidade e ilimitada confiança nas suas pessoas. Quando, porém, os conheceu mais intimamente e quando soube o modo como eram tratados pelas autoridades, compreendeu que não podiam ser outra coisa senão o que eram.

Por mais horrorosas e insensatas que fossem as torturas a que eram condenados os prisioneiros vulgares, tais castigos, antes como depois do julgamento, conservavam uma aparência de legalidade; mas aqui, com os condenados políticos, até essa aparência de legalidade desaparecia.

Nekludov, porém, já disto tivera um exemplo em S. Petersburgo com o caso de Choustova, só com a diferença que agora ouvia as narrações dos companheiros de Katucha.

Escutando essas narrações comparava a forma como eram tratados esses infelizes com a que se emprega para pescar peixe à rede; depois de se puxar por ela esvazia-se de todo o peixe que agarrou, guardando só o graúdo e abandonando a miudagem, que

se deixa morrer na areia. Assim se procedia na pesca dos revolucionários; encarceravam-se, ao acaso, centenas de pessoas, a maioria gente inocente que não podia ser hostil às autoridades e deixavam-se ficar, às vezes durante anos, nas prisões, onde contraíam a tísica, onde enlouqueciam ou se suicidavam e isto simplesmente porque não convinha soltá-las em virtude desta ou daquela informação que poderiam fornecer.

A sorte destas criaturas, inocentes mesmo no ponto de vista legal, dependia do capricho, do ócio ou do temperamento de um empregado policial qualquer, de um juiz, de um governador ou de um ministro. Tudo dependia que um desses funcionários quisesse viver tranquilo ou aparentar zelo rigoroso; neste caso tinham lugar as detenções em massa de gente moça, suspeita de se ocupar de política, e uma vez presos, só os governadores ou ministros decidiam a sua sorte. Então, eram uns, desterrados para o fim do mundo, outros enterrados vivos em células, outros condenados a trabalhos forçados ou à morte, só obtendo a liberdade quando uma senhora elegante se dignava interessar-se por eles.

Procedia-se com estes desgraçados como com o inimigo em tempo de guerra; e eles, então, retribuíam a luta empregando os mesmos processos que empregavam contra eles. E da mesma forma que no tempo de guerra oficiais e soldados se sentem autorizados pela opinião geral a cometer atos que em tempo de paz, são considerados criminosos, os revolucionários, na sua luta consideravam-se apoiados peia opinião dos seus correligionários, deixando as suas ações de ser cruéis, para serem nobres e morais, pois por elas sacrificavam a liberdade e a vida, aquilo que os homens consideram como mais precioso.

Era o que explicava a Nekludov o fenómeno extraordinário que consistia em gente excelente, incapaz não só de causar qualquer sofrimento, mas até de o presenciar, planejar tranquilamente o assassinio e a violência, professando a santidade de tais ações, considerando-as como meios de defesa ou como um útil instrumento para auxiliar a realização de um elevado ideal de felicidade para a humanidade. A alta ideia de que os revolucionários tinham da sua causa e de si próprios, provinha naturalmente da importância que os seus adversários lhe atribuíam e da excepcional crueldade com que os combatiam; além do que, eram forçados a formar uma elevada ideia de si próprios, pois contribuía para lhes dar alento com que suportassem a vida de sofrimentos em que se debatiam.

Nekludov, quando os conheceu mais intimamente, convenceu-se que nem eram malfeitores excepcionais como certas personagens julgavam, nem heróis perfeitos como outras os imaginavam, mas sim homens vulgares, entre os quais havia, como em toda a parte, uns bons, outros maus e uma maioria de medíocres.

Uns tinham-se feito revolucionários porque, na sua sinceridade, julgavam-se destinados a lutar contra o mal; havia outros que tinham sido impulsionados por motivos egoístas, ambição ou vaidade, e a maioria fizera-se revolucionária impelida por um sentimento que Nekludov conhecia muito bem e que experimentara na guerra contra os turcos.

Era o sentimento que leva a mocidade a procurar o perigo, expondo-se e arriscando-se, para quebrar a monotonia da vida, com um jogo efervescente.

A diferença principal que Nekludov descobriu entre os condenados políticos e o vulgar dos homens, consistia na regra

moral, tal como era compreendida pelos condenados, ser mais elevada que a desses outros homens.

Com efeito, para tal gente o dever não só prescrevia a resistência às fadigas e às privações, a franqueza e o desinteresse, mas também o sacrifício de todos os bens e o da própria vida, logo que assim fosse exigido pela obra comum.

Provinha daí que aqueles revolucionários, naturalmente superiores ao nível médio, representavam tipos notáveis de elevação moral; aqueles que eram inferiores em natureza ao mesmo nível médio, tornavam-se notáveis pelo contraste com o ideal moral que professavam. Por isto, Nekludov afeiçoara-se sinceramente a alguns desterrados que seguiam a pé acompanhando a Maslova, enquanto por outros sentia apenas um misto de indiferença e antipatia.

Capítulo 6

I

De todos os condenados com quem Nekludov simpatizava, nenhum lhe agradava tanto como um rapaz tísico chamado Kriltzov. Nekludov conhecera-o em Ekaterinembourg e desde então tivera frequentes ocasiões de conversar com ele. Uma vez, durante uma alta do cortejo, Nekludov passara todo o dia na sua companhia e Kriltzov, que estava falador, contara-lhe toda a sua história, que, até ao momento da sua detenção, era curta.

Ainda muito novo perdera o pai, proprietário rico dos arredores de Kiev e a sua educação fora conduzida por sua mãe, de quem era o único filho. No colégio e na Universidade fizera brilhantes estudos, sendo sempre o primeiro em todos os concursos, e desde os vinte anos fora tido por um matemático de raro merecimento. Os seus professores na Universidade aconselharam-no a habilitar-se a um curso no estrangeiro e depois a concorrer a uma cadeira naquela faculdade. Kriltzov, porém, hesitara. Amava uma menina, sua vizinha no campo, e já arquitetara casar-se ficando a viver nas suas propriedades. Quando, perplexo, pensava no que devia fazer, os seus condiscípulos solicitaram dele um auxílio monetário para uma «obra comum», como lhe chamavam.

Kriltzov não ignorava que a tal «obra comum» era uma obra revolucionária, mas, sem outro interesse, dera o dinheiro por

camaradagem e para que se não dissesse que tinha medo. A polícia entrevistara; o dinheiro fora apreendido e o nome de Kriltzov fora encontrado numa carta, da qual se depreendia ter sido ele o fornecedor de fundos. Pouco depois era preso e encarcerado.

E tudo isto foi por ele narrado a Nekludov, estando sentado num alto catre, uma manta deitada nos joelhos, e fixando no vácuo os seus grandes olhos negros e febris.

— O regime da prisão onde fui encerrado — disse ele — era relativamente pouco severo. Não só nos correspondíamos por sinais, mas até nos encontrávamos nos corredores, e conversávamos, trocando provisões e tabaco, e à noite cantávamos em coro. Eu tinha boa voz e as canções noturnas agradavam-me imenso. Se não fora a recordação do desgosto que minha mãe sofrera, considerarme-ia perfeitamente feliz. Tinha travado conhecimento com várias individualidades interessantes, principalmente com o célebre Petrov, que mais tarde se suicidou cortando as veias com um caco de garrafa. Contudo eu ainda não era um revolucionário, nem me sentia disposto a sê-lo. Um dia deram entrada na prisão dois rapazes desterrados para a Sibéria por distribuírem proclamações polacas e que no caminho tinham tentado fugir; foram ocupar um quarto junto do meu. Um era polaco, Lozinski; o outro chamava-se Rosemberg e era judeu. Rosemberg era uma verdadeira criança; dizia ter dezassete anos mas adivinhava-se que não tinha mais de quinze. Era baixinho, magro, com olhos pretos muito vivos, inquieto, palrador e, como todos os judeus, excelente músico. Posto que a voz estivesse mal formada, era um regalo ouvi-lo cantar. Alguns dias em seguida à sua chegada foram julgados; pela manhã conduziram-nos ao tribunal e, quando, à tarde, regressaram, disseram-me terem sido

condenados à morte. Ninguém esperava tal. É verdade que tinham oposto resistência quando de novo foram agarrados, mas não tinha havido ferimentos. Além disso nunca nos tinha passado pela cabeça que se condenasse à morte uma criança como Rosenberg. A opinião dominante na prisão foi que a condenação tivera unicamente por fim aterrá-los e que nunca se executaria. Bem depressa, pois, a emoção que este incidente tinha produzido foi-se acalmando e a vida continuou seguindo como no passado. Um dia, porém, um carcereiro aproximou-se de mim e, misteriosamente, informou-me de que tinham chegado os operários para levantar a forca. A princípio não compreendi. A forca? Para quê? Fitando o velho carcereiro, vi-o tão perturbado que, num instante, compreendi tudo! Quis prevenir os meus companheiros, fazendo-lhes sinais, mas receava que *eles*, os meus vizinhos, me entendessem. E depressa compreendi que os meus camaradas também já deviam saber de tudo, pelo mortal silêncio que, repentinamente, reinara nos corredores e quartos. À tarde, ninguém se lembrou de cantar nem sequer conversar. Aí pelas dez horas o velho carcereiro chegou outra vez ao meu quarto e disse-me que o carrasco de Moscovo estava a chegar. Como se preparasse para se afastar logo que me deu aquela notícia, chamei o novamente para lhe pedir informações mais detalhadas, quando ouvi a voz de Rosenberg dizer-me do seu quarto: «Que há de novo? Que quereis?» Respondi-lhe que era para obter tabaco, mas Rosenberg ficou desconfiado, porque me perguntou com voz inquieta qual o motivo que impedira que se cantasse e até que se conversasse naquela tarde. Já não me recordo o que lhe respondi, mas o certo é que fingi dormir para pôr ponto na conversa. Durante toda a noite, porém, não pude dormir! Oh! que noite horrorosa. Nunca a poderei

esquecer! Durante todo o tempo permaneci imóvel, estendido no meu leito, espiando o menor ruído, como se fosse eu que tivesse de ser enforcado. De madrugada ouvi abrirem-se as portas e o ruído de várias pessoas andando na nossa direção. Ergui-me e precipitei-me para a abertura da porta do meu quarto. O corredor estava frouxamente alumado por um pequeno candeeiro. O primeiro que vi passar foi o diretor da prisão, homem nutrido, sempre satisfeito de si próprio, e andando de cabeça erguida; então ia pálido, triste, o olhar fixo no solo. Seguiam-no um chefe de polícia e dois subordinados. Os quatro passaram em frente da minha porta e pararam um pouco mais ao lado. E então ouvi o chefe de polícia dizer com voz estranha: «Lozinski, levante-se e vista camisa lavada!» Fez-se profundo silêncio; pouco depois ouvi uma porta abrir-se e senti Lozinski sair do quarto. Pelo orifício da minha porta eu não via mais que o diretor conservando-se pálido e abatido, cofiando o bigode, sem erguer a cabeça. De repente vi-o recuar, alucinado. Era Lozinski que passara na sua frente em direção ao meu quarto. Que belo tipo de homem este Lozinski! Era um puro representante desse encantador tipo polaco: testa ampla e reta, cabelos louros finíssimos, saindo-lhe de sob o boné e belos olhos azuis, de criança. Um rapaz trasbordando de vida e saúde, verdadeira flor humana! Parou em frente do orifício da minha porta, de forma que eu distinguia-lhe as feições por completo. Oh! Mas que terrível de ver era esse rosto, meio sorridente, meio sombrio! «Kritzov, tem cigarros?» Ia-lhos passar quando o diretor, com febril solicitude, se antecipou puxando pela cigareira e apresentando-lha. Lozinski serviu-se de um cigarro e, depois de havê-lo acendido ao lume que o chefe da polícia lhe oferecera, principiou a fumar, pensativamente.

De repente, erguendo a cabeça, como se lhe lembrasse qualquer coisa, exclamou: «É injusto! Não fiz mal nenhum! Eu...» Vi um estremecimento agitar-lhe o pescoço muito branco, do qual não podia despegar o meu olhar, e notei que se calava. Neste momento ouvi Rosenberg gritar no quarto com voz aguda, de verdadeiro judeu. Lozinski deitou fora o cigarro e afastou-se de junto da minha porta. E, por sua vez, Rosenberg retomou-lhe o lugar. As suas feições de criança, onde brilhavam uns pequenos olhos negros, estavam cor de púrpura e escorrendo suor; também vestira camisa lavada e, como as calças fossem muito largas, puxava-as incessantemente com ambas as mãos, o corpo agitado por constantes estremecimentos. Quando me viu, colocou o rosto na abertura da porta, fitando-me alucinado: «Anatole Petrovich, não é verdade que o médico me receitou xarope? Não estou nada bem e preciso tomar mais!» Ninguém lhe respondeu e o seu olhar implorante fixava-se, ora em mim ora no diretor. Nunca ninguém soube o que ele queria dizer com o seu xarope. De repente, o chefe de polícia tornara-se severo: «Vamos, nada de gracejos, marche!» Rosenberg, contudo, já não compreendia o que lhe ordenavam; desatou a correr pelo corredor fora e depois ouvi-lhe soluços estrangulados; afinal, parou e, por entre súplicas ardentes, percebi que chorava. O ruído dos pés, andando gradualmente, desvaneceu-se; fechou-se a porta do corredor e só de longe a longe ouvia os gritos desesperados de Rosenberg. E foram enforcados. Um carcereiro que assistira a tudo contou-me que Lozinski portara-se com coragem, mas que Rosenberg lutara e debatera-se durante muito tempo, sendo preciso levá-lo para o cadafalso e passar-lhe à força o nó corredio. O carcereiro era um homenzinho embrutecido

pelo álcool. Tinham-me dito que era terrível assistir àquilo! Qual história! Nem nada. O nó passa-se à volta do pescoço, empurra-se o corpo e... dois movimentos com os ombros, mais nada. O carrasco aperta o nó e pronto. Quem é que diz que é terrível? Nada, afirmo-lho, mesmo nada!

Kriltzov, por muito tempo, conservou-se silencioso depois de terminar a narração. Nekludov notou que as mãos tremiam-lhe e que custosamente reprimia os soluços.

— Desde então tornei-me revolucionário! — declarou, depois de estar mais sossegado.

E em mais algumas palavras contou o fim da sua história.

Filiara-se no partido Narodovoltzy e dirigia um grupo que se propunha aterrar o Governo pela violência, para obrigá-lo a renunciar ao poder, apelando então para o povo. Como representante do seu grupo estivera em S. Petersburgo, viajara no estrangeiro, voltara a Kiev, depois a Odessa, sempre trabalhando sem ser importunado. Um companheiro em quem depositava a máxima confiança, denunciara o; fora preso, encerrado na prisão durante dois anos e, por fim, sentenciado à morte, e num perdão geral, comutada a pena em trabalhos forçados por toda a vida.

Na prisão contraíra a tísica e, nas atuais condições de vida, mal lhe restariam alguns meses para viver. Sabia isto perfeitamente e dizia a Nekludov que, se lhe fora dada uma segunda vida, empregá-la-ia semelhantemente, trabalhando para destruir uma ordem trasbordante de injustiças e crueldades.

E a história deste infeliz e a sua intimidade com ele, explicaram a Nekludov muitas coisas que até então lhe tinham permanecido incompreensíveis.

II

Na mesma manhã em que tinha tido lugar a disputa entre o comandante da escolta e o pai da rapariguita, Nekludov, que se tinha alojado na hospedaria da aldeia, acordou mais tarde que o habitual e, depois de se ter levantado, respondeu a uma numerosa correspondência, de maneira que partira muito tarde para poder alcançar a leva, como nos dias anteriores fizera. Começava a escurecer quando chegou à aldeia onde pernoitavam os degredados.

O seu primeiro cuidado foi dirigir-se para a hospedaria a fim de mudar de roupa, pois o nevoeiro atravessara-o até aos ossos. E, mais reconfortado, sentou-se na grande sala, muito limpa e agradável, com as paredes ornadas de imagens piedosas e retratos da família imperial, bebendo chávenas de chá umas atrás das outras e aturando complacentemente a palradora hospedeira, viúva muito nutrida com um pescoço roliço e branco. Quando bebeu o chá saiu para ver se conseguia do comandante da leva licença para falar com a Maslova.

Havia seis dias que lha negavam. Durante eles apenas trocara algumas palavras com ela e com os seus companheiros, na estrada, e nem uma só vez conseguira entrar no acampamento. Tal severidade provinha de se esperar de um momento para outro a visita de um inspetor das prisões, alto funcionário.

Efetivamente o inspetor chegou, ou antes, passou, pois nem se dignou parar e inspecionar a leva.

Nekludov tinha agora a esperança que o novo comandante autorizá-lo-ia, como os seus antecessores o haviam feito, a ter entrada nos alojamentos dos condenados políticos.

A hospedeira tinha-se oferecido para lhe arranjar um carro que o conduzisse até ao acampamento, situado na outra extremidade da aldeia, mas Nekludov preferiu ir a pé, acompanhado por um rapaz de ombros quadrados, calçando grandes botas untadas de breu fresco, que, na qualidade de criado da hospedaria, foi encarregado de o guiar. A noite estava escura e o nevoeiro era tão denso que Nekludov não distinguia o seu guia, posto que ele caminhasse a pequena distância: só lhe ouvia o chapinhar das botas, enterrando-se na lama pegajosa e profunda. Logo que terminou a grande rua da aldeia, e que deixaram de brilhar, aqui e ali, as janelas iluminadas, a escuridão tornou-se mais completa. Depressa, porém, Nekludov distinguiu a luz dos lampiões colocados à entrada do acampamento e, quanto mais se aproximava, mais nitidamente esses focos vermelhos se mostravam, até que por fim tornaram-se visíveis as estacas do recinto, a guarita da sentinela e até a sombria silhueta desta, em pé, junto da entrada, com a espingarda ao ombro,

Por entre a escuridão ouviu-se um «Quem vem lá?» que a sentinela lançou, seguido logo pela prevenção de que não era permitido o estacionamento junto da estacaria a pessoas estranhas. Contudo, o guia de Nekludov não se assustou com tamanha severidade:

— Que papão para meninos — disse. — Olá! chama pelo cabo enquanto esperamos aqui!

O soldado voltou-se e chamou para dentro por alguém; depois recomeçou a andar de um para outro lado, examinando o guia de

Nekludov, que à luz de um dos lampiões, lhe limpava com um punhado de folhas verdes as botas carregadas de lama.

Por entre a paliçada ouvia-se um confuso murmúrio de vozes e risos.

Ao fim de três minutos Nekludov viu abrir-se a porta e um velho soldado, vivamente iluminado pelo reflexo dos candeeiros interiores, surgiu, perguntando o que desejavam dele. Nekludov entregou-lhe um bilhete de visita que tinha preparado e pediu-lhe que dissesse ao comandante que desejava falar-lhe em assuntos particulares.

Este velho soldado não era tão severo como o seu subordinado, mas era excessivamente curioso. Quis saber para que é que Nekludov desejava falar com o comandante, de onde vinha e de onde era, pressentindo que em troca da sua condescendência receberia uma boa gorjeta. E só depois de ter obtido de Nekludov a promessa de uma boa recompensa, é que se decidiu a ir entregar o bilhete, e empregar os esforços para que o comandante o recebesse. Assim, acenando com a cabeça, partiu a correr.

Entretanto, a porta abriu-se novamente e um rancho de mulheres com cestos, sacos, bilhas e garrafas, principiou a sair.

Falavam todas ao mesmo tempo, muito depressa, sem intervalos e com um pronunciado acento siberiano. Vestiam curtas peliças que lhe davam antes o aspeto de burguesas do que de aldeãs, a cabeça tapada por um lenço e as saias muito erguidas, deixando ver a perna até ao joelho. Ao sair examinavam, à luz dos lampiões, curiosamente Nekludov e o guia; e uma delas reconheceu este, e encantada de o encontrar, saudou-o com uma familiar saraivada de insultos, à moda siberiana.

— Diabos te levem, meu grande porco! Que fazes tu aqui?

— Vim acompanhar este estrangeiro. E vocês que vieram fazer?

— Vender queijo; amanhã hei de cá voltar.

— Então ninguém te ofereceu cama para partilhar? — perguntou-lhe o guia maliciosamente.

— O demo carregue contigo, cabeça de porco! — respondeu-lha a rapariga rindo. — Vem para a aldeia connosco; faz-nos companhia!

O guia ainda respondeu qualquer coisa que não só fez rir as mulheres como até o próprio soldado que tão severo era, e em seguida dirigiu-se a Nekludov.

— Poderá regressar sem mim? Não se perderá?

— Não, está tranquilo.

— Quando passar a igreja, é a terceira porta à direita depois da casa grande de dois andares. E aqui lhe deixo o meu bordão!

E entregando a Nekludov um delgado pau que tinha nas mãos, seguiu na escuridão o rancho das mulheres, chapinhando na lama com as suas grandes botas.

Nekludov quedara-se a escutar os risos e as vozes femininas quando o velho soldado, sorrindo complacientemente, lhe participou que o comandante acedia ao seu pedido, recebendo-o.

Capítulo 7

O acampamento dos degredados assemelhava-se em tudo aos demais acampamentos das levas que atravessam a Sibéria; três edifícios de um só andar tinham sido construídos no centro de um recinto resguardado e defendido do exterior por uma forte paliçada de estacas pontiagudas.

No maior dos edifícios, aquele cujas janelas eram gradeadas, habitavam os prisioneiros; o outro destinava-se ao pessoal e no terceiro estavam instaladas as secretarias. Neste, habitava ainda o comandante da escolta.

Todas as janelas dos três edifícios estavam naquela noite vivamente iluminadas, e quem as visse do exterior seria assaltado pela ideia de que no interior devia reinar conforto tranquilo e boa temperatura. Às entradas das portas estavam fixados candeeiros acesos e no pátio ardiam também mais cinco candeeiros.

O velho soldado que guiava Nekludov conduziu-o por uma estreita passagem, feita de tábuas enterradas na lama, até à entrada do mais pequeno dos três edifícios. Para entrar neste, foi necessário subir três degraus e Nekludov achou-se numa saleta, cuja atmosfera se tornara irrespirável com o fumo e cheiro do carvão de um samovar, a que um soldado em mangas de camisa de pano grosso, soprava, curvado em dois, junto do fogão. Quando deu pela presença de Nekludov, endireitou-se e dirigiu-se, correndo, para a porta mais próxima.

— Excelência! Ei-lo que chega!

— Manda entrar! — respondeu uma voz irritada.

— Queira entrar! — disse o soldado a Nekludov, recomeçando em seguida a soprar ao samovar.

Nekludov entrou para uma grande sala de jantar, iluminada por um candeeiro suspenso no teto, na qual o comandante da escolta estava sentado em frente de uma mesa meia desguarnecida.

Era o mesmo nutrido e apoplético homem, com grandes bigodes louros que pela manhã deitara abaixo com um murro à cara do forçado. Pusera-se à vontade, com o dólman de alamares desabotoado, e camisa aberta deixando ver o pescoço e o peito. A sala, excessivamente quente, estava cheia de fumo de tabaco e vapores de aguardente.

Quando Nekludov entrou, o comandante ergueu-se da cadeira.

— Que deseja de mim? — perguntou-lhe. — E, sem esperar pela resposta bradou para a sala de entrada:

— Bernov! Então esse samovar vem hoje?

— Vai já, excelência!

— Espera um pouco que eu dou-te o *vai já!*

— Pronto, excelência — disse humildemente o soldado, trazendo o samovar.

O comandante deitou as folhas do chá no samovar, abriu um armário de onde tirou uma garrafa de conhaque e uma caixa de biscoitos. Então dirigiu-se novamente a Nekludov:

— Em que posso servi-lo?

— Queria obter autorização para falar com uma prisioneira — disse Nekludov, conservando-se de pé.

— Da secção política? Proibido por lei! — informou o comandante.

— Não se trata de nenhuma condenada política — disse Nekludov.

— Mas, queira sentar-se, peço-lho!

Nekludov sentou-se.

— Não é uma condenada política — repetiu — apenas, a meu pedido a autoridade superior permitiu-lhe partilhar a vida dos «políticos».

— Sei quem é! — disse o comandante. — Uma morena, pequenita? Bem galante, palavra! Sim, pode falar-lhe. Quer fumar?

E ofereceu-lhe o maço dos cigarros e um copo com chá.

— Obrigado! Queria...

— A noite é grande e terá muito tempo! Vou mandá-la chamar.

— Em vez disto não poderia vê-la nos seus aposentos? — perguntou Nekludov.

— Na secção política! Mas é expressamente proibido!

— Mas, por várias vezes deixaram-me entrar! Se receiam que traga qualquer objeto proibido, podem revistar-me. verão que nada trago.

— Está bem, acredito! — disse o comandante enchendo o cálice de conhaque para Nekludov. — Quer conhaque? Não? Como queira! Quem vive nesta Sibéria maldita tem verdadeiro prazer em encontrar gente civilizada. Depois, os deveres são duros. E para cúmulo de infelicidade, o comandante de uma escolta, como eu, é para a maioria da gente um indivíduo grosseiro, mal educado e ignorante. Ninguém pensa que pode haver homens de nascimento distinto!

O rosto apoplético do comandante, o hálito de alcoólico, os seus grandes anéis e mais do que tudo o seu desagradável riso,

predispuseram Nekludov de mau humor.

Hoje, porém, como durante todo o tempo da viagem, dominava-o uma concentrada e séria disposição de espírito que não lhe permitia julgar levemente fosse quem fosse e que o obrigava apenas a falar com o seu interlocutor o essencial. Quando o comandante terminou com as suas lamentações, Nekludov disse-lhe com toda a gravidade:

— Ainda bem que nas durezas do seu cargo, pode achar consolação, procurando suavizar os sofrimentos dos prisioneiros.

— Que sofrimentos? Bem se vê que não conhece esta gente!

— São então diferentes dos demais? — perguntou-lhe Nekludov. — Acho-os bem nossos semelhantes; além disso muitos estão condenados injustamente.

— Indubitavelmente há-os de todas as qualidades; eu sou o primeiro a lastimá-los, creia-me! Muitos no meu lugar não lhes perdoam nada, enquanto eu procuro suavizar-lhes a sorte. O mais das vezes prefiro sofrer para os poupar! Quer mais chá? — perguntou, servindo-se novamente. — Quem é a tal mulher que deseja ver?

— Uma infeliz criatura. Foi condenada injustamente por assassinio quando tem em si o germe das mais preciosas qualidades!

O comandante acenou com a cabeça.

— Sim, isso acontece; em Kazan, deixe-me dizer-lhe, conheci a gentil Ema, natural da Hungria, mas que tinha olhos de persa — e a esta recordação sorriu — e que era tão chique como uma verdadeira condessa...

Nekludov interrompeu-o, recomeçando a falar no outro assunto.

— Bem pode avaliar quanto lhe será fácil suavizar a situação destes infelizes. Tenho a convicção que acharia aí um manancial de alegrias.

O comandante fitava Nekludov com olhar animado, esperando impacientemente o fim do sermão para voltar com a história da húngara de olhos de persa.

— Sim, tem razão, assim é. Lastimo-os de todo o coração — disse. — Voltando a Ema, sabe o que ela fez?

— Não, nem desejo sabê-lo! — respondeu Nekludov desabridamente. — Confesso-lhe francamente que tendo outrora vivido essa imoral vida de aventuras galantes, sinto hoje verdadeiro horror por ela!

O comandante fixou Nekludov com estranheza.

— Então decididamente não toma chá?

— Muito obrigado, não quero.

— Bernov! — gritou o comandante, conduz este senhor e diz a Vakoulov que o deixe entrar no compartimento dos «políticos». Pode ficar lá até ao recolher!

Capítulo 8

I

Nekludov, acompanhado pelo soldado, depressa se encontrou no sombrio pátio iluminado aqui e ali pelas luzes vermelhas dos lampiões.

— Para onde vais? — perguntou um carcereiro que se encontrava à entrada do corpo central do edifício.

— Para a quinta sala — respondeu o soldado.

— Por aqui não se pode passar. É necessário ir de volta.

— E porquê?

— Porque o chefe saiu, fechou a porta e levou a chave.

— Bom, então vamos de volta. Por aqui, faz favor?

E o soldado guiou Nekludov para outra entrada através de um pântano de lama. Cã fora percebia-se o mesmo contínuo ruído de vozes e risos vindos do interior. E apenas entrado, Nekludov distinguiu o tinido dos grilhões que se arrastavam, enquanto um pesado cheiro lhe atacava as narinas.

Desde que principiara a viver com os forçados, essas duas sensações, o tinido dos grilhões e mau cheiro tornara-se-lhe familiares, mas hoje, como no primeiro dia, influenciavam-no de uma maneira irresistível, dando-lhe uma estranha impressão de aniquilamento físico e moral.

Logo à entrada, no corredor do corpo central, Nekludov encontrou uma mulher com as saias levantadas, sentada no balde das dejeções. Sem o menor acanhamento conversava com um homem que estava na sua frente com a cabeça rapada e grilhões nos tornozelos. O forçado, quando viu Nekludov, piscou os olhos e disse:

— O próprio Tzar, quando tem vontade, não pode deixar de fazer o mesmo!

A mulher ergueu-se e tranquilamente compôs o vestuário.

Era para este corredor que davam as portas das salas que os condenados habitavam.

A primeira era a da sala habitada pelos condenados acompanhados de família; seguia-se-lhe a dos celibatários e, por fim, na extremidade do corredor, ficavam as pequenas salas dos condenados políticos.

O acampamento todo, construído para ser habitado por cento e cinquenta pessoas, alojava naquela noite quase quatrocentas. Os prisioneiros estavam tão apertados que já enchiam os corredores. Uns estavam sentados, outros deitados no chão e outros ainda andavam de um para outro lado com chávenas de chá nas mãos.

Tarass, o marido de Fedósia, era deste número. Saiu ao encontro de Nekludov e cumprimentou-o afetuosamente. As suas feições tão simpáticas, estavam cheias de nódoas negras e uma tira de pano cobria-lhe um dos olhos.

— Que te aconteceu? — perguntou-lhe Nekludov.

— Tive uma questiúncula! — disse Tarass, sorrindo.

— Foi por causa da mulher! — informou um prisioneiro que passava na ocasião. — Ainda foste feliz em ficar com um dos olhos!

— acrescentou.

— E como vai Fedósia? — perguntou Nekludov.

— Muito bem; até agora nenhum mal a perseguiu. Esta chávena de chá é para ela! — disse Tarass, passando para a outra sala.

Nekludov pela porta entreaberta espreitou para esta sala.

Por todas as partes, sobre as camas, no intervalos destas e no soalho, viam-se homens e mulheres deitados ou em pé; mas, a sala imediata, a dos celibatários, ainda estava mais pejada, a ponto que na mesma cama estavam deitados vários forçados. No meio da sala um grupo rodeava um velho que parecia distribuir qualquer coisa. O carcereiro explicou a Nekludov que era o decano da sala, procedendo à distribuição entre os prisioneiros do dinheiro ganho por estes ao jogo.

Efetivamente, à aproximação do carcereiro, as vozes emudeceram, as mãos baixaram-se e em todos os olhares apareceu uma expressão de receio e malquerença.

Nekludov reconheceu no grupo o forçado Fedorov, que no tempo das suas visitas à prisão o tinha interessado; Fedorov estava com o braço passado em redor do pescoço de um rapaz louro e imberbe, um ser repugnante e vicioso, em companhia de quem sempre andava. Perto estava outro forçado, calvo, desnarigado e com cicatrizes de varíola, que fora apresentado a Nekludov como uma das notabilidades da leva; dizia-se que, fugido das galés com um companheiro, matara-o para o comer. O miserável fitava Nekludov zombeteira e atrevidamente, sem o cumprimentar, como fazia a maioria dos prisioneiros.

Por muito familiarizado que Nekludov estivesse com tais espetáculos, pois há três meses que via estes 400 condenados em diferentes circunstâncias — envoltos em nuvens de pó nas marchas durante os dias de calor abrasador arrastando os grilhões, nos acampamentos, ou ainda nas noites de calma, assistindo ao desenrolar das mais torpes cenas de deboche — não lhe era possível deixar de sentir, sempre que com eles se encontrava em contacto, como nessa noite, cruel sentimento de vergonha, quase que remorsos da sua culpabilidade para com aqueles desgraçados.

E esses remorsos e essa vergonha eram tanto mais cruéis que se faziam acompanhar de um invencível sentimento de horror e repulsão. Sabia que nas condições onde, desde a sua infância, esses desgraçados se achavam, tinham fatalmente de vir a ser o que eram; mas, apesar disso, não podia dominar o desprezo, o ódio e a profunda aversão que lhes votava.

— Ali vão umas algibeiras onde seria útil dar uma busca! — disse uma grosseira voz, quando Nekludov tinha já passado e se aproximava da sala pegada.

E a multidão dos condenados estalou numa uníssona gargalhada.

II

Em frente da porta da sala dos condenados políticos, o carcereiro que acompanhara Nekludov deixou-o, prometendo vir

buscá-lo à hora do recolher. Mal ele se tinha afastado, Nekludov viu um forçado dirigir-se-lhe tão rapidamente quando lho permitiam os grilhões que arrastava nos tornozelos, dizendo-lhe curvado sobre a sua orelha misteriosamente:

— Fidalgo, intervenha a favor do rapaz! Está agarrado numa medonha armadilha! Embebedaram-no. Já hoje à chamada se apresentou com o nome de Karmanov. É o único que o pode salvar. Pela nossa parte, se o tentássemos, seríamos mortos!

E depois de ter murmurado rapidamente estas palavras, olhando para todos os lados assustadamente, desapareceu, confundindo-se com os demais forçados que vagueavam nos corredores.

O caso consistia no seguinte: um forçado chamado Karmanov convencera um outro rapaz ainda novo, que se parecia com ele, a mudar de nome, de modo que o forçado apenas seria desterrado por dois anos enquanto o outro substitui-lo-ia por toda a vida.

Já na semana transata Nekludov fora prevenido por este mesmo forçado dos preparativos da substituição, pedindo-lhe que interviesse para impedir crime tão monstruoso.

Era uma das mais interessantes individualidades de toda a leva, a deste forçado. Nekludov conhecera-o em Tomsk, dando-lhe na vista esse forte e robusto aldeão, de pouco mais de trinta anos; com um nariz deprimido e olhos pequenos; fora condenado a trabalhos forçados por tentativa de roubo e assassínio. Macário Dicokin, era como ele se chamava, contara a Nekludov que fora condenado por um crime real, mas que não fora cometido por ele: o crime fora perpetrado por alguém que Macário designava por «Ele» e que evidentemente era o diabo em pessoa.

Um dia um viajante alugara por dois rublos em casa dos pais de Macário um trenó para o conduzir a uma aldeia distante quarenta verstas, Macário fora encarregado de guiar o trenó, e, depois de atrelar os cavalos, vestira-se e pusera-se em marcha. A meio caminho tinham parado numa estalagem e tomado chá para aquecerem. Então Macário soube do viajante que ele ia casar-se à aldeia vizinha e que levava consigo toda a sua fortuna, uns quinhentos rublos.

Macário mal soube disto foi ao pátio da estalagem e agarrou num machado que escondeu no fundo do trenó.

— Tão verdade como creio em Deus, fidalgo, que não sei para que é que peguei no machado. Foi *e/e* que me disse: agarra no machado! E eu agarrei. Subimos para o trenó e partimos: tudo corria sem novidade. Eu já nem pensava no machado. A aldeia só distava seis verstas; restava uma subida grande por entre a floresta. Eu descí para aliviar o cavalo, e eis que «O» ouço segredar-me ao ouvido: «Então em que pensas? Lá em cima, no fim da encosta, começa a aldeia e há gente; e tu deixa-lo ir com o seu dinheiro! Vamos, não percas tempo, é a ocasião!» Inclino-me para o trenó para compor a palha e o machado salta-me para as mãos! Nesta ocasião o viajante voltou-se: «Que estás tu a fazer?» perguntou-me. Então ergui o machado; ele, porém, saltou à estrada e como verdadeiro valente que era agarrou-me nos pulsos. «Miserável, que fazes?» Eu não opus resistência e deixei-o agir. Atou-me as mãos com um lenço, obrigou-me a entrar para o trenó e levou-me a casa do comissário. Fui preso e julgado. A aldeia toda testemunhou o meu bom comportamento anterior, livre de censuras. O patrão onde

eu trabalhava também afirmou a minha boa conduta, mas como não tive advogado fui condenado a quatro anos de trabalhos forçados.

E era este mesmo homem que, para salvar um companheiro, por duas vezes viera revelar a Nekludov um segredo que lhe pesava na consciência, expondo-se a uma morte certa, pois sabia que os seus companheiros estrangulá-lo-iam infalivelmente se descobrissem a sua indiscrição.

III

Os condenados políticos ocupavam duas pequenas salas, precedidas de uma outra que comunicava com o corredor. A primeira pessoa que Nekludov viu quando entrou foi Simonson, agachado em frente do fogão, com uma acha de pinho na mão, ocupado em acender o lume.

Quando viu Nekludov largou a acha para lhe estender a mão, sem contudo, mudar de posição.

— Ainda bem que veio; necessito falar-lhe! — disse, com grave expressão no rosto e olhando fixamente para Nekludov.

— Então que há? — perguntou este.

— Fica para mais logo. Agora estou muito ocupado.

E Simonson pegou novamente na acha e recomeçou a olhar pelo lume que se encarregara de acender, segundo um método racional de sua invenção.

Quando Nekludov ia a entrar para a sala imediata, viu sair da outra a Maslova, trazendo num apanhador um grande monte de pó e

lixo que ia deitar ao lume. Vestia blusa branca e calçava tamancos, e envolvia a cabeça num lenço branco que lhe encobria parte do rosto; para poder varrer mais à vontade enfaixara as saias muito altas. Mal viu Nekludov corou; pousou o apanhador e limpando as mãos à saia, dirigiu-se-lhe muito excitada.

— Trata-se de fazer limpeza? — inquiriu Nekludov, apertando-lhe a mão.

— Retomei as minhas antigas funções — respondeu, sorrindo — mal pode imaginar a porcaria que aqui há. Há mais de uma hora que andamos a varrer! Está seco o cobertor, Simonson?

— Quase — respondeu este, fitando a Maslova de um modo que surpreendeu Nekludov.

— Então volto já buscá-lo e trago outras coisas para secar. Está tudo reunido ali — disse ainda para Nekludov, apontando-lhe a porta do outro quarto.

Nekludov encaminhou-se para ele, abriu a porta e entrou.

Um candeeiro de metal iluminava a pequena sala oblonga onde, ao contrário das outras, reinava bastante frio. No ar pairava o pó levantado pela limpeza a que se misturava o cheiro do tabaco e umidade. O centro da sala estava vivamente iluminado pelo candeeiro, mas os catres dispostos junto das paredes ficavam na penumbra e com dificuldade se distinguiam os condenados que se sentavam neles.

Todos os condenados estavam reunidos nesta sala com exceção de Simonson e de mais dois a cargo de quem estava a distribuição dos alimentos e que tinham ido buscar a ceia.

Lá estava Vera Bogodouchovska, ainda mais magra e mais pálida do que na prisão, os olhos alucinados e a mesma veia frontal

muito pronunciada. Vestida de cinzento, estava sentada com um jornal desdobrado na sua frente, e com uma porção de tabaco fazia cigarros.

Nekludov encontrou também uma outra condenada a quem votava sincera estima. Era Emília Rantzev, a cargo de quem estava a direção e organização doméstica daquele grupo e de cujo encargo ela se desempenhava a contento de todos, procurando fazer com que sempre predominasse particular encanto, e intimidade em todas as relações, ainda as mais difíceis.

Sentava-se sob o candeeiro, e, de mangas arregaçadas, limpava e lavava com as suas mãos delicadas e finas as chávenas e os pires. Posto fosse nova, não era bonita, mas o seu rosto, inteligente e bom, transfigurava-se quando sorria, deixando transparecer uma expressão animada e corajosa, verdadeiramente bela.

Foi com um destes amáveis sorrisos que acolheu Nekludov.

— Julgávamos que tivesse regressado à Rússia! — disse-lhe.

Nekludov reparou também em Maria Pavlovna que, sentada num canto, se ocupava de uma criancinha loura que tinha sentada nos joelhos e que papagueava incoerências com a sua doce voz infantil.

— Quanto estimo que tivesse vindo! Já viu Kátia? — perguntou Maria Pavlovna a Nekludov. — A nossa família conta mais esta alminha! — acrescentou, mostrando-lhe a criancinha.

O magro e pálido Anatole Kriltzov estava sentado no catre com as pernas cruzadas e as mãos encobertas pelas mangas da peliça, fitando Nekludov com os seus grandes olhos febris de tísico.

Nekludov ia a dirigir-se-lhe quando cruzou no caminho com um rapaz de cabelo ruivo encaracolado que, remexendo num saco, conversava com uma linda prisioneira. Era Novodvorov, o célebre revolucionário. Nekludov deu-se pressa em cumprimentá-lo, não porque lhe votasse especial afeição, mas, pelo contrário, porque era o único condenado político que lhe era profunda e invencivelmente antipático; procurava, pois, cumprir a formalidade de o cumprimentar o mais depressa possível, para se desembaraçar desse penoso dever. Novodvorov fitou-o através das lunetas com os seus olhos pequeninos e estendeu-lhe a mão estreita e comprida.

— Então, sempre satisfeito com a viagem? — perguntou com leve tom irónico.

— Decerto! Há interesse bastante para isso! — respondeu Nekludov fingindo não ter notado a intenção magoada da pergunta de Novodvorov. E, sem se demorar, dirigiu-se para Kriltzov.

Nekludov procurava aparentar indiferença, mas a verdade é que as palavras de Novodvorov encobrindo o evidente desejo de lhe ser desagradável, tinham destruído bruscamente e disposição otimista em que se sentia havia dias.

Sentia-se triste, indisposto e quase que se surpreendeu a lastimar se de ter vindo.

— Como tem passado? — perguntou a Kriltzov enquanto lhe apertava a mão gelada e tremente de febre.

— Obrigado, vou andando. Molhei-me, porém, e não posso aquecer — disse Kriltzov, apressadamente retirando a mão para a manga da peliça. — Além disso, nesta sala faz um frio diabólico; há dois vidros partidos, mas ninguém cuida em substituí-los!

E com um dedo mostrava a Nekludov os vidros que faltavam na janela gradeada.

— Então porque não tem vindo nestes últimos dias? Não está bem?

— Não; não me deixaram. Só hoje é que um novo comandante foi mais humano.

— Humano? Sim, lá para consigo. Pergunte, porém, a Macha o que ele fez esta manhã!

Maria Pavlovna, sem se levantar do seu canto, descreveu, a Nekludov a cena que tivera lugar pela manhã, a propósito da pequenita.

— Sou de opinião que devemos assinar um protesto coletivo — exclamou Vera em voz decidida, fitando os companheiros todos, com olhar desvairado.

— Vladimir Simonson protestou, mas um protesto isolado de nada vale.

— E de que serve protestar? — perguntou Kriltzov, parecendo aborrecido e rabugento. Percebia-se que a falta de simplicidade de Vera o excitava, produzindo-lhe verdadeiro sofrimento nervoso.

— Está a procurar Kátia? — continuou, dirigindo-se a Nekludov. — Está sempre a trabalhar! Acabou de limpar-nos toda a roupa e agora principiou com a das mulheres. Só nunca conseguirá livrar-nos das pulgas! E elas, as infames, dão cabo de nós, sem piedade! E Macha, que está a fazer lá no canto? — perguntou, tentando levantar-se para olhar para Maria Pavlovna.

— Está a pentear a pequenita — disse Emília Rantzev.

— Que tenha cuidado em não nos trazer os piolhos que lhe catar! — replicou Kriltzov.

— Não tenhas receio, pois faço tudo conscienciosamente — disse de lá Maria Pavlovna. — E, pronto, ela cá está bem limpinha. Emília, toma conta dela, enquanto vou ajudar Kátia.

A Rantzev pegou na criança, sentou-a nos joelhos com solicitude maternal e deu-lhe uma pedra de açúcar.

Maria Pavlovna saiu, e, na mesma ocasião, reentraram os condenados que tinham ido buscar a ceia.

Um deles era um homem ainda novo, baixo e magro, vestindo peliça curta e calçando botas de cano. Caminhava com passo leve e rápido, trazendo em cada mão uma grande chaleira trasbordando de água a ferver e um pão embrulhado num guardanapo, preso sob cada braço.

— Ora ainda bem que o nosso príncipe tornou a aparecer! — disse, enquanto colocava as chaleiras perto das chávenas cuidadosamente preparadas pela Rantzev. — Comprámos coisas extraordinárias! — continuou, depois de se ter desembaraçado da peliça que lançou por cima das cabeças para o lugar onde ficava o seu catre. — Markel traz ovos e leite. Um magnífico petisco! E Emília vai nos arranjar tudo isto, adornando-o com a sua estética limpeza! — E ao dizer estas palavras sorria para a Rantzev.

Todo o aspeto deste homem, desde os seus movimentos e o metal da voz, até aos seus olhares, exprimia um conjunto de alegria e coragem. E, a contrastar com ele, ressaltava a tristeza e o desalento que o seu companheiro aparentava. Era como o outro, de estatura meã, porém ossudo, de maxilas proeminentes, lábios finos e belos olhos cinzentos, muito distantes um do outro. Trazia uma capa usada enchumada e oleados por cima das botas altas.

IV

Depois de haver largado o cesto e as latas com o leite, cumprimentou friamente Nekludov, abaixando-lhe a cabeça e fitando-o com seus grandes olhos.

Eram filhos do povo estes dois condenados. O primeiro, Nabatov, nascera no campo, e o outro Markel, na cidade, e como tal fora operário numa fábrica. Mas, enquanto Markel só se fizera revolucionário aos trinta e cinco anos, Nabatov quase que o fora desde a sua mocidade. Devido a sua excepcional inteligência, logo que deixara de frequentar a escola da aldeia, entrara para o Liceu, sustentando-se a lecionar os condiscípulos e, conseguira receber uma medalha de ouro. Não quis, contudo, passar para a Universidade, resolvendo voltar para o meio onde fora criado, a fim de partilhar com seus obscuros e ignorantes irmãos aquilo que aprendera. E tendo conseguido nomeação oficial para uma grande aldeia, principiara a emprestar e a ler aos mujiques toda a qualidade de livros, passando depois a cuidar da organização de uma sociedade de socorros mútuos e não tardara a ser preso.

Restituído à liberdade, depois de oito meses de cárcere, transferira-se para outro governo, e ainda que vigiado pela polícia, fora nomeado mestre-escola noutra aldeia e recomeçara com o seu apostolado. Preso novamente, fora condenado a dois anos de prisão, durante os quais as suas convicções se enraizaram ainda mais.

No fim do segundo ano de detenção fora desterrado para o governo de Perm. Como passados sete meses exigissem dele o

juramento de fidelidade ao novo imperador, recusara-se a prestá-lo, fora novamente encarcerado e desterrado para Yrkoutsk, na extremidade da Sibéria.

Bem podia dizer que metade da vida se lhe esgotara nas prisões e no exílio. Porém todas estas rudes provas não tinham conseguido azedá-lo, aumentando-lhe até o entusiasmo e a energia.

Era um homem de pouco vulgar resistência, trasbordante de saúde física e moral.

Em qualquer parte que estivesse era sempre ativo, valoroso e alegre. Nunca tinha saudades do passado nem procurava sondar o futuro; todos os recursos da sua inteligência, da sua habilidade, do seu tino prático, aplicava-os ao momento presente. Quando gozava liberdade, obstinava-se em trabalhar para o fim a que votara a sua vida — a instrução do povo. Quando o privavam dessa liberdade, procurava aperfeiçoar, tanto quanto podia, as condições da sua vida e a daqueles com quem privava.

Nele, viver para os outros era uma necessidade orgânica. Não tendo necessidades próprias, podia passar dias sem comer e sem dormir e instintivamente era em favor dos outros que empregava a sua robusta atividade de aldeão. E em muitas coisas ficara sempre um verdadeiro aldeão: desembaraçado, hábil, infatigável, honrado sem procurar sê-lo, e sempre solícito com os sentimentos e pensamentos dos outros.

Sua mãe, uma velha aldeã analfabeta e supersticiosa, ainda vivia e Nabatov, sempre que readquiria a liberdade, corria a vê-la. Então auxiliava-a em todos os seus afazeres domésticos, reatava relações com os antigos condiscípulos da aldeia, com quem agora ia à taberna, distribuía e fumava com eles cigarros, tomando também

parte nas suas pelejas a murro, nos intervalos das quais lhes explicava como, graças à ignorância em que eles viviam, eram explorados por proprietários e pelo Estado.

A revolução que esperava ver realizada a favor do povo não destruiria todo o existente nem procuraria fazer do povo qualquer coisa diferente do que atualmente ele era, nem modificaria as condições das suas vidas; queria só que a revolução desse aos aldeões a posse da terra, desembaraçando-os dos proprietários e funcionários. A revolução, tal como a queria — e nisto diferia radicalmente da opinião de Novodvorov — não devia quebrar definitivamente com o passado, renovando por completo costumes e hábitos, mas somente procuraria dividir com equidade o venerável e precioso tesouro das tradições nacionais.

Até na religião se reconhecia a sua natureza aldeã. Nunca o inquietaram os problemas metafísicos, as causas primárias ou a vida futura. Muitas vezes lhe ouviam dizer que para ele, assim como para Laplace, Deus era uma hipótese a que não reconhecia utilidade. A forma como se criara o universo, deixava-o indiferente e a teoria darwiniana que preocupava seriamente os seus companheiros, era quanto a ele uma fantasia tão imaginativa como a da criação do mundo em seis dias.

Na vida futura nem sequer pensava; porém, no íntimo da alma trazia depositada uma crença que herdara de seus pais e que é comum a todos os homens que vivem em contacto com a terra. Acreditava que, assim como no mundo vegetal e animal nada morre e tudo se transforma, da mesma forma não morre o homem, mas sim muda de vida,

Era esta a crença que o fazia fitar a morte sem receio nem cólera. E, contudo, nem gostava de refletir sobre esta crença, nem falava dela. Só o trabalho lhe agradava e procurando ocupar-se sempre com assuntos práticos, esforçava-se para que os seus companheiros lhe imitassem o exemplo.

Markel, o operário, era um homem muito diferente. Entrado para uma fábrica aos quinze anos principiara logo a fumar e a beber, para abafar o sentimento de humilhação que sentia dentro de si. Foi numa noite de Natal que ele se lhe originara, durante a festa para que a mulher do mestre da sua oficina tinha convidado os filhos dos operários. Markel e os seus companheiros tinham recebido como presente, este um assobio, aquele uma maçã ou marmelada, enquanto os filhos do chefe da oficina tinham sido mimoseados com brinquedos admiráveis, cujo custo devia exceder 50 rublos cada um.

Markel porém, continuara durante vinte anos a vida usual dos operários. Tinha trinta e cinco quando travou conhecimento com uma estudante revolucionária que entrara para a fábrica assalariada como operária, para fazer propaganda. Foi ela que lhe emprestou livros e brochuras e que, discutindo com ele, lhe abriu os olhos sobre a sua posição, a sua causa e seus remédios.

Quando Markel percebeu que podia libertar-se e libertar os outros da cruel opressão que sobre eles pesava desde a infância, a injustiça de tal opressão pareceu-lhe mais viva e mais criminosa, e à ilimitada ânsia de liberdade juntou-se um profundo desejo de vingar-se daqueles que até então o tinham oprimido.

E como a estudante lhe afirmara que a ciência o poderia libertar da sua escravidão, Markel esforçou-se a todo o transe por adquirir essa ciência, à qual já devia a revelação da injustiça da

posição que ocupava. Era, pois, evidente que só por ele cessaria o reinado da injustiça. Além disso, a ciência tinha mais a seus olhos o valor de o levantar acima do nível comum dos homens, o que sempre tinha sido a sua secreta ambição. Abandonara, pois, o fumar e o beber para consagrar todos os momentos de ócio ao estudo. A revolucionária dava-lhe lições, admirando cada vez mais, o extraordinário ardor com que ele assimilava os conhecimentos mais diversos.

Em dois anos Markel aprendera geometria, álgebra e história; lera inúmeras obras de crítica e de filosofia, dando notável preferência porém à literatura socialista contemporânea.

Nestas alturas, a revolucionária fora presa, e, sendo-lhe apreendidas cartas de Markel a prisão estendeu-se a este. Desterrado para o governo de Vologda, travara então conhecimento com Novodvorov, continuara a ler inúmeros livros, aprendendo milhares de coisas que gradualmente ia esquecendo e sempre permanecendo um ardente partidário do socialismo. Ainda exilado pôs-se à frente de uma greve que terminou com o incêndio da fábrica e com o assassinio do diretor; preso, julgado e condenado, partira para a Sibéria por toda a vida.

Em assuntos religiosos tornara-se tão avançado como em economia política.

Tendo-se convencido da falsidade das crenças em que tinha sido educado e conseguido libertar-se delas, a princípio com receio depois com entusiasmo, mordera-o o desejo de se vingar de todos os que o haviam conservado em erro. Assim, falava sempre dos padres com ódio, e zombava ferozmente dos dogmas religiosos.

Os seus hábitos tornaram-se ascéticos; como todos os que são habituados ao trabalho desde a infância, era hábil em trabalhos manuais e infatigável em exercícios físicos, desprezando-os, ao contrário de Nabatov. Hoje, o que mais lhe agradava eram os momentos de repouso nos acampamentos que lhe permitiam continuar a estudar e a instruir-se, a única ocupação útil e honrosa que julgava digna de si. Andava estudando agora o primeiro volume do *Capital* de Karl Marx e ocultando-o no fundo do seu saco, vigiava-o como o mais precioso dos tesouros. Com exceção de Novodvorov, a quem era sinceramente afeiçoado, Markel mostrava-se indiferente e reservado para com os seus outros companheiros, só aceitando a opinião do seu amigo íntimo, em todos os assuntos, como a essência da verdade.

Pelas mulheres sentia desprezo absoluto; considerava-as como o principal obstáculo da emancipação social e do livre desenvolvimento da inteligência. Excetuava contudo, a Maslova, que considerava um exemplar típico da exploração das classes inferiores pelas superiores, e, sempre que podia, testemunhava-lhe consideração. Por esse mesmo motivo aproveitava todas as ocasiões para manifestar a Nekludov a antipatia que sentia por ele.

Capítulo 9

Afinal o fogão sempre se acendeu, aquecendo a sala, o chá fumegou nas chávenas e nas taças e para junto delas vieram as iguarias da ceia: pão alvo e de centeio, ovos, manteiga, cabeça e pés de vitela.

Toda a sociedade se reuniu em volta do catre que servia de mesa, comendo, bebendo e falando. A Rantzev, sentada num caixote, desempenhava-se do seu papel de dona de casa, distribuindo chá a este e àquele.

Só Kriltzov não se reunira ao grupo: tirara a peliça molhada, envolvendo-se num cobertor seco que lhe trouxeram, e estirado no catre, conversava amigavelmente com Nekludov.

Depois do frio e da umidade da estrada, da porcaria e da desordem que reinavam à chegada e depois do trabalho porque tinham todos passado para pôr tudo em ordem e preparar a ceia, esta, o chá quente e a bela temperatura da sala, introduziam nos condenados uma benevolente e alegre disposição.

Para fortalecer ainda mais esta agradável sensação de bem estar e intimidade, ouviam-se, através da parede, gritos, injúrias e os insultos dos condenados comuns.

Era como se estivessem isolados numa ilha, no meio do oceano; a exaltação causada por esta impressão, produzia-lhes uma embriaguez intelectual particular, com a qual esqueciam os horrores da sua situação para se entregarem livremente aos seus sonhos.

E, como sempre acontece, quando rapazes e raparigas são obrigados a viverem em comum, depressa se formaram várias espécies de inclinações sentimentais, conscientes ou inconscientes, declaradas ou ocultas. Todos, ou pelo menos quase todos, estavam apaixonados. Novodvorov estava-o pela linda e sorridente Grabetz, uma estudante muito jovem, irrefletida e totalmente indiferente aos problemas revolucionários. Cedera, porém, à influência da sua época, comprometera-se num certo plano e fora condenada a desterro. E, exatamente como na Universidade, onde a sua preocupação principal consistia em galantear com os estudantes, também aqui de mais nada se preocupava, depois de presa. No atual momento considerava-se felicíssima por Novodvorov estar apaixonado por ela e por se sentir também apaixonada por ele.

Vera Bogodouchovska, sempre muito sentimental, tendo passado toda a vida a amar sem esperança, inclinava-se secretamente umas vezes para Nabatov, outras para Novodvorov. Kriltzov sentia uma inclinação semelhante por Maria Pavlovna, ou antes amava-a realmente, da maneira como os homens amam as mulheres, mas conhecendo lhe as opiniões sobre o amor, procurava ocultar o seu sentimento sob a capa de amizade e reconhecimento.

Nabatov também andava apaixonado. Entre ele e Emília Rantzev tinha-se formado uma ligação não vulgar e contudo inocente, pois assim como Maria Pavlovna era em todo o seu ser o tipo da donzela, da mesma maneira Rantzev era o modelo das mães e das esposas.

A Rantzev, quando ainda no colégio, apaixonara-se pelo que, mais tarde, três anos passados, lhe deu o nome. Ele era estudante na universidade de S. Petersburgo e por ter tomado parte em motins

escolares foi desterrado. Ela imediatamente interrompeu os seus estudos de medicina para o seguir, e como ele se fizesse revolucionário ela não hesitou e tornou-se também revolucionária. Se não tivesse considerado seu marido como o mais belo, inteligente e o melhor de todos os homens, achava monstruoso conceber a vida diferentemente de seu marido.

A princípio parecia-lhe a ele que a deveriam consagrar ao estudo. Logo ela considerava o estudo como um ideal e principiara a estudar medicina. Mais tarde seu marido fizera-se revolucionário e ela seguira-lhe o exemplo. Estava tão habilitada como qualquer dos seus companheiros a explicar porque é que o atual estado social é injusto e porque é que todos os homens devem lutar para o destruir e substituir por um novo regime, onde o indivíduo se possa desenvolver livremente, etc. Acreditava sinceramente que eram estes pensamentos e sentimentos exclusivamente seus, quando, na realidade, pensava no que seu marido julgava também ser verdade, pois o seu único sonho e exclusivo prazer era identificar-se em espírito com seu marido.

Mais tarde, depois de novas desordens em que tomou parte, separaram-na do marido e do filho e por mais cruel que fosse essa separação, suportava-o valorosamente, sabendo que sofria por seu marido e por aqueles ideais que mereciam tais sacrifícios, de outro modo seu marido não teria ligado a eles o destino.

A ele, pois, voavam todos os seus pensamentos; como nunca amara ninguém antes dele, da mesma forma não amaria no futuro um outro que não fosse ele.

Porém a afeição pura e dedicada de Nabatov comovia-a e causava-lhe certo prazer. E ainda que ele, homem essencialmente

moral, habituado a dominar os desejos, se esforçasse em tratar Emília como uma irmã, deixava transparecer na sua convivência com ela alguma coisa mais, que os inquietava e que ao mesmo tempo lhes causava um secreto prazer.

Assim, ninguém no grupo estava despreendido de preocupações amorosas, com exceção de Maria Pavlovna e do operário Markel.

Capítulo 10

I

Como sempre sucedia, quando passava as noites nos acampamentos, Nekludov aguardava que finalizasse a ceia para poder conversar livremente com Katucha e entretanto conversava com Kriltzov ao lado de quem se sentara. Entre outras cousas, contou-lhe o modo como o forçado Macário o tinha procurado, narrando-lhe também o que sabia da história desse desgraçado. Kriltzov escutou-o atentamente, fixando-o obstinadamente com os seus grandes olhos brilhantes.

— Sim, assim é! — disse de repente. — Muitas vezes penso como é estranha a nossa situação, marchando para a Sibéria em companhia dessa gente, que é, afinal, aquela por causa de quem aqui nos encontramos. E, contudo, não só os não conhecemos, mas até nem procuramos conhecê-los. E eles, pela sua parte, detestam-nos e odeiam-nos como seus inimigos. É ou não terrível?

— Não vejo nada que seja terrível! — disse Novodvorov que se aproximara do catre de Kriltzov. — A multidão é grosseira e inculta e nunca respeitará senão a força — continuou em voz sonora. — Hoje é o governo que dispõe da força e as massas anónimas respeitam o governo e detestam-nos. Se amanhã estivermos no poder, seremos nós os respeitados.

Nesta ocasião ouviram-se na sala contígua gritos, uivos, o tinido dos grilhões e pancadas dadas nas paredes.

Espancava-se alguém que bradava por socorro.

— Ouve os animais ferozes? Como quer que entre eles e nós se estabeleçam relações? — perguntou Novodvorov tranquilamente.

— Chamas-lhes animais ferozes? Escuta então o que Nekludov acaba de me contar de um deles.

E Kriltzov repetiu irritadamente o que Nekludov contara do forçado Macário, que tinha arriscado a vida para salvar a de um seu companheiro.

— É este o procedimento de um animal feroz? — perguntou ao concluir.

— Sentimentalidade! — respondeu Novodvorov sorrindo ironicamente. — Imaginas então que podemos compreender os sentimentos e as ações dessa gente? O que te parece heroísmo não é talvez mais do que o ódio por um outro forçado.

— É porque tu não queres ver nenhuma manifestação do bem em ninguém! — exclamou Maria Pavlovna, segundo o seu costume tratando todos por tu.

— Como é que hei de ver o que não existe?

— Então não devemos admirar um homem que voluntariamente se expõe a uma morte horrorosa?

— O que devemos — afirmou secamente Novodvorov — se queremos fazer progredir os nossos fins é não nos deixarmos embalar por sonhos, mas ver as coisas como elas são.

Markel que estava a ler à luz de um candeeiro, fechou o livro e veio escutar religiosamente as palavras daquele que escolhera para

guia. Novodvorov, entretanto, continuava a falar resoluta e solenemente como se estivesse a fazer uma conferência.

— O nosso dever — dizia — é trabalhar pelo povo mas sem esperar recompensas da sua parte. A massa popular nunca poderá colaborar na nossa obra, pelo menos enquanto permanecer no atual grau de inércia, e posto que ela seja o fim da nossa atividade. Nada mais ilusório do que contar com o concurso do povo, até que ele passe por uma evolução intelectual, para o qual o estamos ajudando.

— Mas que evolução é essa? — perguntou Kriltzov erguendo-se no catre. — Nós afirmámos lutar contra o despotismo; mas não é isso um despotismo tão revoltante como o que queremos destruir?

— Então onde é que vêes o despotismo? — respondeu Novodvorov sem a menor comoção. — O que digo é que sabendo a direção que o povo deve tomar para se desenvolver, posso indicá-lha.

— Mas porque é que há de ser essa direção a verdadeira? Em nome desses princípios funcionou a Inquisição! E os crimes da Revolução Francesa não foram praticados em nome dos mesmos princípios? Também então se imaginava ter-se encontrado na ciência a única condutora na vida, boa a seguir.

— Pelo facto dos outros se terem enganado não se segue que eu me engane também. De resto não há analogia possível entre as tolices dos idealistas e os dados positivos da ciência económica...

E a forte voz de Novodvorov troava por toda a sala. Ninguém se atrevia a interrompê-lo.

— Mas de que serve questionar? — perguntou Maria Pavlovna.

— Qual é a sua opinião? — perguntou-lhe Nekludov.

— Estou de acordo com Anatole em que não temos o direito de impor as nossas ideias ao povo.

— É uma singular maneira de compreender o nosso papel! — disse Novodvorov acendendo um cigarro e afastando-se zangadamente.

— Está acima das minhas forças conversar com ele sem me encolerizar! — murmurou Kriltzov ao ouvido de Nekludov.

E Nekludov confessou a si mesmo que experimentava um semelhante sentimento.

II

Apesar da consideração em que Novodvorov era tido por todos os seus companheiros, e apesar da alta opinião que formava de si próprio e dos conhecimentos científicos de que se gabava, Nekludov classificava-o como o tipo dos revolucionários cujo nível moral era inferior ao médio, e que, por consequência, perdia em se encontrar naquele meio. Reconhecia que sob o ponto de vista intelectual Novodvorov era melhor dotado que a maioria dos revolucionários, mas percebia que a excessiva vaidade e egoísmo que as circunstâncias da vida tinham criado nele, haviam-lhe esterilizado a inteligência.

Toda a atividade revolucionária de Novodvorov, ainda que este a soubesse justificar com eloquência, atribuindo-lhe os mais admiráveis motivos, não era, quanto a Nekludov, senão fundada na ambição e no desejo de dominar e de supremacia. Dotado de uma

extraordinária aptidão para assimilar e exprimir claramente as ideias dos outros, Novodvorov impusera-se logo em princípio e sem muito trabalho, nos meios onde essa aptidão era mais apreciada. No Liceu e na Universidade, mestres e discípulos tinham prestado homenagem à sua superioridade, com o que ele se sentira perfeitamente satisfeito.

Quando, porém, terminados os estudos, terminara esta situação, Novodvorov não pudera resignar-se a renunciar a ela, e para de novo dominar, ainda que noutra esfera, mudara bruscamente de opinião, tornando-se de liberal moderado que era, em revolucionário ardente.

Uma completa ausência dessas qualidades morais e estéticas que fazem nascer a dúvida e a hesitação, depressa lhe havia dado o lugar de chefe do partido revolucionário, que cobiçava mais do que nenhum outro. Quando tomava uma resolução nunca duvidava nem hesitava, certo como estava de não se enganar. Tudo lhe parecia simples, claro, incontestável, e com tal estreiteza de vistas as suas ideias eram efetivamente simples e claras, pois, como gostava de repetir, bastava ser lógico para distinguir infalivelmente o verdadeiro do falso.

A confiança em si próprio era tão grande que ninguém se aproximava dele que não se submetesse ao seu domínio ou que não tivesse de lhe resistir. E como principalmente lidava com gente moça que tomava essa confiança em si próprio por madureza de pensamento, a maioria dos seus companheiros submetia-se ao seu império, de forma que dentro em pouco tempo obteve uma enorme popularidade nos círculos revolucionários.

Insistiu sempre na necessidade de preparar por todos os meios uma revolução que o elevasse ao poder para então convocar uma assembleia Constituinte.

Apresentaria então a esta o programa das reformas que já redigira, e tinha a convicção plena de que esse programa resolvia todas as questões e que nada se poderia opor à sua realização.

Os seus companheiros temiam-no, admiravam o seu arrojo e ativa decisão, mas não o estimavam. E ele, pela sua parte, também não estimava ninguém. Todo o seu semelhante dotado com qualquer qualidade pessoal era logo tido como um rival e de boa vontade espoliaria todos os homens das qualidades com que eram dotados, só para impedir que a atenção pública fosse desviada da sua pessoa.

Só era condescendente para os que se curvavam na sua frente e durante todo o longo trajeto só mostrou boa cara a Markel, que adotara cegamente as suas ideias, e às duas mulheres que percebeu andarem apaixonadas por si: Vera e a linda Grabetz.

Novodvorov era partidário, teoricamente, da emancipação da mulher; considerava, porém, todas as mulheres como seres estúpidos e ridículos, excetuando sempre aquelas por quem se apaixonava, que eram então tidas como seres extraordinários, cuja perfeição só ele podia avaliar.

Alternativamente amara já um grande número de mulheres, chegando mesmo a viver, por duas vezes, com amantes em casa montada. De ambas as vezes as abandonara, reconhecendo que o que sentia por elas não era o verdadeiro amor. Procurava agora contrair nova união com a Grabetz.

Desprezava Nekludov porque este, segundo a sua expressão, «fazia partes» com a Maslova; na realidade, porém, desprezava-o e

odiava-o porque ele não só não partilhava o seu modo de pensar sobre a forma de aperfeiçoar a sociedade, como até tinha ideias suas resolvendo a questão social, «como príncipe», isto é, como um tolo.

Nekludov, que notava os sentimentos com que ele o acolhia, reconhecia, pesaroso, que apesar das benevolentes disposições em que se encontrava nessa ocasião, nada havia no mundo que o impedisse de lhe corresponder com desprezo e antipatia.

III

Em seguida à ceia, quando Nekludov se aprontava para conversar com a Maslova, fez-se ouvir na sala contígua a voz do chefe dos carcereiros. Na sala e nos corredores estabeleceu-se profundo silêncio e, pouco depois, entrou o chefe dos carcereiros acompanhado por dois subordinados para proceder à chamada noturna. Os condenados, depois de chamados, foram contados um a um, ao tempo que um dos carcereiros os tocava com um dedo.

Concluída a contagem, o carcereiro dirigiu-se respeitosa e familiarmente a Nekludov.

— Príncipe, são horas de se retirar. Não é permitido ficar aqui depois da inspeção.

Nekludov, porém, que sabia o que queriam dizer aquelas palavras, levantou-se, aproximou-se dele e introduziu-lhe na mão uma nota de três rublos que já tinha preparado.

— É impossível ser-se rigoroso! Deixe se estar mais um momento.

O chefe ia já a retirar-se quando entrou na sala um outro carcereiro acompanhando um prisioneiro alto e magro com um círculo arroxeadado por baixo de um dos olhos.

— Vinha buscar a pequerrucha — disse.

— Papá! — exclamou a fresca voz da criança enquanto a sua cabeça loura emergia de entre o grupo formado pela Rantzev, Maria Pavlovna e Katucha, as três que trabalhavam num vestido novo para a pequenita, feito de uma saia da Rantzev!

— Anda, pequena, anda dormir! — dizia docemente o forçado.

— Ela está aqui tão bem! — respondeu-lhe Maria Pavlovna, examinando com sincera piedade o rosto pisado do forçado. — Deixe-a cá ficar!

— As senhoras estão a fazer-me um lindo vestido vermelho, todo novo! — disse a criança mostrando ao pai o trabalho da Rantzev.

— Queres dormir connosco? — perguntou-lhe esta, acariciando-a.

— Quero, mas quero que o papá também durma.

A Rantzev sorriu bondosamente, aformoseada por instantes com essa expressão.

— O papá tem de ir dormir a outra sala, mas deixa-te ficar connosco; queres? — disse ela dirigindo se ao pai.

— Arranjem-se como quiserem — disse o carcereiro-chefe, saindo acompanhado pelos seus subordinados.

Apenas os carcereiros se retiraram, Nabatov dirigiu-se ao pai da pequenita e, colocando a sua pesada mão no ombro deste, disse-

Ihe:

— Com que então, irmão, Karmanov quer trocar o nome com um desterrado?

O sereno rosto do forçado assombrou-se e, baixando o olhar, respondeu:

— Não sei de nada, nem ouvi falar em nada. Sabe Deus as mentiras que se inventam! Annitka, podes ficar com as senhoras! — acrescentou, sem erguer o olhar e retirando-se precipitadamente.

— Este homem sabe tudo; o que Macário Ihe disse é a verdade! — exclamou Nabatov dirigindo se a Nekludov.

E seguidamente fez-se silêncio, como se todos receassem ver renascer as disputas.

Simonson, que durante toda a noite não dissera palavra e estivera estendido no catre, levantou-se repentinamente e, abrindo caminho por entre os diversos grupos, aproximou-se de Nekludov.

— Concede-me agora dois minutos de atenção?

— Com todo o gosto! — respondeu Nekludov levantando se e seguindo-o.

A Maslova quando viu Nekludov levantar se corou voltando a cabeça para outro lado.

— Eis do que se trata! — principiou Simonson logo que se encontrou na pequena sala contígua.

Mas, Nekludov não ouvia nada, ensurdecido pelo barulho medonho que faziam na sala vizinha os condenados comuns. Simonson porém não notava nada.

— Sabendo quais as relações que o ligam à Catarina Mikailovna — continuou fixando nos olhos de Nekludov os seus olhos ovaes, cheios de bondade — julgo-me obrigado...

Neste ponto teve de se interromper, porque se levantou uma questão, mesmo junto da porta.

— Já te disse que não fui eu, grande porco! — gritava uma voz.

— Dás-mo ou não, animal? — bradava outra.

— Nesta ocasião Maria Pavlovna apareceu no lumiar da porta.

— Mas que falta de senso vir conversar para aqui! É melhor irem para o nosso quarto; creio que está vazio.

E guiou Simonson e Nekludov para a pequena sala quadrada que servia de dormitório às presas.

Uma cama, porém, estava ocupada: era Vera que se conservava deitada com a cabeça voltada para a parede.

— Doía-lhe a cabeça e veio deitar-se; adormeceu, não os ouvirá! Eu retiro-me — disse Maria Pavlovna.

— Mas não, terei prazer em que fiques — disse Simonson. — Não tenho segredos para ninguém e muito menos para ti.

— Se assim o queres! — respondeu Maria Pavlovna sentando-se num dos catres, com um movimento cheio de graça infantil e preparando-se para ouvir a conversa entre os dois.

— Eis no que consiste aquilo que tenho a dizer-lhe — repetiu Simonson. — Estando ao facto das relações que o unem a Catarina Mikailovna, julgo-me obrigado a dar-lhe a conhecer as que mantenho com ela.

— Que quer dizer? — perguntou Nekludov desassossegadamente.

— Desejava casar com Catarina Mikailovna...

— Falas verdade? — exclamou Maria Pavlovna, fitando Simonson com os seus belos olhos azuis.

— E venho perguntar-lhe se ela consentirá em ser minha mulher — concluiu Simonson.

— Nada posso responder, isso é lá com ela — respondeu secamente Nekludov.

— Bem sei, mas sei também que ela não responderá sem a sua permissão.

— E porquê?

— Porque enquanto não estiver resolvida a questão das suas relações para com ela, Catarina Mikailovna, não quererá tomar nenhuma resolução.

— Pelo que me diz respeito, essa questão está já resolvida — disse Nekludov. — Procurei cumprir o meu dever, suavizando-lhe quanto possível a sorte. Porém, por nada deste mundo quero impor-me, nem constrangê-la nas suas decisões.

— Ela contudo não aceita o seu sacrifício.

— Mas eu não faço sacrifício algum!

— E insiste inabalavelmente neste ponto.

— Mas então para que serve esta conversa? — perguntou Nekludov.

— É que queríamos vê-lo renunciar a ocupar-se dela!

— Mas como posso eu renunciar ao que considero ser o meu dever? Só o que posso dizer-lhe é que ainda que eu não me considere livre, ela o está.

Simonson não respondeu durante alguns minutos.

— Pois bem, seja! — disse afinal. — Dir-lhe-ei isso. Mas não vá imaginar que estou apaixonado por ela! Estimo-a como uma irmã, como uma amiga, que tendo sofrido muito, desejaria consolar. Nada desejo dela que não seja o ajudá-la e suavizar-lhe a posição.

E Nekludov, apesar de dominado por forte emoção, percebeu que a voz de Simonson tremia ao pronunciar aquelas palavras.

— Suavizar-lhe a posição — repetiu Simonson. — Ela não aceita o seu auxílio, mas talvez consinta em aceitar o meu. Se assim for, pedirei para ser transferido para a cidade onde ela esteja a cumprir a sentença, e quatro anos depressa passam. Vivendo junto dela talvez consiga tornar-lhe a vida menos dura.

E novamente se interrompeu abafado pelos soluços.

— Que lhe hei de dizer? — exclamou Nekludov. — Que me sinto feliz em saber que ela tem em si um desvelado protetor.

— Era o que eu queria saber! — disse Simonson. — Queria saber se quando estivesse conhecedor dos sentimentos que tenho por Catarina Mikailovna e sabendo também quanto desejo vê-la feliz, consideraria este casamento um bem para ela?

— Sim, porque não! — respondeu Nekludov resolutamente.

— Só penso nela! Quanto desejo que aquela alma sofredora ache um pouco de sossego! — disse Simonson fitando em Nekludov um olhar tão humilde, tão suplicante e tão infantil que ninguém esperaria encontrá-lo num homem cujo aspeto vulgar era tão sombrio e reservado.

De repente, Simonson aproximou-se de Nekludov, apertou-lhe a mão, sorriu timidamente e beijou-o nas faces.

— Vou dizer-lho, vou dizer-lho! — exclamou, saindo da sala.

Capítulo 11

I

— Que lhe parece? — disse Maria Pavlovna quando Simonson saiu. — Está apaixonado, apaixonadíssimo! Quem pensaria que Simonson se apaixonaria como o colegial mais simples? É assombroso! Quase que devia zangar-me! — acrescentou semisseriamente.

— Mas Katucha? Que imagina, que pensa de tudo isto? — perguntou Nekludov.

— Ela? — E Maria Pavlovna deteve-se a refletir por momentos, como se quisesse responder tão claramente quanto possível. — Ela? Bem sabe que apesar de seu passado, possui uma das naturezas mais retas que eu conheço. Os seus sentimentos são mais delicados do que os de qualquer de nós. Além disso, ama-o e ama-a muito e considerar-se-ia feliz se pudesse prestar-lhe um serviço negativo, inabilitando-o de se preocupar com ela. Casar consigo seria uma queda horrorosa, pior do que todo o passado, o que me convence que nunca consentiria em dar tal passo. A sua presença aqui é para ela um continuo motivo de perturbação.

— Então que me aconselha? Que desapareça? — perguntou Nekludov.

Maria Pavlovna sorriu bondosamente.

— Sim, em parte!

— Mas como desaparecer em parte?

— Responderei primeiro à sua outra pergunta — retorquiu ela procurando desviar a conversa. — Queria dizer-lhe que Katucha deve ter notado a paixão exaltada de Simonson, ainda que este nada lhe tenha dito. Como sabe, não compreendo muito destes assuntos, mas parece-me que apesar dos falsos adornos com que se encobre, este sentimento é como qualquer outra afeição. Simonson afirma ser um amor platónico que lhe serve só para excitar a energia em vez de a rebaixar. No fundo, porém, lá está a atração física tal qual como a que atrai Novodvorov para a Grabetz...

E Maria Pavlovna preparava-se para discorrer sobre o assunto que lhe era mais favorito quando Nekludov a interrompeu.

— Mas então que me aconselha que faça? — perguntou.

— Antes de mais nada falar com Katucha e explicarem-se. É o que é melhor. Expliquem-se. Quer que lha mande cá?

— Pois sim, faz favor! — respondeu Nekludov.

Maria Pavlovna saiu.

Enquanto permaneceu só na pequena sala onde Vera dormia respirando normalmente e até onde chegava distintamente o alarido ensurdecedor dos condenados comuns, perturbadores sentimentos agitaram a alma de Nekludov. A declaração que Simonson lhe fizera libertava-o da obrigação contraída e que muitas vezes, principalmente nos últimos tempos, lhe parecera aterradora e pesada. E, contudo, não só recebera essa declaração desagradavelmente, mas até se incomodara, como até então nunca lhe sucedera. Mil coisas diversas concorriam para esse sofrimento.

Em primeiro lugar a proposta de Simonson destruía o carácter excecional que até aí a sua conduta com Katucha tivera, aos seus

olhos e aos do mundo. Um homem, um homem daquela têmpera sem obriga o nem laos que o unissem àquela criatura, consentia em ligar o seu destino ao dela! Mas então esse sacrifício a que ele, Nekludov, se curvava, nada tinha de heroico!

Depois vinha também o ciúme. Habituar-se tanto ao pensamento de ser amado por Katucha que a possibilidade que ela amasse outro homem torturava-o como uma deceo.

A destruio de todos os seus projetos e planos era outro motivo de sofrimento: há muito que planeara a forma como viveria com Katucha, fazendo-lhe companhia e defendendo-a enquanto não expiasse a sentena.

Se ela casasse com Simonson, Nekludov tornar-se-ia um inútil, e ver-se-ia obrigado a procurar uma nova direo   sua vida.

Todos estes tristes pensamentos atropelavam-se-lhe na mente quando a porta se abriu deixando passar Katucha. Na sala próxima o ruído era cada vez mais ensurdecedor, deixando prever qualquer anormalidade.

Katucha dirigiu-se a Nekludov com passo rápido e sem erguer o olhar.

— Maria Pavlovna disse-me que queria falar-me! — murmurou constrangidamente.

— Sim Katucha; desejo falar-te. Senta-te. Vladimir Ivanovitch acaba de me falar a teu respeito.

Katucha sentara-se colocando as mãos sobre os joelhos, parecendo tranquila; porém, quando Nekludov falou em Simonson, estremeceu e corou.

— E que lhe disse? — perguntou.

— Que desejava casar contigo.

As feições dela contraíram-se como sob o efeito de doloroso sofrimento. Contudo, nada disse, limitando-se a baixar o olhar.

— Pediu o meu consentimento, ou antes a minha opinião — continuou Nekludov. — Disse-lhe que tudo dependia de ti, que eras tu quem devia decidir.

— Mas que quer dizer isso? — exclamou ela fixando em Nekludov o penetrante olhar dos seus olhos levemente estrábicos, que sempre lhe causara uma profunda impressão.

E durante um minuto ambos se fixaram penetrantemente, dizendo um ao outro coisas que até aí as palavras não tinham traduzido.

— Que és tu quem deve decidir! — replicou Nekludov.

— Mas o que é que eu devo decidir? — exclamou. — Há muito que tudo está resolvido.

— Mas, Katucha, deves decidir se aceitas a proposta de Vladimir Ivanovitch.

— Pois posso eu, pássaro das galés, casar com alguém? Para que arruinaria a vida de Vladimir Ivanovitch? — disse Katucha com voz trémula.

— Porém, se o amas! — disse Nekludov.

— Deixe-me! É melhor não falarmos mais! — respondeu levantando-se e abandonando a sala.

II

Quando Nekludov regressou à sala geral, depois da entrevista com Katucha, encontrou toda a gente muito comovida e agitada. Fora Nabatov que remexendo em tudo, observando tudo, e informando-se de tudo, fizera uma descoberta extremamente interessante para todos os seus companheiros.

Descobrira numa parede uma inscrição assinada pelo revolucionário Petline, condenado, dois anos antes, a trabalhos forçados por toda a vida. Imaginava-se que Petline estivesse há muito na Sibéria e pela data da inscrição via-se que passara por ali muito recentemente.

Eis os termos em que estava redigida a inscrição:

No dia de 17 de agosto de 18... passei aqui fazendo parte de uma leva de condenados comuns. Nevierov, que me acompanhava, enforcou-se em Kasan, num acesso de loucura. Pelo que me respeita estou em magnífica disposição física e moral, e confiante no futuro da nossa causa

Petline.

Faziam se conjeturas sobre a causa da demora na partida de Petline e sobre os motivos do suicídio de Nevierov. O único que não falava era Kriltzov que, com aspeto concentrado, fixava no vácuo o olhar febril.

— Já meu marido me tinha dito que quando estive na fortaleza com Nevierov, este afirmava ver fantasmas! — disse a Rantzev.

— Era um poeta, um idealista! É gente que não suporta o regime da solidão! — afirmou Novodvorov desprezivelmente. — Quando fui encerrado na prisão, em regime celular, impus à minha imaginação proibição absoluta de trabalhar! Arranjei a distribuir o tempo que tinha, de forma a executar as minhas ocupações pontualmente e consegui suportar perfeitamente o encarceramento.

— Suportar o encarceramento?! Não merece que ninguém se orgulhe de tal facto! Eu só me sinto feliz quando estou preso! — exclamou Nabatov sorrindo bondosamente e procurando introduzir alegria e expulsar a atmosfera de tristeza que via acumular em volta de si. — Quando se está em liberdade, tudo inquieta, é constante o receio de comprometer a própria individualidade ou qualquer outra ou então trair a causa; uma vez preso lá se vão os cuidados e as responsabilidades. Respira-se desafogadamente e o que há a fazer é fumar e descansar.

— Conheceste intimamente Nevierov? — perguntou Maria Pavlovna a Kriltzov, cujo rosto se contraíra em seguida às palavras de Novodvorov, enquanto as mãos lhe recomeçavam a tremer.

— Então Nevierov era um idealista? — disse Kriltzov elevando a voz rouca tanto quanto podia. — Nevierov sabes tu o que era? Era um homem como não há muitos na terra! Era admirável e quase que diáfano no que respeita a franqueza, e não só incapaz de mentir como até de ocultar o mínimo pensamento! Tinha a epiderme tão delicada que a menor arranhadura feria-o até ao íntimo da alma. E igualmente os nervos eram impressionáveis em extremo... Sim, era um temperamento rico, delicado e não comum! Não se assemelhava a estes... Mas de que serve falar?

E calou-se, posto se conhecesse que uma crescente irritação se ia acumulando no seu íntimo.

— Os homens da têmpera de Nevierov — recomeçou com entoação áspera e malévola — interrogam-se, transbordantes de ânsia, sobre qual é preferível: instruir primeiro o povo para depois lhe transformar as condições da vida, ou transformar-lhe as condições da vida para proceder em seguida à instrução: conjeturam sobre o meio que devem empregar na luta, se a propaganda pacífica ou o terrorismo. É por isso que os alcunham de «idealistas!» Aqueles, porém, que assim os alcunham não querem saber de nada, nada discutem, nem se inquietam em saber se a ação que vão praticar, tira ou não a vida a dezenas, centenas ou até milhares de homens, e que homens! Pois se o seu desejo é que os melhores de entre eles desapareçam! E efetivamente são os melhores, os que desaparecem!

Herzen disse que o desterro dos Dezembristas tivera como resultado o abaixamento do nível social da Rússia de então. Pouco depois eram banidos o próprio Herzen e os do seu tempo e agora cabe a vez a Nevierov de ser excomungado.

— Nem todos podem ser suprimidos! — disse Nevierov. — há de haver alguém no ajuste de contas!

— Não, nem um só ficará, enquanto *aquela* gente continuar — exclamou Kriltzov cada vez mais excitado. — Emília, dá-me um cigarro!

— Peço-te que não fumes agora! — disse-lhe Maria Pavlovna. — Não estás bem disposto!

— Deixa-me! — retorquiu ele colericamente, acendendo um cigarro. À primeira baforada, porém faltou-lhe o ar e assaltou-o a

tosse. Depois de descansar um momento, animou-se outra vez: — Não foi assim, não, que concebemos o nosso plano: Seguíamos um raciocínio, e guiávamo-nos pelos melhores métodos enquanto...

— Porém eles são homens como os mais! — disse a Rantzev intervindo.

— Homens não pensam nem procedem daquela maneira. Era necessário exterminá-los como os percevejos! Sim, despedaçá-los... É o que deviam... porque...

E não pôde concluir porque as feições coraram-se-lhe e um terrível ataque de tosse prostrou-o sobre o travesseiro. Em seguida uma golfada de sangue jorrou-lhe dos lábios.

Nabatov precipitou-se no corredor à procura de gelo. Maria Pavlovna apressou-se a desrolhar um frasco com valeriana que Kriltzov repeliu com a mão descarnada. E durante muito tempo permaneceu imóvel sem regularizar a respiração, até que o gelo e as compressas da água fria o reanimaram.

Nekludov ajudou a despi-lo e a metê-lo na cama e, despedindo-se, saiu para o corredor, onde o carcereiro o esperava havia muito.

Cessara o ensurdecedor barulho na sala dos condenados comuns, que na sua maioria dormiam, por cima e por baixo dos catres, no soalho e encostados às portas; muitos, não tendo arranjado lugar no interior, tinham-se deitado nos corredores, nus, com os sacos a servir-lhes de lençóis e cobertores.

Ecoavam por toda a parte roncões. Estendidos ao comprido no soalho, curiosos tipos humanos ocultavam-se com os largos mantos e apenas num canto do corredor, alguns forçados alumiados por uma candeia, jogavam as cartas. Nekludov viu ainda um outro preso

que não dormia, um homem velho, sentado junto do lampião, catando os piolhos nas roupas. E em comparação com o fétido insuportável deste corredor a atmosfera da sala dos condenados políticos pareceu-lhe puríssima.

Caminhando com precaução para não pisar os dorminhocos que impediam a passagem, Nekludov conseguiu afinal chegar à extremidade do corredor.

Aqui, alguns forçados que não tinham conseguido lugar noutra parte, haviam-se deitado em frente da porta, junto do balde das dejeções. Entre eles estava um idiota que Nekludov encontrara mais do que uma vez, e um rapazito de dez anos que dormia com as mãos sob a face como as crianças; do balde das dejeções escorria um líquido que já o alcançava.

Uma vez chegado ao pátio exterior, Nekludov deteve-se, respirando com delícia o ar gélido da noite.

Capítulo 12

O firmamento, que duas horas antes estava negro, mostrava se agora semeado de estrelas; em quase todos os sítios as poças de lama tinham gelado e Nekludov regressou à hospedaria sem muito custo. Quando chegou bateu na janela e o criado dos ombros largos veio abrir-lhe a porta.

Ao entrar, Nekludov ouviu num quarto interior que ficava à sua direita o ronco sonoro dos cocheiros e mais para a frente no pátio, distinguiu o triturar dos cavalos comendo aveia. Na grande sala da esquerda ardia uma lâmpada em frente de uma imagem e um duplo cheiro de aguardente e transpiração exalava-se do interior.

Nekludov entrou no seu quarto, desembaraçou se da capa e estendeu-se numa sofá com a cabeça apoiada ao seu travesseiro de viagem. Embrulhando-se no cobertor repassou na mente os diversos espetáculos a que assistira. E o que se lhe revelava com extraordinária intensidade era o rapazito a dormir com as mãos sob o rosto enquanto do balde das dejeções escorria o líquido que já o molhava.

Perturbava-o ainda a conversa com Simonson e Katucha: compreendia que se produzira na sua vida um acontecimento imprevisto e de extrema gravidade. E exatamente por compreender quanto era grave e quanto tinha sido imprevisto, é que reconhecia que não podia ainda pensar nele a sangue frio. Para isso esforçava-se por não pensar no assunto, expulsando da imaginação tudo que pudesse referir-se à sua situação e à da Maslova. Então com

redobrada intensidade tornava a ver os prisioneiros a dormirem no corredor infeto, e principalmente o rapazito estendido entre os dois forçados.

Uma coisa é saber-se que numa parte qualquer, ao longe, existem certos homens ocupados em torturar outros infligindo-lhes toda a espécie de sofrimentos e humilhações e outra é presenciar diariamente, durante três meses o espetáculo dessa tortura. Era o que Nekludov percebia só agora. Durante esses três meses se interrogara: «Enlouqueci e vejo o que os mais não veem ou são aqueles que executam e toleram as obras que eu presencio que estão loucos?» Mas, todos os homens eram unânimes não só em tolerar aquilo que espantava Nekludov como também em considerá-lo importante e necessário, de modo que não se podia admitir que todos estivessem tolos; por outro lado era-lhe impossível confessar-se louco, porque as suas ideias eram lúcidas e claramente deduzidas. Oscilava pois, entre as duas soluções sem saber por qual se resolver.

O que, porém, conseguira já, fora abraçar nitidamente no seu conjunto, a significação geral de tudo que vira durante esses três meses e que classificava assim:

Primeiro, compreendera que a magistratura e a polícia escolhia entre os homens que viviam em liberdade os mais ardentes, mais impressionáveis, em suma os mais inteligentes e ao mesmo tempo os menos prudentes e menos astuciosos, para encerrá-los nas prisões, nas levas, nas galés, ainda que não fossem nem mais culpados nem mais perigosos do que os demais que ficavam em liberdade sustentando-os durante anos na ociosidade, desprendidos

da natureza, da família, do trabalho, isto é, de todas as condições normais da vida humana.

Em segundo lugar percebera que se os condenados estavam sujeitos nas prisões e nos acampamentos a uma série de humilhações — algemas, cabeças rapadas, uniformes da prisão — tinha isso só por fim aniquilar os principais motivos da vida moral da grande maioria dos homens, isto é, consideração pela opinião pública, vergonha e consciência de dignidade humana.

Em terceiro lugar, Nekludov adquirira a convicção de que colocando esses homens em frente de um perigo constante de doença ou morte criava-se-lhes disposição de espírito em tudo semelhantes à de um homem, o mais bem dotado e com melhores prodígios de moralidade, que por instinto de conservação é arrastado, a cometer e a justificar as ações mais cruéis e imorais.

Por último era-lhe também evidente que forçar estes indivíduos a viver dia e noite na companhia de seres profundamente depravados — assassinos, ladrões e incendiários — era o mesmo que obrigá-los a sofrer o contágio da depravação.

E Nekludov via bem que, procedendo com esses homens como se procedia, pondo em execução toda a qualidade de medidas monstruosas, separando filhos dos pais, maridos das mulheres, dando prémios à denúncia, etc., era o mesmo que querer provar a esses homens que toda a espécie de violência, de crueldade e de bestialidade só não era proibida mas até era empregada pela lei quando desse resultado. Resultava que estes processos eram particularmente permitidos aos destituídos de liberdade e falhos de recursos.

«Dir-se-ia, na verdade, que este conjunto de medidas foi inventado propositadamente, com o fim de propagar, da maneira mais certa, a depravação e o vício entre os homens mais bem dotados de toda a nação para depois se infiltrar no organismo inteiro da nação», dizia consigo Nekludov. «Todos os anos são assim pervertidos milhares de seres humanos, destituídos dos seus sentimentos naturais e constrangidos a praticar as mais monstruosas ações; e quando o trabalho de os perverter está terminado, são então postos em liberdade para propagarem por toda a nação os germes perturbadores que lhes foram inoculados.»

Logo na prisão onde encontrara Katucha e mais tarde no trajeto da leva, em Perm, Ekaternnehourg, Tomsk ou em qualquer acampamento, Nekludov presenciara sempre modos de proceder que não se podiam considerar senão como fazendo parte de um vasto plano de desmoralização nacional. Vira naturezas simples, penetradas das tradicionais noções morais do aldeão cristão, despegarem se gradualmente delas, para adquirir por troca outra noções baseadas na legitimidade da violência e da desonra.

Presenciando o espetáculo das punições a que os prisioneiros estavam sujeitos, essas naturezas tinham de reconhecer como mentirosos todos os princípios de justiça e caridade que a sua religião lhes ensinara, concluindo que podiam deixar de seguir esses preceitos.

Os característicos de tal depravação observara-os num grande número de prisioneiros que seguiam na leva; era Fedorov, era Macário, era até o próprio Tarass, qua ao fim de dois meses de convivência com os forçados adquiriam muitos dos seus hábitos e da sua maneira de sentir e de se exprimirem. Nekludov ouvira

principalmente falar com admiração do velho forçado que se gabava de ter assassinado e comido o seu companheiro de fuga. Esse regime, a que era sujeito o aldeão russo produziu nalguns meses, o mesmo estado de perversão a que tinham chegado depois de alguns séculos de podridão moral, os intelectuais glorificadores e apóstolos das doutrinas de Nietzsche.

E Nekludov lia nos livros que tal conjunto de medidas, cujas consequências estava presenciando, eram justificadas pela necessidade de expurgar da sociedade certos indivíduos perigosos, quer afastando-os, quer corrigindo-os.

Na realidade, porém, dava-se o contrário. Em vez de afastar da sociedade esses membros perigosos, apenas se propagava a depravação. Em vez de os atemorizar, apenas os incitavam com exemplos de crueldade e imoralidade, garantindo-lhes uma vida de preguiça e deboche, suficientemente agradável ao seu paladar, visto enxames de vagabundos solicitarem o *favor* de serem encarcerados. E por último, em vez de os corrigirem, apenas os contaminavam de todos os vícios.

«Mas então para que se faz tudo isto?» interrogava-se Nekludov, sem achar resposta satisfatória.

E o que ainda mais o admirava era que nada disto se fazia com caráter provisório, em consequência de um equívoco, mas sim de um modo contínuo e pensado, como instituição secular, só com a diferença que antigamente arrancavam-se os narizes e as orelhas dos prisioneiros, levando-os depois para as jangadas, e agora algemavam-nos, estalavam-lhes os olhos a murros e transportavam-nos em navios a vapor. Alguns autores procuravam demonstrar que a indignação provocada por tal conjunto de medidas provinha

apenas da inferioridade das prisões e de uma má organização, que tendia a desaparecer. Essa explicação, porém, não satisfazia Nekludov; sabia bem que o mal que o revoltava não provinha só da inferioridade ou insuficiência do número das prisões ou de um defeito de organização. Toda a sua experiência provava-lhe que o mal aumentava de ano para ano, apesar dos *soi-disant* progressos da civilização. Não ignorava que há cinquenta anos as levas de degredados não exibiam, a um tal grau, o espetáculo de embrutecimento e depravação das de hoje, ainda que então não existissem nem caminhos de ferro, nem navios para os transportarem através da Rússia. E não podia ler sem repulsão e inquietação as descrições das prisões modelos idealizadas pelos sociólogos, em que os condenados seriam iluminados, aquecidos, alimentados, vergastados e executados pela eletricidade.

E Nekludov sentia nascer em si torrentes de indignação, lembrando-se que existiam juízes e funcionários recebendo anualmente gordos rendimentos, pagos pelo povo, unicamente para lerem nos livros escritos por outros juízes e outros funcionários a forma de desterrarem para regiões longínquas certos homens a fim de se desembaraçarem deles durante algum tempo e de forma a fazê-los perecer, senão fisicamente, com certeza moralmente.

E Nekludov quanto mais estudava, *de visu*, as prisões e os acampamentos, mais se compenetrava de que os vícios espalhados entre os prisioneiros, embriaguez, jogo, violência e impudícia, não eram manifestações de um pretendido «tipo criminal» invenção de uma ciência oficial, mas sim a consequência direta da monstruosa aberração em virtude da qual certos homens se arrogam o direito de julgar e castigar os seus semelhantes. Nekludov compreendia que o

canibalismo do velho forçado não fora originado nas galés, nem no deserto, mas sim nos ministérios, nas comissões e nas chancelarias.

Compreendia também que as ações que se desenrolavam nas galés eram a resultante das ordens emanadas das esferas superiores e que homens como seu cunhado nada se importavam com a justiça nem com o bem da nação, que se orgulhavam servir, preocupando-se somente em receber os rublos que lhes destinavam para se desempenharem de tão desprezível ocupação, e da qual resultava tanto sofrimento e desmoralização.

«Na verdade, não será tudo isto a consequência de um equívoco? Não seria possível garantir a todos esses funcionários os seus ordenados, gratificando-os até, com a condição de no futuro se absterem de desempenhar as nefastas ocupações que, para ganharem dinheiro, julgam ser seu dever executar?»

Assim meditava Nekludov até que o sono o venceu, aí pela madrugada, apesar dos percevejos que, como formigas, corriam para cima dele.

Capítulo 13

No dia seguinte, quando Nekludov acordou, aí pelas nove horas, a corpulenta estalajadeira mandou-lhe entregar uma carta que um soldado do acampamento da leva tinha trazido havia duas horas.

Era Maria Pavlovna que lhe escrevia, participando-lhe que o acidente sobrevivendo na véspera a Kriltzov era muito mais grave do que a princípio tinham imaginado. «Pensámos em fazê-lo descansar aqui um ou dois dias, ficando eu com ele; isto, porém, não nos foi permitido. Assim, sempre com receio pela sua existência, tivemos de o levar connosco e venho pedir-lhe que trate de indagar se uma de nós poderá ficar era S... (era o nome do acampamento seguinte), caso o seu estado de saúde assim o exija. Se de novo essa autorização nos for recusada e se casando com Kriltzov puder obtê-la, escusado será dizer-lhe que estou pronta a consentir em tal formalidade».

Nekludov mandou preparar a sua carruagem e apressou-se em arranjar a mala. Ainda não tinha bebido a segunda chávena de chá e já no solo gelado da rua se ouviam os cascos dos cavalos e o rodar da carruagem. Pagou a conta e ao subir para o veículo disse ao cocheiro para ir o mais depressa possível a fim de alcançar rapidamente a leva.

E, efetivamente, ao fim de uma hora de bom trotar distinguiu-se no limite do horizonte uma fila escura de carretas com as bagagens, com os prisioneiros doentes e por fim os condenados

políticos. O comandante marchava na frente vigiando os peões, e na cauda, rodeando as carretas, caminhavam soldados, alegres e satisfeitos, como quem tinha bebido bem, antes de partir.

Eram, pelo menos, vinte carretas. Nas últimas, as que Nekludov primeiro encontrou, apinhavam-se aos seis em cada uma, os condenados vulgares; os políticos tinham-se distribuído aos três em cada carro, exceto no da frente, onde Nekludov encontrou Kriltzov estendido numa pouca de palha, a cabeça levantada por travesseiros. Na banquetta ao lado sentava-se Maria Pavlovna.

Dos outros, Novodvorov ia na companhia de Markel e da Grabetz e a Rantzev com Nabatov acompanhavam a mulher grávida a quem Maria Pavlovna cedera o lugar.

Nekludov mandou parara carruagem, desceu e aproximou-se do carro onde ia Kriltzov. Os soldados que acompanhavam o carro fizeram-lhe sinais para se afastar, mas Nekludov já se habituara a não fazer caso de tais avisos e depois de alguns protestos, deixaram-no caminhar junto da carreta, enquanto quis.

Kriltzov, muito embrulhado na peliça, com um gorro de peles a cobrir-lhe a cabeça e um lenço atado em redor da boca, emagrecera extraordinariamente. Os olhos animados de um brilho desusado, pareciam ter crescido desmedidamente. Os solavancos do veículo sacudiam-no de um para o outro lado e um vivo sofrimento lia-se-lhe no olhar; quando Nekludov lhe perguntou como estava, limitou-se a cerrar por momentos os olhos, e a voltar a cabeça, irritadamente. Percebia-se que concentrava toda a energia que lhe restava para suportar os abalos do veículo.

Maria Pavlovna mal viu Nekludov, dirigiu-lhe um olhar que exprimia toda a sua inquietação; quando, porém, principiou a falar-

lhe, fê-lo em tom tranquilo e alegre.

— Boas notícias! — exclamou em voz suficientemente alta para dominar o barulho das rodas. — Imagine que o comandante teve, afinal, vergonha e mandou desalgemar o pai da criancinha, permitindo-lhe desde pela manhã que a levasse. Eu aqui vou no lugar que me cedeu Vera! Ela, coitada, lá vai a pé com Simonson e Kátia, enquanto eu vou aqui.

Em seguida reinou silêncio durante alguns minutos; de repente Kriltzov repeliu o lenço que lhe tapava a boca e murmurou algumas palavras que nem Maria Pavlovna nem Nekludov conseguiram entender.

O doente fitou-os impacientemente e cerrando de novo os olhos, esforçou-se por não tossir. Maria Pavlovna inclinou-se, com o ouvido atento; Kriltzov, erguendo-se murmurou:

— Agora estou muito melhor! Se não apanhar frio ainda escapo desta! — E sorrindo tristemente dirigiu-se a Nekludov: — Então achou a solução do problema dos três corpos?

Nekludov fitou-o com ansiedade, sem compreender ao que ele se referia; foi necessário que Maria Pavlovna lhe explicasse que era assim como os sábios chamavam a um problema sobre as relações astronómicas do sol, da terra e da lua e que Kriltzov na véspera comparara, gracejando, ao das relações entre Nekludov, Simonson e a Maslova. Kriltzov, com um aceno da cabeça confirmou a explicação da sua companheira.

— A solução não depende de mim! — disse Nekludov.

— Recebeu a minha carta? Interessar-se-á pelo que lhe pedi?
— perguntou Maria Pavlovna.

— Conte comigo — respondeu Nekludov.

E imaginando ver no rosto de Kriltzov indícios de pesar por não poder tomar parte na conversa, afastou-se, subindo novamente para a carruagem.

A alusão de Kriltzov relembrou-lhe a sua situação, que desde a véspera fizera por esquecer. Assaltou-o o desejo de ir ter com Katucha, o mais depressa possível, para ter com ela uma entrevista decisiva. Mandou novamente largar, e ao fim de duas ou três verstas de caminho, confrangia-se-lhe o coração ao ver o lenço azul da Maslova. Esta, caminhava junto de Vera e de Simonson, que parecia querer explicar-lhes qualquer coisa, gesticulando com os magros e compridos braços.

Quando Nekludov os alcançou, as duas mulheres cumprimentaram-no sorrindo e Simonson descobriu-se com solicitude particular. Nekludov, porém, vendo-os reunidos não sentiu ânimo de lhes falar. Quando a carruagem ia parar, mudou de intenção e mandou seguir, depressa ultrapassando a leva, que se agitava pela estrada fora com o acompanhamento vulgar de gritos, risos e tinidos de cadeias.

A estrada embrenhava-se numa sombria floresta de pinheiros e vidoeiros estes ainda não despídos das suas folhas amarelecidas; a seguir desenrolavam-se para ambos os lados campos imensos e no limite do horizonte Nekludov distinguiu as cúpulas e as cruzes douradas de um convento.

Bruscamente o tempo limpou; as nuvens dispersaram-se na atmosfera e o sol brilhava por cima dos campos. A geada, a lama gelada da estrada e as cruzes longínquas brilhavam docemente, enquanto a planície redobrava de extensão até ser detida no horizonte pela linha azulada das montanhas.

A carruagem chegou por fim a uma grande aldeia, pronuncio e arrabalde da cidade próxima para onde se dirigia Nekludov.

A única rua da aldeia transbordava de concorrência, russos e estrangeiros, numa promiscuidade extraordinária de trajes e penteados. Formavam-se grupos para discutir, questionar ou rir, às portas dos estabelecimentos, das hospedarias ou das tabernas.

As carroças cruzavam-se lentamente ou paravam no meio da rua; tudo anunciava a vizinhança da cidade.

Endireitando-se na almofada para fazer realçar a sua pessoa, o cocheiro castigou os cavalos e conseguiu fazê-los trotar a todo o comprimento da rua, apesar da multidão que a enchia. Só se detiveram junto da margem do rio, que era necessário atravessar em jangada para alcançar a cidade.

A jangada tinha largado a outra margem e vinha a meio do rio em direção ao sítio onde umas vinte carroças a esperavam. Os barqueiros, porém, fizeram sinal ao cocheiro de Nekludov para entrar primeiro, e logo que a jangada se encheu, retiraram a ponte que a unia à terra firme, sem se importarem com os protestos e queixas dos que não tinham podido obter lugar.

E lentamente, sem mais ruído que o das vagas chapinhando no costado da jangada, ou o dos cascos dos cavalos escarvando o chão, o enorme barco deslizou pela superfície da água.

Capítulo 14

I

Nekludov conservava-se de pé encostado ao rebordo da jangada, com o olhar fixo na límpida e rápida corrente do rio. E duas imagens erguiam-se lhe na imaginação: a de Kriltzov, agonizante na palha da carreta e fixando-o irritadamente, e a de Katucha, caminhando com andar vigoroso, era companhia de Simonson.

E se a imagem de Kriltzov, morrendo sem resignação, era aterradora e lamentável, a outra, a de Katucha, acompanhada pelo homem que a amava e trilhando o caminho do bem tão valorosamente como seguia pela estrada, era animadora e alegre. E contudo, qualquer destas imagens era para Nekludov igualmente cruel, e sem conseguir expulsá-las do seu espírito percebia que se confundiam, para produzirem uma completa impressão de mortal tristeza.

O vibrante som de um sino, convidando para qualquer ato do culto, fez-se ouvir na jangada, transportado pelo vento que soprava. Todos os passageiros se descobriram, persignando-se. Só um velho esfarrapado não se desbarretou, conservando-se imóvel com as mãos cruzadas nas costas.

— Olá, meu velho, então não rezas? — perguntou lhe o cocheiro de Nekludov, mal se cobriu. — Não és batizado?

— Rezar? E a quem? — respondeu o velho esfarrapado, fixando o cocheiro e caminhando para ele.

— Que pergunta! Então não acreditas em Deus?

— Conhece-lo? Sabes onde está?

As feições do velho tornaram-se tão sérias e a expressão do seu olhar tão dura, que o cocheiro sentiu-se um pouco intimidado. Porém, como em redor dos dois se tivesse formado um círculo de passageiros, ele quis continuar a sustentar a conversa, sem se dar por vencido.

— Onde está Deus? Mas, imbecil, toda a gente sabe que no céu!

— Viste-o? Já lá estiveste?

— Não, nunca lá estive. Mas todos sabemos que é a Deus que devemos orar.

— Nunca ninguém viu Deus! Disse-o o seu Filho Único — replicou o velho em voz severa, sobrancelhas carregadas.

— Visto isso não és cristão? És ateu? — perguntou-lhe o cocheiro voltando-se e escarrando desprezivelmente.

— Qual é a tua religião, paizinho? — perguntou um condutor de carroças que segurava nos cavalos, ali perto.

— Não tenho religião. A única pessoa em quem creio é em mim — respondeu o velho de olhar irritado.

— Mas como é possível só crer em si próprio? — perguntou-lhe Nekludov, cada vez mais intrigado com tão estranha personagem.

— É a única maneira de nunca nos enganarmos!

— Como se explica então que haja tantas religiões?

— É o resultado de acreditarem uns nos outros. Também eu acreditei nos outros e transviei-me como numa floresta, de tal forma

que pensei que nunca mais encontraria o caminho. São velhos e novos crentes, sabatistas, popovistas e não popovistas, skoptzv, molokamos, etc.! Há religiões de todas as espécies e todas pretendem ser a legítima.

— As religiões são muitas mas o Espírito é só um. É tão igual em mim, como em ti, como neles. O que quer dizer que todos devemos crer no Espírito que vive dentro de nós e que só assim o mundo poderá fraternizar!

E o velho erguia cada vez mais a voz, espraiando o olhar em redor, como se quisesse fazer-se ouvir pelo maior número possível de pessoas.

— Há muito que assim pregas? — perguntou-lhe Nekludov.

— Eu? Oh! sim, há muito. Há vinte e três anos que sou perseguido!

— Perseguido? Porquê? Como?

— Como o Cristo foi perseguido, eu o sou também! Prendem-me, levam-me à frente dos juízes, dos padres, dos escribas e dos fariseus e até me mandaram já para um hospital de doidos. Mas nada conseguem porque eu sou livre. Imaginam eles que tenho um nome; mas há muito que renunciei a tudo, a ele inclusive; não tenho nome, nem pátria, nem família, não tenho nada senão a minha pessoa. Perguntam-me: «Como te chamas?» Um homem! «Que idade tens?» Eu não tenho idade, respondo-lhes, porque o Espírito que vive em mim é eterno! «Quem são teus pais? «Não tenho outros que não sejam Deus e a terra minha mãe.» «Então não obedeces ao tzar?», perguntam-me. «Porque não? Ele reina no seu império, eu no meu!» «É impossível falar contigo, assim.» «Mas eu não peço que falem comigo.» Então submetem-me aos martírios.

— E agora para onde vais? — perguntou-lhe Nekludov.

— Para onde Deus me levar. Trabalho e quando não tenho em quê, mendigo — respondeu o velho espraçando em volta um olhar triunfante.

A jangada tocava na outra margem. Nekludov puxou da carteira e quis dar ao velho uma moeda de prata.

— Nunca recebi dinheiro — disse este. — Contento-me com pão.

— Então desculpe-me.

— Não tenho de quê. Não me ofendeste! E de resto ninguém pode ofender-me! — disse o velho erguendo o saco que estava junto dos seus pés.

Na jangada a multidão agitava-se; desembarcavam as carruagens e os cavalos.

— É muita condescendência, fidalgo! Ir conversar com tal gentalha! — disse a Nekludov o seu cocheiro, quando desembarcavam. — São uns maltrapilhos vagabundos a quem não se deve ligar importância!

II

Logo que no cais a carruagem foi engatada, o cocheiro dirigiu-se novamente a Nekludov:

— Para que hotel vai?

— Não sei! Qual é o melhor?

— O melhor é o Siberiano, mas em casa de Dukov também se passa bem.

— Leva-me para onde quiseres!

O cocheiro fustigou os cavalos e a carruagem embrenhou-se pelas ruas da cidade. Esta era em tudo semelhante às demais cidades: as mesmas casas de tetos baixos, a mesma grande igreja, os mesmos estabelecimentos elegantes na rua principal, os mesmos transeuntes e polícias. A única diferença consistia na maioria das casas serem construídas de madeira e as ruas não serem empedradas.

Na rua mais animada o cocheiro parou em frente de um edifício. Era um hotel, mas estava cheio, de modo que foi necessário seguir à procura de outro.

Enfim, Nekludov achou-se alojado. Pela primeira vez, ao fim de dois meses, reencontrou os seus antigos hábitos de limpeza e comodidade sem que por isso os seus aposentos fossem luxuosos, mas somente habitáveis, comparados com as espeluncas que tinha percorrido nas noites anteriores.

Em primeiro lugar e sem pensar em mais nada, tratou de se ver livre dos piolhos que o tinham perseguido com extraordinária tenacidade de acampamento para acampamento. Mal colocou no quarto as suas malas, passou para a sua casa de banho, onde gastou mais de uma hora em limpar-se.

De regresso aos seus aposentos vestiu camisa engomada, calça cinzenta, sobrecasaca e sobretudo, a fim de ir procurar o governador.

O porteiro do hotel chamou um carro e graças ao vigor do pequeno cavalo kirgiz, de trote largo, Nekludov depressa chegou ao

pátio de um grande e belo palácio, com duas sentinelas e vários polícias de guarda.

Rodeava o palácio um jardim onde, por entre os troncos nus dos vidoeiros e dos álamos, aparecia a escura verdura dos pinheiros.

O general governador andava adoentado e não recebia, mas Nekludov mandou-lhe entregar um bilhete de visita e pouco depois o laçao, todo sorridente, participava-lhe que sua excelência o convidava a entrar.

O palácio com o seu vestíbulo, grande escadaria, salões de *parquet* encerado, assemelhava-se a uma casa de S. Petersburgo, somente mais imponente e menos limpa.

Nekludov mal se tinha sentado quando foi convidado a passar para os aposentos do governador.

Este funcionário vestia *robe-de-chambre* verde e, com um cigarro na mão entretinha-se a tomar chá por uma chávena com rebordos de prata. Era um homem nutrido, sanguíneo, calvo, de nariz rubicundo e veias tumefactas na fronte.

— Queira desculpar-me o recebê-lo em *robe-de chambre*, príncipe, mas é preferível recebê-lo assim a não o receber! — disse sorrindo e enterrando-se mais na grande cadeira que ocupava. — Tenho andado adoentado e não posso sair daqui. O que o traz a estas longínquas paragens?

— Acompanho uma leva de degredados entre os quais está um a quem me encontro muito ligado — respondeu Nekludov. — Um dos dois pedidos que desejo fazer a V. Exa. refere-se a essa pessoa.

O governador estirou as pernas, bebeu uma golada de chá, sacudiu a cinza do cigarro no cinzeiro e olhando para Nekludov com os seus olhitos húmidos e brilhantes, pôs-se a escutá-lo com

atenção concentrada. Só o interrompeu duas vezes para lhe oferecer chá e convidá-lo a fumar.

O general pertencia à categoria dos funcionários inteligentes que por natureza se sentem inclinados a introduzir na sua profissão uma parte de humanidade e tolerância.

Mas, como a natureza o dotara também com um grande fundo de bondade e circunspeção, depressa reconheceu a vaidade dos esforços empregados nesse sentido: para fugir, pois, à consciência da contradição íntima em que se debatia, principiara a entregar-se ao hábito de beber aguardente. E o hábito enraizara-se-lhe tão fortemente que, ao fim de trinta e cinco anos de serviço civil e militar, era o que os médicos chamam um *alcoólico*. Estava tão saturado de aguardente que bastava um cálice dela ou de vinho para o embriagar. E como não podia deixar de beber, todos os dias, à tarde, estava embriagado.

Contudo, adaptara-se tão bem a esta situação, que nunca ninguém o via titubear, nem nunca o ouviam dizer incoerências, posto que a elevada posição que ocupava lhe permitisse dizê-las sem que alguém as notasse. Mas só pela manhã, à hora que Nekludov o procurara, é que se assemelhava a um homem sensato capaz de compreender o que lhe diziam.

As autoridades superiores de quem ele dependia, não ignoravam os seus hábitos de intemperança, mas também sabiam que era mais inteligente e mais ilustrado, posto que a sua educação tivesse estacionado quando começou a entregar-se à bebida, do que a maioria dos seus colegas; reconheciam que era corajoso, hábil, imponente e que mesmo embriagado era incapaz de se desmanchar.

Por tudo isso fora subindo de posto em posto até àquele que, ao presente, ocupava.

Capítulo 15

I

Nekludov contou ao governador como a prisioneira por quem se interessava fora condenada injustamente, e informou-o de que, antes de partir, dirigira uma petição ao imperador.

— Muito bem! — disse o governador depois de o ter ouvido cuidadosamente. — E que mais?

— Prometeram-me que o despacho a essa petição seria dado no mais breve prazo e que a decisão régia alcançar-nos-ia aqui por todo este mês.

O governador, sempre com os olhos fixos em Nekludov, estendeu para a mesa a sua mão nutrida e carregou no botão de uma campainha, continuando em seguida a ouvir em silêncio.

— Queria, pois, pedir a V. Exa., caso fosse possível, que me arranjasse maneira da prisioneira se conservar aqui até ser conhecida a decisão do último recurso.

Um criado de grande uniforme entrou, interrompendo Nekludov.

— Pergunta a Ana Vassilievna se já está a pé — disse-lhe o governador — e traz mais chá.

E dirigindo-se a Nekludov.

— E que mais?

— O outro pedido — continuou Nekludov — diz respeito a um condenado político que faz também parte desta leva.

— É isso mau! — disse o governador acenando com a cabeça significativamente.

— Trata-se de um desgraçado perigosamente doente, quase moribundo, que com certeza tem de ficar no hospital daqui. Uma condenada política, sua companheira, desejava obter licença para ficar cuidando dele.

— Têm algum parentesco entre si?

— Não, mas está pronta a casar-se, se assim puder obter autorização para o fim que deseja.

O governador não respondeu, continuando a fitar Nekludov, como se o quisesse intimidar pela força do seu olhar.

Logo que Nekludov se calou à espera de resposta, o governador ergueu-se da poltrona, dirigiu-se a uma estante com livros, tirou um e folheando-o rapidamente, deteve-se alguns minutos a ler um parágrafo que ia seguindo com o dedo.

— A que pena foi condenada essa mulher? — perguntou afinal, erguendo o olhar.

— A trabalhos forçados.

— Nesse caso a situação do condenado em nada seria modificada pelo seu casamento.

— Mas é que...

— Perdão! Se ela casasse com um homem livre tinha de continuar a sofrer a condenação. Aqui, temos de saber qual dos dois foi condenado a pena maior.

— São ambos condenados a trabalhos forçados por toda a vida.

— Então é um negócio decidido! — disse o governador sorrindo. — O casamento nada lhes alteraria a situação. Se ele está efetivamente doente, poderá ficar aqui e serão empregados todos os meios para o restabelecer; ela é que ainda que se casasse teria de continuar a caminhar com a leva...

— A generala está a pé e vai almoçar! — veio anunciar um laçao.

O governador acenou com a cabeça e continuou:

— Contudo, pensarei no caso. Como se chamam os condenados? Faz favor, sim, deixa-me aqui os seus nomes?

Nekludov escreveu-os num papel.

— Também não lhe posso permitir isso! — respondeu o general a Nekludov quando este lhe pedia autorização para poder ver o doente. — Não vá pensar que desconfio de si! — continuou. — É que vejo e sei o que são estas coisas. No seu desejo de prestar serviços a essa gente, torna-se perigoso por poder dispor de dinheiro. Ora entre nós tudo se vende! Eu ouço dizer muitas vezes: mas porque não tenta desenraizar a venalidade? Mas como é possível desenraizá-la quando desde cima a baixo tudo e todos se vendem? Por outro lado é lá possível exercer vigilância nos funcionários numa extensão de 5000 verstas? Todos eles são uns pequenos Tzars, como eu o sou aqui! — disse o governador rindo fortemente. — Eu bem sei como são estas coisas! Durante todo o trajeto, graças às gorjetas e gratificações, deixaram-no sempre comunicar com os condenados, não é verdade?

— É verdade!

— E compreendo que se tenha servido desses meios! Fez o que devia fazer. Queria ver um condenado político, empregava os

meios de que dispunha para o conseguir. O oficial ou o carcereiro a quem os seus pequenos vencimentos não chegam para sustento das suas famílias, recebiam a gorjeta e deixavam-no passar. Também tinham razão: eu no seu lugar ou no deles teria feito o mesmo. Mas como ocupo outro lugar não consinto a mais pequena infração ao regulamento, tanto mais que por natureza sinto-me inclinado à indulgência. Encarregaram-me de uma missão sob determinadas condições; tenho de justificar a confiança que depositaram em mim. E é o que tenho a dizer-lhe! Agora, porém, conte-me o que há de novo lá pela Europa, em S. Petersburgo ou em Moscovo?

E o governador encheu Nekludov de perguntas, mais para lhe mostrar afabilidade do que por curiosidade.

— Para onde foi hospedar-se? No Dukov? Não se está mal, mas tinha ficado melhor no Siberiano.

Nekludov levantou-se para se despedir.

— Vem jantar comigo, não é assim? Às cinco. Fala inglês?

— Sim, falo.

— Tanto melhor! Janta connosco um viajante inglês que obteve licença em S. Petersburgo para visitar as prisões. Não falte, que teremos muito prazer na sua companhia! Reservo para então a resposta sobre o recurso da prisioneira e sobre o tal doente. hei de ver se será possível protege-los de qualquer maneira.

II

Depois de se ter despedido do governador, Nekludov dirigiu-se para o correio, tão bem disposto e tão cheio de atividade como já há muito tempo se não sentia.

O correio estava instalado numa grande, húmida e sombria sala abobadada. Sentados atrás do gradeamento divisório, uma dúzia de empregados ociosos conversava, enquanto no espaço reservado ao público se comprimia a multidão impaciente. Junto da porta um idoso empregado ocupava-se em carimbar os inumeráveis envelopes que um outro empregado lhe ia passando.

Contudo, Nekludov não esperou muito tempo. Aqui como em todas as partes o seu traje protegeu-o, tornando-se notado aos empregados palradores que inquiriram o que ele desejava.

Depois de ter entregado um cartão com o seu nome foi-lhe passado o volumoso correio que o aguardava na posta restante.

Eram cartas com valores declarados, cartas simples, livros, brochuras e jornais.

Para examinar de relance tudo isto Nekludov sentou-se num banco de pau, junto de um soldado que, com um registo na mão, esperava. De todas as cartas a que mais lhe chamou a atenção foi uma fechada por um grande envelope com um sinete majestoso. Rasgou o invólucro e procurou a assinatura: sentiu o sangue afluir-lhe ao rosto e o coração pulsar desordenadamente. A carta estava assinada por Sélenine, o seu antigo amigo, agora procurador régio do Senado, e junto vinha um papel selado. Era a resposta ao recurso da Maslova.

E essa resposta qual era? A confirmação da sentença? Nekludov estava impaciente por sabê-la e não se atrevia a ler a carta que lha revelaria! Por fim ganhou coragem para decifrar as

poucas linhas que Sélenine lhe dirigia e suspirou aliviadamente! A Maslova fora atendida no seu pedido!

Sélenine escreveu-lhe o seguinte:

Meu caro: A nossa última entrevista impressionou-me profundamente. Tinhas razão no que afirmavas sobre a Maslova. Estudei o processo com mais vagar e convenci-me que a sua condenação resultava de um erro evidente. Infelizmente era impossível fazer anular a sentença; dirigi-me pois à comissão dos perdões e alegrei-me ao saber que já aí tinha dado entrada o requerimento da Maslova. Pude, graças a Deus, obter bom resultado e envio-te inclusa a cópia do decreto. A direção foi-me fornecida por tua tia a condessa Catarina. O decreto foi expedido à Maslova, para a cidade onde foi dada a sentença, mas creio que o enviarão à tua protegida para onde ela se encontre. Apresso-me pois em dar-te esta boa nova e abraço-te afetuosamente

Teu,
Sélenine.

O decreto cuja cópia Sélenine enviava era assim concebido:

Chancelaria de S. M. Imperial — Comissão dos perdões. Por ordem de S. M. Imperial participa-se a Catarina Maslova, que tendo S. M. tomado conhecimento da sua petição, dignou-se comutar a condenação de quatro

anos de trabalhos forçados em quatro anos de desterro num governo qualquer da fronteira da Sibéria.

Feliz e bem vinda notícia! Tudo o que Nekludov aspirava ver realizado a favor de Katucha e de si próprio, estava concluído. Mas Nekludov percebeu logo que esta transformação na situação de Katucha lhe modificaria as suas relações para com ela. Enquanto condenada aos trabalhos forçados, o casamento que lhe propusera era uma união fictícia, que só serviria para lhe suavizar a dureza da sorte. Agora porém, o casamento tornava-se muito mais sério, pois não havia nada que os impedisse de viverem vida comum, como marido e mulher. E pensando nisto, Nekludov sentia-se dominado por um secreto terror. Perguntava a si mesmo, cheio de indecisão, se estaria preparado para uma vida em comum: e via-se obrigado a confessar que o não estava.

E a seguir vieram as recordações das relações entre Katucha e Simonson. O que significavam afinal as palavras que ela lhe dissera na véspera? E, ainda que consentisse em desposar Simonson, seria este enlace, para ela, a felicidade? Seria um bem para Nekludov?

Estas interrogações atropelavam-se-lhe no espírito sem poder responder-lhes, acabando por recorrer, mais uma vez, ao seu processo ordinário: «Amanhã, depois decidirei tudo isto! Agora tratemos de tornar a ver Katucha para lhe participar esta boa notícia e tratar das formalidades da sua libertação.» Para isso bastaria a cópia que lhe enviara Sélenine, pensava, enquanto não chegava o decreto oficial.

E Nekludov, deixando o correio, encaminhou-se para a prisão onde tinham sido alojados os prisioneiros que faziam parte da leva.

Capítulo 16

I

Ainda que o governador lhe tivesse formalmente proibido a entrada na prisão, Nekludov sabia por experiência que, o que se não pode obter das autoridades superiores, se obtém sem muito custo das autoridades inferiores.

Estava, pois esperançado em que o diretor da prisão lhe consentiria falar com a Maslova para lhe participar o despacho da sua petição, e esperava também poder obter informações, ao mesmo tempo, da saúde de Kriltzov e comunicar-lhe e a Maria Pavlovna o resultado da sua entrevista com o governador.

O diretor da prisão era um alto e gordo homem, de imponente aparência, com grandes bigodes e barba a unir-se-lhe nos cantos da boca. Recebeu Nekludov com toda a gravidade, declarando-lhe desde logo que só com autorização do governador é que era possível aos estranhos o falarem com os prisioneiros. E como Nekludov lhe objetasse que em todas as cidades e acampamentos lhe tinha sido facultada essa convivência, respondeu-lhe secamente:

— Creio e é possível; eu, porém, não consinto!

E o tom em que se exprimiu queria dizer: «Os senhores da capital imaginam que nos espantam e confundem! Enganam-se! Havemos de mostrar-lhes como nós cá na Sibéria também conhecemos os regulamentos e como os aplicamos se for preciso!»

Nekludov mostrou a cópia do decreto que perdoava à Maslova, mas nenhum efeito produziu naquele terrível homem. Não só recusou obstinadamente deixar Nekludov passar o limiar da porta da prisão, como nem lhe quis dizer se a leva já tinha chegado.

E como Nekludov lhe perguntasse ingenuamente se bastaria a cópia do decreto para libertar a Maslova, o diretor sorriu tão desprezivelmente que Nekludov se envergonhou da sua infantil pergunta. Como condescendência especial prometeu participar à Maslova o despacho da sua petição, acrescentando como obséquio não vulgar, que mal recebesse ordem dos seus superiores para a libertar não a reteria nem mais uma hora.

Nekludov, sem ter conseguido nada, regressou no seu carro para o hotel.

O cocheiro porém informou-o que a leva dos degredados tinha chegado havia uma hora e soube também qual a razão da inflexível severidade do diretor da prisão.

— É que a prisão estava atulhada! — dizia o cocheiro voltando-se na almofada. — Lá dentro há duas vezes mais prisioneiros do que devia haver. Por isso cada vez a coisa aumenta mais! Há dias em que morrem aos vinte!

II

O insucesso que coroara os passos de Nekludov junto do diretor da prisão, não tinha conseguido acalmar a atividade ardente de que se sentia dominado. Em vez de se recolher aos seus

aposentos no hotel, como era sua intenção ao princípio, resolveu voltar ao palácio do governador, a fim de indagar nas secretarias se já teria chegado o decreto com o perdão da Maslova.

Desta vez foi a pé, satisfeito por ter encontrado um pretexto que o distraía dos pensamentos que o atormentavam e apesar de nas secretarias o informarem que não tinha chegado, sentiu-se feliz por poder passar quase uma hora a escrever cartas. Eram para sua tia, para Sélenine, para o advogado e em todas se queixava de uma demora que era naturalíssima.

Terminada a correspondência consultou o relógio e viu com satisfação que só tinha tempo para mudar de fato, se não quisesse chegar tarde a casa do governador.

Já na rua porém assaltou-o um importuno pensamento.

Como receberia Katucha a notícia da comutação da pena? Para onde iria residir? E Simonson que faria?

Que pensaria ela e que sentimentos prevaleceriam nela a seu respeito? Nekludov recordava a transformação que se operava nela, as suas visitas à prisão e aquele último sorriso que lhe dirigira através do gradeamento da carruagem do comboio, quando partira a leva.

«É preciso esquecer tudo, e extirpar todas estas recordações de dentro de mim!», dizia consigo procurando não pensar mais. «Cedo tornarei a vê-la e então tudo se decidirá!» E pôs-se a pensar na forma de obrigar o governador a conceder-lhe licença para frequentar a prisão.

O jantar do governador, organizado com o esplendor habitual nesta espécie de festins, causou prazer especial a Nekludov, há

muitos meses privado não só do luxo como até das comodidades mais vulgares.

A esposa do governador, outrora dama da corte de Nicolau, era uma S. Petersburguesa dos velhos tempos, falando o francês corretamente e o russo muito perfeitamente.

Conservava-se muito direita, procurando nunca afastar, quando se movia, os cotovelos de junto do busto.

Percebia-se que tratava o marido com certa consideração, ao mesmo tempo altiva e desdenhosa; com os seus hóspedes porém, era de uma requintada amabilidade, distinguindo-os, segundo a respetiva posição de cada um, na partilha das suas finezas.

Nekludov foi acolhido como um membro da sociedade em que viviam e rodeado por insensíveis e finas homenagens, que mais uma vez, lhe incutiam no ânimo a crença na sua perfeitabilidade e o deixavam plenamente satisfeito. Com a máxima discrição a generala deu-lhe a perceber que estava ao facto dos sentimentos, talvez extraordinários, mas nem por isso menos cavalheirescos, que o obrigavam a andar pela Sibéria e Nekludov percebeu que era tido por um ser excepcional. E estas leves lisonjas juntas ao bem-estar e ao luxo do palácio do governador atuavam de tal forma em Nekludov que o obrigaram a deixar-se levar pelo prazer de comer um bom jantar, em companhia de gente amável e distinta.

Não pôde fugir à impressão de se encontrar de novo num meio que lhe era familiar, o seu verdadeiro meio, como se tudo o que vira em volta de si nos últimos meses não fosse mais do que um sonho de que agora, de repente acordasse.

Além do general, da esposa, do seu genro e sua filha, sentavam-se também à mesa um rico negociante, proprietário de

minas de ouro, o diretor aposentado de uma secretaria e o viajante inglês em quem o governador já falara pela manhã a Nekludov.

E este ficou satisfeitiíssimo por travar conhecimento com qualquer dos convivas.

O inglês, de aspeto arruivado e vendendo saúde, exprimia-se mal em francês, mas tornava-se eloquente sempre que falava na sua língua.

Sabia e vira muito; e Nekludov achava-lhe grande interesse ouvindo-o narrar recordações da América, da Índia, do Japão e da Sibéria.

Também o jovem e rico negociante possuidor das minas de ouro, filho de aldeões, mas vestindo à última moda, com botões de brilhantes no peito da camisa, saiu um companheiro adorável! Tinha a paixão dos livros, despendia quantias fabulosas em ações caritativas e estava cuidadosamente ao facto de todos os progressos das ideias liberais na Europa. Nekludov ficou satisfeitiíssimo por travar conhecimento com ele, não só porque conversava muito agradavelmente, mas também porque era o exemplo de um fenómeno social novo e simpático: um enxerto da civilização europeia no vigoroso tronco da natureza russa.

O chefe da secretaria aposentado era um homenzinho de estatura média, barrigudo, cabelo raro e frisado, olhos azuis doces e sorriso de bondade. Falava pouco e com dificuldade de expressão, mas o governador considerava-o muito por saber que no exercício das suas funções fora sempre honrado; além disso era muito estimado pela esposa do governador, que na sua qualidade de pianista notável, o apreciava como excelente músico que era, com quem executava diversos trechos. E Nekludov estava numa tão

benevolente disposição de espírito que até o conhecimento com o modesto chefe da secretaria aposentado, o encantou.

Porém, mais do que qualquer destes três convidados, produziu em Nekludov encantadora impressão o grupo da jovem filha do governador e do marido.

A jovem mãe não era formosa, mas o seu conjunto traduzia uma ingénua graça. Percebia-se que os seus pensamentos concentravam-se nos seus dois filhos.

O pai destes, que a desposara por amor, quase que contra vontade de sua família, era um aluno laureado pela Universidade de Moscovo. Sem ser desprovido de inteligência não havia ninguém tão competente no conhecimento das variações da população estrangeira na Sibéria, como ele.

Toda esta limitada sociedade recebeu Nekludov com a máxima deferência e delicadeza, encantados como estavam, também muito sinceramente, de travar conhecimento com ele, pois raras vezes sucedia aparecerem novas fisionomias.

O governador, exibindo o grande uniforme e a cruz branca no peito, mal viu Nekludov, dirigiu-se-lhe como se se tratasse de um velho amigo. Perguntou-lhe o que fizera desde pela manhã.

Nekludov não quis perder a ocasião, e informando-o da nova que soubera no correio, o perdão concedido à prisioneira por quem se interessava, e insistiu novamente em que lhe fosse concedida licença para visitá-la na prisão. O governador carregou as sobancelhas e fingiu não o ouvir. Era evidente que não queria ouvir falar em assuntos de serviço enquanto jantava.

— Mais um copo de vinho! — disse em francês dirigindo-se ao viajante inglês.

Este passou o copo enquanto contava o que vira nesse dia: a catedral, algumas fábricas e para findar desejava visitar a grande prisão dos desterrados.

— Corre tudo às mil maravilhas — exclamou o governador dirigindo-se a Nekludov. — Irão ambos! Vou assinar um passaporte.

— Não deseja visitar a prisão hoje mesmo? — perguntou Nekludov ao inglês.

— Ia pedir-lhe agora autorização para realizar a visita ainda hoje! — disse o inglês ao governador. — Encontrarei os condenados nos seus aposentos e poderei ver a sua vida como é na realidade.

— Ah! Ah! O brejeiro quer ver a festa em todo o seu esplendor! — disse o governador, que até então dissimulara.

— Ah! Ah! Pois bem! há de vê-la! Já escrevi mais de vinte vezes para S. Petersburgo a reclamar e não me atendem! Talvez se resolvam a proceder quando lerem as mesmas reclamações na imprensa estrangeira!

Em seguida a conversação mudou de assunto. Falou-se da Índia, da expedição ao Tonkin, de que se ocupavam então os jornais, e da Sibéria. O governador citou então alguns exemplos da extraordinária e geral corrupção do funcionalismo siberiano.

Ao findar o jantar a conversa tornou-se mais arrastada ou pelo menos assim o pareceu a Nekludov.

Só quando foi servido o café numa sala próxima, e que a dona da casa interrogou o viajante a respeito de Gladstone, é que Nekludov teve a impressão que o inglês estava respondendo sensatamente.

Nekludov em seguida a ter comido um ótimo jantar, regado por bons vinhos, enterrara-se num confortável *fauteuil* e rodeado por

aquela excelente companhia, cada vez se sentia mais bem disposto.

E quando a dona da casa se sentou ao piano, a pedido do inglês, executando com maestria incomparável a *quinta sinfonia* de Beethoven, com o acompanhamento do chefe da secretaria aposentado, um sentimento de satisfação e de contentamento de si próprio, como já há muito não sentira, invadira-o. Era como se reconhecesse de repente todo o seu valor.

O piano era excelente e Nekludov, familiarizado como estava com aquela sinfonia de Beethoven, confessou que raras vezes a ouvira tão bem interpretada,

Aí pelas alturas do andante teve de se esforçar por conter as lágrimas: enternecia-se por si, por Katucha e por Natália, sua irmã, que tanto amava.

Quando se preparava para agradecer à sua hospedeira o amável acolhimento e o prazer artístico que lhe proporcionara, e ao mesmo tempo para se despedir, a filha dos donos da casa dirigiu-se lhe e disse-lhe com o rosto afogueado:

— Há pouco pareceu-me que se interessava pelos meus filhos; quer vê-los?

— Ela imagina que toda a gente tem muito prazer em ver os seus filhos! — disse a mãe, sorrindo indulgentemente da falta de experiência da filha. — O príncipe não tem desejos de os ver!

— Ao contrário, minha senhora; terei imenso prazer! — disse Nekludov profundamente comovido por esta manifestação de amor maternal. — Imploro-lhe que mos deixe ver!

— Lá vai o príncipe com minha filha admirar os meus netos — exclamou rindo o governador, entretido no fundo do salão a jogar o

vhist com seu genro e com o proprietário das minas de ouro. — Vamos, meu amigo, pague a sua entrada.

A jovem mãe, visivelmente perturbada na expectativa da opinião que os seus filhos provocariam, saiu do salão apressadamente, seguida por Nekludov. Era num amplo quarto todo decorado a branco e iluminado por um candeeiro com um *abat jour* escuro, para quebrar a intensidade da chama, que estavam colocados, um ao lado do outro, dois leitos de criança; sentada perto, estava a ama, uma siberiana forte e de saudável aspeto, que se embrulhara numa peliça branca.

Quando a senhora entrou, levantou-se e cumprimentou-a.

A jovem mãe mal entrou inclinou-se sobre uma das camas.

— Esta é a minha Kátia! — disse, afastando o cortinado para mostrar o rosto encantador de uma criança de dois anos, guarnecido por fartos cabelos, e que, de boca aberta, dormia tranquilamente. — É bonita, não é? Imagine que ainda não tem dois anos!

— Adorável!

— E aqui está o Vaska, como lhe chama o avô. É outra fisionomia! Um puro siberiano, não é verdade?

— É um belo rapaz! — respondeu Nekludov fitando a rechonchuda criança.

E a mãe, em pé junto deles, sorria docemente.

E, de súbito, Nekludov recordou-se dos grilhões, das cabeças rapadas, dos rostos esmurrados, de Kriltzov moribundo e de Katucha. E um horroroso sofrimento apoderou-se dele. E a aumentar-lhe ainda a intensidade do sofrimento contribuía o ver-se privado de um ideal de felicidade calmo e puro como o que presenciava!

Prodigalizando elogios à beleza das crianças, regressou, acompanhado pela mãe, ao salão onde o aguardava o inglês, para, como tinham combinado, principiar a visita à prisão.

Fizeram-se as despedidas, trocaram-se agradecimentos e ofertas e por fim Nekludov e o inglês deixaram a hospitaleira casa do governador.

Fora o tempo mudara. Caía, compactamente, neve que já atapetara o pátio, guarneceira as árvores e as garupas dos cavalos. Nekludov e o seu companheiro entraram para o carro e mandaram largar para a prisão.

Capítulo 17

Ainda que a neve tivesse enfeitado tudo, teto, pórtico e pátio, com uma deslumbrante e alva camada, a prisão com as suas lâmpadas a arderem em frente da entrada, onde também estava a sentinela, nada perdera do seu sinistro aspeto.

Os visitantes foram recebidos no limiar pelo diretor, de majestosa aparência, que à luz dos candeeiros leu cuidadosamente o passaporte que o governador dera a Nekludov; resignado a sofrer os caprichos do seu superior, encolheu os ombros e pediu aos visitantes que o acompanhassem até à secretaria. Aí chegados inquiriu deles o que desejavam ver.

Nekludov disse-lhe que em primeiro lugar queria ter uma entrevista com a Maslova e que o seu companheiro desejava pela sua parte conhecer qual era o regime da prisão para poder em seguida realizar com proveito a visita geral.

O diretor mandou um carcereiro buscar a Maslova e guiá-la para a secretaria.

— Quantas pessoas pode conter a prisão? — perguntou o inglês por intermédio de Nekludov. — Quantas contém na ocasião presente? Quantos homens? Quantas mulheres? Quantas crianças! Quantos forçados, desterrados ou voluntários? Quantos doentes?

E Nekludov ia traduzindo as perguntas do inglês e as respostas do diretor, incapaz, contudo, de lhes compreender a significação, perante a perspectiva da entrevista com Katucha, que o aniquilava.

E quando no meio de uma frase que ia traduzindo, ouviu passos no corredor e em seguida a porta se abriu e deixou passar Katucha, com o mesmo lenço branco na cabeça — repetição de uma cena que durante três meses fora frequente — sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias — porque talvez não a tornasse mais a ver.

«Quero viver, ter uma família, ter crianças; quero ter a minha parte de felicidade!», segredava-lhe uma voz que havia muito deixara de ouvir.

Ergueu-se e deu alguns passos em direção a Katucha.

Está, sem dizer nada, parecia excitada e com o rosto muito corado, fitava-o de tal maneira que Nekludov sentiu-se magoado. Era uma expressão nova no seu olhar, qualquer coisa como a de uma resolução firme ou paixão ardente.

E, ora corando, ora empalidecendo, enrolava e desenrolava os dedos nas extremidades da jaqueta, fitando Nekludov umas vezes rosto a rosto, outras então com o olhar timidamente velado pelas pálpebras.

— Já sabes a notícia? — perguntou Nekludov.

— Sim, já ma participaram. Eu porém já tinha decidido... Casome com Vladimir Ivanovitch...

E falava apressadamente sem se deter.

Percebia-se que estudara as frases que tinha de dizer.

— Como! Com Vladimir Ivanovitch? — exclamou Nekludov.

Katucha interrompeu-o:

— Então! Se ele quer que eu viva com ele?!

E deteve-se como que assustada. Depois continuou:

— Desde que ele quer que eu viva com ele, que melhor posso desejar? Talvez consiga tornar-me útil e alegrar-lhe a existência!

Poderei porém...

Só duas razões explicavam esta resolução: ou uma súbita paixão por Simonson e nesse caso não precisava do sacrifício de Nekludov, ou, continuando a amar este, querer aliviá-lo do seu pesado encargo unindo a sua existência à de Simonson.

Nekludov sem dificuldade compreendeu a situação, envergonhou-se e enrubesceu.

— Se o amas...! — disse.

— Como não o estimar?! Se nunca conheci homens daquela espécie! E então Vladimir Ivanovitch que difere de todos os demais!

— Incontestavelmente — respondeu Nekludov em voz trémula. — É um excelente homem e creio...

Ela de novo o interrompeu como se receasse ouvir o que ia a dizer, ou quisesse ela própria dizer tudo.

— Não, não! Perdoe-me por não poder cumprir o seu desejo... — murmurou. — Sim, assim deve ser, porque também precisa de viver!

O que a si mesmo dissera, agora e em frente dos leitos das duas crianças em casa do governador, ela, a Katucha, vinha repetir-lho!

Porém, depressa afugentou estes pensamentos, que se desfizeram sem deixar traços. Outros sentimentos o agitavam: tinha vergonha, sentia-se medroso, e dominava-o estranha perturbação.

— Então entre nós tudo acabou? — perguntou.

— Sim, é de crer que sim! — respondeu ela, sorrindo constrangida.

— A minha felicidade seria poder ser-te útil...

— Nós, porém, de nada necessitamos!

(E quando pronunciou o *nós*, fitou Nekludov).

— Já lhe sou devedora de muito. Sem si que...

E quis dizer qualquer coisa, mas a voz atraçou-a.

Baixou a cabeça e não disse mais nada.

— De nós dois não sei qual é o maior devedor! Deus regulará essas contas! — respondeu Nekludov.

— Sim, assim é, Deus que nos vê! — murmurou ela.

— *Are you ready?* (Está pronto?) — perguntou o inglês.

— Vou já! — respondeu Nekludov; e procurando dominar-se, perguntou a Katucha como ia Kriltzov.

Katucha sossegara.

Respondeu quase tranquilamente o que sabia: que Kriltzov sofrera muito com a viagem e que mal tinha chegado fora enviado para a enfermaria.

Maria Pavlovna pedira licença de acompanhar, mas fora-lhe recusada.

— E agora volto para dentro! — disse, vendo que o inglês se impacientava.

— Ainda não me despeço definitivamente, havemos de tornar a ver-nos! — disse Nekludov, estendendo-lhe a mão.

— Não, adeus, adeus! — respondeu Katucha resolutamente.

E num segundo os seus olhares cruzaram-se; e nos olhos levemente estrábicos de Katucha, no seu resignado sorriso, na forma como pronunciou a palavra *adeus*, Nekludov percebeu claramente que das duas explicações aceitáveis do seu procedimento, era a segunda verdadeira.

Compreendeu que ela o amava, exatamente como na noite em que o abraçara à saída da igreja, de todo o seu coração, e

compreendeu também que se casava porque dizia a si mesma que de outra forma teria de sacrificá-lo e a toda a sua vida.

O casamento com Simonson era a liberdade.

E apertando a mão que ele lhe estendera, voltou-se e saiu precipitadamente.

O inglês estava desejoso por principiar a visita, mas percebendo a emoção que agitava Nekludov, teve escrúpulos e fingiu tomar apontamentos na carteira.

Nekludov sentara-se num banco, um pouco afastado. O coração trasbordava-lhe de vergonha e desespero e assim se conservou, sem pensamentos, durante minutos.

— Então, senhores, querem começar a percorrer as salas? — perguntou o diretor.

Nekludov ergueu-se sobressaltadamente. O inglês fechou a carteira e principiou a marcha.

Capítulo 18

I

Depois de terem atravessado um sombrio e mal cheiroso corredor no qual se acumulavam dejeções no próprio soalho, Nekludov e o inglês, guiados pelo diretor, entraram na primeira sala ocupada pelos condenados a trabalhos forçados.

A maioria dos presos, cujo número aproximado era de setenta, estava já deitada nos catres que haviam sido unidos, de maneira a dormirem todos encostados uns aos outros.

À chegada dos visitantes ergueram-se bruscamente, com grande tinido de grilhões; Nekludov notou o brilho peculiar de todos os crânios, recém-barbeados.

Dois deles, porém, não se levantaram.

Eram um rapaz congestionado e trememente de febre, e outro mais velho, que gemia incessantemente.

O inglês quis saber se o rapaz estava doente há muito tempo.

Que não, somente desde a manhã — responderam-lhe. — O outro é que sofria há muito do estômago e esperava-se que houvesse um lugar vazio na enfermaria para ir ocupá-lo.

Depois, o inglês pediu a Nekludov para lhe traduzir algumas palavras que queria dizer aos prisioneiros, e nessa ocasião informou-o que ao mesmo tempo que viajava na Sibéria para estudar o

regime de deportação, aproveitava o privilégio de entrar em certos lugares para fazer propaganda evangélica.

— Eu queria dizer-lhes que o Cristo morreu para os salvar. Basta que creiam nele e serão salvos! Eis aqui os livros onde isto está escrito!

E enquanto pedia a Nekludov para lhe traduzir este pequeno discurso, tirava dos bolsos exemplares do Novo Testamento encadernados em cartão de diversas cores. Imediatamente estenderam-se na sua direção umas vinte mãos grosseiras, de unhas sujas, repelindo-se umas às outras. Feita a distribuição do folheto, passaram a outra sala.

Aqui deram-se as mesmas peripécias. Havia a mesma falta de ar, o mesmo cheiro, a mesma imagem dependurada entre as janelas com o balde das dejeções em frente.

Mais de sessenta prisioneiros estavam também já deitados, uns ao lado dos outros, e quando os visitantes entraram ergueram-se sobressaltadamente. Aqui, porém, havia três homens que não puderam erguer-se. Dois ainda se levantaram um pouco mas o terceiro nem olhou para os visitantes.

O inglês repetiu o discurso. Nekludov traduziu-o e distribuíram-se alguns exemplares dos Evangelhos.

Na sala imediata havia também três doentes. O inglês perguntou ao diretor porque é que não reuniam todos os doentes num só aposento. O diretor respondeu que os doentes não queriam e que as suas doenças não eram contagiosas.

Diariamente eram visitados por um enfermeiro que lhes prestava todos os cuidados.

— Há duas semanas que ninguém lhe põe a vista em cima! — murmurou uma voz.

O diretor não respondeu e passou para outra sala. E nesta, como nas anteriores e nas seguintes, oferecia-se aos visitantes o mesmo espetáculo e tinham lugar as mesmas cenas, quer fossem desterrados ou condenados ao encarceramento.

Nekludov e o seu companheiro só viram homens esfomeados, ociosos, doentes inexpressivos ou astutos e corrompidos, mais semelhantes a animais do que a seres humanos.

Ao fim de meia hora o inglês tinha esgotado a sua provisão de Evangelho e cessou de fazer traduzir a sua alocução.

Sentia-se também com a energia deprimida pelo horror de tudo que presenciara e pelo fétido que empestava a atmosfera. Contentava-se em atravessar maquinalmente as salas murmurando *All right*, em resposta às informações que lhe fornecia o diretor sobre o número de presos e qualidade dos castigos.

Nekludov caminhava como um sonâmbulo, sem ver nada, sem nada ouvir, sem forças para ficar ou sair, sentindo-se de minuto para minuto mais cheio de vergonha e desespero.

II

Numa das últimas salas que visitaram, Nekludov foi despertado do seu torpor por um curioso encontro. Era o velhinho que, pela manhã fora seu companheiro na travessia do rio na jangada.

Agora estava sentado no soalho, coberto com uma camisa esfarrapada e com calças ainda mais esfarrapadas, fitando os visitantes com olhar severo.

O seu enrugado rosto ainda parecia mais concentrado e mais animado do que na jangada, e ao contrário dos demais prisioneiros que se tinham levantado quando o diretor entrou, deixou-se ficar sentado.

O olhar fuzilava-lhe e as sobrancelhas contraíram-se-lhe de cólera.

— A pé! — bradou-lhe o diretor.

O velho sorriu desdenhosamente e encolheu os ombros.

— Os teus lacaios é que se levantam à tua passagem! Eu, porém, não sou teu lacaios! Tu estás marcado na testa!... — continuou o velho, exaltadamente.

— O quê! — perguntou o diretor ameaçadoramente.

— Eu sei quem é este homem — apressou-se Nekludov a intervir. — É um original! Porque é que o prenderam?

— Foi-nos enviado como vagabundo pela polícia. Bem lhe pedimos que não nos mandem ninguém, mas fazem ouvidos de mercador! — informou o diretor.

— Então pelo que vejo também fazes parte do exército do Anticristo? — disse o velho, dirigindo-se a Nekludov.

— Não, aqui apenas sou um visitante! — respondeu Nekludov.

— Então vieste ver como o Anticristo tortura os homens? Pois bem, olha! Agarra-os, mete-os nas gaiolas e aqui está todo um exército! E como o dever dos homens é ganhar o pão com o suor do seu rosto, o Anticristo conserva-os encerrados, alimenta-os sem trabalharem, como se fossem porcos, ou para criar porcos.

— Que está ele a dizer? — perguntou o inglês.

Nekludov respondeu que o velho acusava o diretor e os seus superiores de conservarem prisioneiros encarcerados contra toda a justiça.

— Pergunte-lhe qual a maneira, segundo o seu modo de ver, de proceder para com os que não cumprem a lei? — disse o inglês sorrindo.

Nekludov traduziu a pergunta.

O velho desatou a rir mostrando a boca onde abundavam os dentes podres e quebrados.

— A lei — exclamou desprezivelmente. — Tu é que podes falar! A terra foi toda açambarcada por ele, e despojando os homens de todas as suas riquezas, desfez-se dos que lhe resistiam. Escreveu então a lei dizendo que não se deve matar ou roubar! Afirmo-te que antes disso não a teria redigido.

Nekludov traduziu esta imprevista resposta e o inglês sorriu novamente.

— Pergunte-lhe como, afinal, se deve proceder, nesta época, para com os ladrões e assassinos.

— Responde-lhe — disse o velho a Nekludov, que lhe transmitira a pergunta —, responde-lhe que o essencial é fazer desaparecer da frente a marca do Anticristo e aquele que o conseguir terá bastante ocupação para deixar os assassinos e ladrões! Traduz-lhe isto lá para a língua dele.

— É um original que diverte! — disse o inglês ao ouvir a resposta; e sorrindo novamente, abandonou a sala.

Nekludov ficou um pouco mais para trás escutando o que o velho lhe dizia.

— Cumpre o teu dever e não te importes com os outros. Só Deus castiga e recompensa. Nós nada sabemos!

E como se renunciasse fazer a conversão de Nekludov, continuou:

— Não — exclamou — nada tenho a dizer-te. Vai, vai, segue o teu caminho. Já viste como os servos do Anticristo alimentam os piolhos com criaturas humanas. Vai, vai divertir-te para outra parte.

III

Quando Nekludov se reuniu de novo aos seus companheiros, encontrou o inglês parado em frente de uma porta do corredor que comunicava com um quarto pouco claro, perguntando ao diretor para que o utilizavam. O diretor respondeu-lhe que se destinava a depósito mortuário.

— Na verdade? — exclamou o inglês quando Nekludov lhe traduziu a resposta. — Gostaria de poder entrar!

O diretor mandou buscar um lampião e conduziu o visitante ao quarto mortuário. Era uma vasta sala muito semelhante às demais. Num canto amontoava-se sacaria e num outro pilhas de lenha; no centro, estirados em catres, quatro cadáveres.

O primeiro tinha uma camisa e um par de calças vestidos, a barba em bico, aparada, e meia cabeça rapada. O frio enregelara-lhe já os membros; as mãos, que tinham sido unidas sobre o peito, separavam-se e os pés, nus, da mesma forma tinham-se desunido, em forqueta. A seu lado estava estendida uma velha de blusa e saias

brancas, rosto enrugado, cabelo raro e nariz chato. O terceiro cadáver era o de um homem com o pescoço envolto num lenço azul. Nekludov julgou reconhecer o lenço, que vira em qualquer parte.

Aproximou-se e examinou o cadáver de perto. A barba era negra e um pouco encaracolada, o nariz aquilino e firme, a testa ampla e branca, o cabelo anelado e raro no alto da cabeça: Nekludov reconheceu estes traços bem seus conhecidos e não queria acreditar no que via.

Na véspera ainda essas feições estavam animadas pela paixão e contraíam-se com o sofrimento: agora via-as imóveis e serenas, terrivelmente belas.

Sim, era Kriltzov, ou antes, os despojos da sua vida corporal!

«Porque sofreu? Porque viveu? Alcançaria, por fim, o conhecimento da verdade?», interrogava-se Nekludov, examinando o cadáver.

E respondia a si mesmo, dizendo que a verdade não existia e que só a morte era positiva.

E surpreendeu-se a invejar Kriltzov que cessara de sofrer.

Sem procurar despedir-se do inglês, que continuava a examinar o quarto com interesse particular, Nekludov apressou-se em sair da prisão, para no seu quarto poder meditar com sossego em tudo que tinha acontecido durante essa tarde.

Capítulo 19

Chegado aos seus aposentos, Nekludov principiou a andar de um para outro lado, agitadamente. Reconhecia que entre ele e Katucha estava tudo acabado e que nunca mais lhe poderia ser útil; e a este pensamento sentia-se penetrado de tristeza e de vergonha. Mas confessando que esses pensamentos não podiam preocupá-lo mais no futuro, dizia consigo que um outro assunto se lhe impunha para resolver, impelido por uma força imperiosa.

Estava na presença de qualquer coisa atterradoramente má, que lhe competia destruir, e que, contudo, não sabia como resolver. Era essa má força que o conduzira à perdição, que desgraçara Katucha e que ainda agora derribara o admirável e querido Kriltzov, como que adormecido na prisão, com o lenço azul a resguardar-lhe o pescoço.

E Nekludov tornou a ver essas centenas de homens, encerrados em atmosferas pestilenciais por governadores, procuradores ou diretores de prisões, gente indiferente. E de novo evocou os olhares irritados do velhinho que desafiava «os servos do Anticristo». Mais uma vez também, apareceu-lhe no quarto mortuário o belo rosto cor da cera de Kriltzov. E isto tudo rodeando-o como uma parcela da vida, causava-lhe terríveis pesadelos. E mais uma vez perguntou a si próprio se seria ele Nekludov, que teria endoidecido ou se aqueles tidos por sábios e que toleravam tal vida é que o estavam.

Cansado de andar atirou-se para cima do sofá: maquinalmente abriu um dos pequenos evangelhos que o inglês lhe dera e que ao esvaziar os bolsos da peliça colocara em cima da mesa.

«Há quem pretenda encontrar aqui resposta para tudo», pensou, abrindo ao acaso o livrito.

Leu. Abrira num capítulo do evangelho de S. Mateus:

1. Naquela hora chegaram-se a Jesus os seus discípulos dizendo: Quem julgas tu que é maior no reino dos céus?

2. E chamando Jesus a um menino pô-lo no meio deles e disse:

3. Na verdade vos digo que se vos não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no Reino dos Céus.

4. Todo aquele, pois, que se fizer pequeno como este menino, esse será o maior no Reino dos Céus.

— Sim, assim é! — confessou consigo Nekludov, recordando como só quando se fizera pequeno como uma criança disfrutara a paz e a alegria de viver.

E em seguida leu:

5. E o que receber em meu nome um menino tal como este, a mim é que recebe.

6. O que escandalizar porém, a um destes pequeninos, que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de atafona, e que o lançassem ao fundo do mar.

Nekludov interrompeu a leitura.

«Que quererá dizer 'o que receber?' e também 'em meu nome?'», interrogava-se, percebendo que tais palavras não tinham para ele significação alguma. «E quem vem cá fazer esta 'mó de atafona' atada ao pescoço para o lançar 'ao fundo do mar'? Não, nada disto se refere a mim! Não é inteligível, nem forma sentido!»

E recordou-se que no decorrer da sua vida por várias vezes tentara penetrar nos evangelhos e que sempre fora repellido pela falta de clareza de certas passagens.

Retomou, contudo, o livro e leu os quatro versículos seguintes. Jesus falava de «escândalos», da condenação de certos homens ao «fogo eterno» de anjos pertencentes a certas crenças e que veem «a face do Pai no Céu».

«É pena que tudo isto seja tão pouco claro e tão mal redigido!», dizia para si, «porque percebe-se que há aqui qualquer coisa bela que seria preferível compreender melhor». E de novo continuou a ler:

11 Porque o filho do Homem veio a salvar o que havia perecido.

12. Que vos parece? Se tiver alguém cem ovelhas e se se desgarrar uma delas, porventura não deixa as noventa e nove no monte e vai buscar a que se extraviou?

13. E se acontecer achá-la, digo-vos em verdade, que maior contentamento recebe ele por esta, do que pelas noventa e nove que não se extraviaram.

14. Assim não é vontade de vosso Pai que está nos Céus, que pereça um destes pequeninos.

«Sim, não resta dúvida que a vontade do Pai é que não morram! O que não impede que morram centenas, milhares até! E nenhum meio de os salvar!», pensava Nekludov.

E leu mais os seguintes versículos:

21. Então chegando-se Pedro a ele perguntou: Senhor, quantas vezes poderá pecar meu irmão contra mim, que eu lhe perdoe? Será até sete vezes?

22. Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas que até setenta vezes sete vezes.

23. Por isso o Reino dos Céus é comparado a um rei que quis tomar contas aos seus servos.

24. E tendo começado a tomar as contas apresentou-se-lhe um que lhe devia dez mil talentos.

25. E como não tivesse com que pagar mandou o seu senhor que o vendessem a ele e a sua mulher e a seus filhos e a tudo que tinha, para ficar pago da dívida.

26. Porém, o tal servo lançando-se-lhe aos pés lhe fazia esta súplica, dizendo: Tem paciência comigo que eu te pagarei tudo.

27. Então o senhor, compadecido daquele servo, deixou-o ir livre e perdoou-lhe a dívida.

28. E tendo saído este servo encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem dinheiros. E lançando-lhe a mão o afogava dizendo: Paga-me o que me deves.

29. E o companheiro lançando-se lhe aos pés o rogava dizendo: Tem paciência comigo que eu te satisfarei tudo.

30. Porém, ele não quis: mas retirou-se e fez que o metessem na cadeia até pagar a dívida.

31. Porém os outros servos seus companheiros, vendo o que se passava, sentiram-no fortemente; e foram dar parte a seu senhor de tudo o que tinha acontecido.

32. Então o fez vir seu senhor, e lhe disse: Servo mau, eu perdoei-te a dívida toda porque me vieste rogar para isso.

33. Não devias tu logo compadecer-te igualmente do teu companheiro, assim como também eu me compadeci de ti?

— Será então isto? — exclamou de repente Nekludov, depois de ter lido estas palavras. — Será esta então a resposta que eu procuro?

E a voz íntima de todo o seu ser respondia-lhe: Sim, é isto, nada mais do que isto!

Produziu-se em Nekludov um fenómeno que muitas vezes se produz nas pessoas habituadas à vida espiritual.

Um pensamento que a princípio parece estranho, paradoxal, fantasista, torna-se numa verdade, evidente, simples e clara, quando exemplificado pela nossa experiência, até então inconsciente. Assim adquiriu raízes na convicção de Nekludov o pensamento que o único remédio para males de que sofriam os homens consistia no conhecimento por parte deles de uma dívida para com Deus e por

consequência na privação do direito de julgar e de castigar os seus semelhantes.

Compreendeu então, de repente, que o terrível mal que presenciara nas prisões e nos acampamentos, bem como a tranquila segurança dos que o motivavam ou toleravam, provinha unicamente de uma causa muito simples. Tudo isso provinha de que os homens tinham empreendido uma tarefa impossível; mas por natureza tinham empreendido corrigir o mal. A humanidade viciosa empreendia corrigir os homens viciosos. Ora como viciosos só podiam propagar o vício em vez de o restringir, corruptos só podiam espalhar a própria corrupção. A resposta que Nekludov procurara com ânsia sem a encontrar era a que Jesus dera a Pedro: que se devia perdoar sempre não sete vezes mas setenta vezes sete vezes.

— Mas não! É impossível admitir que seja tudo tão simples! — dizia Nekludov. Contudo, sabia desde então com absoluta evidência, que não só era a única resposta sob o ponto de vista teórico, como também sob o ponto de vista prático e imediato.

Capítulo 20

Parecia-lhe ainda tudo estranho e incrível, de habituado que estava a opiniões opostas, mas sentia e compreendia que não havia dúvidas possíveis.

A vulgar objeção que consiste em perguntar o que se deve fazer dos ladrões e dos assassinos, perdera, para ele, toda a significação, Com efeito, tal objeção só seria racional se os castigos contribuíssem para diminuir o número de crimes ou se corrigissem os criminosos; a experiência, porém, provara a Nekludov que era o contrário que sucedia.

Ao fim de tantos séculos de encarniçada perseguição ao crime, conseguira-se suprimi-lo ou atenuá-lo? Longe de o suprimir, longe mesmo de o atenuar só se contribuía ativamente para o seu desenvolvimento, quer depravando os prisioneiros com as condenações, quer acrescentando aos crimes desses prisioneiros — crimes de ladrões e assassinos — os outros, os dos criminosos que se chamam conselheiros do Supremo, procuradores régios, carrascos, juízes de instrução, polícias e carcereiros.

E, de súbito, Nekludov compreendeu que não podia deixar de ser assim. Compreendeu que se a sociedade e a ordem social continuavam a existir não era devido aos magistrados e à sua crueldade, mas sim porque apesar deles, os homens continuavam a amar-se uns aos outros e a apiedarem-se da mesma forma.

O Evangelho despertara, afinal, o coração de Nekludov, revelando-se-lhe, como a todo aquele que se resolve a estudá-lo. E

Nekludov quis ainda ler, nesse dia, mais algumas páginas.

Abriu-o no Discurso da Montanha, que sempre o comovera imenso. Agora, porém no decorrer da leitura percebeu que esse discurso não era apenas um repositório de pensamentos nobres e imagens comoventes, expondo um ideal moral quase irrealizável.

Só então percebeu que esse Discurso se limitava a expor preceitos perfeitamente claros, simples, práticos e fáceis de aplicar, e cuja aplicação teria como consequência fundar uma sociedade humana absolutamente nova, suprimindo a violência e a injustiça e no limite da fraqueza humana, inaugurar na terra o Reino dos Céus. E esses preceitos eram cinco:

O primeiro consiste em dizer que não só o homem não deve matar o seu semelhante, como até não deve irritar-se com ele, não o acusar nem desprezar, e que se houver questionado com outro, deve reconciliar-se, antes de fazer ofertas a Deus, isto é, unir-se a Deus pela oração.

O segundo consiste em dizer que o homem não se deve entregar à sensualidade, nem profanar a beleza da mulher fazendo dela um instrumento de prazer, mas que deve, sendo casado, considerar-se ligado a ela para sempre.

O terceiro consiste em dizer que o homem não deve jurar, por não ser senhor de si nem de ninguém.

O quarto consiste em dizer que não só o homem não deve exigir olho por olho, mas que deve, quando esbofeteado na face direita, oferecer a esquerda. Que deve suportar as ofensas com resignação, não se recusando a nada que os demais homens exijam dele.

E quinto consiste em dizer que o homem não só não deve odiar os seus inimigos, nem lutar contra eles, antes deve amá-los, ajudá-los e servi-los.

Nekludov estendeu-se num sofá e pôs-se a refletir. Recordando a miséria e a hediondez da atual vida humana, imaginou o que ela seria se os homens lhe aplicassem os mandamentos que lera. E o seu desânimo desapareceu, sentindo a alma transbordante de entusiasmo. Ao fim de uma vida de sofrimento por entre as trevas, alcançara por fim a doce, tranquilizante e acalentadora luz.

Nessa noite não dormiu. Dominado pela alegria da descoberta que realizara, leu os Evangelhos do princípio ao fim. E, como acontece a todos a quem o sentido geral dos Evangelhos se revela, espantava-se durante a leitura, de compreender, claramente, a significação das palavras que muitas vezes lera como simples imagens, sem nunca lhes ligar importância. Como uma esponja lançada num vaso se embebe de toda a água que pode obter, assim ele aspirava tudo o que nesse livro existe de útil, importante e grave. E parecia-lhe que há muito lhe eram familiares os princípios que agora recebia, porque lhe confirmavam e explicavam muitas coisas que pressentia serem verdadeiras, mas que não ousava reconhecer como tal.

Agora, porém, reconhecia as como verdadeiras e acreditava nelas. Acreditava que seguindo os preceitos do Evangelho, os homens podem elevar-se ao mais alto grau de felicidade de que são suscetíveis, e acreditava também que era mais preferível para qualquer não fazer nada, do que deixar de aplicar esses preceitos. Reconhecia que só eles explicavam a razão de ser da vida humana e

que os homens, afastando-se deles, cometiam um crime que lhes acarretava logo o castigo.

Era esta a conclusão que Nekludov tirava da leitura de todo o livro e que a parábola dos vindimadores exprimia melhor que todo ele.

Os vindimadores tinham imaginado que a vinha que cultivavam lhes pertencia e não ao amo, e que tudo que ela continha também era deles e que a sua única obrigação consistia em aproveitá-la para seu gozo pessoal. O amo fora esquecido e os seus emissários assassinados.

«É o que nós fazemos», pensava Nekludov. «Vivemos na crença que somos senhores da nossa vida e que dela devemos extrair todo o prazer. Tal crença é insensata. O homem não veio ao mundo por sua vontade; alguém o enviou e por algum motivo. Nós, porém, decidimos esquecer esta verdade, imaginando que só devemos viver para nosso prazer. Espantamo-nos, pois, quando sofremos e nos sentimos mal dispostos, como se não fora essa a consequência fatal da nossa posição de operários que recusam obedecer às ordens do Senhor. E a vontade do nosso mestre está expressa naquele livrinho: *Procurai o Reino de Deus e o mais servos-á dado em excesso*. E é esse *excesso* que nós procuramos, admirando-nos de o não poder achar! Sim, tal foi a minha vida! Agora, porém, essa acabou e principia uma outra!»

E, com efeito, desde essa noite começou para Nekludov uma vida nova; nova não só porque cessando de pensar em si, se esforçava em viver para servir os outros, mas também porque tudo que depois dessa noite lhe aconteceu, tudo o que viu e tudo o que fez, tinha aos seus olhos uma significação diferente da do passado.

E o futuro mostrará qual será o fim deste novo período da sua existência.

Notas

1 Seita religiosa.

2 Célebre pintor russo.

3 Administração rural.

4 Associação operária.

5 Calçado especial dos russos feito de casca de árvores.

6 Os filiados nos partidos avançados, na Rússia, usam o cabelo cortado rente.